UM AMERICANO NA METRÓPOLE [LATINO-AMERICANA]
RICHARD MORSE E A HISTÓRIA CULTURAL URBANA DE SÃO PAULO
1947-1970

Ana Claudia Veiga de Castro
Profa. Dra. Ana Lucia Duarte Lanna UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Prof. Dr. Adrián Gorelik UNIVERSIDAD NACIONAL DE QUILMES

São Paulo, 2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL: anacvcastro@gmail.com

C355a

Castro, Ana Claudia Veiga de

Um americano na metrópole [latino-americana]. Richard Morse
e a história cultural urbana de São Paulo, 1947-1970 / Ana Claudia
Veiga de Castro. – São Paulo, 2013.
364 p. : il.

Tese (Doutorado - Área de Concentração: História e Fundamentos
da Arquitetura e Urbanismo) – FAUUSP.

Orientadora: Ana Lucia Duarte Lanna

Co-orientador: Adrián Gorelik

1.Cidades (História) – São Paulo (SP) 2.História cultural – São
Paulo (SP) 3.Morse, Richard M.
, 1922-2001 I.Título

CDU 711.43(091)(816.11)

UM AMERICANO NA METRÓPOLE [LATINO-AMERICANA]
RICHARD MORSE E A HISTÓRIA CULTURAL URBANA DE SÃO PAULO
1947-1970

Tese apresentada para obtenção do grau de Doutor
no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo

Área de concentração História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo

Candidata **Ana Claudia Veiga de Castro**
Orientação **Profa. Dra. Ana Lucia Duarte Lanna UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**
Co-orientação **Prof. Dr. Adrián Gorelik UNIVERSIDAD NACIONAL DE QUILMES**

São Paulo, 2013

RESUMO

Esta tese analisa a obra do historiador norte-americano Richard Morse (1922-2001) sobre a história de São Paulo. Publicado pela primeira vez em 1954 nas comemorações do IV Centenário de São Paulo como *De comunidade a metrópole: biografia de São Paulo*, o trabalho é fonte importante dos estudos históricos urbanos sobre São Paulo ainda hoje. Editado em inglês em 1958 nos Estados Unidos, foi republicado no Brasil em 1970 – com algumas diferenças importantes – com o título *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*. Essa obra é examinada aqui por três perspectivas – como história urbana, como uma história cultural e como parte do debate sobre a urbanização das cidades na América Latina. Inserindo-a no campo dos estudos históricos urbanos norte-americano e brasileiro, no momento de sua constituição, pretende-se contribuir para o campo da história urbana preenchendo certas lacunas da historiografia da cidade de São Paulo. Ao retratar os vínculos entre cidade, história e literatura que a obra parece conter, a tese contribui para a discussão de uma história cultural urbana de São Paulo. Reconhecendo o autor como personagem chave na constituição do debate sobre a cidade latino-americana entre as décadas de 1940 e 1970 – justamente o período em que se realizam as três edições –, o exame da obra permite ainda lançar luz em décadas fundamentais da urbanização latino-americana, retomando temas e questões sobre a metropolização em curso na cidade de São Paulo e no continente latino-americano.

ABSTRACT

This thesis analyzes the work of the American historian Richard Morse (1922-2001) on the history of São Paulo (Brazil). First published in 1954 in celebration of the fourth centenary of São Paulo, under the title of *De Comunidade a Metrópole: Biografia de São Paulo*, until today the work is an impor-

tant source of urban historical studies of São Paulo. Published in English in 1958 in the United States, was republished in Brazil in 1970 as *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, with some important differences. This work is examined here from three different perspectives – urban history, cultural history and as part of the urbanization of Latin American cities discussion. Entering on the urban historical studies in the U.S. and Brazil, at the time of its constitution, the thesis aims at contributing to the urban history field in order to fill certain gaps in the historiography of the city of São Paulo. By retracing the links between city, history and literature that seems to contain the work, the thesis contributes to the discussion of an urban cultural history of São Paulo. Recognizing the author as a key person in the establishment of the debate on the Latin American city between the 1940s and 1970s – precisely the period in which are held the three editions – it also allows the examination of the work and shed light on fundamental decades of urbanization in Latin America, taking up issues and questions about the ongoing metropolisation in the city of São Paulo and in the Latin American continent.

PALAVRAS-CHAVE

São Paulo – Richard Morse – história cultural urbana – metrópole – historiografia

KEY-WORDS

São Paulo – Richard Morse – urban cultural history – metropolis – historiography

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 9

1 Leituras e leitores constroem a história do livro 25

1 DA EMPRESA BANDEIRANTE À CIDADE INDUSTRIAL UMA HISTÓRIA URBANA 47

1 Cidade como vida intelectual 54

2 A construção de um *ethos* colonial paulista 64

3 Fases e matrizes de uma história urbana 87

3.1 Das biografias de cidade à uma nova história urbana 91

3.2 Três catalisadores e a ressaca romântica 99

3.3 A expectativa e a realização 111

2 DA AMÉRICA A SÃO PAULO UMA HISTÓRIA CULTURAL 129

1 São Paulo, a guerra e o sentido do continente americano 138

2 A literatura no horizonte 156

3 Latino-americanismo *sui generis* em Nova York 163

4 Do Romantismo ao Modernismo, a cidade se moderniza 182

4.1 Um novo *ethos*: romantismo nas letras, prenúncio de autonomia na vida urbana 186

4.2 Um *ethos* entre localismo e cosmopolitismo: modernismo nas letras, metropolização da vida urbana 199

3 DA COMUNIDADE À METRÓPOLE UM DEBATE NA AMÉRICA LATINA 221

1 Uma teoria, alguns *insights* e muita pesquisa 230

2 A crítica urbana na história da cidade 251

3 A comunidade se torna metrópole 261

3.1 Da exceção ao padrão 278

4 Uma metrópole latino-americana 285

CONSIDERAÇÕES FINAIS 321

FONTES E BIBLIOGRAFIA 335

1 Fontes de pesquisa 335

1.1 Textos de Richard Morse 335

1.2 Textos sobre Richard Morse 341

2 Referências bibliográficas 343

3 Crédito das imagens 359

AGRADECIMENTOS 363

[...] a palavra é metade de quem fala, metade de quem a ouve.

Montaigne, *Ensaaios*, 1595

Atenas, Roma, Constantinopla, Paris
constituem ideias de cidade que vão além da sua
forma física, além da sua permanência.

Aldo Rossi, *A arquitetura da cidade*, 1966

INTRODUÇÃO

REALIDADE COMPLEXA E DINÂMICA, as cidades ganham inteligibilidade quando consideradas em suas múltiplas dimensões: podemos compreendê-las como um artefato material, mas devemos pensá-las também como um campo de forças e como um campo de significações. Como artefato, através de seus padrões geográficos e configurações topográficas, as cidades se expressam como formas fabricadas e socialmente apropriadas. Tais formas, produzidas por sua vez no interior de relações de tensão e conflito, exprimem articulações de naturezas diversas: territorial, econômica, política, social e cultural. Contudo, além de serem um artefato socialmente produzido num campo de forças, as cidades não deixam de ser imagem e representação geradas por práticas que dão forma e função ao espaço, alimentando em contrapartida as próprias práticas. Configura-se deste modo um circuito, pois “sem as práticas sociais não há significados sociais. Mas também não há significados sociais sem vetores materiais”, como pontua Ulpiano Bezerra de Menezes ao inscrever as cidades numa teia de significações que amplia e adensa a nossa forma de compreensão do urbano¹. Como um bem culturalmente produzido, as cidades são um patrimônio apropriado de forma diversificada, diferenciada e múltipla por seus habitantes. Nesse sentido elas são vivenciadas, sentidas e expressas em representações de complexas estruturas imaginárias nas quais se pode (e se deve) ob-

1 Ulpiano T. Bezerra de Menezes, “A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano”. In: Vitor Hugo Mori et al (Orgs.). *Patrimônio: Atualizando o Debate*. São Paulo: 9ª SR/ IPHAN, 2006, p.37. Cf. também “Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana”, *Revista USP*, São Paulo, n. 30, jun-ago, 1996, pp. 145-55.

servar a diversidade temporal de sua história². Essa premissa – formulada de forma sofisticada pelo historiador paulista em várias oportunidades, mas também por outros intelectuais que buscaram olhar para as cidades como um campo amplo de possibilidades interpretativas – conduz o presente trabalho, que se concentra na análise da obra que Richard Morse (1922-2001) escreveu sobre São Paulo. Elaborada inicialmente como uma tese de doutorado nos final dos anos 1940, a obra foi editada em livro na década seguinte no Brasil e nos Estados Unidos. Publicada como *De comunidade à metrópole: biografia de São Paulo* em 1954 e como *From community to metropolis: a biography of São Paulo, Brazil* em 1958, ela seria reeditada com importantes acréscimos e um novo título, *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*, em 1970³.

Meu interesse nessa obra diz respeito inicialmente a um desejo de compreender o papel da literatura na história da cidade – tema de certo modo explorado no meu mestrado⁴ –, ou melhor dito, uma vontade de aprofundar o entendimento de como literatura e cidade se alimentam mutuamente. Não tomando a literatura como ilustração do que ocorre na cidade ou como exemplo para comprovar o que já se sabe por outras fontes, nem considerando a cidade como cenário ou tema para a literatura, mas procurando ver na própria relação entre a cultura material (a cidade) e a história da cultura (a literatura) formas válidas de compreensão do urbano. Desse modo, busco explorar as relações entre história, cidade e literatura – amplamente debatidas, sobretudo nas últimas décadas⁵ –

2 Id., Ibid. A cidade, portanto, pode e deve ser compreendida como “um agente coletivo da transformação histórica, um produto material dessa mesma transformação e um ambiente social e intelectual que a perpetua. Trata-se de um complexo artefato que reflete fielmente as condições nas quais foi criado, mas que tem a capacidade de impor efeitos – formas de vida e mentalidades – muito mais duradouros que essas mesmas condições”, como sintetiza Adrián Gorelik sobre o trabalho de José Luis Romero, outro conhecido “historiador das cidades”. Adrián Gorelik, “José Luis Romero: el historiador y la ciudad”. In: *José Luis Romero, La ciudad occidental: culturas urbanas en Europa y América*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009, pp.15-43, p.16.

3 Richard Morse, *De comunidade a metrópole: biografia de São Paulo*. (Trad. Maria Aparecida Madeira Kerberg). São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954; *From community to metropolis: a biography of São Paulo, Brazil*. Gainesville: Florida University Press, 1958 e *Formação histórica de São Paulo: de comunidade a metrópole*. (Trad. complementares Antonio Candido). São Paulo: Difel, 1970.

4 Cf. Ana Castro, *A São Paulo de Menotti Del Picchia: cidade, arquitetura e arte nas crônicas de um modernista*. São Paulo: Alameda, 2008, edição da dissertação “Moderna, nacional, estrangeira: a imagem de São Paulo na década de 1920 nas crônicas de Menotti del Picchia” apresentada à FAU USP em 2005.

5 Penso em autores como Raymond Williams, *O campo e a cidade: na história e na literatura* ([1973] 2011); José Luis Romero, *América Latina: as cidades e as ideias* ([1976] 2001); Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade* ([1982] 1990); Flora Süssekind, *As Revistas de Ano e a invenção do Rio de Janeiro* (1986); Beatriz Sarlo, *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930* (1988); entre outros que, com objetivos distintos e resultados mais diferentes ainda, transitam, nestes e em outros trabalhos, por esse campo fluído entre cidade, literatura (cultura) e história.

por meio da análise de uma determinada obra sobre a história da cidade de São Paulo. Obra que para organizar e apresentar a evolução urbana da capital paulista apoia-se em dois movimentos literários significativos da comunidade, como a dar forma e sentido a sua própria história.

Entretanto, os capítulos que se seguem não apresentam uma discussão mais geral sobre o tema que pontue a relação entre literatura, cidade e história no âmbito das discussões historiográficas. Tampouco partem de uma revisão bibliográfica para construir um panorama que suporte a discussão específica do objeto dessa tese. Julguei mais apropriado não retomar tal debate, ao menos de forma explícita, ao longo dos capítulos, e como se verá, há poucas alusões diretas às teorizações sobre o tema. Torna-se assim necessário deixar mais claro o porquê dele não ser abordado diretamente, mas também avaliar o alcance e o sentido da inspiração por ele fornecida, para afinal anunciar o rumo seguido⁶.

Para que isso possa acontecer, é preciso tentar dar conta do caminho pelo qual cheguei a me preocupar com essa questão e como pude perceber na obra de Richard Morse sobre São Paulo uma entrada válida para aprofundar a discussão mencionada. Se desde o mestrado a questão da literatura parecia me atrair para uma compreensão ampliada da história da cidade, para além de uma história interna da arquitetura e do urbanismo que mais comumente deram suporte à história urbana – ao menos quando produzida no próprio campo da arquitetura e urbanismo⁷ –, o anseio de

6 Beatriz Sarlo, na introdução de um de seus livros sobre Buenos Aires, dizia como sempre há livros que nos inspiram, aqueles que ficam na nossa cabeça quando estamos redigindo um trabalho, aqueles para os quais voltamos quando patinamos na escrita ou quando duvidamos das nossas próprias ideias. Tenho dívidas para com diversos autores que – espero – poderão ser reconhecidas aqui e ali, na forma como as questões se constroem ao longo da tese. Entretanto, se há um livro que me ajudou de forma definitiva a descobrir uma trilha segura para percorrer durante a redação do trabalho, este livro é *Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre na década de 1930* (São Paulo: Ed.34, 1994). A forma como Ricardo Benzaquém de Araújo estruturou sua leitura da obra de Freyre, como “construiu” seu objeto a partir de inquietações mais gerais que puderam ser finalmente canalizadas na análise de um livro particular daquele autor foi para mim um apoio certo e seguro.

7 Nestor Goulart, indiscutivelmente autoridade no tema, ao propor um balanço historiográfico sobre a história urbana de São Paulo, de saída defende a especificidade do trabalho do arquiteto-historiador pela “necessidade de se conhecer amplamente a história dos bairros e dos edifícios” para que se proceda a uma competente história da cidade. (Cf. Nestor Goulart Reis Filho, “O campo da arquitetura e do urbanismo”, Maria Lucia Perrone Passos (org.), *Cadernos de História de São Paulo*, Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade, São Paulo, MPUSP, n. 1, 1992, pp. 37-44, p.37). Não se trata de discordar da assertiva, mas de defender uma visão que ultrapassando a descrição e análise dos aspectos materiais dos aglomerados urbanos (ainda que estes sejam entendidos como processos sociais, como notadamente faz o referido arquiteto em seus trabalhos), incorpore também as “dimensões simbólicas” e suas consequências para a compreensão do artefato urbano, com vistas a tentar definir uma “cultura urbana” no campo mesmo da arquitetura e do urbanismo. Remeto ainda ao depoimento de Nestor Goulart, “Sobre a história da urbanização: história

aprofundamento em questões surgidas na dissertação, aliado à minha prática como professora de História da Cidade, me incentivava a buscar definir como construir uma *história cultural urbana*⁸. De início, o que me movia era o desejo de entender como a “lógica literária” (ou cultural) podia atuar na “lógica urbana”, e vice-versa, uma vontade de explorar os momentos em que isso ocorre nas cidades, tentando perceber quando as distintas lógicas são de fato igualmente potentes. Definindo melhor tópicos e temas, buscava refletir sobre porque e de que modo a literatura – ou a cultura de um modo geral – pode funcionar como uma entrada privilegiada para compreender a cidade e sua história, rompendo com o isolamento disciplinar que às vezes parece nos enredar. E a leitura de Morse sobre São Paulo parecia me levar diretamente a isso.

Na medida em que me dava conta de que para Richard Morse o Romantismo e o Modernismo funcionavam como polos de certo modo “condensadores” do desenvolvimento da história da cidade – basta um passar de olhos nos títulos dos capítulos para se ter uma ideia da arquitetura do livro –, seu trabalho me pareceu ser uma notável porta de entrada para o tema. Ainda que de maneira pouco organizada ou com uma formulação todavia imprecisa, pude ver naquele trabalho – tão conhecido quanto pouco estudado – uma compreensão da cidade que de algum modo compartilhava dessa perspectiva ampliada sobre a história urbana. Perspectiva que ganhou maior relevo a partir dos chamados estudos culturais que se iniciaram no Brasil nos anos 1980, e que abririam desde então novas frentes de pesquisa⁹. Numa obra, entretanto, escrita originalmente

urbana” (Depoimentos: Cidade e história, *Espaço & Debates*, São Paulo, n.34, 1991, pp. 15-8), para a sua definição de história urbana.

8 Na experiência docente na Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, busco trabalhar esta perspectiva no curso de História e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo.

9 Penso aqui genericamente a renovação historiográfica que chega ao Brasil a partir dos anos 1980. Parto porém de algumas revisões bibliográficas, entre as quais, Nancy Stieber, “Microhistory of the Modern City: Urban Space, Its Use and Representation”, *Journal of the Society of Architectural Historians*, Special Issue, Chicago, Society of Architectural Historians, v. 58, n. 3, set., 1999, pp.382-91; Arturo Almandoz, “Notas sobre historia cultural urbana. Una perspectiva latinoamericana”, *Perspectivas urbanas/Urban Perspectives*, ETSAV, Barcelona, n.1, 2002, pp. 29-39 e Gwendolyn Wright, “Europeans, Americans, and the Meanings of Space”, *Journal of the Society of Architectural Historians*, v. 64, n. 4, dez., 2005, pp.436-440, para a compreensão desta renovação no campo dos estudos urbanos (nos quais incluo a arquitetura). Uma sistematização das questões que informam essa “nova disciplina” no campo da cultura com ênfase na literatura pode ser encontrada em Maria Elisa Cevasco, *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003. Para uma revisão sobre os pressupostos teóricos, os desdobramentos, as filiações e as temáticas exploradas, buscando retrazar os caminhos que levaram ao estabelecimento de uma história cultural entendida de forma ampla, cf. Ronaldo Vainfas, “História das mentalidades e história cultural”. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (Orgs.), *Domínios da História: ensaios de teoria e método*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, pp.127-62.

entre as décadas de 1940 e 1950 (ainda que revisada em 1970), período em que a busca de afirmação das fronteiras disciplinares, ao menos no Brasil, parecia afastar qualquer perspectiva dita menos científica do objeto de estudo, fosse qual fosse o mesmo: a cidade, a sociedade, a própria literatura, etc, parecendo ser necessário deixar para trás as interpretações mais subjetivas ou ensaísticas em nome de uma precisão pretensamente objetiva e científica dos fatos narrados. Essa vontade de “precisão científica” verificada naquelas décadas pode ser relacionada ao estabelecimento tardio da universidade no Brasil, apenas em 1934 como se sabe, e à ainda posterior criação dos cursos de pós-graduação, quando finalmente se rotiniza a pesquisa acadêmica, conduzindo à uma afirmação da autonomia disciplinar em contraposição a práticas de pesquisa e de escrita mais diletantes ou bissexatas como até então havia por aqui¹⁰. O aparente “descompasso” que a obra de Morse parecia apresentar demandava explicação.

Ao investigar uma leitura sobre a cidade que se tornara um clássico sobre São Paulo (a se levar em conta os inúmeros comentários que aqui e ali foram feitos ao longo das últimas décadas), ainda que os motivos que tivessem conduzido o livro a esse posto não estivessem muito claros, configurou-se a possibilidade de enfrentar a questão que me chamava atenção de início a partir de uma obra concreta. Assumi portanto uma pesquisa focada na obra, por reconhecer no trabalho de Richard Morse sobre a cidade de São Paulo uma perspectiva de história cultural urbana – ainda que muito distinta das intenções e desejos de autores que conscientemente se inserem neste campo. Autores que, parafraseando Beatriz Sarlo, entram e saem da literatura de maneira nada preconceituosa, interrogando-a “com perspicácia e sem demasiada reverência”, mas que num certo sentido compartilham com Morse “a inteligência de saber na literatura, assim como na arte ou no desenho urbano, descobrir as pistas e também os prognósticos das transformações sociais”¹¹. Isso me levou a encará-la como fonte privilegiada, analisando-a em suas diversas edições e partindo de seus próprios termos, deixando afinal em segundo plano as questões mais gerais que me conduziram à escolha. Nesse sentido, condições de elaboração, conteúdos, intenções, leituras, reflexos ou

10 Ainda que, como vamos ver, a “vontade cientificista” se verificasse também no resto do mundo justamente a partir da influência norte-americana. Vainfas vai lançar hipóteses para a demora da entrada da chamada “nova história” no Brasil (que de certo modo “voltou” a borrar as fronteiras entre as disciplinas das humanidades) relacionando-a ao período ditatorial brasileiro, que teria comprimido o campo de discussão acadêmica bem como levado os historiadores a buscarem temas mais diretamente políticos e econômicos de pesquisa, por pretenderem sobretudo dialogar com o próprio período (Vainfas, op. cit., 1997, pp.159-62).

11 Beatriz Sarlo, *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1988, p.8.

desdobramentos da obra tornaram-se objeto privilegiado da análise.

Notando que a periodização da história da cidade por fases empreendida por Morse – de resto, opção tomada por quase todos os autores que buscaram compreender a evolução urbana de São Paulo, de um Ernani da Silva Bruno (1912-1986) a um Pierre Monbeig (1908-1987), de um Luiz Saia (1911-1975) a um Benedito Lima de Toledo – se apoiava, diferentemente entretanto destes e de outros autores, em dois movimentos literários tomados como condensadores da experiência urbana de cada período, pareceu explícita sua relação com o trabalho de Antonio Candido (1918-). O crítico, que publicara nas comemorações do IV Centenário da Cidade (quando a primeira edição do livro de Morse também é publicada) o artigo “A literatura na evolução de uma comunidade”¹², ainda que passasse pelos diversos momentos da história literária de São Paulo recuperando autores desde a Colônia, enfatizava neste ensaio a importância dos mesmos movimentos – Romantismo e Modernismo – para a compreensão da cidade (ou da comunidade). Reconhecendo a relação de Morse com um intelectual brasileiro protagonista do momento de estabelecimento da universidade em São Paulo, e de certa forma comprometido com a consolidação de uma identidade paulista (na qual o Modernismo literário teve um papel importante, se não fundamental), pareceu-me um caminho acertado buscar aprofundar a compreensão do trabalho também por meio desses diálogos. Não apenas com o sociólogo-crítico literário, mas com uma certa intelectualidade que se afirmava na universidade durante aqueles anos, buscando em suas reflexões o que elas informam sobre a própria formulação de Morse, seja por meio dos argumentos, seja na sua forma¹³.

Entretanto, não defendo aqui ser a obra um reflexo destas ligações nem apenas o resultado de uma aproximação de interesses e de afinidades, ainda que estas últimas sejam evidentes. Desse modo, a tese de Richard Morse sobre São Paulo é interpretada também a partir de outras vertentes, ou como veremos adiante, de outras perspectivas de análise, ampliando as possibilidades de sua compreensão por meio de distintas abordagens. A obra, formulada inicialmente como um

12 Publicado no suplemento especial do jornal *O Estado de S. Paulo* nas comemorações do IV Centenário e republicado em *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiróz, 2000, pp.139-68.

13 Como sinaliza Fernanda Peixoto, pensar em diálogos – que se traduzem em “convivência direta – com professores, alunos, críticos, escritores, etc. –, em leitura sistemática de nossa tradição literária, sociológica e ensaística, na descoberta de novos paradigmas” – significa fazer referência às interlocuções travadas e estabelecidas com uma certa produção por um determinado intelectual, para compreender como as obras nascem também no “corpo-a-corpo com outras, por meio de discordâncias e debates, da inserção de certos grupos e do afastamento em relação a outros”. Daí a importância em se pensar nas interlocuções e parcerias. Cf. Fernanda Peixoto, *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 17.

doutorado, e parcialmente revista nas diversas edições que conheceu, parecia se valer de tópicos e esquemas que vinham sendo defendidos desde o século 19 como explicadores de São Paulo – a especificidade e diferenciação de uma colonização baseada no agrarismo do Nordeste contraposta a uma mobilidade se não urbana ao menos pouco sedentária dos homens de São Paulo; a constituição de um caráter mestiço de português e indígena no qual as melhores características de ambas as etnias teriam se amalgamado formando o paulista; a peculiaridade e o acerto do sítio escolhido para a cidade, encravado no interior e não no litoral, como comumente as vilas portuguesas na América o eram, fixada num já existente entroncamento de caminhos que a colocava numa posição privilegiada de boca do sertão –; fatores todos que teriam garantido as condições de isolamento e de consequente autonomia em relação à metrópole portuguesa bem como a possibilidade de interiorização continente adentro, e que propiciariam circunstâncias para o desenvolvimento posterior para aquela região do país (ou assim seriam vistos). Richard Morse também se valeu dessa longa e conhecida série de elementos que tinham se transformado em *topoi* da afirmação da identidade paulista. Mas com que objetivo? E alcançando qual resultado?

Decidi seguir mais de perto as pistas que o próprio trabalho parecia oferecer, a começar pelo título das primeiras edições em português e em inglês (em 1954 e 1958 respectivamente) – *De comunidade à metrópole* –, que passaria a figurar como subtítulo na posterior reedição em português em 1970. A espécie de “evolução” implícita na frase que dava nome ao livro certamente se ligava a um daqueles *topos* do pensamento paulista, mas rebatia se não no principal em um dos mais importantes debates das ciências sociais em suas tentativas de compreensão do fenômeno de surgimento das metrópoles desde a revolução industrial¹⁴. Debate esse que no meio do século 20 se deslocara para a América Latina, tomando-a como uma espécie de laboratório para as novas teorias e experimentos urbanos, a partir justamente da constatação da intensa urbanização de suas capitais. O livro poderia ser lido então como contribuição contemporânea ao debate sobre a transição comunidade-sociedade que desde o fim do século 19 pautava as discussões sociológicas e posteriormente antropológicas sobre as transformações urbanas e sociais – seja nos países centrais, seja nos países periféricos –, e que atingiam em cheio os profissionais que pensavam as cidades na metade do século 20, fossem eles arquitetos, planejadores urbanos, cientistas sociais ou historiadores¹⁵.

14 Refiro-me ao debate em torno das teorias da Escola sociológica de Chicago.

15 A esse respeito, cf. Adrián Gorelik, “La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico”, *Revista del Museo de Antropología*, Universidad Nacional de Córdoba, n. 1, 2008, out., 2008.

A despeito de dialogar de maneira direta com as teorias sociais da época – e de ir alterando parcialmente o teor desse diálogo ao longo das reedições – o livro é até segunda ordem um estudo de história. Mais precisamente de história urbana, o que me levou a explorar esse campo disciplinar em plena constituição, tanto nos Estados Unidos como aqui, ainda que naquele país já se pudesse reconhecer as primeiras sistematizações que indicavam sendas mais definidas a serem percorridas por quem se aventurasse no tema. Minha intenção foi uma vez mais buscar respostas para as questões colocadas pelo próprio trabalho, que em 1954 se apresentava como a *biografia da cidade*¹⁶, na esteira talvez das biografias de cidade que então apareciam nos Estados Unidos¹⁷, e que ao ser rebatizado de *formação histórica de São Paulo*¹⁸ provavelmente buscava recuperar ou reconhecer o flerte com a tradição intelectual brasileira em suas tentativas de “explicação” do Brasil iniciadas na década de 1930. Coincidindo de maneira mais decidida com o marco temporal *da colônia à nação* que pautara aquele debate, a nova edição reafirmava escolhas de interlocução privilegiadas que tornavam-se visíveis também na forma ensaística que o livro de certo modo apresenta¹⁹.

Além disso, não se podia esquecer que o trabalho publicado foi resultado de uma tese de doutorado desenvolvida nos Estados Unidos no final dos anos 1940 e apresentada na Universidade de Columbia em 1952 – momento de aproximação entre os países latino-americanos e aquele país –, elaborada sob a orientação de um intelectual fundamental para o estreitamento dessas relações, o historiador e sociólogo Frank Tannenbaum (1893-1969). Figura-chave para o reconhecimento da América Latina nos Estados Unidos, Tannenbaum propunha uma forma particular de compreensão do *outro* baseada talvez de forma romântica no conhecimento direto, na amizade e na cultura (principalmente pela literatura), rebaixando deste modo a importância do conhecimento científico de gabinete em nome da própria experiência. Sendo ele mesmo um intelectual da geração dos ensaístas brasileiros (e latino-americanos), amigo e leitor de Gilberto Freyre (1900-1987),

16 Subtítulo da primeira edição em 1954, e da edição em inglês em 1958.

17 Cf. Bruce Stave, “Introduction”. In: *The Making of Urban History: Historiography Through Oral History*. Beverly Hills: Sage Publications, 1977, pp. 13-32.

18 Título da edição em português em 1970.

19 Penso aqui nas obras consideradas fundadoras do pensamento social brasileiro, como *Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* ou *Formação do Brasil Contemporâneo*, bem como em sua continuidade, sobretudo a que se ensaia na Faculdade de Filosofia da USP. A esse respeito, cf. Antonio Candido, “Prefácio”. In: Sergio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp.9-22 (escrito para a sexta edição e incorporado ao livro desde então); Fernando Henrique Cardoso, “Livros que inventaram o Brasil”, *Novos Estudos* Cebrap, São Paulo, n. 37, 1993, pp.21-35; André Botelho, “Passado e futuro das interpretações do país”, *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 22, n. 1, jun., 2010, pp.47-66 e Paulo Arantes, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

compartilhava desse desejo de explicação e de compreensão da cultura entendida de forma ampla que parece ter sido a tônica da geração de 1930, inspirando fortemente o sentido da reflexão de Morse e, mais ainda, as suas ambições intelectuais. Convinha então compreender melhor a atuação daquele latino-americanista nos Estados Unidos e a forma de aproximação entre os países durante e no pós-Guerra, para circunscrever de modo mais preciso o campo de debates em que a tese de Morse se inscreveu.

Foi nesses termos que a possibilidade de dedicar esta pesquisa a Richard Morse e em especial a sua obra sobre São Paulo tornou-se cada vez mais atraente. Se ela parecia conter vínculos fortes entre cidade e literatura, ou melhor, entre cidade, história e cultura, tangenciava ainda outras importantes questões, como a constituição de um campo de história urbana aqui e na América, sinalizando também a interlocução entre as ciências sociais, a história e o meio urbano. A obra, como se verá, une diferentes visadas sobre a cidade para poder entendê-la em sua completude, ou complexidade, debruçando-se sobre as variadas esferas da existência para definir um *ethos* paulista que pudesse de algum modo concorrer para “explicar” o desenvolvimento urbano. Como decorrência, pareceu produzir resultados contraditórios. Ao mesmo tempo em que consolidou uma visão “paulista” sobre a sua própria história, ousou propor, a partir da cidade, uma nova visão sobre a mesma – ou ao menos quis apontar um caminho distinto para seu desenvolvimento, partindo daquela própria história, *et pour cause* –, que a desviava dos parâmetros de compreensão geral da evolução urbana das cidades dos países desenvolvidos. Sendo uma história urbana específica, sobre uma determinada cidade do continente latino-americano, foi também vontade de um esquema de interpretação sobre a forma de desenvolvimento da cidade capitalista no mundo ibero-americano e vislumbre de uma *outra* modernidade. Pareceu antecipar práticas discursivas e documentais, ou talvez apenas tenha reatualizado procedimentos anteriores²⁰, dando-lhes ares de trabalho científico ao se cercar dos rigores da pesquisa exaustiva das fontes, garantido deste modo um lugar também na academia. O exame dessa obra, encarada em seus vários movimentos e por meio de escalas de aproximação distintas, pretende lançar luz sobre pontos da historiografia da história da cidade, contribuindo para o campo dos estudos históricos urbanos, ao cobrir três décadas fundamentais da própria urbanização latino-americana.

Para dar conta dessa complexa rede de questões que parecia emergir da obra, e sem ter um material secundário específico sobre ela para me apoiar de modo mais direto, optei de modo definitivo pela abordagem monográfica da reflexão de Morse sobre São Paulo. Isso implicou em

20 Cf. Vainfas, op. cit., 1997, pp.159-60.

tomar como fonte não apenas as três edições do livro, 1954, 1958 e 1970, mas também os diversos artigos publicados entre as décadas de 1940 e 1970 (listados na bibliografia), bem como seus trabalhos de mestrado – “São Paulo – The Early Years”²¹ – e doutorado – “São Paulo City under the Empire (1822-1889)”²² – depositados na *Rare Books & Manuscript Library* da Universidade de Columbia, procedendo a uma análise de seu texto atenta às ambiguidades e paradoxos do pensamento ali expresso. Para isso me vali também da pesquisa nos acervos de documentos de Richard Morse na Universidade de Yale²³, e de seu orientador Frank Tannenbaum na Universidade de Columbia²⁴, onde também pesquisei no *Office of the Registrar*, no *Alumni Federation Information* e em seus acervos bibliográficos, especialmente *Avery Architecture and Fine Arts Library*; *Buttler Library*; *Lehmann Social Sciences Library* e a biblioteca do *Barnard College*.

A obra, salvo engano, nunca foi especialmente analisada. Há por certo entrevistas e depoimentos que recuperam o período paulista do autor, além de artigos, que interessados em outros aspectos ou obras de Morse – em especial em *O espelho de Próspero*, publicado no México em 1982 e no Brasil em 1988²⁵ –, retomam seu primeiro trabalho sobre São Paulo, encarando-o entretanto como a obra de juventude do latino-americanista, sem levar adiante maiores desdobramentos analíticos. À exceção talvez de Maria Alice Rezende de Carvalho, que mesmo sem se demorar na análise do livro, notava a importância dele na trajetória intelectual de Morse, assinalando sua imediata afinidade com os intelectuais paulistas e seus procedimentos²⁶. O autor tampouco recebeu grande atenção biográfica. Além de algumas entrevistas – como a concedida a Paul Goodwin, Hugh Hamill e Bruce Stave e publicada em 1976 no *Journal of Urban History*²⁷, o depoimento dado a José

21 Master of Arts in the Faculty of Political Science. Columbia University, New York, Jun., 1947

22 Submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Faculty of Political Sciences. Columbia University, New York, 1952.

23 Richard McGee Morse Papers, Manuscripts & Archives Library, Yale University. Organizada em 4 séries: a) Serie I. Correspondences, 1955-1985; b) Serie II. Organizations, 1959-1972; c) Serie III. Yale University, 1964-1977; d) Serie IV. Subject Files, 1963-1984. A Série 1, entretanto, encontra-se fechada para consulta até 2053. (Citado daqui em diante como RMM Papers, M&AL, YU).

24 Frank Tannenbaum Papers, 1915-1969, Rare Books & Manuscript Library, Columbia University. (Doravante FT Papers, RB&ML, CU)

25 *El Espejo de Prospero: Un Estudio de la Dialéctica Del Nuevo Mundo*. Mexico: Siglo XXI, 1982 e *O Espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

26 Maria Alice Rezende de Carvalho, “Morse e o mar”. In: *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 1994, pp.105-22.

27 Paul Goodwin, Hugh Hamill e Bruce Stave, “A Conversation with Richard M. Morse”, *Journal of Urban History*, v. 2, n.3, mai, 1976, pp. 331-56. Bruce Stave é autor de um importante balanço sobre a história urbana nos EUA, a partir de entrevistas com diversas gerações de historiadores (Cf. Stave, op. cit., 1977). A entrevista com Morse – feita no mesmo

Carlos Sebe Bom Mehy, no âmbito de um panorama mais geral sobre a atuação dos brasilianistas, e a conversa com Helena Bomeny, ambos em 1989²⁸ –, há o ensaio de Dain Borges para um número especial da *Luso-Brazilian Review* em homenagem ao historiador (organizado pelo próprio Borges e por Thomas Cohen, ex-alunos de Morse), outro de Maurício Tenório Trillo para a revista *Estudos Históricos*, e o capítulo de Pedro Meira Monteiro em um livro recente sobre os “intérpretes do Brasil” que tem a intenção de ser uma introdução à obra do norte-americano²⁹. Por ocasião de sua morte, em 2001, obituários foram publicados retomando sua trajetória, com a devida brevidade que esse tipo de texto supõe³⁰, e mais recentemente sua obra ganhou uma visão de conjunto no livro *O Código Morse* organizado pelos historiadores Beatriz Dominguez e Peter Blasenheim, ampliando desta forma o escopo do volume *Um americano intranquilo* organizado nos anos 1990 como resultado de um seminário para a comemoração dos 70 anos do autor; ambas obras que ao lado do número especial da *Luso-Brazilian Review* também reuniram artigos e depoimentos variados sobre o historiador³¹. É importante dizer que fora do Brasil autores como Arturo Almandoz e Adrián Gorelik retomam em diversos trabalhos a atuação de Morse, nos quais a monografia sobre São Paulo é eventualmente mobilizada, em geral para a compreensão do campo da história urbana na América

período – não se inclui ali pelo fato do historiador estudar a América Latina e não as cidades dos Estados Unidos, que eram o mote da coletânea.

28 José Carlos Sebe Bom Mehy, “Depoimento de Richard Morse”. In: *A Colônia brasilianista*. São Paulo: Nova Stella, 1990 pp. 137-61 (o depoimento é de 1989) e Helena Bomeny, “Uma Entrevista com Richard Morse”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, v. 2, n. 3, 1989, pp.77-93.

29 Dain Borges, “A Field Guide to Richard Morse’s Brazil”, *Luso-Brazilian Review*, Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, v. 32, n. 2, Winter, 1995, pp.3-14.; Mauricio Tenório Trillo, “Profissão: Latin Americanist. Richard Morse e a historiografia norte-americana da América Latina” (Trad. Moacir Werneck de Castro), *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, v. 2, n. 3, 1989, p.102-32 e Pedro Meira Monteiro, “A paixão latino-americana: Richard Morse”. In: Lília Schwarcz e André Botelho (orgs.), *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp.352-63.

30 Jeffrey Needell, *Hispanic American Historical Review*, n.81, pp.3-4, ago-nov., 2001; Dain Borges, “Inter-American Notes”, *The Americas*, v.58, n.1, jul., 2001, pp.141-3; Simon Romero, “Richard McGee Morse, 78, Latin America Expert”, *The New York Times*, 28/04/2001, <http://www.nytimes.com/2001/04/28/world/richard-mcgee-morse-78-latin-america-expert.html>; Carlos Guilherme Mota, “O americano intranquilo”, *O Estado de S. Paulo*, 25/04/2001 e Helena Bomeny, “Semper Dr. Morse – em celebração”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, n. 27, 2001, pp.3-8.

31 Beatriz Domingues e Peter Blasenheim, *Código Morse: ensaios em homenagem a Richard Morse*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010; *Um americano intranquilo: homenagem a Richard Morse*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992; Dain Borges e Thomas Cohen (ed.), *Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse*, *Luso-Brazilian Review*, v. 32, n. 2, Winter, 1995.

Latina³². Dentre esses, deve-se destacar aqui o artigo “La ‘ciudad latinoamericana’ como idea”, no qual Gorelik retoma o itinerário de Morse historiador das cidades e anuncia parte dos temas que esta tese se propõe a discutir. A constatação, entretanto, de haver alguns caminhos não trilhados ou que mereciam ser seguidos até o fim, reforçou minha decisão de privilegiar nesta pesquisa a cidade de São Paulo na trajetória de Richard Morse.

O trabalho que se segue se organiza em três partes, todas elas dominadas pela ambição de realizar um exame se possível exaustivo do conjunto da produção intelectual de Richard Morse durante a realização de sua tese e a publicação da obra, partindo do seu mestrado de 1947 sobre o século 16 paulista, e considerando a publicação do livro em suas várias edições entre 1954 e 1970. Deixo de lado uma segunda edição em inglês que sai pela Octagon Books de Nova York em 1974, com o mesmo título da edição de 1958, já que o texto publicado na ocasião apenas mantinha os acréscimos feitos em português em 1970, não parecendo ser necessário aqui inclui-lo. Essa obra – que conhece três edições ao longo pouco de pouco mais de quinze anos – é encarada aqui como três livros que permitem flagrar não apenas as transformações dos pontos de vista do autor, mas mais que isso, um campo de problemas que se constitui naqueles anos, sendo ela mesma entendida como parte constitutiva desse debate. Se esse trabalho multifacetado apresenta uma série de ideias e questões que falam de um determinado momento que se materializa em cada uma de suas edições, também é possível por meio dele compreender como diálogos se estabeleceram, leituras foram feitas e de que maneira a partir dali novas questões puderam surgir. Busco desse modo apresentar um comentário detido em torno daqueles que me pareceram ser os argumentos mais substantivos da edição de 1954, acompanhando as transformações sofridas pelas questões levantadas no exame da história da cidade, e avaliando em que medida na edição norte-americana em 1958, mas sobretudo na segunda edição brasileira em 1970, surgem outros pontos de vista, paralelos mas não obrigatoriamente excludentes em relação à primeira edição, tomada aqui como base da análise. Por esse motivo, cada livro é lido não apenas em função das transformações formais ou de conteúdo,

32 Arturo Almandoz, op. cit., 2002 e Adrián Gorelik, “La ‘ciudad latinoamericana’ como idea”, Gorelik e Myers, “Richard Morse, las ciudades y las ideas”, *Punto de Vista*, Buenos Aires, n. 73, ago., 2002; “Richard Morse y la ‘ciudad latinoamericana’: apogeo y decadencia de un ciclo”, I Coloquio Venezolano de Historiografía Urbana, Caracas, 10/02/2004, mimeog; “Cultura urbana latinoamericana: un canon y sus destiempos”, *Brujula*, University of California-Davis, v.5, mar., 2007 e “La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico”, op. cit., 2008.

mas também do ponto de vista das intenções e eventuais diálogos que estabeleceu ao ser publicado, levando-se em conta a que público se destinava, leitores brasileiros ou norte-americanos, e em que situação foi editado³³.

O exame das três edições demandou expansões e afastamentos com vistas a entender as condições de produção das ideias ali defendidas, e mais que isso, o alcance das mesmas dentro do campo intelectual em que autor e obra se inscrevem em cada um dos momentos. Estas tomadas de distância e eventuais digressões, entretanto, sempre buscaram manter como ponto de fuga o trabalho de Morse sobre São Paulo. Se a obra certamente foi fruto da formação do autor nos Estados Unidos e mesmo da relação daquele país com a América Latina, a tese ali defendida foi elaborada também no embate direto com a constituição de um pensamento brasileiro por parte de intelectuais comprometidos com o estabelecimento da universidade, e mais que isso, da cultura brasileira. Minha hipótese principal é que a tese que a obra de Morse sobre São Paulo contém (ou propõe, se reconhecermos seu potencial propositivo e não apenas prospectivo) só pôde ser forjada no contato com esses intelectuais paulistas, eles também preocupados com a constituição de um olhar próprio para a compreensão do Brasil³⁴. Optei por examiná-la em três chaves de leitura que de algum modo exploram vertentes da hipótese acima enunciada.

Inicialmente analiso a obra de Morse pelo viés da história urbana, para apresentar o seu movimento geral. Busco nas possíveis referências norte-americanas a visão que embasa o modo de Morse de fazer a história da cidade, notando entretanto como no contato com a historiografia paulista sua perspectiva ganhou densidade e relevo. Tento em seguida precisar o que ela tem a acrescentar como uma interpretação da história da evolução urbana da capital paulista, mostrando como as edições se valem das ideias já trabalhadas pelos historiadores brasileiros, algumas vezes esposando tais teorias e visões, em outras, derivando dali novas e distintas interpretações.

Em segundo lugar, ao entrar na análise pela porta da história cultural, busco recuperar na obra a sua especificidade em relação à compreensão da cidade no que diz respeito ao papel da

33 Desse modo, o livro é analisado não apenas como texto, mas a partir também da sua própria materialidade: das condições de sua produção e das relações entre a produção e a recepção, como ensinam os historiadores franceses, entre eles Roger Chartier, que se preocupou em diversas oportunidades com a história do livro e da leitura – ou seja, buscando-se aqui fazer uma história cultural do próprio livro. Cf. Roger Chartier (org.), *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, entre outros.

34 Neste sentido, posso afirmar que sua obra fala da cidade para os paulistas, mas também a partir dos paulistas, ou com os paulistas.

cultura (e da literatura mais especialmente) – tomada pelo autor como chave de acesso ao passado – no meio urbano. Retomo elementos da sua formação norte-americana, em plena política de Boa Vizinhança e de constituição e estabelecimento do *new criticism*, para compreender escolhas e caminhos interpretativos que se dão a ver nas edições. Na sequência, busco estabelecer os desdobramentos dos seus contatos em São Paulo no momento de historicização do Modernismo e de consolidação de um pensamento social brasileiro no interior da Universidade de São Paulo. Isso, do meu ponto de vista, o que lhe teria possibilitado armar a história da cidade a partir de polos literários, levando-o a reconhecer uma modernização, se não distinta, ao menos diversa da modernidade ocidental capitalista.

Por último, compreendendo essa obra como uma peça no debate comunidade-metrópole, ou melhor dito, comunidade-sociedade, amplio o recorte temporal para recuperar o movimento geral das diversas edições e retomá-las nessa arena latino-americana de discussões, mostrando como tal debate extrapolava os limites disciplinares e rebatia em críticos da cultura que buscavam escrever a história da cidade sem perder de vista uma perspectiva de intervenção. Procuro demonstrar uma perspectiva latino-americana que se abre na trajetória de Morse sobretudo a partir de sua atuação na Universidade de Yale já nos anos 1960 e dali em diante, quando o autor se torna um intelectual com trânsito nos diversos países do continente, exercendo cargos de decisão e ampliando seus interesses em análises comparativas de fôlego, tanto do ponto de vista espacial como temporal. Ao desempenhar um determinado papel nos anos 1950 e assumir outro um pouco distinto em 1970, tento apresentar como sua obra dialoga e se insere de modo particular naquele debate justamente por conta da sua compreensão “cultural” da cidade. É essa perspectiva, me parece, o que lhe permite forjar um olhar distinto para a cidade e construir o lugar da *metrópole latino-americana* na modernidade ocidental.

São três capítulos que de algum modo sobrepõem discussões e análises, mas que têm a intenção de mirar o mesmo objeto por diversos ângulos – talvez inspirados no próprio autor em questão –, buscando rendimentos analíticos nas múltiplas dimensões abordadas. A conclusão retoma a intenção de pensar uma história cultural urbana a partir da obra de Morse sobre São Paulo, recuperando brevemente os pontos discutidos ao longo dos capítulos. A análise chama a atenção para o talento de Morse em aproximar visões diferentes, por vezes antagônicas, sem dissolvê-las ou reduzir suas especificidades, recolocando-as em outro patamar de discussão, dando a elas por vezes novo estatuto, por outras consagrando perspectivas. Se a ligação entre essas questões e a “história cultural urbana” está apenas sugerida ao longo dos capítulos, espero que esta pesquisa, ao apontar

tal aproximação nos livros de Richard Morse sobre São Paulo, possa também representar uma contribuição para essa forma de pensar as cidades. Ao buscar somar as perspectivas da história urbana, da história cultural e dos estudos sociais urbanos como entradas analíticas, tento propor ao mesmo tempo um caminho de entendimento para a própria história das cidades.

Antes, entretanto, de passarmos às análises propriamente, apresento como o livro foi lido em suas diversas edições ao longo das décadas. A hipótese que se coloca de saída é a de que a história de São Paulo que Morse escreveu foi naturalizada de tal forma que não mais nos damos conta do porque o livro, ou melhor, os livros, de 1954, de 1958 e de 1970, têm interesse. Nesse sentido, pode ser proveitoso iniciarmos o percurso por estas leituras.

1. LEITURAS E LEITORES CONSTROEM A HISTÓRIA DO LIVRO

Certamente não faz sentido discutir todos os autores que tomaram o trabalho de Richard Morse sobre São Paulo como fonte ou bibliografia³⁵. Mas interessa apontar que apesar das diferenças de objetivos e de abordagens da história de São Paulo em cada um deles, quase todos parecem incorporar os argumentos expostos por Morse, de modo geral confirmando hipóteses ou exemplificando situações analisadas. Em raros momentos contesta-se, problematiza-se ou mesmo se contextualiza a história da cidade apresentada pelo norte-americano, correndo-se o risco de naturalizar seus argumentos e análises³⁶.

35 Apenas os títulos anunciam o amplo espectro de abordagens que recorrem à obra: Warren Dean, *A industrialização de São Paulo* (1971); Wilson Cano, *Raízes da concentração industrial em São Paulo* (1977); Benedito Lima de Toledo, *São Paulo: três cidades em um século* (1981); Joseph Love, *A Locomotiva: São Paulo na federação brasileira* (1982); Nicolau Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole* (1992); Lília Schwarcz, *O espetáculo das raças* (1993); Maria Cecília Naclério Homem, *O palacete paulistano* (1996); Raquel Rolnik, *A cidade e a lei* (1997); Emilia Viotti da Costa, *Da monarquia a República* (1998); Hugo Segawa, *Prelúdio da metrópole* (2000); Heitor Frúgoli, *Centralidade em São Paulo* (2000); *Memória urbana: grande São Paulo até 1940* (2001); Sarah Feldman, *Planejamento e zoneamento* (2005); Maria Luiza de Oliveira, *Entre a casa e o armazém* (2005); e até mesmo um trabalho de historiografia como o de Silvio Luiz Lofego, *Memória de uma metrópole: São Paulo na obra de Ernani da Silva Bruno* (2001), parecem ter em Morse um fonte importante.

36 Algumas exceções, entretanto, devem ser notadas: Ilana Blaj, ao recuperar toda a historiografia paulista referente ao período colonial, discute brevemente algumas das afirmações de Morse (Cf. Ilana Blaj, *A trama das tensões: o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1721)*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 69). Mais recentemente, Amílcar Torrão Filho, em *Paradigma do caos ou cidade da conversão? São Paulo na administração de Morgado de Matens* (São Paulo: Annablume, 2010), toma Morse como parte de uma abordagem historiográfica, pensando na cidade do século 18. Paulo Garcez Marins, num trabalho sobre os Campos Elísios, também se anima a ler Morse, entre outros autores, buscando complexificando as versões da história da cidade, em particular daquele bairro (Cf. Paulo Marins, “Glete e Nothmann em berço de ouro”.

Resultado da tese de doutorado que Richard Morse defendeu em Columbia em 1952 sob a orientação de Frank Tannenbaum³⁷, acrescido de partes da investigação feita no Brasil entre os anos de 1947 e 1948 e que haviam sido deixadas de fora³⁸, a obra teve uma trajetória particular desde sua primeira edição em 1954. Os comentários que se seguem ajudam a compreender a impressão de “clássico” que essa obra de Morse hoje parece congregar: “livro forte e pessoal, talvez *a melhor monografia até hoje escrita sobre a cidade*”, diz Antonio Candido; “seu primeiro livro tornou-se *um clássico* sobre São Paulo”, completava na mesma ocasião Carlos Guilherme Mota³⁹. Nestor Goulart afirmaria: “da mesma época é o trabalho de Richard Morse, sobre a evolução da cidade de São Paulo, *ainda hoje utilizado com interesse*”, e Maria Alice Rezende de Carvalho, que “o livro, que começa a circular em 1970, é *referência obrigatória* para os estudiosos das cidades em geral, e uma das *grandes monografias* a que os paulistanos fizeram jus pela proximidade do autor aos seus humores modernistas”⁴⁰. Também já se disse que o livro é “*o estudo mais laborioso e metódico sobre o tema*, no qual, sem prejuízo de seu propósito rigorosamente científico, a capital dos paulistas não é reduzida a insípido objeto de ciência”, e que “Morse começa seus estudos como historiador urbano e (*so to speak*) *brasilianist*. [Sendo] *notável seu estudo histórico* From community to metropolis: a biography of São Paulo”⁴¹. Recentemente, numa coleção de 5 volumes organizada pela Imprensa Oficial sobre a história do estado de São Paulo, José Jobson de Arruda afirmava sobre Morse e seu livro:

In: Ana Lanna et all. (orgs.) *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, pp.209-243).

37 Cientista social e historiador, PhD em economia, autor de *The Mexican Agrarian Revolution*, 1929; *Slave and Citizen*, 1947; *Mexico: the Struggle for Peace and Bread*, 1950; *A Philosophy of Labor*, 1951 e *Ten Keys to Latin America*, 1962, entre outros.

38 Que resultam no capítulo “A metrópole moderna” acrescentado na primeira edição de 1954, cujos argumentos centrais já podem ser lidos nos artigos publicados em periódicos brasileiros e norte-americanos nos anos imediatamente anteriores, notadamente em: “Brazilian Modernism”, *The Hudson Review*, v. 3, n. 3, Autumn, 1950, pp. 447-452; “Sao Paulo in the 19th Century: Economic Roots of the Metropolis”, *Inter-American Economic Affairs*, v. 5, n. 3, 1951, pp.3-29; “The Negro in Sao Paulo, Brazil”, *The Journal of Negro History*, v. 38, n. 3, jul., 1953, pp. 290-306, “Sao Paulo since Independence: A Cultural Interpretation”, *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 34, n. 4, nov., 1954, pp. 419-444 (republicado em: *Panorama*, v. 3, n. 12, pp.5-29; L. Hanke, *Readings in Latin American History* (1966); R. Graham, *A Century of Brazilian History since 1865* (1969)).

39 Antonio Candido, “Young Mr. Morse” e Carlos Guilherme Mota, “Um americano intranquilo”, In: *Um americano intranquilo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992, p. 7 e p. 14, grifos meus.

40 Reis Filho, op. cit., 1992, p. 40; Carvalho, op. cit., 1994, p.105, grifos meus.

41 Gustavo de Mello Kujawski, “A ironia como método de análise”, *O Estado de S. Paulo*, 14/05/1988, p. 10; Maurício Tenório Trillo, “Profissão: Latin Americanist: Richard Morse e a historiografia norte-americana da América Latina”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, 1989, p. 104, grifos meus. Para uma avaliação da importância do livro no contexto latino-americano, ver Gorelik, op. cit., 2007.

o brasilianista é *um dos grandes intérpretes da história paulista*. Inova sua abordagem ao recusar enquadramentos excessivamente generalizantes, concentrando-se na apreensão do processo de urbanização, mesmo que, nos momentos iniciais da formação, o campo tenha prevalecido sobre a cidade⁴².

Como se notará aqui, a obra percorreu um longo caminho desde a sua primeira edição em português no ano em que se comemorava o IV Centenário da fundação de São Paulo. Ainda que não tivesse sido elaborada com o objetivo de tomar parte nas comemorações de aniversário, aproveitava-se a efeméride para que uma empreitada dessa natureza fosse traduzida e chegasse às livrarias. Deste modo, a história da evolução urbana de São Paulo escrita por um jovem pesquisador norte-americano saía à público em um momento fundamental da afirmação da identidade paulista – no qual a história pregressa era mobilizada para dar lastro às ações do presente, sobretudo nas realizações oficiais –, ao lado de outras obras especialmente encomendadas ou organizadas para a ocasião⁴³. Entre elas constavam o *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil* (1953) de Francisco de Assis Carvalho Franco; o *Dicionário de Autores Paulistas* (1954) de Luís Correia de Mello; a *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira* (1954) de Herbert Baldus; a edição das *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil* e o volume de *Poesias de José de Anchieta*; e ainda *São Paulo Antigo: Plantas Diversas da Cidade*; todas editadas pelo Serviço de Comemorações Culturais da Comissão, formando a coleção Biblioteca do IV Centenário⁴⁴. Além desses, também o livro coletivo *São Paulo em Quatro Séculos* (2v,

42 José Jobson de Arruda, “Bibliografia comentada”. In: *São Paulo nos séculos XVI-XVII*. Coleção História Geral do Estado de São Paulo (5V). São Paulo, IOESP, 2011, p. 149, grifo meu. Trata-se de uma coleção organizada por Marco Antonio Villa por encomenda do então governador José Serra (2007-2010) que cobre os quase 5 séculos da história paulista. Em cada volume é apresentada uma bibliografia comentada e uma bibliografia geral. Em todos, à exceção do volume do século 19, escrito por José Leonardo do Nascimento, o livro de Morse é citado.

43 As comemorações do IV Centenário mobilizaram os intelectuais paulistas sobremaneira, que encamparam então uma série de iniciativas para marcar a data e ressaltar o papel de São Paulo frente aos outros estados da federação. A “Exposição da História de São Paulo no quadro da História do Brasil”, organizada pelo historiador Jaime Cortesão, com apoio de Mario Neme, Ernani da Silva Bruno, Helio Damante e Agostinho da Silva, e que em suas nove seções pretendia mostrar “os principais acontecimentos e vultos das várias fases da formação” do povo paulista, é um bom exemplo de como a história servia ali como legitimadora do presente (cf. *Exposição da História de São Paulo no quadro da História do Brasil – Guia para o Visitante*. São Paulo: Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954). Para uma ampla análise das comemorações, cf. Silvio Luiz Lofego, *IV Centenário da Cidade de São Paulo: entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004.

44 Contando com uma capa única a garantir identidade às obras, em 07/11/1952 o jornal *O Estado de S. Paulo*, sob o título “Biblioteca do IV Centenário” (p.11), já anunciava a publicação da tese de Morse como o terceiro volume da série. (Cf. <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19521107-23771-nac-0010-999-10not/busca/Ri%C3%A7hard+Morse>. Acesso 30/05/2012). Em 12/05/1953 o jornal dava outras informações sobre o andamento da tradução do 4º. volume da Coleção, “Monografia Histórico-Sociológica Sobre o Desenvolvimento da Cidade de São Paulo”, dizendo

1953 e 1954) organizado por Affonso D'Escagnolle Taunay e publicado sob os auspícios daquela Comissão; o *Catálogo de Documentos Sobre a História de São Paulo existentes no Arquivo Ultramarino de Lisboa* publicado em 15 volumes entre 1956 e 1959 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB); e a série de títulos lançados pelas Edições Melhoramentos, como os 3 volumes do incansável Taunay, *Velho São Paulo*, ou os álbuns de fotos *Isto é São Paulo!* e *São Paulo antigo, São Paulo moderno*; devem ser compreendidos como parte desse esforço.

Desta espécie de *boom* editorial que a efeméride provocou, destaco aqui *História e Tradições da cidade de São Paulo*, livro editado por José Olympio (1902-1990) em 1954. Três volumes escritos por Ernani da Silva Bruno que consagraram imagens da cidade potentes até hoje – visíveis em expressões como “arraial de sertanistas” ou “burgo de estudantes” e ainda “metrópole do café” – que figuravam como títulos dos períodos históricos analisados pelo autor. A obra, encomendada pelo editor carioca três anos antes com o objetivo explícito de ser uma “contribuição às comemorações do IV Centenário da fundação de São Paulo”⁴⁵, contava com desenhos de Candido Portinari (1903-1962) feitos especialmente para a abertura de cada um dos volumes, bicos-de-pena de Clóvis Graciano (1907-1988) e “170 fotografias e plantas de S. Paulo antigo e moderno”. Segundo o próprio autor ela pretendia dar conta da “longa e complexa história de São Paulo desde a sua fundação” até aquela data, numa espécie de esforço para conseguir a “aproximação de dados esparsos, que andavam esquecidos ou perdidos por aí, [que] enriquece[r]iam o conhecimento que se pod[ia] ter do passado da cidade e de sua personalidade”⁴⁶.

No longo prefácio que antecede o texto de Silva Bruno, Gilberto Freyre reconhecia indiretamente livro e autor como herdeiros das suas próprias elucubrações sobre o passado, na medida em que também ali se propunha uma visão do cotidiano da cidade. Em seguida ressaltava o papel do estudo como “obra fundamental” não apenas para se conhecer o passado daquela cidade mas para que “se firm[asse] ou se agu[çasse] no paulista metropolitano de hoje a consciência de

que fora recomendada pela Comissão Técnica do serviço de Comemorações Culturais da Comissão. Dizia ainda que o autor já dera o “título definitivo”, a saber, “São Paulo no Século XIX, Biografia de uma Cidade” (Cf. “Biblioteca do IV Centenário”, *O Estado de S. Paulo*, 12/05/1953, p.11, <http://acervo.estadao.com.br/pagina /#/19530512-23925-nac-0011-999-11-not/busca/IV+Centen%C3%A1rio+Biblioteca>. Acesso 30/05/2012). A tese de Morse teria sido editada à convite de Guilherme de Almeida, então membro da Comissão à época. Cf. Mehy, op. cit., 1990, p.156.

45 “Nota dos Editores”. In: Ernani da Silva Bruno, *História e tradições da cidade de São Paulo*. (Coleção Documentos Brasileiros). Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, 3V.

46 Bruno, op. cit., 1954, p.17.

FIG.1 Algumas das publicações do IV Centenário: *Isto é São Paulo* e *São Paulo antigo*, *São Paulo moderno*, ambos da Editora Melhoramentos, e *Dicionário de Etnologia Brasileira* e *Cartas de José de Anchieta*, da coleção “Biblioteca do IV Centenário”. À direita, um dos cartazes do evento (desenhado por Geraldo de Barros e Alexandre Wollner)

FIG.2 Livro *Histórias e tradições da cidade de São Paulo*, de Ernani da Silva Bruno, também lançado em 1954: folhas de guarda desenhadas por Portinari abriam cada volume

BIBLIOTECA DO IV CENTENARIO

"S. Paulo no século XIX. Biografia de uma cidade", de Richard Morse, será o 4.º volume da série — Encerramento de concursos promovidos pela Comissão de festejos

Comunicam-nos:

"Como um dos muitos monumentos de caráter perene que deixará de sua atividade, a Comissão do IV Centenario de São Paulo promove a publicação da Biblioteca do IV Centenario. Constituída de uma série não muito numerosa de volumes, todos porém altamente expressivos para o conhecimento da vida da cidade e a expressão de seus mais significativos valores, compreenderá obras de alto valor literário e histórico, inclusive os trabalhos premiados nos vários concursos instituídos pela Comissão.

Já foram entregues ao prelo os dois primeiros volumes da "Biblioteca do IV Centenario", o "Dicionário das Bandeirantes", de Francisco de Assis Carvalho Franco, e as "Poesias" do Padre José de Anchieta, compreendendo esta a reprodução de originais de um manuscrito do século XVI, verdadeira preciosidade bibliográfica existente no Museu Paulista, em português, latim, espanhol e tupi-guarani, traduzidos e comentados pela sra. M. L. de Paula Martins.

O 3.º volume é o "Dicionário de Autores Paulistas", o interessante documentário da nossa vida intelectual organizado por Luiz Corrêa de Melo.

Acha-se agora em vias de ser encaminhado à tipografia o 4.º volume da série, a "Monografia Histórico-Sociológica Sobre o Desenvolvimento da Cidade de São Paulo", do ensaísta norte-americano Richard M. Morse, cuja publicação foi recomendada pela Consultoria Técnica do Serviço de Comemorações Culturais da Comissão do IV Centenario. O autor deu ao seu trabalho o título definitivo de "São Paulo no Século XIX. Biografia de uma Cidade", tendo já enviado a introdução, que será, em breve seguida pelas conclusões, agora em fase de redação final. A tradução é da sra. Maria Aparecida Madeira Kerber.

Trata-se de uma obra notável de interpretação sociológica que, pelos dados que contém e análise das causas e aspectos marcantes do desenvolvimento da cidade de São Paulo no século passado, despertará, por certo, o interesse de todos os estudiosos, constituindo valiosa contribuição à bibliografia do IV Centenario.

ENCERRAMENTOS DE CONCURSOS.

Encerra-se hoje, às 18 horas, o prazo para entrega dos originais que concorrem ao Prêmio IV Centenario para roteiro técnico de película cinematográfica de longa metragem, instituído pela Comissão do IV Centenario para as comemorações de 1954.

A 25 de junho próximo encerram-se as inscrições ao concurso de monografia sobre o desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo. Poderão concorrer autores nacionais e estrangeiros, mas a redação dos trabalhos deverá ser em português. A monografia poderá ser de caráter geral ou limitar-se ao estudo de um dos elementos significativos do desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo.

Os prêmios para ambos os concursos — denominados Prêmios IV Centenario — são no valor de Cr\$ 100.000,00 cada um.

Os originais, em ambos os casos, devem ser enviados à sede da Comissão do IV Centenario, à rua 24 de Maio, 250, 8.º andar, São Paulo, Brasil, até as datas referidas, em três vias datilografadas, espaço duplo, papel formato ofício e assinadas com pseudônimo. Junto, em sobrecarta fechada, en-

viará o concorrente seu nome e endereço completos, título da obra e pseudônimo e, para o roteiro cinematográfico, no caso de obra adaptada — fora do domínio público, a competente autorização do autor.

A Comissão Julgadora do concurso de roteiro técnico é composta dos srs. Benedito J. Duarte, Francisco Luiz de Almeida Salles e Vinícius de Moraes; e a do concurso de monografia sobre o desenvolvimento econômico, dos srs. Caio Prado Junior, Dorival Teixeira Vieira e frei Benevenuto de Santa Cruz.

PEÇA SINFONICA

No dia 30 de junho próximo, às 18 horas, encerra-se o prazo para entrega dos trabalhos que concorrerão ao prêmio Carlos Gomes, para peça sinfônica, instituído pela Comissão do IV Centenario de São Paulo, ao ensejo das Comemorações do quadricentenario da Cidade.

Os originais em três vias devem ser remetidos à sede da Comissão do IV Centenario, à rua 24 de Maio, 250, 8.º andar, São Paulo, Brasil, sob pseudônimo, acompanhados de envelope fechado contendo nome, pseudônimo, nacionalidade e endereço completo do autor. Na parte externa do envelope deverá figurar o pseudônimo do concorrente. O trabalho apresentado, rigorosamente inédito, pode ser uma sinfonia, com três ou quatro movimentos, ou um poema sinfônico. Qualquer dessas composições terá a expressão "São Paulo" por título ou como complemento do título. O poema sinfônico deverá inspirar-se em elementos da história de São Paulo ou do seu desenvolvimento atual, devendo ser acompanhado do respectivo argumento literário. O tempo mínimo para a execução da sinfonia, com três ou quatro movimentos, foi estipulado em 20 e 25 minutos, respectivamente, e a execução do poema sinfônico deverá durar, no mínimo, 15 minutos.

A Comissão Julgadora do certame, composta de 5 membros, será oportunamente constituída, por se tratar de um júri internacional.

O autor do trabalho premiado será contemplado com uma estatuetta de fino lavor artístico e a importância de 200 mil cruzeiros em dinheiro.

Grande é o interesse reinante nos círculos musicais, tanto nacionais como estrangeiros, por esse concurso de âmbito internacional destinado a extraordinário êxito não só pela contribuição de compositores nacionais, como de elementos de renome mundial no campo da música sinfônica. A respeito, é interessante informar que o Serviço de Comemorações Culturais daquela Comissão recebeu, de numerosos países, principalmente da Europa, dezenas de pedidos de informações relativas a esse certame.

Conferencias e Cursos

● Amanhã, às 20 e 30, na sede da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, largo de São Francisco, 19, 1.º andar (prédio da Escola de Comércio Álvares Penteado), o prof. Octavio Gouvêa de Bulhões, do Conselho Nacional de Economia, proferirá uma conferência sobre o tema: "Problemas do Desenvolvimento Econômico".

● Abrem-se abertas na Associação

FIG.3 "Biblioteca do IV Centenario": a publicação do livro de Richard Morse é anunciada no jornal O Estado de S. Paulo como parte da coleção (07/11/1952, p.11 e 12/05/1953, p.11)

O IV CENTENARIO DA CIDADE

PUBLICAÇÃO DA BIBLIOTECA DO IV CENTENARIO — O "DICIONARIO DOS BANDEIRANTES", O PRIMEIRO VOLUME

A Comissão do IV Centenario da Cidade de São Paulo incluiu, como parte das comemorações da efemeride, a publicação da Biblioteca do IV Centenario. Trata-se de iniciativa de grande significação cultural, possibilitando a reedição de obras valiosas ou a edição de documentos inéditos e outros trabalhos ligados à história de São Paulo e a várias manifestações de suas atividades.

O plano da Biblioteca inclui a publicação da Obra literária de Anchieta; das Cartas Jesuíticas, que estão sendo reunidas no Vaticano pelo padre Serafim Leite; impressão a cores de um album iconografico paulista; impressão de um album de plantas antigas e modernas da cidade; publicação, em português, da tese de Richard Morse; "Monografia historico-sociologica sobre o desenvolvimento da cidade de São Paulo"; publicação do "Dicionario de Autores Paulistas", de Luiz Corrêa de Melo; publicação do "Dicionario de Bandeirantes e Sertanistas", de Francisco de Assis Carvalho Franco, além de um trabalho sobre arte, a cargo de D. Clemente da Silva Nigro, O.S.B.; de um catalogo de verbetes indicativos de documentos sobre a História de São Paulo existentes no Arquivo Historico Colonial de Lisboa; de uma bibliografia americanista e das obras premiadas nos varios concursos literarios, historicos e de caracter economico, instituidos pela Comissão do IV Centenario.

O primeiro volume a ser editado na Biblioteca do IV Centenario é o "Dicionario de Bandeirantes e Sertanistas", de Francisco de Assis Carvalho Franco, obra de folego e que constitui um levantamento completo das figuras ligadas ao bandeirismo, contendo as principais indicações biográficas e cronológicas a elas relativas, trabalho sem duvida imprescindível ao conhecimento do nosso passado historico.

A Comissão do IV Centenario, pelo seu Serviço de Comemorações Culturais, já abriu a concorrência publica para a impressão do volume, cujo texto dactilografado atinge a 825 paginas. Essa concorrência, conforme edital publicado no "Diario Oficial" de domingo, e na imprensa diaria, encerra-se no proximo dia 17 do corrente. A tiragem será de 3 mil exemplares.

responsabilidades de São Paulo para com o seu interior, com o Brasil e com a América, principalmente a chamada Latina”⁴⁷. Nesse texto introdutório, o sociólogo pernambucano frisava a rara combinação de métodos empregados na narrativa de Bruno:

do método biográfico ao histórico-sociológico; da indagação de fatos sociais de economia pelo método estatístico ao estudo de expressões folclóricas, aparentemente só pitorescas ou anedóticas mas na verdade socialmente expressivas da realidade ou do passado que se procura estudar e interpretar como um todo ou como um complexo⁴⁸.

Características que também se aplicam ao livro de Morse, como veremos, e que deveriam garantir àquela obra um lugar de destaque na estante paulística. Entretanto, a despeito de ter sido publicada na prestigiosa Coleção Documentos Brasileiros – inaugurada pelo livro de estreia de Sergio Buarque de Holanda⁴⁹ –, e de ter contado com o elogioso prefácio de Freyre, a sua apreciação posterior parece tê-la relegado à categoria menor dos relatos memorialistas⁵⁰. Lançado na mesma data e com uma pretensão de certo modo semelhante, recontar a longa história da urbanização de São Paulo, nos Agradecimentos da primeira edição do seu livro, entretanto, Richard Morse destacaria o *caráter* da “aventura” que ora se publicava: “antes *um histórico crítico e interpretativo*, do que um panegírico, como frequentemente as comemorações oficiais suscitam”⁵¹. De saída, buscava deixar claro o lugar de onde falava, descolando-se das comemorações *stricto sensu* ao pontuar suas almejadas interlocuções na Academia e a pretensão analítica que o guiava. Sendo efetivamente parte das comemorações oficiais, essa primeira edição, por problemas de ordem prática, acabaria quase não circulando⁵².

47 Gilberto Freyre, “Prefácio”. In: Bruno, op. cit., 1954, p. XI.

48 Id., ibid.

49 *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

50 Para uma análise do livro, incluindo a discussão do sentido do memorialismo de Bruno, cf. Silvio Luiz Lofego, *Memória de uma metrópole: São Paulo na obra de Ernani da Silva Bruno*, São Paulo: Annablume, 2001. Para uma discussão do memorialismo na cidade, ver Ana Claudia Fonseca Brefe, “A cidade inventada: a pauliceia construída nos relatos dos memorialistas (1870-1920)”. Dissertação (mestrado), IFCH, Unicamp, 1993.

51 Morse, op. cit., 1954, s/p, grifo meu.

52 Segundo Antonio Candido, tendo ficado num depósito que alagou, o livro não foi distribuído comercialmente naquele momento. Apenas alguns exemplares teriam sido oferecidos. Cf. entrevista a autora em 16/03/2010. Na “Nota explicativa” da segunda edição brasileira lê-se: “Este livro apareceu inicialmente em português, no ano de 1954, mas foi distribuído de maneira tão limitada, que a edição presente constitui de fato a sua primeira difusão pública no Brasil” (Morse, op. cit., 1970, p.5). Morse diria que foi devido a disputas entre prefeitura e governo do Estado que os livros ficaram armazenados em um depósito sem distribuição. Cf. Mehy, op. cit., 1990, p.156.

Chapter	Page
ACKNOWLEDGMENTS	111
TABLE OF ABBREVIATIONS	V
INTRODUCTION	1
I COLONIALISM AND NEW STIMULANTS (1820-1830)	
1. The Scope of the City	9
2. The Life of the City	31
3. The Impediments from National Independence	51
II SUSPENSIVE YEARS (1830-1845)	
1. Post-Colonial Malaise	76
2. The Revolution of 1842	108
III ROMANTICISM (1845-1855)	
1. Alvarez de Azevedo	123
2. The Cultural Awakening	139
3. Material Fulfillment	163
4. Coffee	176
5. The Promissions of Ricardo Cunha Baston Duart	187
IV EXPECTANT YEARS (1855-1870)	
1. Self-Deprecation and New Idols	194
2. New Rhetoric and the Railway	222
V THE RISING METROPOLIS (1870-1890)	
1. The Era of Positivism	240
2. Economic Expansion and Immigrants	276
3. Physical Expansion	285
4. The New Boundaries of Life	310
BIBLIOGRAPHY	333

FIG.4 “São Paulo City under the Empire (1822-1899)”: folha de rosto e índice da tese de doutorado de Richard Morse apresentada na Universidade de Columbia, Nova York, em 1952

DE COMUNIDADE A METRÓPOLE BIOGRAFIA DE SÃO PAULO CONTEÚDO	
AGRADECIMENTOS	10-9
INTRODUÇÃO	13
I. COLONIALISMO E NOVOS ESTIMULANTES	19
1. A Condição da Cidade	19
2. A Vida da Cidade	31
3. As Condições da Independência Nacional	44
II. SURGE A CIDADANIA	59
Período de Inicialização	59
1. Mal-estar Placental	59
2. A Revolução de 1842	78
Romantismo	87
1. Alvarez de Azevedo	87
2. O Acordamento Cultural	96
3. Realização Material	110
4. O Café	117
5. Os Promissões de Ricardo Cunha Baston Duart	125
III. SURGE A CIDADANIA-ORGANISMO	129
Período de Expectativa	129
1. Antecipação e Novos Idols	129
2. Uma Nova Rhetórica e a Estrada de Ferro	147
A Jovem Metrópole	164
1. A Época de Positivismo	164
2. Expansão Econômica e Imigrantes	179
3. Expansão Física	191
4. A Nova Configuração da Vida	201
IV. A METRÓPOLE MODERNA	216
1. A Sociedade Metropolitana	216
2. Industrialização	235
3. A Metrópole como "Pólo"	252
4. Modernização	270
5. Anatomia da Metrópole	286
BIBLIOGRAFIA	305
I Bibliografia e Fontes	307
II Documentos	308
III Manuscritos	308
IV Imagens	309
V Livros, Folhetos, Separatas e Cópias de Documentos	309
VI Artigos (Anais, Revistas, Jornais, Boletins)	326

FIG.5 Livro *De comunidade à metrópole, biografia de São Paulo* (capa e índice): publicado pela Comissão do IV Centenário em 1954, na coleção “Biblioteca do IV Centenário”

O livro *De comunidade à metrópole* propunha-se a contar a história de São Paulo, organizando-a, assim como o trabalho de Silva Bruno fazia, por períodos ou fases. Após uma Introdução onde o autor apresentava o tema, suas principais interlocuções e inspirações, seguiam-se quatro capítulos que pretendiam dar conta dessas fases de desenvolvimento da cidade ao longo dos séculos. Intitulados “Colonialismo e novos estimulantes”⁵³; “Surge a cidade-mente”⁵⁴; “Surge a cidade-organismo”⁵⁵ e por fim, “A metrópole moderna”⁵⁶; com exceção desse último os capítulos retomavam a redação da tese “São Paulo: City Under The Empire (1822-1889)” defendida na Universidade de Columbia em 1952, pois o doutorado tinha um recorte temporal reduzido, chegando “apenas” à Proclamação da República⁵⁷. O texto, originalmente escrito em inglês, foi traduzido por Maria Aparecida Madeira Kerberg (1917-2008), aluna da Escola Livre de Sociologia e Política. Kerberg participara de pesquisas sobre a cidade de São Paulo feitas na década de 1940 sob a orientação de outro pesquisador norte-americano, Donald Pierson (1900-1995), a quem Morse conhece logo que chega na cidade⁵⁸. A seção “Período de expectativa (Mal estar pós-colonial; A revolução de 1842)”

53 Cujas seções são A conformação da cidade; A vida da cidade; As consequências da Independência nacional (pp.19-58).

54 Dividido em duas partes com as seguintes seções: Período de expectativa (Mal estar pós-colonial; A revolução de 1842) e Romantismo (Álvares de Azevedo; O aceleramento cultural; Realizações materiais; O café; Os presságios de Ricardo Gumbleton Daunt) (pp.59-128).

55 Também dividido em duas partes: Período de Indecisão (Auto-censura e novos ídolos; Uma nova retórica e a estrada de ferro) e A jovem metrópole (A época do positivismo; Expansão econômica e imigrantes; Expansão física; A nova configuração da vida) (pp.129-215).

56 Cujas seções são A sociedade metropolitana; Industrialismo; A metrópole como “polis”; Modernismo; Anatomia da metrópole (pp.216-304).

57 Decisão de ordem prática menos que conceitual, tomada para poder finalizá-la a tempo de ocupar um cargo de professor assistente em Columbia. Ainda no Brasil, Morse é convidado por Tannenbaum a assumir o curso de História da América Latina, ministrado até então pelo historiador porto-riquenho Arturo Morales Carrion (1913-1989), que retornara ao seu país natal: “Naquela época [para dar aulas] não era preciso todos aqueles concursos e atividades acadêmicas probatórias. A escolha dos docentes era uma coisa muito pessoal e dependia das oportunidades e da confiança que os professores mais velhos tinham nos mais novos”. Cf. Mehy, op. cit., 1990, p.156. Morse permanece como docente em Columbia até 1958, responsável pela disciplina *History & Culture of Latin America* (Cf. “Courses on Latin America (by Department)”, 3p., Box 19, FT Papers, RB&ML, CU). Os argumentos do último capítulo, entretanto, já haviam aparecido em artigos variados, como dissemos.

58 Sobre a tradutora, cf. Isabela Oliveira Pereira da Silva, “Donald Pierson em São Paulo: entre o Depto. de Cultura e a ELSP”. In: Lanna et al., op. cit., 2010, pp. 611-44, p.625, n.31. Morse nos agradecimentos do livro de 1954 bem como na edição norte americana de 1958 nomeia Pierson. Porém, este não foi um contato que pareça ter rendido em termos de parcerias e projetos intelectuais comuns, ainda que Morse tenha se valido das pesquisas pioneiras de Pierson e seus alunos, os estudos sobre moradias e hábitos alimentares divulgadas em artigos diversos publicados na *Revista do Arquivo Municipal*, sendo provavelmente por intermédio desse aluno de Robert Park o seu primeiro contato com a “Escola de Chicago”.

foi traduzida por Levy Cruz, outro aluno de Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política⁵⁹.

A primeira apreciação pública sobre o livro que se tem notícia é a resenha publicada em 1956 por Florestan Fernandes (1920-1995), professor titular da cadeira de Sociologia 1 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, no recém criado “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo*, espaço de prestígio do restrito círculo intelectual paulista da época⁶⁰. No breve texto, o sociólogo paulista destacava “a perspectiva da ‘síntese histórica’ [...] engrandecida pela exploração contínua de recursos interpretativos fornecidos pelas ciências sociais”, o que deste modo levaria o livro a concentrar suas indagações nas análises dos “processos histórico-sociais, histórico-geográficos ou econômico-políticos e seus produtos dinâmicos”. Florestan concluía que a obra havia sido construída “sob preocupações historiográficas muito complexas” que revelavam a riqueza de suas investigações “tanto no plano empírico como no plano interpretativo”, embora estivesse “longe” de considerá-la uma “obra-prima”⁶¹. Mesmo com essa ressalva, sendo altamente elogiosa em seu sentido geral, a resenha tem o mérito de captar as especificidades daquele trabalho no calor da hora, e talvez tenha sido a única apreciação que tenha definido o livro imediatamente como uma “história cultural”⁶².

No ano seguinte, numa resenha publicada na revista *Anhembi*, o jovem sociólogo Fernando Henrique Cardoso (1931-), orientando dileto de Florestan Fernandes, considerava aquele “um dos melhores trabalhos realizados sobre São Paulo, sendo sob muitos aspectos pioneiro na historiografia paulistana”⁶³ – obra portanto que merecia leitura cuidadosa. O sociólogo destacava como Morse, ao analisar as diversas esferas da existência, não elaborava “esquemas de interpretações causais” e nem mesmo postulava “uma integração orgânica entre elas”. O que, poderíamos

59 Levy Cruz participa da pesquisa de Pierson em Cruz das Almas, figurando como co-autor do trabalho ao lado de outros orientandos (*Cruz das Almas: A Brazilian Village*, Washington Smithsonian Institution, 1951). Morse esclarece a autoria dessa tradução nos Agradecimentos da 1ª Edição (op. cit., s/p.).

60 Florestan Fernandes, Resenha Bibliográfica: De comunidade à metrópole, Suplemento Literário, *O Estado de S. Paulo*, 20/10/1956, p.1). Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19561020-24991-nac-0010-lit-2-not>. Acesso em 30/05/2012. O Suplemento havia sido criado por Antonio Candido em 6 de outubro daquele ano, buscando-se evitar “o tom excessivamente jornalístico e o tom excessivamente erudito”, e foi dirigido por Décio de Almeida Prado. A resenha, portanto, sai no 3º número publicado. Sobre a importância do “Suplemento”, cf. Elizabeth Lorenzotti, *Suplemento Literário – Que Faltava Faz!*, São Paulo: Imprensa Oficial, 2007. Florestan, até então assistente na cadeira de Sociologia 2, se tornaria titular com o retorno de Roger Bastide à França nesse ano.

61 Fernandes, op. cit., 1956, p.1.

62 Id. Ibid.

63 Fernando Henrique Cardoso, s/t., *Revista Anhembi*. São Paulo, v. 26, n. 76, 1957, pp.351-3, p.351.

FIG.6 Resenhas do livro *De comunidade à metrópole, a biografia de São Paulo*: de Florestan Fernandes no Suplemento Literário do jornal OESP, 20/10/1956, p.1 e de Fernando Henrique Cardoso, na revista *Anhembi* n. 76, em 1957

acrescentar, o livro de ser compreendido na chave determinista de outras obras sobre a cidade que pareciam ver na história colonial o destino manifesto da metrópole. Para Fernando Henrique, o trabalho ajudava inclusive a perceber certos desajustes da metrópole, devido ao “seu ritmo desigual de crescimento e de transformação”, ressaltando como o autor tivera o cuidado em explicitar que não partilhava das análises sociológicas “mais duras” que viam a metrópole como “desintegrativa”⁶⁴, dando espaço a que os novos valores – sociais e morais – pudessem ser reelaborados na cidade. Com tudo isso, e levando em conta os objetivos a que o próprio autor se propusera, Fernando Henrique Cardoso verificava que ele os havia cumprido “por vezes até de forma brilhante”⁶⁵.

A despeito de não ter circulado comercialmente, essas resenhas nos levam a supor que a obra encontrou leitores, ao menos no circuito intelectual composto pelos professores e alunos da Universidade de São Paulo. Luís Jackson, ao analisar o papel “extraoficial” de Florestan Fernandes na condução da revista *Anhembi* editada por Paulo Duarte (1899-1984), que após 1954 passaria a

64 “Desintegrativa” como a viam os sociólogos de Chicago, notadamente Louis Wirth e Robert Redfield, esse último olhando para a América Latina e criando uma espécie de teoria sobre a penetração do mundo urbano nas comunidades rurais a partir da análise de quatro comunidades mexicanas na década de 1930 e 1940, como vamos ver, pondo à prova na própria pesquisa etnográfica as dicotomias teóricas clássicas: comunidade e sociedade.

65 Cardoso, op. cit., 1957, p. 353. Vale notar que o sociólogo criticava apenas a “conotação valorativa de certas explicações”, que implicariam na impossibilidade de ver surgir “tipos diferentes de integração social em formas de vida urbana aparentemente caóticas” – crítica que ele mesmo dizia não ser possível explorar no reduzido espaço da resenha, mas que pareciam ter a ver com o capítulo final do trabalho no qual Morse lidava com a metrópole contemporânea e pensava alguns caminhos possíveis para a sua urbanização.

ter colaborações cada vez mais frequentes do sociólogo e de seus assistentes – como a resenha que Fernando Henrique publicou – ajuda a precisar a importância desse texto na trajetória posterior do livro. Tanto *Anhembi* como a *Revista Brasileira*, situadas “a meio caminho entre os campos político e cultural”, teriam servido para o debate científico “em decorrência sobretudo da atuação de Florestan Fernandes, que delas se utilizou como ‘caixa de ressonância’ para a legitimação de seu projeto acadêmico”⁶⁶. Ainda que não seja o caso de desdobrar aqui os motivos dessa atuação, isso permite afirmar com mais segurança que não se tratava de uma resenha desinteressada do trabalho de um jovem estrangeiro sobre São Paulo feita por um sociólogo da USP em início de carreira, mas indício de uma certa concordância com a visão ali exposta da história da cidade, que valeria ser levada em conta por parte daqueles que estavam se tornando os criadores de uma “sociologia paulista” na universidade recém fundada⁶⁷.

O artigo que o próprio Florestan escreveu como homenagem aos 70 anos de Morse muitas décadas depois não deixa mais dúvidas sobre isso, ao reconhecer a maestria com que um jovem historiador norte-americano se apropriara da história da cidade, estabelecendo “uma das interpretações mais interessantes sobre o complexo desenvolvimento urbano” de São Paulo, sobretudo no que dizia respeito ao seu passado⁶⁸. Vale a pena recuperar um trecho mais longo desse novo comentário para precisar o ponto:

O primeiro trabalho de envergadura do historiador não é, necessariamente, um item superficial em sua produção. Como explicar o passo ousado de partir do ponto zero da “colonização” (assinale-se: não da civilização, pois as terras eram ocupadas por diversas populações indígenas) e tentar percorrer os altos e baixos da transformação da “comunidade” em “metrópole”? Não basta para isso a energia juvenil. Carece o talento maduro, manejado pela imaginação histórica que agregue capacidade de invenção, dedicação extrema à exploração de fontes e de bibliografias exuberantes e confiança de que certas tendências gerais à continuidade e à mudança possuem fundamento *in re*. Desse ângulo, o historiador jovem ultrapassa a categoria de idade – a competência, a argúcia e o espírito criador ganham a primazia e decidem o que será a obra.⁶⁹

66 Luís Jackson, “A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965)”, *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v.16, n.1, 2004 pp. 263-83.

67 A esse respeito, entre outros, cf. Maria Arminda do Nascimento Arruda, “Florestan Fernandes e a sociologia de São Paulo”. In: *Metrópole e Cultura. São Paulo no meio século XX*. Bauru: Edusc, 2001, pp. 189-330.

68 Florestan Fernandes publica o texto “O Historiador Enquanto Jovem”, que se detém sobre o livro de São Paulo publicado em 1954 e reeditado em 1970 em *Luso-Brazilian Review*, Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, v. 32, n. 2, Winter, 1995, pp. 89-92.

69 Id., p.90.

É certo que se tratava de um texto de homenagem e não de uma resenha feita no calor da hora, mas o fato da escolha de Florestan ter recaído sobre um “texto de juventude” não deve ser visto como apenas elogio desinteressado ou rememoração sobre um passado em comum de tempos já idos, e sim como reconhecimento da importância de um trabalho que o sociólogo paulista reputava pioneiro – ainda que surgido a partir de “alguns caminhos desbravados” –, constituindo um primeiro “estudo da formação e desenvolvimento da cidade como totalidade histórica”⁷⁰. Valorização, portanto, de um esforço de síntese que teria feito Morse para dar forma a uma longa e dispersa história, não apenas em relação à reunião de materiais difusos ou detalhes cotidianos da cidade – como a obra de Silva Bruno lançada contemporaneamente faz, pode-se aqui pensar –, mas em sua compreensão totalizante e provedora de sentido à vida urbana que se desenrolara em São Paulo durante os séculos. Esta, a característica mais importante ali notada.

Florestan porém não se eximiu, como a atividade de sociólogo militante requeria, de explicitar suas críticas e discordâncias – agora sim, vistas com a distância do tempo – em relação às análises de Morse sobre a metrópole contemporânea feitas naquela década de 1950. Do ponto de vista do sociólogo, elas perderiam a capacidade crítica de julgamento – notável em relação ao desenvolvimento histórico pregresso – em nome de um certo encantamento com a própria experiência do autor na metrópole paulista durante aqueles anos. O que na sua primeira resenha era visto de modo mais condescendente, como se percebe pela frase: “a análise se beneficia do estado de espírito a que se refere ao dizer que São Paulo é a cidade que ‘mais amo’, sem perder a profundidade e o rigor indispensáveis em trabalhos desse gênero de investigações positivas”⁷¹, seria então recusado e identificado como uma posição pouco desejável num trabalho “científico”.

Desde aquela primeira análise feita por Florestan Fernandes ainda na década de 1950, pode-se dizer que a obra foi construindo uma discreta porém consistente fortuna crítica. Em 1958, seguindo o caminho mais ou menos comum das boas teses defendidas na academia norte-americana, o trabalho foi publicado em inglês sob o título *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil* pela editora da Universidade da Flórida, universidade que tinha um programa de estudos latino-americanos já razoavelmente conhecido⁷². Nesta nova versão, pensada para um

70 Id., *ibid.*

71 Fernandes, *op. cit.*, 1956.

72 Para a preparação do manuscrito Morse contaria com duas bolsas, uma do *Council for Research in the Social Sciences* e a segunda do *Dunning Fund of the Department of History*, ambos da Universidade de Columbia (FCtM, s/p), onde o historiador ocupava àquela altura um cargo de docente.

público norte-americano, Morse transformou cada capítulo em parte, fazendo das seções de cada um deles um capítulo menor, reescrevendo a Introdução para apresentar o tema aos leitores não familiarizados com assuntos brasileiros. A edição também contava com nove fotografias – “cortesia do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo” – e três mapas, que ajudavam o leitor a localizar São Paulo na América e no Estado, bem como a compreender o espraiamento da mancha urbana desde a fundação⁷³. O autor acrescentou ainda um capítulo inicial, “Antecedents”, no qual retomou de modo mais detido a história colonial paulista abordada brevemente na Introdução de 1954 (que seguia a forma da tese de 1952) e, além disso, buscou diminuir o número de notas de rodapé ao apresentar as referências bibliográficas numa síntese única ao final de cada capítulo, auxiliando o leitor interessado em eventuais aprofundamentos com breves comentários para cada um dos temas e títulos abordados.

Essa nova edição também mereceu resenhas⁷⁴. Entre elas, a do geógrafo francês ex-professor da Universidade de São Paulo Pierre Monbeig, ele mesmo autor de importantes trabalhos sobre a cidade e sua região, como *Pionniers et planteurs de São Paulo*, resultado de sua tese de doutorado defendida na Sorbonne poucos anos antes, e *La Croissance de la Ville de São Paulo*, além de outros títulos sobre a geografia brasileira⁷⁵. Assim como Fernando Henrique e Florestan, Monbeig foi profícuo em elogios, reconhecendo que não se tratava *apenas* de um novo item na já extensa bibliografia sobre São Paulo, mas de uma contribuição fundamental para a compreensão da cidade, afirmando que o sucesso da empreitada era inquestionável⁷⁶. O geógrafo ressaltava a decisão acertada de se voltar ao passado mais remoto, para o século 16 mais precisamente, para se obter

73 As fotografias foram publicadas em duas folhas de papel couché, entre as páginas 176 e 177, sem paginação, e iam de uma imagem de 1860 (“Rua São Francisco”), chegando à “metrópole contemporânea” (“Vale do Anhangabaú e a arquitetura moderna”). Fotos cedidas pelo Departamento de Cultura, à exceção de três fotografias feitas pelo próprio Morse: um palacete neocolonial na Paulista, o velho sobrado da família Prado na Barra Funda e o pátio de um cortiço.

74 Da edição em inglês de 1958 pude encontrar as resenhas: W. A. Tate, Reviewed work(s): From Community to Metropolis: A Biography of Sao Paulo, Brazil. By Richard M. Morse, *International Affairs*, v. 35, n. 1, jan., 1959, pp. 134-5; Calvin Billman, *The Americas*, v. 15, n. 3, jan., 1959, pp. 318-20; Thomas M. Gale, *The Economic History Review*, New Series, v. 11, n. 3, 1959, p. 558 e a resenha de Pierre Monbeig citada a seguir. Pelos títulos dos periódicos, nota-se também o espectro de interesses que o livro despertou.

75 Pierre Monbeig, *Pionniers et planteurs de São Paulo*. Paris: Librairie Armand Colin, 1952; *La Croissance de la Ville de São Paulo*, Grenoble: Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953. Em *La Croissance* o geógrafo faz um histórico do crescimento urbano da cidade desde a sua fundação, focalizando especialmente os aspectos materiais e físicos daquela transformação.

76 Pierre Monbeig, Reviewed work(s): From Community to Metropolis: A Biography of Sao Paulo, Brazil. By Richard M. Morse, *The Hispanic American Historical Review*, v. 40, n. 1, fev., 1960, pp. 120-2.

FIG.7 *From community to metropolis: a biography of São Paulo, Brazil*: publicado nos Estados Unidos pela University of Florida Press em 1958, a edição apresentava um mapa do Estado na guarda, um mapa da cidade na folha de rosto, um mapa da América do Sul e fotografias diversas nas páginas do miolo

FIG.8 Livro *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole* (capa, índice e miolo, páginas 174 e 175): editado na Coleção Corpo e Alma do Brasil pela Difusão Européia do Livro (Difel) em 1970

o completo entendimento do papel contemporâneo da capital paulista – recuperando daquele passado ao menos uma característica para a explicação da futura metropolização: a irradiação da influência e do prestígio de São Paulo por sobre um vasto território desde o estabelecimento da vila jesuítica. Monbeig referia-se justamente ao capítulo acrescentado nesta nova versão, “Antecedentes” –, que dava maior peso à história colonial na economia do livro –, destacando dali uma característica apontada em seu próprio trabalho⁷⁷.

Mas foi a segunda edição em português, publicada em 1970 agora sob um novo título, *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*, a que circulou mais amplamente, tornando-se desde então a edição mais citada. Nessa nova publicação, além de manter o capítulo “Antecedentes” escrito em 1958 (ampliando-o, como veremos), e de escrever uma nova Introdução, situando o livro na perspectiva temporal entre as duas edições brasileiras, o autor acrescentou ainda um capítulo final, espécie de Epílogo que pretendia funcionar também como uma atualização bibliográfica⁷⁸. Os textos novos discutiam a bibliografia produzida durante as décadas que separavam a primeira desta edição, e buscavam precisar certas considerações feitas anteriormente de modo mais ou menos intuitivo, afirmando o lugar do autor como intelectual comprometido com um olhar abrangente para a América Latina e as suas condições de urbanização, históricas e contemporâneas, dando conta

77 Cf. Monbeig, op. cit., 1953.

78 “Ecologia, Sociedade, Cultura: reconsideração de alguns temas (1968)”. Atualização essa fundamental, na medida em que neste arco temporal – 1950-1970 – toda uma produção sobre a cidade latino-americana havia aparecido, cf. Adrian Gorelik, “A produção da ‘cidade latino-americana’”, *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 17, n. 1, 2005, pp.111-33.

FIG.9 Volumes da coleção Corpo e Alma do Brasil: *Brasil terra de contrastes* (1959); *Mudanças Sociais no Brasil* (1960); *A industrialização da metrópole* (1972) e *Raízes da concentração industrial em São Paulo* (1977)

do lugar de Morse na academia. Não mais um recém doutor que estudara a história de uma capital latino-americana, mas o professor de História da América Latina e *Chairmain* do *Latin American Studies Program* da prestigiosa Universidade de Yale.

Editado na coleção Corpo e Alma do Brasil dirigida pelo mesmo Fernando Henrique Cardoso, agora ele também um renomado sociólogo, o livro seria publicado ao lado de títulos que se tornaram referências no pensamento social brasileiro, como *Brasil, terra de contrastes* (1959) de Roger Bastide (1898-1974); *Mudanças sociais no Brasil* (1960) de Florestan Fernandes; *A industrialização de São Paulo* (1971) de Warren Dean (1932-1994); *O modelo político brasileiro* (1972) do próprio Fernando Henrique, ou *Raízes da concentração industrial em São Paulo* (1977) de Wilson Cano⁷⁹. Pode-se sugerir que a mudança do título – de *biografia* para *formação* – buscava explicitar os laços daquela obra com a tradição do pensamento social brasileiro representada na coleção, e, de novo e mais importante, reafirmava por parte do editor a leitura da obra como contribuição ao entendimento da própria sociedade, apoiada essencialmente em torno da passagem não apenas da comunidade à metrópole, mas da colônia à nação⁸⁰. A edição contou com uma “Nota explicativa” de certo modo a substituir os “Agradecimentos” da primeira, e com a orelha assinada por Maria Sylvia de Carvalho Franco, “que traduziu as revisões do texto original”, complementando o trabalho de

79 Vale a pena lembrar, Fernando Henrique a essa altura estava próximo dos temas urbanos, por sua participação na Cepal ao lado de muitos intelectuais latino-americanos que viam o problema da urbanização como central para o desenvolvimento daqueles países .

80 Para uma discussão sobre o conceito de *formação*, cf. Paulo e Otília Arantes, *Sentido da Formação. Três estudos sobre Antonio Candido*, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Antonio Candido como tradutor dos acréscimos. Nesse breve texto a socióloga contemporânea de Fernando Henrique afirmava a contribuição da obra para uma certa “revisão teórica”, afastando-a das “interpretações convencionais” que dicotomizavam a formação brasileira entre um período agrário atrasado e outro, urbano moderno. Isso porque – como vamos ver – partindo “do pressuposto de um intrincado relacionamento entre formações rurais e urbanas, de identidades que se constituíram, e não de uma pretendida oposição de sentido histórico entre os dois setores”, Morse entenderia a própria colonização como um processo também urbano. Maria Sylvia elogiava a “sensibilidade do Autor na escolha de temas importantes para a história do Brasil” e o “cuidado e a coerência nas posições teóricas envolvidas”, deixando claro a importância desse livro para a reconstrução da “gênese e [...] desenvolvimento da cidade de São Paulo até os dias presentes”⁸¹.

Ainda que dessa última edição não tenham sido encontradas resenhas, ter sido lido, comentado e editado por nomes fundamentais do campo intelectual paulista não contou pouco na trajetória do livro. Ao longo de todos esses anos, sem muito alarde nem repercussões polêmicas⁸², a obra foi sendo de certa forma consagrada por meio de cada uma dessas leituras, ocupando o lugar de explicação da história do crescimento excepcional da capital paulista. Do meu ponto de vista, contudo, a despeito das intenções do autor, o trabalho acabou se tornando um “clássico” da história de São Paulo menos pelas suas qualidades interpretativas, que são inegáveis, que por fornecer imagens, exemplos e dados de maneira sintética, não apenas sobre a cidade mas sobre as ações dos paulistas em geral. Morse elaborou um ensaio de interpretação histórica que até hoje encanta e convence seus leitores como a história urbana de São Paulo, ao qual se retorna para buscar informações, comprovar intuições e legitimar afirmações. Valendo-se de uma narrativa habilidosa que mesclou registros ao alternar juízos explicativos, discursos e opiniões – como veremos no capítulo 1 –, Morse definiu a história da evolução urbana de São Paulo. Mas o fato de ter buscado na cultura uma chave de compreensão daquele passado – como discuto no capítulo 2 – não parece ter sido devidamente valorizado ou sublinhado. E mais, se para o próprio historiador o livro acabou

81 Maria Sylvia é autora do livro *Homens livres na ordem escravocrata*, publicado em 1969 e originado em sua tese de doutorado “Homens Livres na Velha Civilização do Café” defendida em 1964, sob a orientação de Florestan Fernandes. Nesse livro ela discordava do entendimento que a modernidade se estabelecerá por um embate com a estrutura agrária arcaica, defendendo que as formas tradicionais de poder econômico e político geradas ao longo do processo colonizador dificilmente seriam compreendidas se não fossem tomadas como parte tributária do sistema capitalista mundial. Como orientanda de Florestan e logo professora na USP fazia parte da construção de um pensamento crítico na universidade.

82 Como seria o caso do livro *O espelho de Próspero: cultura e ideias na América* lançado nos anos 1980 (no México pela Siglo XXI em 1982 e no Brasil pela Companhia das Letras em 1988).

sendo também uma plataforma para um programa de estudos, ao ver em São Paulo um exemplo de desenvolvimento para a cidade latino-americana – como tentarei mostrar no capítulo 3 –, tampouco essa leitura sobre a cidade parece ter dado frutos por aqui. Tais apostas não parecem ter sido levadas mais a sério pelos seus leitores, na medida em que não se notam desdobramentos das hipóteses acerca do lugar de São Paulo na América Latina, nem dos métodos interpretativos a partir da cultura que ali se anunciam, ao menos até a renovação historiográfica que chega ao Brasil nos anos 1980 – e que passa a incluir a literatura de forma mais frequente nos estudos urbanos –, mas certamente bebendo de outras fontes⁸³.

Passado mais de meio século desde sua primeira publicação, o que se nota é uma espécie de naturalização da história que Morse apresentou sobre a evolução urbana de São Paulo⁸⁴. O trabalho da socióloga Maria Arminda do Nascimento Arruda sobre a cidade na década de 1950, *Metrópole e cultura: São Paulo no meio-século*, é nesse sentido paradigmático⁸⁵. Tomando o IV Centenário como um evento condensador da experiência da metropolização vivida naqueles anos na capital paulista, e tendo na perspectiva cultural a chave de entendimento da metrópole, a socióloga se vale do trabalho de Richard Morse como bibliografia para reforçar seus argumentos, sem jamais encará-lo como um potencial documento, a despeito do livro ter sido lançado pela primeira vez pela Comissão do IV Centenário e do fato da autora comentar brevemente essas publicações.

83 Sobre essa “renovação”, cf. Vainfas, op. cit., pp. 127-62 e para o campo específico da história urbana, mas dedicando pouco espaço ao Brasil, Ronald Raminelli, “História urbana”. In: Cardoso e Vainfas (Orgs.), op. cit., 1997, pp.185-202. Penso em livros como o de Flora Süssekind, *As Revistas de Ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 ou de Nicolau Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992, como exemplos que propuseram novas compreensões do Rio ou São Paulo partindo da literatura ou da cultura em geral, apoiando-se nos estudos culturais que aportam no Brasil na década de 1980. Maria Alice Rezende de Carvalho parece ser a exceção que confirma a regra, ao ter em Morse um norte para pensar a cidade (op. cit., 1994). Arturo Almandoz e Adrián Gorelik notam alguma continuidade do trabalho de Morse em autores como José Luis Romero e Ángel Rama, na mobilização da relação entre cidades e literatura. Cf. Gorelik, op. cit., 2004 e Almandoz, op. cit., 2002.

84 Roberto Schwarz já disse certa vez que os livros que se tornam clássicos de imediato, “às vezes pagam por isso, ficando sem o debate que lhes deva corresponder”. Roberto Schwarz, “Os sete fôlegos de um livro”. In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 46. De certo modo, a afirmação lança luz na experiência aqui em foco.

85 Inspirando-se declaradamente em *Viena fim-de-século* (1980) de Carl Schorske, Maria Arminda busca compor um “retrato polifônico” da capital paulista em 1950, e com isso dedica capítulos a distintas manifestações culturais da e na cidade, como o teatro de Jorge Andrade, a sociologia de Florestan Fernandes e as vanguardas concretas e os museus de arte. O primeiro capítulo, “Tempos, lugares, sociabilidades”, focaliza mais detidamente as comemorações do IV Centenário e funciona como uma espécie de “apresentação” da cidade naquela década (Arruda, op. cit., 2001, pp. 49-133).

Além disso, a perspectiva cultural explícita no trabalho de Morse como eixo privilegiado de análise da cidade em nenhum ponto é ressaltada pela socióloga, ainda que talvez ela tome dali alguns *insights*, pois seu trabalho pretende justamente discutir e formular a identidade “cultural” da cidade nos anos da sua metropolização⁸⁶.

Esse exemplo poderia ser desdobrado em outros, mas minha intenção é apenas ilustrar por meio dele como o livro de Morse vem sendo tomado como fonte obrigatória da história da cidade, ressaltando que se pouco se discutiu seu conteúdo, menos ainda se tratou da sua forma, o que acaba por nublar afinal porque o livro tem importância e qual a sua potência como obra de explicação da cidade. Deste modo, o que me interessa tratar aqui é a maneira como Morse enfrenta seu objeto, a cidade, no que diz respeito ao estabelecimento de uma história cultural urbana de São Paulo – definindo o que ele entende por cidade, identificando as fases da sua história, e em seguida explorando de que forma ele compreendeu a evolução urbana, por meio da literatura (ou da cultura) mas também dentro de um debate das ciências sociais e da crítica urbana –, para poder indicar porque o livro ocupa esse lugar. O objetivo é dissecar a própria arquitetura do livro – ou dos livros – já que a cada edição algo era revisto e repensado, acrescentado ou recolocado, refletindo de certo modo a trajetória de um autor que de pós-graduando na Universidade de Columbia em 1947 vai se tornar professor de Yale na década de 1960, transformando-se ele mesmo em figura-chave para a constituição do campo de história urbana dali em diante, ao menos para a América Latina.

Richard Morse, filho único de uma família de negociantes de chá, nasceu em Summit, subúrbio rico de New Jersey, em 1922, o ano mítico da publicação do *Ulisses* de Joyce e do *Waste Land* de Elliot, mesmo ano em que jovens escritores e artistas se reuniam em São Paulo num festival vagamente inspirado em seu congênere nova-iorquino para lançar as bases do que seria o Modernismo brasileiro⁸⁷. Aos dez anos, mudou-se com a família para outro dos subúrbios-jardim

86 Uma cidade, como a autora destaca, que viveu naqueles anos o nascimento dos museus de arte (MAM e MASP), a criação da Bienal de Arte e de Arquitetura, um *boom* teatral que ia do Teatro Brasileiro de Comédia ao Oficina, passando pelo Arena e pela criação da EAD, que constituiu uma empresa cinematográfica (Cia. Vera Cruz) que pretendia rivalizar com Hollywood, e que, na Universidade de São Paulo, via os primeiros alunos formados na Faculdade de Filosofia ocuparem os postos de professores universitários, tornando-se responsáveis pela criação de um pensamento científico autônomo. Cf. Arruda, op. cit., 2001.

87 Morse gostava de se referir a essa “coincidência” para reforçar seu apreço e identidade de interesses com o movimento paulista. As informações biográficas constam das entrevistas concedidas por Morse ao longo da carreira (Goodwin, Hamill e Stave, op. cit., 1976; Bomeny, op. cit., 1989; Mehy, op. cit., 1990), completadas pelas pesquisas em Columbia e em seu acervo em Yale (Series II a IV, RMM Papers, M&AL, YU) e pelas entrevistas e conversas com contemporâneos, alunos e pesquisadores, como Antonio Candido (São Paulo, 16/03/2010), Pedro Meira Monteiro (São

norte-americanos, desta vez na Nova Inglaterra⁸⁸. Em Greenwich, Morse estudaria num colégio de elite da região até seguir no início dos anos 1940 para a Universidade de Princeton – como seu pai e seu avô antes, e como seu filho tempos depois⁸⁹. Nesse caminho mais ou menos típico dos filhos da elite norte-americana branca, protestante e anglo-saxã, Richard Morse entretanto tomou alguns desvios. Após seu primeiro posto como docente em Columbia em 1949⁹⁰, Morse passou por algumas universidades – esteve na Universidade de Porto Rico e foi professor visitante em Harvard e na New York University – até se estabelecer na Universidade de Yale, em New Haven, em 1962, onde permaneceu por 17 anos. Nesses meio tempo, casou-se com a haitiana Emerante de Prandines em 1954, com quem teve dois filhos, vivendo com a família nos Estados Unidos, em Porto Rico, e por um breve período no Haiti⁹¹. Nos anos 1980, o historiador esteve na Universidade de Stanford, na Califórnia (entre 1979 e 1984) e posteriormente se transferiu para Washington, onde se tornou Secretário do *Latin American Affairs* do *Wilson Center*, centro de pesquisa associado a *Smithsonian Institution*⁹². Voltaria ainda ao Brasil por um curto período de tempo como consultor da Fundação Ford, quando ocupou a direção da Comissão de Desenvolvimento Urbano e Regional, vivendo desta vez no Rio de Janeiro⁹³.

Neste trabalho me interessa mais de perto o período que vai de seu doutoramento em Columbia à docência em Yale, na medida em que ele coincide com o intervalo entre as duas edições em português do livro de Morse – 1954 e 1970. Mas para compreender como seu tema de pesquisa surge, é necessário voltar à década de 1940, anos da sua graduação em Princeton e de um primeiro

Paulo, 12/08/2010 e Princeton, 15/10/2010); Arcádio e Alma Diaz-Quñones (Nova York, 17/10/2010), Dain Borges (Chicago, 02/11/2010), Matthew Shirts (São Paulo, 22/02/2011), Carlos Guilherme Mota (São Paulo, 28/06/2011), Beatriz Domingues (São Paulo, 22/07/2011 e Juiz de Fora, 28/06/2012), Fernando Novais (São Paulo, 21/11/2012).

88 Sobre o significado da vida nos subúrbios americanos, cf. Kenneth Jackson, *Crabgrass Frontier. The Suburbanization of the US*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1985. Neste trabalho o autor recupera não apenas a sociabilidade da vida norte-americana a partir daqueles bairros novos, como em meio a sua longa história de constituição, estabelecimento e crítica, retoma com interesse o imaginário suburbano norte-americano que se engendra nesta que foi (e é) a forma mais comum de se morar daquele país.

89 Morse seria contemporâneo de George Bush pai na Greenwich Country Day School em Greenwich, Connecticut.

90 Onde deu aulas até 1958.

91 Permaneceu casado com ela até sua morte em 2001. Emerante des Prandines vive hoje em Port-au-Prince, no Haiti, com seu filho Richard August Morse. A filha Marise Morse vive em Washington.

92 Fundada no século 19, a *Smithsonian Institution* congrega diversos museus e centros de pesquisas nos Estados Unidos. Entre eles, o *Wilson Center*, instituto independente de pesquisa que oferece programas de aperfeiçoamento e bolsas de estudo em diversas áreas.

93 Viria também algumas vezes ao Brasil para participar de reuniões e congressos.

trabalho sobre São Paulo feito em Columbia. Foi nessa universidade que Morse começou a dar aulas, tornando-se assistente da cadeira de História da América Latina dirigida por Tannenbaum, ainda enquanto redigia a tese. E foi em Yale, como *associate professor* – onde permaneceu por quase vinte anos – que ele redigiu os novos textos que ampliaram a edição de seu livro em 1970, devedores de um debate no qual ele próprio foi ao mesmo tempo um dos protagonistas e também seu intérprete. Pertencendo à elite universitária norte-americana e circulando como aluno e depois como docente pelas principais universidades e instituições acadêmicas daquele país, nota-se que Morse pôde emitir opiniões pouco-ortodoxas em relação ao lugar da América Latina com a segurança que sua formação e posição no campo lhe davam⁹⁴. Se seu interesse precoce pelo continente latino-americano e pela cultura ibero-americana o levou a escolher temas menos centrais ao debate historiográfico – num país em que os principais historiadores se dedicavam a compreender a história do país como se esse fosse uma ilha – isso fez também com que o autor construísse uma perspectiva “interna” à própria América Latina, como se nota em sua obra sobre São Paulo, buscando analisá-la em seus próprios termos. Nesse sentido, é também informada pela trajetória desse autor que busco compreender seu livro, ou melhor, seus livros, como construção de uma história cultural urbana de São Paulo. Uma história que partiu de elementos já trabalhados por outros historiadores (sejam eles cronistas, diletantes ou acadêmicos) mas que, com ênfases e objetivos distintos, consagrou uma história da cidade que nos coloca questões até hoje.

94 Cf. Pierre Bourdieu, “Algumas propriedades dos campos”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 89-94.

CAPÍTULO 1 **DA EMPRESA BANDEIRANTE À CIDADE INDUSTRIAL**
A HISTÓRIA URBANA DE SÃO PAULO

IDEAL BANDEIRANTE

Tome este automóvel

E vá ver o *Jardin New-Garden*

Depois volte à Rua da Boa Vista

Compre o seu lote

Registre a escritura

Boa firme e valiosa

E more nesse bairro romântico

Equivalente ao célebre

Bois de Boulogne

Prestações mensais

Sem juros

Oswald de Andrade, *Pau-Brasil*, 1925

DEPOIS DE PASSAR POUCO MAIS DE UM ANO em São Paulo entre 1947 e 1948, reunindo material para sua tese de doutorado, o historiador norte-americano Richard Morse publicou o livro que acabou se tornando um dos mais importantes trabalhos sobre a história da capital paulista: *De comunidade à metrópole: biografia de São Paulo*, mais conhecido talvez pelo título de sua segunda edição no Brasil, *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*¹. Nesse ensaio Morse repassa a história de São Paulo ao longo dos séculos mobilizando fontes as mais diversas, de documentos oficiais aos acervos privados, da literatura aos trabalhos científicos, incluindo canções e pregões, cartas, notícias e anúncios de jornal, e tudo mais que pudesse, ao ser ordenado e analisado, recompor a vida na cidade. O autor constrói um panorama da evolução urbana de São Paulo enfocando mais detidamente o período imediatamente anterior à Independência até a década de 1920, estendendo em alguns pontos os seus comentários à cidade contemporânea, retrocedendo em outros ao período colonial.

Na metrópole caleidoscópica de hoje ninguém toma conhecimento direto do fluxo de produtos e de pessoas que a todo instante entra e sai do centro. Mas, em tempos mais antigos, qualquer vadio sabia quando entrava na cidade pela Rua do Piques um carregamento de açúcar

1 Richard Morse esteve no Brasil de setembro de 1947 a dezembro de 1948, a maior parte do tempo em São Paulo, visitando brevemente também Rio, Salvador e Porto Alegre. A primeira edição em português, *De comunidade a metrópole: biografia de São Paulo*, é de 1954 e a segunda, *Formação histórica de São Paulo: de comunidade a metrópole*, de 1970. Entre as duas, há a edição em inglês, *From community to metropolis: biography of São Paulo, Brazil*, publicada em 1958. Doravante os livros serão citados como *DCaM*, *FhSP*, *FCtM* respectivamente, seguido do número da página, entre parêntesis, no corpo do texto.

vindo de Itu em mulas. Mesmo a visita de um estrangeiro era publicamente registrada: a chegada de Mawe em 1807 atraiu uma chusma de crianças, que contavam seus dedos para ver se ele tinha o mesmo número que elas. (*DCaM*, p. 23; *FhSP*, p.44)

As técnicas italianas começaram a dominar a cidade durante as primeiras décadas de sua expansão e eram bem distintas daquelas dos pedreiros portugueses, que implantaram seu estilo no Rio, ao longo do litoral e em outras regiões. Os italianos preferiram, por exemplo, os alicerces de tijolo aos de pedra, e na carpintaria usavam pregos ao invés de parafusos, o que tinha o efeito de mudar as possibilidades estruturais de certas madeiras. (*DCaM*, p.202; *FhSP*, p.255)

Muitos grã-finos são *parvenus* desprovidos de raízes culturais, a gozarem lucros excessivos francamente onerados por impostos. Seu ritmo mais acelerado de vida fez com que um complexo norte-americano de *martinis*, clubes noturnos, *Cadillacs* e fins-de-semana esportivos substituísse as afetações francesas do passado recente. (*DCaM*, p.235; *FhSP*, p.294)

Os trechos acima citados, escolhidos entre tantos outros, são exemplos de como Morse conseguiu dar vida à capital paulista ao captar nuances da transformação da cidade ao longo dos séculos por meio de detalhes que às vezes podem parecer secundários, mas que em seu conjunto pretendiam explicar o que teria levado a pequena vila de São Paulo de Piratininga ao posto de principal cidade latino-americana na década de 1950. Um primeiro tema – ou entrada – que gostaria de abordar é o fato do livro de Morse ser uma história da cidade de São Paulo e, desse modo, poder ser tomado como um livro de história urbana. Defendo aqui uma noção alargada da história urbana, considerando-a não a partir de um campo de estudos formalmente reconhecido por seus pressupostos teóricos e metodológicos, antes uma intenção de compreensão da cidade, da vida na cidade e do processo de urbanização que pode ser encontrada por exemplo nas disciplinas que se ocuparam do desenho e da administração das cidades ou do território, na história econômica e social, na geografia ou na arqueologia, nas histórias da arte e da arquitetura e do urbanismo, e que a partir do início do século 20 passou a contar com as ciências sociais que logo tomaram a cidade como objeto de estudo².

2 Pode-se incluir entre esses trabalhos os de Fustel de Coulanges, *La Cité Antique* [A cidade antiga] (1864), Marcel Pöete, *Paris de sa naissance à nos jours* (1924) ou Henri Pirègne, *Les villes au moyen age* [As cidades da Idade Média] (1927). Mas também trabalhos como o de Camillo Sitte, *Der Städtebau nach seinen künstlerischen Grundsätzen* [A construção das cidades segundo seus princípios artísticos] (1889) ou de Ebenezer Howard, *Garden Cities of Tommorrow* [Cidades-jardim de amanhã] (1902) – primeiras teorizações sobre a urbanização e o desenho das cidades –; bem como a potente reflexão de Walter Benjamin sobre a Paris do século 19, presente nos *Exposés* (1935 e 1939) e publicados em *Passagenwerke* [Passagens] (1927-1940) (ainda que sua pretensão fosse explicar a própria modernidade), todos eles mais que sugestivos para se pensar a história das cidades. A esses se juntam autores explicitamente comprometidos com as ciências

Esse é o campo ampliado onde o trabalho de Richard Morse sobre São Paulo se inscreve, e não à toa sua obra tem sido bibliografia obrigatória para qualquer um que escreva sobre a cidade ainda hoje. Seus exemplos, explicações e sugestões sobre a evolução urbana são recorrentemente mobilizados nas narrativas sobre a capital paulista e os argumentos ali expostos, tomados muitas vezes como apoio para compreendê-la nos novos estudos. Resta responder porque o livro de Morse alcançou esse *status*. Por apresentar uma versão da história da cidade de São Paulo que nos convence? Por reunir dados de artigos dispersos de historiadores de outros tempos e viajantes de muitas épocas que nos poupa de pesquisas mais aprofundadas? O que faz o livro, afinal, ter uma vida tão profícua e longa? É certo que o grosso dos trabalhos científicos sobre São Paulo publicados após o aparecimento do livro de Morse foi sobre o período pós-1870, e que apenas mais recentemente é que o período colonial paulista começou a ganhar mais relevo entre as pesquisas científicas³. Portanto essa obra, que trata da passagem da vila à metrópole com foco no desenvolvimento urbano do século 19 em diante, tem interesse aí, já que pode ajudar a compreender no geral o que os outros trabalhos buscaram tratar no específico. O que não se duvida é que a abordagem de Morse da cidade ainda cativa o leitor. Mas exatamente como? Vimos que ele foi ganhando o lugar de clássico nas leituras posteriores, mas pouco se aprofundou em uma análise que nos auxiliasse a entender o porquê. Algumas críticas ressaltam pontos importantes, certos autores retomam a obra sobre São Paulo na compreensão da trajetória do historiador, no entanto, ela não parece ter sido alvo de uma investigação mais aprofundada.

Minha intenção neste primeiro capítulo, com a pretensão de levar adiante estas questões, é discutir o livro de Richard Morse em suas diversas edições, sua forma e suas opções ou

sociais, como Georg Simmel, *Die Großstadt und das Geistesleben* [As grandes cidades e a vida do espírito] (1903); Robert Park, *The City* [A cidade] (1915) ou Max Weber, *Die Stadt* [A cidade] (1921), cujos textos também podem ser tomados como contribuições a essa história. Na América Latina, os trabalhos de José Luis Romero, *Latinoamérica: las ciudades y las ideas* [América Latina: as cidades e as ideias] (1972) e de Ángel Rama, *La ciudad letrada* [A cidade das letras] (1983) são fundamentais. A esse respeito, cf. Ronald Raminelli, “História urbana”. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e método*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, pp.185-202; e Arturo Almandoz, “De Fustel de Coulanges a Lewis Mumford: encuadre historiográfico de antecedentes de historia urbana”, *Urbana*, Caracas, v.8, n.32, jan., 2003, pp.57-73. (http://www2.scielo.org/ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0798-05232003000100004&lng=en&nrm=iso). Acesso 02/23/2010.

3 Cf. os artigos publicados em Maria Lucia Perrone Passos (org.), *Cadernos de História de São Paulo*, Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade, n. 1, MP USP, São Paulo, 1992, que passam pelas humanidades: história, sociologia, antropologia, economia, geografia e urbanismo, apresentando uma revisão bibliográfica sobre São Paulo em cada um dos campos, sobretudo após o estabelecimento da pós-graduação universitária.

escolhas temáticas e metodológicas, a partir de uma entrada determinada – a história urbana –, buscando compreender como o mesmo é constituído numa trama de construções historiográficas, pesquisas de novas fontes e recriação de sentido para o trabalho intelectual no mundo contemporâneo. Apresento a sua estrutura, discuto as principais fontes e os diálogos estabelecidos, seja com a historiografia anterior, seja com os novos olhares para a São Paulo como objeto de estudo que se consolidavam nos anos 1940 e 1950, com a intenção de compreender a relação entre essa obra e as discussões que amparam a sua concepção e com aquelas que começam a surgir nas décadas seguintes. Ao sublinhar a tese central que organiza e quer explicar a história da evolução urbana da cidade, exposta nas diversas edições do livro, busco precisar as diferenças explicitadas em cada uma delas, sobretudo no que diz respeito as suas intenções, para de algum modo avaliar e sugerir sua potência.

1. CIDADE COMO VIDA INTELECTUAL

A pergunta inicial que Richard Morse fez a si mesmo – sem dúvida impactado pelo intenso processo de modernização vivido por São Paulo no final dos anos 1940, assim como os cientistas sociais que também olhavam para a cidade produzindo teorias e interpretações – foi “qual a razão do desenvolvimento desta dinâmica metrópole originada de uma modesta povoação do século passado, para que tivesse um desenvolvimento tão assombroso?”⁴. Havia, prosseguia Morse, os que ligavam a história da cidade à história do Estado, e essa à do Brasil – mas em se levando adiante o raciocínio, “a história do Brasil se ligava à do mundo, e à de toda humanidade”. Como então chegar a um meio termo? “Como selecionar da infinidade de fios que entretecem a história humana aqueles que devem ser utilizados na composição de um padrão para os fins que temos em vista?”. Ele mesmo sugeria uma resposta: “o comportamento e as realizações do Homem podem ser investigados diretamente na mente do próprio Homem”. Para Morse, estradas de ferro ou indústrias surgiram “porque corresponde[ra]m a determinados valores de determinados homens em determinado tempo”. O historiador reconhecia que “as formas de vida e a escala de valores dos paulistanos mudaram completamente durante os 60 anos que se seguiram

4 Richard Morse, “São Paulo: raízes oitocentistas da metrópole” (Trad. Rosa Rosenthal). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1950 (separata); publicado também em *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, n. 14, 1950, pp. 453-87 [3-35]. As citações do parágrafo pertencem todas a este texto.

à Independência”, apontando a incontornável relação entre “italianos, estradas de ferro e café” e “o Grande Hotel, os bilhares, a Academia de Direito”, mas pretendendo estabelecer os nexos entre cada um desses acontecimentos e não apenas reconhecê-los como partes mais ou menos autônomas do processo de modernização que levava à urbanização⁵.

Mas o que definia uma cidade? Essa “a primeira pergunta que não se pod[ia] perder de vista” ao se buscar compreender a história de qualquer cidade⁶. Todos aqueles que trabalhavam com os aglomerados urbanos, desde o início do século, elaboravam definições próprias, de um Robert Park (1864-1944) ou um Louis Wirth (1897-1952) em Chicago, para pensar a metrópole contemporânea, até um Patrick Geddes (1854-1932) em Edimburgo ou um Lewis Mumford (1895-1990) em Nova York, para pensar a cidade na história e o seu papel no presente. Morse não se furtou a responder a questão, buscando inicialmente indicar como as cidades até então eram entendidas:

Para muitos a conotação imediata é física (prédios, transportes, massa de pessoas, atividades) – portanto vamos ver os recenseamentos, quadros de população, número e tipos de construções, dados sobre trânsito, etc... Para os anos anteriores às estatísticas, informações deduzidas dos viajantes, documentos oficiais, jornais, etc...

Não tendo dúvida de que para compreender de fato as cidades era necessário compreender também a história da região em que elas se encontravam, o norte-americano ressaltava como São Paulo, seu objeto de estudo, *não* podia ser entendida apenas como “um fenômeno isolado como uma pedra numa praia arenosa”:

Seus fundamentos, a natureza e o grau de seu desenvolvimento, e suas funções, conduzem-nos a estudar a região global em que ela se assenta, [sabendo que] por 400 anos sua vida [havia sido] condicionada por sua posição de centro das rotas de comércio que ela drenava e distribuía para uma vasta região econômica.

5 De modo semelhante Schorske, no texto de Introdução ao hoje fundamental *Viena fim-de-século*, reconhecendo as duas dimensões importantes no trabalho histórico, a sincrônica e a diacrônica, afirmava que “o fio diacrônico é a urdidura, e o sincrônico é a trama do tecido da história cultural” e imputava ao historiador esse papel: “o historiador é o tecelão, mas a qualidade do tecido depende da firmeza e cor dos fios”. (Carl Schorske, *Viena fim-de-século: política e cultura* (Trad. Denise Bottmann). São Paulo/Campinas: Companhia das Letras/Ed. Unicamp, 1990, p. 17.)

6 Richard Morse, “O pesquisador social e o historiador moderno”, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 113, 1949, pp.36-52, p.40 (republicado parcialmente em inglês como “The Modern Scholar and the Americas”, *Political Science Quarterly*, The Academy of Political Science, v. 65, n. 4, dez., 1950, pp. 522-537). Tratava-se, segundo informa o próprio texto, de uma conferência proferida na Faculdade de Filosofia de Curitiba em 6/11/1948. As citações seguintes são parte desse artigo.

Para o historiador, o foco do estudo de uma cidade devia ser portanto “o modo de vida da população”, ou, “a maneira como homem e meio interagem”. Sem fixá-la numa descrição rígida – pois que se corria o risco de reduzi-la –, Morse apontava para a compreensão de um processo de duração longa, definindo a cidade pela *vida urbana* que ali se estabelecera. Não que a materialidade da sua arquitetura e da sua urbanização fossem descartadas, muito pelo contrário. Vamos ver aqui como arquitetura e urbanismo são em diversas passagens temas fundamentais que o permitem entender melhor a cidade. Mas a real compreensão da materialidade arquitetônica e urbana só se dava quando entendida como interação entre homem e meio. Dito de outro modo, o artefato urbano era alvo de uma análise particular, mas só poderia ser de fato inteligível se tomado também como campo de tensões. E mais que isso, era por meio das suas representações (de onde a cultura ganhava centralidade na análise) que se podia chegar de forma mais direta a esse entendimento⁷. Como na cidade de São Paulo – parafraseando Morse – teria sido a partir do século 19 que as opiniões se fragmentaram, que o conceito de progresso fora assimilado, que a chegada de estrangeiros implicara na incorporação de novos valores, e que o espírito do novo tempo e o próprio desenvolvimento material havia levado seus habitantes a tomarem uma nova consciência de si mesmos (tomando-se a cidade como um campo de conflitos, podemos acrescentar), apenas o “talento” (a palavra é dele) do historiador é que poderia ser capaz de juntar estudos científicos e descrições de época para dar um sentido geral que se traduzisse numa narrativa histórica⁸.

A pergunta seguinte que o historiador então se colocava era como dar sentido para acontecimentos de ordens tão diversas. Como dar-lhes “coerência, drama, finalidade”?⁹ Justamente, diz ele, pela definição do *ethos* paulista – pela compreensão dessa espécie de substrato cultural presente na comunidade – que a despeito de ter características quase perenes, moldava-se ao longo do tempo às novas injunções, permitindo ou mesmo dando suporte às transformações. Para Richard Morse a história da cidade se dividiria em fases – como queriam seus demais intérpretes –, que correspondiam a determinado *ethos*, mas não exatamente nas três etapas consagradas pela historiografia paulista até então, que alternava pujança, decadência e pujança na explicação de São Paulo.

Na introdução do livro de 1954 o autor justificou seu interesse por São Paulo, destacando o papel da cidade como fenômeno urbano, “assunto flagrante para consideração por parte

7 Cf. Ulpiano T. Bezerra de Menezes, “Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana”, *Revista USP*, São Paulo, n. 30, jun-ago, 1996, pp. 145-55.

8 Morse, op. cit., 1949, p.42.

9 Id., p.39.

do moderno cientista social” (DCaM, p.14). Reconhecia que a temática – a passagem do mundo rural para o mundo urbano – vinha sendo bastante discutida nos estudos das ciências humanas, mas tinha ressalvas a trabalhos que quer por sua rigidez sociológica, quer por pressupostos distintos inerentes à disciplina, não pareciam ser suficientes para de fato explicá-la, fornecendo apenas “evidências escassas ou secundárias” (DCaM, p.14) para a compreensão da sua evolução urbana. Num desses artigos publicados ao longo da preparação da tese o autor havia buscado precisar o ponto. Ainda que “com as descobertas científicas e a cientifização das análises sociais” se pudesse cobrir cada vez mais áreas de conhecimento, “a simples acumulação de informação não [seria] em si mesma esclarecimento”¹⁰. Morse via tais estudos (demográficos, estatísticos, sociológicos, etc.) como abordagens válidas porém insuficientes, e imaginava outra forma de compreensão do fenômeno urbano ao propor uma definição de cidade que incorporasse a dimensão “intelectual”.

Contrapondo o historiador ao cientista social, Morse defendia estar o primeiro mais apto a captar o sentido geral das cidades. Em seguida, assinalava o papel da literatura na definição desse sentido. Deve-se notar que se tratava de um momento de tensionamento do papel do historiador e o autor fazia uma espécie de defesa do ofício frente aos cientistas sociais¹¹. Se a história compreendia os diversos campos da cultura para buscar o entendimento do passado, porque não se arriscar a também pensar o presente? Para Morse, os estudos de comunidade, que eram a última palavra nos estudos sociais urbanos da época, haviam reduzido as cidades, como objeto de estudo, apenas a “categorias de análise (família, religião, economia, estrutura de classes, etc.)” (DCaM, p. 15). Sua intenção era outra. Podia valer-se de categorias, mas não pré-defini-las, preferindo que elas fossem deduzidas “segundo as exigências do caso e quando o material [as pesquisas existentes] permiti[sse], para a elaboração de um *tema unificador*” (DCaM, p.15, grifo meu). Esse “tema” seria assim descrito pelo autor:

quando uma comunidade agrária se transforma em cidade, seus líderes e seus cidadãos, particularmente e associados, defrontam, na maioria dos planos da experiência, com uma necessidade muito mais intensa de enunciar as esperanças e os problemas da vida em termos abstratos

10 Id. Ibid.

11 Em sentido semelhante mas um pouco menos certo do sucesso da empreitada embora também convencido da aptidão dos historiadores, Schorske reconhecia que eles haviam de “aprender um pouco de fiação com as disciplinas especializadas, cujos estudiosos, na verdade, perderam o interesse de utilizar a história como uma de suas modalidades básicas de entendimento – mas ainda sabem melhor que o historiador o que constitui, em seu ofício, um fio resistente e de cor firme. O rústico tecido caseiro do historiador será menos fino que o deles, mas, *se imitar o método de confecção*, ele fiará fios bastante prestáveis para a talagarda que é chamado a fazer.” Schorske, op. cit., 1990, p. 17, grifo meu.

e intelectuais, e de constantemente planejar, tomar decisões e fazer novas avaliações nessa base racional. (*DCaM*, p.15)

A partir disso, Richard Morse traçou um caminho mais ou menos preciso para conduzir o trabalho. E esse, do meu ponto de vista, o interesse que sua obra desperta ainda hoje, por buscar num estudo de história urbana uma compreensão da cidade que incorpora as diversas dimensões do mundo social orientado por uma “preocupação intelectual”, como ele apresenta, ou, para usar termos mais contemporâneos, inserindo a dimensão das representações. Afastando-se dos esforços de especialização e da consequente segmentação do trabalho intelectual em curso àqueles anos, o historiador propunha com seu livro um movimento oposto, logrando unir os possíveis campos de compreensão da cidade a partir da perspectiva de uma história que hoje chamaríamos de cultural.

Depois de ter testado argumentos nesses artigos publicados em periódicos no Brasil e nos Estados Unidos¹² e de ter identificado com eles as tendências da evolução urbana de São Paulo, estabelecendo os nexos entre elas e os movimentos mais amplos de idéias, Morse teria mais claro afinal o ponto. A Introdução publicada na edição de 1954 seguia no geral a Introdução da tese defendida em 1952 e ainda que na tese a argumentação seja mais detalhada, o mesmo movimento conduz ambos os textos: o fenômeno urbano paulista; os recentes estudos da sociologia urbana; a vontade de compreender a cidade de outro ponto de vista; a cidade a partir da cultura intelectual; a história colonial paulista que de certo modo apoia o desenvolvimento posterior, dando as condições necessárias para o mesmo¹³. Nota-se portanto como já na década de 1950 o autor assumia a diferenciação clássica entre comunidade e sociedade que estava na base dos estudos sociológicos, para reconhecer na cidade – contraposta à aldeia – o *locus* da vida intelectual, letrada, racional, aceitando essa forma de compreensão como a que mais se adaptava para dar unidade e coerência aos materiais pesquisados por ele até então. Escrevendo o novo texto introdutório em 1953, já de volta aos Estados Unidos, Morse buscou se colocar na cena intelectual nomeando mais diretamente seus interlocutores, entre eles, os pesquisadores de Chicago. Mas ainda que dialogando de perto com tais teorias sobre o mundo urbano, teve liberdade para escolher o que mais se adaptasse aos seus interesses, sem se sentir obrigado a aplicar qualquer método com excessivo rigor. Mostrava-se apto

12 A listagem completa está na Bibliografia.

13 Morse, op. cit., 1952, pp. 1-8 e *DCaM*, p.13-8.

e livre para fazer um estudo “ecclético” (*FbSP*, p.19) – que foi o modo como ele próprio enquadrou seu trabalho na Introdução escrita quase vinte anos depois para a edição de 1970:

Tecendo dados de vários domínios, [o livro] procura construir uma narrativa que focaliza constantemente a cidade como realidade própria, identificando as etapas naturais de seu desenvolvimento por meio de signos e símbolos característicos. (*FbSP*, p.19)

“Etapas naturais” poderia ser tomado pelo fluxo histórico, “signos e símbolos característicos”, as representações da cidade: uma cidade entendida assim como “realidade própria”, ou, em seus próprios termos. E o autor segue neste novo texto, que é também uma espécie de balanço do campo dos estudos urbanos, sublinhando o fato de que quando começara suas pesquisas há mais de duas décadas, “as grandes cidades da América Latina não constituíam objeto de estudo para os antropólogos culturais, os sociólogos ou os especialistas em ciência política” (*FbSP*, p.20). Por isso ele pudera ter a liberdade de mobilizar esta ou aquela teoria para construir o método na construção mesma do estudo histórico. Ora, mas se foram as ciências sociais que lhe ofereceram as ferramentas para lidar com seu objeto, a partir daí o que se percebe é que o autor trabalhou com outros protocolos, mesclando fontes, idéias e mesmo teorias nos procedimentos que adotou.

A diferença dos objetivos entre as disciplinas, a História e as Ciências Sociais, como explicitam Fernando Novais e Reinaldo Forastieri, seria o fato de que “o historiador explica para reconstituir, enquanto o cientista reconstitui para explicar”, ou dito de outro modo, “para o historiador, a conceitualização é o meio e a reconstituição o fim; para o cientista, a conceitualização (a explicação) é o fim, a reconstituição é o meio”. Ao aceitar-se essa diferenciação, deve-se também assumir que “as ciências sociais (porque ciências) sacrificam a totalidade pela conceitualização; [enquanto] a história sacrifica a conceitualização pela totalidade”. Caminho sem volta para a disciplina de História, como dizem os autores, desde o nascimento das Ciências Sociais, pois desde então todo historiador teve que se haver com as novas disciplinas como mediação entre o objeto e a narrativa histórica¹⁴. Em busca de uma totalização na história da cidade de São Paulo, ainda que de certo modo querendo também “reconstituir para explicar”, Morse destacou o papel da vida letrada na constituição do ser urbano, e mais ainda, na constituição da própria cidade. Dessa perspectiva, a cidade só passava a ostentar esse nome quando abrigasse uma vida racional, intelectual, distinta das

14 Cf. Fernando Novais e Rogério Forastieri Silva, “Introdução: para a historiografia da Nova História”. In: *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, pp. 26 e ss.

motivações afetivas características das aldeias – o que na capital paulista se dera quando da introdução da cultura romântica.

Para reforçar o ponto de partida destas hipóteses, Richard Morse mobilizou Oswald Spengler (1880-1936), autor que afirmara que “o que distingue uma cidade de uma aldeia não é o tamanho, mas a presença de uma alma”, aproveitando-se de uma longa citação do famoso ensaio *O declínio do Ocidente*¹⁵ na qual se lê “a cidade é o intelecto” e que a cidade “assume a direção e o controle da história econômica [...] pela idéia absoluta de dinheiro em contraposição à de mercadorias” (*DCaM*, p.15). Se Morse não seguia teorias e pressupostos de maneira estrita – pois era justamente contra elas que ele escrevia nos artigos citados – apoiava-se em ideias e temas de outros intelectuais de forma a dar alguma consistência e justificativa a decisões que certamente iam sendo tomadas ao longo da pesquisa e na própria redação, não apenas no trabalho com as fontes mas também por meio dos diálogos intelectuais travados durante a pesquisa de campo. Sua relação com Spengler, portanto, deve ser vista com essa ressalva, pois Morse não levava a frente as consequências e as implicações que a leitura negativa do filósofo alemão sobre as cidades (ou melhor, sobre as civilizações) parecia prever.

Spengler, como é sabido, pensou a história não em função de épocas, mas de culturas, que funcionavam como organismos vivos, invertendo o sentido hegeliano da evolução da humanidade rumo ao progresso. Apontava o estágio contemporâneo da civilização ocidental como decadência, caindo numa espécie de fatalismo urbano¹⁶. Carl Schorske já mostrou que o filósofo alemão, como uma espécie de divulgador, reunira em suas considerações sobre as cidades conceitos de muitos outros pensadores, transformando-os em negativas e mais, ao ver a cidade como fatalidade, “saudava claramente sua extinção”¹⁷. Esse mesmo fatalismo estaria também implícito em outros intelectuais que compreenderam as cidades como organismos vivos, como os cientistas sociais de Chicago, ainda que nesse caso se tratasse de um fatalismo temperado por um certo reformismo; ou na própria idéia de uma biografia urbana, cuja metáfora é direta¹⁸. Porém, ainda que Morse se propu-

15 Traduzido nos EUA como *The decline of West*. New York: Alfred Knopf, 1932, a edição de 1939 é a citada por ele.

16 Cf. Françoise Choay, *O urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia* (Trad. Dafne Rodrigues). São Paulo: Perspectivas, 1977, pp.339-44.

17 Carl Schorske, “A ideia de cidade no pensamento europeu: de Voltaire a Spengler”. In: *Pensando com a história* (Trad. Pedro Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp.53-72, p.71.

18 Arturo Almandoz cita como exemplo de obra que defendia esse viés fatalista além do livro de Spengler, *Cidades em evolução* de Patrick Geddes, mentor de Lewis Mumford, uma referência de Morse (Almandoz, op. cit., 2003).

sesse a fazer a biografia de São Paulo, e dialogasse com os estudos de Chicago, ele jamais partilharia da visão negativa que o filósofo corporificava, antes tomando a cidade como um objeto aberto no qual as diversas injunções se mesclavam, debatiam-se, acomodavam-se, levando a um ou a outro caminho, não necessariamente de desintegração. O historiador, nesse sentido, parecia comungar da forma de compreensão de um autor que inspirara Spengler, Georg Simmel (1858-1918), que em suas reflexões buscava ressaltar as implicações da vida nas grandes cidades na vida do indivíduo, atentando não apenas para as perdas, mas também para as potencialidades da vida metropolitana.

Certamente Simmel estava por trás das afirmações de Spengler destacadas por Morse quanto ao reconhecimento da dimensão intelectual da cidade e da sua definição como *locus* monetário, ao notar “a multiplicidade e concentração da troca econômica” que davam “ao meio de troca uma importância que não existiria na escassez da troca no campo”¹⁹. É conhecido o sentido das suas afirmações no hoje clássico ensaio “*Die Großstadt und das Geistesleben*” [As grandes cidades e a vida do espírito] sobre o fato do “espírito moderno torn[ar]-se mais e mais um espírito contábil”, reconhecendo desse modo não apenas a centralidade do dinheiro mas também dos números na vida urbana moderna, com todas as implicações de ordem racional que daí decorrem²⁰. Para mostrar a transformação da vida em São Paulo, Morse também buscou indicar como paulatinamente o dinheiro passaria a ocupar ali um lugar distinto, mobilizando para reforçar o argumento duas impressões em franca oposição, colhidas da pena dos viajantes. Em 1909, Pierre Denis, autor de *Le Brésil au XX^{ème} Siècle*, viu uma São Paulo “apaixonada por questões econômicas”, algo que estava, segundo o norte-americano, em “flagrante contraste” com o que Fletcher escrevera em 1855, atribuindo à capital paulista, meio século antes, “um ar mais intelectual e menos comercial” [e] acrescentando que nesta cidade a palavra ‘dinheiro’ não estava ‘constantemente ferindo os ouvidos como no Rio de Janeiro” (DCaM, p.271).

Assim, interessa perceber aqui como o livro de Spengler lançado pouco depois da Primeira Guerra, ao contrapor *Kultur* à *Zivilization* – oposição definidora da consciência nacional alemã –, abria espaço para os que viam o florescimento de um novo mundo, justamente as novas culturas que as Américas em certo sentido simbolizavam. O ensaio, que fizera enorme sucesso ao apontar a decadência da civilização europeia explicitada nos horrores da guerra, não à toa foi lido

19 Georg Simmel, “As grandes cidades e a vida do espírito” (Trad. Leopoldo Waizbort), *Mana*, São Paulo, v.2, n. 11, 2005, pp. 577-91. Traduzido anteriormente para português como “A metrópole e a vida mental” (Trad. Sergio Marques dos Reis). In: Otávio Guilherme Velho (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pp. 11-25. .

20 Id. Ibid.

e comentado por diversos autores americanos, tendo uma razoável fortuna crítica nos anos seguintes²¹. Após a Segunda Guerra, entretanto, que é quando Morse se interessa por Spengler, nota-se que apenas nos campos da arquitetura e do urbanismo o filósofo parece continuar sendo mobilizado. “Apesar da historiografia de Spengler ter sido duramente criticada por diversos estudiosos, e seus métodos rejeitados por muitos filósofos”, afirma um historiador da arquitetura, “seus argumentos merecem alguma atenção, porque introduzem temas que também foram propostos por vários arquitetos do século 20.”²² Isso talvez pelo fato de Spengler dar grande destaque à arquitetura, ao considerar que o principal símbolo de cada cultura deveria ser encontrado na sua concepção de espaço, chamando a atenção desde um Le Corbusier (1887-1965) a um Lewis Mumford, este último um dos importantes interlocutores de Morse, que também se inspiraria nas formulações do alemão para pensar o ciclo das cidades no ocidente²³.

Oswald Spengler, em *Der Untergang des Abendlandes*, tinha discutido concepções arquitetônicas do espaço na história, ao lado de outras manifestações de cultura. Ele diz: o drama da história do mundo se desdobra em uma série de culturas que crescem, prosperam, desaparecem e morrem. Cada cultura tem seus próprios meios de expressão, a sua própria visão de mundo identificável. Cada cultura é, em todas as suas manifestações de vida, a expressão simbólica de uma “cultura da alma”.²⁴

Minha intenção, entretanto, menos que discutir a teoria da decadência do Ocidente ou a pertinência em defender a coincidência entre a concepção espacial de um povo e a sua forma de pensar, ou mesmo aprofundar as leituras que dali em diante foram feitas no campo da arquitetura, é destacar daquele ensaio o que ilumina a compreensão das intenções da obra de Morse, sabendo o filósofo um divulgador de uma certa concepção que ligava espaço e cultura. É nesse sentido que

21 Schorske, op. cit., 2000, pp.53-72.

22 David Leatherbarrow, “Espaço dentro e fora da arquitetura”, *ArqTextos*, PROPAR/UFRGS, Porto Alegre, n. 12, 2008, pp. 6-31, p. 16 (http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_12/01_DL_esp%C3%A7o_300409.pdf). Acesso 19/10/2012.

23 Leatherbarrow, op. cit., 2008. “O reconhecimento da sua [de Spengler] influência em Le Corbusier é esperado, mas a ênfase n’O *Declínio do Ocidente*, e a identificação de ‘espaço infinito’ como o ‘principal símbolo’ da cultura ocidental, sugere talvez que o trabalho de Spengler teve mais influência sobre arquitetos na Europa durante a década de 1920 do que é geralmente reconhecido”, comentava também Gunnar Asplund (1885-1940) numa conferência feita em 1931 na Stockholm’s Tekniska Högskolan. Cf. E. G. Asplund, “Our architectural conception of space”, *Arq: Architectural Research Quarterly*, Cambridge, v.5, n. 2, Jun., 2001, pp. 151-160, p. 151 ([http://193.146.160.29/gtb/sod/usu/\\$UBUG/repositorio/10311131_Asplund.pdf](http://193.146.160.29/gtb/sod/usu/$UBUG/repositorio/10311131_Asplund.pdf)). Acesso 20/09/2012.

24 Id., Ibid.

se inscreve a justificativa de Morse para ter iniciado seu estudo “no alvorecer do século 19, a partir da Independência”, quando, diz ele, “nos termos de Spengler”, São Paulo podia ser finalmente considerada “uma cidade”. O interesse é perceber que por tomar a cidade a partir dessa categoria intelectual é que Morse justificou descartar a história colonial pregressa, dos séculos paulistas anteriores à Independência, retirando daquele período “inicial” apenas os elementos que interessassem para construir os desdobramentos históricos subsequentes. É certo que o historiador apresentou ainda uma justificativa de ordem prática: o volume de material já publicado sobre o período colonial paulista que ele encontrara em São Paulo em 1947 tornaria seu trabalho – se levada adiante a ideia de fazer uma história desde a fundação da cidade – inviável²⁵. Mas na Introdução de 1958 sua intenção se explicitava ao explicar ao leitor não-brasileiro que se tratava de compreender o “dinamismo” e o “espírito *yankee*” reinantes numa cidade vinculada

à religião católica, a uma sociedade patriarcal e a uma cultura tradicionalista, que em menos de um século rompeu com a economia de *plantation*, num país abençoado por recursos para o desenvolvimento industrial [...]. (FCtM, p. xiii)

O que pareceria ao estrangeiro algo “anacrônico” (termo usado por Morse) levava-o a “explorar se não totalmente explicar esse anacronismo”. Esse, “o propósito desse livro” (FCtM, p.xiii): entender a metrópole²⁶. O período colonial, portanto, haveria de ser mobilizado como o *background* daquela sociedade de origem ibérica e católica agora metrópole industrial e moderna. Além disso, Morse lembrava já desde a edição de 1954 como tinha “aprendido” com o arquiteto Luiz Saia (1911-1975) que “São Paulo, nos tempos coloniais, era mais um núcleo simbólico que um núcleo atuante” (DCaM, p.30) e, para alguém que queria tratar a evolução urbana, fazia mais sentido tomá-la a sério a partir do século 19²⁷.

25 Essa a explicação dada pelo próprio Morse, em entrevistas posteriores, para a redução do recorte temporal, cf. José Carlos Sebe Bom Mehy, “Depoimento de Richard Morse”. In: *A Colônia brasilianista*. São Paulo: Nova Stella, 1990 pp. 137-61, pp.149 e ss. Em Bomeny, Morse afirma: “eu havia feito um pequeno plano de trabalho, mas ao chegar a São Paulo, quase que imediatamente cortei os três primeiros séculos coloniais. Era demais. Comecei então com a época da Independência”. Helena Bomeny, “Uma Entrevista com Richard Morse”, *Estudos Históricos*, FGV, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, pp.77-93, p.78.

26 *That such a metropolis should have erupted within a plantation economy, within a Roman Catholic, patriarchal, and tradition-bound culture, and in a country indifferently blessed with resources for industrial development often seems, to the traveler's eye, anachronistic.*

27 Luiz Saia sistematizaria sua compreensão sobre a evolução urbana paulista vez em “Notas para a teorização de São Paulo”, *Acrópole*, São Paulo, v. 25, n. 295-6, jun., 1963, pp. 209-11 (número especial da revista dedicado à São Paulo), texto que Morse incorpora na edição de 1970, como vamos ver. Embora afirmasse que São Paulo fosse um “núcleo

No entanto, voltar ao período colonial não era assim tão complicado, pois Richard Morse conhecia a história colonial de São Paulo. E conhecia bem. Já como pós-graduando na Universidade de Columbia, mas antes de iniciar o doutorado, o historiador fez um breve estudo dedicado a São Paulo colonial que lhe garantiu o conhecimento necessário sobre os anos iniciais da capitania de São Paulo (antes São Vicente). O trabalho, que lhe serviu para obter o grau de *master in arts* na Faculdade de Ciências Políticas daquela universidade, intitulou-se “São Paulo: The Early Years”²⁸, e permanece até hoje inédito. Com ele, Morse ganhou domínio e segurança necessários para que pudesse manejar aquele passado, e mais importante, familiaridade com a historiografia paulista até então. Creio que vale a pena analisar com cuidado este primeiro texto de Morse sobre São Paulo, para definir melhor como o autor vai operar com um passado colonial que, se não “vale” para pensar “a cidade”, teve importância capital para pensar o seu habitante e a sua cultura. Em seguida, ao retomar a construção do livro publicado menos de dez anos depois, teremos mais elementos para compreender como ali se engendra uma história urbana que deve seu olhar, ao menos em parte, também a estes “antecedentes”.

2. A CONSTRUÇÃO DE UM *ETHOS* COLONIAL PAULISTA

Como se sabe, a história colonial de São Paulo vinha sendo explorada mais sistematicamente pelo menos desde a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) em 1895, agremiação que promovia a publicação de inúmeras compilações sobre o período colonial paulista justamente por ter se colocado a tarefa de “rever” a história “nacional”, conduzindo São Paulo ao posto de protagonista desse processo histórico. Para seus membros, “a história de São Paulo [era] a própria história do Brasil”, como aparece logo no primeiro número da *Revista do IHGSP* (1895). Tal protagonismo se verificaria a partir do reconhecimento das ações dos chamados bandeirantes, homens que por meio de suas andanças pelo sertão teriam alargado as fronteiras nacionais, cons-

simbólico”, Saia ao mesmo tempo diria ser “indispensável recuar até a proto-história de São Paulo para encontrar, ainda no primeira século de colonização os motivos que militaram em favor da posição geográfica e em favor do sítio urbano que sediariam a capital” (p.209). Portanto, afirmava quão fundamental era compreender o período colonial para compreender a metrópole. Perspectiva que informa os estudos de Morse – e que o arquiteto retomou em *Morada paulista* (1972).

28 “São Paulo: The Early Years”, by Richard M. Morse. Master of Arts in the Faculty of Political Science, Columbia University, New York, Jun., 1947. Texto datilografado, Rare Books & Manuscripts Library, Columbia University. Daqui em diante citado como *SPEY*, seguido do número da página.

truindo o que mais tarde se configurou como Brasil. Vale notar que a despeito do termo “bandeira” aparecer nos documentos e escritos coloniais, a palavra “bandeirante” só seria dicionarizada em 1913, sendo uma criação *a posteriori*. Originando-se do substantivo, o adjetivo “bandeirante” estava “pleno de um sentido simbólico”²⁹.

Um primeiro esforço para sistematizar e publicar a documentação colonial havia sido empreendido por Washington Luís (1869-1957), prefeito (1914-19) e governador (1920-24) de São Paulo e membro ativo do IHGSP, quando nas décadas de 1910 e 20 patrocinara a publicação das *Actas da Camara de Santo André* (1914) e de *São Paulo* (1917), os *Inventários e testamentos* (a partir de 1920) e as *Sesmarias* (desde 1921), que se tornaram fonte corrente para as pesquisas e interpretações históricas daí em diante. Entre tais estudos figuravam a *História geral das bandeiras paulistas* em 11 volumes (1924-1950) e a *História seiscentista da vila de São Paulo*, com 4 volumes (1926-1929), ambos de Alfredo d’Escagnolle Taunay (1876-1958); *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano* (1924) e *Raça de gigantes* (1926), de Alfredo Ellis Junior (1896-1974); *Paulística: História de São Paulo* (1925) de Paulo Prado; *Vida e morte do bandeirante* (1929) de José de Alcântara Machado (1875-1941), todos publicados na década de 1920, além de numerosos artigos e dos próprios documentos de época republicados na revista do Instituto ou em outros periódicos, como a *Revista do Arquivo Municipal* ou os *Anais do Museu Paulista*.

Dentro do esforço de valorização da história colonial de São Paulo levado a cabo no início do século 20 pelo então governador – ele próprio historiador, autor de artigos sobre São Paulo, e do livro *Capitania de São Paulo* (Editora Nacional, 1938), lançado depois de ter sido presidente do Brasil (1926-30) –, não constavam, porém, apenas iniciativas editoriais. Pode-se incluir ali a construção de quatro monumentos neocoloniais no Caminho do Mar³⁰ a reformulação do antigo Largo do Piques, rebatizado de Largo da Memória³¹, obras encomendadas pelo próprio Washington Luís ao arquiteto franco-argentino Victor Dubugras (1868-1933) para as comemorações do centenário da Independência (1922), ou o monumento às Bandeiras encomendado a Victor Brecheret (1894-1955)

29 Maria Isaura Pereira de Queiroz, “Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário”, *Revista da USP*, São Paulo, n. 3, 1992, pp. 78-87, p.81.

30 A primeira estrada da cidade, sua ligação com o litoral e portanto, com a Metrópole, tinha portanto uma importância simbólica para a cidade.

31 Antiga parada dos tropeiros vindos da Feira de Sorocaba antes de entrar na cidade e cruzá-la em direção ao porto, pelo Caminho do Mar. Na reforma ganharia uma nova escadaria e um painel de azulejos (este desenhado por José Wasth Rodrigues).

na mesma ocasião (edificado entretanto apenas em 1954), como exemplos de ações que buscavam estabelecer uma imagem – nesse caso, materializada em edificações – de um passado “glorioso”³².

Lucia Lippi, entretanto, volta para trás e recupera dois momentos-chave da historiografia paulista. O primeiro, ligado aos nomes de Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714-1777) e Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800), que em suas obras já retomavam os relatos e os documentos coloniais para discutir a origem dos primeiros povoadores (nos livros *Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica* e *Genealogia das principais famílias paulistanas*; e em *Memória para a história da Capitania de São Vicente*). E aquele que identificamos no final do século 19, afirmando-se sobretudo nas primeiras três décadas do 20 – compreendendo portanto o período da República Velha –, simbolizado na atuação do IHGSP e na obra dos intelectuais a ele ligados, no qual a palavra “bandeirante” passa a ser largamente empregada. A historiadora retoma pressupostos fundamentais que teriam orientado a concepção da história paulista, entre eles o “isolamento”, a “mistura luso-indígena” e a “ausência de negro africano” – desde Pedro Taques e Frei Gaspar, passando pelos intelectuais do IHGSP (dos quais destaca Taunay, diretor do Museu Paulista entre 1917 e 1945, por atuar em muitas frentes), pela *blague* oswaldiana: *tupy or not tupy, that's the question*, chegando à Revolução de 1932 –, para mostrar como os mesmos temas apareciam e reapareciam quase sempre para afirmar a superioridade paulista em relação ao restante do país³³.

32 Edificado para as comemorações do IV Centenário sediadas no Parque do Ibirapuera então recém inaugurado – conjunto urbano-arquitetônico eminentemente moderno, como se sabe –, o Monumento às Bandeiras (como os outros exemplos citados) afirmava uma vez mais a “eficácia” da imagem do bandeirante para o elogio da identidade paulista, materializando a ligação entre passado-presente-futuro que os arquitetos e intelectuais modernos lograram construir nos seus discursos e, mais que isso, mostrando a importância da arquitetura na construção da identidade da cidade. A esse respeito, cf. Paulo Garcez Marins. “O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista”, *Anais do Museu Paulista*, História e Cultura Material, São Paulo, v. 6, n. 7, 2003, pp. 9-36. Sobre a valorização bandeirante nas “instâncias consagratórias”, para usar o termo de Bourdieu, cf. Lília Schwarcz, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 e Antonio Carlos Ferreira, *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002, entre outros.

33 Lucia Lippi Oliveira, *Americanos. Representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, pp.69-91. De fato, vemos que nos anos 1920 a obra de Pedro Taques por exemplo, é reeditada pelo IHGSP, acrescida de uma biografia e de um estudo crítico da obra por Affonso Taunay (*Pedro Taques e seu tempo: estudo de uma personalidade e de uma época*, 1926). Vale ressaltar porém que tais trabalhos não têm todos a mesma perspectiva, e acentuam esta ou aquela característica de acordo com seus interesses mais diretos, ainda que se notem continuidades e recorrências. Deste “conjunto”, destaca-se a precocidade de Alcântara Machado no tratamento da cultura material como contribuição para se desfazer a imagem do rico bandeirante, revelando a pobreza da vida no sertão (ao analisar os inventários e testamentos). Ainda assim, todos eles, de certo modo, fazem parte da historiografia paulista que após o estabelecimento da USP foi agrupada como *a historiografia tradicional*. Diversos trabalhos, nos últimos anos, têm se

FIG.1 Publicações sobre São Paulo e o bandeirismo: *Vida e Morte do Bandeirante* (1929); *Bandeirismo paulista e o recuo do meridiano* (1924) ; *S. Paulo Primeiros Anos* (1930); *História Geral das bandeiras paulistas* (1924) e as “pioneiras” *Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme e *Memória para a história da Capitania de São Vicente*, de Frei Gaspar da Madre de Deus, escritas no século 18

FIG.2 Valorização do período colonial: Largo da Memória (1922), de Victor Dubugras, e Monumento às bandeiras, de Victor Brecheret (maquete, 1922), construído em 1954 no Parque do Ibirapuera

Raquel Glezer aponta como um “mito de origem” se constitui nessa historiografia que explica o presente pelo passado. Se bem entendo, a autora afirma que a preocupação em exaltar o passado por meio desses mitos tem a ver também com o fato de São Paulo não ter tido os monumentos arquitetônicos, civis, religiosos ou militares que outras regiões tiveram – como Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e as Minas Gerais –, o que teria levado a uma construção historiográfica para mitificar e valorizar aquele passado através de seus “grandes homens e atos heróicos”³⁴. Deste modo, segundo a historiadora,

o passado foi criado destacando as diversidades com as outras regiões, como hábitos e valores; transfigurando a pobreza em austeridade; procura de índios e ouro em mobilidade expansionista nacional; bastardia e miscigenação em formação da raça brasileira; atividades agressivas de sobrevivência em honrosos serviços ao Estado nacional, etc.³⁵

Foi partindo dessa leitura do passado, explorando as mesmas fontes que aqueles historiadores exploravam e se baseando nos trabalhos que eles haviam feito que Morse organizou um trabalho dedicado a compreender a formação de São Paulo desde a sua fundação e durante seu primeiro século de existência, antes mesmo das primeiras bandeiras. “São Paulo: The Early Years”³⁶ é de certa forma uma revisão bibliográfica dos artigos e documentos publicados na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* – cuja coleção completa consta da biblioteca da universidade de Columbia. O trabalho se valeu também de um testamento e inventário da coleção de Washington Luís – cujos 29 volumes editados pelo Arquivo do Estado de São Paulo fazem

dedicado a analisar detidamente essa historiografia, com vistas a desfazer algumas imagens por eles consolidadas, como a de decadência econômica de São Paulo nos setecentos, entre estes o de Ilana Blaj, *A trama das tensões: o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1721)*. São Paulo: Humanitas, 2002 ou o de Maria Aparecida Borrego, *A teia mercantil: negócios e poderem em São Paulo colonial 1711-1765*. São Paulo: Alameda, 2010.

34 Raquel Glezer, *Chão de Terra e outros ensaios sobre São Paulo*. São Paulo: Alameda, 2001, pp. 44-5 e ss.

35 Id., p.51. Vianna Moog, em outro contexto e com outra finalidade, dá um testemunho interessante: “a julgar pela atorada da literatura nacional em torno dos bandeirantes, dir-se-ia que o São Paulo moderno [...] é obra exclusiva do bandeirante e do espírito da bandeira. Porque nisto de emprestar ao bandeirante atributo que ele nunca teve o paulista de quatrocentos anos é um verdadeiro ianque. Se para valorizar o símbolo que lhe é caro, for preciso atribuir ao bandeirante atributos orgânicos, ele o atribuirá; se para magnificá-lo, for preciso torcer a história, ele a torcerá.”. Vianna Moog, *Bandeirantes e pioneiros*. Porto Alegre: Globo, 1973, p.172.

36 Para a elaboração desta pesquisa na Universidade de Columbia, o historiador recém formado em Princeton contou com uma bolsa do *Woodrow Wilson Institute*, ligado a essa universidade, o que demonstra o interesse norte-americano na América Latina ainda no pós-Guerra. Para vir a São Paulo, Morse contaria em seguida com outra bolsa, desta vez do Departamento de Estado. Cf. Bomeny, op. cit., 1989.

FIG.3 “ São Paulo - The Early Years” (rosto e índice): mestrado de Richard Morse apresentado em Columbia em 1947

parte daquela biblioteca –, analisado por Morse de modo a dar cor ao que havia sido escrito, já que o documento demonstrava materialmente a penúria e a singeleza das vidas naquele sertão. Segue-se a isso uma apreciação sobre o que teria possibilitado o surgimento da empresa bandeirante. O jovem historiador dividia o estudo em três capítulos: “O padrão”, “A textura” e “O alvorecer de uma era heróica”³⁷.

O primeiro, partindo da descoberta européia do Novo Mundo, descrevia os diversos grupos que iriam compor a cidade de São Paulo em seu momento inicial: os brancos, a partir da figura emblemática e quase mítica de João Ramalho (1493-1580); os jesuítas, citando o papel dos padres Manuel da Nóbrega (1517-1570) e do jovem Anchieta (1534-1597) para o estabelecimento do núcleo jesuítico; e os indígenas. Descrevia ainda a vila de Santo André fundada por Ramalho, que com seus mamelucos logo seria incorporada ao aldeamento de Piratininga. O capítulo dois

37 Capítulo 1 “O padrão” (O Novo Mundo; João Ramalho; Os jesuítas; As capitânias; Os indígenas; Santo André); Capítulo 2 “A textura” (Características naturais; Inimigos humanos; Elementos étnicos; Vida econômica; Vida comunitária; Vida familiar; Testamento e Inventário de Henrique da Cunha); Capítulo 3 “Alvorecer de uma era heroica” (Maturação; Bandeiras; Um olhar à frente); Bibliografia. [Chapter I The pattern (p.1); a) The New World (p.2); b) João Ramalho (p.7); c) The Captaincies (p.10); d) The Jesuits (p.13); e) The Indians (p. 21); f) Santo André (p.28); Chapter II The Texture (p.34); a) Natural Features (p.35); b) Human Enemies (p.39); c) Ethnic Elements (p.44); d) Economic Life (p.55); e) Community Life (p.61); f) Family Life (p.71); g) The Will and Inventory of Henrique da Cunha (p.78); Chapter III Dawn of a Heroic Era (p.85); a) Maturation (p.86); b) Bandeiras (p.93); c) A Glimpse Ahead (p.98); Bibliography (p.103)]

era dedicado a uma apreciação sócio-geográfica do lugar, explorando as características naturais, os inimigos e a variedade dos elementos étnicos; abordando em seguida as diversas esferas da vida na cidade: a econômica, a comunitária e a familiar; o que se completava pela análise do inventário do português Henrique da Cunha. O último capítulo tratava do tema chave da historiografia paulista colonial, as bandeiras, porém partia de uma perspectiva interessante, questionando o que teria levado ao surgimento das mesmas e apenas anunciando tal realização desde São Paulo no século 16. O trabalho, deve-se notar, não oferecia uma introdução que explicasse suas motivações nem conclusão que fizesse um balanço das questões tratadas.

Uma leitura rente ao texto, entretanto, pode trazer alguns elementos para a discussão que pretendo levar à frente. A primeira coisa que deve ser destacada é a bibliografia empregada. Trata-se em sua quase totalidade dos autores paulistas ou radicados em São Paulo, pertencentes ao IHGSP, que haviam construído a visão de São Paulo como terra ímpar, fundada no interior do continente e preservada das influências externas pela barreira natural da Serra do Mar. Os não paulistas que fazem parte da bibliografia compartilhavam daquela visão, ou antes, teriam auxiliado eles também a consolidá-la, como é o caso do cearense Capistrano de Abreu (1853-1927)³⁸. Capistrano pode ser tomado quase como fundador de um campo de estudos, a partir de seus *Caminhos antigos e povoamentos no Brasil*, de 1899 e os *Capítulos da História Colonial (1500-1800)*, publicado em 1907, cujo capítulo dedicado ao sertão – num volume que seria segundo o historiador Fernando Novais uma tentativa de síntese do seu ponto de vista sobre o papel de São Paulo na Colônia³⁹ –, iniciava-se da seguinte forma:

O estabelecimento de Piratininga, desde a era de 530, na borda do campo, significa uma vitória ganha sem combate sobre a mata, que reclamou alhures o esforço de várias gerações. Deste avanço procede o *desenvolvimento peculiar* de São Paulo⁴⁰.

38 Capistrano de Abreu foi um dos primeiros historiadores brasileiros a ressaltar a importância de se pesquisar o sertão, as bandeiras, os caminhos e povoamentos – interesse levado à frente em parte por gente de São Paulo –, em contraposição aos estudos dos estabelecimentos litorâneos. Não por acaso, ele seria lido e louvado pelos autores paulistas e tornar-se-ia “mestre” de Prado, que insiste na proeminência paulista na história nacional justamente a partir do papel do “bravo bandeirante”, publicando em 1926 *Paulística*. A esse respeito, cf. Fernando Novais, “Capistrano de Abreu na historiografia brasileira”. In: *Aproximações. Estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, pp.313-6.

39 Id., p. 314. Novais mostra a importância de Capistrano não apenas para a historiografia paulista, mas na historiografia brasileira, tomando-o como ponte entre uma historiografia “tradicional”, ligada ao IHGB (e ao IHGSP), e a historiografia “moderna”, universitária.

40 Capistrano de Abreu, *Capítulos de História colonial*, Domínio público, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, s/d., p.56 (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000062.pdf>). Acesso 22/09/2010, grifo meu. Uma edição fac-

Estava dado o mote para os paulistas empreenderem a *sua* história, sempre ressaltando a peculiaridade dessa capitania e de seu “bravo povo” estabelecido no sertão, voltado para dentro do continente, portador da essência do que viria a ser o Brasil moderno. Tampouco o fluminense Oliveira Vianna (1883-1951), autor de *Populações Meridionais do Brasil* – outro autor não paulista mobilizados por Morse neste trabalho – teria uma visão menos “paulista” da empreitada seiscentista. A tese defendida por Oliveira Vianna forneceu munção aos que compartilhavam da visão eugênica da constituição de uma raça superior nascida no planalto, tendo sido incorporada e avalizada pelos intelectuais paulistas. Não à toa esse livro, obra de estréia do intelectual, foi publicado pela Editora Revista do Brasil em 1920 – a esta altura pertencente a Monteiro Lobato (1882-1948) –, em reconhecimento do seu compromisso com a “saga” paulista e pela afirmação da importância da cidade desde a fundação⁴¹.

Desse modo, pode-se afirmar aqui que Morse retomava uma visão largamente consagrada sobre a especificidade paulista – a partir de Capistrano, Taunay, Ellis e vários outros⁴², formulada com base nos mais antigos como Madre de Deus e Pedro Taques, nos registros dos próprios jesuítas e de alguns viajantes como Saint-Hilaire (1779-1853), Daniel Kidder (1815-1892) ou Pierre Denis (1883-1952)⁴³ –, descrevendo física e psicologicamente a formação daquela região, daquela vila e daquele grupo de povoadores que desde o princípio teriam deixado de lado qualquer “distinção de casta de sua terra natal” para declarar fidelidade e comprometimento com seus líderes em razão da “experiência, valor e mérito pessoal”⁴⁴. Líderes como o português João Ramalho, o único

-símile de 1907 (Rio de Janeiro: M. Orozco) pode ser consultada em Brasileira USP: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00157600#page/5/mode/1up>. Acesso 15/08/2011.

41 Morse não embarca na teoria racista de Vianna, valendo-se de trechos de seus estudos menos comprometidos com a superioridade racial meridional. Sobre Oliveira Vianna, cf. Ângela de Castro Gomes, “Oliveira Vianna: um *statemaker* na alameda São Boaventura”. In: Lília Schwarcz e André Botelho (orgs.), *Um enigma chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp.144-59. Para uma análise da *Revista do Brasil*, onde a atuação de Lobato aparece, cf. Tania Regina de Luca, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Ed Unesp, 1988.

42 Ainda entre os não paulistas, Serafim Leite (o jesuíta português que escreveu a monumental história da Companhia de Jesus no Brasil), Rocha Pombo, Oliveira Lima e Arthur Ramos. Vale lembrar que Taunay era paulista por adoção, tendo nascido em Santa Catarina filho de pais cariocas, e que o baiano Theodoro Sampaio radicara-se em São Paulo tornando-se membro ativo da elite intelectual local. Entre os paulistas, destacam-se Roberto Simonsen (*História Econômica do Brasil, 1500-1820* (1937)), e os artigos de Toledo Piza, dentre uma infinidade de artigos de outros autores publicados na RIHGSP.

43 Mesmo que estes tenham passado posteriormente por São Paulo, Morse se vale de suas impressões sobre a região.

44 *From the start, the settlers of Sao Vicente and the planalto were beholden to no outside power. Caste distinctions of their homeland melted away. The fealty pledged to their leader was on the grounds of his experience, valor, and personal merit.* (SPEY, p.6)

branco autorizado pela Coroa a se estabelecer no interior do continente desconhecido, que poucos anos antes após pacificar um grupo indígena e se casar com a filha do cacique Tibiriçá fundara a povoação de Santo André da Borda do Campo. Sabemos a história, mas o interesse está em ver como ela vai ser recontada pela primeira vez pelo norte-americano e como posteriormente ele irá pinçar dali elementos e tirar novas conclusões que aparecem na sua história urbana de São Paulo, à guisa de “antecedentes” para compreendê-la melhor⁴⁵.

Vale a pena recuperar trechos que evidenciam seu comprometimento com um trabalho posterior, relativizando a idéia de um trabalho sobre a história da urbanização de São Paulo construído em “um ano de pesquisas e conversas”, imagem que o próprio Morse contribuiu para construir em seus depoimentos e entrevistas. Afirmando que quando viera para São Paulo ele “não queria escrever uma tese, não queria entrar para o mundo acadêmico”, mas pretendia apenas “escrever um livro”, o historiador diria posteriormente que para pensar os argumentos desse “livro” teria passado os primeiros meses em São Paulo “praticamente só falando com pessoas para tentar formar uma imagem do trabalho que faria”⁴⁶. E nos Agradecimentos da edição de 1954 de fato afirmou: “se este estudo tem um ponto de vista, devo-o à riqueza de conhecimentos e idéias que meus amigos brasileiros me proporcionaram através de contatos não formais” (*DCaM*, s/p). É certo que o contato com os intelectuais locais foi fundamental para lhe fornecer “pontos de vista”. Mas para poder estabelecer tais contatos e fazer aflorar essa espécie de afinidade que logo se mostrou tão proveitosa, ou mais ainda, fundamental, para a realização de sua obra, o conhecimento da historiografia local adquirido no mestrado não deve ser menosprezado.

Quando lemos que “a escolha [do sítio] dos primeiros colonizadores teria importância para o futuro do Brasil”⁴⁷ ou que a “sua [dos colonizadores de Santo André] isolada comunidade,

45 Sem entrar aqui na discussão do anacronismo, retomemos apenas as considerações de Fernando Novais para quem “o ‘pecado’ do anacronismo é inerente a todo discurso historiográfico, mas nenhum recorte é mais suscetível à tentação anacrônica que o recorte nacional”, para alertar quanto ao tema de Morse, se não a construção da nação, a construção do estado “condutor” da nação. Cf. Novais, op. cit., 2005, p.315.

46 Bomeny, op. cit., 1989, p. 80; p.77. Em nenhuma das Introduções, seja na tese, seja nas edições, Morse refere-se a este trabalho inicial – à exceção da bibliografia indicada no capítulo “Antecedents” em 1958 –, a despeito de citar vários de seus artigos produzidos anteriormente ao longo dos livros e indica-los nas referências bibliográficas. O mestrado foi de fato uma revisão bibliográfica, não um trabalho crítico sobre a história colonial paulista, mas não deixa de ser curiosa a omissão. No depoimento a Bom Mehy, Morse faria a única referência ao mestrado que encontrei, ao lembrar que anos mais tarde editou alguns textos sobre os bandeirantes paulistas para a série Borzoi, de Alfred Knopf valendo-se de elementos dessa dissertação (Bom Mehy, op. cit., 1990, p.160).

47 *The choice of these first colonizers was of importance for the future of Brazil.* (SPEY, p.9)

embora temporariamente ‘fora dos limites’, em breve ofereceria auto-suficiência e independência a qualquer um que fosse forte e engenhoso o bastante para fazer sua vida ali”⁴⁸; ou ainda que as características nascidas dessa situação, “o caráter explorador e a independência dos paulistas, poderiam ser grandemente entendidos em termos de dois elementos: liderança e adaptação ao meio”⁴⁹ – todos aqueles *topoi* do pensamento paulista que citei anteriormente, sempre usados como justificativa do lugar de São Paulo no presente –, parece ficar claro o fato de que Richard Morse não só compartilhou dessa leitura nesse primeiro momento, como se apropriou da mesma, ao menos como ponto de partida, para propor uma interpretação da urbanização nos séculos seguintes.

O mestrado funcionou portanto como revisão da bibliografia existente, dos documentos por ela já indicados e, salvo engano, serviu como constatação de que a força de São Paulo estava em sua origem de exceção, isolada, voltada para o sertão, formada por uma raça mestiça de brancos e índios – os melhores de cada uma delas –, o paulista. Aliás, para Morse, também os índios daquela região eram distintos dos das crônicas do século 16, que segundo o autor sempre enfatizariam o fato deles “não usarem roupa” e de “serem canibais”. Mas os do planalto por sorte difeririam disso, pois “pacíficos”, apenas se defendiam quando atacados, já há muito não comiam carne humana, suas mulheres andavam vestidas e ainda por cima tinham um único Deus, Tupã, estando “preparados” para abraçar a fé católica. Ora, não à toa aqueles jesuítas escolheram a aldeia de Piratininga para fundar um colégio e levar à frente sua obra de catequização (SPEY, pp.12 e ss.). Morse descreve uma situação idílica entre padres e índios em integração colocando a tensão na relação que se estabelecia com o terceiro elemento daquela comunidade, o mameluco, reconhecendo como já no primeiro século se formara uma “textura de tensões, estresses e alianças que não era simples de se analisar”⁵⁰.

A despeito de qualquer conflito, no entanto, a junção entre Santo André e São Paulo em 1560 era compreendida como uma integração de interesses, e por isso, de sucesso – pode-se acrescentar, pela união de dois *ethos* distintos – o *ethos* católico dos religiosos, e o *ethos* laico empreendedor dos mamelucos, que juntos constituiriam o *ethos* paulista⁵¹. O primeiro capítulo terminava

48 *His isolated community, though temporarily “out of bounds”, was soon to offer self-sufficiency and independence to any who were strong and resourceful enough to make their living there.* (SPEY, p.9)

49 *The subsequent character, exploits, and independence of the Paulistas can largely be understood in terms of these two elements: leadership and adaptation to environment.* (SPEY, p.12)

50 [...] *a texture of tensions, stresses, and allegiances that is not simple to analyze.* (SPEY, p. 28).

51 Morse neste primeiro trabalho não usa a palavra *ethos*, embora seu texto leve o leitor à visão que valoriza a formação de

com a elevação de São Paulo à vila, em 1562, já unida a Santo André, e até aqui, poderia se dizer, nada de novo. A historiografia paulista coincide no geral com esse ponto, e a distinção é apenas o gradiente de “nativo” no mameluco, no geral visto de forma idealizada a fornecer a “força” necessária ao paulista. Porém, pode-se indicar que é a percepção da formação de um *ethos* híbrido na colônia, posteriormente apresentado como o substrato cultural paulista que nascera da junção do esforço evangelizador jesuítico à força desbravadora mameluca, o que num certo sentido irá contribuir para que o autor veja em São Paulo uma “metrópole latino-americana” em 1970. Mas não adiantemos demais o passo, acompanhando por ora apenas esse primeiro texto.

O capítulo intermediário era dedicado a uma descrição geográfica da região, a partir dos relatos da época, dos jesuítas e dos viajantes. Nesse ponto, o norte-americano declaradamente discordava da apreciação de Alfredo Ellis (1896-1974) – que fazia a ligação direta entre caráter e clima ao postular que o “clima temperado” (e “melhor”) do planalto era o responsável pela “energia, vitalidade e mesmo a boa saúde do paulista”⁵². Morse afirmava ser mais “prudente dispensar tal julgamento moral”, para concordar com argumentos digamos mais “científicos”, como os do geógrafo norte-americano Preston James (1899-?)⁵³, para quem seria “muito difícil afirmar a influência do clima no caráter e no temperamento dos paulistas”⁵⁴. Ao destacar a interação cotidiana entre brancos e índios, que por dois séculos foram numericamente maiores, o texto caminhava para indicar a formação do *ethos* daquela comunidade. Naquele lugar e naquele momento, a língua dos índios era se não totalmente pelo menos em grande parte aceita pelos europeus; e mais que isso, o homem branco comia comida de índio, dormia em rede como índio, fazia guerra, construía casas,

uma *mentalidade* paulista naqueles anos, ou à constituição de um substrato cultural que definiria o “paulista” dali em diante.

52 Um dos autores que compartilhava a visão de Oliveira Vianna. Na edição de 1958, na Nota bibliográfica ao capítulo “Antecedents” Morse dirá dos trabalhos de Ellis: “são uma síntese ampla, de orientação sociológica, mas marcado por descuidos escolares e com hipóteses indefensáveis” (*FCtM*, p. 18).

53 A bibliografia norte americana citada se resume ao trabalho de Preston James, *Brazil*, New York: Odyssey Press, 1946. O geógrafo havia publicado *Latin America* em 1942 e *Brazil* em 1946, e estudava as cidades em seus trabalhos. Considerado por um estudioso do tema “o mais proeminente de todos os latino-americanistas dedicados ao estudo do Brasil. Seu livro tantas vezes reimpresso, *Brazil*, foi a melhor obra sobre o país e pode ser considerada a contraparte geográfica de *Brazil: People and Institution* (1946) do sociólogo T. Lynn Smith”. Cf. Cyrus Dawsey, “Estudos geográficos do Brasil nos Estados Unidos e no Canadá: tendências e perspectivas, 1945-2000”. In: Rubens Barbosa, Marshall Eakin, Paulo Almeida (orgs.), *O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 343-382, p. 346. Também Aziz Ab’Saber retoma a importância do trabalho de Preston James sobre o Brasil (Cf. Aziz Ab’Saber, “Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo”, *Revista do IEA*, São Paulo, v.8, n. 22, São Paulo, set.-dez., 1994, pp. 221-32).

54 Sendo desse modo mais prudente seguir Preston James em *Brazil* (1946) (*SPEY*, p. 127).

caçava e pescava como índio⁵⁵. O paulista se constituía assim como um ser particular no compartilhamento da vida americano com o nativo. Esse seria, vale notar, o viés explorado em seguida por Sergio Buarque de Holanda (1902-1982) em seus textos sobre São Paulo escritos nos anos 1940 e 1950 enquanto diretor do Museu Paulista e professor de História Econômica na Escola Livre de Sociologia e Política, considerados o início de uma renovação historiográfica levada à frente de modo sistemático apenas décadas depois na Universidade de São Paulo. Partindo da análise da cultura material dos paulistas, entendidos como um povo mestiço, Sergio Buarque inauguraria um novo momento nos estudos sobre a São Paulo colonial⁵⁶.

As argumentações formuladas por Sergio Buarque sobre os paulistas, entretanto, só seriam incorporadas de modo explícito por Morse a partir da edição de 1970, quando são citados o artigo “Movimentos da população em São Paulo no século XVII” (publicado em 1966) e o livro *Visão do paraíso* (1959), este a propósito da visão edênica incorporada nas lendas bandeirantes. Ainda assim, pode-se perceber que há certas semelhanças com aquele historiador na forma em que Morse narra o cotidiano do primeiro século paulista, e que elas parecem indicar uma afinidade que começava a se estabelecer ainda à distância, por meio da atenção aos mesmos pontos. Se na primeira edição de *De comunidade à metrópole* o livro *Raízes do Brasil* (na sua edição de 1948) era citado *en passant*, a propósito dos poetas românticos na cidade (DCaM, p.96), a referência maior a Sergio Buarque é visível em outras passagens, mas a partir da edição das memórias de Thomas Davatz que o historiador paulista organizara na década de 1940. Foi na apresentação que fez àquele testemunho que Sergio Buarque pareceu esboçar uma primeira leitura sobre a ligação entre os fazendeiros de café e o meio urbano, e é isso o que Morse recupera e apresenta na primeira edição do seu livro (DCaM, pp.122 e ss)⁵⁷. Mas certamente Morse também apreendeu “pontos de vista” com Sergio Buarque em encontros e conversas em São Paulo no final da década de 1940, tanto assim que ao citá-lo num

55 SPEY, pp.53 e ss.

56 Cf. Ilana Blaj, “Sergio Buarque de Holanda: historiador da cultura material”. In: Antonio Candido (Org.), *Sergio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998, pp.29-48, entre outros da mesma autora. A historiadora mostra em outra oportunidade que a despeito dos trabalhos de Sergio Buarque serem uma inflexão na longa historiografia paulista, o viés mais tradicional do pensamento histórico paulista seguiria dando frutos, em autores que continuavam ativos, como foi o caso de Alfredo Ellis, por exemplo (Blaj, op. cit., 2002).

57 Cf. Sergio Buarque de Holanda, “Prefácio do Tradutor”. In: Thomas Davatz, *Memórias de um colono no Brasil (1850)*. São Paulo: Martins, 1941, pp.5-35. Morse reproduzia em seu livro a argumentação de Sergio que mostrava a “especificidade” da cultura cafeeira em muitos aspectos em relação às outras culturas e apontava sugestões para a compreensão dos motivos dela ter se estabelecido na Província de São Paulo.

determinado ponto, referia-se ao historiador como “Dr. Sergio”⁵⁸. Na nova edição em 1958, quando ampliou o espaço dedicado aos anos coloniais, Morse voltaria ao *Raízes do Brasil* a propósito também das *Leyes de Indias*, recuperando o argumento exposto ali sobre a diferença da colonização espanhola e a portuguesa (FCM, p.13), ao lado de uma variada bibliografia sobre as cidades coloniais⁵⁹. Mas o que parece ser mais importante de se notar é que se já naquele primeiro trabalho de Morse algumas “coincidências” de perspectivas entre os historiadores podem ser percebidas – justamente a respeito da integração entre índios e brancos explicitadas na análise da cultura material do paulista empreendidas por Morse e que são em seguida tema de Sergio –, elas parecem anunciar um campo comum de interesses que de fato se constituiu entre ambos⁶⁰. Para precisar o ponto, uma breve digressão sobre o historiador paulista e sua apreciação sobre o período colonial em foco é necessária⁶¹.

Em 1948 e 49, após ter publicado em 1945 o livro *Monções* dedicado ao século 18 paulista, Sergio Buarque publicou os ensaios “Os primórdios da expansão paulista no fim do século XVI e começo do século XVII” e “Índios e mamelucos na expansão paulista” que, juntamente a outros artigos menos extensos foram reunidos para formar o livro *Caminhos & Fronteiras*. Lançada em 1957, a obra analisa a importância fundamental do elemento indígena na mestiçagem no planalto e conseqüentemente na formação do paulista, deslocando o peso da balança para o lado nativo do encontro. É certo que Sergio Buarque, na esteira da historiografia paulista aqui referida, já havia ressaltado a especificidade paulista em seu ensaio de estreia. Como destaca Robert Wegner, ainda que lateralmente ao argumento central de *Raízes do Brasil* as bandeiras apareciam nesse texto como fenômeno deslocado da empresa colonial portuguesa, para justamente se sublinhar a diferença – da mesma forma como todos aqueles historiadores paulistas até então propunham – da cultura paulista:

58 E nem mesmo o lista na bibliografia, colocando apenas *Memórias de um colono no Brasil* (1850) na listagem final.

59 Na edição em inglês Morse já indica *Raízes do Brasil* (ed. 1948) e *Monções* (1945), além do *Memórias*, na sua bibliografia.

60 Cf. Pedro Meira Monteiro, “As *Raízes do Brasil* no *Espelho de Próspero*”, *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n.83, mar., 2009, pp.159-82.

61 No livro sobre os bandeirantes que edita quando professor em Yale, Morse publica um ensaio introdutório sobre a importância de se conhecer nos Estados Unidos aquele grupo de “pioneiros” da América portuguesa, tão semelhante num certo sentido aos pioneiros da América do Norte, e ainda tão pouco estudados por lá (Cf. Richard Morse (Ed.), *The Bandeirantes: The Historical Role of the Brazilian Pathfinders*. New York: Knopf, 1965). Além dos autores clássicos (Teodoro Sampaio, Alcântara Machado, Taunay, entre outros), Morse traduziu *Monções* de Sergio Buarque, a quem o livro é dedicado, em nome de uma amizade que havia se consolidado nesse intervalo de tempo. Explorei mais detalhadamente a relação entre Morse e Sergio Buarque no artigo “Dois autores em busca de um passado: Richard Morse e Sergio Buarque na construção da especificidade paulista”. In: Lanna et al. (orgs.), *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, pp.661-83.

A obra grandiosa das bandeiras paulistas não pode ser bem compreendida em toda sua extensão, se não a destacarmos um pouco do esforço português [...]. No planalto de Piratininga nasce em verdade um *momento novo* de nossa história nacional.⁶²

Novo, como se sabe, em relação ao estabelecimento colonial agrário no Nordeste açucareiro, “herança rural” que do ponto de vista de Sergio Buarque naquele momento, precisava ser deixada para trás para que o país finalmente se modernizasse. Se aqui o historiador não se propunha a pensar de modo detido o paulista, ao menos indicava perceber alguma diferença em relação ao padrão colonial português. Richard Morse, no trabalho de 1947 – e assim como diversos outros autores que tratavam da “peculiaridade” paulista – também havia destacado a diferença, observando que a “economia austera do planalto” havia “condicionado cada estágio da vida paulista – sua cultura, sua ocupação, seus hábitos cotidianos, seus valores materiais e sociais”⁶³. Afirmava em seguida que tal austeridade contrapunha-se às demais ocupações ibéricas na América, já que “em nenhuma outra parte da América Latina o europeu teve que viver assim. Mas [o paulista] não se intimidou com sua existência espartana”⁶⁴. Com isso, Morse buscava sublinhar o fato de que os paulistas não podiam ser confundidos com a visão que comumente se tinha dos ibéricos (por parte deles, os anglo-saxões), pois que em sua “austeridade”, “apreço pelo trabalho” e “retidão moral”, os habitantes de São Paulo se aproximavam dos valores protestantes⁶⁵. Para o norte-americano, nesse ponto era visível o afastamento do elemento ibérico em terras índias revelado em “uma vida sem jogo, blasfêmia ou flerte, mal caracterizando *a nossa ideia* de uma comunidade Ibérica”⁶⁶. A ligação entre a ética protestante do trabalho e o espírito do capitalismo formalizada por Weber – que também informava o pensamento de Sergio Buarque em *Raízes*⁶⁷ – parecia pairar no ar nas

62 Sergio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, citado por Robert Wegner, *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sergio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 238/n.61, grifo meu.

63 *This austere economy of the planalto strenuously conditioned all phases of the paulista's life – his culture, his occupation, his daily habits, his material and social values.* (SPEY, p.60)

64 *In no other part of Latin America did the European live as did the Paulista. Yet the latter was undaunted by his Spartan existence.* (SPEY, p.59)

65 SPEY, p.77.

66 *A life without gambling, blasphemy, or flirtation hardly characterizes our usual concept of an Iberian community.* (SPEY, p. 64). Se os índios às vezes cantavam e dançavam, a Câmara logo interditava aos brancos sua presença na festa, pois temia-se que a fibra dos colonos fosse atenuada pelas “bacanais pagãs dos negros da terra”, completava o historiador. Isso os fazia um “grupo” particular na América Ibérica.

67 Cf. Jessé Souza, “A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro”. In: *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Ed. UnB, 1999, pp. 17-54. Weber teria sido usado para explicar o “atraso” da

colocações de Morse, ainda que sem aprofundar as consequências, embebido pela vontade de ver em São Paulo o surgimento dos *yankees* do sul.

No entanto, é em *Caminhos & Fronteiras* que Sergio Buarque se afasta de seus predecessores, jogando um balde de água fria no orgulho paulista ao mostrar “a nativização do português no interior do continente americano” e reconhecendo e valorizando “a marca do chamado selvagem” no conquistador⁶⁸. Afirmava que “ela não representava uma herança desprezível e que dev[esse] ser dissipada ou oculta, *não [era] um traço negativo e que cumpre recuperar*; constitui[a], *ao contrário, elemento fecundo e positivo*, capaz de estabelecer poderosos vínculos entre o invasor e a nova terra”⁶⁹. O interesse está em notar como Sergio Buarque, que em *Raízes* clamava pela superação da herança ibérica, via agora essa mesma herança, quando mesclada com o nativo americano, algo a se valorizar⁷⁰. Diversamente do que se escrevera e se propusera até então não se tratava, do seu novo ponto de vista, de descartar, idealizar e/ou superar uma herança nativa manifesta no conquistador, mas de compreendê-la na sua real importância para a formação daquela personalidade mestiça⁷¹.

sociedade brasileira por ajudar a identificar os obstáculos que nos impediam de ser modernos por diversos autores do pensamento social brasileiro. Sergio, leitor de primeira hora de Weber, é um deles, definindo o “homem cordial”, como afirma Souza, como “*o inverso perfeito do protestante ascético como o definido por Max Weber*” e como resultado, “não temos aqui nem mercado capitalista moderno nem democracia digna desse nome.” (p.33 e ss). Para uma discussão sobre os pressupostos weberianos (ou não) na obra de Holanda, cf. André Goldfeder e Leopoldo Waizbort, “Sobre os ‘tipos’ em *Raízes do Brasil*”, *Revista IEB*, São Paulo, n. 49, mar.-set., 2009, pp. 13-35.

68 Wegner, op. cit., p.147. Wegner vai construir seu argumento justamente em cima da viagem de Sergio aos Estados Unidos no início dos anos 1940, quando o historiador entra em contato com a obra F. J. Turner, comentando suas perspectivas a partir dos artigos publicados sobre aquele país na sua volta ao Brasil (entre eles, “Considerações sobre o americanismo” (1940) e “Panlusismo” (1941), republicados em *Cobra de Vidro*, São Paulo: Perspectiva, 1978, pp. 23-8; 73-83).

69 Holanda, op. cit., 1956, p.18, grifo meu.

70 A discussão na verdade é mais complexa – e não cabe aqui levá-la adiante –, na medida em que *Raízes do Brasil* terá distintas edições que modificam alguns sentidos das teses ali expostas. Remeto ao artigo de Joao Cezar de Castro Rocha, “*Raízes do Brasil*: biografia de um livro-problema”. In: Stelio Marras (Org.), *A atualidade de Sergio Buarque de Holanda*. São Paulo: IEB/ Edusp, 2012, pp. 19-39. O meu ponto é apenas ver como Morse estabelece uma “afinidade” intelectual com Sergio, mesmo que por caminhos distintos.

71 Afastando-se assim dos estudos que na busca da “especificidade paulista” exaltavam o papel do bravo português que ao subjugar o índio – inclusive por meio da relação homem-mulher – conquistou territórios e alargou as fronteiras, como faz por exemplo Paulo Prado em *Paulística*, vendo na obra bandeirante um “gentil imberbe e mal armado” escravizado e dizimado pela “raça forte e conquistadora” do português renascentista. Deve-se notar entretanto que já em Frei Gaspar o indígena aparecera como elemento de enobrecimento do português, pois seus atributos, “ociosidade, imprevidência, intemperança e gosto pelas atividades predatórias” se ajustavam, no entender daquele autor, aos padrões de nobreza do português. Essa interpretação seria mais tarde a base para a perspectiva da “sub-raça superior” de Alfredo Ellis, para justificar o papel econômico e político de São Paulo durante a Primeira República. (Cf. Oliveira,

Nos campos de Piratininga e nas empreitadas paulistas, apenas porque aquele português soube, ou pôde, ou teve que absorver a cultura da terra é que ele pôde, ou soube e finalmente conseguiu se estabelecer com sucesso. Disso afinal resultava a “especificidade paulista” – não da afirmação de uma pretensa “pureza de raça” (ibérica) que o isolamento dado pela Serra do Mar poderia fazer supor –, mas no intenso, cotidiano e necessário intercuro entre nativo e adventício, entre negro da terra e português, narrado por Sergio Buarque nas obras “eminentemente paulistas” dos anos 1940 e 1950⁷². Richard Morse, mesmo tendo afirmado em 1947 que do ponto de vista moral os paulistas eram quase “protestantes”, indicava por outro lado a formação de um *ethos* híbrido que se construía na interação cotidiana entre brancos e índios, e nisso parecia coincidir com o historiador paulista. Sergio Buarque, entretanto, deu outro passo em 1957, ao observar que na passagem do tropeiro para o fazendeiro de café nascia uma nova fase paulista. O historiador se permitia um “parêntese” na história colonial para se perguntar se não havia nas conseqüências daquela passagem “uma das explicações possíveis para o fato de justamente São Paulo ter se adaptado, antes de outras regiões brasileiras, a certos padrões do moderno capitalismo”, notando que nessa “significativa etapa na evolução e também na sociedade paulistas”,

[os] grossos cabedais que nelas se apuram tendem a suscitar uma *nova mentalidade* na população. *O tropeiro é o sucessor direto do sertanista e o precursor, em muitos pontos, do grande fazendeiro. A transição faz-se assim sem violência.* O espírito de aventura [louvado naqueles paulistas seiscentistas], que admite e quase exige a agressividade ou mesmo a fraude, encaminha-se, aos poucos, para

op. cit., p.81 e p.86). A visão de Sergio Buarque precisa ser contextualizada neste conjunto de perspectivas, ainda que em quase todas elas o branco apareça sempre como “superior”, o que jamais o autor de *Caminhos & Fronteiras* afirma. Como exceção à “regra”, vale citar a crítica do antropólogo Roquette Pinto à obra de Taunay, justamente em seu discurso de saudação ao historiador na Academia Brasileira de Letras em 1930, cf. Ana Claudia Brefe, *O Museu Paulista: Afonso de Taunay e a memória nacional (1917-1945)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005, pp. 205 e ss.

72 Em recente seminário promovido pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP sobre a obra de Sergio Buarque, Antonio Candido e Maria Alice Rezende de Carvalho chamaram a atenção sobre a “obra paulista” do historiador, que chega a São Paulo aos 43 anos, depois de 25 anos de uma trajetória intelectual importante no Rio. Assume proeminência imediata na cena local, modificando de certo modo sua própria inscrição no campo intelectual ao fazer o elogio do trabalho científico e recusando as “doutrinas salvadoras por meio da alteração do *ethos*”, como apontou Maria Alice referindo-se especialmente a *Raízes do Brasil* escrito ainda no Rio, para reforçar que o historiador ao tomar São Paulo como objeto deixava para trás o ensaísmo buscando o trabalho científico mais rigoroso. Referia-se provavelmente à *Visão do Paraíso*, pois nota-se nos ensaios de Sergio Buarque sobre a vida material na São Paulo colonial certos resquícios de uma leitura mais “culturalista”. (Antonio Candido, “Sergio Buarque entre duas cidades”, conferência de abertura (13/09) e Maria Alice Rezende de Carvalho, “Vida intelectual e vida urbana” (16/09), ambos em “Atualidade de Sergio Buarque de Holanda”, IEB USP, 13-16/09/2011). O texto de Candido foi publicado em Marras (org.), op. cit., 2012, pp.13-8.

uma ação mais disciplinadora. [...] O amor da pecúnia sucede o gosto da rapina. [...] Em um empreendimento muitas vezes aleatório, faz-se necessária certa dose de previdência, virtude eminentemente burguesa e popular⁷³.

Não se tratava portanto de uma fase de decadência entre o período bandeirante e o período do café – como vista pela maioria dos autores –, mas de um árduo caminho de adaptação que começara nas fronteiras e nos caminhos, na passagem do sertanista para o tropeiro. Sergio Buarque valorizava ali o comércio e os ofícios mecânicos, desprezados pela historiografia até então, notando uma espécie de elo de continuidade entre eles, o passado colonial e o presente industrial, justamente nos anos intermediários em que o paulista se tornara tropeiro. A tese da decadência forjada por Paulo Prado, que reaparecia em autores como Taunay, seria refutada também por Richard Morse como vamos ver, e era ali colocada em xeque.

Desse modo, mesmo que tenha sido a partir da apropriação de uma historiografia chamada de tradicional (sobretudo após a implantação da Universidade de São Paulo) a partir do mergulho no passado colonial feito no mestrado o que levou Morse a fazer afirmações seguras sobre o caráter do paulista seiscentista em seu livro sobre São Paulo, o contato com Sergio Buarque e com suas teses parece tê-lo levado a elaborar de modo mais preciso a sua compreensão do *ethos* paulista gestado na colônia. Definindo-o a partir de uma pretensa especificidade frente ao conjunto da América conquistada, Morse afirmou na Introdução de seu livro em 1954 (e já antes, na tese em 1952) que no primeiro século de existência “os paulistas tinham então adquirido senso de orgulho e confiança em si”, e que desta forma, por

sua resistência aos índios como comunidade independente [tornaram-se] ciosos de sua autonomia e desconfiados dos agentes reais [...] ansiosos por tentar a sorte no interior desconhecido de um vasto continente. (DCaM, p.17).

Já se notou que nos trabalhos de Sergio Buarque, “não se trata de constatar a *difusão* de traços, mas de perceber que a forma assumida por tais traços foi definida pela situação histórica.”⁷⁴ A afirmação de Laura de Mello e Souza também nos ajuda a compreender as aproximações entre

73 Sergio Buarque de Holanda, *Caminhos & Fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p.158, grifos meus. O argumento se anunciara anteriormente em seu prefácio a Davatz, op. cit., 1941. E Morse parece “captar” dali o ponto.

74 Laura de Mello e Souza, “Sergio Buarque de Holanda entre a história e a sociologia”. In: Milton Meira do Nascimento (Org.), *Jornal de Resenhas – Seis anos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, v.1, pp.26-8, 2001, p.26.

os historiadores que começavam a se estabelecer desde aquele primeiro trabalho do historiador norte-americano. Esse olhar para a vida material e para o cotidiano, que Sergio Buarque apura em sua produção intelectual dos anos 1950, e que se explicita como busca de “compreender a cultura na sua acepção mais ampla, a cultura enquanto totalidade”⁷⁵, parece ser, de algum modo, visível nos trabalhos de Morse sobre São Paulo quando apontava para a formação de uma cultura híbrida que se forja no planalto e que será a chave de compreensão da cidade mobilizada em seguida. Não à toa, nas edições posteriores, tanto em 1958 como em 1970, o período colonial ganharia outro peso, e mais importante, outro enquadramento na economia da obra.

Um novo capítulo, chamado de “Antecedentes”, é incorporado ao livro em 1958. Neste texto, escrito primeiramente para a edição norte-americana, e reformulado e ampliado para a reedição de 1970, Morse dialoga com uma bibliografia mais “atualizada” para de certo modo revisar e refinar sua argumentação. Em 1970, o autor amplia a bibliografia, não apenas porque se passou mais de uma década, mas pelo próprio alargamento do recorte temporal do seu trabalho, que se inicia na era dos descobrimentos na Península Ibérica. Com isso, a forma de apresentar o estudo também se transforma, já que Morse insere a experiência “urbana” do núcleo de Piratininga numa história maior da fundação de cidades no Novo Mundo, redefinindo a forma urbana pela situação histórica mais geral. Passava então a dialogar com clássicos da história das cidades, como Henri Pirènné (1862-1935)⁷⁶, preocupando-se em diferenciar a urbanização “clássica” formulada pelo historiador – as cidades surgidas de forma espontânea na Europa medieval pelo renascimento do comércio – do surgimento dos centros urbanos na Península Ibérica. Morse defendia que o contraste campo-cidade não teria sido tão abrupto ali, e em seguida, trasladava a observação para o Novo Mundo, retomando a discussão do traçado daquelas cidades⁷⁷. Contudo, ao reconhecer a distinção entre as novas cidades fundadas na América pelos ibéricos, diria que

75 Blaj, op. cit., 1998, p.30.

76 O historiador medievalista belga escreveu sobre as cidades e as instituições urbanas na Europa da Idade Média. É autor de *Les villes du Moyen-Age, essai d'histoire économique et sociale* (1927) e *Les villes et les institutions urbaines* (1939), entre outros.

77 Como se sabe, tratada por Sergio Buarque no famoso capítulo “O ladrilhador e o semeador” de *Raízes do Brasil*. Morse lidava ainda com uma bibliografia recente sobre a urbanização espanhola no Novo Mundo, incorporando os autores Luis García Valdeavellano, Luís Torres Balbas, Gabriel Guarda, Robert Ricard, Erwin Palm e sobre a portuguesa, Luís Silveira e Robert Smith, trabalhos publicados em fins dos anos 1950 e na década de 1960. Sobre o tema, cf. Ricardo Medrano, “Notas sobre a América do Sul na historiografia urbana brasileira”. In: Marcos Filgueira Gomes (org.), *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1990*. Salvador: Edufba, 2009, pp. 261-94 e para uma visão destes estudos no Brasil, Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, “Dossiê Caminhos da história da urbanização no Brasil-colônia”, *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.20, n.1, jan.-jun., 2012, pP. 11-40.

mesmo dadas estas diferenças entre a tradição espanhola e a portuguesa e as respectivas estratégias de colonização, [seria] possível identificar traços comuns na história urbana da América Latina [...] no período colonial (*FbSP*, p.11)⁷⁸.

Traços que nesse momentam importam a Morse, como vamos ver, e que podem ser resumidos no fato da colonização ter sido um empreendimento urbano, ou de mentalidade urbana; na escolha dos sítios ter sido arbitrária (o que o abandono e as transferências de cidades confirmavam); na emigração europeia de camadas marginais que ao chegarem se consolidam como a aristocracia da terra, transformando-se na oligarquia local; na ida ao campo dessa oligarquia, fazendo das cidades um apêndice do campo; e em redes urbanas que se desenvolveram debilmente, ligando-se as cidades à metrópole na maioria das vezes de maneira isolada (*FbSP*, p.11)⁷⁹. Perceber o que unia aquelas cidades, o que as fazia serem latino-americanas, tornara-se assim sua principal intenção. Tomando-as como postos avançados da Europa na América, Morse as veria como núcleos que depois das independências se transformaram em centros políticos da vida nacional. Foi isso que o levou a destacar da São Paulo colonial algumas “funções históricas” que ajudavam a tornar mais compreensível o “contraste entre a metrópole vertiginosa de hoje e as suas modestas origens coloniais”, a saber, as funções “evangélico-religiosa”; “político-administrativa”; “militar, colonizadora, expedicionária”; e por último a “comercial”, desempenhadas por São Paulo já desde aquele período inicial (*FbSP*, pp.36-7). Tais funções teriam sido indicadas por Luiz Saia num texto de 1963, em meio a tentativa de pensar a evolução urbana de São Paulo⁸⁰, e Morse parece então sistematizá-las ali para dar força ao seu próprio argumento.

Desse modo, nota-se que na reedição em português (ainda que desde a edição em inglês de 1958 isso se anunciasse) o autor reforçou o peso da história colonial para a compreensão do presente, com elaborações muito particulares que o fariam apresentar a cidade de São Paulo não mais como exceção ao padrão latino-americano, mas ao contrário, como uma metrópole latino-

78 Que ele mesmo explorara em um artigo escrito em naquele intervalo entre as edições, cf. Richard Morse, “Cidades latino-americanas: aspectos da função e estrutura”, *América Latina*, v. 3, jul.-set., 1962, pp. 35-63. Para uma discussão sobre a diferenciação que Morse faz dos tipos de cidade já na Península ibérica, e as decorrências disso em textos posteriores, cf. Elías Palti, *Acerca de los lenguajes políticos en el siglo XIX latinoamericano: sus nudos conceptuales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

79 Traços que em sua maioria se reconhecem na forma de compreensão das cidades levada adiante por José Luís Romero (Cf. “O ciclo das fundações”. In: *América Latina: as cidades e as ideias* (Trad. Bella Josef). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, [1973] 2002, pp. 77-102).

80 Cf. Saia, op. cit., 1963, pp. 209-11.

-americana. Volto ao ponto adiante. Talvez por ora se possa dizer sobre este livro de Morse, como já se disse para outro autor, que “a relação de continuidade, adensamento ou superação [em relação ao que já se escreveu sobre o tema] é constante, ao ponto de se tornar uma força produtiva deliberada, uma técnica de trabalho”⁸¹. Sua obra é construída como parte de uma tradição – no sentido mais positivo que se possa dar à palavra – buscando no diálogo constante o avanço das perspectivas trabalhadas. Ao utilizar e aprofundar a elaboração de historiadores que o precederam (ou mesmo que lhe eram contemporâneos), Morse adensava o caldo historiográfico, reformulando seu pensamento de acordo com as questões que o presente lhe colocava.

Por fim, como forma de explicar o surgimento das bandeiras, o norte-americano destacaria no terceiro capítulo do mestrado o modo como os jesuítas perderam gradativamente o posto de únicos condutores da ordem moral de seu rebanho, a partir do estabelecimento dos franciscanos e mais tarde dos beneditinos e dos carmelitas – o que teria dado a chance para o apresamento de índios efetivamente se tornar a principal atividade econômica naquelas paragens⁸² – indicando tangencialmente como a cidade se constituía na colina entre dois rios, justamente pontuada pelas três ordens religiosas – que foi a forma que ele encontrou para iniciar a descrição física da cidade em seu livro de 1954. Seu objetivo ali, no entanto – como ele mesmo declarava – era menos “descrever a magnífica odisséia do século 17, ou analisar sua contribuição para a formação da nação brasileira” que “tentar entender a sociedade que levou isso adiante e as razões – geográfica, econômica, humana, etc. – para sua origem”⁸³. A intenção foi indicar uma primeira mudança nos modos de vida, em seus hábitos e atitudes, e os novos horizontes que se anunciavam para os paulistas, como ele posteriormente faria no capítulo “Colonialismo e novos estimulantes”, já no livro em 1954. Ao sublinhar as transformações que sorrateiramente ocorriam na cidade, e na mentalidade de seus habitantes, estava dada a chave de compreensão para transformações maiores e mais efetivas. A maneira que Morse leu a história das bandeiras, a partir da constituição da comunidade em seu primeiro século de existência, parece ser um movimento similar ao que o levaria a ler a história

81 Schwarz, op. cit., 1999, p.46.

82 Não se trata aqui de discutir a veracidade ou não das informações e dos argumentos de Morse sobre a história colonial, mas não custa lembrar que hoje se sabe que os próprios jesuítas recrutavam índios para o trabalho escravo, cf. John Monteiro, *Negros da terra*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

83 *It is beyond the scope of this study to describe the magnificent seventeenth-century Odyssey of the bandeiras or to analyze their outstanding contribution to the formation of the Brazilian nation. We have, however, attempted to understand the society that brought them forth and the reasons – geographic, economic, human, etc. – for their origin.* (SPEY, p.93)

colonial como entrada para a compreensão da história urbana pós-1822:

Se um estudo do século 16 paulista tem valor, em grande parte é porque *a chave para a força duradoura da cidade ao longo da era das bandeiras estava na natureza das origens de São Paulo e no entrelaçamento de suas peculiares estruturas sociais*. A urdidura e a trama da vida paulista foi definida pelo seu ambiente natural, pelos seus estoques nacionais e raciais, pela sua economia, suas instituições, pelo temperamento e pelos ideais de seus vários elementos humanos. Foi essa textura que procuramos analisar. E ela não mostrou nenhuma transformação importante até a descoberta dos metais preciosos no século 18, que atraiu os paulistas mais ousados para as fronteiras e deixariam São Paulo em sua prosperidade modesta, em sua vida tranqüila, apta às suaves infiltrações das mais graciosas artes da vida.⁸⁴

Como pretendi deixar mais claro pelos trechos analisados, este primeiro estudo lhe deu bases da história pregressa de São Paulo e da sua historiografia. Escrito a partir de fontes primárias e secundárias encontradas em Columbia – a coleção dos *Inventários e Testamentos* e os dois primeiros volumes das *Actas da Câmara de São Paulo*, bem como alguns livros fundamentais e a coleção da *RIHGSP*, que lhe ofereciam um vasto material já trabalhado – e sem recorrer à literatura norte-americana que por ventura houvesse sobre o tema⁸⁵, Morse fez um histórico da capitania, da sua gente e sua economia, partindo do que os próprios paulistas haviam contado sobre sua história, não escapando com isso da dimensão celebratória e ufanista que circundava a maioria deles, e mesmo compartilhando em certas passagens da compreensão determinista ou teleológica dos estudos que viam naquele passado a explicação do presente. Mas, como vimos, em alguns momentos pareceu intuir certas formulações no sentido de uma história da cultura material que apenas posteriormente seriam elaboradas de maneira mais efetiva, já num contexto de renovação historiográfica, o que o levaria a valorizar a cultura híbrida que se formou no pla-

84 *If a study of 16 century São Paulo has value, it is largely because the key to the town's enduring strength throughout the era of the bandeiras lay in the nature of São Paulo's origins and in the interweaving of its peculiar societal structures. The warp and weft of Paulista life was defined by its natural environment, the national and racial stocks, its economy, its institutions, the temperament and ideals of various human elements. This texture we have sought to analyze. It showed no basic change until the mineral discoveries of the 18 century attracted the more venturesome Paulistas to the new frontier and left São Paulo to tranquility, modest prosperity, and to the gradual infiltration of the gentler, more gracious arts of life.* (SPEY, p.101)

85 Sobre São Paulo, de fato, não parecia haver muita coisa. Ao olharmos para as teses contemporâneas ao trabalho de Morse, vemos que são na maioria trabalhos que se concentram no período cafeeiro, como por exemplo o trabalho de Stanley Stein sobre Vassouras, ou o de George Boehrer sobre o Partido Republicano Paulista. John Monteiro cita a tese de Alexander Marchant publicada em 1942, *From bater to slavery: the economic relations of Portuguese and Indians settlement 1500-1580*. Para uma tentativa de sistematização dos estudos sobre São Paulo no Brasil, cf. Passos, op. cit., 1992. Retomo o ponto no capítulo 2.

nalto paulista, no que ela atuava para a constituição de um pensamento que conduziria a própria forma da evolução urbana paulista.

Pode-se dizer que a incursão nesse mundo colonial o preparou para a tarefa que se colocava a seguir: entender o processo de urbanização intenso da cidade que se transformava a olhos vistos, tornando-se uma metrópole industrial latino-americana. Fez ainda com que o historiador se apropriasse da história das bandeiras como formadora do caráter paulista. Porém, para explicá-las, Morse, como vimos, achou ser necessário voltar ainda mais um século, o primeiro século de existência daquela comunidade. A frase que finaliza o estudo é paradigmática do ponto de vista construído ali:

São Paulo colonial é um *único e excepcional elemento* nas transformações do novo hemisfério. A metrópole prodigiosa de hoje em nada ofusca ou mancha a glória da cidade em seu início – que pequena, posto avançado, primitiva, ainda assim *orgulhosamente desafiadora* em um vasto e estranho Mundo Novo.⁸⁶

Ao mesmo tempo em que as primeiras revisões sobre o período colonial começavam a ter lugar na cidade, notadamente na Universidade de São Paulo na década de 1950⁸⁷, Richard Morse, partindo de uma compreensão razoavelmente completa do que se tinha escrito até então, iria elaborar uma história da evolução urbana da cidade, buscando construir uma interpretação sobre a mesma. O contato entre Morse e os intelectuais paulistas da USP vai surtir efeitos na sua

86 Grifo meu. *Colonial São Paulo is a unique and outstanding element in the epochal metamorphosis of the new hemisphere. The prodigious metropolis of today in no way overshadows or tarnishes the glory of the early town – that small, primitive, yet proudly defiant outpost in a vast and strange New World.* (SPEY, p. 102)

87 Revisão essa que um Sergio Buarque de Holanda levou à frente com *Caminhos & Fronteiras*, como se viu, mas que num empreendimento da magnitude do *História Geral da Civilização Brasileira*, dirigido pelo mesmo historiador a partir de 1960, ainda apresenta um capítulo sobre a história das bandeiras que passa por todos os pontos, sem exceção, dessa construção do paulista como o bravo bandeirante que mesclou as melhores qualidades do pai português com as melhores qualidades da mãe índia, e de São Paulo como a terra isolada que pode então guardar as características dos povoadores originais e se voltar para o sertão, preservando-se da má influência da costa; escrito pela filha de Alfredo Ellis (cf. Myriam Ellis, “As bandeiras na expansão geográfica do Brasil”. In: Sergio Buarque de Holanda (org.), *História geral da civilização brasileira*, Tomo I, A época colonial, V.1, Do descobrimento à expansão territorial). São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1976, pp.273-81). Talvez as revisões sobre tal temática comecem efetivamente a dar frutos mais sistemáticos apenas nos anos 1980, em trabalhos como o de John Monteiro, *Negros da terra, Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo* (publicado 1994, resultado de pesquisas empreendidas na década anterior); ou trabalhos de cunho eminentemente historiográfico como o de Kátia Abud, “Sangue intímato e as nobilíssimas tradições: a contribuição de um símbolo paulista: o bandeirante”, Tese (Doutorado), Departamento de História, FFLCH USP, 1986; para citar apenas dois títulos bem conhecidos.

leitura sobre São Paulo, na maneira em que ele irá reelaborar a “especificidade” paulista constituída nos seus primeiros anos de existência na própria história da evolução urbana. Ao longo das edições, Morse maneja esta “especificidade” até alcançar a ideia de “padrão”, invertendo portanto sua primeira leitura. Do meu ponto de vista, foi justamente o fato de ter compartilhado com os intelectuais paulistas o momento de formação de um pensamento próprio e autônomo sobre a história do Brasil – nos diversos campos do conhecimento – o que o estimulou e lhe abriu os olhos e o coração para pensar o lugar de São Paulo como metrópole moderna de uma América ibérica, ou latina. Saía assim do ufanismo da exceção da historiografia mais tradicional para chegar na afirmação de uma especificidade, não paulista, mas latino-americana. Um comentário do próprio Morse ao resenhar o livro de João Cruz Costa (1904-1978) sobre “as idéias no Brasil” pode ser útil para se entender melhor a função daquele primeiro estudo sobre a São Paulo colonial e como ele posteriormente aparece em seu livro, já na edição de 1954, mas mais enfaticamente a partir de 1958. Morse afirmava ali que as escolhas de Cruz Costa não eram arbitrárias – como certamente não o eram também as suas – e pontuava que “sua sintética e *extensiva* (o grifo é dele) apresentação da herança portuguesa e dos séculos coloniais dava um ponto de partida claro, contendo as linhas principais de sua interpretação”⁸⁸, o que de certo modo se nota em seu próprio trabalho. O seu ponto de partida foi a compreensão do *ethos* paulista em sua gênese, para então compreender a história posterior.

Richard Morse afirmou que foi em vista do volume do material encontrado em São Paulo sobre aquele período inicial que ele preferiu se limitar a tratar da história da cidade a partir do momento em que ela notoriamente se transformava no sentido de deixar para trás a pacata vida dos tempos da colônia, para se projetar como aquela que viria ser a principal cidade latino-americana. Buscou em Spengler a justificativa conceitual para sua decisão, mas sem dúvida era o reconhecimento da especificidade da cidade em relação à própria América Latina na sua constituição ibérica, entendido como um paradoxo, o que o movia. Esse aparente paradoxo, cidade ibérica e ao mesmo tempo industrial capitalista, intrigou o norte-americano, levando-o a buscar elementos no passado da cidade para entender o presente da metrópole. O que parece lhe indicar essa forma de compreensão é o vislumbre de um sentimento inédito de comunidade naquela metrópole contemporânea, explicitado nos laços entre os diferentes grupos que compunham a sociedade e que retomavam a

88 Richard Morse, Reviewed work(s): Contribuição à história das ideias no Brasil (O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional). by João Cruz Costa, *The Hispanic American Historical Review*, v. 37, n. 4, nov., 1957, pp. 495-497.

comunidade do passado em novos termos. Esse sentimento, ele flagrava no próprio *ethos* paulista. Vejamos então como a história de São Paulo se constitui ao longo do livro, em suas diversas etapas, para adiante poder entender melhor como e porque Morse operou esse giro.

3. FASES E MATRIZES DE UMA HISTÓRIA URBANA

Seja na intenção de elaborar a história *das cidades* num determinado tempo histórico, seja na vontade de organizar a história *de uma cidade* no período de sua existência, classificar ou periodizar o processo de urbanização parece ser uma constante nos estudos de história urbana⁸⁹. Com São Paulo isso não seria diferente e, como Morse afirmava em 1950 em um dos artigos publicados enquanto redigia a tese, dividir a história daquela cidade em três momentos era quase uma obviedade, já que era senso comum compreender que São Paulo teria vivido uma primeira fase ligada à “epopeia homérica das bandeiras”, seguida de um período de “decadência”, para então surgir “a cidade moderna” quase “de modo imprevisto”⁹⁰.

Se as etapas definidas por Richard Morse *grossa modo* se encaixavam nessas fases consagradas, já que elas recuperavam os anos coloniais como antecedentes de uma história posterior que passava pela constituição de uma cultura urbana ainda incipiente no início do século 19, para então chegar no germe da metrópole industrial no início do século 20, ao examiná-las mais de perto nota-se que se a princípio tais etapas se sucedem, elas também se sobrepõem e borram-se os limites. O trabalho sugeria uma perspectiva distinta que reconheceria tendências históricas, marcando pontos de inflexão e delimitações próprias. Ao descartar o puro avanço cronológico ou pretensamente na-

89 Pode-se lembrar das abordagens de Weber, que em *Die Stadt* [A cidade] (1921) propunha tipologias de fases históricas a partir da distribuição do poder político entre a família, o estado e o indivíduo, relacionando política e economia; de Mumford, que passava pelos tipos de cidade em função dos períodos históricos, relacionando cidade e tecnologia, ressaltando as mudanças do espaço urbano em função do emprego de novas técnicas – em *The Culture of the Cities* [A cultura das cidades] (1938) e depois em *The City in History* [A cidade na história] (1961) – ambos pensando as cidades na história da Humanidade; ou em Lavedan, construindo sua interpretação da urbanização de Paris desde a sua fundação, ao longo de sua história em *Histoire de Paris* [História de Paris] (1960). Também pode-se lembrar de Romero, que em *Latinoamerica, las ciudades y las ideas* (1971) divide a história das cidades na América ibérica desde o “ciclo das fundações” para chegar nas “cidades massificadas” das décadas de 1950 e 60.

90 Richard Morse, “São Paulo, raízes oitocentistas da metrópole”, *Anais do Museu Paulista*, n.14, 1950, pp. 453-87, publicado como a separata *São Paulo: raízes oitocentistas da metrópole*. (Trad. Rosa Rosenthal), São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1950, 35p. Ilana Blaj defende que a tese da “decadência após a fase das bandeiras foi compartilhada por nove entre dez historiadores, excluindo apenas Sergio Buarque de tal armadilha. (Blaj, op. cit., 2002, p.74).

tural que muitas vezes podia ser notado nas crônicas e memórias da cidade, ou mesmo nas histórias escritas até então, que davam como certo o desenvolvimento *da comunidade até a metrópole*⁹¹, Morse complexificava a estrutura social do espaço urbano a cada novo movimento proposto, apontando disjunções e indefinições. Ao editar o livro para o público norte-americano em 1958, a forma que o autor se descolou daquela tese, ou ao menos a matizou, mostra-se de modo mais preciso. Morse parecia refinar a análise do período que a cidade teria testemunhado “a radical mudança de hábitos e de atitudes que preparou o palco para as forças e as circunstâncias que estavam a produzir a metrópole da era moderna” (FCtM, p. 16), para então afirmar:

É comum para os historiadores se referir à ‘decadência’ da São Paulo do século XVIII. À exceção de um afluxo inicial de ouro, as novas atividades econômicas – mineração e pecuária – haviam contornado o planalto, como pau-brasil e açúcar antes tinham feito. [...] o fim do século 18 foi para a cidade um interlúdio, em repouso quase letárgico entre os espartanos e ferozmente independentes dias das bandeiras e os anos posteriores da Academia de Direito, do boom do café e, finalmente, de industrialização. No entanto, o termo “decadência” é enganador. Esse momento poderia com igual relevância ser chamado de um tempo de germinação. (FCtM, p. 16, grifo meu)⁹²

Era por se colocar a tarefa de tecer os fios entre cada uma das etapas, ainda que marcando em certos momentos cortes e rupturas, que ele podia notar continuidades e adaptações ou por vezes indecisões e mesmo indefinições. Periodizava o mesmo processo histórico, mas descoratinava as transformações de modo “menos esquemático” do que se fizera até então, reformulando

91 Entre os autores que contaram a história da cidade ao longo dos séculos, ou que pretenderam recuperar períodos importantes da sua história, pode-se lembrar de memorialistas como Antonio Egydio Martins, *São Paulo antigo 1554-1910*, 2v. (1911); Affonso Antonio de Freitas, *Tradições e reminiscências paulistanas* (1921); Paulo Cursino de Moura, *São Paulo de outrora: evocações da metrópole* (1932); Maria Paes de Barros, *No tempo de dantes* (1946); Amadeu Amaral, *Tradições populares* (1948), ou do já citado *Histórias e tradições da cidade de São Paulo* (1954) de Ernani da Silva Bruno; e ainda do posterior *São Paulo naquele tempo, 1895-1915* (1957) de Oscar Americano – autores que se apoiavam nas suas próprias lembranças e nos relatos de viajantes que haviam passado pela cidade e deixado suas impressões. Entre os últimos, destacam-se as obras de Junius (pseudônimo de Firmo de Albuquerque Diniz), que publicara as *Notas de Viagem* (1882), de Henri Raffard, em *Alguns dias na Paulicéia* (1892) e também de Alfredo Moreira Pinto, *A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem* (1900), buscando fixar momentos importantes da transformação da mesma.

92 *It is common for historians to refer to the “decadence” of eighteenth-century São Paulo city. If one excepts an initial influx of gold, the new economic activities - mining and stock raising - bypassed the plateau, just as dyewood and sugar had before them. [...] the later eighteenth century was for São Paulo a quiescent, almost lethargic interlude between the Spartan, fiercely independent days of the bandeiras and the later years of the Law Academy, the coffee boom, and eventually, industrialization. Yet the term “decadence” is misleading. For this could with equal relevance be called a time of germination.* (FCtM, pp. 16-7). E adiante: *a sea change in habits and attitudes which set the stage for the forces and circumstances that were to produce the paulista metropolis of the modern age* (FCtM, p.17).

um pensamento já existente. Sua intenção era buscar uma compreensão geral sobre São Paulo, fosse em relação ao quadro mais amplo da história do Brasil, fosse como uma unidade que não podia ser fracionada em sua verdadeira essência, para entender o fenômeno da metropolização paulista. Entretanto, ainda que perseguindo a evolução histórica através da cronologia, Morse procedeu a uma análise que por privilegiar a interação entre as esferas da vida material, da vida social e da vida cultural em cada etapa de seu desenvolvimento, resguardava-se de uma história linear que apenas seguisse um fio contínuo. Ao recuperar o momento em que São Paulo era uma “comunidade”, para chegar ao período em que a cidade se transformava em “metrópole”, o historiador buscou definir um *ethos* correspondente para cada uma das fases, com o qual se propunha a explicar as próprias transformações urbanas e sociais. Essa a sua forma de entendimento da história urbana: a partir da definição de um substrato cultural que, se não imutável, mantinha, no sentido de uma permanência mental, certas características que eram a chave de explicação do sentido das contradições que tensionavam a história da urbanização paulista⁹³.

Partindo dos anos anteriores à Independência, Morse verificou quatro momentos, aos quais corresponderiam *ethos* distintos que compreendiam mais ou menos quatro gerações na cidade, desde pouco antes da Independência em 1822 – anos que logo iriam se caracterizar pela entrada do Romantismo literário na vida da cidade – até a década de 1920, com o estabelecimento do Modernismo e o início do processo de metropolização. O historiador poderia talvez ter usado o termo *cultura urbana*, pensando no caráter do habitante da cidade e nas realizações materiais, que é o que ele efetivamente parece buscar compreender, mas preferiu separar as duas instâncias dando maior peso ao que ele chama de *ethos*, que presidia as ações daqueles habitantes e paulatinamente incorporava novos valores, numa via de mão-dupla que ao mesmo tempo em que suportava as ações, ia sendo transformado por meio delas. Na edição de 1970 Morse precisou o ponto ao lembrar do risco da “esquematização excessiva” que simplificava situações certamente complexas, esclarecendo que sua intenção com essa opção metodológica era apenas “discernir os motivos culturais básicos, [e] não *descrever a realidade*” (*FhSP*, p.28, grifo meu). Comparando-a com a complexa divisão em seis etapas proposta por Luiz Saia em 1963, todas elas “dominadas por teses e sub-teses que realçam a afirmação ou negação do ‘binário urbano-rural’” (*FhSP*, p.28), Morse reconhecia que mesmo sendo elas mais precisas, seriam de todo modo compatíveis às *suas* etapas⁹⁴.

93 Para uma discussão da relação entre *ethos* ibérico e ideias políticas na América Latina, cf. Palti, op. cit., 2007, p. 19.

94 Saia organizou as fases da evolução paulista a partir do que ele chama conceito “binário urbano-rural” (se bem

Deste modo, a história urbana de Morse não era um estudo sobre as transformações socioeconômicas, nem uma sociologia da vida privada, nem mesmo um estudo da urbanização crescente (ainda que contivesse estes aspectos), mas como ele mesmo afirmou na Introdução ao livro de 1954, tratou-se de “uma história seletiva e interpretativa [...] orientada mais no sentido humano que no científico” (*DCaM*, p.13), que buscava explicar as mudanças sociais e urbanas ocorridas na cidade. “Seletiva” porque não pretendia reconstruir o passado tal como ele havia acontecido. Morse estava distante dos historiadores positivistas do século 19 que acreditavam reconstituir *a verdade* do passado, preferindo antes a *aventura* da história, com toda a abertura que tal palavra supõe⁹⁵. Mas ao mesmo tempo “interpretativa” porque buscava dar sentido àquilo que havia acontecido por meio da escolha dos elementos a serem narrados e da forma da sua narração. O autor podia afirmar que se tratava de um trabalho “mais humano que científico” já que seu texto se valia de uma entrada ensaística que o afastava das teses acadêmicas mais estritas – num período de definições de fronteiras disciplinares que exigia a especialização – dando a Morse maior liberdade na escolha e na composição dos argumentos⁹⁶.

É importante notar que naqueles anos um campo dos estudos históricos urbanos vinha se configurando nos Estados Unidos, onde se construíam pressupostos metodológicos e se definia formas de abordagem. Uma primeira sistematização nesse tipo de abordagem se apresentou justamente como “biografia de cidade”, ainda que dentro dela se abrigassem as mais diversas

entendo, umas espécie de dialética rural-urbana), marcado seis períodos a partir da fundação, 1554-1800, 1880, 1900, 1930, 1954, 1963, que organizavam a transformação da cidade, justamente a partir da relação entre o espaço urbano e a região rural circundante (Cf. Saia, op. cit., 1963, pp.214-5). Morse discutia com Saia a partir do artigo publicado na revista *Acrópole*, como dissemos, mas já nas edições anteriores valera-se de ideias e teses do arquiteto, explicitadas em pontos de vista comuns, como ainda vamos ver aqui.

95 A respeito da ligação entre “aventura” e “ensaio”, cf. Leopoldo Waizbort, *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Ed 34, 2000, p. 35-74. Ali o sociólogo desenvolve uma apreciação sobre o tema que nos ajuda a aproximar a forma da escrita de Morse à forma simmeliana de compreensão da metrópole, que foi de certo modo incorporada pelo norte-americano, ainda que via Spengler.

96 Diz Carl Schorke sobre o início da sua prática docente nos Estados Unidos naqueles anos, o que nos ajuda a contextualizar também as escolhas de Morse, seu contemporâneo: “Os estudos nos anos 1950 estavam se afastando da história como base de compreensão” na medida em que “nos vários campos acadêmicos, a linha diacrônica, o fio de consciência que ligava as buscas atuais às preocupações passadas de cada campo, ou fora cortada ou estava se desfazendo. Enquanto declaravam sua independência do passado, as disciplinas acadêmicas se tornaram, simultaneamente, cada vez mais independentes entre si. Longe de fornecerem quaisquer premissas unificadoras ou princípios de coesão que abarcassem a multiplicidade da cultura contemporânea, as disciplinas autônomas reforçaram o pluralismo cultural com a especialização acadêmica, seu paralelo analítico”. (Schorke, op. cit., 1990, pp. 15-6).

perspectivas. Ao recuperar em seguida como esses estudos se configuraram naquele país pretendo discutir em que medida eles também puderam alimentar a reflexão do nosso autor.

3.1. DAS BIOGRAFIAS DE CIDADE À UMA NOVA HISTÓRIA URBANA

Entender os processos urbanos, ou a história de uma cidade, era o interesse daquele jovem norte-americano ao chegar em São Paulo no final de 1947. Escrever a biografia de São Paulo foi o que ele supostamente fez, e assim se intitulam seus livros em 1954 e 1958, vendo São Paulo na esteira da metropolização americana. A comparação da capital paulista com as cidades norte-americanas não era propriamente uma novidade. Já no final do século 19, auge da imigração estrangeira para a cidade, um viajante dizia: “São Paulo é a expressão do espírito *yankee* amenizado e perfumado pela graça do gosto italiano”⁹⁷. Na pena dos escritores ou no pincel dos artistas a comparação tornara-se corrente na década de 1920, como imagem desejada e representada tanto nas crônicas, prosa ou poesia, como nas telas modernistas. São Paulo parecia se americanizar com arranha-céus que deixavam para trás “a cidade das rótulas e das estudantadas”, transformando-se numa cidade “prática, elétrica, *yankeezada*”, em uma palavra, “moderna”⁹⁸. Um perspicaz poeta francês ao visitá-la, encantou-se imediatamente com o que viu, resumindo assim o ritmo das coisas por ali:

[...] Só contam este apetite furioso esta confiança absoluta este otimismo esta audácia este trabalho este labor esta especulação que fazem construir dez casas por hora de todos os estilos ridículos grotescos belos grandes pequenos norte sul egípcio ianque cubista
Sem outra preocupação que a de seguir as estatísticas prever o futuro o conforto a utilidade a mais-valia e atrair uma grande imigração
[...] As duas três velhas casas portuguesas que sobram são faianças azuis.⁹⁹

Um século antes o crescimento desenfreado de Chicago também havia impactado seus contemporâneos:

Em 1850, [Chicago] tinha uma população de 26 mil habitantes. Em 1856, quando afirmava

97 Henri Raffard, *Alguns dias na Paulicéia* [1890]. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1977.

98 Hélios, “As serenatas” (*Correio Paulistano*, 09/12/1919), entre outras crônicas citadas em Ana Castro, *A São Paulo de Menotti del Picchia: arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista*, São Paulo: Alameda Editorial, 2008, pp.112-4. Ali mostro também como a imagem era confrontada com outra, da cidade caipira e provinciana que teimava em existir/resistir.

99 Blaise Cendrars, “Adoro esta cidade”. In: Carlos Augusto Calil e T. Thieriot (orgs.), *Etc..., Etc... (Um livro 100% brasileiro)*. Antologia de textos de Blaise Cendrars, São Paulo: Perspectiva/Secretaria de Estado da Cultura, 1976.

ser o primeiro mercado de grãos no mundo, o primeiro mercado de madeiras no mundo, a terceira cidade em rendas de serviços postais no país, a melhor comunicação ferroviária no país – que é o que o país tem melhor do mundo –, quando sua população era de mais de 90 mil habitantes – seu lema [continua sendo] ‘ainda AVANTE; e seu destino, entre as estrelas’”.¹⁰⁰

“Fenômenos” urbanos que impressionavam, as grandes cidades tornaram-se objeto de interesse por parte de historiadores norte-americanos de modo mais frequente apenas na década de 1930. O trabalho considerado fundador dos “estudos de história urbana” naquele país é o livro *The Rise of the City 1878-1898*, de Arthur Schlesinger (1888-1965), publicado em 1933. Não se pretendendo porém uma “história urbana”, o livro fazia parte da coleção “*History of American Life*” publicada em 13 volumes sobre a história da América. Mas por cobrir o período entre 1878 e 1898, justamente o de urbanização mais intensa, focalizava uma das importantes dimensões da experiência social norte-americana, a urbana¹⁰¹. Partindo do seminal estudo de Frederick Jackson Turner (1867-1932) sobre a formação da nação¹⁰² – que estabelecera na conquista do oeste o elemento fundamental daquele “povo” – Schlesinger buscou reescrever a história do país valendo-se da hipótese de que essa história não se explicava somente pela ocupação inicial da costa leste. Sem discordar da importância do avanço da fronteira oeste para a constituição da nação, atribuíu entre tanto pela primeira vez nesse processo um peso à fundação de cidades.

Schlesinger condensou sua perspectiva sobre o tema do ponto de vista historiográfico em um artigo publicado em 1940¹⁰³. Citava ali uma carta que recebera do próprio Turner – na qual esse historiador afirmava ser necessária “uma reinterpretação da história urbana dos EUA” – para mostrar-se não apenas autorizado, mas impelido a explorar um tema até então negligenciado, subli-

100 Publicado em *As Others See Chicago. Impressions of Visitors, 1673-1933*, organizado por Bessie L. Pierce em 1933, revela como Chicago era vista como fenômeno mesmo contemporaneamente ao seu crescimento. Esse texto apócrifo chama-se “Chicago in the fifties”. Não à toa portanto o desenvolvimento da sociologia e da antropologia da chamada Escola de Chicago da Universidade de Chicago, como veremos no capítulo 3.

101 Arthur Schlesinger, *The Rise of the City 1878-1898*. New York: MacMillan, 1933. A esse respeito, cf. Bruce Stave, “Introduction”. In: *The Making of Urban History. Historiography Thought Oral History, Conversation with...* Bervelly Hills/London: Sage, 1977, pp. 13-32 e Charles Glaab, “O historiador e a cidade norte-americana: estudo bibliográfico”. In: Phillip Hauser & Leo Schnore, *Estudos de urbanização*. São Paulo: Pioneira, 1965, pp. 49-74.

102 *The Frontier in American History* (1920). Bruce Stave mostra que para Turner e seus seguidores as cidades tiveram um papel secundário na formação da nação, negligenciando-se o “tema urbano” por uma geração ou mais de historiadores e estudantes. Stave, op. cit., 1977, p. 17.

103 Arthur Schlesinger, “The City in American History”, *The Mississippi Valley Historical Review*, v. 27, n. 1, jun., 1940, pp. 43-66. O artigo condensa as questões tratadas no livro anterior.

nhando a constante interação entre o campo e a cidade no processo de alargamento das fronteiras do país¹⁰⁴. Com efeito, não se trataria de desenvolver uma interpretação urbana para a história dos Estados Unidos que desprezasse a “tese da fronteira”, mas sim de valorizar o papel das cidades¹⁰⁵, já que elas teriam funcionado como uma verdadeira “válvula de escape”, “lugar da reforma social” onde as “responsabilidades coletivas eram encorajadas”, em contraste com o “individualismo característico da fronteira”, onde não haveria “controle”¹⁰⁶. Decorria daí, portanto, a importância das cidades como formadoras do *caráter* americano. Em seu papel civilizador, poderíamos acrescentar. A fronteira, desse novo ponto de vista, contribuíra para o avanço do país; mas teria sido nas cidades fundadas durante aquele processo que

os homens encontravam uma série de oportunidades para seus talentos, oportunidade para cultivar as artes e os negócios da vida. Porta de entrada de colonos e de bens vindos da Europa, a cidade também foi o maior porto de entrada para os ideais e os padrões europeus de gosto.¹⁰⁷

Uma espécie de luta da civilização contra a barbárie (que se pode lembrar, caracterizara a compreensão do estabelecimento de cidades na América Hispânica), ou talvez apenas o lugar privilegiado para o estabelecimento do *self-made man* na América. Se na Europa o desenvolvimento urbano ocorrera de forma lenta e gradual como oposição ao mundo rural feudal, na América, segundo Schlesinger, pulavam-se etapas. Vivia-se um momento distinto, não mais de competição, como o fora na Idade Média, mas de interação entre os mundos rural e urbano. Disso decorreria a necessidade de se investir em um novo campo de estudos, para que se compreendesse tal processo com mais atenção e propriedade¹⁰⁸.

104 Id., p. 43. A carta de Turner, escrita em 1925, era recuperada por ele de modo a dar respaldo à necessidade da história urbana num país onde os estudos históricos até então sempre tinham privilegiado a dimensão do avanço, menos que da fixação, na conquista do Oeste, justamente pela força do trabalho daquele historiador.

105 Uma década depois, era a partir dessa percepção que outra pioneira dos estudos urbanos nos EUA, Constance M. Green, iniciava seu curso na Universidade de Londres sobre o crescimento das cidades na América: “O rápido crescimento das cidades é uma característica história norte-americana não menos significativa e dramático que a rápida marcha para o oeste”. Constance Green, *American Cities in the Growth of the Nation*. Londres: The Athlone Press/University of London, 1957, p.2.

106 Schlesinger, op. cit., 1940, p.43.

107 Id., Ibid.

108 Id., Ibid. O historiador Stanley Stein, que foi aluno de Schlesinger e depois viria ao Brasil pesquisar a cultura cafeeira a partir de um núcleo urbano determinado – Vassouras – descreve a importância que o historiador dava a cultura material, ao realizar seus trabalhos sobre as cidades norte-americanas, defendendo a importância de se prestar atenção

Nos anos seguintes, uma série de estudos históricos urbanos aparecem, segundo Bruce Stave seguindo as linhas desenhadas por Schlesinger, enfatizando os acontecimentos nacionais dentro de uma estrutura urbana particular. Trabalhos monográficos, a maior parte sobre as cidades desenvolvidas no último século¹⁰⁹ – aliás, a maioria das cidades americanas –, mas também sobre cidades coloniais¹¹⁰ seriam então publicados no país¹¹¹. Foram esses trabalhos, que pretendiam contribuir para o entendimento da formação e do desenvolvimento da nação, que num certo momento passaram a serem chamados de “biografias de cidade”¹¹². Se Richard Morse buscou escrever a biografia de São Paulo, é lícito supor que partisse dali, ao menos como referência inaugural. Entender o que pretendiam e como efetivamente se configuraram aqueles primeiros estudos contribui aqui para circunscrever a abordagem de Morse sobre a capital paulista.

Se um biógrafo estudava o crescimento e o desenvolvimento de um ser humano desde o seu nascimento, também os biógrafos urbanos deveriam buscar investigar o crescimento e o desenvolvimento de cidades específicas em suas trajetórias, a partir de seu nascimento (a metáfora não seria desperdiçada), quer dizer, de sua fundação¹¹³. Compreendiam as cidades como “entidades orgânicas” – mas essa perspectiva não era propriamente uma novidade – tanto Patrick Geddes

na sutileza das pequenas alterações tecnológicas que gradualmente mudariam a face do país: a ferrovia, o bonde, etc... O que certamente auxiliou Stein em sua abordagem sobre Vassouras, embora do seu próprio ponto de vista, ele tenha feito um “estudo de comunidade” nos moldes da Escola de Chicago. Cf. Stein, Mehry, op. cit., 1990, p. 84.

109 Stave, op. cit., 1977, p.18. Alguns exemplos dados por Schlesinger: Bessie Pierce, *A History of Chicago* (1937, 3 v.); Leland Baldwin, *Pittsburgh: a History of a City* (1937); Sidney Pomeranz, *New York, an American City* (1938); Constance Green, *Holyoke, Massachusetts: a Case History of The Industrial Revolution in America* (1939); Gerald Carpers, *The Biography of a River Town: Memphis, Its Heroic Age* (1939); Charles Hirschfeld, *Baltimore, 1870-1900: Studies in Social History* (1941); Blake McKelvey, *Rochester: the Growth of a City* (1945-61, 4 v.); Rollin Osterweiss, *Three centuries of New Haven, 1638-1938* (1953). Cf. Schlesinger, op. cit., 1940.

110 Schlesinger listaria os seguintes trabalhos sobre as cidades coloniais naqueles anos: Michael Kraus, *Intercolonial Aspects of American Culture on the Eve of the Revolution with Special Reference to the Northernt Towns* (1928); Carl Bridenbaugh, *Cities in the Wilderness, The First Century of Urban Life in America, 1625-1742* (1938); Ernest S. Griffith, *History of American City Government. The Colonial Period* (1938); Virginia Harrington, *The New York Merchant on the Eve of the Revolution* (1935); Leila Sellers, *Charleston Business on the Eve of the Revolution* (1934). Id., p. 44.

111 Isso sem contar a produção de textos que buscavam sintetizar e interpretar a experiência urbana norte-americana de modo mais geral, não focado em uma cidade particular. Stave, op. cit., 1977.

112 Vale dizer que apenas em 1974 é que surge o *Journal of Urban History* – o que demonstra o longo caminho de institucionalização dos estudos históricos urbanos nos EUA, na verdade. Id., Ibid. Morse publicaria um artigo no número 1 da revista, “Brazil’s Urban Development, Colony and Empire” (pp.39-72), republicado em A. J. R. Russel-Wood (Ed.), *From Colony to Nation, Essays on the Independence of Brazil*. Baltimore: Johns Hopkins, 1974, pp. 155-81).

113 Id., Ibid.

como Marcel Pöete (1866-1950) já haviam esboçado uma visão evolucionista e organicista da cidade, tomando-a como um ser vivo a ser regulamentado pelo urbanismo, enfoque compartilhado por Pierre Lavedan (1885-1982), para quem a cidade moderna era uma história de degeneração produzida pela industrialização¹¹⁴. Muitas vezes as analogias se ampliavam e o próprio país era entendido como o corpo da nação, onde cada cidade podia desempenhar uma função vital: o cérebro, o coração, o fígado, etc., buscando-se na soma dos casos específicos o entendimento do país. Um defensor desse tipo de estudo naqueles anos, tomando o tema como de fundamental interesse, chegou a afirmar:

Depois de um ano de estudo sobre Memphis, convenci-me de que *uma biografia adequada de nossas principais cidades* – Nova York, Chicago, Nova Orleans, São Francisco, Kansas City e mais uma dezena delas – *significaria mais à nação do que a biografia de uma figura*, mesmo tão proeminente como Theodor Roosevelt. [...] Esta tarefa tão importante, ainda que interesse ao sociólogo, ao economista, ao genealogista e ao literato, é primeira e fundamental tarefa do historiador – tarefa que foi negligenciada até agora¹¹⁵.

Desde as metrópoles nacionais, como Nova York ou Chicago; às metrópoles locais, como Memphis, no caminho do rio Mississipi, ou Pittsburgh, na Pensylvania; até às cidades menos conhecidas, como Holyoke, nascida no século 19 no bojo da revolução industrial; toda e qualquer cidade podia ser alvo de interesse para os historiadores. Dois exemplos podem nos ajudar a esclarecer o sentido dessas biografias. Com o estudo sistemático de Holyoke, a historiadora Constance Green (1897-1975) abordou o desenvolvimento de uma economia industrial baseada nas fábricas de tecidos da Nova Inglaterra, esmiuçando o início da industrialização norte-americana a partir de um lugar preciso. Green buscava estabelecer a formação do espírito capitalista no Novo Mundo, o lugar dos Estados Unidos no sistema industrial mundial, etc., flagrando a partir daquela pequena cidade a formação do próprio *ethos* americano. Em outra oportunidade, ao observar a evolução urbana de Chicago, a mesma autora ressaltava a consolidação desse espírito industrioso e ousado, que a seu ver caracterizava o norte-americano, por meio de pequenos exemplos que mostravam como aquela cidade havia sobrevivido aos desafios colocados ao longo de sua história. Isso se dera, segundo a historiadora, por conta de seus habitantes, que diferentemente dos de Holyoke, soube-

114 Cf. Almandoz, op. cit., 2003. Pensamento informado pelo vitalismo alemão de um Spengler, estaria presente em muitos autores que pensaram as cidades, como Lewis Mumford e na própria Escola de Chicago, ao criar a teoria da Ecologia urbana. Volto ao ponto no capítulo 3.

115 Gerald Carpers, citado por Glaab, op. cit., 1965, p. 52, grifos meus.

ram se “reinventar” a cada novo desafio, conseguindo manter a importância de Chicago ao longo da história¹¹⁶. Green defendia nesses estudos que cada cidade tinha uma “personalidade”, passível de ser delineada por técnicas historiográficas.

Morse queria entender como e porque São Paulo se tornara uma das principais cidades da América Latina na metade do século 20, inscrevendo sua evolução urbana num amplo recorte temporal, exatamente o que aqueles historiadores vinham fazendo. Em 1952, ainda que apenas cinco historiadores – o já citado Arthur Schlesinger, além de Allan Nevins (1890-1971), Stull Holt (1896-1981), Bessie Pierce (1887-1967) e Bayard Still (1906-?) – conduzissem algum seminário ou curso sobre história urbana nas universidades americanas, já aparece um primeiro artigo de revisão bibliográfica:

O despertar do interesse acadêmico que ocorreu neste campo é evidenciado pela publicação a partir de 1930 de 40 volumes do que poderia ser chamado de *biografia urbana* – todos *obras de caráter acadêmico lidando com determinadas cidades* – além de outra dezena de bons livros de história urbana em um escopo mais amplo. Também artigos importantes sobre cidades têm aparecido em várias revistas históricas, e o professor Bayrd Still, que está preparando uma ampla bibliografia sobre o assunto, listou 25 títulos de teses de doutorado em andamento ou recentemente concluídas sobre temas urbanos em vários programas de pós-graduação em todo o país.¹¹⁷

Blake McKelvey (1903-2000), autor do referido artigo, afirmava que a tarefa do historiador ao estudar as cidades era traçar “as forças e as direções do movimento social humano” para entender o papel da vida urbana no desenvolvimento de uma determinada sociedade, e não buscar definir padrões inflexíveis como faziam os sociólogos já há mais tempo – preocupação também presente em Morse como vimos –, citando como exemplo o artigo de Louis Wirth (1897-1952), “*Urbanism as a Way of Life*” [Urbanismo como forma de vida] de 1938¹¹⁸. McKelvey verificava tendências diversas que haviam surgido desde o trabalho inaugural de Schlesinger, mas ao mesmo tempo buscava pontuar as características comuns que poderiam configurar um campo de estudos.

Entretanto, em um seminário dedicado à história urbana em Harvard, ocorrido em 1962, Oscar Handlin (1915-2011), um de seus organizadores, avaliava que até aquele momento o desenvolvimento histórico das cidades tinha recebido apenas atenção esporádica¹¹⁹. Para Handlin,

116 Estes “casos” são os capítulos sobre Holyoke e Chicago do livro de Constance Green sobre as cidades americanas (Cf. Green, op. cit., 1957).

117 Blake McKelvey, “Urban History Today”, *The American Historical Review*, v. 57, n. 4, jul., 1952, pp. 919-929, grifo meu.

118 Id., Ibid.

119 Cf. Oscar Handlin, “Preface”. In: Oscar Handlin e John Burchard (Eds.), *The historian and the city*. Harvard: MIT/Harvard University Press, 1963. Ocorrido em 1961 no Joint Center for Urban Studies do MIT em Harvard, “The his-

os arqueólogos e os historiadores haviam eventualmente conseguido reconstruir as formas urbanas, promovendo descrições razoáveis da evolução física das cidades ao longo dos períodos históricos, mas o que *não* se tinha feito até então, adequada e metodicamente, era a discussão das *razões* para o desenvolvimento daquelas formas, bem como o estabelecimento das *relações com a vida vivida* nas mesmas. Justamente o que Morse buscara fazer em seu estudo. Ainda segundo a crítica de Handlin, o que havia até então era na maioria das vezes estudos tendenciosos e especulativos que não tinham documentação nem métodos adequados. E o que por ventura escapasse disso, apresentando maior qualidade, carecera de continuidade¹²⁰.

De fato, ao final da década de 1960 as biografias começavam a ser vistas como a “velha história urbana”, em contraposição a uma “nova história urbana”, cujo marco nos Estados Unidos foi a publicação de *Nineteenth-Century Cities*, editado por Stephan Thernstrom (1934-) e Richard Sennett (1943-) em 1969. O livro introduziria novos enfoques, resultado da renovação historiográfica da década de 1960 que atingia também o objeto “cidade”. No prefácio, os autores afirmavam entretanto ser prematuro falar em uma “nova história urbana”, mas reconheciam que o campo estava num momento de “criativa fermentação”. Novas questões, novos métodos, novas fontes e jovens *scholars* davam o tom¹²¹. O livro era o resultado de outra conferência, desta vez acontecida em Yale no ano anterior – com a presença de Morse entre os expositores – e oferecia, segundo os organizadores, “numerosos *insights* nas dimensões sociais da urbanização, abrindo um grande número de novas questões que mereceriam ser exploradas dali em diante”, unindo pela primeira vez historiadores e sociólogos preocupados com a questão urbana¹²². “Classe urbana e padrões de mo-

torian and the city” foi também o título do seminário. O instituto, fundado em 1959 em cooperação entre o MIT e a Harvard University para desenvolver pesquisas em problemas urbanos e regionais, incluía pesquisadores dos campos da arquitetura, administração, engenharia, planejamento urbano, economia, história, direito, filosofia, ciências políticas e sociologia. Editou livros que se tornaram clássicos nos estudos das cidades, como por exemplo o de Morton e Lucia White, *The Intellectual versus the City. From Thomas Jefferson to Frank Lloyd Wright* (1962).

120 Id. Ibid.

121 Stephan Thernstrom & Richard Sennett (Eds.), *Nineteenth-Century Cities: Essays in the new Urban History*. New Haven/London: Yale University Press, 1969. Da renovação mais geral, entre outros, a trilogia organizada em 1974 por Jacques Le Goff e Pierre Nora, *Faire de l'[a] histoire* é um exemplo importante (Cf. *História: Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos*. São Paulo: Francisco Alves, 1976). A esse respeito, cf. a antologia de textos da Nova História organizada por Fernando Novais e Rogério Forastieri Silva, op. cit., 2010.

122 Id., p. vii. Ainda nos países de língua inglesa, vale notar que na Inglaterra, o marco de surgimento de uma história urbana é o grupo de historiadores da Universidade de Leicester, capitaneados por Harold Dyos (1921-1978), que em 1963 fundaria a *Urban History Newsletter*. Cf. Luís Octávio da Silva, “História urbana: uma revisão da literatura em inglês”, *Eure*, Santiago, v. 28, n. 83, mai., 2002, pp. 31-44.

bilidade”; “Padrões residenciais urbanos”; “Elites urbanas e controle político” e “Famílias urbanas” foram as chamadas de trabalho que o seminário propôs para se pensar as cidades industriais – tendo para uma certa “especialização” das abordagens. Menos de dez anos antes, Oscar Handlin notara que parecia ainda ser difícil separar a história da cidade do estabelecimento dos estados nacionais, da industrialização, ou da secularização da cultura. Mas dizia não ter dúvida que as cidades precisavam ser tratadas como entidades particulares, como “forças operando na história”¹²³.

Para avaliar o impacto das cidades no mundo em que ela está inserida, é necessário por um lado compreender seu papel nas inovações tecnológicas e no desenvolvimento econômico, no passado e no presente, e de outro, estimar sua influência na história das ideias¹²⁴.

Parece ter sido isso o que Richard Morse buscou fazer com sua obra sobre São Paulo, afirmando explicitamente sua pretensão em selecionar e interpretar fatos do passado de forma a *construir* a história da comunidade que era a própria cidade, ou, dito de outro modo, para compreender a *formação* da metrópole. Sendo assim, sua “biografia urbana” foi algo mais que aqueles primeiros estudos monográficos, ao se concentrar nos últimos 150 anos da cidade de São Paulo. Mas não *no* café, *na* imigração ou *nas* ferrovias, pois ainda que todos esses “fatores” tivessem justificativas e importância na urbanização, “nenhum deles pod[ia] assumir o significado de toda a cidade”, como afirmou em outro artigo publicado durante o período da pesquisa, defendendo que deste ponto de vista seu projeto era “mais profundo, mais intrincado, mais sutil”¹²⁵ que os trabalhos focados em processos específicos ou submetidos aos limites de determinados campos disciplinares¹²⁶. De que forma Morse procedeu para organizar as fases da cidade e chegar numa interpretação possível, compreendendo seu “papel nas inovações tecnológicas e no desenvolvimento econômico”, mas também estimando “sua influência na história das ideias”, como defenderia Handlin, é o que apresento a seguir.

123 Handlin, op. cit., 1963, p. vi.

124 Id., Ibid. Para tanto eles haviam proposto em 1961 os seguintes temas: “A cidade na inovação tecnológica e o desenvolvimento econômico”; “A cidade na história das ideias”; “História e mundo urbano contemporâneo”; “A cidade como um artefato”; “Planejadores e intérpretes da cidade”.

125 Morse, op. cit., 1949, p. 40.

126 Nesse sentido, discordava do sentido indicado na “nova história urbana” de Sennet e Therstrom, por tomá-las como estudos especializados, defendendo um olhar mais abrangente.

3.2. TRÊS CATALISADORES E A RESSACA ROMÂNTICA

Em “Colonialismo e novos estimulantes”, o primeiro capítulo da edição de 1954¹²⁷, Morse armou o problema que queria enfrentar – a evolução urbana da cidade – descrevendo inicialmente como o espaço urbano se conformava nos anos anteriores à Independência, ligado àquele *ethos* colonial, comunitário, que ele pudera compreender de modo mais aprofundado com o mestrado. Mas não a romantizava como uma comunidade idílica, pois as idiossincrasias daquele período também eram ressaltadas de modo a mostrar que não se tratava de uma *comunidade* em sentido absoluto, antes um agrupamento que se reconhecia a partir de um sentido de *vida comum*.

A representação escrita mais antiga de cidade, em hieróglifo, como notou o historiador Robert Lopez, consistiu-se de uma cruz encerrada em um círculo: “a cruz representa a convergência de caminhos que trás e redistribuem homens, mercadorias e ideias” e o círculo indicaria um fosso ou um muro a circundar a vila¹²⁸. Ora, essa também a primeira representação de São Paulo, o entroncamento de caminhos e o isolamento pela Serra do Mar, a própria definição de cidade portanto, reposta por todos os seus historiadores, Morse incluso¹²⁹. O autor iniciava a história da cidade partindo da perspectiva geográfica, definindo sua dimensão como artefato material. Reconhecia o sítio estrategicamente localizado, “de modo a dominar as rotas terrestres e fluviais de um vasto platô que declina para o oeste até atingir o sistema do rio Paraná”, configurando um “destino para o interior” (DCaM, p.19). As primeiras vias de entrada, a partir dos velhos caminhos, na seqüência se tornariam os principais eixos viários da cidade, ao longo dos quais se deram os primeiros desenvolvimentos urbanos para além do núcleo original, que passaria a ser chamado de “colina histórica”. A elas aderiram em seguida as estradas de ferro, adequando-se à configuração de caminhos existentes, convergindo para seu centro: “a cidade era portanto freqüentemente o único ponto de ligação possível entre duas artérias e tornou-se ponto obrigatório para a maioria

127 Esse primeiro capítulo passa a ser a Primeira Parte na edição de 1970 (já na de 1958, na verdade), que compreenderá então os seguintes capítulos (antes seções): A conformação da cidade; A vida da cidade; As consequências da Independência. As duas edições ganham ainda o capítulo Antecedentes, como vimos, que recuperavam mais detidamente o período colonial paulista.

128 Robert S. Lopez, “The city in technological innovation and economic development”. In: Handlin & Burchard (Eds.), op. cit., 1963, pp. 27-43, p. 27.

129 Sergio Buarque também iniciará *Caminhos & Fronteiras* recuperando, a partir de Capistrano, o fato de São Paulo ter sido, desde os primeiros tempos, o entroncamento de caminhos, inicialmente dos nativos, que cruzavam o vasto continente americano do Prata ao Amazonas, e logo dos conquistadores, que puderam a partir daí trilhar para o sertão. Mas além da importância para o desenvolvimento daquela região, a situação era vista como a representar simbolicamente os *destinos paulistas* (Holanda, op. cit., 1957, p.16).

dos viajantes que passavam pelo planalto”, como atestam os testemunhos de Mawe, Kidder, Spix e Martius, Saint-Hilaire, invocados para reconstruir a situação da vila de São Paulo e seus arredores por volta de 1800¹³⁰.

O norte-americano dava atenção aos caminhos que cruzavam o pequeno núcleo desde o mais antigo deles, o Caminho do Mar, a “artéria vital [que] saía de São Paulo tomando a direção sul polariz[ando] o plano de ruas da cidade em torno de um eixo norte-sul” (DCaM, pp.20-21), valendo-se não apenas dos relatos de viajantes, mas de pesquisas e trabalhos científicos então disponíveis. Entre eles destaca-se o estudo pioneiro de Caio Prado (1907-1990) sobre a formação da cidade de São Paulo, autor que reconheceu esse sistema convergente adequado à topografia baseado na configuração morfológica do terreno onde a vila se implantou¹³¹. Nem só de textos se constituíam suas fontes. Valeu-se também da observação de gravuras, aquarelas e mapas antigos, incluindo a cultura visual como material de pesquisa, como se nota no trecho seguinte:

[...] mapas posteriores mostram como essa orientação se modificava no fim do século e como as estradas de ferro, a leste para o rio e, de modo mais marcante, a oeste para a zona do surto do café, deram à periferia da “fixação urbana a forma de um círculo, continuando a distendê-la ao longo das novas linhas de força. (DCaM, p.21)

130 Viajantes citados por Morse em todo o livro (a maioria republicada em português até a primeira metade do século 20, o que mostra o interesse pelo passado da cidade no mercado editorial local): John Mawe, *Viagem ao Interior do Brasil principalmente ao districto do Ouro e Diamantes* (1807, editado em português em 1944); Gustavo Beyer, “Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à Capitania de S. Paulo, no Brasil, no verão de 1813” (em português, 1907); Marta Graham, *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante os anos de 1821, 1822, 1823* (em português, 1956); Daniel P. Kidder, *Sketches of Residences and Travels in Brazil* (escrito em 1839, editado em 1845); Daniel P. Kidder e J. C. Fletcher, *O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo* (editado em português em 1941); Thomas Ewbank, *A vida no Brasil ou Diário de uma viagem ao país dos cacaos e das palmeiras* (1856; traduzido em 1973); Augusto Emilio Zaluar, *Peregrinações pela província de S. Paulo 1860, 1881* (em português em 1946); Louis e Elizabeth Agassiz, *Viagem ao Brasil* (1872, editado em português em 1938); Hercules Florence, *Voyage fluvial du Tieté à l'Amazone par les provinces brésiliennes de St. Paul, Matto Grosso et Gran-Pará* (1875, do qual aparecem trechos traduzidos por Taunay na RIHGB em 1928, editado em português em 1977); Louis Mouralis, *Un séjour aux Etats-Unis du Brésil: impressions et reflexions* (Paris, 1934); Ida Pfeiffer, *Voyage d'une femme autour du monde* (Paris, 1880); Pierre Denis, *Le Brésil au XIXeme siècle* (Paris, 1909); Luiz d'Alincourt, *Memória Sobre a viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá*, (traduzido em 1953); William Hadfield, *Brazil and the River Plate in 1868* (Londres, 1880); Auguste de Sainte-Hilaire, *Viagem à Província de São Paulo, Província Cisplatina e Missões do Paraguai* (traduzido em 1940); J. B. von Spix e C. F. Martius, *Viagem pelo Brasil, 1817-1820* (editado em português em 1938); J. J. von Tschudi, *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo* (traduzido em 1953).

131 Cf. Caio Prado Jr., “O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo” [1936], *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, DPH, n. 202, 2004 (Antologia).

FIG.4 São Paulo vista por um viajante: a partir do Convento do Carmo, via-se a torre da Igreja de Santa Tereza, da Catedral e da Igreja dos Jesuítas, e à direita, parte da várzea do Tamanduateí (Thomas Ender, 1817)

Ou na descrição de uma das vistas clássicas da São Paulo antiga, a partir da Várzea do Carmo, a principal entrada da cidade:¹³²

De longe, o viajante que chegasse por uma dessas estradas que para aí convergiam, veria a cidade comprimir-se em sua colina. Era graciosa sua aparência, com a silhueta harmoniosa das igrejas e o branco [...] das paredes dos sobrados. [...] E ao longo do Tamanduateí, a serpear ao sopé da cidade até encontrar o Anhangabaú mais modesto, veria ele, abaixada nas margens, as escravas lavando roupa. (*DCaM*, p.21)

Temas que vão aparecer na bibliografia sobre a cidade desde então – como o crescimento urbano a partir dos eixos viários, a inversão de polaridades que se daria com a implantação das

132 Neste capítulo estão publicadas (s/p) duas aquarelas de “Arnaldo Juliano Pallieri” [Arnaud Julien Pallière (1784-1862)] da Coleção de Yan de Almeida Prado, vistas da cidade tomadas da Várzea do Carmo em 1828. Morse publica ainda 3 fotografias, “Velhos sobrados (Rua Direita, esquina de São Bento)”, “Sobrado com rótulas (Rua de São Francisco, por volta de 1860. Ao fundo o Piques)” e “Chácaras no Brás (Vista tomada do Morro do Carmo, mais ou menos em 1870)” para mostrar a cidade pouco transformada e uma última, “O movimento nas ruas de São Paulo que impressionou Pierre Denis (Rua 15 de Novembro, entre 1910 e 1911)” que mostrava a mudança. Todas as fotografias pertencentes ao Arquivo da Seção de Iconografia do Departamento Municipal de Cultura (*DCaM*, folhas em papel *couché* seguintes às páginas 47, 111, 190, 238.)

FIG.5 Caminhos que partem da colina, antes e depois das ferrovias: na Planta da Cidade de S. Paulo (1810), a “colina histórica” entre os rios; na Planta Geral da Capital de São Paulo (1987), os bairros novos formados ao longo da linha férrea

ferrovias, a definição da estrutura radio-concêntrica que a caracterizou a partir dos caminhos que a cruzam – eram ali expostos de modo a tornar inteligível a morfologia daquela pequena vila ainda de ares coloniais em pleno século 19 e a maneira como ela foi se transformando a partir do incremento e diversificação populacional. Trata-se de um olhar para a cidade atento aos ciclos e às características formais, aos traçados, aos espaços e a sua arquitetura, de modo a enriquecer as análises com descrições da própria forma urbana, apoiado na bibliografia crítica e nos relatos, fossem eles escritos ou visuais.

Mas a descrição da forma urbana só faz sentido por estar conectada a uma explicação ampliada do desenvolvimento social daquela comunidade, reconhecendo a cidade como espaço de tensões e conflitos, e também como *locus* da memória. Essa visão ia sendo formulada na sequência dos capítulos, no embate com a própria produção cultural sobre e da cidade, seus discursos – fossem eles literários ou iconográficos – mobilizando portanto a dimensão das representações na compreensão do espaço urbano. Ou seja, um olhar alimentava o outro e assim sucessivamente, entre as diversas esferas sociais e as suas representações, numa via circular entre a cultura material, os processos sociais e as ideias, ou como quer Ulpiano Bezerra de Menezes, sem fetichizar a cidade como objeto, ao dar a devida importância à urbanização como um processo social e cultural¹³³.

Neste primeiro capítulo, Morse pontuou três eventos fundamentais que ele chamou de “catalisadores” da mudança posterior – os tais “novos estimulantes” do título – a saber, o estabelecimento da imprensa, a fundação da Academia de Direito do Largo de São Francisco e o surgimento de um certo aparato burocrático de ordem nacional a impor a São Paulo o rompimento da autonomia gozada no período pré-Independência¹³⁴. Os três, pode-se dizer, partes da “cidade letrada” que caracterizará a modernização das cidades na América¹³⁵. Aqui a matéria principal eram os viajantes, que forneciam as imagens daqueles anos remotos com suas descrições minuciosas do

133 Ulpiano Bezerra de Menezes, “Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana”, *Revista USP*, São Paulo, n. 30, jun.-ago., 1996, pp. 145-55.

134 Num artigo publicado antes da tese, quando Morse testa sua argumentação buscando apontar fatores que ajudariam a compreender o desenvolvimento posterior da cidade, aparecem outros, como a permissão às manufaturas domésticas e o papel dos paulistas na própria declaração de Independência feita pelo filho de Dom João, que reaparecem no livro mas com menor destaque. Nota-se deste modo como Morse refina sua análise, deixando-a mais precisa. Cf. Richard Morse, “A cidade de São Paulo no período de 1855-1870 (I)”, *Sociologia*, Escola de Sociologia e Política, São Paulo, v. XIII, n. 3, 1951, pp. 230-51 (a esse se segue o artigo “A cidade de São Paulo no período 1855-1870 (II): uma nova retórica e a estrada de ferro”, Separata de: *Sociologia*, São Paulo, v.3, n. 4, 1951). Argumentação semelhante aparece em “Sao Paulo in the 19th Century: Economic Roots of the Metropolis”, *Inter-American Economic Affairs*, v. 5, n. 3, 1951, pp.3-29.

135 Cf. Ángel Rama, *A cidade das letras* (Trad. Emir Sader). São Paulo: Brasiliense, 1986.

FIG.6 Uso das imagens na edição de 1954: “Vistas da cidade tomadas da Várzea do Carmo em 1828” (aquarelas de Arnaud Julien Pallière); “Sobrado com rótulas (Rua de São Francisco, por volta de 1860. Ao fundo o Piques)”; “Chácaras no Brás (Vista tomada do Morro do Carmo, mais ou menos em 1870)”; “O movimento nas ruas de São Paulo que impressionou Pierre Denis (Rua 15 de Novembro, entre 1910 e 1911)”

cotidiano da cidade apreendido em viagens para a pequena vila do sertão, passagem obrigatória aos que buscavam conhecer o interior do continente. Quase que os únicos testemunhos que temos hoje daqueles dias, os viajantes funcionavam como cronistas dos tempos passados – na acepção mais antiga da palavra, daqueles que narram o desenrolar do tempo, os primeiros historiadores – e reviviam o cotidiano daquela vila por meio de seus relatos, construindo uma imagem da cidade.

Para o norte-americano, havia sido a perda, com a Independência em 1822, de uma relativa autonomia desfrutada por São Paulo que juntamente à implantação da Faculdade de Direito e ao estabelecimento da imprensa com a inauguração do primeiro jornal, ambos em 1827, o que *catalisou* a “explosão” posterior. Os três fatores, do seu ponto de vista, prepararam o terreno para o paulista sair definitivamente do seu mundo interior, apontando, ou melhor, suportando o surgimento do cosmopolitismo que caracterizará a cidade mais adiante (*DCaM*, pp.44-58). Os trechos citados a seguir parecem ser suficientes para indicar a forma como Morse construía esse argumento. Mostrando como o estabelecimento de uma administração ligada ao poder central trazia mudanças, o historiador afirmava:

A lei tirava aos paulistanos sua capacidade de resolver as necessidades orgânicas da cidade como cidade. Os membros da câmara conheciam essas necessidades porque as *viviam*. A autoridade máxima, entretanto, passara a pessoas do governo provincial que não participavam da vida municipal, que viviam de olhos voltados para a Corte no Rio e refletiam sua harmonia e pompa espúrias. (*DCaM*, p. 54)

Do papel da Academia, Morse lembrava que ela teria sido “por muitos decênios o centro vital da cidade” (*DCaM*, p. 55).

Atraía alunos e professores de todo o país e de fora. Com estes vieram necessidades e atitudes que iriam lançar o fermento na comunidade introvertida. Vieram os costumes mundanos; as ideias e as paixões políticas a transcenderem o contexto local; a necessidade de teatros, jornais, livrarias, bailes e pontos de reunião não formais, como os cafés; o ceticismo cáustico dos acadêmicos sempre pronto a desarticular os estritos padrões da vida provinciana. (*DCaM*, p. 55)

Junto a isso, “a imprensa fazia parte do processo de extroversão da cidade” (*DCaM*, p. 57), e deste modo:

Era através da imprensa que uma teia de interesses distantes e pessoais se projetava sobre a tela circunscrita e imediata, vida e sentida, da rotina e do costume. [...] a imprensa era ao mesmo tempo efeito e causa da nova tensão entre o conhecimento imediato e a ideia distante. (*DCaM*, p. 57)

FIG.7 Academia de Direito: inaugurada em 1827 e instalada no Convento de São Francisco, em 1867 (fotografia de Militão Augusto de Azevedo)

Excelente escravo

Vende-se um creoulo de 22 annos, sem vicio e muito fiel: bom e aceso cozinheiro, copeiro, balieiro. Faz tudo o serviço de arranja de casa com presteza, e é o melhor trabalhador de roça que se póde desejar; humilde, obediente e bonita figura. Para tratar na ladeira de S. Francisco n. 4. 5-3

ESGRAVA FUGIDA

Achou-se fugida desde o dia 6 do corrente a preta Rita, creoula de Santa Catharina, de 16 a 17 annos de idade, altura regular, bons dentes, olhos grandes e alguns fios de barba no rosto, e tambem com signaes de espinhas.

Gratifica-se a quem a prender e entregar a seu senhor, nesta cidade, á rua do Boa-Vista n. 28, e protesta se com todo o rigor da lei contra quem a tiver acoutado.

S Paulo, 28 de Fevereiro de 1878.
3-2 Antonio Joaquim Ferreira Campos.

ALUGADA

Aluga-se uma escrava que lava, engomma e cosinba. Para tratar no largo de Paysandú n. 19

3-2

FIG.8 Vida letrada: venda, fuga e aluguel de escravos (Província de S. Paulo, c. 1870) na imprensa paulista

FIG.9 Sobrados de taipa na cidade: rua do Imperador e ao fundo a Igreja de São Gonçalo, na atual Praça João Mendes, c. 1862 (fotografia de Militão Augusto de Azevedo)

Ainda que mantivesse certas características daquele substrato cultural original, o *ethos* da sociedade mudava e se adaptava a partir dos intercâmbios sociais, expressando a transformação dos imaginários e revelando uma reelaboração permanente ao longo da história. Morse justamente buscava mostrar como a partir da 1822 a cidade e seus habitantes se viram diante de novas injunções que começavam a alterá-lo. Antes, entretanto, de explorar os efeitos de tais catalisadores, o autor se demorou na descrição física daquela cidade com seus sobrados de taipa, “a qual, apesar de ser uma técnica européia, exprimia peculiarmente as necessidades e condições do sertão brasileiro, agreste e isolado” (DCaM, p.34).

Se os memorialistas de certo modo já haviam recorrido à história material a partir de elementos como a arquitetura ou as técnicas construtivas, é certamente a leitura que os arquitetos modernos faziam contemporaneamente da arquitetura colonial em busca dos traços e tradições originais de uma arquitetura própria, “nacional” – cuja linha traçada nos tempos da Colônia se ligava ao presente não pela forma, mas pelo procedimento, a adequação ao meio, a honestidade dos materiais, ou seja, uma série de temas “modernos” – que informava a formulação que Morse levava à frente. “A beleza e a honestidade estética do sobrado foram mais tarde negadas. [...] A metrópole renegou ao esquecimento esta estrutura e o modo de vida que lhe correspondia [...]” (DCaM, p.35). O historiador apoiava-se no manuscrito “Monografia sobre Carapicuíba” (1938) escrito por

Luiz Saia, e em seu artigo “Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século” (1944), que juntamente ao texto de Silva Bruno, “Apontamentos sobre a cidade e a casa de São Paulo no século 19” (1944), davam-lhe as bases para discutir a adequação das técnicas coloniais ao meio e a posterior substituição por outras menos adaptadas e quase anômalas, compartilhando da visão condenatória dos arquitetos modernos à cidade da *belle époque*.

De fato, é a perspectiva dos profissionais que forjaram o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que se pode ler nas entrelinhas, pois como sabemos, desde a fundação do Sphan em 1937 aqueles intelectuais buscavam valorizar a tradição colonial com vistas à construção da nação, propondo uma ligação orgânica entre aquela arquitetura pregressa e a arquitetura moderna contemporânea. Os arquitetos modernos defendiam a última como a verdadeira arte nacional, após um interregno que levava às cidades a se coalharem de edifícios ecléticos, importados e sem caráter que teriam construído “cidades postiças” deste ponto de vista, condenando o ecletismo do século 19 ao esquecimento do ponto de vista do patrimônio – e historiográfico¹³⁶. Morse também a absorvia pelo intermédio de Saia, que acabou se tornando uma espécie de “tradutor” para os temas urbanos e arquitetônicos para o norte-americano. A visão do arquiteto sobre o tema explicitava a ideia de que mesmo a casa senhorial tivera suas bases firmadas na “arquitetura popular com sabores eruditos, pelo uso das técnicas construtivas, da racionalidade sincera e da simplicidade despojada, uma nudeza linguística típica das casas rurais”¹³⁷, onde se verificava

136 Como nota Silvana Rubino, “diversos autores já assinalaram que o período histórico de eleição para os tombamentos do Sphan situa-se entre os séculos XVI e XVIII, sendo o período entre o XIX e o término da Primeira República o oposto disso: o período imediatamente anterior à geração do Sphan, a ser no máximo tolerado quando se tratasse de inscrever um bem de qualidade excepcional. É comum, tanto nos escritos de Mário como nos de Lúcio [Costa], a menção a um bem ou um elemento notável, *apesar de ser do século XIX*”. (Silvana Rubino, “Lucio Costa e o patrimônio artístico nacional”, *Revista USP*, São Paulo, n.53, mar.-mai., 2002, p. 6-17, p. 14., grifo meu (<http://www.usp.br/revistausp/53/01-silvana.pdf>. Acesso 22 /09/2012)). De fato esta leitura de “condenação” à cidade erigida no século 19 pode ser notada pelo menos desde a década de 20, não apenas nos modernistas mas também nos “nacionalistas” que buscavam o *local* através de uma arte *neocolonial*. Explorei tal tema no artigo escrito com Joana Mello no qual analisamos as leituras de Ricardo Severo, Monteiro Lobato, Menotti del Picchia e Gregori Warchavchik em relação à busca da “verdadeira arte nacional” para se contrapor à “cultura postiça” que aos olhos dos quatro grassava em São Paulo no início do século 20. (Cf. Ana Castro e Joana Mello, “Entre nacionalismos e cosmopolitismos: imagens da metrópole moderna paulistana nas primeiras décadas do século 20”, *Anais do VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo* (CD-Rom), Niterói, UFF, 2004).

137 Paulo Roberto Masseran, “Diálogo atrevido entre a pedra e o tijolo, ou o popular e nacional na arquitetura brasileira, por Luiz Saia e Mario de Andrade”, Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2011, p. 268. Saia, como sabemos, é autor do livro *Morada Paulista* (1972), que periodiza a história de São Paulo por meio da análise da sua arquitetura civil.

uma prática de soluções mestiças, ou seja, a impregnação das soluções ibéricas de importação jesuítica, nos programas e detalhes técnicos, e outras de procedência primitiva, afro-negra e ameríndia, constatáveis pelo uso de detalhes técnicos de origens autóctones.¹³⁸

Essa perspectiva certamente encantou um Morse já disposto a absorver os resultados de uma cultura híbrida, ajudando-o a incorporar o olhar modernista em suas leituras do passado paulista em diversas passagens do texto.

Duas seções do primeiro capítulo, “A conformação da cidade” e “A vida na cidade”, apresentavam a compreensão de Morse da forma urbana entrelaçada à vida de seus habitantes, partindo de como a cidade havia sido vista pelos que nela viveram ou a visitaram para formular uma visão geral daquele período. Com isso, o leitor podia entender melhor o papel dos catalisadores das mudanças bem como aquilatar o desenvolvimento posterior. Como São Paulo durante as décadas de 1940 e 1950 se tornava uma metrópole industrial, Morse dava atenção ao que poderiam ser as primeiras e incipientes movimentações para o estabelecimento de indústrias na capital paulista, desde a chegada de D. João em 1808 no Rio, para pontuar a gênese de um processo de industrialização. Recuperando as ações necessárias para que tal fato pudesse acontecer, retomava de maneira mais elaborada argumentos já explorados em artigos publicados anteriormente, buscando acentuar como aquela pequena vila não tinha *ainda* as condições mentais (culturais) para absorver tal transformação. O seu ponto, deste modo, tornava-se mais claro. Tratava-se de dar atenção a transformação da “mentalidade” paulista:

O progresso, os salários ou o prazer psíquico da produção em massa não podiam sujeitar homens cuja posição na vida era pré -determinada, cujas despesas com alimentação, vestuário e álcool eram mínimas, cuja necessidade de mobiliário e acessórios não tinha sido estimulada. (*DCaM*, p.45)

Com argumentos que podem nos remeter à famosa leitura de Monteiro Lobato sobre o Jeca Tatu:

[...] mobília nenhuma [...] a cama é uma espipada esteira de Peri posta sobre o chão batido. Às vezes se dá ao luxo de um banquinho de três pernas – para os hóspedes. Três pernas permitem o equilíbrio; inútil portanto meter a quarta, o que ainda o obrigaria a nivelar o chão. Para que assentos, se a natureza os dotou de sólidos, rachados calcanhares sobre os quais sentam? [...] Seus remotos avós não gozaram maiores comodidades. Seus netos não meterão a quarta perna ao banco. Para que? Vive-se bem com isso¹³⁹.

138 Id. Ibid.

139 Monteiro Lobato, “Urupês” [O *Estado de S. Paulo*, 23/12/1914]. In: *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1962, p. 277-92.

Todavia, com um olhar menos preconceituoso, já que o norte-americano tinha o cuidado de não ligar tal falta de predisposição ao trabalho à personalidade daquele habitante e sim ao fato de ainda não ter se constituído a própria “necessidade”¹⁴⁰. Morse anunciava dessa maneira a perspectiva que seria retomada no último capítulo, de que algo imposto de fora dificilmente vingaria naquela comunidade. Apenas com a formação de um novo *ethos* é que poderia se estabelecer uma vida mais cosmopolita, ou pelo menos mais diversificada, na medida em que valores novos seriam elaborados e, então, incorporados. Nota-se que o autor parecia descrever um *ethos* em transformação, que caminhava para um sentido mais “protestante”, ou talvez mais moderno, que garantia a própria urbanização. Veremos no entanto que não foi bem assim que sua interpretação se deu. Na edição de 1970 Morse assumiria totalmente seu distanciamento da tese da “decadência”, e mais que isso, apresentava o período em questão como um momento de “germinação”:

O que houve foi que o século XVIII presenciou uma lenta mudança nos hábitos e atitudes que *armonizou o palco para junção de forças que produziria a metrópole*. E ao incorporar na lenda os feitos dos bandeirantes, esse período criou uma palavra de ordem permanente para o orgulho regional, as realizações individuais e coletivas, a resistência às crises. (*FhSP*, p.35, grifo meu)

Pode-se dizer que era a reprodução do argumento de Sergio Buarque que se lê na frase: “a figura dominadora do bandeirante marcial e seminômade cedeu lugar à do fazendeiro patriarcal e à do esperto comerciante urbanizado”¹⁴¹, sem livrar-se inteiramente do tom celebratório característico da historiografia paulista (presente também no próprio Sergio, nesse caso). Dessa forma, o argumento estava posto para concluir que se São Paulo no século 18 não era ainda nenhum “centro comercial opulento”, já se tornara “ao menos um modesto entreposto” (*FhSP*, p.35). Morse finalizava esse capítulo na edição de 1970 afirmando que:

O tamanho pequeno e a aparência rústica de São Paulo em todo o período colonial, longe de refletirem uma contribuição sem importância para o desenvolvimento nacional, exprimem uma multiplicidade de funções¹⁴² e imperativos, que canalizaram continuamente as suas ener-

140 Chega a lembrar que para a fábrica de armas montada por D. João em SP dirigida por mestres alemães, viu-se os mesmos perderem a fibra e não resistirem, “como acontecia com tantos imigrantes europeus não ibéricos desse período, à compulsão dos mores e à aguardente da comunidade” (*DCaM*, p.45), não ligando portanto sua crítica a uma questão estritamente étnica, mas de comportamento.

141 E de fato, continuava recuperando as rotas fluviais e terrestres que foram objeto de análise de Sergio Buarque, mas sem citá-lo neste ponto.

142 Citadas acima.

gias excepcionais para a hinterlândia [o sertão] paulista e as regiões distantes do Brasil inteiro. (*FbSP*, p.38)

O segundo capítulo da edição de 1954, “Surge a cidade-mente” (dividido em duas sub-partes: Período de Indecisão e Romantismo)¹⁴³, propõe um dos pólos fundamentais da história da cidade em torno do movimento romântico. Sob o tema “Período de indecisão”, o autor apontava para um momento de “mal-estar pós-colonial” que representava “uma época de indecisão, de irrealização, de mal-estar, de possíveis promessas futuras” (*DCaM*, p. 59), logo após aquele período de “estímulos” variados que teriam rompido com o período colonial e que pressagiavam um desenvolvimento futuro. Mas *o caminho* a seguir, este não estava traçado, ainda que ele, autor, soubesse onde iria dar: na metrópole dos anos 1950. Morse mostrava que para aqueles que seguiam na cidade em meados do século 19 a pergunta “para onde?” estava no ar e pontuava as possibilidades que se abririam diante deles, para em seguida apresentar as escolhas feitas e o que fora deixado para trás.

Como sua compreensão dava ênfase à dimensão intelectual, os eventos políticos – como a Revolução de 1824 – ou econômicos – como a introdução da cultura do café na Província – de certo modo se explicavam também sob o “temperamento romântico” que regia o período, como veremos em detalhe no segundo capítulo. A Revolução apenas servia para o autor mostrar como novos personagens entravam em cena, não mais os

caciques regionais vivendo em orgulhoso isolamento em suas fazendas, mas os bacharéis, [...] fixando residência na cidade, assenhorando-se de sua imprensa e de suas tribunas, fazendo entrosarem-se aos da nação os interesses e destinos da cidade (*DCaM*, p.85)¹⁴⁴.

O ponto de inflexão na história daquela cidade fora de fato a Academia de Direito, pois teria sido a partir do estabelecimento do núcleo estudantil totalmente exógeno à comunidade, e das ações de seus membros, que a cidade se transformara definitivamente¹⁴⁵. Até mesmo o fato

143 Na edição de 1970 (e desde a de 1958, como já dissemos), o capítulo passou a ser a Segunda parte, compreendendo os novos capítulos Mal estar pós-colonial; A Revolução de 1842; Alvares de Azevedo e o temperamento romântico; O aceleração cultural; Realizações materiais; O café... e alguns presságios (suprimindo-se o nome de Ricardo Gumbleton Daunt do título, operação que fazia sentido ao se editar a obra em inglês).

144 Coincidindo, note-se, com a leitura de Gilberto Freyre em *Sobrados & Mucambos*, lançado em 1936, sem entretanto seguir as consequências ali esboçadas.

145 Vale notar que o livro contemporâneo de Silva Bruno dedica um dos volumes à análise do burgo de estudantes – em parte devido a quantidade de reminiscências que tal período produziu, em parte por saber que por ali passaram

da Academia se instalar num antigo convento servia para Morse como índice da “desintegração funcional da autoridade outrora inclusiva” (DCaM, p.77) que a Igreja teria representado na comunidade colonial. Novos tempos se anunciavam.

3.3. A EXPECTATIVA E A REALIZAÇÃO

O terceiro capítulo, “Surge a cidade-organismo” (também dividido em duas seções: Período de Expectativa e A Jovem Metrópole)¹⁴⁶, tratava do desenvolvimento da cultura cafeeira em São Paulo, levando a vida intelectual a uma “era do positivismo”. Esse o momento que ganhará mais destaque em toda a historiografia posterior sobre São Paulo, por pretender nessa nova cultura agroexportadora a inflexão definitiva nos rumos da cidade – e que valorizou portanto muito mais a presença estrangeira, a partir do advento da imigração como fator de modernização¹⁴⁷. Morse, que via o ponto de inflexão no momento anterior, ressaltava desta nova fase um certo arrivismo notado na população forasteira que se estabelecia na cidade como a dar o tom (ainda que não desprezasse a importância do estrangeiro como elemento dinamizador). Ecletismo na arquitetura, parnasianismo na literatura, positivismo na filosofia, uma série de “estilos postiços” que pareciam agregar-se a uma comunidade ainda pouco orgânica cuja cidade rapidamente se transformaria na “capital do café”. Ou, como disse outro historiador em relação a esse período na Europa, “o historicismo na cultura surgiu[a] como um modo de enfrentar a modernização invocando os recursos do passado”¹⁴⁸, ampliando nossa compreensão sobre àquele momento ao alertar para os motivos, digamos, internos daquele dispositivo passadista.

A compreensão de certo modo condenatória de um período ainda informe da história paulista – comparada à metrópole dos anos 1950 – estava de par com uma fração da elite paulista que

os principais nomes da elite do país desde então, e muitos dos principais intelectuais brasileiros, o que tem impacto não apenas em São Paulo mas na constituição do país. O interessante é que Bruno constrói sua leitura citando o artigo *Raízes oitocentistas...* de Morse. Nota-se assim que a disjunção é a Academia, e não os estrangeiros que chegam com o café. É a cidade letrada, mais que a cidade cosmopolita. Devo o alerta à Paulo Garcez.

146 O terceiro capítulo “Surge a cidade-organismo” na edição de 1970 (desde a de 1958), passou a ser a Terceira parte, renomeada de “Crescimento da cidade”, com os agora capítulos (antes seções), Autocensura e novos ídolos; Uma nova retórica e a estrada de ferro; A época do positivismo; Expansão econômica e imigrantes; Expansão física; A nova configuração da vida.

147 Essa a conclusão por exemplo de Wilson Cano em *Raízes da concentração industrial em São Paulo*, São Paulo: Difel, 1977, livro que faz parte de uma bibliografia muito utilizada em São Paulo. O volume *São Paulo, os estrangeiros e a construção da cidade* busca em seus diversos artigos discutir com essa bibliografia clássica apresentando novas hipóteses sobre o lugar dos estrangeiros na “construção da cidade” (Cf. Lanna et al. (Orgs.), op. cit., 2010).

148 Schorske, “O livro: tema e conteúdo”, op. cit., 2000, p.15.

se via naquele momento se não em desagregação, ao menos em disputa com os forasteiros, a despeito de todas as acomodações e assimilações por meio de sociedades e matrimônios, que foi a forma que esse grupo soube se recolocar na cena, como bem mostrou Alcântara Machado (o filho), não sem ironia, no livro do final da década de 1920 dedicado aos “novos mamelucos” (justamente por ele, paulista dos quatro costados)¹⁴⁹. Pois ainda na década de 1950 essa elite se ressentia da perda de hegemonia, explicitada na volta ao passado que a efeméride do IV Centenário desencadeou no mercado editorial, ou na construção do Monumento às Bandeiras de Brecheret para fazer parte do conjunto do Ibirapuera, ao lado da Espiral moderna de Oscar Niemeyer¹⁵⁰. Como se sabe, com a tomada de poder por Getúlio Vargas e a derrota paulista em 1932, os paulistas buscaram encontrar o “seu” novo lugar na configuração nacional transformando-se na burguesia industrial nacional, revendo inclusive o significado do mito bandeirante para estendê-lo aos “novos ricos” imigrantes, muitos deles “capitães da indústria” paulista. Foi portanto nesse clima de disputa por uma imagem de São Paulo que Morse descreveu e analisou o papel pregresso da cultura cafeeira, que além de garantir a hegemonia econômica da província também lhe dera as bases para a constituição de uma identidade urbana, com todas as implicações: ferrovias, fim da escravidão, substituição de mão-de-obra, imigração, formação de um mercado consumidor, novas demandas, assimilação do imigrante, surgimento dos setores médios, etc.

Contudo, o historiador norte-americano daria ênfase menos às determinações econômicas, vale insistir, que à transformação do *ethos* paulista operada ali. É certo que um memorialista também não enfatizaria injunções econômicas, pois narrar o cotidiano é o que importava nesse tipo de texto, mas o que Morse fez foi mostrar que a cidade começava a estar *intelectualmente* preparada

149 “_ Olhe aqui, Bonifácio: se esse carcamano vem pedir a mão de Tereza para o filho você aponte o olho da rua para ele, compreendeu?/_ Já sei, mulher, já sei./ /Mas era cousa muito diversa./[...]/O conselheiro possuía uns terrenos em São Caetano. Cousas de herança. Não lhe davam renda alguma. O cav. uff. tinha a sua fábrica ao lado. 1.200 teares. 36.000 fusos. Constituíam uma sociedade. O conselheiro entrava com os terrenos. O cav. uff. com o capital. Arruavam os trinta alqueires e vendiam logo grande parte para os operários da fábrica. Lucro certo, mais que certo, garantidíssimo./[...]/A outra proposta foi feita de fraque e veio seis meses depois”. O trecho faz parte do conto “A sociedade” publicado por Alcântara Machado em *Brás Bixiga e Barra Funda: notícias de São Paulo* em 1927, relatando a união entre “Teresa Rita, filha do Conselheiro José Bonifácio de Matos Arruda, com o jovem galante “Adriano Melli, filho do cav. uff. Salvatore Melli, após este último renovar sua proposta de “sociedade”. (Cf. Alcântara Machado, *Brás Bixiga e Barra Funda: notícias de São Paulo* [1927]. São Paulo: IOESP, ed. fac-símile, 1983, pp.67-77).

150 Sobre o significado dos monumentos do Ibirapuera e as disputas para a construção do próprio conjunto, cf. Paulo Garcez, op. cit., 1998-1999 e Ana Claudia Barone, “A oposição aos pavilhões do parque Ibirapuera (1950-1954)”, *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, São Paulo, v.17, n. 2, jul.-dez., 2009, pp. 295-316. Garcez aponta para uma superação do mito de origem e o artigo de Ana Barone mostra “o moderno” ainda em disputa com os adeptos de um ecletismo de fundo acadêmico que não havia deixado de ser presente na cidade naqueles anos 1950.

para suportar e levar à frente todas as mudanças implicadas nessa nova cultura, invertendo uma interpretação que via a cidade como reflexo das transformações econômicas – e, mais, aprendendo dos próprios intelectuais modernistas a possibilidade de pensar a transformação do *ethos* paulista que ele sabia caminhar para o mundo moderno. Chamo atenção para isso para mostrar como os argumentos de Morse se foram construindo na esteira daqueles intelectuais locais em busca do seu lugar no mundo, plasmando ideias, intenções e discursos que se afinavam com a intenção de compreender a cidade em seus próprios termos.

A cidade parecia “preparar-se” para encarar as transformações, e foi nesse sentido que Morse destacou a gestão de João Teodoro (1828-1878) na presidência da Província. Desde um artigo de 1936 do geógrafo Eurípedes Simões Paula (1910-1977), essa gestão havia de se consagrar como a “segunda fundação de São Paulo”, por se reconhecer então os primeiros impulsos conscientes por parte do Estado para a transformação de um meio urbano ainda aquém de um futuro entrevisto¹⁵¹. Sem citar tal artigo, Morse chegava talvez por outras vias a essa mesma conclusão. A transformação da capital em nó do recém implantado sistema ferroviário permitiu o avanço das fronteiras agrícolas, sobretudo do café, possibilitando à própria capital sediar atividades urbanas que a cultura cafeeira pressupunha. O norte-americano ao mesmo tempo destacava o papel do intermediário, dando ao estrangeiro urbano o papel de motor dessa transformação. Valendo-se da imprensa, recuperava sua presença, fosse por meio dos anúncios de serviços, fosse nos empreendimentos imobiliários, sublinhando a importância da transformação do valor da terra urbana no sentido do desenvolvimento da cidade. Chácaras eram loteadas, freguesias eram incorporadas à cidade, ora especializando-se em bairros fabris, ora em bairros destinados a nova elite. Jules Martin, Frederico Glette, Victor Nothmann, Martinho Buchard, “os estrangeiros, como era de esperar, desempenharam um grande papel na alta dos terrenos” (*DCaM*, p.197), afirmava Morse, indicando

151 Eurípedes Simões Paula, “Contribuição monográfica para o estudo da segunda fundação de São Paulo” (1936), republicado em *Revista de História*, São Paulo, n. 17, 1954. O geógrafo Pasquale Petrone, em 1958, defenderia uma “terceira fundação”: “Dentro, ainda, da primeira década do século XX, registrou-se o que poderíamos denominar de terceira fundação da cidade, em virtude de razões idênticas às que levaram Simões de Paula a referir-se a uma Segunda ‘fundação’. Na realidade, sob a administração dos prefeitos Antônio Prado e Raimundo Duprat, passou a cidade por tais transformações urbanísticas e recebeu tais melhoramentos, que somos levados a compará-los aos realizados durante a Presidência de João Teodoro. Tais fatos justificam e confirmam, por isso mesmo, as referências lisonjeiras feitas pelos estrangeiros que nos visitaram, por essa época.” Cf. Pasquale Petrone. “São Paulo no século XX”, Aroldo Azevedo (org.). *A cidade de São Paulo*. Volume II: A evolução urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, p.121. Ambos os períodos estão englobados nesta fase descrita por Morse.

FIG.10 Novos bairros para as classes altas no vetor sudoeste: Rua Barão de Itapetininga no loteamento do Morro do Chá, (cartão postal de Guilherme Gaensly, c. 1900) e Higienópolis, empreendimento imobiliário de Victor Nothmann e Martinho Burchard (folheto, 1893), levado adiante após o “sucesso” dos Campos Elíseos

FIG.11 Novos bairros para os trabalhadores: vilas operárias (1913) para substituir os cortiços dos bairros centrais e “Terrenos a prestações” seguindo a linha do bonde, para uma nascente classe média (anúncio no *Correio Paulistano*, 1923)

que a área residencial da classe superior se estenderia “ao sul e ao oeste, na direção de Santo Amaro, por causa da vista e do ar mais seco que os terrenos em elevação proporcionavam”, destacando o ideal de salubridade que surgia, fundamental em tempos de epidemias e teorias sanitárias. Os pobres, por sua vez, foram contemplados no mercado de terras com terrenos em bairros menos centrais, levados a ocupar as várzeas alagadiças a partir da formação de uma faixa industrial determinada pela localização das vias férreas a leste e ao norte da colina, formando um amplo arco, “do qual muitos terrenos já era indesejáveis por serem baixos e úmidos. Neste arco, principalmente no Brás e na Mooca, foi morar a maioria dos trabalhadores.” (*DCaM*, p. 198)¹⁵².

Para o autor, num certo sentido a cidade começava a se transformar em metrópole já naqueles anos, pois era possível de se notar nesse desenvolvimento as características, mesmo que incipientes, que a iriam definir posteriormente como tal: a industrialização, a influência sobre uma região para além de seus limites físicos, a expansão da mancha urbana, e até mesmo o início de uma verticalização na área central apontando a necessidade de se adensar o centro¹⁵³. Para indicar o que significou “a urbanização em termos de experiência, comportamento e valores do cidadão”, Morse recorria nesse ponto não à literatura – talvez porque fosse o tempo do parnasianismo –, mas à arquitetura, que “serve bem como índice sociológico, cultural e econômico”, tomando-a como ponto de partida para destrinchar a transformação da cidade (*DCaM*, p.201).

Valia-se outra vez dos argumentos dos arquitetos modernos na compreensão das transformações materiais, voltando a ressaltar a “beleza estrutural” que certas construções de taipa teriam tido na cidade, especialmente os sobrados das elites e os edifícios públicos, justamente pela própria condição do material que havia imposto uma “solução rigidamente geométrica” levando à “honestidade funcional” que as liberava do “engenho estético de um arquiteto especializado”. Era de novo o elogio aos velhos construtores portugueses que está na base da historiografia da arquitetura moderna brasileira. Como afirmou certa vez Roberto Schwarz, “nós brasileiros gostamos de nos contrapor aos portugueses, mas não ao legado colonial” – frase que sem ter essa intenção ajuda a definir a apreciação dos arquitetos modernistas sobre o passado, quando nos anos 1940 passaram a considerar “parte direta da nação tudo o que tenha ocorrido

152 Tanto Monbeig como Caio Prado haviam indicado esse caminho. Cf. Pierre Monbeig, *La Croissance de la Ville de São Paulo*. Grenoble: Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953 e Prado, op. cit., [1936], 2004.

153 Por isso inclusive sua tese pôde terminar em 1889, porque ele via esboçado nesse período o caminho da comunidade à metrópole. Cf. Morse, op. cit., 1952.

FIG.12 Estilos “postiços” substituem a antiga “beleza” colonial: a demolição da Igreja da Sé (1912); um palacete “pseudo-colonial” de Ricardo Severo (1926) e o “pretencioso, sem nobreza, de imitação” Teatro Municipal (inaugurado em 1911), do escritório de Ramos de Azevedo

no território”¹⁵⁴, configurando assim uma vanguarda algo distinta das vanguardas europeias¹⁵⁵. Morse incorporou essa visão ao afirmar que quando a partir de 1870 a taipa começara a ser considerada “feia e rústica” e a “velha rótula encontrou seu fim”, a cidade necessariamente já mudara de feição, pois os artífices estrangeiros, com suas técnicas chamadas ‘mais civilizadas’ se asse-
nhoravam “do ramo das construções”. Era o tempo dos italianos, que modificavam a paisagem construída – substituindo a taipa por tijolos, revestindo os exteriores de estuque, acrescentando “cornijas e frisos sem função e sem beleza” (DCaM, pp.201-22).

O autor mostrava que “a estrutura fundamental e a configuração social que domi-
navam a taipa não se modificaram tão rapidamente”, já que mesmo no Código de 1886 ainda se percebia a “persistência de uma mentalidade de sobrado rígida e destituída de arte”. E de modo a comprovar essa afirmação, recuperava as atividades de Ricardo Severo (1869-1940) e sua arquitetura “pseudo-colonial”, bem como a de Ramos de Azevedo (1851-1928), dono de um “estilo” – as
aspas são do próprio Morse – “pretencioso, sem nobreza, de imitação e melhor descrito como ecletismo promíscuo com tendências à Renascença” (DCaM, pp.203-5). O historiador dava espaço as críticas à arquitetura eclética, compartilhando juízos que até então haviam sido veiculados sobretudo na imprensa, e que mais tarde formataram uma história da arquitetura brasileira¹⁵⁶. Essa espécie de autonomia estética que a arquitetura moderna brasileira logrou construir parecia vir de encontro aos anseios de um intelectual que buscava ele também construir um pensamento autônomo em seu olhar sobre a urbanização. Sua identificação completa com o discurso modernista de condenação ao ecletismo, talvez já previamente preparada pela divulgação da arquitetura brasileira nos Estados Unidos, tinha a ver com esse desejo de construção de um olhar particular para a cidade, a partir da sua própria tradição e afastada dos modelos centrais¹⁵⁷.

154 Schwarz, op. cit., 1999, p.49.

155 A respeito desta particularidade das vanguardas latino-americanas, que buscavam construir um passado e uma linguagem nacional na ação de renovação que propunham, cf. Adrián Gorelik, *Das vanguardas à Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. (Trad. Maria Antonieta Pereira). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

156 Se intelectuais como Mario de Andrade ou Monteiro Lobato criticavam o ecletismo na imprensa, são os artigos de Lucio Costa, “Razões da nova arquitetura” (1934) e “Documentação necessária” (1937), publicados na Revista do Sphan que são tomados como os textos definidores do caminho da crítica moderna desde então, numa primeira síntese dessa explicação historiográfica. A esse respeito, cf. Carlos Martins, “Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil, a obra de Lucio Costa, 1924/1952”. Dissertação (Mestrado), Departamento de História, FFLCH USP, 1987.

157 Ainda que não se possa esquecer que a crítica ao ecletismo e ao século 19 fossem o tópico contra o qual a arquitetura moderna internacional, desde Loos e do primeiro Gideon em diante, se opuseram. Cf. Willian Curtis, *Arquitetura*

FIG.13 Contrastes acentuados na cidade que se moderniza: palacete de Veridiana Prado em Higienópolis (fotografia de Guilherme Gaensly transformada em cartão-postal, c. 1900) e cortiço no Bexiga, início do século 20

Da crítica ao ecletismo na arquitetura, Morse ampliava o olhar para a crítica à uma sociedade postiça que se instaurava no Segundo Império, sob o comando de Pedro II (1825-1891), quem – na opinião do escritor português Ramalho Ortigão (1836-1915) em carta à Eduardo Prado (1860-1901) citada pelo norte-americano – tinha um temperamento “absolutamente inestético, fundamentalmente antiartístico, rebelde a toda noção de bom-gosto”. Mas tal sociedade suportava exceções, e uma delas era a própria mãe do destinatário da missiva, D. Veridiana Prado (1825-1910), cujo salão teria sido “uma ilha de refinamento” em meio a “heterogeneidade das importações e modismos indiscriminados” (*DCaM*, pp. 205-6). Morse, assumindo mais uma vez a perspectiva dos paulistas, desdobrava a análise da vida na cidade da arquitetura para os modos de vida, para em seguida passar às facilidades de transporte que as estradas de ferro anunciavam, o que acelerara a transformação da própria paisagem, ao encurtar distâncias e facilitar as importações de bens e de profissionais. Buscava desse modo compor o ambiente em que tais transformações se davam e definir seus protagonistas.

Sua análise não se concentrava apenas nos modos de vida das elites, já que pretendia traçar um panorama da vida urbana em geral. O autor deu atenção às nascentes classes médias e também a “classe inferior”, descrevendo as choças de pau-a-pique e os cortiços que surgiam na cidade em crescimento. Suas descrições pretendiam recompor a vida do habitante destes cortiços, na sua “sociabilidade de quiosques” (*DCaM*, pp. 210-12), para entender a mentalidade que se

formava. Como esse período foi profícuo em depoimentos de viajantes e memorialistas, que espantados com a modificação da cidade em tão curto espaço de tempo, deixavam suas impressões em relatos de diversas naturezas, Morse pôde mobilizá-los para construir um retrato da transformação urbana, variada e dispersiva, que ele contrapunha à falta “de um esquema de referências intrínseco, de uma ‘perspectiva urbana’ singular e integrada a que [os habitantes] se referissem para censura ou para aprovação dos padrões de comportamento, morais ou imorais”. Com isso, concluiria que a despeito das ocupações culturais serem as mais diversas, “a sua expressão cultural era pobre e sem relação com a vida cujo sentido ainda não se aprendera.” (DCaM, p. 214). Portanto, era a crítica a um momento visto como quase extemporâneo, pouco orgânico, que Morse fazia à cidade justamente no auge da produção cafeeira e do enriquecimento da sua sociedade, de novo, de par com aqueles intelectuais, fossem eles arquitetos, fossem críticos literários, que viam o período como um “interregno” da formação da identidade nacional – imagem criada pelos modernistas da década de 1920 que persistia ainda nos 1940 e 50.

O quarto capítulo, “A metrópole moderna”¹⁵⁸, apresentava a cidade já transformada, tomando como ponto de partida a cultura modernista que ali pudera florescer, de novo, justamente porque as características que alimentavam a produção de vanguarda davam suporte para que a cidade vivesse a industrialização, o cosmopolitismo, a intensa mobilidade social, o nascimento de um proletariado urbano, etc. Era a “idade moderna” de São Paulo que Nicolau Sevcenko, quatro décadas depois em seu *Orfeu extático na metrópole* mostrava que não podia ser facilmente definida:

São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem sub-tropical, *não era ainda moderna, mas já não tinha mais passado*; essa cidade que brotou de súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um *enigma para os seus próprios habitantes*, perplexos, tentando entendê-la como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados¹⁵⁹.

Morse havia anunciado a cidade em sentido semelhante na década de 1950:

158 Que passa a ser a quarta parte nas edições posteriores, e recebe o nome “A idade moderna”, contando com os capítulos (antes seções): O temperamento da metrópole; Industrialismo; A metrópole como “polis”; Modernismo; Anatomia da metrópole; ganhando na edição de 1970 o capítulo Sociedade, Cultura: Reconsideração de alguns temas (1968), cujas seções são: 1. A cidade no espaço; 2. A sociedade urbana; 3. A personalidade cultural de São Paulo.

159 Nicolau Sevcenko, *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.31.

Atingindo o século 20, chegamos a uma cidade em fluxo, *que apenas começa a definir-se*, uma cidade *cujo passado não é mais sentido e cujo presente e futuro imediato adquirem uma premência* que parece aguda e tangível (DCaM, p. 216, grifos meus).

E na versão publicada em 1970, alterara parcialmente a frase:

No limiar do século 19 deparamos com uma cidade em fluxo, uma cidade *que não apenas começa a definir-se*, [mas] uma cidade *cujo passado não é mais sentido e cujo presente e futuro imediato revestem-se de especial urgência* – uma cidade pressionada por questões inexoráveis. (FhSP, p.273, grifos meus)

A “especial urgência” falava menos da década de 1920 que de um autor escrevendo não mais na década de 1950 mas em 1970, quando a cidade de fato vivia uma urgência de intervenções que a explosão demográfica e o consequente aumento da habitação precária demandava. Foi dessa perda total de referências e da busca por novos pontos de apoio que o autor norte-americano tratou nessas páginas, vendo que o passado apontava para aquele futuro de modo distinto em cada um dos presentes de sua fala. Morse – diferentemente de Sevcenko, pois localizava São Paulo no tempo e no espaço para que ela não parecesse ter brotado “súbita e inexplicavelmente” feito “cogumelo após a chuva” –, notava contudo que a capital vivenciara uma perda de referências na passagem para o período metropolitano, o que necessariamente impôs a construção de novos valores. Esse processo podia ser melhor flagrado por meio da literatura modernista que, como se sabe, tinha na vida urbana sua matéria privilegiada. Mas também apontava que as questões haviam se alterado na metrópole nos quinze anos que separavam ambas as edições.

O capítulo acabava por se estender ao presente do livro, os anos 1940 e 1950 e analisava as novas perspectivas que se abriam para aquela cidade dali em diante. Importa notar que ainda que o foco do trabalho de Morse não fosse particularmente propor caminhos para São Paulo, em seu texto essa espécie de preocupação com a metrópole que se delineava a sua frente é visível. Morse já havia localizado no presente seu interesse em estudar a cidade que então se apresentava como o fenômeno urbano mais impactante do hemisfério Sul, e não seu furtou a analisar esse momento para traçar hipóteses para o crescimento futuro. Por isso a análise da fase industrialista da metrópole que paulatinamente substituía aquela identidade agroexportadora vinculada ao café havia que se estender aos anos 1940.

Naqueles anos as opções tomadas em São Paulo apontavam para um sentido de crescimento, do ponto de vista urbano, bem determinado. Entre 1938 e 1945 o engenheiro e urbanista Prestes Maia (1896-1965), como prefeito da cidade, implantara parcialmente seu

Plano de Avenidas lançado em 1930, que tinha na resolução dos problemas viários o principal objetivo, buscando rearranjar o circuito de ruas e avenidas num sistema radio-concêntrico que supostamente organizaria o tráfego e o crescimento da cidade dali em diante. Deve-se lembrar também da vinda do planejador norte-americano Robert Moses (1898-1981) à capital paulista em 1950 – um defensor dos investimentos viários como forma de resolução dos problemas da metrópole. A prefeitura da cidade chegou a assinar um contrato com o Ibec (*International Basic Economy Corporation*) – consultoria técnica para a formulação de estudos de viabilidade técnica e econômica em intervenções urbanas e questões agrícolas pertencente a Nelson Rockefeller (1908-1979) – supondo a transferência de conhecimentos técnicos e a elaboração de um novo plano para a capital paulista¹⁶⁰. Como técnico ligado à consultoria, Moses apresentou um plano que retomava largamente as proposições de Prestes Maia, sugerindo um extenso sistema de vias expressas e reafirmando a proeminência do transporte sobre rodas, publicado como “Plano para os Melhoramentos da Cidade” em 1951 e parcialmente implantado nos anos seguintes. Nova York era o modelo, não apenas no que dizia respeito ao tipo de urbanismo, mas também na forma de fazer negócios, pois o projeto serviria para abrir “um campo de negócios entre as empresas estrangeiras e a municipalidade”¹⁶¹. Obviamente houve críticas, para além da teoria, na própria prática urbanística. Basta citar o nome de Anhaia Mello (1891-1974), que desde a década de 1920 preconizava a necessidade de contensão da cidade, sugerindo uma perspectiva de planejamento regional que implicava na descentralização e na poli-nucleação, para saber que não era propriamente um consenso o que se fazia então¹⁶². Até o próprio Prestes Maia parecia começar a reconhecer a insuficiência das propostas de Moses para a cidade àquela altura, demasiado presas a referenciais já quase passadistas, pois que de seu ponto de vista havia chegado a hora de se pensar num metrô de superfície e de se encarar a questão da habitação

160 Cf. Maria Cristina da Silva Leme, “A presença norte-americana e a transformação de São Paulo no pós-guerra”. In: Lanna et al. (orgs.), op. cit., 2010, pp. 183-207.

161 A radicalidade da proposta, segundo Leme, se mostra na ideia de prolongar as rodovias pelo tecido da cidade, como a ligação entre a recém construída Anhanguera e a nova estrada para o Rio de Janeiro em uma via expressa ao longo do Tietê, o prolongamento da Anchieta até o centro, cortando o Ipiranga e ainda uma rodovia que cortasse o Ibirapuera [em construção para ser inaugurado no IV Centenário, lembre-se] em direção a Cotia, rumo ao sul do país e ao Uruguai e a Argentina. A autora ressalta que esse seria o novo padrão das intervenções posteriores, mais radicais que as avenidas de Prestes Maia, na medida em que, como vias expressas, buscavam a ligação entre municípios vizinhos cortando e separando bairros (Cf. Id., p.198 e p. 205).

162 A esse respeito, entre outros, cf. Candido Malta Campos, *Os rumos da cidade. Urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2002; Sarah Feldman, *Planejamento e zoneamento. São Paulo, 1947-1972*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2005.

FIG.14 Planos “rodoviaristas” para São Paulo: Plano de Avenidas de Prestes Maia (proposto em 1930) e Plano de Melhoramentos de Robert Moses (de 1951), soluções criticadas pelos arquitetos modernistas

social – tópicos urgentes frente ao aumento dos cortiços e ao início das ocupações ilegais na cidade que se industrializava e passava a atrair novos e significativos contingentes populacionais¹⁶³.

O tema estava na ordem do dia. E também nosso autor tomava parte do debate em torno das ações planejadoras, mobilizando conceitos e questões que circulavam entre as cidades. Morse mesmo é quem nos conta como veio a se interessar pelos planos urbanos, a partir da leitura de Lewis Mumford, que o teria levado a “olhar para os tempos em que a cidade que você está estudando saiu da pista, ou quando um grupo de planejadores iluminados pode tê-la mantido nos trilhos, exercendo uma visão imaginativa...”¹⁶⁴. Mas, uma vez mais podemos ver o dedo de Luiz Saia também ali, na crítica aos caminhos urbanísticos tomados em São Paulo contemporaneamente¹⁶⁵. Morse finalizou a edição de seu livro em 1954 conclamando os arquitetos a tomarem a frente nas decisões urbanísticas, pois os “engenheiros” que a dirigiam até aquele momento não haviam sabido tratá-la adequadamente, preocupando-se apenas com avenidas e rodovias. Porém, o que ele via em São Paulo em 1950 era ainda impreciso, e certamente distinto da América do Norte na sua origem (ibérica), por isso poderia apontar para outro lugar. “A contínua integração das ordens patriarcal e industrial confere portanto à configuração dos determinantes e expectativas sociais em São Paulo *um caráter complexo e incerto*.” (DCaM, p. 233, grifo meu). Era nesse sentido que o norte-americano afirmava:

o observador casual não tem em São Paulo a impressão desoladora de sujeira, fuligem e opressão que a maioria das cidades industriais do hemisfério norte oferece. Há em São Paulo edifícios altos, porém não a maciça e implacável aglomeração de humanidade, nem as densas, hediondas, desumanas selvas de tijolo e aço que caracterizam o industrialismo tacanho dos países protestantes. São Paulo expandiu-se radialmente num surto de indisciplinada energia. Indústrias e residências espalham-se ao acaso – até atingirem cidades maiores das redondezas,

163 Prestes Maia parece finalmente colocar-se as mesmas questões de Anhaia Mello na década de 1920, perguntando-se sobre desenvolvimento regional, adensamento *versus* espraiamento, e outros temas que mostravam como o urbanista paulista acompanhara o debate, recusando a solução “simplista” do plano de Moses, ainda que o defendesse frente àqueles que preferiam esperar por soluções utópicas: Moses, segundo Maia, era da escola de urbanismo que “realiza e não oferece a incoerência de urbanistas que passam a vida a pregar utopias e morrem sem deixar o mais pífio arruamento.” (Prestes Maia, “O Programa Norte-americano de Melhoramentos para São Paulo”, 1951, obra citada por Leme, op. cit., 2010, pp.203-4).

164 Cf. Bruce Stave, Paul Goodwin e Hugh Hamill, “A Conversation with Richard M. Morse”, *Journal of Urban History*, v.2, n.3, mai., 1976, pp. 331-56, pp. 336-7.

165 Embora o artigo de Saia aqui citado seja posterior (1963), estamos vendo como as ideias do arquiteto permeiam a leitura de Morse sobre a cidade, e pode-se supor que sua crítica aos caminhos urbanísticos da metrópole, sistematizadas nesse texto, estivessem sendo elaboradas já antes, provavelmente durante a própria gestão de Prestes Maia na prefeitura. No artigo, o arquiteto é enfático ao notar como as soluções pareciam desconhecer a verdadeira escala da cidade, e pior, “as soluções sempre se contiveram numa escala e num nível técnico que ‘desconheciam’ o que estava por vir” (p. 219). Na crítica de Morse reconhece-se o tom da crítica de Saia.

usando prodigamente o espaço. Aos edifícios falta a aparência pesada e maciça daqueles dos países setentrionais e, de um modo geral, com exceção dos novos arranha-céus, não são altos. Por toda a cidade aparecem frequente e inesperadamente trechos abertos de terrenos. Tem-se em São Paulo pelo menos a impressão visual que a cidade é construída sobre terra, que está localizada num ambiente geográfico; São Paulo não é – para usar a expressão de um romancista popular norte-americano – uma “selva de asfalto”. (DCaM, p.236)

Richard Morse criticava em seguida a mentalidade “centralista” implícita na proposta radio-concêntrica de Prestes Maia, cujo plano vinha sendo implantado de uma forma ou de outra também pela atuação de Moses naqueles anos. A fórmula “*loop-and-spoke*”, convinha notar, não era necessariamente má, porém, “se não fo[sse] completada por um planejamento mais amplo”, aí sim se tornaria “positivamente prejudicial”. Na apreciação sobre a forma como a cidade se desenvolvia, além dos vários projetos de Prestes Maia (1924, 1930, 1945) e da proposta de Moses (1951), criticados brevemente em seu livro, Morse se baseou em uma avaliação de outro norte-americano para reforçar a sua posição de certo modo contrária essas alternativas (DCaM, pp.300-4):

A política de construir vias expressas para o centro e em torno do centro das cidades é válida até certo ponto. [...]

A experiência indica que novas vias em circunferência ficam logo sobrecarregadas a menos que o controle do aproveitamento de terrenos mantenha os novos melhoramentos na mesma escala que a via estimula. (apud DCaM, p. 301)¹⁶⁶

Não era se preocupando apenas com vias expressas, portanto, que a cidade conseguiria se desenvolver. Nova York já mostrara isso e os arquitetos, seguia o historiador, deviam estar atentos para que a cidade não se perdesse de vez nos descaminhos de um crescimento desordenado que lhe traria, fatalmente, as mazelas que ele sabia haver nos países centrais. São Paulo, nos anos 1950, parecia ainda poder escolher outra via, embora até aqui, do ponto de vista urbanístico, sofresse com a “persistência da mentalidade da ‘praça central’ e das ‘avenidas largas’” – o que *explicava* os problemas da cidade. A crítica a Prestes Maia se alongava:

Grande parte do “planejamento” do século XX tem consistido apenas em esforços para mudar para o outro lado do Anhangabaú partes desse centro, principalmente as lojas elegantes e os teatros. Isto não significa descentralização, mas aumento e avanço do núcleo monolítico. (DCaM, p. 301)

166 Tratava-se de um artigo, “Metropolitan transportation”, publicado em *An Approach to urban Planning* (Princeton, 1953), DCaM, p. 203.

O historiador compartilhava das críticas correntes ao Plano de Avenidas, cuja “descentralização” fora apenas o deslocamento do centro – até então na colina histórica – para a região da Praça da República, logo conhecida como Centro Novo. Morse afirmava que o “hábito mental de descentralização ou de pluralismo”, que tinha correspondência em outros campos, ainda não prevalecera no urbanismo paulista, o que, juntamente ao fascínio inerente do “coração da metrópole”, só fazia reforçar um provincianismo que já era hora de se deixar para trás. Os planejadores não pareciam estar conseguindo transformar os anseios de uma população cosmopolita em novas formas urbanas. Por isso, o apelo final aos arquitetos, que por se relacionarem “muito mais intimamente do que o engenheiro com as tradições, os hábitos e os gostos de grupos específicos de seres humanos”, teriam mais traquejo para a “interpretação estética da função” (*DcaM*, p. 302). Ora, esses eram os arquitetos modernos.

Após notar os termos mais gerais que organizam e regem a obra de Morse sobre São Paulo no sentido de compreendê-la como uma história urbana, a primeira coisa que chama a atenção nesse percurso é que a despeito de compreender a cidade por “fases”, o que Morse sublinhou ao longo do texto foi sua unidade. Ao descrever a articulação interna entre cada uma dessas fases, o historiador afinal alertava para a “complementaridade funcional dos momentos e a regra de seu movimento, além do sistema de paradoxos e de ilusões que lhe corresponde”¹⁶⁷. Outra vez o raciocínio de Roberto Schwarz parece útil para se compreender no trabalho de Morse sobre a capital paulista a identificação de uma “estrutura histórica em sentido próprio” na qual a própria alternância dos “impulsos universalistas e localistas” – que caracterizariam a literatura brasileira no trabalho histórico-crítico de Antonio Candido (1918-) – também era constitutiva da vida urbana mesma que ali se desenvolvia.

Mas se essa edição de 1954 acabava com um apelo aos arquitetos e urbanistas para que não deixassem que a cidade se transformasse numa “selva de asfalto”, como havia acontecido às metrópoles dos países centrais, na edição de 1970 Morse finalizaria o livro de outro modo, definindo afinal o que era a “metrópole” – parafraseando Mario de Andrade sobre o objetivo dos modernistas e consequentemente daquele momento paulista – para indicar que não se tratava mais de uma solução apenas urbanística, mas de mudança de mentalidade. Quando Morse reeditou o livro no Brasil, a cidade vivia o início do que depois se chamou de “explosão da periferia” e certamente o clima de euforia desenvolvimentista ficara para trás¹⁶⁸. Passara-se entre os anos 1950 e 1970 de uma popula-

167 Schwarz, op. cit., 1999, p. 50.

168 A esse respeito, entre outros, cf. *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*. Rio de Janeiro/São Paulo: Vozes, 1975.

ção de 2 milhões habitantes para 3,7 milhões, chegando a pouco menos de 8,5 milhões em 1980 – o que por si só explicita a “explosão” que ocorreu durante a década de 1970 – num processo de urbanização sem precedentes que parecia apagar de modo definitivo os quatrocentos anos de agrarismo e escravidão. Entretanto, as promessas de um período otimista caíam por terra e o autor tinha que se haver com isso. O capítulo final, escrito em 1968, buscou dialogar com os novos estudos sobre a urbanização latino-americana, reanalizando São Paulo sob diversas perspectivas: “a cidade no espaço” (*FbSP*, p.379); “a sociedade urbana” (*FbSP*, p.387); “a personalidade cultural da cidade” (*FbSP*, p. 409), para reafirmar que a metrópole devia ser entendida sob uma perspectiva “tanto ecológica quanto cultural”. Às consequências e implicações dessa nova leitura nos dedicaremos no capítulo 3. O que destaco aqui é o que é peculiar nessa história – e que permanece com a mesma força nas diversas edições do livro: o fato de que o autor buscara organizar a história urbana na relação com pólos literário. Ao definir o *ethos* paulista, era partindo da literatura que ele definia cada fase da evolução urbana. Vejamos então no capítulo seguinte – para poder discutir isso com mais propriedade – como a literatura havia estado presente em diversos pontos de sua trajetória, na graduação e na pós-graduação, e como Morse articulou as referências norte-americanas com o que ele encontra em São Paulo em 1947.

CAPÍTULO 2 **DA AMÉRICA A SÃO PAULO**
UMA HISTÓRIA CULTURAL

_ Moscou. Isso é na Polônia? – perguntaram-me no
consulado americano do México.

_ Não – respondi –, isso é na União Soviética.

Nenhuma reação.

Concederam o visto.

Mais tarde fiquei sabendo que se um americano só afina
ponta de agulha, então ele conhece esse assunto
melhor do que todo mundo, mas pode nunca ter ouvido falar
de buraco de agulha. O buraco de agulha não é sua
especialidade, e ele não tem necessidade de conhecê-lo.

Maiakovski, *Minha descoberta da América*, 1925

Uma *câmara de decantação na periferia* poderia
fornecer talvez o crivo mais conveniente para o
observador interessado também em opinar.

Paulo Arantes, *Ideologia francesa, opinião brasileira*, 1991

A HISTÓRIA DE SÃO PAULO ESCRITA por Richard Morse compartilha com outras histórias da cidade um certo sentido evolutivo, na medida em que segue a cronologia dos acontecimentos históricos. Partindo da história da comunidade colonial fundada em 1554 num planalto do interior da América Portuguesa, buscava compreender a metrópole que se industrializava na década de 1950. No entanto, essa história traz diferenças e particularidades que merecem atenção. Além de inserir São Paulo num campo de interesses e forças mais amplo, a América Latina, as fases ou etapas da sua evolução passam a corresponder menos a ciclos econômicos que à transformação do *ethos* de seus habitantes ao longo dos séculos. Mais que isso, para Morse, era a compreensão desse *ethos* ao longo da história o que daria possibilidade de entendimento das próprias transformações urbanas, culturais e mesmo econômicas então visíveis. Em grandes linhas, pode-se dizer que a progressiva adaptação aos valores modernos capitalistas que se verificava em São Paulo suportando seu desenvolvimento podia ser entendida sobretudo a partir da definição de um certo substrato cultural paulista que se formara e se moldara ao longo dos anos de modo a amparar essa modernização.

Vimos que para o historiador só fazia sentido aplicar o termo “cidade” àquela comunidade a partir de um determinado período da sua história – notadamente, os anos próximos à Independência – porque no seu modo de entender aquele foi o momento em que o *ethos* paulista ganhara maior densidade, permitindo ao antigo núcleo colonial deixar definitivamente para trás seus ares acanhados e provincianos para vivenciar um processo de extroversão e cosmopolitismo que seria completado apenas no meio-século seguinte. Richard Morse pretendia portanto estudar o *processo formativo* da São Paulo metrópole. O intelectual discutia a formação da metrópole, tomando

os anos de 1950 como o momento em que ela parecia se afirmar para poder, dali em diante seguir caminhos próprios. Se Morse estava interessado em “narrar” a história da cidade, mais que tudo seu interesse estava em compreender o processo que tornara São Paulo uma metrópole industrializada, mas com características distintas e particulares que, a primeira vista, pareciam descolá-la da compreensão geral das cidades latino-americanas que se tinha até então, sem contudo aproximá-la totalmente das metrópoles dos países centrais¹. Mas é sobretudo a partir da sua própria experiência na cidade em fins dos anos 1940 que o historiador reconhece nela um *ethos* híbrido (formulação que ganharia novos contornos e mediações nas edições posteriores, em 1958 e 1970) que parece de algum modo confirmar intuições anteriores². Assim, a compreensão do *ethos* paulista ganha centralidade em seu trabalho, e merece ser explorada tendo em vista iluminar os modos pelos quais o autor se aproxima dessas ideias e os materiais – sobretudo os literários – que ele incorpora para produzir a história da cidade.

Se foram os anos da Independência o ponto zero do que viria a ser uma “cidade” – ainda que a história dos seus “antecedentes” tivesse merecido atenção por parte do norte-americano –, dois momentos posteriores àquela data foram do seu ponto de vista particularmente potentes para compreender o arco da evolução urbana que se evidenciou desde então. Esses momentos coincidiam com dois movimentos literários – Romantismo e Modernismo – vistos como condensadores da vida urbana paulista. Para Morse, era por meio da literatura que podiam ser melhor compreendidos os modos de vida e a experiência urbana paulistana, ou o que talvez pudéssemos chamar a sua *cultura urbana*. É de par com essa perspectiva que o historiador elege dois escritores como personagens privilegiados, por aproximarem o leitor contemporâneo do passado da cidade quase sem mediação, chamando-os por isso de “criadores de símbolos” (*DCaM*, p.18). Os poetas Álvares de Azevedo (1832-1852) e Mario de Andrade (1893-1945), cada um a seu tempo, seriam lidos não apenas por intermédio das suas obras, mas por suas experiências de vida na cidade, capazes elas também de revelar, ou serem portadoras, da própria urbanidade paulista. No artigo “O pesquisador social e o historiador moderno”, publicado na *Revista do Arquivo Municipal* ainda à época de redação da tese, Morse havia buscado detalhar o ponto que particularizava seu estudo sobre São Paulo. Ali afirmara: “claro que o artista deve ser compreendido como artista”, ressaltando que

1 Vimos como Morse percebe São Paulo como “exceção ao padrão latino-americano” no seu mestrado, e como essa ideia norteia a tese de 1952 e de certo modo a edição de 1954.

2 Justamente quando em seu mestrado compreendia o paulista numa trama de tensões entre os brancos, os índios e os mamelucos, sugerindo a ideia de um *ethos* híbrido a se formar no planalto.

a apreciação estética não podia ser menosprezada. Ao historiador cabia essa “sensibilidade estética” para perceber que o artista “não retrata diretamente a sociedade de sua época na sua obra [...] [mas] a absorve, funde e transmuta de maneiras sutis e pessoais que não estão abertas a análise do pesquisador”³. Era nesse sentido que a literatura (em particular) e a cultura (em geral) eram tomadas como material interessante, ou mesmo indispensável, para aqueles que investigassem a história de determinada sociedade. Porque de que o substrato ou permanência mental que molda o habitante de uma cidade – seu *ethos* – poderia ser mais bem entrevisto na literatura (ou na cultura), e apenas assim se compreendia efetivamente as transformações da própria sociedade. Segundo Morse, “muitas vezes o romancista local ajuda com o necessário golpe de vista na contextura da vida urbana”⁴, e desse modo, os literatos seriam como uma espécie de “leitores privilegiados” da própria cidade, “com habilitações culturais, profissionais e estéticas que os dotam de um olhar refinado, sensível e arguto”, na formulação precisa de Silvia Pesavento⁵. Se um romancista “de segunda” dava uma “infinidades de detalhes da vida urbana”, um “de primeira” podia fornecer a “visão do significado e espírito da cidade”⁶. Por isso,

não se trata[va] de pesquisar os motivos retratados, mas de se perguntar: quando e porque a boa arte apareceu? [...] Em que medida a cidade oferece condições psicológicas e materiais aos escritores e artistas para darem expressão ao Brasil, rural e urbano?⁷

3 Richard Morse, “O pesquisador social e o historiador moderno”, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 113, 1949, pp.36-52, p. 43 e ss.

4 Id., p.45. O historiador concebia neste artigo uma interpretação possível para a história da cidade de São Paulo que ele levará adiante em trabalhos posteriores, jamais abandonando a literatura como forma de acesso ao passado, ou às mentalidades. Isso se nota ao observarmos seu último texto publicado em vida, “The multiverse of Latin America Identity” escrito para a *Cambridge History of Latin America: Latin America since 1930: Ideas, Culture, and Society* (1995), recentemente traduzido para o português, no qual de maneira sofisticada Morse buscava uma compreensão da sociedade latino-americana no século 20, por meio de seus autores (ensaístas, romancistas ou poetas), lidos em pares comparativos para traçar um retrato do subcontinente. Cf. Richard Morse, “O multiverso da identidade latino-americana – c. 1920 - c. 1970”. In: Leslie Bethell (org.), *A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade* (Vol. VIII), História da América Latina, São Paulo: Edusp, 2011, pp. 19-160.

5 Sandra Jatahy Pesavento, “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”, *Estudos Históricos*, FGV, Rio de Janeiro, n. 16, 1995, pp. 279-90, p. 284.

6 Morse, op. cit., 1949, p. 46. Nesse sentido colocava em pauta os romances *A Carne* (1888) de Julio Ribeiro e *Macunaíma* (1928) de Mario de Andrade, que embora não se comparassem como exemplos da atividade literária, valia serem valorizados criticamente cada um a seu modo. Em seu livro, Morse retoma estes exemplos, sem entretanto “analisar” o livro *Macunaíma*.

7 Id., *Ibid.*, grifo meu. Em que medida a cidade alimenta a literatura e a literatura alimenta a cidade? Para uma discussão sobre pressupostos e potencialidades da “história cultural urbana”, cf. Ana Castro e Joana Mello, “Cultura urbana

A pergunta que Morse fazia à literatura portanto não era apenas sobre os temas tratados, mas sobre a matéria literária, sobre o que ela revelava em sua própria forma, uma vez que essa forma de algum modo condensava o *ethos* da sociedade. E na compreensão desse *ethos*, e da sua transformação ou reelaboração permanente ao longo da própria história, poderia-se compreender, no caso de São Paulo, os motivos que levaram o núcleo colonial descentrado da América portuguesa ao posto de principal capital industrial latino-americana. Tais motivos, implícitos nos significados construídos pelos homens ao longo do tempo, materializavam-se nas formas literárias e – como Morse também mostra em muitas passagens, informado por Spengler – nas formas arquitetônicas. Ou seja, na cultura da cidade. Apenas quando se tivesse em mente que “a conduta humana é governada em última instância pela razão” e que “a História narra a história do homem”, é que se poderia chegar a uma verdadeira compreensão do passado, capturando-se as unidades de sentido de cada época. Mas como conseguir isso? Justamente por meio da análise da cultura produzida a cada tempo histórico por esta ou aquela sociedade. Ora, era na cidade que isso se dava de maneira mais explícita, pois ela talvez fosse a principal realização cultural dos homens, sendo a própria forma urbana também reveladora desse processo. Por isso valia a pena estudá-la. Colocando-se contra a especialização e a fragmentação do conhecimento acadêmico naqueles anos, Morse afirmava que “um conjunto de dados estatísticos [até podia] ajuda[r] o historiador, mas não [seria] História”⁸, conclamando os historiadores para:

ao invés de alimentar essa impraticável visão da verdade absoluta, constru[irem] através de uma acumulação e seleção conscienciosas de nosso material, uma verdade histórica útil *que sirva para os fins do homem*.⁹

Tais fins estavam – como para um Lewis Mumford (1895-1990) ou um Antonio Candido (1918-), interlocutores privilegiados de Morse – radicados no presente. Era o presente que fornecia ao historiador as perguntas para o passado. Mas além disso, o próprio trabalho do historiador deveria compartilhar com a literatura dos seus procedimentos, já que “o ato de escrever a história deve[ria] ser visto como uma coisa semelhante à criação, e, em certo sentido, como uma obra de arte”. Dando peso à narrativa, o historiador se afastava de um pretenso objetivismo,

sob novas perspectivas – entrevista com Adrián Gorelik”, *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo, n. 84, 2009, pp.235-49.

8 Morse, op. cit., 1949, p. 37.

9 Id., Ibid., grifo meu. As citações do parágrafo seguinte também são deste texto.

assumindo a parcela de criação que caberia ao ofício de historiar, “porque [afinal,] a totalidade matemática dos fatos históricos é inacessível”.

Nesse mesmo artigo Morse apresentou pela primeira vez seu modo de compreensão do trabalho histórico, reconhecível na forma como foi organizado o livro sobre São Paulo. Num momento em que a História disputava espaço com as Ciências Sociais como forma de entendimento do mundo social, ao mesmo tempo em que apelava aos próprios instrumentos e às categorias de análise delas para reformular o trabalho histórico¹⁰, o autor voltava-se à literatura, à cultura, aos relatos subjetivos e ficcionais – aliados à sua própria experiência – como matéria fundamental para se chegar ao passado. Não custa recuperar aqui a frase de Marx e Engels (dita de forma irônica, como ressalva Wolf Lepenies), de que eles haviam aprendido mais com Balzac que com todos os historiadores e economistas profissionais – “Guizot e tutti quanti” –, para lembrar que a disputa vinha de longe¹¹. Era nesse sentido que em sua obra a literatura ganhava relevo, desempenhando um papel fundamental por auxiliá-lo na definição das etapas da evolução urbana, e mais que isso, permitindo mais propriamente a sua compreensão¹². Entender de modo mais preciso como essa perspectiva é formulada, e qual a potência dessa análise, é o objetivo deste capítulo.

Para tanto é necessário uma dupla volta no tempo: para o período da graduação de Morse em Princeton, e o de sua pós-graduação em Columbia, pois em ambos momentos se reconhecem traços de uma formação que conduz suas escolhas posteriores, abrindo perspectivas para o trabalho subsequente sobre a cidade de São Paulo. Convém determo-nos inicialmente nos próprios conteúdos de aproximação entre os Estados Unidos e o Brasil durante a Segunda Guerra, quando a América Latina surgia no horizonte dos norte-americanos em termos mais definidos, fazendo-se tema de interesse para o então estudante de história. Com isso, busco apresentar seus anos de formação no contexto de aproximação entre os dois países durante e após a Segunda Guerra, quando

10 Cf. Fernando Novais e Rogério Silva, “Introdução: para a historiografia da Nova História”. In: *Nova História em perspectiva*, São Paulo: Cosac Naify, 2010, pp.6-70.

11 Citada por Wolf Lepenies, *As três culturas* (Trad. Maria Elisa Cescato), São Paulo: Edusp, 1996, p.15.

12 Para uma discussão da coincidência de objetivos entre literatura e história, cf. Sandra Pesavento, “Cartografias do tempo: palimpsestos na escrita da história”. In: *Um historiador nas fronteiras: O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, pp. 44 e ss (entre outros da mesma autora). Thomas Bender também retoma essa questão para abordar a cultura urbana novayorquina, recuperando a própria afinidade entre a formulação do romance, como forma literária, e o crescimento da sociedade urbana moderna, para daí proceder a uma análise da cultura urbana e estabelecer pressupostos para uma história cultural urbana, Thomas Bender, *The unfinished city: New York and the metropolitan idea*. New York: The New Press, 2001, p. 61 e ss. Remeto ainda a Lepenies, op. cit., 1996 e Terry Eagleton, *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Autores que nos ajudam nas análises que se seguem.

Morse deixa Princeton e vai para Columbia estudar com Frank Tannenbaum (1893-1969), figura central dessa aproximação. Defensor de um entendimento particular da cultura latino-americana, Tannenbaum parece oferecer ao jovem historiador alguns dos elementos necessários para que se defina o objeto de seu estudo, ou melhor, seu modo de olhar para o mesmo, contribuindo para construir um sentido de América Latina no estudante. Em seguida, busco mostrar como as sementes plantadas nesse período formativo puderam germinar no contato com uma intelectualidade paulista preocupada, justamente, com a construção de uma perspectiva da cultura nacional que passava pela definição do lugar de São Paulo nesse panorama, desenvolvendo-se sobretudo a partir do estabelecimento da Universidade de São Paulo. Minha hipótese é a de que foi nesse contato que a história da cidade que o autor se propusera a fazer se configurou propriamente como o que designamos “história cultural urbana”.

1. SÃO PAULO, A GUERRA E O SENTIDO DO CONTINENTE AMERICANO

O primeiro contato do autor da *Biografia de São Paulo* com a cidade objeto de seu estudo foi anterior à pesquisa de campo e nada planejado. Ainda durante a graduação no início da década de 1940 na Universidade de Princeton, o estudante de história Richard Morse passaria pela cidade que já começava a ficar famosa pela intensidade e rapidez de seu crescimento. Nas férias de verão do ano de 1941, durante uma viagem que tinha como destino outros países da América Latina, Morse aproveitou a oportunidade para também conhecer a capital paulista:

Em Santos deixei o navio e fui conhecer São Paulo... A cidade logo me espantou porque era muito moderna, achei-a demasiadamente grande, interessante, mas não gostei muito: tinha tráfego demais, gente apressada correndo nas ruas...¹³.

É essa primeira impressão que seria posteriormente invocada como a centelha que lhe atizou a curiosidade para o fenômeno da urbanização da cidade. Baseando-se “um pouco na intuição, outro tanto nas poucas leituras disponíveis na região de Nova York e na lembrança que tinha das horas passadas em São Paulo em 1941”, o historiador diria que o que o motivou a estudá-la foi a vontade de compreender a originalidade do processo urbano de uma cidade que “brotou do sol”

13 Depoimento de Morse a José Carlos Sebe Bom Mehy, *A colônia brasilianista (História Oral de Vida Acadêmica)*, 1990, p.147.

FIG.1 São Paulo em 1940: Praça da Sé com a nova catedral em construção (fotografia de Hildegard Rosenthal)

mas que “era também muito velha”. Dupla perspectiva que o intrigava, levando-o a buscar “explicar se [São Paulo] era uma ‘Chicago da América do Sul’ ou um outro gênero urbano desconhecido”¹⁴.

O interesse de Richard Morse por uma cidade da América Latina na década de 1940, entretanto, não parece ter sido nenhuma excentricidade ou obra do acaso. Hobsbawn já mostrou como desde fins do século 19, com a modernização dos meios de transporte, as viagens se difundiam, tornando-se comum entre as classes altas e em seguida incorporando os extratos médios¹⁵. Para os universitários norte-americanos, a viagem às capitais europeias da cultura ocidental era a essa altura prática corrente, numa espécie de viagem de formação para jovens bem-nascidos e cultivados. Porém, com a Guerra no horizonte, isso se torna cada vez mais difícil e temerário, fazendo com que a ida a Paris, Londres ou Roma fosse substituída por outra, de natureza pouco diversa. Não mais o mergulho nas civilizações do Velho Mundo para reconhecer-se e tomar consciência

14 Id., p.150. Ou ainda, como diz em outra oportunidade: “Aquela coisa de São Paulo havia ficado na minha mente: por que surgira aquela cidade enorme que todo o mundo dizia ser a Chicago da América do Sul, e que forças econômicas teriam eliminado de sua paisagem quase todos os sinais de uma tradição arquitetônica anterior?”, Helena Bomeny, “Uma Entrevista com Richard Morse”, *Estudos Históricos*, FGV, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p.77.

15 Eric Hobsbawn, “Homens a caminho”. In: *A Era do Capital*, São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 284-5.

do seu próprio mundo cultural, mas o aprendizado e a construção da sua identidade a partir das diferenças e oposições em um mundo novo¹⁶. Devido a um conjunto de ações extremamente objetivas levadas à frente pelo Estado norte-americano, a América Latina surgiu para aqueles estudantes como um continente a ser desbravado. Durante os anos em que estudou em Princeton, Morse viajaria para Cuba, Chile, Argentina e México, passando ainda por algumas cidades além de São Paulo, como Cidade do Panamá, Barranquilla (Colômbia), Guayaquil (Equador), Lima-Callao (Peru), Antofagasta e Valparaíso (Chile), estas últimas em breves visitas durante as escalas das viagens feitas de navio, margeando a costa da América¹⁷.

Já em Cuba, seu primeiro destino fora dos Estados Unidos, o rapaz nascido num rico subúrbio próximo à Nova York e criado na Nova Inglaterra seria completamente fsgado pelo exótico mundo não-saxão. A passagem pela ilha rendeu dois breves textos publicados na revista literária da universidade¹⁸ e uma peça escrita poucos anos depois, *The Narrowest Street*, na qual o historiador recém-formado, em sua primeira incursão pela ficção¹⁹, narrava a vida de uma família que vivia numa pequena *calle* de Havana²⁰. Chegando à ilha em junho de 1940, logo após a eleição

16 Sobre a viagem como “formação”, cf. Rosana Suarez, “Nota sobre o conceito de *Bildung* (formação cultural)” in *Kriterion, revista de filosofia*, Belo Horizonte, v.46, n.112, dez., 2005. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200005#nt1. Acesso 05/09/2011. A autora explora, partindo do ensaio “*Bildung et Bildungsroman*” de Antoine Berman, o conceito “formação” em quatro vertentes: como trabalho, como viagem, como tradução, como viagem à Antiguidade e como prática filológica. No nosso caso, o interesse está em perceber como a viagem em si traz os elementos de formação, na medida em que ela mesma é a própria experiência da alteridade. Ora, essa experiência podia ser levada ao limite na viagem à América Latina, mais ainda que ao Velho Mundo.

17 Heloisa Pontes – ao analisar os intelectuais da *Partisan Review* – nos lembra que a Europa em meados do século 20 deixava de ser o centro cultural do mundo, perdendo seu posto justamente para Nova York (Cf. Heloisa Pontes, *Intérpretes da metrópole*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 51-85), o que também contribui para se relativizar a importância da viagem à Europa àquela altura

18 Um deles era “The Coup in Cuba” (*The Nassau Literary*, Princeton, v. 100, n. 2, pp.2-4, dez., 1941). Morse foi co-editor da revista e este número saiu inteiramente dedicado à América Latina, contendo além desse, outro artigo sobre Cuba e um sobre o Chile, espécie de reportagens sobre aqueles países, cf. Enrique Krauze, “Richard M. Morse”, *Letras Libres* (<http://www.letraslibres.com/revista/entrevista/richard-m-morse>). Acesso 30/06/2012.

19 Morse publica ainda outro texto de não ficção a partir da sua experiência latino-americana, o conto “Ride in Mexico”, publicado em dezembro de 1946 na revista *Esquire*.

20 Peça em um ato, publicada em *Theatre Arts* (Sept.), 1945, pp.523-31. Escrita enquanto servia na Guerra, a peça foi prêmio de ficção num concurso para os membros das Forças Armadas. Baseada na viagem a Cuba, mesclaria ainda as experiências do autor em Santiago do Chile e México. Sobre a peça ver Dain Borges, “O naturalismo e a cidade do século 20”. In: Beatriz Domingues e Peter Blasenheim (orgs.) *Código Morse: ensaios em homenagem a Richard Morse*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010, pp. 99-118. Borges desenvolve a partir de uma comparação com o romance *Suor* de Jorge Amado uma leitura que busca encontrar temas comuns a uma geração de intelectuais que lidavam em seus trabalhos

FIG.2 Anúncios norte-americanos sobre Cuba nos anos 1940: imagem exotizada de apelo tropical, sol, mulheres e bebida oferecidos em viagens de baixo custo

de Fulgêncio Batista (1901-1973), Morse ficou por dois meses hospedado na casa de uma família remediada que não falava inglês, pondo em prática o espanhol aprendido em seu primeiro ano de faculdade. A escolha não poderia ter sido mais contrastante: da América branca e puritana dos subúrbios para o Caribe negro e sincrético; da universidade de elite norte-americana para a *calle* cubana. O encontro de Morse com aquela população, marcada por tradições africanas ancestrais mescladas com a cultura católica ibérica, foi uma experiência que o marcou por toda a vida²¹. O fascínio com a afetividade espontânea daquele povo e o exotismo da situação vivida na juventude transparece em suas lembranças posteriores, como se nota no depoimento que o historiador deu muitos anos depois, numa espécie de balanço da sua trajetória:

Cuba foi uma revolução na minha cabeça. Estar lá era como conhecer outro planeta! Tudo nessa viagem me afetou e foi uma experiência tão profunda que jamais esqueço o impacto causado pelas coisas... Havia cor, cheiros, barulhos. [...] *Não havia lição na Universidade, livros ou cursos que valessem aquela imersão cultural...* Fiquei perplexo comparando Cuba com os Estados Unidos: lá aquele calor humano, a expressão da vida e aqui a neutralidade, o formalismo, a distância das pessoas, sempre tão discretas e sóbrias... Em Cuba o exagero emocional, nos Estados Unidos a racionalidade premeditada.²²

com cidades em crescimento, devido a leva de migrantes que afluem para as mesmas (nesse caso, Havana e Salvador), para mostrar como estes temas ou *insights* são repostos ao longo dos anos em outros trabalhos de Morse que lidam com literatura e cidade.

21 Borges ressalta como Morse pouco ou nada fala na peça da americanização dos modos de vida em Cuba – a essa época intensa –, para justamente ressaltar a diferença entre as culturas hispânica e anglo-saxã, buscando incorporar as falas corriqueiras numa tradução ao pé da letra de expressões idiomáticas cubanas para o inglês. Borges, op. cit., 2010, pp. 104 ss. Nota-se portanto a “necessidade” da alteridade que ressalta Berman na viagem entendida como formação (citado por Suarez, op. cit., 2006).

22 Mehy, op. cit, p. 141, grifo meu.

Se foi nesse momento que Morse “elegeu” a América Latina como tema de estudos, não há como saber. No entanto, o que se sabe é que havia naqueles anos uma intensa política norte-americana para estreitar os laços entre os países do continente, incentivando a aproximação dos Estados Unidos aos seus vizinhos do sul, e isso não deve ser visto como uma componente menor nas decisões do futuro historiador acerca de seus temas de estudo. Coordenada em parte por Nelson Rockefeller (1908-1979)²³, essa política teve desdobramentos importantes na Academia, na medida em que a partir dali foram criados programas para fomentar os estudos latino-americanos por meio de amplos financiamentos e numerosas concessões de bolsas de estudo, entre as quais a do próprio Morse para São Paulo, pelo Departamento de Estado norte-americano. Entender de modo mais preciso a forma de aproximação dos Estados Unidos em relação àqueles países mostra como o desejo de compreender a América Latina, seu povo e sua cultura por parte daqueles jovens estudantes – buscando se aproximar daquela gente em tudo distinta para compreendê-la e valorizá-la – não surge apenas das predisposições e paixões individuais. Essa intenção se inscreve em um processo maior que extrapolou os muros das universidades e que vale a pena ser aqui recuperado.

Após a eleição de Roosevelt (1881-1945) para a presidência dos Estados Unidos em 1933, a relação daquele país com a América Latina entraria em uma nova fase, a partir do estabelecimento da chamada Política de Boa Vizinhança, na qual o interesse acadêmico pelo continente se inseria²⁴. Numa espécie de declaração de conduta unilateral, tal política propunha basicamente a não intervenção direta dos Estados Unidos nos assuntos internos de cada país, sem entretanto abrir mão de uma aproximação e um domínio cultural e econômico dos seus vizinhos. Uma es-

23 Cf. James Desmond, *Nelson Rockefeller. A political Biography*. New York: The Macmillan Co., 1964 (sobretudo os capítulos “A Man of our Times”, pp.6-14 e “The War Years”, pp.92-113) e Elizabeth Cobbs, *The Rich Neighbor Policy. Rockefeller and Kaiser in Brazil*. New Haven and London: Yale University Press, 1992. Segundo esses autores, o interesse da família Rockefeller no México e em outras partes da América Latina se justificaria pelos seus investimentos na região, o que a fez por exemplo doar recursos para a *Hispanic American Historical Review* desde a sua fundação na década de 1910 (e é a partir de doações dos Rockefeller que a Universidade de Chicago é fundada, valeria lembrar).

24 A bibliografia norte-americana sobre o tema é extensa, cf. entre outros, Donald M. Dozer, “Partners in Wartime”. In: *Are you good neighbors? Three decades of Inter-American relations 1930-1960*. Gainesville: University of Florida Press, 1959, pp.109-51; Jan Knippers Black, *United States penetration of Brazil*. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 1977; Gerald Haines, *The Americanization of Brazil. A Study of US Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954*. Washington: S. R. Books, 1984; David Rock, “War and postwar intersections: Latin America and United States”. In: *Latin America in the forties. War and Post War Transitions*. Berkeley: University of California Press, 1994, pp.15-40. Para uma visão geral sobre as ações de aproximação dentro da PBV de um ponto de vista local, cf. Gerson Moura, *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Contexto, 1990 e Antonio Pedro Tota, *Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

pécie de “doutrina de boas maneiras” em oposição à antiga Política do *Big Stick* que presidira as ações americanas até então, que tinha como objetivo declarado divulgar a cultura norte-americana e lidar com as possíveis reações desencadeadas em cada país e, como intenção implícita, ampliar mercados mantendo sob sua tutela os demais países do continente²⁵. Durante a Guerra, devido ao fechamento dos mercados europeus e à necessidade dos Estados Unidos fixarem bases militares no próprio continente, essa política se intensificou notavelmente para, num movimento duplo, além de buscar “americanizar” os países vizinhos por meio de seus produtos (inclusive os culturais), criar uma imagem favorável da América Latina para os seus próprios cidadãos. Ambas as intenções congregavam-se na perspectiva de países amigos e portanto parceiros, desdobrando-se em missões diplomáticas, comerciais e acadêmicas espalhadas por todo o continente²⁶. Ao identificar o nazi-fascismo como o inimigo comum que deveria ser combatido por todos, os Estados Unidos buscavam garantir para si o abastecimento de produtos primários estratégicos, ampliando as possibilidades de intercâmbio comercial. Não apenas missões mas também convites particulares a pesquisadores e intelectuais latino-americanos para conhecerem as universidades americanas foram então feitos. É nessa perspectiva que se inserem as viagens de Erico Verissimo (1905-1975), Sergio Buarque de Holanda (1902-1982) ou Vilanova Artigas (1915-1985), exemplos da ação acadêmico-diplomática²⁷. Mesmo Mario de Andrade, declinando do convite, dedicaria um

25 Cf. a respeito “Cultural Relations and Projecting a Favorable American Image” e “The American Way”. In: Haines, op. cit., 1984, pp.159-194.

26 Como foi o caso da Missão Cooke no Brasil, voltada para o levantamento do potencial econômico brasileiro e chefiada por especialistas da universidade (cf. Paulo Roberto de Almeida, “Os estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos: a produção brasilianista no pós-Segunda Guerra”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, n. 27, 2001, pp. 31-61; p.38. (bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2138/1277). Acesso 23/08/2011). Um bom exemplo de como se apresentava o país como parceiro comercial importante, lugar de investimento seguro para a indústria norte-americana, é o filme “São Paulo, 1943”, executado pelo US Office of the Coordinator of Inter-American Affairs em 1944, documento importante desse esforço de aproximação e de criação de mercado para os EUA (<http://www.youtube.com/watch?v=InWifgIkQ>. Acesso 05/05/2009).

27 Além de divulgar o Brasil para os americanos, esses intelectuais formulariam uma imagem dos americanos para os brasileiros: Verissimo publicou na volta um livro que relatava suas andanças pela América (*Gato preto em campo de neve*. Porto Alegre: Editora Globo, 1941). Sergio Buarque dedicaria à “questão americana” alguns artigos nos jornais, como “Considerações sobre o Americanismo” (publicado no *Jornal do Comercio* do Rio em 28/09/1941) e segundo Wegner, como vimos, sua obra sofre depois dessa viagem uma importante inflexão (Cf. Richard Wegner, *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sergio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000). Artigas, que obtivera uma bolsa da fundação Guggenheim em 1946, entra em contato com a arquitetura moderna norte-americana e com suas experiências de ensino, visitando diversas instituições pouco anos antes da criação da própria FAU (Cf. Adriana Irigoyen, *Wright e Artigas, duas viagens*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002). Intelectuais estrangeiros, mas radicados no Brasil, também gozaram destas facilidades, como por exemplo

poema – “Nova Canção Dixie” – aos *bons vizinhos* do norte (não sem lembrar o corte racial que caracterizava aquela sociedade)²⁸.

Outros episódios mais conhecidos também merecem ser mencionados de modo a se aquilatar a abrangência da ação norte-americana. Carmem Miranda (1909-1955), levada para Hollywood em 1939 e logo se tornando a artista mais bem paga do *show business* americano, promovia naqueles anos uma espécie de popularização, e para alguns pasteurização, da música sul-americana, “conquist[ando entretanto] a América branca como nenhum sul-americano tinha feito ou viria a fazer”²⁹. O próprio Morse assistiu em 1939 um show da *Brazilian singer* em Nova York – naquele que foi seu primeiro contato com “o Brasil” e com a “cultura brasileira”, afirmando posteriormente que “era mesmo um espetáculo deslumbrante, vivaz, alegre” que ele pudera presenciar³⁰.

o alemão Herbert Baldus, que “convidado pelo governo norte-americano, [...] excursionou a diversas tribos de índios dos Estados do Arizona e Novo México, nos Estados Unidos, onde também visitou bibliotecas e museus” (Orlando Sampaio Silva, “O antropólogo Herbert Baldus”, *Revista de Antropologia* [online]. v.43, n.2, 2000, pp. 23-79. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000200004#4n. Acesso 04/06/2012).

28 “É a terra maravilhosa/ [...] /Onde tudo que é bom dava./Onde tudo que é rico tinha.../[...] /É a terra dos plutocratas,/ Palácios de cem andares,/ Você sai se faz questão,/ Mas pode ficar nos ares,/ É só apertar o botão,/ Que recebe tudo em latas/Pela quarta dimensão./No. *I'll never be/ In Colour Line Land*/Mas por que tanta esquivança!/Lá tem boa vizinhança,/ Com prisões de ouro maciço/Lá te darão bem bom lanche/E também muito bom linche,/Mas se você não é negro,/O que você tem com isso!/No. *I'll never be/ In Colour Line Land*/[...]", Mario de Andrade, “Nova canção dixie” (publicado no aniversário de um ano da morte do poeta) no *Correio Paulistano*, 26/11/1946 (citado por Tele Ancona Lopez, *Mário de Andrade: Ramais e Caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972, pp. 229-30). Para Telê, Mario apresenta a América como “esperança e renovação”, porém vale-se do refrão da canção *dixie* (“expressão característica do povo norte-americano”) como contraponto que de forma irônica funciona como a “negação popular” delas. Devo o alerta à tese de Thiago Nicodemo.

29 Caetano Veloso, “Caricature and conqueror, pride and shame” (Trad. Robert Myers), *The New York Times*, 20/10/1991. Caetano afirma no artigo que para aqueles que cresceram nos anos 1950, como ele, Carmem Miranda “era nossa caricatura e nossa radiografia”, apontando a ambiguidade do papel da artista para os brasileiros da sua geração, entre o “orgulho” e a “vergonha”.

30 Mehy, op. cit., 1990, pp.140-1. Não deixa de ser curioso o “impacto” que Carmem Miranda tem num país que inventara o *jazz* e que nestes anos lotava as casas de shows nova-iorquinas (e de outras cidades) para escutar e dançar com Louis Armstrong, Benny Goodman, e outros que “sacudiam” as plateias, das boates brancas da Broadway aos clubes negros do Harlem. O texto de Caetano acima citado, entretanto, dá pistas para compreender o papel que Carmem (ou a cultura não anglo-saxã) desempenhava naquela América, e num certo sentido colocam questões que nos fazem pensar sobre o próprio Morse nesse mundo. O compositor afirma que Carmem teria se tornado “uma das personalidades formadoras da vida americana do pós-guerra, influenciando a moda e mesmo o gestual de uma geração”, e propõe a interpretação de que a artista conseguisse “simbolizar” de modo extremamente “competente” essa cultura outra para os americanos (ainda que sem escapar da paródia) exercendo um fascínio demasiado e duradouro cujos desdobramentos ele liga a David Byrne/Tom Zé. O ponto aqui é menos a teoria de Caetano, e mais a localização da gênese de um

No mesmo período, sob os auspícios de Nelson Rockefeller, Walt Disney (1901-1966) visitava o Brasil (além do México e da Argentina) em busca de um personagem “brasileiro” para contracenar com o Pato Donald em localidades “exóticas” como o Rio ou a Bahia³¹, e Orson Welles (1915-1985) chegava ao país para filmar o carnaval e o samba, filme jamais completado justamente por Welles contrariar a imagem exotizada e pacífica dos brasileiros que se buscava construir por meio daquelas ações³².

Como se sabe, foi ainda nesse contexto que a arquitetura moderna brasileira teve a sua primeira “consagração” internacional, na famosa exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York em 1943. Sob a direção de Phillip Goodwin (1885-1958), curador de arquitetura da instituição, a mostra *Brazil Builds* lançaria um *Brazilian Style*, de certa forma contraposto ao *International Style* consagrado anos antes no próprio MoMA – e posto em xeque no segundo pós-Guerra – colocando a arquitetura moderna brasileira em evidência³³. Talvez tenha sido essa repercussão da arquitetura brasileira nos Estados Unidos o que tenha contribuído para aproximar Morse dos arquitetos modernos no Brasil, levando-o a citar em seu trabalho sobre São Paulo artigos de críticos norte-americanos sobre a arquitetura brasileira. Ainda que Morse siga de perto as ideias de Lourival Gomes Machado (1917-1967) em seu ensaio “A renovação da arquitetura brasileira” publicado em 1947, deve-se notar que os textos de Kidder Smith, “*The Architects and the Modern Scene*” (1944); de Sachereverell Sitewll, “*The Brazilian Style*” (1944) e de Phillip Goodwin e Kidder Smith, “*Architecture of Brazil*” (1943) (curador e fotógrafo da mostra no MoMA) aparecem ao lado do texto de Lourival para apoiar as suas impressões sobre a arquitetura moderna brasileira entrevista àqueles anos na

certo encantamento com a cultura sul-americana que parece ter tido efeito nos norte-americanos a partir da presença de Carmem Miranda naquele país.

31 Disney cria o trio chamado *Os três amigos*: Pato Donald, Zé Carioca e Panchito. Pato Donald levaria sua nova turma aos quadrinhos, alcançando relativo sucesso de vendas. Cf. Eloar Guazzelli, “Canini e o anti-herói brasileiro: do Zé Candango ao Zé – realmente – Carioca”, Dissertação (Mestrado), ECA USP, 2009.

32 Cf. Orson Welles, “It’s all true”, 1942 (trechos), <http://www.youtube.com/watch?v=IevOgR1ftSc>. Acesso 29/06/2012.

33 Cf. Phillip Goodwin, *Brazil Builds: architecture new and old (1652-1942)*, Catálogo da Exposição (fotografias de Kidder Smith), Nova York, MoMA, 1943. Sobre a repercussão da arquitetura brasileira e a relação com a política norte-americana, cf. Jorge Francisco Liernur, “The south american way: el ‘milagro’ brasileño, los Estados Unidos y la Segunda Guerra Mundial (1939-1943)” e Ana Maria Rigotti, “Brazil deceives”, *Block*, UTT, Buenos Aires, n. 4, 1999, pp.23-41 e 78-86 e ainda Lauro Cavalcanti, “O bom vizinho constrói: relações arquitetônicas entre Brasil e Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940”. In: *Moderno e brasileiro. A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-1960)*, Rio de Janeiro: Zahar, 2006, pp.145-69.

FIG.3 Arquitetura moderna brasileira: “Brazilian Style”, artigo de Sacheverell Sitwell na *Architectural Review* (1944)

capital paulista³⁴. O apelo do discurso americano é explícito:

A ligação entre o novo e o velho, no Brasil, como em todo lugar, está no clima e na paisagem, e esta harmonia mútua é regida por uma regra: se o que é novo é bom ele vai junto, perfeitamente, com o velho. Não que no Brasil os edifícios antigos e modernos estejam lado a lado, mas ambos foram construídos em harmonia com o ambiente, e assim formam uma entidade. Este é o *genius loci*, o espírito da contribuição da nação brasileira³⁵.

É certo que o historiador, como leitor de Lewis Mumford, tomava a arquitetura como um índice importante para a compreensão da história da cidade, e que além de Lourival (a quem ele deve ter conhecido por intermédio de Antonio Candido), também se aproximara de Luiz Saia (1911-1975), como vimos, compartilhando de toda a crítica à arquitetura eclética que se fazia naqueles anos, sobretudo a partir do “sucesso” do modernismo. Mas a sugestão de uma pretensa unidade entre tradição e modernidade feita pelos norte-americanos provavelmente o atraía, e confir-

34 Lourival Gomes Machado, “A renovação da arquitetura brasileira”, In: *Retrato da Arte Moderna no Brasil*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1947 (republicado In: Alberto Xavier (Org.) *Depoimento de uma geração: Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo, CosacNaify, 2003, pp. 75-8). Os dois arquitetos citados por Morse como responsáveis por uma renovação arquitetônica nas residências unifamiliares em São Paulo, Rino Levi e Bernardo Rudovsky, são os dois exemplos de Lourival em seu texto. Ainda que se deva notar que em um texto anterior Morse discorde da ideia de um “*brazilian style*”, percebendo-o na chave do exotismo, cf. Richard Morse, “Brazilian Modernism”, *The Hudson Review*, v. 3, n. 3, Autumn, 1950, pp. 447-452.

35 Sacheverell Sitwell, “Brazilian style”, *Architectural Review*, Especial Edition, mar., 1944. (<http://www.architectural-review.com/archive/1944-march-brazilian-style-by-sachereverell-sitwell-special-edition/8607496.article>. Acesso 14/11/2012).

FIG.4 Ações da “boa vizinhança”: exposição de Portinari em Nova York (jornal *O Estado de S. Paulo*, 1940); boneca de papel de Carmem Miranda (para se escolher os trajés) e *Gato Preto em Campo de Neve* (1945), de Erico Veríssimo

mava o que ele aprendia com os arquitetos brasileiros. A arquitetura funcionava para Morse como a literatura, mas com uma vantagem: ao ser compreendida como obra de arte, seria a “arte que se explica historicamente mais fácil”, na medida em que foi “sempre um dos mais seguros índices da natureza da vida urbana”³⁶ – justamente por ser a representação material do homem na cidade, no sentido definido por Spengler e recuperado em Mumford, como vamos ver.

A aproximação entre os países, entretanto, não se daria apenas pelo trânsito de intelectuais e artistas. Vários foram os livros que circularam nos Estados Unidos de modo a popularizar uma imagem de Brasil. Pode-se citar *Brazilian Sketches* (1940) de Rudyard Kipling³⁷; *Brazil, land of the future* (1941) de Stefan Zweig³⁸; *Brazil: giant to the south* (1945) de Alice R. Hager³⁹ e *Brazil looks forward* (1945) de Benjamin Hunnicutt⁴⁰, todos cumprindo o papel, cada uma a sua maneira, de

36 Morse, op. cit., 1949, p. 43.

37 Tratavam-se de artigos – cartas de viagem e poemas – escritos em uma visita de Kipling ao Brasil em 1927 e publicadas na época no *Morning Post* de Londres e no *Liberty* nos EUA. Em 1940, confirmando esse interesse pelo país, a editora nova-iorquina Doubleday Doran reedita o material em livro. Os artigos estão disponíveis em “Brazilian Sketches”, http://www.kipling.org.uk/rg_braz_intro.htm. Acesso: 23/03/2010.

38 Lançado em inglês e em outras cinco línguas ao mesmo tempo, inclusive português, o livro se incumbe de propagar a imagem de país democrático racialmente, de imensas possibilidades naturais, e que por ser escrito por um europeu, não podia ser acusado de puro ufanismo. Stephan Zweig, *Brasil país do futuro* (Trad. Odilon Gallotti). Rio de Janeiro: Guanabara, 1941.

39 Livro escrito por uma jornalista americana que trabalhou no Departamento de Estado durante a Guerra, editado em Nova York por Macmillan.

40 Livro editado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Rio de Janeiro em inglês.

divulgadores do “gigante do sul” para a nação do norte. Segundo Robert Levine, os textos não especializados, como o de Zweig, publicados com patrocínio de órgãos governamentais dos tempos da guerra, eram “destinados a informar os americanos sobre seus aliados brasileiros”⁴¹. Zweig afirmava ali que “crescimento, desenvolvimento e velocidade da transformação” de São Paulo precisavam ser flagrados numa “película cinematográfica em câmara lenta”, já que a cidade “não fornece um quadro, porque constantemente está se ampliando e sua transformação se opera com muita rapidez”⁴² – mostrando o impacto que São Paulo provocava.

Não só livros escritos com essa finalidade circulavam. Traduções de obras clássicas do pensamento social brasileiro da primeira metade do século 20, como *Revolution in the Backlands* (1945), *Os Sertões* de Euclides da Cunha, ou *Master and Slaves* (1946), *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, que já publicara no ano anterior um conjunto de palestras sobre o Brasil proferidas em 1944 na Universidade de Indiana sob o título *Brazil: An Interpretation*, fariam parte do *boom* editorial acadêmico-literário do período⁴³, que contou ainda com obras especialmente encomendadas para divulgar estudos acadêmicos sobre o Brasil. Entre elas, vale destacar o volume *Brazil, Portrait of Half a Continent*, organizado em 1951 por T. Lynn Smith da Universidade da Flórida em parceria com Alexander Merchant da *Vanderbilt*, reunindo autores das ciências humanas de ambos os países com artigos síntese de suas pesquisas mais recentes⁴⁴. Ou, no campo do planejamento urbano, a investigação de Francis Viólich (1911-?) desenvolvida no Departamento de *Landscape Design* da Universidade da Califórnia, editada como *Cities of Latin America*. Depois de fazer pesquisas no México, Guatemala, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil, Viólich publicara em 1944 um amplo panorama da questão habitacional no subcontinente,

41 Robert Levine, “Pesquisas: fontes e materiais de arquivos, instituições relevantes, abordagens”. In: Rubens Barbosa, Marshall Eakin, Paulo Almeida (orgs.), *O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 57-80, p. 60.

42 Zweig, op. cit., 1941, p. 233.

43 Os livros traduzidos de Freyre e de Euclides da Cunha fizeram parte das leituras americanas de Morse sobre o Brasil: “Já tinha lido naquela época alguns clássicos brasileiros como *Casa Grande & Senzala*, *Os Sertões*...”. Mehy, op. cit., 1990, p.150.

44 T. Lynn Smith e Alexander Merchant, *Brazil, Portrait of Half a Continent*. Nova York: The Dryden Press 1951. Entre os 19 contribuintes estavam Antonio Candido (que publica um artigo sobre a organização da família brasileira – texto que nunca ganhou uma tradução para o português), Preston James, Charles Wagley, Arthur Ramos, Carlos Borges Schimdt, José Arthur Rios, Emilio Willens, Dorival Teixeira Vieira, Carneiro Leão, Roger Bastide, Anyda Merchant, entre outros. Cf. Marshall Eakin, “Ciência política e sociologia”. In: Barbosa, Eakin, Almeida (orgs.), op. cit., 2002, pp. 293-318, p. 296.

FIG.5 Publicações nos Estados Unidos: *Cities of Latin America* (1944), de Francis Violich (capa e guarda) e *Brazil, Portrait of Half a Continent*, organizado por T. Lynn Smith e Alexander Merchant (1951)

que Morse acabaria citando lateralmente em seu trabalho⁴⁵. Exemplos que mostram a potência dos investimentos e a gama de abordagens tocando nosso autor e a sua geração. Foi certamente como parte dessa “circulação acadêmica” que pós-graduandos vieram ao Brasil naqueles anos. Contemporaneamente a Morse, o Departamento de História da Universidade de Columbia enviaria à São Paulo também George Boehrer (1921-1967) e Thomas Palmer, para estudarem a formação do Partido Republicano Paulista no Império e aspectos da industrialização de São Paulo respectivamente⁴⁶. De outras universidades, viriam Lloyd Kasten, Jordan Young, Fred Sturn, Stanley Stein (1920-)⁴⁷ e sua esposa Barbara Stein, entre outros⁴⁸, dos quais se destaca o antropólogo Charles Wagley (1913-1991), por ter desenvolvido uma forte ligação com o país, abrindo caminhos de

45 Francis Violich, *Cities of Latin America: Housing and Planning to the South*. New York: Reinhold, 1944..

46 Tais trabalhos não formavam parte de uma pesquisa conjunta, sendo, para Morse, “mera coincidência” terem ocorrido contemporaneamente. O estudo de Boehrer, *Da monarquia à república (História do Partido Republicano do Brasil)*, 1870-1889, é publicado no Brasil no mesmo ano do livro de Morse e nos EUA, dois anos antes como *From Monarchy to Republic: A History of the Republican Party of Brazil 1870-89*, pela The Catholic University of America Press. Palmer falece precocemente e, salvo engano, seu estudo não chega a ser publicado.

47 O historiador Stanley Stein (1920 -) conta que havia um direcionamento nos programas, e que o Brasil teria um lugar privilegiado. Sua decisão de estudar o café no vale do Paraíba, por exemplo, se baseou na “oferta” de bolsas para o Brasil, e na “oportunidade” que se abria nesses anos, assim como a de sua futura esposa, Barbara Stein, que muda seu objeto de pesquisa para o Brasil para obter uma bolsa do Departamento de Estado. Depoimento de Stanley Stein a Mehy, op. cit., 1990, p. 84. Stein publicaria a tese *Vassouras: A Brazilian Coffee County, 1850-1900. The Roles of Planter and Slave in a Plantation Society* nos EUA pela Princeton University Press (1986), e traduzida por Vera Wogel, foi publicada pela Nova Fronteira com o título *Vassouras: um município brasileiro do café: 1850-1900* (1985).

48 Para uma visão geral do grupo, cf. Mehy, op. cit., 1990.

pesquisas para novas gerações de “brasilianistas”⁴⁹. Tendo chegado no Brasil durante a Guerra, Wagley – diferentemente de Morse, com quem trabalhou em Columbia nas décadas posteriores – sempre valorizou a importância dos *scholars* norte-americanos para se conhecer o Brasil, lembrando em depoimentos e entrevistas nomes “pioneiros” como o de John Casper Banner, que fundara na Universidade de Stanford o primeiro centro de estudos brasileiros no país; Roy Nash, a quem considerava “padrinho dos modernos estudos sobre o Brasil” por publicar *The Conquest of Brazil* (1926), livro que de seu ponto de vista era o “referencial básico e quase único para quem queria conhecer temas brasileiros”, ou John F. Normano, autor de *Struggle for South America* (1931) e *Brazil: a Study of a Economic Types* (1935) – autores e livros que se passam longe da bibliografia empregada por Morse (ainda que ele não os desconhecesse), mostram como o Brasil se constituía paulatinamente como objeto de estudo nos Estados Unidos⁵⁰. Wagley lembrava também do papel de intelectuais contemporâneos para a constituição desse campo de estudos, entre os quais Dana Munro (1901-2008), Lewis Hanke (1905-1993) e Frank Tannenbaum, com quem ambos trabalharam em Columbia na década de 1950. Ainda que a esta geração “inicial” não caiba uma estrita apreensão de conjunto, não se pode deixar de notar que os pesquisadores contribuíram, cada um a seu modo, para a criação dos chamados “estudos de área” (*area studies*), que conhece uma maior institucionalização com a promulgação do *National Defense Education Act* em 1958⁵¹. Dentre esses estudos, separados por áreas geográficas, os *Latin American studies* teriam um desenvolvimento particularmente ligado às questões da urbanização, justamente por tratar de países que vivenciavam durante aquelas décadas uma intensa migração rural-urbano, fazendo das suas cidades estudos de

49 Um dos mais importantes brasilianistas que a academia norte-americana conheceu, Wagley foi aluno de antropólogos como Ruth Benedict, Franz Boas e Ralph Linton. Formou-se em 1936 e iniciou seu doutorado em 1941, ambos em Columbia. Chega ao Brasil para trabalhar no Museu Nacional com uma bolsa do *Institute of Inter-American Affairs* (1942-45). Dirige o programa *Bahia State/ Columbia University Community Study Project* entre 1951 e 52, pesquisa que resultou no livro *Race and Class in Rural Brazil* (1952). Deu aulas em Columbia de 1946 a 1971, tornando-se diretor do *Institute of Latin-American Studies* entre 1961 e 1969. Em 1971, transferiu-se para a Universidade da Florida, onde se aposentou em 1983. Publicou, entre outros, *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics* (1953), o que lhe daria o título de pioneiro nos estudos sobre a Amazônia. (Mehy, op. cit, 1990, pp. 67-8).

50 Talvez pelo fato da etnologia ter sido um campo em que a contribuição dos pesquisadores americanos tenha tido efetivamente maior peso que no campo da história no Brasil. Diz Morse que além das leituras de Freyre e de Euclides, havia pouca coisa sobre o Brasil: “[...] e dos americanos havia muito pouco que merecesse destaque, *talvez uns dez livros*, além de uns cinquenta artigos, nada muito sério...”, Mehy, op. cit., 1990, p. 150, grifo meu.

51 “Esse ato, estabelecido por decisão do Congresso americano, irrigou, através de seu famoso “Title VI”, as universidades dos EUA com generosos recursos federais dirigidos à pesquisa, ao treinamento e ao ensino de questões latino-americanas nos centros universitários e de estudo dos EUA”. Cf. Almeida, op. cit., 2001, p.1.

casos para a academia norte-americana. Surgiam assim abordagens cada vez mais “científicas” levadas a frente pelos diversos profissionais das ciências humanas com o intuito de pesquisar, entender e mesmo ordenar tais fenômenos⁵².

O que se conclui desse variado panorama é que se o Brasil e a América Latina passavam a fazer parte do imaginário norte-americano, do ponto de vista acadêmico pode-se reconhecer momentos distintos nesse interesse pela América Latina: um primeiro, mais “vocacional”, quase romântico, do qual as gerações do início do século 20 fazem parte, e outro, já completamente institucionalizado, após 1959⁵³. Desse modo, a geração de Morse, que aparece no período da Guerra, pode ser tomada como uma geração intermediária. Formado por uma vontade de aproximação e compreensão mais ampla da própria cultura latino-americana, mas atuando num mundo acadêmico segmentado e cada vez mais especializado, o historiador viveu a passagem entre estes dois momentos, o que o levaria a ocupar um lugar particular na estrutura universitária norte-americana, quando os estudos sobre o Brasil já se configuravam como uma área definida nos Estados Unidos. E mais importante, levando-o a escrever uma obra em que se reconhecem ambas as tradições – como tento mostrar aqui – não apenas cronologicamente, mas pelos próprios caminhos que decidiu trilhar. Nem tão romântico como aqueles primeiros intelectuais, pois buscava construir um pensamento dentro da Academia (ainda que se notem resquícios daquele romantismo em algumas de suas proposições); nem tão completamente profissionalizado, no sentido de encarar a América Latina *apenas* como um tema a mais no catálogo de assuntos possíveis, de onde se pudesse recortar um aspecto preciso e delimitado para ser explorado e até mesmo esgotado, através de pesquisas exaustivas. Como disse certa vez Decio de Almeida Prado (1917-2000) a respeito da sua geração, um dos “trunfos” daquele grupo de intelectuais que se afirmara

52 Cf. Adrián Gorelik, “La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico”, *Revista del Museo de Antropología*, Universidad Nacional de Córdoba, n. 1, 2008, out., 2008.

53 Cf. Almeida, op. cit., 2001. José Carlos Bom Mehy divide os pesquisadores em “pioneiros” – do qual Morse faz parte, “os filhos de Castro”, para os que vêm justo após a Revolução cubana, e “os especialistas”, quando os *area studies* estão já completamente institucionalizados, Mehy, op. cit., 1990 e do mesmo autor *Introdução ao nacionalismo acadêmico: os brasilianistas*. São Paulo: Brasiliense, 1984. Sobre o último período, cf. Sergio Miceli, “A Fundação Ford e os cientistas sociais no Brasil, 1962-1992”. In: *História das Ciências Sociais no Brasil*, São Paulo: Sumaré, 1995, v.2, pp. 341-97. No mesmo volume, Heloisa Pontes faz um mapeamento das gerações de pesquisadores estrangeiros que vêm ao Brasil desde 1938 até 1988 (Cf. “Brasil com Z. A produção estrangeira sobre o país entre 1930 e 1988”, pp. 441-78), o que também ajuda a compreender essas gerações e seus distintos métodos, pretensões e resultados. Adrian Gorelik, pensando especialmente nas questões urbanas, mostra como mesmo antes da Revolução cubana os norte-americanos já estavam atuando nas cidades latino-americanas, matizando um pouco mais essas fases. Cf. Gorelik, op. cit., 2008.

em São Paulo nos anos 1940 tinha sido a visão a cavaleiro da história, “montado ao mesmo tempo sobre a liberdade do ensaísmo e a objetividade dos cursos universitários”⁵⁴. Morse, do meu ponto de vista, também soube construir uma visão que unia as duas formas do empenho acadêmico em compreender a América Latina. E foi justamente porque congregou em seu trabalho sobre São Paulo essa dupla perspectiva entre o ensaísmo e a objetividade acadêmico-científica – cuja razão de ser estava enraizada no tempo presente – que seu livro mantém o interesse. Se a sua afinidade imediata com aquele grupo paulista não deixa dúvidas sobre isso, menos ainda a forma ensaística absorvida da geração anterior que perpassa sua narrativa histórica (e também, como se sabe, a produção daqueles intelectuais paulistas)⁵⁵. Definir melhor que empenho foi esse e como ambas as perspectivas se formaram torna-se então necessário.

Segundo Paulo Roberto de Almeida, o interesse acadêmico norte-americano pelos países ao sul do Rio Bravo remonta a uma data precisa no início do século 20, o ano de 1916, quando durante um dos encontros da *American Historical Association* historiadores interessados na América Latina fundaram a *Hispanic American Historical Review*⁵⁶. O primeiro número da revista sairia em 1918, dois anos depois do encontro e duas décadas após o aparecimento da *The American Historical Review*, que se tornara o principal órgão de divulgação acadêmica dos historiadores norte-americanos⁵⁷. Outro passo fundamental nos estudos latino-americanos (aos quais os estudos brasileiros estão fundidos) seria dado com a constituição de um Comitê de História Latino-Americana naquele país em 1928⁵⁸. Almeida ressalta o papel das universidades sulistas, devido à própria situação

54 Decio de Almeida Prado, “O Clima de uma época”. In: Flavio Aguiar (org.), *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas, 1999, pp. 25-43, p. 37.

55 Para uma discussão da forma ensaio no Brasil, cf. André Botelho, “Passado e futuro das interpretações do país”, *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 22, n. 1, jun., 2010, pp.47-66. Para uma visão sobre as origens do ensaio e suas características, cf. Jean Starobinski, “É possível definir o ensaio?”, *Remate de males*, Unicamp, Campinas, n. 31, jan.-dez., 2011, pp.13-24.

56 Deixando-se de lado aproximações mais amadoras – como a de um William Prescott (1796-1859) ou de um William Lewis Herndon (1813-1857) – às quais poderíamos juntar ainda o que em outra oportunidade o autor chama de “brasilianista acidental”: o viajante ou o residente temporário, “fossem eles o aventureiro à cata de riqueza fácil, o naturalista fascinado pela exuberância da paisagem, o comerciante em busca de altos lucros ou o missionário empenhado na salvação das almas”, que mais tarde se converteriam “em cronista corrente dos fatos da história do Brasil e em intérprete de suas especificidades naturais e de suas peculiaridades humanas e sociais”. Paulo Roberto Almeida, “Tendências e perspectivas dos estudos brasileiros nos Estados Unidos”. In: Barbosa, Eakin, Almeida (orgs.), op. cit., 2002, pp.31-56, p. 31.

57 Id., Ibid.

58 Segundo Almeida, “o que impulsionou decisivamente a criação, poucos anos depois, do *Handbook of Latin-American Studies* (HLAS), que pode ainda hoje ser considerado um empreendimento bibliográfico excepcional, sem equiva-

geográfica, como pioneiras nesta aproximação. A criação do *Institute of Latin American Studies* da Universidade do Texas em 1939 – considerado o “maior e mais bem equipado centro de estudos especializados da região” –, e os da Califórnia, como por exemplo o da Universidade de Stanford, “mais voltados para o próprio continente norte-americano (ou seja, dedicados ao México, América Central e Caribe)”⁵⁹ são seus exemplos. Para Morse, entretanto, foi Princeton que desempenhou um papel fundamental e também pioneiro nesse momento, ao promover o estudo da América Latina dentro do já existente programa de *International Affairs*⁶⁰. A presença do historiador Dana Munro – um ex-diretor do *Latin American Affairs* do Departamento de Estado norte-americano, ex-ministro das Finanças do Haiti, e autor de importantes livros sobre o Caribe – garantiu um *status* distinto à América Latina naquela instituição⁶¹. Após ter servido por doze anos no governo e ter exercido cargos importantes em diversos países do continente, Munro tornou-se professor de História da América Latina naquela universidade e passou a ser considerado “um dos decanos dos latino-americanistas”. Nas palavras de Morse,

com prestígio de uma instituição importante como Princeton, com um diretor respeitado e com uma certa dose de dinheiro, vindo da ação do então jovem Nelson Rockefeller – nomeado coordenador de Assuntos Internacionais pelo Presidente Roosevelt – [o programa criado por Mumro] haveria de dar impulso aos estudos latino-americanos nos EUA⁶².

Encantado com o mundo novo que se descortinava frente aos seus olhos, entre livros, músicas, filmes e exposições que inundavam Nova York e os EUA dos anos 1940, mundo que ga-

lente em qualquer outra área geográfica de estudos nos campos das humanidades e das ciências sociais”. Id., Ibid. Ann Hartness afirma que iniciado em 1935, sob patrocínio do *Committee on Latin American Council of Learned Societies* e posteriormente do *Joint Committee on Latin American Studies*, o *HLAS* passaria pelas editoras universitárias de Harvard, Florida e Texas. Sua especialidade eram “as ciências humanas e as ciências sociais, embora incluía uma ampla variedade de assuntos relacionados, como arte e arquitetura. Ele engloba monografias, artigos de periódicos, relatórios, publicações em séries e outros tipos de publicações de todos os países da América Latina”. O *HLAS* logo se tornaria “a menina dos olhos da Biblioteca do Congresso”, encarado como a “bíblia bibliográfica dos estudos latino-americanos” naquele país. Ann Hartness, “Brasileira nos Estados Unidos: fontes de referência e documentação”. In: Barbosa, Eakin, Almeida (orgs.), op. cit., 2002, pp. 383-418, p.390 e ss.

59 Id. Ibid.

60 Mehy, op. cit., 1990, p.143.

61 Id., Ibid. Dana Munro permanece à frente do Programa até 1958. Em 1967 é fundado o *Princeton University Program in Latin American Studies (PLAS)*, provendo estudos interdisciplinares. Cf. Program in Latin American Studies (PLAS), <http://www.princeton.edu/plas/about>. Acesso 12/06/2011.

62 Mehy, op. cit., 1990, p.143.

nhava contornos mais definidos a cada viagem de férias, Morse não foi, como pretendi mostrar, nem o primeiro nem o único estudante universitário a ter a América Latina como tema de estudos. O importante portanto é compreender de que modo Richard Morse se aproxima da América Latina. Em busca de que? Apenas de um tema que oferecesse bolsas para concluir os estudos? De uma nova forma de organização social para se contrapor ao mundo norte-americano anglo-saxão e de quebra envolver-se com uma cultura exótica? Tudo isso, nada disso, parte ou algo mais? O que o jovem aprendiz de historiador pretendia em suas viagens pode não ter uma resposta conclusiva, mas talvez se possa dizer que durante aqueles anos da graduação, quando cada vez mais ele se deixava envolver pelo mundo ibero-americano, uma perspectiva própria sobre o continente ia sendo formulada⁶³. Para ver como se forma essa perspectiva em Morse, examino aqui suas relações com alguns intelectuais em Princeton e Columbia – em especial Frank Tannenbaum, pela centralidade de seu papel na constituição da América Latina como objeto de estudo nos Estados Unidos – e, na capital paulista, com um certo grupo que buscava a partir da sua atuação na universidade e na própria cena intelectual da cidade definir o lugar de São Paulo para a compreensão do Brasil – em especial com Antonio Candido, num momento de consolidação da universidade e de historicização do Modernismo.

2. A LITERATURA NO HORIZONTE

Além da experiência das viagens sempre retomada em entrevistas e depoimentos, alguns nomes dos anos de graduação surgem nas lembranças de Morse como fundamentais para definir os caminhos que o levam para a América Latina, e para a eleição da literatura como forma de entendê-la mais profundamente. Se nas férias o jovem estudante foi conhecendo um a um os países do continente americano, acercando-se de assuntos que podiam ir da política de controle cambial ao sistema edu-

63 Se até então falamos de um interesse pela América Latina e pela “latinidade”, há que se estender isso para o mundo ibérico – Espanha e Portugal – no que estes países contribuíram para a formação da cultura latino-americana. Vale recuperar a explicação de Paulo Roberto de Almeida sobre esta terminologia, para mostrar a sutileza das diferenças e a complexidade das definições: “os estudos luso-brasileiros nos EUA são agrupados sob a categoria ‘hispânica’, não em virtude de uma ‘ignorância generalizadora’ dos anglo-saxões mas por motivo de uma discussão e de uma classificação cuidadosamente manejada por *scholars* americanos – alguns deles de origem ibérica, diga-se de passagem – no começo do século 20, em contraposição aos rótulos igualmente deformadores ou também simplificadamente redutores de ‘latino-americanos’ ou de ‘ibero-americanos’”, Almeida, op. cit., 2002, pp. 34-5. Para uma definição de América Latina, cf. Alain Rouqué, *América Latina. Introducción al Extremo Occidente* (Trad. Rosa Cusminsky de Cendero). Buenos Aires: Siglo XXI, 1989, pp. 17-37.

cacional de um país vizinho⁶⁴, durante o período letivo, curiosamente, parece ter sido a literatura a sua verdadeira paixão. O encantamento com o mundo ibero-americano despertado nas viagens completava-se, ou talvez tenha se formalizado, no contato com dois professores do Departamento de Língua e Literatura Românicas de Princeton, os críticos de origem hispânica Augusto Centeno (1901-?)⁶⁵ e Américo Castro (1885-1972)⁶⁶. Ambos seriam invocados por Morse como responsáveis por introduzi-lo na grande tradição da cultura ibérica, apresentando-lhe autores clássicos e modernos e despertando a sua curiosidade para temas até então quase desconhecidos, por meio de cursos que teriam sido – como ele mesmo definiu – uma “janela que se abria para um novo mundo”. Centeno teria sido importante para a sua formação porque “não analisava a História só por época e gêneros [...], selecionava tópicos para mostrar o que considerava constante da cultura ibérica, sua essência”, fazendo-lhe entender que a cultura hispânica não era “atrasada”. “Dom Américo”, por sua vez, teria fornecido as primeiras “noções para pensar a ‘cultura ibérica’ reforç[ando as] ideias humanísticas que já possuía”⁶⁷. Morse tomava contato ali, pela primeira vez, com autores de língua espanhola, mergulhando por meio da sua literatura em um novo mundo cultural.

Contudo, não apenas os professores de origem ibérica aparecem nessas lembranças. Também os *new critics* estabelecidos naqueles anos em Princeton e que revolucionariam a crítica literária norte-americana dali em diante teriam desempenhado um papel na atração do jovem estudante

64 Tema de seus estudos no Chile e no México, respectivamente, nas férias de verão de 1941 e de 1942. Cf. Hugh Hamill, Paul Goodwin e Bruce Stave, “A Conversation with Richard M. Morse”, *Journal of Urban History*, v. 2, n.3, mai., 1976, pp. 331-56, pp.332-4.

65 Escritor e crítico literário, autor de *The Intent of the artist* (1941), um dos primeiros estrangeiros a lecionar no Departamento de Línguas e Literaturas Românicas, o espanhol Centeno chega a Princeton em 1923 e logo se torna um popular conferencista e um apreciado orientador (Princeton University, The Department of Romance Languages and Literatures, http://etcweb.princeton.edu/CampusWWW/Companion/romance_languages_literatures_department.htm. Acesso 13/08/2011).

66 Filologista e crítico literário espanhol, nascido no Brasil, autor, entre outros de *The Spaniards: An Introduction to their History* (1948), Américo de Castro estudava a história da Espanha moderna e teria “revolucionado a historiografia espanhola com sua tese de que a Espanha teria nascido da relação simbiótica entre três ‘castas’ medievais: os cristãos, os muçulmanos e os judeus” (Princeton University, The Department of Romance Languages and Literatures, http://etcweb.princeton.edu/CampusWWW/Companion/romance_languages_literatures_department.html. Acesso 13/08/2011).

67 Morse apud Mehy, op. cit., p. 143. Na entrevista ao *Journal of Urban History* Morse cita ambos os professores como responsáveis por “legitimarem” sua simpatia e interesse pela América Latina, fazendo-o entender como ali havia um tema de estudo possível. Goodwin, Hamill e Stave, op.cit, 1976, p. 331.

de história pelo campo literário. Allen Tate (1899-1979)⁶⁸ e Richard Palmer Blackmur (1904-1965)⁶⁹, reconhecidos posteriormente como importantes representantes do *new criticism* norte-americano, àqueles anos elaboravam ferramentas para a compreensão e a análise literárias, propondo novas abordagens para o tema. Além de críticos, ambos foram também poetas e, menos que compreender o contexto de formulação dos textos ou a personalidade dos autores, buscavam analisar os textos valorizando mais diretamente a narrativa, ou, dito de outro modo, a *forma* literária⁷⁰.

Mas mais que entender essas novas ferramentas de análise, interessa notar que os *new critics* foram majoritariamente homens do sul que buscavam construir um espaço próprio para a “sua” cultura num país que se modernizava a partir das perspectivas da costa leste (pelo menos desde a Guerra da Secessão acontecida quase cem anos antes). Ao dominar a sociedade norte-americana, essa perspectiva parecia apagar especificidades regionais sob uma capa de modernização que do ponto de vista daqueles críticos significava apenas a homogeneização do país. Allen Tate foi um desses sulistas, e para Morse, “estava muito consciente da história, do significado da guerra civil etc.”, sendo autor de biografias de famosos líderes da região⁷¹. Assim como Blackmur, que nas bio-

68 Poeta-residente em Princeton até 1942. Autor de *On the Limits of Poetry: Selected Essays: 1928-1948* (1948), livro citado por Morse em seu trabalho sobre São Paulo. Em 1939, Princeton formaliza o *Creative Arts Program*, e Tate se torna o primeiro pesquisador residente. O programa era reservado aos alunos com aptidões artísticas (plásticas, teatrais ou literárias) para que trabalhassem diretamente com artistas e pudessem desenvolver essas aptidões. (Princeton University, Department of English, http://etcweb.princeton.edu/CampusWWW/Companion/english_department.html e The Creative Arts Program, http://etcweb.princeton.edu/CampusWWW/Companion/creative_arts_program.html. Acesso 13/08/2011). Morse frequentaria o programa de Creative Writing em Princeton sob a supervisão de Tate e posteriormente de Blackmur (programa que passa a ter esse nome apenas posteriormente, quando se divide em Literatura, Artes Visuais e Teatro/Dança).

69 Professor de literatura inglesa em Princeton desde 1940. Seu primeiro livro de críticas, *The Double Agent: Essays in Craft and Elucidation* (1935), influenciaria vários críticos e poetas modernistas norte-americanos e “marcaria o início do que ficou conhecido como *New Criticism* [...] direcionando a atenção dos alunos para uma detalhada análise da linguagem literária.” (Princeton University, Blackmur, Richard P., http://etcweb.princeton.edu/CampusWWW/Companion/blackmur_richard_p.html. Acesso 13/08/2011).

70 Estas as características que congregaram esses intelectuais sob uma nova perspectiva crítica que, rompendo com padrões de análise vindos do século 19, levaria a uma certa autonomização da obra literária. Tal postura acabou por reformular não apenas a crítica mas ainda o ensino da literatura na universidade norte-americana, com consequências que não vem ao caso aqui. Sobre o *new criticism* e a sua importância na cultura norte-americana, cf. entre outros Crisopher Brookman, *American Culture and Society since the 1930's*, Londres/Nova York: MacMiliam, 1984.

71 Bomeny, op. cit., 1989, p. 80. Como nota Brooks, ele mesmo um crítico contemporâneo de Tate e Blackmur, “Allen Tate sai do estereótipo, mostrando desde o início um grande interesse na história. Dois de seus primeiros livros são biografias e muitos de seus ensaios posteriores estão preocupados com a história cultural”, cf. Cleanth Brooks, “The New Criticism”, *The Sewanee Review*, v. 87, n. 4, Fall, 1979, pp. 592-607, p. 594.

grafias que também escrevera (de Henry Adams e Henry James) “tinha a noção exata do significado histórico” daquelas vidas⁷². Para quem frequentava os seus seminários, como Morse frequentou, seria perceptível não só uma consciência histórica latente – justamente o que em geral se nota como ausente nesses críticos, mostrando como a nova crítica foi lida numa chave redutora⁷³ –, mas, mais importante, como o historiador se identificou com intelectuais que de certa forma se opunham à sociedade de massa que então se estabelecia nos Estados Unidos naquele momento. Esses homens do sul, numa ultra-elitista Princeton, tentavam revalorizar uma América que não tinha mais espaço com a intensificação do processo de modernização. Para tanto, defendiam a reconstrução de um ideal humanista que parecia ter se perdido, fosse pela especialização dos estudos acadêmicos (que os próprios *new critics* contribuíram para efetivar entretanto); fosse pelo avanço da sociedade capitalista e a consequente homogeneização e atomização do indivíduo no mundo, que causava a perda das referências e das identidades particulares. Como consequência do raciocínio, vemos que esses intelectuais acabavam também por indiretamente revalorizar a própria sociedade patriarcal escravista do sul do país, ao proporem recuperar seus valores. Claro que não se tratava da defesa da escravidão, certamente indefensável, mas sim da busca de um *ethos* patriarcal perdido – em algum sentido mais humanista – e que parecia não ter espaço no mundo contemporâneo norte-americano.

Na perspectiva do grupo, o sul dos Estados Unidos oferecia uma “ordem social alternativa àquela dominante na América moderna”, a qual engendrava uma conciliação entre passado e presente, entre antigo e moderno. O capitalismo moderno se tornava cada vez mais técnico e agressivo, e impedia a construção de um humanismo moderno [...] e a [própria] análise literária aparecia como um modo de resistência.⁷⁴

72 Mas ambos, segundo Morse, teriam sido postos “um pouco à margem da universidade porque eram escritores ‘criativos’”. Bomeny, op. cit., 1989, p. 80.

73 Cf. Brooks, op. cit., 1979. Para esse autor, obviamente que o estudo de como determinada obra surgiu, a vida de um autor, a história do gosto, e mesmo o desenvolvimento de convenções e das ideias literárias, eram temas importantes de serem pesquisados. O que acontecia é que um certo número dos *novos críticos* de fato preferiu se dirigir para a escrita em particular e não para o escritor, e tenha considerado como a tarefa da crítica literária a interpretação e a avaliação do texto literário, e não todas as outras possibilidades citadas antes.

74 Cf. Thiago Nicodemo, “Alegoria Moderna: consciência histórica e figuração do passado na crítica literária de Sergio Buarque de Holanda”, Tese (doutorado), Departamento de História, FFLCH, USP, 2010, pp. 28 e ss. O autor completa: “Para os *new critics* uma das maiores consequências do mundo industrial era justamente a perda desse sentido amplo da vida, que a crítica podia ajudar a restaurar reestruturando os parâmetros analíticos da obra de arte”. Nicodemo ressalta ainda evidente semelhança com o modernismo de Gilberto Freyre, elaborado na sua experiência justamente no Texas.

Temas e atitudes que buscavam expressar a voz dos “perdedores” num mundo moderno-capitalista e que fazem parte do universo intelectual no qual Richard Morse se constituiu e com o qual se identificou, o que nos ajuda a compreender o fascínio do jovem estudante de História por aqueles professores de Literatura. A lição maior que Morse aprenderia com os novos críticos era que “a análise da forma podia revelar significados para o historiador que seriam inacessíveis a quem ficasse apenas no nível das ideias, do conteúdo discursivo”⁷⁵. Ou, como já disse certa vez um intelectual brasileiro sobre a “noção de forma” em Antonio Candido – entendida como o “princípio mediador responsável pela junção de romance e sociedade” –, a *forma* literária teria também um interesse histórico por ser “parte dos dois planos, organizando em profundidade os dados da ficção e do real”:

vem daí o alcance mimético da composição, que não existiria se ela não fosse imitação de algo já organizado, e não reprodução documentária de eventos brutos; assim, o que a estrutura literária “imita” é por sua vez uma estrutura; noutras palavras, mais exatas, “antes de tudo intuída e objetivada pelo romancista”, a forma que o crítico estuda foi produzida pelo processo social, mesmo que ninguém saiba dela.⁷⁶

Disso a potência “explicativa” percebida por Morse ao valer-se da literatura para entender a cidade e a sociedade paulistas. Se foi no contato com a literatura que o jovem se tornou historiador, pode-se afirmar que “em seus anos de aprendizado” Richard Morse “aprende somente uma coisa, sem dúvida decisiva, aprende a se formar”⁷⁷. E nessa formação, ou nessas lembranças, o que de imediato salta aos olhos é a recorrência com que a literatura é mobilizada como um *campo de interesses*, enquanto os historiadores de ofício quase não aparecem. À exceção de Munro, que lhe dera uma carta de apresentação para chegar ao Chile em 1942, e de Woodrow Borah (1912-1999)⁷⁸,

75 A frase é de Carl Schorske, sobre seu próprio contato com os *new critics* em outra universidade americana naqueles anos, e cabe como uma luva para a apreciação do contato de Morse com essa vertente crítica. cf. Schorske, “O autor: encontro com a história”. In: *Pensando com a história*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.42.

76 Paulo Arantes, *O sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p.42.

77 Recupero aqui a reflexão de Antoine Berman sobre a viagem do anos de juventude de Wilhelm Meister no romance de Goethe, como se sabe, o “romance de formação” (*bildungsroman*) por excelência, citada por Suarez, op. cit., 2006, p. 193.

78 Historiador e demógrafo, especialista em América pré-hispânica (estudara os efeitos demográficos da conquista calculando a perda populacional dos povos autóctones), Borah vai para a *School of Public and International Affairs* da Universidade de Princeton em 1941, após defender uma tese de doutorado sobre a indústria da seda no México em 1940. A tese seria publicada pela University of California Press em 1943 como *Silk Raising in Colonial Mexico* (Cf. Eric Van Young, “Woodrow Wilson Borah”, *Mexican Studies/Estudios Mexicanos*, v. 16, n. 2, Summer, 2000, pp. 227-237).

seu tutor no trabalho de conclusão da graduação em 1943 – lembrados por estes episódios específicos –, do seu ponto de vista foram sem dúvida os críticos literários que o formaram.

Mas será que essa paixão pela literatura era algo tão incomum naqueles anos? Desde antes da Primeira Guerra, o ambiente universitário nas escolas de elite nos Estados Unidos, a despeito da crescente especialização que se verificava com o passar das décadas, implicava numa formação cultural de cunho universalista. Em cada um desses *campi* jornais e revistas literárias eram escritos e editados pelos alunos, que podiam assim exercitar seus dotes mais ou menos “artísticos” e praticar um certo beletismo, como uma das formas importantes da sociabilidade universitária. No romance *Este lado do paraíso*, Scott Fitzgerald (1896-1940) narrava a vida de um norte-americano de elite em Princeton, as suas dúvidas prévias em relação a que Universidade escolher (Yale? Princeton? Columbia? Harvard?), seus poemas publicados na *Nassau Literary* (a mesma revista em que Morse publica suas peças e contos) ou em outro órgão qualquer dos estudantes, e mais do que isso, o cotidiano de festas, clubes, competições e namoros dos alunos ricos e bem-nascidos, dos WASP, dos judeus, dos arrivistas, dos menos afortunados, convivendo durante os anos de juventude dentro daquela cidadela neogótica à uma hora e meia de distância de Nova York, que os servia como a metrópole em contraponto⁷⁹. É ficção, é irônico, mas tem interesse imaginarmos com Fitzgerald o cotidiano universitário daquelas décadas. Fica patente como a literatura tem um peso na vida dos estudantes. “Escrever” lhes dava outro *status*, tornando-os mais importantes perante os colegas, os professores, as namoradas. Vale à pena recuperar alguns trechos do romance para precisar o ponto:

Desejo ir para Princeton – disse Amory. – Não sei por que razão, mas penso em todos os homens de Harvard como sendo um tanto efeminados, como eu costumava ser, e em todos os homens de Yale como gente que usa grandes *sweaters* azuis e fuma cachimbo.

[...]

– Oh, em Princeton a gente tem que engolir tudo durante o primeiro ano. É como uma maldita escola secundária. – Amory concordou. / – Mas isto aqui é muito estimulante – insistiu. – Nem por um milhão eu iria para Yale. / – Nem eu. / – Você pretende fazer alguma coisa de especial? – indagou Amory dirigindo-se ao irmão mais velho. / – Eu não. Mas o meu irmão aqui pretende colaborar no *Prince...* no *Daily Princetonian*.

[...]

Amory constatou que o escrever para o *Nassau Literary Magazine* não o conduziria a parte alguma, mas que o fazer parte da direção do *Daily Princetonian* significaria grande coisa. Seu vago desejo de representar peças imortais na Associação Dramática Inglesa se dissipou, ao verificar que as inteligências e os talentos mais engenhosos se agrupavam em torno do Triangle Club, uma organização de comédias musicais [...].⁸⁰

79 Scott Fitzgerald, *Este lado do paraíso* [1920]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

80 Id., respectivamente: p. 27; pp.41-2; p.47.

FIG.6 Cartão-postal da Universidade de Princeton, New Jersey (s/d)

Desse modo, a recorrência do papel da literatura nas lembranças dos anos de graduação de Richard Morse vai ganhar mais sentido, me parece, se confrontada com os desdobramentos de sua trajetória, durante seu doutoramento em Columbia após o fim da Guerra, e principalmente no contato com um mundo universitário menos profissionalizado, ou em vias de, como aquele que o historiador dublê de escritor encontra no Brasil nos anos seguintes. Mas antes ainda deve-se notar que a despeito de tamanho “interesse literário”, foi com uma especialização na *School of Public Affairs* que Morse terminou a graduação em 1943. Essa instituição multidisciplinar – fundada em 1930 a partir da interação entre os departamentos de História, Ciências Políticas e Economia – tinha por objetivo formar quadros para a administração pública⁸¹. O tema do trabalho de conclusão do futuro autor de *The Narrowest Street* vinha de uma das suas viagens de pesquisa feitas durante as férias, quando investigara o sistema de ensino das escolas pós-Revolução no México. Com isso, Morse se graduava como “técnico” competente para atuar numa América ávida por conhecer seus vizinhos do sul, deixando para trás o estudante encantado por lugares e culturas exóticos.

Antes de se decidir qual rumo profissional tomar, os Estados Unidos entram na Guerra e Richard Morse é enviado como *mariner* da esquadra norte-americana para o Pacífico em 1943,

81 Funcionando como uma agência de financiamento de pesquisas, após a guerra passaria a ser chamada de *Woodrow Wilson School of Public and International Affairs*, oferecendo “cursos de graduação e pós-graduação, contribuindo para a formulação de pesquisas originais num amplo e variado campo de estudos relacionados com administração pública e negócios internacionais”. As bolsas mais comuns eram as chamadas “*Summer scholarships*”, para as quais ofereceriam suporte de pesquisa e viagem”. (<http://diglib.princeton.edu/ead/getEad?id=ark:/88435/hd76s007s>. Acesso 20/06/2011).

onde permaneceu por dois anos⁸². Nesse período, como vimos, o historiador reelaborou sua breve porém diversa experiência latino-americana (especialmente cubana) numa peça de teatro que tratava do cotidiano de uma família remediada em Havana a partir da vida de dois irmãos, Violeta e Fernando⁸³. Dain Borges, ao analisar esse texto, mostra que ambos os personagens são de alguma maneira *alter-ego* do jovem autor que numa espécie de “etnografia imaginativa” se colocava diante daquela cidade para relatar o que vivia. A partir dessa leitura, vemos como Morse reconhece e ressalta ali certas características da vida cubana que mais tarde aparecem na “etnografia histórica” (parafraseando Borges) que o historiador fará em São Paulo: as relações raciais de alguma forma apaziguadas, a animada vida de rua, as relações cordiais entre vizinhos – o que o ex-aluno de Morse chamou de “sociologização discreta” da vida na cidade – como índices da comunidade na metrópole⁸⁴. Justamente quando o historiador se aproxima do presente em suas análises, no capítulo final do seu livro sobre São Paulo, é que essa perspectiva ganha relevo. Comparando o que via nos trópicos com sua experiência norte-americana, Morse podia uma vez mais se espantar com as diferenças, nesse caso em relação à “convivência racial” em São Paulo:

Sejam quais forem as tensões humanas que abrigue, São Paulo é certamente no mundo de hoje um poderoso exemplo de coexistência de povos diversos. A ausência de antagonismos raciais ou nacionais decisivos – e como vimos, de ódio arraigado e antigo entre as classes – é um elemento ideal, e raro no mundo de hoje, para a comunidade política que Aristóteles há tanto tempo sonhou. (*DCaM*, p.270)

Para chegar a essa formulação, além do que ele próprio certamente vira e vivenciara na cidade, Morse recorria a uma crônica de Alcântara Machado (1901-1935) sobre um jogo de futebol entre pretos e brancos, na qual o autor paulista relata que para “resolver o problema” de

82 Cf. Goodwin, Hamill e Stave, op. cit., 1976, p.334.

83 Por uma dessas coincidências inexplicáveis, em 1947 Morse se hospedaria em São Paulo na casa de uma família em Perdizes, onde já morava outro rapaz norte-americano, Dan Robinson, professor de inglês na União Cultural Brasil-Estados Unidos. O jovem estava montando algumas peças em inglês em São Paulo, e uma delas é justamente a peça de Morse sobre Cuba. Morse reconta esta história em suas entrevistas. Mas o mais curioso é que o crítico de teatro do *Estado*, Décio de Almeida Prado, que escrevia a crítica a partir da seção da noite de estreia, adoece e pede para o colega Antonio Candido ir em seu lugar. Assim, Candido publica uma crítica sobre Morse antes mesmo de conhecê-lo. Antonio Candido conta não se lembrar de nada, salvo uns coqueiros que decoravam o cenário e tratavam de dar uma atmosfera tropical à cena. Cf. entrevista de Antonio Candido à autora, 16/03/2010.

84 Borges, op. cit., pp. 104 ss. Borges ainda reconhece outro tema que mais tarde seria explorado na obra de Morse, “a diferença entre as implicações existenciais e políticas das religiões católica e protestante”, que como se sabe, é explorada em *O espelho de próspero* (São Paulo: Companhia das Letras, 1988).

haver um jogador mulato, decide-se que ele deve jogar em um time no primeiro tempo e em outro no segundo – para não dar motivo às queixas! – o que, segundo Morse só explicitava a “brandura e a flexibilidade das atitudes raciais” locais (*DCaM*, p.270)⁸⁵. Para um norte-americano que vivia em uma cidade onde os negros estavam confinados quase que totalmente em um único bairro – o Harlem⁸⁶ – e que não podiam nem ao menos sentar-se num ônibus ao lado de um branco, antes o contrário, devia mesmo chamar atenção um arranjo desses na partida de futebol⁸⁷.

Com o fim da Guerra, Morse retorna aos Estados Unidos e obtém nova bolsa do programa da *Woodrow Wilson School*, o que lhe permite escolher um novo local para estudar. Indo para Nova York, entraria em contato com Frank Tannenbaum, a esta altura um renomado latino-americanista, que se tornou seu orientador na Universidade de Columbia. Esse austro-americano amigo de Gilberto Freyre e de outros intelectuais latino-americanos faria, no entanto, “muito esforço para não ser [visto como] um latino-americanista – dos 15 livros que escreveu, só seis eram sobre a América Latina [...] [pois] em geral, quem estudava América Latina caía numa espécie de gueto”, como relatou o próprio Morse⁸⁸. Na leitura de alguns de seus livros o jovem recém forma-

85 Tratava-se de texto publicado no livro *Cavaquinho* – e em nota Morse remete ao seu próprio artigo sobre a questão do negro em São Paulo, publicado em 1953 (“The Negro in Sao Paulo, Brazil”, *The Journal of Negro History*, Association for the Study of African-American Life and History, Inc., v. 38, n. 3, jul., 1953, pp. 290-306), bem como aos artigos de Virginia Bicudo e Samuel Lowrie, pouco anteriores ao seu próprio trabalho. Mas indicava, a partir de Roger Bastide, o mulato “sob tensão”, dizendo que Bastide via um racismo velado, que “se insinua[va] como verme roedor”, citando a obra *Introdução ao estudo de alguns complexos afro-brasileiros* (1943). Indagado posteriormente se não teria “idealizado” demais o que ele encontrou na América Latina nestes primeiros trabalhos, Morse responderia: “não é que a América Latina fosse um paraíso racial, é apenas que as variações cromáticas não eclipsavam ali a presença humana” [*It's not that Latin America was a racial paradise but just that chromatic variations didn't eclipse the human presence*], mas reconhece que talvez tenha sido um pouco ingênuo em suas apreciações. Goodwin, Hamill, Stave, op. cit., p. 331. Volto ao ponto no capítulo 3, a partir do texto de Morse sobre o negro em São Paulo.

86 Vale lembrar que Columbia fica no limite sul de West Harlem, em Nova York.

87 Morse acabaria se casando em 1954 com uma haitiana que estudava antropologia em Columbia e fazia dança moderna com Marta Graham em Nova York, e que seguiria com Morse a vida toda, como professora em Porto Rico e promovendo atividades extra-curriculares ligadas a dança em Yale, tendo sido ainda cantora de um certo prestígio naqueles anos 1950, ao mesclar a música tradicional haitiana (creole e *voudou*) aos *standards* do jazz. Antonio Candido relata que o casamento de Morse com uma negra na década de 1950 causava algum espanto – e que em sua admissão em Yale o reitor faria um jantar de boas-vindas para garantir ao casal, e a Emerante de Prandines em especial, que ali não havia preconceito, ao que ela teria respondido: “eu também não tenho” (preconceito com *burgueses* brancos protestantes), pois que ela vinha de uma família da *aristocracia* haitiana. (Antonio Candido, entrevista à autora, 16/03/2010).

88 Bomeny, op. cit., 1989. É o que diz também Charles Hale em “Frank Tannenbaum and the Mexican Revolution”, *The Hispanic American Historical Review*, v. 75, n. 2, mai., 1995, pp. 215-46, p. 215, a despeito de lembrar sua reputação como pioneiro nos estudos sobre a América Latina e de professor de História da América Latina por mais de três

do teria visto a “promessa de ampliar as perspectivas”. Tannenbaum, com uma trajetória um pouco distinta da maioria dos colegas – ainda que bastante possível numa América que crescia e absorvia uma imensa massa de imigrantes desde o século 19 –, parecia ser o tutor ideal para quem buscava apenas “abrir a cabeça”⁸⁹.

Vale a pena retomar aqui parte do percurso de Tannenbaum, na medida em que certas características ressaltadas pelos seus biógrafos e intérpretes parecem dialogar muito de perto com as que seriam mais tarde atribuídas também a Richard Morse, notadamente o embate direto com o objeto de estudo a partir da experiência; o recurso às amizades e não apenas aos estudos acadêmicos para tomar conhecimento de um lugar ou de um tema; a perspectiva menos especializada e mais aberta aos diversos níveis de compreensão do problema enfrentado; e aqui também, a atenção à literatura como condensadora de questões, porta de acesso quase imediato ao passado. Não se trata de defender uma simbiose entre as personalidades, mas de indicar como a convivência com esse sociólogo foi em parte responsável por formar o futuro pesquisador da história de São Paulo e a sua visão de América Latina.

3. LATINOAMERICANISMO *SUI GENERIS* EM NOVA YORK

Pode-se supor que foram os trabalhos pioneiros de Frank Tannenbaum sobre o México que atraíram inicialmente Morse para Columbia. Afinal, o jovem historiador fizera uma breve pesquisa sobre o sistema de ensino nas escolas mexicanas pós-revolução e poderia ter vontade de se aprofundar no assunto. Tannenbaum, que se aproximara do México inicialmente como “ativista”, acompanhando a Revolução (da qual foi um simpatizante e, mais que isso, um divulgador), viajara pelo interior do país inicialmente a fim de colher depoimentos e impressões que enviava na forma de reportagens e artigos para diversos jornais e revistas norte-americanos durante todo o ano de 1921⁹⁰. Ali o futuro

décadas, afirma que Tannenbaum não foi nem um historiador nem um latino-americanista *stricto sensu* – dedicando-se a precisar melhor o lugar desse intelectual no mundo americano entre as décadas de 1920 e 1940. Sobre a atuação de Tannenbaum e o “latino-americanismo” em Columbia, cf. também M. Lucia Pallares-Burke, *Gilberto Freyre, um vitoriano nos trópicos*, São Paulo: Unesp, 2005, pp.299-300.

89 Morse – que se aproveitava da chance dada aos ex-combatentes de voltar a estudar – contaria que pediu a bolsa sem vontade de fazer um doutorado e a única condição “imposta” pelo Programa era de “*just keep your mind open...*”. Sendo assim, partia para Columbia para aprofundar os estudos mas sem a intenção de concluir uma tese. Cf. Goodwin, Hamill e Stave, op.cit, 1976, p. 331.

90 Além de reportagens e artigos publicados principalmente da imprensa operária, sua experiência no México ren-

autor de *Mexican Agrarian Revolution* viu experiências comunitárias que o teriam impactado profundamente, advindas da própria experiência revolucionária que forjava uma nova cultura e construía uma identidade popular⁹¹. Tannenbaum “viu nesta Revolução a promessa de uma nova estabilidade social no México e o anúncio de inevitáveis e dramaticamente perturbadoras mudanças no tradicional cenário latino-americano”⁹². Para Maurício Tenório Trillo, Frank Tannenbaum foi um dos primeiros intelectuais americanos a combinar na análise da Revolução uma série de inspirações e perspectivas distintas: a tradição radical europeia, o populismo norte-americano e uma forte influência de intelectuais mexicanos como Molina-Enríquez⁹³, construindo uma interpretação que teria desdobramentos importantes na forma como os norte-americanos se relacionaram com o México dali em diante⁹⁴.

Se o México era um país de uma cultura ímpar e de difícil compreensão para um estrangeiro (protestante e anglo-saxão), com seus padrões de comportamento mesclados a valores ibéricos e católicos e a culturas pré-colombianas, com seus caudilhos e militares a desestabilizarem a organização política da nação, a Revolução de 1910 foi vista por Tannenbaum como a possibilidade de se conseguir uma almejada estabilidade política sem se descartar as especificidades do lugar e da cultura. Isso porque a Revolução apoiava-se nos antigos valores indígenas, ou numa herança espiritual pré-colombiana (recuperados por um Diego Rivera (1886-1957) ou um José Vasconcelos (1882-1959), intelectuais que davam forma a mesma), para modernizar o país⁹⁵. Ao visitar as peque-

deria importantes estudos: *The Mexican Agrarian Revolution* (1929); *Peace by Revolution: An Interpretation of Mexico* (1933) e *Mexico: The Struggle for Peace and Bread* (1950). O tema central desses estudos era a revolução, mas ele abordaria também a história e economia, bem como das condições sociais, raciais e culturais do país. Cf. Joseph Maier e Richard W. Weatherhead, *Frank Tannenbaum. A biographical essay*. New York: University Seminars, Columbia University, 1974, pp.30-1.

91 Segundo Hale, a monografia de 1929 “foi o primeiro estudo sistemático e detalhado do sistema agrário mexicano e das políticas de reforma agrária” que eram implementadas naquele país. Os outros dois estudos, de 1933 e 1950, fariam de Tannenbaum “o maior interprete não mexicano da Revolução de 1910”. Hale, op. cit., 1995.

92 Id., p.24.

93 Andrés Molina Enríquez (1865-1940), sociólogo mexicano, autor de *Los Grandes Problemas Nacionales* (1909), crítico ao governo de Porfirio Díaz, defendia a reforma agrária no país como forma de superação dos problemas.

94 Maurício Tenório Trillo, “The Cosmopolitan Mexican Summer, 1920-1949”, *Latin American Research Review*, v. 32, N. 3, pp. 224-242 (<http://lasa2.univ.pitt.edu/LARR/prot/search/retrieve/?Vol=32&Num=3&Start=224>. Acesso 18/10/2011). Seus biógrafos compartilham da apreciação, afirmando que os livros continuavam sendo importantes interpretações sobre a persistência de elementos na história mexicana e um comentário válido sobre as questões ali expostas, consultados até aquela data [1974] como interpretações básicas. Maier & Weatherhead, op. cit., 1974.

95 Vasconcelos, autor de *La raza cósmica* (1926), e Rivera, um dos criadores do movimento muralista no México, como se sabe foram intelectuais que tiveram um papel no desenvolvimento da revolução, ainda que para Tannenbaum, dife-

nas vilas e *pueblos* do interior, o antropólogo vislumbrava a possibilidade de um desenvolvimento local baseado no sistema agrário de pequenas propriedades em vias de implementação, forma particular de desenvolvimento que não necessariamente seguia os países centrais. Tannenbaum enfatizaria o sentido moral e espiritual daquelas comunidades, não num sentido romântico, mas como a dar força aos mexicanos para conseguirem seguir em frente e levar o país a um desenvolvimento não balizado por parâmetros exteriores⁹⁶.

O que o intelectual via no México parecia ter particular interesse por sugerir a possibilidade de um desenvolvimento combinado entre tradição e modernidade, o contrário da clássica noção de desagregação dos valores comunitários na passagem para a sociedade modernizada, que deixava para trás apenas comunidades desfeitas com a promessa nunca cumprida da integração no mundo moderno, e que se verificou dali em diante na maioria das situações latino-americanas. Tannenbaum reconhecia num substrato cultural específico do povo mexicano uma potência que lhes colocava numa situação distinta em relação às outras nações do continente, prontos para criarem novas e particulares formas de desenvolvimento. Não há dúvida que essa forma de compreensão do tema – que escapava do esquema de “modelos” e “desvios” e se valia da ideia de “sistemas de pensamentos” para pensar o México – rebateu no jovem Morse pesquisador de São Paulo buscando compreender essa cidade também a partir de seu próprio desenvolvimento e de sua própria história⁹⁷. Desse modo, creio que vale recuperar um pouco mais da trajetória de Tannenbaum na universidade norte-americana para precisar os laços de afinidade intelectual que o uniria a Morse, bem como para compreender o ambiente que o acolhe em Columbia nas décadas de 1940 e 1950.

rentemente de outras revoluções, a Revolução mexicana prescindira de um líder ou de ideólogos, sendo um movimento totalmente orgânico e popular. Id., pp.30-1.

96 Como exemplo dessa preocupação em pensar a partir dos próprios termos, e não por parâmetros externos, em outra ocasião, ao resenhar um livro sobre a era Vargas (*Brazil under Vargas*. Nova York, 1942) lançado nos EUA e escrito por um norte-americano, Tannenbaum lamentava que o autor se valesse muito mais das comparações com a Europa e pouco se importasse com os países vizinhos: “É uma pena que [Karl Loewenstein] tenha negligenciado os certamente reveladores exemplos locais. O meio latino-americano é muito mais próximo do Brasil que o são Alemanha, Itália, França ou mesmo Portugal; e uma comparação com a política norte-americana teria roubado à ditadura Vargas muito de sua aparente originalidade.” Frank Tannenbaum, “A Note on Latin American Politics”, *Political Science Quarterly*, v. 58, n. 3, set., 1943, pp. 415-421. Sua resenha revela uma ampla compreensão do quadro político e econômico da América Latina – como se notará adiante nas atividades que ele desenvolve em Columbia.

97 Para uma crítica dessa apreensão “culturalista”, cf. Elías Palti, *Acercas de los lenguajes políticos en el siglo XIX latinoamericano: sus nudos conceptuales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007, p. 19.

Nascido na Áustria, Frank Tannenbaum havia ido para os Estados Unidos com sua família em 1904 pelas mesmas razões que a maioria dos imigrantes naquele momento, deixar para trás a pobreza da vida na Europa em busca de um mundo melhor⁹⁸. Vivendo em Nova York, Tannenbaum frequentou inicialmente a *Ferrer School*⁹⁹, escola anarquista que o levaria ao movimento sindical norte-americano, ao qual logo se filiou, participando ativamente da organização internacional de operários da indústria (*Industrial Workers of the World*). O engajamento na causa operária leva Tannenbaum a liderar manifestações de desempregados durante a Primeira Guerra, resultando em sua prisão em 1915. A experiência renderia frutos, entretanto, transformando-se em uma pesquisa sobre a condição de vida nas penitenciárias americanas, seu primeiro trabalho de cunho “acadêmico”¹⁰⁰. Isso porque ao sair da prisão já como um conhecido líder sindical¹⁰¹, Tannenbaum foi convidado para ingressar na Universidade de Columbia, onde graduou-se entre 1916 e 1921. Em seguida, defenderia um doutorado na recém fundada *Brookings Graduate School of Economics and Government* em Washington, publicando a tese em 1927 e sendo incorporado como professor de

98 Sua família estabelece-se inicialmente numa fazenda em Massachusetts e Tannenbaum vai sozinho para Nova York, exercendo ali diversas pequenas ocupações, como garçom, ascensorista, etc., para sobreviver. As informações biográficas foram retiradas do ensaio de Maier e Weatherhead, op. cit., 1974, salvo quando indicado em contrário.

99 Chamada também de *The Modern Scholl*, eram escolas criadas no início do século 20 nos EUA a partir da proposta da *Escuela Moderna* de Francesc Ferrer i Guardia, educador anarquista catalão. Previa educação gratuita para as classes trabalhadoras, proporcionando ensino secular e liberal e formação política. Durante o dia recebia os filhos dos trabalhadores e à noite, oferecia cursos de formação contínua aos adultos por meio de palestras. É num desses cursos noturnos que Tannenbaum se engaja (Cf. “History of The Modern School of Stelton”, Modern School Collection, Rutgers University Libraries, http://www.libraries.rutgers.edu/rul/libs/scua/modern_school/modern.shtml. Acesso 15/08/2011).

100 Permanece um ano na penitenciária de *Blakwell's Island*, tempo durante o qual publicou diversos artigos, primeiro em revistas operárias e depois em outros órgãos de imprensa, aprofundando-se no tema e se tornando a partir daí um nome respeitado inclusive pelas autoridades judiciárias. Tanto assim que após ser solto, Tannenbaum obteve autorização para visitar 70 prisões em todo o país, encarcerando-se voluntariamente em algumas delas para observar e melhor descrever a situação. Os artigos escritos foram reunidos em *Wall Shadows: A Study in American Prisons* (1922), quando além de denunciar as péssimas condições prisionais, elabora suas primeiras observações sobre as motivações dos criminosos: a principal seria a possibilidade de fazer parte de um grupo. Para uma população marginalizada e desenraizada, o crime aparecia não apenas como uma solução de sobrevivência, mas como um lugar de pertencimento – e Tannenbaum passou a estudar esse grupo da perspectiva de formação de uma “comunidade”. Suas constatações sobre crime e comunidade (título do livro escrito em 1938, *Crime and Community*) seriam adotadas nas faculdades de Direito por todo o país, e utilizadas pela polícia de Chicago. O episódio é descrito detalhadamente em Hale, op. cit., 1995. Cito-o aqui porque de certa forma a mesma perspectiva de “busca da comunidade” se evidencia no trabalho de Morse sobre São Paulo, como se verá no capítulo 3.

101 Id., Ibid. O escritor Upton Sinclair (1878-1968), que havia escrito um romance sobre as condições de vida dos trabalhadores da indústria da carne em Chicago, *A selva* (1906), dedicara-lhe o poema “To Frank Tannenbaum in Prison”.

História da América Latina em Columbia em 1935. Segundo Charles Hale, foi na passagem do ativismo sindical para a academia que ele se “desenvolveu intelectualmente, canalizando seu radical ativismo para o *mainstream* do pensamento progressista nas ciências sociais”, já que ambas as experiências acadêmicas, *Columbia* e *Brookings*, teriam sido responsáveis por introduzi-lo, não apenas formalmente, no meio universitário, dando-lhe a oportunidade de inserir-se num círculo de iminentes intelectuais que rapidamente se tornaram seus interlocutores. Adaptando-se ao novo ambiente social com desenvoltura, Tannenbaum manteria da experiência pregressa, entretanto, cautela contra qualquer academicismo ou autonomização do objeto de estudo, fosse ele qual fosse¹⁰².

O que é importante notar nessa passagem biográfica é o que ela nos revela sobre a construção de um “método de pesquisa”, ou melhor, de um modo de encarar o trabalho intelectual formulado por Tannenbaum justamente na fronteira entre o trabalho acadêmico e a experiência social – atitude bastante comum àquela geração de pesquisadores –, e que de certa forma se reconhece na prática acadêmica de Morse em São Paulo. Atuando no momento em que a especialização começava a ser cada vez mais valorizada e de fato seguida nas universidades americanas, ao mesmo tempo em que as grandes explicações, vistas como impressionistas e pouco adequadas, iam sendo deixadas de lado em nome de uma pretensa cientificidade do conhecimento (o que implicou na segmentação dos temas e no abandono das perspectivas totalizantes), Richard Morse pôde conviver em Columbia com um intelectual que lançava mão de intuições e hipóteses formuladas a partir da sua própria experiência para compreender o mundo que o cercava, as sociedades e suas culturas. Como reforçam seus biógrafos, não se satisfazendo nunca com uma aproximação simplesmente teórica dos problemas, para Tannenbaum eram “a experiência direta e a amizade os meios pelos quais se podia obter a compreensão de um problema ou de uma situação”. Ao mesmo tempo, suas observações caminhavam no sentido de buscar compreender cada situação a partir dos elementos contidos nela mesma, descartando esquemas e julgamentos estabelecidos *a priori* que eventualmente impediriam novas elaborações, viciando as respostas por avaliações previamente elaboradas¹⁰³. Ora, Morse pareceu aprender a lição e levá-la adiante. Em seu trabalho sobre a história da evolução urbana de São Paulo, no qual sempre

102 Id., p. 220.

103 Numa apreciação sobre os sistemas de governo dos países, por exemplo, a despeito de achar que os sistemas britânico e norte-americano fossem *os melhores exemplos de uma efetiva e contínua estabilidade política*, ele se perguntava se eles poderiam mesmo ser “aplicados” em qualquer contexto – o que o levou a estudar o “personalismo” na América Latina para entender as barreiras para o estabelecimento da “democracia moderna”, leia-se liberal, ali. Cf. Maier e Wetherhead, op. cit., 1974, p. 27-8.

ressaltou a importância das amizades feitas no Brasil para o estabelecimento de um ponto de vista sobre a história da cidade, afirmando literalmente o seu “amor pela cidade”, o historiador não se deixaria convencer por teorias já formuladas sobre a urbanização latino-americana – que nos anos 1950 pipocavam sobretudo nos Estados Unidos mas também por aqui –, buscando antes compreender a especificidade do caso estudado para posteriormente tirar conclusões e eventualmente formular generalizações ou conceitualizações, como ele parece fazer em 1970.

A hipótese que aqui se coloca é a de que a “forma de compreender o mundo” aprendida com Tannenbaum – de certo modo já semeada anteriormente por aqueles professores em Princeton – encontrou solo fértil num ambiente paulista que parecia viver um momento de formulação de visões particulares sobre o desenvolvimento de São Paulo (e do Brasil) em seus diversos aspectos, e no qual a institucionalização tardia das ciências sociais eram compensada pelas observações das peculiaridades nacionais fixadas na literatura, como certa vez sugeriu Antonio Candido. Como se sabe, se um pensamento social brasileiro se afirma no decênio de 1930, nas décadas de 1940 e 1950 os intelectuais paulistas buscaram, na esteira desta tradição, organizar um pensamento científico sobre o país dentro da universidade, nos moldes universitários, sem descartar entretanto uma perspectiva mais totalizante presente no trabalho intelectual da geração anterior e que a ideia de cientificidade pudesse fazer esquecer¹⁰⁴. Se essa formulação se dava justamente no ambiente universitário que começava a se consolidar naquelas décadas, notadamente na Faculdade de Filosofia da recém criada Universidade de São Paulo, era também devido ao círculo restrito ali formado e que possibilitava a convivência e a troca entre todos que nela conviveram que um pensamento mais ou menos comum pôde se estabelecer. O próprio historiador norte-americano relembra como fez sua pesquisa, aproveitando-se do contato com aquele círculo modernista-uspiano:

Então eu ia para os jornais, mas não é possível ler 130 anos de jornal e pegar tudo em todos os campos. Pouco *a pouco fui testando minhas ideias com outros amigos que fiz ali*, como por exemplo João Cruz Costa – que tinha uma visão da história do desenvolvimento intelectual das cidades e naturalmente falava muito sobre o positivismo – e Luiz Saia – que era diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em São Paulo, conhecia toda a arquitetura a partir da época colonial até nossos dias e também tinha essa visão de uma cidade moderna que podia ser uma cidade funcional, um pouco a visão de Mumford. Luiz Saia foi uma influência importante. Outra pessoa foi Décio de Almeida Prado, que conhecia toda a história do teatro. Muito importante também foi Oswald de Andrade Filho, Nonê, que era artista e me apresentou a artistas modernistas, como Anita Malfatti, Lasar Segall, Di Cavalcanti e outros. Havia ainda Alice Cannabrava, que estava fazendo uma história econômica que foi muito útil

104 Botelho, op. cit., 2010 e Arantes, op. cit., 1992.

em termos de fontes documentais. Ela sim, tinha essa visão do desenvolvimento econômico. Não cheguei a conhecer pessoalmente Caio Prado, mas li seus livros publicados na época.¹⁰⁵

Não há dúvida que a convivência com esse grupo intelectual foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho de Richard Morse sobre a capital paulista. Para além da literatura, a história das ideias e da arquitetura são matéria de peso na sua história da cidade, e o contato com João Cruz Costa (1908-1974)¹⁰⁶ e Luiz Saia não teria menor importância aí, como adiantamos. Vale à pena, entretanto, antes de desenvolver o ponto, mencionar outra aproximação possível entre orientador e orientando – que parecia vir de encontro às afinidades eletivas do jovem Morse na graduação e sintonizava com o que o historiador buscou em São Paulo posteriormente. Sendo um intelectual daquela geração pré-latino-americanista, também Tannenbaum, segundo seus biógrafos, ampliava a ideia da experiência direta tomando a literatura como chave do conhecimento. Entendida por ele como fonte privilegiada em relação às pesquisas estritamente científicas e acadêmicas, sobretudo as desenvolvidas pelos *scholars* norte-americanos, a literatura tinha *status* de matéria de pesquisa. Sendo “um tipo de pessoa aberta [...] apaixonado pela América Latina”, gostava de dizer que para entender a Revolução Mexicana era necessário ler os romancistas, muito mais que os pesquisadores ou estudiosos¹⁰⁷. Tannenbaum leu *Don Quixote* para entender a Espanha, e Romulo Gallegos e Jorge Amado para entender a América Latina, preferindo, como ressaltou Morse, aproximar-se da cultura ibero-americana sem as mediações acadêmicas¹⁰⁸. Essa abordagem pelo viés da literatura, ou se poderia dizer pela cultura, ao lado da experiência direta, o livrava das

105 Bomeny, op. cit., 1989, pp. 79-80.

106 Quem, segundo Antonio Candido, a partir de sua obra *Contribuição à história das ideias no Brasil*, “se inscreveu numa constelação fraterna de pensadores latino-americanos dedicados à mesma disciplina em relação aos seus respectivos países, como, entre outros, Leopoldo Zea no México, Francisco Miró Quesada no Peru, Arturo Ardao no Uruguai, Arturo Roig na Argentina”. Cf. Antonio Candido, “Lucidez de Cruz Costa”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp.165-70, p. 168. A breve descrição também ajuda a entender a “afinidade” que rapidamente se estabelece entre Morse e o filósofo paulista.

107 “Tannenbaum com frequência relativizava a [necessidade de] leitura da produção dos norte-americanos sobre a América Latina, recomendava que bebêssemos na fonte, diretamente... Para ele, era de certa forma dispensável ler as monografias de estrangeiros sobre qualquer país latino-americano, e isso logicamente aliviava muito nossa tarefa e nos livrava do esquematismo natural das teses ‘gringas’.”, Mehy, op. cit., 1990, p.149.

108 Os exemplos não são apenas os literários, também o ensaísmo de interpretação nacional latino-americano era mobilizado como portador do *ethos* local, do *Facundo* de Sarmiento, passando por *O labirinto da solidão* de Octavio Paz até *Casa grande & Senzala* de Gilberto Freyre, que ele aliás traduziria para o inglês. Gilberto Freyre foi seu contemporâneo em Columbia, cf. Pallares-Burke, op. cit., 2005.

imagens e interpretações pré-concebidas, incentivando o mergulho nas fontes e na perspectiva do próprio tema estudado, numa espécie de visão de dentro que talvez apenas a literatura e a própria experiência pudessem de fato fornecer. Mas isso, no entanto, não implicou em reproduzir a autoimagem do grupo estudado, dando-lhe as bases, ao contrário, para que Tannenbaum pudesse, como intérprete, historiador, cientista social e crítico, elaborar e expor a sua própria visão/versão.

Para o rapaz vindo de Princeton, já inoculado pelo vírus da literatura, encantado por uma América Latina que fora conhecendo se não de forma diletante, ao menos pouco sistemática em viagens de férias e nos cursos de literatura que fizera ao longo da sua graduação, tais diretrizes não poderiam soar mais atraentes. Mergulhar num assunto sem ter que enquadrá-lo numa única disciplina, não precisar levar em conta as recentes pesquisas acadêmicas norte-americanas, e adentrar no tema pela cultura do próprio país estudado, compreendida na sua literatura e em seu ensaísmo (de forte tradição na América Latina), parecia ser exatamente o que o ex-*mariner* recém desmobilizado gostaria de fazer naquele momento. E esse “desejo” teve em Columbia o espaço para se realizar. Quando Morse chegou naquela universidade em 1946 encontrou Frank Tannenbaum envolvido na atividade que ele certamente mais teve orgulho de conduzir ao longo de sua vida universitária, e que seria a melhor complementação dos estudos assistemáticos que o jovem empreendera sobre a América Latina ao longo da sua até então breve vida acadêmica.

Desde 1945 Tannenbaum dirigia encontros interdisciplinares sobre temas tão diferentes como política internacional norte-americana, trabalho, escravidão, comunismo internacional, paz mundial ou América Latina, organizados sob o nome de University Seminars¹⁰⁹. Tais encontros reuniram sob a sua batuta durante os anos seguintes até a sua morte em 1969 alunos e professores, intelectuais e não-acadêmicos, em sessões de trabalho que funcionavam como uma espécie de atividade de formação complementar para a comunidade científica. Ultrapassando largamente o âmbito das discussões acadêmicas, os encontros avançavam em questões e temas das conjunturas nacional e internacional, fazendo com que os alunos pudessem ter contato não apenas com professores, mas com outros profissionais, notadamente diplomatas, políticos, literatos,

109 A esse respeito, do próprio Tannenbaum, cf. “The University Seminar Movement at Columbia University”, *Political Science Quarterly*, v. 68, n. 2, jun., 1953, pp. 161-180 e “Origin, Growth, and Theory of University Seminars Movement”, *Praeger*, New York, nov., 1965. Apenas para dar uma ideia do alcance da ação, cito os temas dos Seminários: *The State; Peace; Religion; The Renaissance; Rural Life* (fundados em 1945); *Content and Methods of the Social Sciences* (1947); *Labor* (1948); *Population* (1949); *The Professions; Education* (1950); *Organization and Management; Communication* (1951); *Human Variation* (1952). O *Latin America Seminar* começaria de modo informal em 1944. Cf. Box 19, FT Papers, RB&ML, CU .

jornalistas e empresários, numa ampla gama de intelectuais que ali apresentavam suas visões de mundo em rodadas semanais de debate.

Um dos Seminários de maior êxito e duração foi justamente o Seminário de América Latina. Como vimos, o tema nos Estados Unidos estava na ordem do dia e o esforço para conhecer e se aproximar dos países do continente americano, intenso. Contrariando um pouco o que afirma uma certa bibliografia que após o fim da Guerra a América Latina teria passado a um segundo plano¹¹⁰, vemos como Tannenbaum atuou para fortalecer os laços não apenas culturais ou acadêmicos mas também os econômicos e políticos entre os diversos países latino-americanos e os Estados Unidos desde meados dos anos 1940 sem jamais arrefecer nesse esforço até o fim da década de 1960 – o que por si só mostra que o interesse permanecia. Num folheto de divulgação dos encontros assinado pelo próprio Tannenbaum, lia-se:

O University Seminar não é nem uma instituição de pesquisa nem um conselho de administração. É uma comunhão intelectual que lida com ideias e não com fatos, se é que tal distinção tem algum significado. Busca saber porque se investiga estes ou aqueles fatos, em detrimento de outros, e porque certos fatos rendem certas conclusões, quando muitas outras podem ser tiradas. [...] Os fatos são abundantes, seus significados multifacetados, muitas vezes ocultos. [...] O Seminário não é um conselho de administração para elaboração de planos e tomada de decisões. Ele deve se preocupar em entender porque os planos foram elaborados, as decisões tomadas, e quais seus resultados e implicações. Ele desempenha o papel de avaliar a prática e a política das instituições à luz de suas propostas e dos fins alcançados¹¹¹.

Certamente não se tratou um empenho diletante em busca de maior contato com

110 Segundo Elizabeth Cobbs, tratando especificamente da relação com o Brasil, “depois de 1945, a relação com o [país] se deslocou mais e mais para fora dos interesses norte-americanos”, resumindo-se sua nova política na frase: “*Don’t call us, we’ll call you*” (Cf. Cobbs, op. cit., 1992, p. 6). Para Roberto Almeida, do ponto de vista da política universitária, entretanto, “no pós-Segunda Guerra, os estudos latino-americanos começam a experimentar um desenvolvimento em bases mais sólidas nas universidades americanas, com o estabelecimento de seções especializadas, de cunho interdisciplinar, nos departamentos humanísticos ou, onde é pertinente, em centros voltados exclusivamente para os estudos latino-americanos”, ainda que “num primeiro momento, esses estudos care[çam] de qualquer apoio governamental em bases institucionais, o que aliás é consistente com as preocupações oficiais na fase inicial da Guerra Fria. A América Latina aparece[ria], nas diretivas do Conselho de Segurança Nacional, como a região de menor importância estratégica nos planos de segurança externa dos EUA” (Almeida, op. cit., 2001, p.4). Mas Gerald Haines insiste em como as duas administrações consecutivas ao fim da Guerra tiveram como firme propósito manter os EUA na posição de dirigir o desenvolvimento latino-americano, por meio do investimento de suas empresas privadas ali (Haines, op. cit., 1984).

111 Tannenbaum, op. cit., 1953. Os Seminários aconteceram antes e durante o estabelecimento dos estudos de área (*area studies*) na universidade.

culturas exóticas o que se passou ali. Ainda que se tratasse de fóruns de debates de questões mais ou menos gerais sobre cada país, não há como negar o papel desses encontros na formação de um campo de conhecimento científico de um continente que em última instância era também mercado. E, no final das contas, tratava-se de contribuir para formar quadros mais preparados que dali em diante iriam atuar – fosse na academia, fosse no meio privado, ou ainda no próprio Estado – para fortalecer a relação entre os países e facilitar a presença norte-americana em cada um deles. Desse modo, não é estranho ver o filho mais velho de Nelson Rockefeller, Rodman Rockefeller (1932-2000), como um dos convidados a palestrar num encontro em Columbia¹¹². Os agradecimentos de Tannenbaum ao empresário não deixa dúvidas sobre o sucesso da conversa e faz imaginar o teor da mesma, ao dizer “os alunos obviamente amaram o que você disse. Foi realmente algo de novo e eles nunca tinham ouvido nada sobre isso, o que você disse foi claro e persuasivo”¹¹³. O que exatamente o executivo Rodman Rockefeller disse aos alunos não sabemos, mas provavelmente tinha a ver com oportunidades de negócios que se abriam, coisa que a família Rockefeller entendia mais que tudo. Negócios que poderiam ser melhor alinhavados, por exemplo, com a presença constante de diplomatas dos diversos países, como se vê num jantar em homenagem ao embaixador brasileiro Vasco Leitão da Cunha (1903-1984), realizado no *Men’s Faculty Club* de Columbia¹¹⁴. Organizado por Wagley, o encontro previa uma fala informal do embaixador sobre o desenvolvimento brasileiro e, além do reitor Andrew Cordier (1901-1975) – um ex-funcionário do Departamento de Estado americano que havia trabalhado na organização das Nações Unidas no fim da Guerra – estariam presentes diversos intelectuais, entre eles, Germán Arciniégas, Fernando Pedreira e Milton Sá Pereira, *visiting scholars* em Columbia, com interesse na América Latina¹¹⁵. O evento é mobilizado

112 Rodman Rockefeller atuou nos esforços que conduziram ao acordo de Livre Comércio Norte-americano e para forjar laços mais estreitos com a América Latina. Sua primeira viagem ao México se dá em 1946, ainda adolescente, quando acompanha o pai na posse do presidente Miguel Alemán. Dos anos 1960 em diante trabalharia para a liberalização dos investimentos estrangeiros ali e em outros países da América Latina.

113 “Muito obrigado por vir ao meu Seminário./Os alunos obviamente amaram o que você disse. Foi realmente algo de novo e eles nunca tinham ouvido nada sobre isso, o que você disse foi claro e persuasivo./Foi ótimo você ter conseguido arranjar esse tempinho na sua vida tão ocupada. Obrigada mais uma vez!/Atenciosamente,/Frank Tannenbaum”. Cópia da carta de Frank Tannenbaum para Rodman Rockefeller, 25/03/1966. Cf. ainda o agradecimento de Rodman pelo convite, 05/04/1966. Box 19, FT Papers, RB&ML, CU.

114 Além do embaixador, o cônsul geral do Brasil em Nova York, Carlos Jacyntho de Barros, diz o convite, também estaria presente. Cópia da carta de 21/04/1966. Box 19, FT Papers, RB&ML, CU.

115 Foram convidados ainda Harry Berstein, Henry de Vriers, Lewis Hanke, Marvin Harris, Albert Hart, Candido Mendes de Almeida, Magnus Moerner, Raymond Sayers, Ronald Schneider, Carleton Sprague Smith, Kempton Webb. Cópia

FIG.7. Universidade de Columbia em Nova York: praça central e edifício da Biblioteca (à época), anos 1960

aqui como exemplo, entre outros tantos do mesmo tipo, que insere a ação de Tannenbaum num conjunto maior de ações dentro da academia norte-americana, e de Columbia em especial.

O futuro orientador de Morse começara a organizar encontros sobre América Latina antes ainda do fim da Guerra. Examinar as listas de temas e convidados durante as suas duas décadas de existência sob a direção de Tannenbaum nos permite ter uma ideia mais precisa do alcance geográfico e da amplitude dos temas abordados. E nos mostra ainda com quem Richard Morse pôde conviver nos anos em que esteve naquela universidade, inicialmente como aluno e logo como professor. O primeiro programa, previsto para acontecer entre janeiro e maio de 1944, propunha 20 encontros – a maioria deles em forma de palestras, alguns pensados como uma série com o mesmo convidado – abordando temas tão distintos como “Influência dos *llanos* [no original, em espanhol] no desenvolvimento da Venezuela”; “Industrialização na Argentina”; “Desenvolvimento político e econômico do Chile desde a última guerra”; “Orientação cultural e política do México em relação ao mundo nos anos recentes”; “Guatemala com especial ênfase nos problemas indígenas”, entre outros. A variedade geográfica e temática indicam que a pretensão era de fato compreender o continente como um todo, não apenas economicamente, não apenas culturalmente, mas se possível, de maneira integral. Nomes como o do historiador marxista argentino Sergio Bagu (1911-2011)

e do jornalista peruano Ciro Alegria Bayán (1909-1967), ou do professor mexicano a esse tempo ensinando em Columbia, Andrés Iduarte (1907-1984), figuravam ao lado dos do ex-presidente do Chile Dr. Carlos Dávila (1887-1955) ou do embaixador da Guatemala nos Estados Unidos, Mario Monteforte-Toledo (1911-2003), como convidados que semana à semana apresentavam um tema de interesse para a seleta audiência de alunos e pesquisadores¹¹⁶.

Em outro programa, dessa vez no outono de 1954, vê-se que o próprio Morse, já como docente em Columbia, apresentaria o tema “Linguagem e civilização na América Latina”. Ao seu lado aparecem o espanhol Ángel del Río (1900-1962), que a essa altura também dava aulas ali, convidado para falar das diferenças entre as culturas hispânica e latino-americana da anglo-saxã; o historiador brasileiro Américo Jacobina LaCombe (1909-1993), especialista em Rui Barbosa e então diretor da Casa de Rui Barbosa no Rio; bem como os jornalistas norte-americanos Herbert Matthews (1909-1977), do *New York Times* (que em 1957 entrevistará Fidel Castro em Sierra Maestra), para falar das eleições cubanas, ou W. H. Lundsén, da revista *Life*, que discutiria “oportunidades de investimentos interamericanos”. As questões econômicas naquela temporada estavam bem representadas, tematizadas ainda pelo economista Edmundo Flores (1920-2004), pesquisador mexicano que obtivera seu doutorado sobre Economia Agrícola na Universidade de Wisconsin e se tornara professor na Universidade Nacional do México, convidado para tratar do “problema agrário boliviano”, e pelo advogado e jornalista argentino Ricardo Rojo (1923-1993), amigo de Che Guevara (1928-1967), que falaria sobre os “aspectos econômicos do Peronismo”. Discussões de ordem jurídica – “desenvolvimento constitucional no Uruguai”; “O Direito do Trabalho argentino comparado com o dos EUA”

116 Programa dos encontros do Latin American Institute (Janeiro – Maio 1944): 5 jan/ Juan Opreto – “Influência dos *llanos* [no original, em espanhol] no desenvolvimento da Venezuela”; 12, 19, 26 jan; 2, 9 fev/ Sergio Bagu – “Transformações políticas e econômicas na Argentina nos últimos 20 anos”; 16 fev/ Adolfo Dorfman – “Industrialização na Argentina”; 23 fev/ N. Vieira Altamirano – “Desenvolvimento político da América Central” [a lápis: San Salvador]; 1 mar/ Dr. Picón-Salas – “Reorientação política e social da Venezuela nos últimos 30 anos”; 8 mar/ Dr. S. D. Clark (Universidade de Toronto) – “Reorientação do Canadá entre duas guerras”; 15 mar/ Dr. Carlos Dávila [à lápis: ex-presidente do Chile] – “Desenvolvimento político e econômico do Chile desde a última guerra”; 22 mar/ Maria Rosa Oliver – “Orientação argentina em relação ao mundo nos últimos anos”; 29 mar/ Dr. Carlos Dávila – “Partidos políticos chilenos”; 5 abr / Dr. Carlos Dávila – “Política externa chilena na última década”; 12 abr/ Dr. Oscar Vera – “Problemas sociais no Chile”; 19 abr/ Antonio José Gaitán – “Orientação política recente da Colômbia”; 26 abr/ Andrés Iduarte – “Orientação cultural e política do México em relação ao mundo nos anos recentes”; 3 mai/ Ciro Alegria Bayán – “Reorientação do Peru em relação ao mundo em anos recentes”; 10 mai/ Miguel Angel Alborno – “Orientação do Equador em relação ao mundo em anos recentes”; 17 mai/ Mario Monteforte-Toledo – “Guatemala com especial ênfase nos problemas indígenas”. Box 20, FT Papers, RB&ML, CU.

<p> SCHEDULE OF LATIN AMERICAN INSTITUTE MEETINGS January - May 1944 </p>	
1944, January 8	Dr. Juan Oppense - Influence of illness on the development of Venezuela.
January 12, 15, 20, and February 2, 9	Dr. Sergio Laguarda - Economic and political changes in the Argentine in the last twenty years.
February 16	Dr. Adolfo Dorfman - Industrialization of the Argentine.
February 23	Dr. E. Viera Altamirano - Political Development of Central America.
March 1	Dr. Wilson Salas - Political and Social reorientation of Venezuela in the last 20 years.
March 8	Dr. S. D. Clark of University of Toronto - Reorientation of Canada between two wars.
March 16	Dr. Carlos Devila - Economic and Political Development of Chile since the last war.
March 20	Miss Maria Rosa Oliviera - Argentine orientation to the world in recent years.
March 29	Dr. Carlos Devila - Chilean Political Parties.
April 5	Dr. Carlos Devila - Chilean Foreign Policy during the last decade.
April 12	Dr. Oscar Vera - Social problems in Chile.
April 19	Antonio José Gaitan - Recent Political Orientation of Colombia.
April 26	Andrés Baudry - Cultural and Political Orientation of Mexico towards the outside world in recent years.

- 2 -

1944, May 3
 Dr. *Cirilo Alegria* - Reorientation of Peru towards the outside world in recent years.

May 10 *Angel*
 Miguel Albornoz - Orientation of Ecuador towards the outside world in recent years.

May 17
 Mario Monteforte-Toledo - Guatemala with special emphasis on the Indian problems.

Ecuador
in Mexico in charge - Feb 4

V. N. Minich

<p> SCHEDULE OF LATER AMERICAN MEETINGS AND RECEPTIONS SCHEDULE OF SPEAKERS, 1944-1945 </p>	
Sept. 28	Dr. Carlos Sagley - "Report on the Jazons"
Sept. 30	Dr. Carlos Sagley - "Report on Paraguay"
Oct. 7	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "El Jango en Cuba"
Oct. 14	Dr. Eduardo Sáenz (Chile) - "The Contemporary Economic Situation in Chile"
Oct. 21	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "El Liberalismo Internacional"
Oct. 28	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Reasons for the Second World War"
Nov. 4	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Causes of Political Instability in Latin America"
Nov. 11	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Social aspects of Education in Latin America"
Nov. 18	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "Spanish-American Journalism in New York"
Dec. 1	Dr. Antonio Aranda (Venezuela) - "The Revolution in Venezuela"
Dec. 8	Dr. Arturo Barrios (Puerto Rico) - "Fuerza Económica Política"
Dec. 14	Dr. Víctor Andrade (Bolivia) - "The Latin American Man - the Machine"
Jan. 6	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The recent state of the State Department on relations with the United States against the constituted governments in Latin America"
Jan. 13	Dr. María de Souza Lima (Brazil) - "Philosophical Currents in Brazil since 1940"
Feb. 3	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "Some of the Problems of Government in Latin American Countries"

Feb. 10	Prof. José Pietsch (Argentina) - "The Contemporary Situation in the Argentine"
Feb. 17	Dr. Carlos A. Leguizamón (Argentina) - "The Character of Contemporary Argentine Literature"
Feb. 24	Dr. Carlos A. Leguizamón (Argentina) - "Poetics and Literature in Latin America"
Mar. 3	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "Report on Mexico"
Mar. 10	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "La Influencia de la Política Española sobre Hispano-América"
Mar. 17	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "De las Letras Americanas"
Mar. 24	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Role of the Under-developed Nations in International Affairs"
Mar. 31	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Role of the Americas in the History of Civilization"
Apr. 7	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "Second Report on Mexico"
Apr. 14	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Right of action for Political Parties in Latin America"
Apr. 21	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Economic Problems of Brazil and the 'Plan Salas'"
Apr. 28	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "Latin American and European Foreign Economic Policy"
May 5	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "Problemas Económicos Inter-Americanos de Hoy"

<p> SCHEDULE OF SPEAKERS LATIN AMERICAN CENTER - FALL Term 1944 - 45 </p>	
Sept. 23	Dr. Angel Del Rio - "Que tanto se ha hecho en la cultura latinoamericana"
Sept. 30	Prof. Valdo Ross (Chile) - "The Philosophy of Chilean Philosophy"
Oct. 7	Dr. José Rivas-Huad - "Constitutional Development in Uruguay"
Oct. 14	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Theory of Brazilian Foreign Policy"
Oct. 21	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Problem of Political Stability in Latin America, with Ecuador as a Case in Point"
Oct. 28	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "Some of the Problems of Government in Latin American Countries"
Nov. 4	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Nov. 11	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Nov. 18	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Nov. 25	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Dec. 2	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Dec. 9	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Dec. 16	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Jan. 6	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Jan. 13	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Jan. 20	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Jan. 27	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Feb. 3	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Feb. 10	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Feb. 17	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Feb. 24	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Mar. 3	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"
Mar. 10	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Bolivian Agrarian Problem"

<p> Speakers - Latin American Center, 1944-45 (cont'd) </p>	
Mar. 17	Prof. Richard Morse - "Language and Civilization in Latin America"
Mar. 24	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Contradictions in the Colonial Age"
Mar. 31	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "Inter-American Investment Opportunities"
Apr. 7	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "Our Neighbor, the United States"
Apr. 14	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Honduran Situation"
Apr. 21	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "The Case of Days de la Torre"
Apr. 28	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "El Derecho de Trabajo Argentino comparado con el de E.U.A."
May 5	Dr. Eusebio Hernández (Cuba) - "Judicial Power in Argentina"

FIG.8. Documentos do acervo de Tannenbaum em Columbia: Programa dos encontros do *Latin American Institute* (Janeiro – Maio 1944); Lista dos palestrantes/ *Center of Latin American Economic and Historical Studies* – 1948-1949; Programa das palestras/ *Latin American Center* – Outono 1954 (no destaque, a palestra de Reichard Morse. Página anterior). Carta de Rodman Rockefeller para Frank Tannenbaum; cartas entre Tannenbaum e Gilberto Freyre (foto de 1969) e telegrama de Flavio Motta para Tannenbaum (nesta página)

ou “Poder jurídico na Argentina” –, eram apresentadas com tanto interesse quanto as sobre a política do continente: “Teoria da política externa brasileira”; “O problema da estabilidade política na América Latina, com o Equador como caso de estudo”; “O conflito entre Costa Rica e Nicarágua”¹¹⁷.

A maioria dos convidados, como se nota por estes dois exemplos que se desdobram em dezenas, era de intelectuais latino-americanos de passagem pelos Estados Unidos, às vezes em temporada de estudos e docência, às vezes como convidado especial, diplomatas em suas respectivas embaixadas, jornalistas ou professores norte-americanos interessados na questão latino-americana e uns poucos intelectuais europeus que haviam passado pela América Latina em algum momento de suas carreiras, como Pierre Monbeig (1908-1987), Fernand Braudel (1902-1985) ou Alfred Métraux (1902-1963), entre outros¹¹⁸. Temas, como podemos ver, que iam das questões econômicas específicas aos panoramas gerais do estágio de desenvolvimento de cada país, de oportunidades de negócios à situação política, de trajetórias de personalidades históricas às questões

117 Programa das palestras/ Latin American Center – Outono 1954: 23 set/ Prof. Dr. Ángel del Río – “*Que tanto español es la cultura latinoamericana*” [em espanhol, no original]; 30 set/ Prof. Waldo Ross (Chile) – “Panorama da filosofia chilena”; 7 out/ Dr. José Rivas-Micud – “Desenvolvimento constitucional no Uruguai”; 14 out/ M. de Souza Dantas Romero (Cônsul do Brasil) – “Teoria da política externa brasileira”; 21 out/ Dr. Max Henríquez-Ureña [à lápis: diplomata, historiador] – [sem título]; 28 out/ não há encontro; 4 nov/ Dr. Edmundo Flores [à lápis: Economista agrário] – “O problema agrário boliviano”; 11 nov/ Dr. Américo Jacobina LaCombe – “Rui Barbosa e o Brasil moderno”; 18 nov/ Leopoldo Benítez (Embaixador equatoriano na Bolívia, agora nas nações Unidas) – “O problema da estabilidade política na AL, com o Equador como caso de estudo”; 18 nov/ Leopoldo Benítez – o mesmo que acima; 9 dez/ Mr. Herbert Matthews (New York Times) – “As eleições cubanas”; 16 dez/ Prof. Waldo Ross (Chile) – “Há uma filosofia latino-americana”; 6 jan/ Jesús de Galíndez [à lápis: historiador basco] – “Como fazer um estudo sobre a ditadura latino-americana”; 13 jan/ Dr. Alfred Métraux [à lápis: antropólogo] – “A bacia amazônica”; 3 fev/ Dra. Felicitas Klimpel [à lápis: Chile] – “Sociologia no Chile”; 10 fev/ Padre Benjamin Nuñez [à lápis: Costa Rica] – “O conflito entre Costa Rica e Nicarágua”; 17 fev/ Lic. Ricardo Rojo [à lápis: Argentina] – “*Aspectos económicos del Peronismo*”; 24 fev/ Prof. Ángel del Río [à lápis: Columbia University] – “Influência espanhola na AL”; 3 mar/ José Coronel Urtecho – “Influência espanhola na América Central”; 10 mar/ Dr. Américo Gioldi [à lápis: Argentina] – “A situação do trabalho na Argentina hoje”; 17 mar/ Prof. Richard Morse [à lápis: Columbia University] – “Linguagem e civilização na AL”; 24 mar/ Padre Argëllo – “Os Confradillas na era colonial”; 31 mar/ Mr. W. H. Lumsden [à lápis: *Ljfe*] – “Oportunidades de investimentos inter-americanos”; 14 abr/ José Coronel Urtecho [à lápis: Nicarágua] – “Nosso vizinho, os EUA”; 21 abr/ Dr. Ramón Villeda [à lápis: Presidente de Honduras] – “A situação hondurenha”; 28 abr/ Carlos Echeverri-Cortéz [à lápis: Colômbia] – “O caso de Haya de la Torre”; 5 mai/ Lic. Carlos Basaldua – “El Derecho del Trabajo argentino comparado con el de EEUU.” [em espanhol, no original]; 12 mai/ Dr. Mauricio A. Ottolenghi – “Pode jurídico na Argentina” [à lápis, sobre os últimos três: *movidos*, em espanhol no original]. Box 20, FT Papers, RB&ML, CU.

118 Monbeig deu aulas na USP entre 1935 e 1946, Fernand Braudel entre 1935 e 1937 e o etnógrafo Métraux, fez pesquisas no país em 1939. Braudel, por exemplo, falaria sobre o tema: “Latino America visto por um professor Frances”. Cf. Box 20, FT Papers, RB&ML, CU.

culturais mais amplas, oferecendo semanalmente durante mais de duas décadas um vasto panorama para quem quisesse conhecer mais profundamente a América Latina, fosse qual fosse sua intenção: apenas curiosidade, estudos acadêmicos ou propriamente negócios. O que levava Tannenbaum a “inventar” essas discussões coletivas, dizem seus biógrafos, fora sua convicção de que

o mundo não poderia ser dividido em ciência política, economia, sociologia ou história... as sutilezas, complexidades e o entrelaçamento dos laços da vida estariam fora do alcance das disciplinas especializadas.¹¹⁹

Conclusão tirada da própria declaração do intelectual de que era necessário mesclar as disciplinas para se poder ter de novo um olhar unificado sobre as coisas. Certamente a passagem de Tannenbaum pela *Modern School* tivera aí um papel – pois lá também se buscava oferecer aos trabalhadores oportunidades de compreensão do mundo através de encontros e palestras, menos que em aulas formais segmentadas em disciplinas estritas –, ou seja, sua própria experiência de aprendizado se desdobrava em suas propostas como educador. O Seminário, nesse sentido, não deveria ser visto apenas como “um projeto educacional, mas [como] um projeto educativo” que pretendia formar intelectuais a partir do contato direto com a experiência de seus pares¹²⁰.

Conduzindo as discussões geralmente em espanhol ou português, Tannenbaum diria que ali “*no se permit[ían] discursos*”¹²¹. Formalizadas como *Latin American Seminar* dentro do programa *University Seminars*, elas seguiram como encontros semanais sob sua supervisão por todo o tempo, e na década de 1960 se confundiriam com a própria atuação do *Institute of Latin American Studies* (ILAS)¹²². Durante os 25 anos de existência passaram pelo Seminário, além dos nomes citados, o

119 Maier e Weatherhead, op. cit., 1974, p. 15. Deve-se dizer que o sucesso foi tamanho, que os Seminários não apenas sobreviveram à morte de seu idealizador como passaram dos 5 temas iniciais para mais de 70 temas que ainda hoje são discutidos na Universidade de Columbia. Cf. Columbia University Seminars, History, <http://www.columbia.edu/cu/seminars/pages/history/index.html>. Acesso 23/10/2010

120 Tannebaum, op. cit., 1953.

121 Ocorriam sempre às terças-feiras, das 16 às 18h, onde se servia um *mate*. Contavam com 6 a 12 alunos de graduação, 3 a 6 professores, e um número variável de visitantes ocasionais ou regulares, muitos deles latino-americanos. O grupo, no total costumava ter entre 20 e 25 pessoas, e durante as duas horas a conversa era presidida por um dos participantes encarregados de introduzir e expor um tema que ele tivesse especial interesse ou conhecimento na primeira hora, para em seguida responder perguntas numa discussão mais geral. Maier e Weatherhead, op. cit., 1974.

122 O nome dos encontros variou. Em 1946, por exemplo, o cabeçalho da lista de convidados diz “*Center of Latin American Economic and Historical Studies/Schedule of Speakers, Oct 1946 to Jan 1947*”. Os exemplos anteriormente citados falam em *Latin America Institute* e *Latin American Center*. O ILAS foi fundado apenas em 1962, tendo Tannenbaum

economista, ensaísta e diplomata mexicano Daniel Cosío-Villegas (1898-1976); o jornalista, escritor e político venezuelano Arturo Uslar Pietri (1906-2001), o historiador e ensaísta argentino José Luis Romero (1909-1977); o editor, jornalista e político colombiano Eduardo Santos Montejó (1888-1974); o sociólogo e ensaísta brasileiro Gilberto Freyre (1907-1987); o escritor, crítico e advogado Luis Alberto Sanches Sanches (1900-1994); o advogado, ensaísta e jornalista brasileiro Vianna Moog (1906-1988); o economista alemão Albert Hirshmann (1915-), àquela altura consultor em Bogotá e depois professor em Columbia, o arquiteto e crítico de arte Flávio Motta (1923-), e até Fidel Castro, que ao visitar os Estados Unidos logo depois da Revolução cubana, foi convidado a palestrar no Seminário. Também colegas de diversos departamentos de Columbia, com interesse nos problemas latino-americanos, muitos deles destacados intelectuais de origem hispânica frequentaram essas reuniões, como o romancista espanhol, ensaísta e professor de literatura hispânica desde 1918 em Nova York Frederico de Onís (1885-1966); o escritor, diplomata e crítico venezuelano Mariano Pícon-Salas (1901-1965); o historiador e ensaísta colombiano Germán Arciniegas (1900-1999); ou o antropólogo e brasilianista Charles Wagley¹²³. A maioria dos convidados, intelectuais de esquerda ou liberais, em geral progressistas, muitos deles ligados ao campo da cultura ao mesmo tempo que ao da intervenção política, pertencentes à diplomacia dos países, e até mesmo alguns ex-presidentes. Mas mais importante, membros de uma geração em que estas duas chaves de atuação – cultura e política – pareciam se complementar. Estudantes da pós-graduação, entre eles Stanley Ross (1935-2000), Robert J. Alexander (1918-1910), o próprio Richard Morse, como vimos, e ainda um seleto grupo de alunos da graduação formando a assistência. Tannenbaum promoveu ao mesmo tempo encontros mensais com empresários norte-americanos interessados na América Latina, compreendendo os países daquele continente não apenas em termos culturais mas como real possibilidade de investimentos. Esses encontros seriam tão proveitosos que após a sua morte as reuniões se transformariam na *The Frank Tannenbaum Roundtable on Latin America* do *Center for Inter-American Relations* da cidade de Nova York¹²⁴.

Quando Morse chegou em Columbia portanto, a atividade relativa à América Latina

como seu primeiro diretor, para “obter conhecimento de uma área de importância central na política externa norte-americana”. (Columbia University, ILAS, http://ilas.columbia.edu/about/about_ilas. Acesso 22/08/2011).

123 Um panorama da atuação dessa geração de latino-americanistas pode ser encontrada em Gustavo Sorá, “Edición y política. Guerra fría en la cultura latinoamericana de los años 60”, *Revista del Museo de Antropología*, Universidad Nacional de Córdoba, n. 1, 2008. pp. 97-114.

124 Id., Ibid.

na universidade era variada e intensa, e seu orientador, um nome de peso nessa cena, reunindo em torno de si um prestigioso círculo intelectual. Com isso, o jovem historiador pôde tomar contato com a geração de ensaístas e pesadores que ao descortinar seus temas de interesse frente àquela assistência, mostravam a potência de uma compreensão da cultura mais ampla que o ensino acadêmico *stricto sensu* oferecia. Morse entendia na prática que um assunto nunca poderia ser realmente compreendido apenas por um único ponto de vista, devendo antes ser abordado por diversos olhares e perspectivas. Essa, num certo sentido, a própria característica da abordagem histórica em contraposição às ciências sociais – uma perspectiva totalizante inerente ao próprio campo, se quisermos¹²⁵ –, que começava a ser posta em xeque na Academia naquele momento, mas que aquele grupo, sob a liderança de Frank Tannembaum, parecia ainda compartilhar e defender.

Nesse universo, mais uma vez apenas um nome ligado ao ensino formal seria lembrado por Morse como importante por ter contribuído na sua forma de pensar. Se os professores do Departamento de História uma vez mais não comparecem nessa memória, o intelectual francês Jacques Barzun (1907-) – que radicado em Nova York chegou a ser reitor da Universidade de Columbia – é exceção à confirmar a regra. Mas a perspectiva cultural desse historiador e crítico de arte para com seus objetos de interesse justifica a lembrança. A partir dos fundamentos da antropologia, Barzun criara naquela universidade a disciplina de História Cultural, unificando interesses que iam da cultura popular (incluindo por exemplo o gosto norte-americano pelo beisebol, segundo ele fundamental para se compreender o *ethos* americano) à alta cultura europeia (notadamente nos campos da música e da literatura). “Entre suas áreas de especialização est[avam] as literaturas francesa e alemã, música, educação, histórias de fantasmas, ficção policial, linguagem e etimologia”¹²⁶, áreas e temas que aquele filho de intelectuais franceses –, que conheceu artistas de vanguarda como Apollinaire (1880-1918), Cocteau (1889-1963), Léger (1881-1955), Brancusi (1876-1957) ou Duchamp (1887-1968) (de quem chegou a ser assistente) como frequentadores do salão de seus pais em Créteil –, examinaria nas mais de 30 obras que escreveu ao longo da vida.

Preocupado com a cultura ocidental em suas diversas manifestações, Barzun pretendeu em *Romanticism and the Modern Ego*, livro lançado em 1943 e debatido ao longo da década, compreender como o Romantismo, entendido como a “era romântica” – que ele via como um fenômeno

125 Cf. Novais e Forastieri, op. cit., 2011.

126 Arthur Kristal, “Age of Reason”, *The New Yorker*, 22 out., 2007 (edição online http://www.newyorker.com/reporting/2007/10/22/071022fa_fact_krystal. Acesso 03/10/2012). Barzun foi professor em Columbia por mais de 50 anos, chegando reitor.

européu que ocorreu em um período histórico determinado e possuindo características específicas, menos que uma onda literária ou um complexo emocional – era visto e sentido pela sua própria era, a moderna. Na sua formulação, “uma espécie de visão antropológica de uma forma cultural que liga passado e presente – ou seja, à tradição romântica que alguns ainda veem como uma ameaça à sua paz de espírito”¹²⁷. Embora Morse não cite o livro, muito provavelmente teve contato com o mesmo, pois que lançado àqueles anos, tratava da literatura como forma de compreender o mundo – tema caro ao jovem historiador – e dele poderia colher certa inspiração para compreender os movimentos romântico e modernista em São Paulo, encarados também pelo jovem pós-graduando como algo mais que uma “vaga literária”, justamente como sistemas de compreensão cultural que se estabelecem em determinados momentos e trazem consigo características particulares, como Barzun defende. Morse, que seguiu o curso do professor francês sobre a história intelectual e cultural da Europa no século 19, no qual “se estudava música, mas também teoria econômica, transitando por todos os campos, por todas as disciplinas”, obteve talvez dali as bases de compreensão da cultura ocidental que suportava a modernização do continente latino-americano, e certamente fez render o contato com mais um defensor da cultura como forma de entendimento do mundo.¹²⁸

Toda essa atividade em Princeton e em Columbia descrita aqui tem a intenção de mostrar que se o caminho para a especialização estava traçado, a Universidade também mantinha um grupo de defensores e baluartes de uma formação mais ampla, intelectuais que desempenharam papéis importantes na defesa e na condução dessa perspectiva para os alunos das Humanidades (esse aliás o título de um dos cursos de Barzun). Morse, que parecia ser um sujeito aberto e de interesses variados, e que já se encantara com a América Latina, poderia nesse momento ter se aproximado de qualquer tema de estudo, já que havia espaço e oportunidades para isso. Dentro desse espectro amplo de possibilidades, vimos que foi a história colonial de São Paulo seu primeiro objeto de pesquisa. Mas essa escolha, como busquei mostrar, não deve ser desvinculada do seu trabalho posterior. O ponto do jovem historiador ainda nos Estados Unidos – que era também o ponto-chave da construção historiográfica paulista até então – foi partir do reconhecimento da excepcionalidade de São Paulo desde a sua fundação para entender seu desenvolvimento industrial. Aquela cidade

127 Jacques Barzun, *Romanticism and the Modern Ego*. Boston: Little Brown & Co, 1943, p.6.

128 Bomeny, op. cit., 1989. O eclético professor, que nos anos 1940 também conduzia um programa de rádio na emissora pública, “Invitation to learning” (<http://partners.nytimes.com/library/books/041500barzun-book.html>), seria lembrado por outro aluno daqueles anos, Carl Schorske, pela importância que teria tido em sua formação, cf. Schorske, op. cit., 2000, p. 33.

latino-americana que chamava a atenção de todos pela crescente urbanização, merecia um olhar mais atento, e seu primeiro trabalho lhe servira de alicerce à história da evolução urbana paulista, uma espécie de “pré-história” para a cidade e para a compreensão do *ethos* paulista em sua gênese.

O objetivo de Morse em última instância era entender como e porque São Paulo se tornava uma das principais cidades da América Latina na metade do século 20, inscrevendo essa evolução urbana num amplo recorte temporal – numa espécie de “biografia da cidade”, como se fazia até então. Entretanto, ele vai elaborar essa biografia de maneira distinta. Tomando como balizas temporais dois polos literários, eles revelavam mais profundamente a personalidade daquela cidade, já que na literatura seria possível flagrar o próprio substrato cultural da comunidade, chave de compreensão do mundo social. Como aponta Tenório Trillo, naqueles anos “o *boom* universitário transforma[ra] os sistemas tradicionais de produção de ideias”, sendo assim,

Morse [passava a] distingu[ir] duas formas de reprodução do pensamento latino-americano: a dos “intelectuais” no sentido mais amplo (artistas, escritores, pensadores) e a dos cientistas sociais surgidos das universidades. Num ritmo mais ou menos contemporâneo das ciências sociais ocidentais, os universitários se dedicam aos pormenores das grandes transformações (sociais, econômicas, administrativas, educacionais etc.). Morse encontr[ou] nos literatos a outra forma de conhecimento, a qual constata a resistência das sociedades à mudança, ou seja, a permanência¹²⁹.

Se eram os literatos os verdadeiros intelectuais cuja visão compreendia de maneira mais profunda as sociedades em que viviam, foi com eles que esse jovem historiador buscou dialogar especialmente em seu livro. Não que os estudos universitários tivessem que ser descartados, ou menosprezados, mas nesta perspectiva tornavam-se coadjuvantes de um sentido antes revelado na própria forma literária. Morse compreenderia a evolução urbana paulista entre o Romantismo e o Modernismo, fazendo dos dois movimentos culturais e de seus autores mais importantes – Álvares de Azevedo e Mario de Andrade – personagens síntese da cidade em cada um deles viveu.

4. DO ROMANTISMO AO MODERNISMO, A CIDADE SE MODERNIZA

Quando chegou em São Paulo já com uma ideia formada sobre o que o motivava a estudar aquela cidade – compreender a urbanização intensa de uma capital latino-americana em pleno desenvol-

129 Tenório Trillo, “Profissão: Latin Americanist. Richard Morse e a historiografia norte-americana da América Latina” (Trad. Moacir Werneck de Castro), *Estudos Históricos*, FGV, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p.102-32.

vimento industrial – Richard Morse deparou-se não apenas com uma cidade espacialmente nova mas também com uma universidade jovem, que contava com a primeira geração de alunos agora transformados em professores ditando os rumos do pensamento intelectual da capital.

Entre os que começavam a protagonizar a cena intelectual paulista, Florestan Fernandes, Antonio Candido, Decio de Almeida Prado, Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977), Gilda Rocha de Mello e Souza (1919-2005), formados pela geração de professores estrangeiros que ajudaram a fundar a universidade, despontavam como jovens promissores a substituir (e de certo modo a levar adiante) a geração e a proposta modernistas. A nova geração passava a ocupar os postos de docentes da universidade, os espaços nos jornais e revistas como críticos profissionais, e ainda cargos de direção em instituições culturais que então eram criadas¹³⁰. É certo que alguma institucionalização cultural já pode ser anteriormente notada, sobretudo após a gestão de Fabio Prado (1887-1963) na prefeitura (1934-1938) – justamente o momento de criação da universidade paulista e do Departamento de Cultura dirigido por Mario de Andrade. Além disso, intelectuais da geração anterior também continuavam atuantes, como Sergio Buarque de Holanda, a essa altura diretor do Museu Paulista e professor na ELSP; ou Roger Bastide (1898-1974), que por todo tempo que permaneceu no Brasil (entre 1938 e 1954), além da atividade docente exercia também a crítica de arte, publicando regularmente nos jornais paulistas; ou ainda Fernando de Azevedo (1894-1974), responsável por apresentar a Morse seus dois assistentes. Mas em 1947 Mario já havia morrido, os professores estrangeiros começavam a retornar à Europa, e aqueles jovens, ao assumirem o projeto de uma certa elite intelectual e econômica que havia fundado a universidade “para desprovincianizar o país” (mas também para “conduzi-lo”), protagonizariam a formulação de um pensamento crítico, inserindo-se numa tradição de estudos brasileiros que vinha da década de 1930¹³¹.

Dispostos a pensar o Brasil em termos científicos, esses jovens intelectuais buscaram produzir novas teorias de interpretação. Faram isso, entretanto, de formas distintas – à maneira de um Florestan Fernandes que ao criar uma sociologia paulista nos moldes mais científicos possíveis,

130 Sobre a atuação destes intelectuais dentro e fora da universidade e seu papel na construção da crítica de arte no Brasil, cf. Heloisa Pontes, *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Paulo Emilio nesse momento estava em Paris estudando cinema, mas sua presença na cidade logo se faria sentir. Todos tornam-se professores da USP e, à exceção de Florestan, críticos nos diversos campos da cultura.

131 Para uma visão do projeto de formação da universidade como parte de um projeto de poder da elite paulista, cf. Irene Cardoso, *A universidade da Comunhão Paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Cortez, 1982. Cardoso mostra o projeto e a prática, nem sempre coincidentes, discutindo o papel central da Faculdade de Filosofia, que de certo modo “escapou” das mãos de seus criadores.

construiria um campo de conhecimento que desprezava toda e qualquer abordagem intuitiva ou diletante –, mas também como um Antonio Candido – que sem desprezar a herança ensaística da geração anterior, faria dela a sua maneira de pensar o Brasil, ainda que desenvolvendo sua crítica dentro dos parâmetros universitários¹³². Ao reescrever a história da literatura brasileira, Candido de fato pôde estabelecer um campo de pesquisas no qual incorporou os novos movimentos literários, notadamente o Modernismo, historicizando-o e o incluindo na própria tradição. Com isso, dava-lhe um papel protagonista para a compreensão da nação e para o estabelecimento de uma literatura autônoma, buscando inserir São Paulo – palco principal do movimento, segundo sua leitura – numa perspectiva nacional.

Talvez tenha sido justamente a busca de autonomia (de ambas as visões, deve-se dizer) daquele pensamento o que chamou a atenção do jovem norte-americano encantado com a metrópole paulista no final da década de 1940. A experiência de Morse também nos mostra como São Paulo era provinciana nesse sentido, se comparada a Nova York. Aqui o doutorando pôde rapidamente tornar-se amigo não apenas da jovem e proeminente geração de professores da USP, mas dos principais intelectuais paulistas, entre eles Sergio Buarque de Holanda, a essa altura um renomado intelectual, bem como de expoentes do modernismo artístico, ao frequentar a Faculdade de Filosofia onde todos se reuniam. No contato direto com esses intelectuais Morse formularia seu olhar para a evolução urbana da capital paulista, descolando-se das teorias vigentes e buscando construir uma visão desta história na compreensão de seus próprios termos, tomando o Romantismo e o Modernismo como pontos chave de compreensão do *ethos* paulista durante o século da sua urbanização mais intensa. Não custa lembrar que os movimentos guardam alguma similaridade, pois que surgidos em períodos de

profunda reavaliação intelectual e transformação social e intelectual, [viriam] a dominar progressivamente a sensibilidade, a estética e a mentalidade do núcleo principal de nossos escritores, tornando-se a visão essencial e mais adequada para nossos leitores mais sensíveis.¹³³

132 Sobre a intenção de Florestan de “cientifizar” a sociologia, opondo-se a um “modelo ensaístico-literário” encarnado pelo grupo de Antonio Candido, cf. Pontes, op. cit., 1998, Fernanda Peixoto, *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp, 2000, pp.165 e ss.; Maria Arminda do Nascimento Arruda, “Florestan Fernandes e a sociologia de São Paulo”. In: *Metrópole e Cultura. São Paulo no meio século XX*. Bauru: Edusc, 2001, pp. 189-330. Sobre a crítica universitária de Candido, em contraposição à crítica jornalística dos “homens de letras”, cf. Flora Süssekind, “Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna”. In: *Papéis colados*, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002, pp.15-36

133 Malcon Bradbury e James Fairlane, “O nome e a natureza do modernismo”. In: Malcon Bradbury (org.), *Guia do*

A definição dos movimentos nos países centrais parece também caber para indicar seus pressupostos em São Paulo, ao serem ambos percebidos como “movimentos revolucionários” que aproveitavam “um momento de enorme readaptação intelectual e insatisfação radical com o passado artístico”, convertendo-se “na linha mestra da tradição ocidental”. E de fato, ao que parece, “vários críticos se sentiram tentados a ver o modernismo como um ressurgimento do romantismo, ainda que compreensivelmente sob uma forma mais tensa e extrema de puro irracionalismo”¹³⁴. Tanto assim que ambos pautariam as manifestações artísticas, tornando-se mesmo responsáveis, se acompanharmos a linha de pensamento de Morse, por dar o tom da vida urbana em cada período paulista. “Os movimentos espirituais precedem sempre as mudanças de ordem social”, dizia o próprio Mario de Andrade, pontuando a importância deles por aqui:

Nós tivemos no Brasil um movimento espiritual (não falo apenas escola de arte) que foi absolutamente “necessário”, o Romantismo. [...] Me refiro ao “espírito” romântico, que está na Inconfidência, no Basílio da Gama do “Uruguai”, nas liras de Gonzaga como nas “Cartas chilenas” de quem os senhores quiserem. Este espírito preparou o estado revolucionário de que resultou a independência política, e teve como padrão bem briguento a primeira tentativa de língua brasileira. O espírito revolucionário modernista, tão necessário como o romântico, preparou o estado revolucionário de 30 em diante [...] A similaridade é muito forte.¹³⁵

Mario indicava o caminho da crítica daí em diante, atuando como protagonista e intérprete de uma tradição crítica levada adiante entre outros por Antonio Candido e compartilhada por Morse. De fato, o livro de Morse se organizaria a partir de temas unidos por um fio condutor que percorre o sentido de comunidade intelectual nas diferentes situações históricas – atravessando-se deste modo a documentação a partir da hipótese inicial de caracterizar o *ethos* urbano em cada momento de redefinição de sensibilidades. Como o autor supõe que a literatura tem uma visão mais compreensiva que as ciências sociais, ele não tem dúvidas em afirmar que tanto o Romantismo como o Modernismo foram os dois momentos fortes nesse sentido, tempos de novas apreciações e de florescimento de mudanças – já que essa a literatura que “vale a pena” na cidade. A partir desses “momentos necessários” reuniria suas fontes: documentação oficial, jornais, planos de reformas urbanas,

Modernismo, São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 20-21.

134 Id., pp. 35-37. A discussão continua, mas a tendência dos críticos é menos ver como continuidade que apontar a característica distinta do Modernismo, que seria a consciência história de um tempo de fragmentação. Mas no Brasil vemos como a crítica paulista “produz” essa “continuidade”.

135 Mario de Andrade, “O Movimento Modernista”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1942, pp. 241-50.

impressões de viagens, romances, memórias, etc., junto a estudos sobre instituições, movimentos sociais, problemas da cidade que lhe forneceriam apoio para analisar temas tão distintos como sindicatos, moradias, alimentação, e ainda outros. Portanto, é com o respaldo historiográfico somado à documentação histórica que Morse elabora a “biografia” da cidade. Mas uma biografia pautada pela literatura. São aqueles dois movimentos que na economia do livro funcionam como polos que balizam a própria evolução urbana de São Paulo, por “incorpora[rem] e assimila[rem] as influências culturais estrangeiras e ao mesmo tempo d[a]rem expressão para as especiais características do meio paulista”, como diz o próprio Morse em um artigo contemporâneo à edição de 1954¹³⁶.

4.1. UM NOVO *ETHOS*: ROMANTISMO NAS LETRAS, PRENÚNCIO DE AUTONOMIA NA VIDA URBANA

Se a primeira parte da obra de Morse compreende os séculos anteriores à Independência, buscando traçar um panorama da colonização e, mais do que isso, descrever em que condições aquele espaço urbano chegava no início do século 19, é porque o autor, como vimos, não reconhecia no núcleo colonial as características que permitiriam chamá-lo de “cidade”. Mas a partir de 1822, com o estabelecimento da imprensa, a criação da Academia de Direito e a formação de uma nova burocracia local unida ao poder nacional, Morse passou a identificar o surgimento de um novo *ethos* em São Paulo, particularmente ligado ao mundo letrado, que levaria a situação a se transformar. Imprensa, academia, administração pública, diferenciavam a comunidade colonial da nova cidade que abriga o movimento romântico. Vimos como Morse mobilizou Spengler para definir melhor esse momento. O juízo, entretanto, coincide também com a apreciação de Antonio Candido sobre o que teriam sido “os primeiros feitos de nossas classes por assim dizer esclarecidas”¹³⁷, voltando-se como Morse ao período imediatamente anterior para ver surgir ali as condições de um posterior desenvolvimento:

136 Richard Morse, “São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation”, *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 34, n. 4, nov., 1954, pp. 419-44. Anunciava-se, nesse texto que condensa a perspectiva cultural de Morse como chave de entendimento da metrópole, a dialética do localismo e do cosmopolitismo de Antonio Candido, que do meu ponto de vista, alimenta diretamente a reflexão do norte-americano. O artigo forma parte do último capítulo do livro em 1954, com apreciações sobre o Modernismo que não apareceram na tese de 1952, e segue nas edições posteriores.

137 Paulo Arantes, “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”. In: Paulo e Otília Arantes, *Sentido da formação: três estudos sobre Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, pp. 11-66, p. 56.

Foi todavia com a vinda de D. João VI que o Brasil conheceu realmente, embora em escala modesta, a sua época de Luzes, como *entrosamento da iniciativa governamental, do pragmatismo intelectual, da literatura aplicada, que finalmente convergiram na promoção e consolidação da Independência*. [...] Imprensa, periódicos, escolas superiores, debate intelectual, grandes obras públicas, contato livre com o mundo (numa palavra: a promoção das Luzes) assinalam o reinado americano de D. João VI, obrigado a criar na Colônia pontos de apoio para o funcionamento das instituições. [...] *Momento decisivo*, como se vê, que despertou nos contemporâneos os maiores entusiasmos, as mais rasgadas esperanças.¹³⁸

Esse momento “iluminista” da cultura nacional possibilitaria o surgimento do movimento romântico logo em seguida, e na compreensão de Antonio Candido, menos que de ruptura com os árcades (ainda que completamente distinto do ponto de vista estético), caracterizou-se por ter pontos de continuidade na construção de algo que podia começar a ser chamado de “literatura brasileira”, parte de um esforço maior de construção do país¹³⁹. A produção literária desse período com exceção de alguns nomes no geral seria medíocre, porém, manifestava um “desejo de autonomia, tornado mais vivo depois da Independência”, o que lhe dava importância como um dos momentos formativos da nossa literatura. Desse modo,

o Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e portanto a identidade, em oposição à Metrópole, identificada com a tradição clássica.¹⁴⁰

Tratava-se então da construção de uma identidade local em oposição à metrópole e, no que importa mais de perto aqui, tendo em São Paulo um *locus* privilegiado de desenvolvimento, já que era a elite intelectual formada pelos estudantes de Direito – cuja sociabilidade mundana fazia surgir na cidade novos espaços e novas mentalidades – a que buscava se expressar em termos independentes em relação à literatura portuguesa¹⁴¹. No esquema de Candido, é evidente a importância

138 Citado por Arantes, op. cit., 1997, p. 56, grifo meu.

139 O romantismo, momento em que começa a surgir o sentido “moderno” da palavra literatura, é o movimento literário comumente relacionado com a afirmação de identidades nacionais – basta pensarmos no romantismo alemão ou inglês. A esse respeito, entre outros, cf. Eagleton, op. cit., 2006, p. 26-33. Mas Candido retrocede ao Arcadismo – comumente visto como um movimento de cunho universalista – para flagrar ali os primeiros impulsos nacionais.

140 Antonio Candido, *O Romantismo no Brasil*, São Paulo: Humanitas, 2004, p. 16-19. Nesse breve “resumo” escrito em 1990, Candido apresenta as características principais do movimento romântico no Brasil para um público estrangeiro.

141 Na verdade, “a alegada independência” teria sido, em parte – seguindo aqui a interpretação de Candido – “uma substituição de influências, com a França tomando o lugar da metrópole portuguesa”. (Antonio Candido, *Iniciação a Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p.52). Essa edição é um balanço escrito em 1987 também

dada à Academia de Direito. Principal centro de formação das elites intelectuais e políticas do Império e posteriormente da Primeira República, a Academia daria origem a um grupo – os estudantes –, “dotado de forte espírito corporativo”, constituindo “um público literário privilegiado e uma caixa de ressonância para a literatura, que se difundiria em parte por meio deles” e que, além de funcionar como “ambiente que estimulava a produção”, também “fornecia um primeiro nível de receptividade crítica e afetiva”¹⁴². Esboçava-se um sistema que, para Morse, num certo sentido, mostrava a própria formação da metrópole. Os jovens da elite que se mudaram para a pacata vila atuavam para transformá-la, quando menos por meio de sua presença, que exigia novos espaços, mas também por meio de sua literatura – e por isso a Academia era vista como um dos catalisadores das transformação –, contribuindo por sua vez para transformar a cultura da cidade. Para acompanhar essa transformação, nada melhor que olhar para a produção do artista, pois esta seria, segundo Morse, potencialmente reveladora:

O artista é com frequência o símbolo mais satisfatório para captar refletir os processos vivos de uma sociedade. Pois o artista, para poder usar as técnicas de sua arte sem preconceito ou embaraço, tem que ser mais chegado e mais sensível ao fluxo vital de seu *ethos* e, simultaneamente, mais apartado. O artista é a um tempo, mais capaz de compartilhar-se e envolver-se, e mais objetivo do que seus semelhantes. (*DCaM*, p.87)

Nesse sentido, além da obra, a própria experiência do artista na cidade seria capaz de revelar ao historiador as transformações do passado. Para Morse, “quem mais de perto refletiu todo o espectro desses lampejos” na cidade que começava a se transformar “foi o poeta Manuel Antonio Alvares de Azevedo”. Isso porque tivesse ele apenas sido um poeta “embora talentoso, morando por acaso na cidade, não serviria ao nosso objetivo”. Entretanto, como “pertencia [...] mental e emocionalmente à cidade”, e mais do que isso, tendo moldado, “num sentido real, a cidade para que se conformasse à imagem romântica que dela extraía” (*DCaM*, p.87), seria eleito como o símbolo daquele momento de transição vivido por São Paulo. Se Morse não compartilhou conscientemente de uma apreciação, digamos, materialista da arte, que via a literatura “como um processo de configuração de dupla face, uma voltada para a estruturação interna da obra, outra para o decurso histórico real”, como a defendida por Antonio Candido, ele obviamente percebia que a “matéria do

para leitores estrangeiros e apresenta um resumo da visão do crítico sobre a literatura brasileira.

142 Id., Ibid.

escritor não era informe, mas um resultado histórico objetivamente estruturado”¹⁴³. Tal noção, adquirida nos seus múltiplos contatos na academia norte-americana, em São Paulo se plasmou em sua maneira de olhar para a cidade, na medida em que sua sensibilidade histórica, e também estética, ia sendo moldada, ou pelo menos confrontada, com um pensamento dentro e fora da universidade que estava buscando compreender o Brasil.

Para desenvolver seu ponto de vista e poder entender a cidade nos anos do Romantismo, Richard Morse recuperou as cartas que Alvares de Azevedo enviou aos seus pais na Corte. Essas cartas eram “pequenas vinhetas da cidade”, espécie de crônica dos acontecimentos mundanos daquela cidade ainda tão provinciana, na qual os estudantes formavam “um grupo à parte” (como Candido dirá). Um jantar em honra à Marquesa de Santos, uma missa na Igreja da Sé na Quarta-Feira de Cinzas, um baile no sobrado do Barão de Souza Queirós, eram, ao lado da poesia e dos discursos do estudante de Direito, mobilizados ali para “projetar [...] uma imagem física e, principalmente, uma imagem espiritual do São Paulo do meio-século.” (*DCaM*, p.88). Morse se valia desse material para mostrar como o espírito romântico se estabeleceu na cidade, descrevendo como “o burgo de estudantes” – imagem da cidade formulada pelos modernistas já na década de 1920¹⁴⁴ sintetizada na expressão de Silva Bruno que se tornara um lugar-comum – começava lentamente a se transformar, mas sem se desprender totalmente de seu *ethos* colonial. Os estudantes ainda formavam uma “comunidade”, mas ao mesmo tempo era por meio deles que a cidade se abria para o mundo exterior buscando os ares mais cosmopolitas que a caracterizaria décadas depois.

A São Paulo romântica era vista por Morse não apenas a partir das sensações, humores e percepções de Alvares de Azevedo, e de outros poetas românticos contemporâneos que produziam e simultaneamente consumiam essa literatura, mas o historiador mesclava esse material com impressões colhidas em conversas com artistas como Anita Malfatti (1889-1964) ou Lasar Segall (1891-1957), por exemplo. Os modernistas, que num certo sentido repunham aquela comunidade em novos termos (nesse caso produzindo e consumindo a arte moderna), também lhe forneciam imagens da cidade condensadas em suas obras, acentuando a sobriedade e a quase mediocridade daquele cenário quando comparado às “exuberâncias naturais da Amazônia ou do Rio”. Assim o historiador podia afirmar: “São Paulo é ‘moderado’ e ‘neutro’”, já que “o solo não é rico nem esté-

143 Arantes, op. cit., 1992, pp. 90-1.

144 Cf. Ana Castro, *A São Paulo de Menotti del Picchia: arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista*, São Paulo: Alameda Editorial, 2008, p.113-30.

ril, nem tampouco plano ou montanhoso; o clima não é frio nem tropical” e de certo modo, pode-se dizer que possui “uma qualidade indecisa – de aspereza, talvez, porém melancólica – misteriosa para alguns, sem brilho para outros”. Foi nesse lugar “melancólico” que o Romantismo pôde se desenvolver, “já que os românticos viam na garoa o mistério e a melancolia da Londres de Byron” (DCaM, p.90). Morse aproximava-se dos românticos e dos modernistas, compartilhando com eles apreciações e gostos, formulando juízos e interpretações no diálogo com as ideias expressas nas suas obras mas também naquelas experiências.

Portanto, o autor de *Macário* e *Noite na Taverna* seria visto “não somente” como “símbolo da adoção ‘consciente’ dos padrões específicos estrangeiros pela cidade, como também de uma fusão multiforme e ‘subconsciente’ de elementos que racionalmente não se podem discernir”, podendo revelar o momento de ambiguidade vivido pela cidade. O poeta unia em sua “personalidade”, ao mesmo tempo, o “nihilismo poético e o pragmatismo esclarecido [...] ambos correntes românticas. Mas [que] dificilmente se fundiram num homem só”, como aconteceu naquele escritor. “*Tal como a cidade em que vivia*, [Alvares de Azevedo] foi compelido a fazer uma seleção entre as culturas estrangeiras, e a refundir esses elementos”. Por isso Morse reconhecia em seus discursos (seja na prosa, seja na poesia) – nessa síntese eclética que ele via possível no Novo Mundo, onde se mesclara a civilização europeia às outras raças e culturas, para “produzir uma raça mais forte, uma civilização mais bela, uma literatura mais rica” –, a tradução da própria cidade, ela também buscando uma síntese entre a modernização e a permanência das suas tradições (apud DCaM, pp. 92-4, grifo meu)¹⁴⁵.

Para Morse, a peça *Macário* era a obra que mais revelava o que teria sido São Paulo àquele anos para Morse “pois sua ambivalência romântica se fixa diretamente na própria cidade”. Após transcrever um longo trecho do encontro do estudante com o Satã, na entrada daquela “terra devassa como uma cidade, insípida como uma vila e pobre como uma aldeia”¹⁴⁶, o historiador se valia da leitura de alguns críticos, entre eles Silvio Romero (1851-1914), que apontavam ali a verdadeira literatura paulista. Citava também Mario de Andrade e Alcântara Machado, poetas modernis-

145 Morse apontava que Azevedo antecipa em 75 anos a “*raça cosmica*” do mexicano José Vasconcelos, e podemos lembrar como o tema de uma “nova raça” esteve muito presente na década de 1920 em São Paulo na pena de um Menotti del Picchia, que buscou ver na capital paulista o celeiro do “novo brasileiro”, formado na mescla das “três raças fundadoras” com as novas etnias imigrantes que aportavam ali naqueles anos. Cf. Castro, op. cit., 2008, pp. 207-240.

146 Trecho da fala do Satã para Macário que está inserido na seguinte estrofe: “Não é o hábito que faz o monge. De mais, esta terra é devassa como uma cidade, insípida como uma vila e pobre como uma aldeia. Se não estás reduzido a dar-te ao pagode, a suicidar-te no *spleen*, ou a alumiá-lo o rolo, não entres lá. É a monotonia do tédio. Até as calçadas!” (Citado em DCaM, p.94).

FIG.9 Romantismo em São Paulo: Álvares de Azevedo (1831-1855), autor de *Macário* (1852) e de *Noite na Taverna* (1855)

tas que a consideravam a maior realização teatral brasileira, o que evidenciava para Morse “o quão intimamente estava ele [o autor] identificado com a cidade” (*DCaM*, p.94). O historiador transcreve em seu texto onze estrofes nas quais o Satã basicamente narra para Macário como São Paulo “não vale a pena”: pobre, provinciana, tediosa. Mas é por meio desses escritos que Morse pode mostrar que a cidade enriquecia, desprovincianizava, movia-se enfim.

Para fazer isso, o historiador também mesclou a literatura com apreciações sobre o próprio espaço urbano que ele elaborava em seu texto valendo-se de estudos acadêmicos que começavam a surgir – sobretudo pela ação da USP e da ELSP –, juntamente aos documentos oficiais, como as atas e os relatórios provinciais que prestavam conta das primeiras transformações urbanas de maior escala vividas em São Paulo em meados do século 19. Voltava-se assim à descrição material das transformações urbanas, apresentando “os índices do aceleramento cultural” vivido pelo núcleo estudantil. Notava o surgimento e o incremento dos jornais e demais publicações, consumidos pela elite intelectual acadêmica, que passava a protagonizar a vida urbana com suas festas, teatros, passeios, etc., ainda que “nos pontos de maior importância” aqueles estudantes permanecessem “leais ao *ethos* histórico de São Paulo”. Morse afirmava que embora não restasse dúvida de que havia sido por meio da presença dos estudantes na cidade que São Paulo emergiu do “rude provincianismo para a consciência de si própri[a]”, as ações desses mesmos estudantes, “que aceleraram e elaboraram” de modo distinto a vida na cidade, “todavia [não] alterar[avam], o ritmo do processo vital” dela (*DCaM*, p.105).

Ora, havia mudança, mas não rompimento. O passado continuava informando

FIG.10 Novos humores: hotéis e pensões, casas fotográficas, lojas e pequenas fábricas começam a surgir em São Paulo

o presente, sustentando *mentalmente* o surgimento da metrópole. Havia modernização sem se esquecer da tradição. Se os anos românticos viram afrouxar “a tesa rede dos costumes e superstição”¹⁴⁷, era porque na comunidade colonial todas as atividades se davam no interior de instituições coloniais (como a família patriarcal, a Igreja e a fazenda). A cidade que recebera a Academia, entretanto, pedia novos espaços e novas instâncias, explodindo aquele primeiro círculo de relações. Em 1839 a Câmara autorizou a abertura do primeiro salão de bilhar; às quartas e sábados estudantes organizavam passeios a pé ou a cavalo ou propunham passeios de barco no rio; e logo surgia o daguerreotipo, como Álvares de Azevedo contou para seus pais em uma de suas correspondências:

Por aqui lavrou uma mania de daguerreotipar-se... Não há estudante que não se tenha retratado ou não pretenda retratar-se [...]. E não são só os estudantes os contagiados; a moléstia vai se espalhando e o médico vai lucrando. (DCaM, p. 103)¹⁴⁸

147 Morse descreve uma série de incidentes protagonizados pela estudantada na cidade para mostrar como as crenças e superstições começavam a ser contestadas, numa clara mostra de avanço da razão objetiva sobre os costumes. Entretanto, num deles, conta como um estudante espalha um boato na cidade através de sua lavadeira – ação possível apenas numa pequena vila onde os contatos ainda se faziam familiares (DCaM, pp.98-100).

148 Carta citada de Álvares de Azevedo, de 26 de maio de 1848. O poeta notava o poder da moda e a preponderância do lucro na nova sociedade.

dando início às transformações da cidade em fins do século 19

Em 1855 apareceram os primeiros hotéis – comparáveis àqueles de “Boston, Liverpool ou Genebra”, como afirmava um viajante¹⁴⁹ –, que, embora modestos, levavam para um “terreno ‘neutro’ as *soirées* do sobrado patriarcal”. O teatro também ganhava vigor, ainda que dominado pelos estudantes que apresentavam as suas tragédias, farsas, melodramas e pantomimas (DCaM, p.104). Os exemplos se somavam para mostrar que a cidade foi tomando “consciência” das possibilidades novas “para a vida individual e para a vida social” e que os paulistanos, no meio do século 19, começavam a “avaliar sua civilização e suas tradições regionais, enriquecê-las e diversificá-las pelo enxerto de novos modos e valores”, ainda que, insisto, sem perder a *especificidade* que os caracterizava, forjada já nos anos coloniais. Desse modo, Morse podia concluir que nos anos do Romantismo, ao menos para os cidadãos instruídos ou de classe superior, a vida de fato se tornava “mais livre e menos moldada por um padrão unitário”, oferecendo-lhes maiores possibilidades e escolhas:

Ao lado portanto de muitos vestígios coloniais que persistiam pela inércia ou pelo carrancismo, certos elementos tradicionais passavam no período do romantismo por nova avaliação e transformação. (DCaM, p.105)

Se o *leitmotiv* da transformação da cidade foi a Academia de Direito, era porque a cultura letrada representada pela escola, e toda a sorte de transformações que ela implicou, fez dela

149 Morse citava J. C. Fletcher, *Brazil and the Brazilians* (1845).

a responsável maior pela transformação do *ethos* paulista naqueles anos, ligando-se aos demais catalisadores, imprensa e burocracia estatal. A Academia já havia sido vista como um polo gerador de mudanças pelos próprios contemporâneos, autores que relatavam seus tempos de escola em memórias e reminiscências. Mas outros que buscaram analisar a cidade contemporaneamente a Morse, como Silva Bruno, que dedicara um de seus volumes ao “burgo de estudantes”, e Brito Broca (1903-1961), que pretendia descrever a “vida literária no Brasil” e recuperar a importância da literatura romântica que se desenvolveu por causa da Academia (tanto em São Paulo como em Recife, há que se notar), também contribuíram para mostrar a centralidade daquele espaço no desenvolvimento paulista¹⁵⁰. O norte-americano diria entretanto que, após um primeiro impulso simbolizado pela sua fundação, a Academia arrefeceu em sua potência transformadora, traduzido na queda no número de matrículas, para em seguida, “no espaço de uma geração”, ressurgir e mostrar como “já estavam incorporadas no padrão brasileiro de valores as novas dimensões de indagação e abstração de que ela era o símbolo, e as novas carreiras urbanas, de natureza literária ou jurídica, que propiciava” (DCaM, p.97). Levando adiante o raciocínio, Morse completava que o “renascimento da Academia de Direito” sugeria a ele duas hipóteses complementares:

que ela se adaptava às necessidades dos tempos e que *São Paulo* (mais as outras regiões de onde vinham os estudantes) *começava a exigir* um novo tipo de cidadão mais instruído e dotado de uma visão inteiramente nova das coisas. (DCaM, p.99, grifo meu)

Para o historiador, os estudantes corroíam a velha ordem colonial pelas “ações zombeteiras e menos carrancudas”, e suas demandas levavam a transformação real da cidade, que precisava se adaptar à nova população forasteira, fazendo-a adquirir uma nova personalidade. O “tema” de Morse então se impunha: “a consciência da cidade no meio-século de novas possibilidades de vida individual e social” (DCaM, p.105). É interessante perceber como o historiador tece a rede que torna a cidade inteligível na mescla de documentos, depoimentos e literatura. O texto *Macário* lhe fornece “a visão ampla e espontânea da cidade”, porque escrita sem o objetivo de descrevê-la ou explicá-la, provê imagens mais diretas da própria transformação. Morse constrói suas hipóteses no embate direto com o texto literário, que ele mobiliza não como comprovação de uma tese ela-

150 Cf. Ernani da Silva Bruno, *História e tradições da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, v.2 e Brito Broca, *A vida literária no Brasil em 1900*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, 1950. Confirmava-se sua “opção” pelas letras e não pela economia.

borada *a priori*, mas como fio condutor de um raciocínio que se apoia na própria matéria literária bem como na experiência do escritor. É aquela matéria romântica que o leva ao que ele chamou de “triunfo do abstrato”. Sua tese parece ter sido elaborada, ela também, no embate com a cidade e com outras formulações que surgiam naqueles anos. A mais importante delas para compreender seu pensamento sobre a cidade parece ter sido a levada a frente por Antonio Candido.

Àquela altura ainda professor assistente de Sociologia na USP, Antonio Candido já se tornara um nome conhecido no meio intelectual, publicando suas críticas inicialmente na revista *Clima* e em seguida nos rodapés dos jornais *Folha da Manhã* e *Diário de S. Paulo*, chegando a conceber o “Suplemento Literário” para *O Estado de S. Paulo* em 1956. Desde 1945 Antonio Candido estava escrevendo uma história da literatura brasileira, à convite do editor Martins, que finalmente se transformou, como se sabe, num estudo sobre a literatura brasileira no qual o Arcadismo e o Romantismo seriam entendidos como momentos-chave de formação do que ele chamou de sistema literário brasileiro¹⁵¹. Morse e Candido se conheceram na Universidade e desenvolveram uma amizade duradoura. Candido o introduziu a seu círculo mais íntimo (o “grupo Clima”) e do meu ponto de vista não foi uma figura menor nas elaborações de Morse sobre o papel da literatura na compreensão da cidade. No ano da primeira edição do livro de Morse no Brasil, quando as comemorações do IV Centenário também movimentavam o meio literário, Antonio Candido publicaria no jornal *O Estado de S. Paulo* o artigo “A literatura na evolução da comunidade”, buscando

delimitar produções e autores segundo o critério mais compreensivo e certo da participação na vida social e espiritual da cidade. Esta apresenta algumas características e é compreensível que a sua influência marque literariamente os que nela vivem, de modo mais forte que as do lugar onde nasceram.¹⁵²

Candido caracterizava as “diferentes etapas da literatura brasileira em São Paulo”, reconhecendo a “ligação orgânica entre produção literária e vida social”¹⁵³. Seu objetivo explícito era a análise literária feita a partir da relação com a cidade, nesse caso específico, com a cidade de São Paulo, deixando a análise estética um pouco de lado no ensaio. Se uma obra é única, a “literatura é

151 Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1959, 2v. Obra “cuja concepção original remonta à segunda metade dos anos 1940”, cf. Arantes, 1997, p.12.

152 Antonio Candido, “A literatura na evolução de uma comunidade” [1954]. In: *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo: T. A. Queiróz, 2000, pp.139-68, p. 142.

153 Id. Ibid.

coletiva”, e por isso ela serviria de índice de compreensão da vida social. A literatura, para Candido, requereria “uma comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobilizava afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento” para chegar no seu objetivo, que é a comunicação¹⁵⁴.

Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que informe a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo¹⁵⁵.

A ideia de sistema que caracterizará a apreciação de Antonio Candido sobre a formação da literatura brasileira aparece em elaboração nesse momento para pensar a literatura paulista. Segundo esse critério, só haveria literatura em São Paulo a partir da Independência, e notadamente depois do advento da Faculdade de Direito do Largo São Francisco (ainda que antes, na segunda metade do século 18, já se esboçassem as condições para que uma literatura paulista pudesse surgir, havendo portanto “manifestações literárias”, como Candido formaliza no seu livro de 1959). Morse viu na Academia o estabelecimento da possibilidade de São Paulo ser entendida como cidade. Candido, da cidade abrigar uma literatura – que só é possível quando a cidade se estabelece enquanto tal, onde pode existir o que o crítico chama de sistema literário – livro, autor e público, ou dito mais precisamente, obra, escritor e tradição literária. Características que ajudam Morse a definir a própria cidade. Só quando esse sistema se rotiniza é que passamos a ter uma literatura propriamente. Ou, se quisermos, só quando esse sistema se rotiniza é que São Paulo se torna “cidade”.

Muito já se escreveu sobre as teses de Antonio Candido sobre a formação da literatura brasileira, e não cabe aqui discuti-las¹⁵⁶. Mas é importante retomar que o crítico buscava em seu trabalho elaborar menos que uma história da literatura, uma história da *formação* da literatura,

154 Id., p. 139.

155 Id., p. 140.

156 A esse respeito, cf. Arantes, op. cit., 1992 e 1996; Roberto Schwarz, “Sobre a Formação da Literatura Brasileira” e “Os sete fôlegos de um livro”. In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 17-23 e pp. 46-59; Leopoldo Waizbort, *A passagem dos três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007; entre outros. Roberto Schwarz apresenta as críticas ao livro, notadamente a de Haroldo de Campos, que acusa Candido de ter “sequestrado” o Barroco dessa história.

a partir da análise de seus “momentos decisivos”, justamente o subtítulo da obra mestra que ele publica em 1959¹⁵⁷. E que, naquele artigo de 1954 especificamente, no qual a cidade de São Paulo é analisada a partir da sua literatura, aliás, desde suas primeiras manifestações literárias, a partir de José de Anchieta, seu objetivo era sugerir “as formas de sociabilidade intelectual, e da sua relação com a sociedade, na caracterização das diferentes etapas da literatura brasileira em São Paulo”¹⁵⁸. Tal texto certamente era elaborado no bojo das discussões que ele levaria a frente em sua obra, ainda que o autor afirmasse nesse caso o ângulo de visão do sociólogo, para poder “reconhecer no processo evolutivo [da cidade] cinco momentos, socialmente condicionados, desde estes primórdios toscos até a atividade intensa dos nossos dias”¹⁵⁹. Buscava com isso mostrar “a ligação orgânica entre produção literária e vida social”¹⁶⁰, que, insisto, parece ser base da compreensão de Morse sobre a cidade.

Vale a pena recuperar os argumentos principais deste ensaio de Antonio Candido, na medida em que se nota essa ligação estreita entre os argumentos dos autores, e mais que isso, uma forma específica de encarar aquelas cidade e sociedade em ambos os trabalhos, já que Morse buscava compreender em última instância a *formação* da metrópole. Candido dividia a cidade em cinco fases, cinco momentos literários, ou mais precisamente, cinco “grupos” letrados. O primeiro deles, que ele nomeia de “um grupo virtual”, contava com intelectuais que ajudaram a forjar uma perso-

157 *Formação da literatura brasileira* é lançado em 1959, portanto estava sendo elaborado naqueles anos, juntamente, é preciso que se diga, à tese sobre a desagregação do mundo rural na região de Bofete, *Os parceiros do Rio Bonito*. Para uma apreciação sintética do livro originado da tese em Sociologia, e essa coincidência de elaboração, cf. Fernando Henrique Cardoso, “A fome e a crença (sobre *Os Parceiros do Rio Bonito*)”. In: *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, pp. 89-100 e Luiz Carlos Jackson, *A tradição esquecida. Os Parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. UFMG/Fapesp, 2002. Voltaremos ao ponto.

158 Candido, op. cit., 2000, p. 143. O exemplo que Candido dá sobre a colônia coincide com Morse em sua apreciação no mestrado sobre a inexistência das artes no período colonial paulista, ainda que o norte-americano àquela altura não salvasse ninguém: a cidade não podia “fingir ser a Atenas do Novo Mundo”, pois nem um cronista de mérito havia, (*SPEY*, p. 100).

159 Candido está nesse momento buscando definir seu espaço na universidade. Defende sua tese de sociologia em 1954 ao mesmo tempo em que é um crítico literário já conhecido. Presta um concurso para a Faculdade de Letras da USP e não é aprovado, mas em 1958 opta definitivamente pelas Letras, mudando-se para Assis, onde assume o cadeira de Teoria Literária da Unesp. Sobre essa passagem e as indefinições que o intelectual parece viver justamente no período que Morse está em São Paulo até a publicação do livro, cf. Rodrigo Martins Ramassote, “Antonio Candido em Assis e depois”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, São Paulo, n. 50, mar., 2010, pp. 103-28.

160 Antonio Candido, op. cit., [1954] 2000, p. 140. Ou seja, não é nesse caso a apreciação estética (que caracteriza seu trabalho crítico nos demais textos citados).

nalidade “paulista”: Frei Gaspar da Madre de Deus, Pedro Taques de Almeida e Claudio Manoel da Costa. Para Candido estes três autores engendraram:

A consciência heroica do passado, emergindo do sentimento nativista, [que] aparece como recurso de integração; como justificação de uma sociedade em crise de reajustamento de suas atividades. Daí o recurso à história, por meio da qual se cristaliza a tradição, projetando no plano ideológico os valores grupais, que deste modo se organizam.¹⁶¹

Teriam feito isso pela consciência de uma estirpe, na *Nobiliarquia*; pela definição de uma sequência histórica, nas *Memórias para a História secular da capitania de São Vicente*; e pela transfiguração épica, no *Vila Rica*, de Claudio Manuel da Costa:

Debruçados sobre o passado da terra, os três homens procuram traçar a sua projeção no tempo, irmanados pelo sentimento de orgulho ancestral e a consciência de dar estilo aos duros trabalhos que plasmaram metade do Brasil. A verdade e a fantasia irmanam-se igualmente no seu labor, e dele sairá a primeira visão intelectual coerente da grande empresa bandeirante.¹⁶²

O crítico recuperava como Frei Gaspar criara as bases do Romantismo ao valorizar o índio, para na sequência Pedro Taques aristocratizar as Bartiras em “princesas de sangue brasílico”. Vê-se pois que um “paulistanismo” já aparece ideologicamente configurado, norteando as obras dos três escritores e nutrindo as suas relações, além de perceber-se nelas “as tonalidades características que serviriam para caracterizar a consciência do paulista moderno, e que operariam como poderosa arma de sentimento de classe, de um lado, e de assimilação dos forasteiros, de outro”, sobretudo na década de 1920¹⁶³.

Em seguida, Antonio Candido identificava o que ele chamou de o “grupo real”, ligado a um pré-romantismo que se estabelecera com a criação da Faculdade de Direito, desempenhando para ambos os autores, como vimos, um papel decisivo na literatura em São Paulo¹⁶⁴. Para Morse, aliás, o papel era decisivo na própria constituição da cidade, o que num certo sentido vai na mesma direção da seguinte afirmação do crítico:

161 Id., p. 144. A “crise” em questão era o fim do período do ouro, a decadência das Minas, e a dispersão dos filhos paulistas, que os levaria a cantar o passado de glória.

162 Id., p. 145.

163 Id., pp. 145-6. Essa talvez a melhor das explicações sobre o mito bandeirante.

164 Id., pp. 147-57.

Menos escola de juristas que um *ambiente*, um meio plasmador da mentalidade das nossas elites do século passado. Bastante deficiente do ponto de vista didático e científico foi não obstante o ponto de encontro de quantos se interessavam pelas coisas do espírito e da vida pública, vinculando-os numa solidariedade de grupo, fornecendo-lhes elementos para elaborar a sua visão do país, dos homens e do pensamento.¹⁶⁵

Candido pretendia mostrar que a Academia possibilitou manifestações originais do ponto de vista da literatura; Morse, que essas manifestações contribuíram para formar o que ele entendia por cidade. O crítico mostrava em seguida como o “grupo se justapõe a comunidade”, observando sua atuação para a formação do burgo de estudantes (expressão que ele não usa). Se os estudantes antes tinham sido meninos de família como os outros, e depois seriam letrados, políticos e proprietários como os outros, no breve curso da Academia, porém, “foram algo diferente”, numa São Paulo que ainda não os assimilara. Mas justamente, foi desse caráter de exceção que se nutriu “a sua sociabilidade particular [...] e, finalmente, uma expressão intelectual própria”¹⁶⁶. Sentimento diferenciado na estrutura da cidade, a qual por enquanto se justapõe, sem propriamente se incorporar, caracterizando-se por uma consciência grupal própria, formalizada na “sociabilidade das repúblicas”. Antonio Candido estava bolando ali o circuito que ele apresenta em seu *Formação*, livros, leitores e crítica, como dissemos, e talvez seja na observação do momento em que a Academia se estabelecia em São Paulo que ele pode atinar com a potência desse esquema com mais clareza¹⁶⁷. Morse se valia de formulação semelhante para compreender quando e como São Paulo se tornava cidade. Vislumbrava essa passagem na transformação de um substrato cultural paulista forjado na colônia que paulatinamente ia se tornando mais híbrido, mesclado aos valores capitalistas, podendo então sustentar a própria modernização de São Paulo.

4.2. UM *ETHOS* ENTRE LOCALISMO E COSMOPOLITISMO: MODERNISMO NAS LETRAS, METROPOLIZAÇÃO DA VIDA URBANA

Se foi nos anos românticos que São Paulo se tornara verdadeiramente uma “cidade”, como defendeu Morse, para o sociólogo-crítico literário era no período subsequente, precisamente entre 1890 e 1910, quando “a comunidade absorvia o grupo”, que a cidade seria *outra*. No momento anterior

165 Id., p. 150, grifo meu.

166 Id., Ibid.

167 Ao falar do satanismo em Álvares de Azevedo, passa necessariamente pela ideia de uma comunidade da Faculdade de Direito que sustenta o surgimento do movimento romântico, e nesse sentido, ressalta a contribuição de São Paulo para a formação da literatura nacional, por constituir ali um sistema de livros, leitores e autores (Id., pp. 147-57).

tinha 70 mil habitantes, agora teria 240 mil. Vendo-se transformada em centro ferroviário, comercial, político e onde uma indústria começava a se esboçar, ali “não ha[via] mais escravos, os caipiras [iam] sumindo, chega[v]am magotes de italianos, espanhóis, portugueses, alemães”. A síntese é boa, mas para o que interessa de fato aqui, a sua conclusão apontava como ainda que *desprezível* do ponto de vista literário, “o importante foi que a comunidade absorveu a literatura, que deixou de ser *um grupo*”¹⁶⁸. Extrapolara-se os limites do grupo estudantil, contudo do ponto de vista estético adentrava-se num período duvidoso. Trata-se da literatura parnasiana, manifestação literária que Morse utiliza de forma instrumental, buscando as descrições de cenas e de momentos da cidade, como ele faz com o romance *A carne* (1888), de Julio Ribeiro. A perspectiva do historiador norte-americano nesse sentido é uma vez mais coincidente à de Candido, e por isso ele *não pode* eleger um “criador de símbolo” para tal momento – como fez com Alvares de Azevedo anteriormente e fará com Mario de Andrade depois¹⁶⁹. É como se um *ethos* moderno não estivesse ainda totalmente formado na cidade que se modernizava, fazendo com que houvesse naquela literatura apenas “um certo aristocratismos intelectual, certo refinamento de superfície, tão do agrado da burguesia, que nele encontra uma atmosfera confortável e lisonjeira”, nas palavras de Antonio Candido, e não um momento estético forte que rendesse também como acesso potente àquela cidade¹⁷⁰.

Morse citava uma cena do romance de Ribeiro em que a protagonista Lenita sonha em morar num palacete da Av. Paulista apenas para mostrar a “ostentação vulgar e sem distinção” que aparecia tanto no desejo quanto no dia-a-dia da moça, refletindo “de modo não muito falso o materialismo superficial *da cidade* [note-se, não da protagonista, mas da cidade] e o seu impulso para a ostentação nos gastos”. A novela era “em si indicativa: uma jeremiada áspera, meio zolaesca, meio darwiniana, destituída de arte ou compassividade” (*DCaM*, pp.204-5). Em uma palavra, a expressão do mau-gosto então reinante. Por isso, o movimento em foco no livro era antes aquele ligado às ideias, não propriamente “literário”. Morse então afirmaria que “o único conjunto de princípios que havia para estrutura racionalmente a sociedade econômica nascente era o positivismo” (*DCaM*, p.169)¹⁷¹. Mas quando em seguida o modernismo literário tornou-se expressão corrente da comuni-

168 Id., pp. 157-60.

169 Lembre-se que num artigo de 1949, Morse diferenciava “um romancista de primeira” de “um de segunda”, cf. Morse, op. cit., 1949, p. 46.

170 Candido, op. cit., [1954] 2000, p. 158.

171 Para Morse, entretanto, “era apenas no espírito de alguns que [o positivismo] precariamente se introduzira”, nesse período em que o capitalismo, embora “não plenamente desenvolvido” se difundia e efetuava grandes transformações. (*DCaM*, p. 169).

FIG.11 Avenida Paulista: sonho de consumo da personagem Lenita, de Julio Ribeiro

dade, foi porque finalmente um *ethos* moderno se constituiu – momento que Candido define como sendo quando “o grupo de desprende da comunidade”¹⁷². Entre 1922 e 1935, afirma o crítico, viveu-se em São Paulo uma

profunda renovação literária, estreitamente ligada à constituição de um agrupamento criador, como era o dos estudantes românticos; não mais justapostos à comunidade, todavia, mas formado a partir dela, *oriundo de sua própria dinâmica*, diferenciando-se de dentro para fora – por assim dizer.¹⁷³

Antonio Candido, que justamente historicizava ali o movimento acontecido há três décadas, assumia aquela que se tornou a interpretação corrente, a de que em São Paulo pôde surgir um movimento renovador porque não sendo a capital, era ainda uma cidade provinciana em que essa renovação pudera reverberar. Fosse a capital federal, tudo aquilo seria encarado como um grupo de jovens que postulava algo novo, mas sem qualquer consequência duradoura. Além disso, havendo em São Paulo uma elite mais ou menos esclarecida, também esta exerceu um papel importante, apoiando-os quando necessário, comprando suas obras e os colocando em contato com as vanguardas europeias, ao manter salões que se tornaram o ambiente propício para aqueles jovens

172 Candido, op. cit., [1954] 2000, pp. 160-5.

173 Id., p. 160, grifo meu.

serem modernos. Ao seguir caminho semelhante na compreensão da vida intelectual paulista, Morse afirmaria que “coube a geração nascida depois de 1890 explorar plena e livremente os contornos e os símbolos dos temas do século 20” (*DCaM*, p.274). Para tanto, o norte-americano teve que se valer das poucas apreciações críticas existentes sobre o modernismo àquela altura: alguns artigos de jornal publicados por Brito Broca; textos de participantes do movimento, notadamente Guilherme de Almeida (1890-1969) e Mario de Andrade, com os artigos “São Paulo e o espírito moderno” (1927) e “O movimento modernista” (1942) respectivamente; o artigo de Oswald de Andrade Filho (1914-1972), o Nonê, “Desenvolvimento da arte moderna em São Paulo, 1947” (de quem se tornou amigo), e o “Retrato da arte moderna no Brasil” (1948) de Lourival Gomes Machado (1917-1967), já citado aqui. Um primeiro momento de historicização do movimento modernista estava se dando portanto naqueles anos 1940, e nesse horizonte, o texto de Mario publicado em 1942 é fundamental. Balanço feito por um dos protagonistas do movimento como uma conferência na Universidade do Brasil, esse texto teve capital importância por definir os caminhos da crítica daí em diante. A primeira frase apresenta o tom geral, revelando a intenção de colocar o movimento no fluxo da história, valorizando seu espírito aglutinador:

Manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um espírito nacional.¹⁷⁴

Mais adiante, sobre o fato do modernismo ter desabrochado na província, lembrava Mario que

o Rio era muito mais internacional, como norma de vida exterior. Está claro: porto de mar e capital do país, o Rio possui um internacionalismo ingênito. *São Paulo era muito mais moderna*, porém, fruto necessário da economia do café e do industrialismo consequente. Caipira de serra-acima, *conservando até agora um espírito provinciano servil*, bem denunciado por sua política, São Paulo estava ao mesmo tempo, pela sua atualidade comercial e pela sua industrialização, em contato mais espiritual e mais técnico com a atualidade do mundo.¹⁷⁵

Moderna e provinciana ao mesmo tempo, foi nessa cidade que literatos “caipiras de

174 Cf. Mario de Andrade, op. cit., 1942.

175 Id. Ibid., grifos meus. No artigo Mario retoma a importância da figura de Paulo Prado, bisneto do cafeicultor Antonio Prado, que em sua aristocracia “justificada no trabalho secular da terra e oriunda de qualquer salteador europeu” pode então “arriscar a sua responsabilidade intelectual e tradicional na aventura”.

serra-acima” puderam lançar as bases da vanguarda brasileira, atualizando os ponteiros da arte nacional, inclusive – ou sobretudo – por terem que se haver com o próprio Brasil como matéria artística. Antonio Candido, como se viu, seguiu na trilha aberta pelo próprio Mario, e ao destacar em seu ensaio que tanto Romantismo como Modernismo haviam sido momentos notadamente paulistas da literatura nacional, “dois momentos em que a cidade se projet[ou] sobre o país, e procur[ou] dar estilo às aspirações do país todo”, mostrava também como “literatura e cidade, ambas se explicam e se complementam, se as quisermos ver solidariamente”¹⁷⁶. Era nessa “solidarização” que fazia sentido compreender a história da cidade por meio de sua literatura. A ideia de *manifestação literária* de Candido que ia de par com a percepção de Morse de que São Paulo só seria cidade, pelo critério da vida intelectual, depois da Faculdade de Direito, se explicitava uma vez mais quando o crítico mostrava como que então os literatos recebiam prontos os instrumentos do trabalho mental¹⁷⁷. Para Candido,

o Modernismo não foi apenas um movimento literário, mas, como tinha sido o Romantismo, *um movimento cultural e social de âmbito bastante largo*, que promoveu a avaliação da cultura brasileira, inclusive porque coincidiu com outros fatos importantes no terreno político e artístico, dando a impressão de que na altura do Centenário da Independência (1922) o Brasil efetuava uma revisão de si mesmo e abria novas perspectivas, depois das transformações mundiais da guerra de 1914-1918, que aceleraram o processo de industrialização e abriram um breve período de prosperidade para o nosso principal produto de exportação, o café.¹⁷⁸

Era nesse sentido que a década de 1920 seria especialmente propícia para se flagrar o surgimento de uma literatura nacional, mas mais que isso, quando se veria surgir uma literatura que se colocava em pé de igualdade com as literaturas europeias. Antonio Candido, como se sabe, cunhou a expressão “desrecalque localista” para os efeitos da literatura modernista na nossa so-

176 Candido, op. cit., [1954] 2000, p. 165.

177 Candido, op. cit., 2004, p. 21.

178 Id., 2004, p. 88, grifo meu. Ora, de fato a apreciação crítica do modernismo latino-americano já assinalou esta característica da vanguarda na periferia: distintamente das vanguardas centrais, não era levada adiante pelos migrantes metropolitanos, mas no geral por membros da própria elite saudosistas de uma cidade na qual não se reconheciam mais, mas, mais importante, “o problema da vanguarda local não esteve planejado em termos de encontrar uma fórmula universal para o novo tempo”, e sim em termos de “reencontrar o rosto esquivo da identidade nacional”. Desse modo, não houve “instituições a serem demolidas”, seu problema foi antes o da “construção de tradições e instituições para conter o que se percebia como evanescência do atual na babel metropolitana”. Adrian Gorelik, *Das vanguardas à Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. (Trad. Maria Antonieta Pereira). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p. 58. Ver também Beatriz Sarlo, *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1988.

cidade: onde os românticos apelaram para o nacionalismo, os modernistas apelaram para a piada, fazendo render o que antes nos envergonhava¹⁷⁹. O trabalho de Morse, num certo sentido, pode ser visto também como uma tentativa de “desrecalcar” a capital paulista frente às capitais e metrópoles centrais, ao propor haver aqui uma cultura própria, híbrida entre o *ethos* católico e o capitalista, mas também moderna¹⁸⁰. Não era à toa que Morse via o nascimento da metrópole naquele momento, na década de 1920.

Mas que espécie de metrópole era São Paulo? O próprio Antonio Candido nos dá o testemunho sobre como a sua geração “teve a sorte de observar de perto os artistas e os escritores famosos que admirava, [...] numa cidade que acabava de completar um milhão de habitantes e em cujo centro concentrado (se for possível falar assim) as pessoas se conheciam de vista”¹⁸¹. Claro está que as pessoas que se “conheciam de vista” eram justamente estes intelectuais, alunos e professores da Faculdade de Filosofia ainda sediada no edifício Caetano de Campos na praça da República (transferida para a rua Maria Antonia em 1949) e que circulavam pela escola, nas poucas livrarias, nas pouquíssimas galerias, nos bares, cafés e confeitarias concentrados no centro, por onde também passavam os artistas e intelectuais que eram por eles admirados, fazendo da rua Barão de Itapetininga o epicentro da sociabilidade universitária. Do Teatro Municipal à Escola Normal, passando pela Confeitaria Vienense na rua barão de Itapetininga e pela Livraria Jaraguá (esta na rua Marconi), a *intelligentsia* paulista via e era vista por ali¹⁸². Em seguida, os dois museus de arte, Masp e MAM, ambos fundados em 1948 e sediados no edifício dos Diários Associados na rua Sete de Abril, inseriam as artes visuais nesse circuito cultural e passavam a disputar o reduzido público intelectualizado com mostras de arte, cursos livres e palestras. Tudo isso no *centro novo* da metrópole – como preconizara Prestes Maia – a região da Praça da República, onde também a maioria dos cinemas se instalaram, fazendo da Ipiranga e da São João a Cinelândia paulista. Antonio Candido notava também como naqueles anos “o que se chama de Modernismo, nas artes e na literatura, só então estava ficando pão cotidiano” ao lembrar que tal movimento interessava a eles “sobretudo

179 O expressão, de cunho psicanalítico, é usada por Candido para mostrar como o modernismo assimila a vanguarda europeia com uma “inversão de sinais que transformava nossas deficiências em outras tantas superioridades”, como ele explica no artigo “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, citado em Arantes, op. cit., 1992, p.17.

180 Morse via isso mais claramente a partir da edição de 1958 e tentava a partir dali entender o motivo que levava a isso, e que cidade surgia dessa interação, como busco mostrar no capítulo 3.

181 Antonio Candido, “Clima”. In: *Teresina etc.* São Paulo: Ouro sobre Azul, 2007, p. 146.

182 Cf. Décio de Almeida Prado, op. cit., 1999, p. 25-43 e Alfredo Mesquita, “No tempo da Jaraguá”, In: *Esboço de figura*, op. cit., 1979, pp. 39-61.

FIG.12 Caipira e moderna como queriam os modernistas: rua da Liberdade, 1937 (fotografia de Claude Levi-Strauss)

como atitude mental”, menos até que como linguagem renovadora¹⁸³. Aparte o provincianismo que se percebe numa São Paulo que se metropolizava ao mesmo tempo em que ainda se contava nos dedos o número de intelectuais que podiam assim ser chamados, a cidade parecia realmente caminhar para uma modernização, ao menos no campo intelectual, tendo início aí o seu papel de metrópole cultural que se completa na década seguinte, muito em função das consequências da transferência da capital do país para Brasília em 1960¹⁸⁴.

183 Mas aqui se trata dos anos de Faculdade, dez anos antes da vinda de Morse. Nesse período ele elabora sua crítica do Modernismo que trás esse movimento para o centro da literatura nacional, a década de 1920 como ponto alto dessa manifestação. Cf. Candido, op. cit., 2007.

184 Sigamos aqui a formulação de metrópole como capital cultural: cidades que se apropriam de certas funções e se tornam centros de intercambio cultural, locais onde se preserva a tradição num determinado campo, onde se congregam as novidades mais significativas, onde se concentram os especialistas, onde as inovações são mais prováveis”. Seriam ainda “focos de atividade intelectual numa época em que a *intelligentsia* se ampliava, adquirindo mais autoconsciência enquanto casta, sentindo uma separação crescente em relação às ordens sociais dominantes e se orientando cada vez mais para o futuro e a crença na transformação”. Cf. Bradbury, “As cidades do modernismo”, op. cit., 1989, p. 77. Não à toa Maria Arminda pode tomar a década de 1950 como objeto de estudo para entender São Paulo como metrópole cultural, cf. Arruda, op. cit., 2001.

Morse coincide com aquele juízo, e expõe uma ideia geral sobre o significado do modernismo brasileiro no artigo “*Brazilian Modernism*” publicado em 1950 na *Hudson Review*, uma das primeiras apreciações sobre o movimento publicada num periódico fora do país¹⁸⁵. Nesse texto o autor recuperou as manifestações artísticas em geral, não apenas as literárias, passando pela música, artes visuais, arquitetura, etc., e, numa espécie justamente de balanço para apresentar ao leitor norte-americano um panorama das artes no Brasil, mostrava algo além do país exótico da Carmem Miranda e do Zé Carioca, uma “arte duradoura” que podia se orgulhar de nomes como Villa Lobos (1887-1959), Manuel Bandeira (1886-1968), Di Cavalcanti (1897-1976), Oscar Niemeyer (1907-2012), Lasar Segall, e, acima de tudo, do recém desaparecido Mario de Andrade. Ressaltando o diferente sentido do primitivismo nas vanguardas modernistas brasileiras, se comparado à Europa, Morse discutiu ali a busca de uma identidade nacional em relação a autonomia das artes, ponderando o iminente risco de provincianismo para uma arte que se baseasse de modo literal nas questões locais. Mas reconhecia que o Modernismo era a maioria artística brasileira – assim como afirmara Candido –, e via em Mario de Andrade a personificação do movimento. Outro nome a ser lembrado nessa aproximação a Mario é, mais uma vez, o de Luiz Saia. O arquiteto que privara da amizade de Mario por muitos anos, como vimos no primeiro capítulo foi fundamental para fornecer a Morse uma visão sobre a arquitetura e o urbanismo paulistas. Saia fizera o curso de Etnografia e Folclore do Departamento de Cultura, passando em seguida a trabalhar ao lado do poeta e o substituindo na chefia do Sphan após a sua morte¹⁸⁶. O arquiteto certamente contribuiu, junto a Antonio Candido, para que Morse mergulhasse na leitura dos trabalhos críticos do intelectual paulista, não apenas de literatura, mas nos ensaios dedicados à música, ao folclore e às artes, que aqui e ali serviriam para alimentar seus juízos sobre cada um desses temas. Por isso Mario de

185 Morse, op. cit., 1950. Salvo engano, apenas Roger Bastide já havia falado do modernismo brasileiro para os estrangeiros (se descontarmos as palestras de Oswald de Andrade na Sorbonne na década de 1920): o sociólogo francês, que desde sua chegada em São Paulo exercia uma crítica assídua nos jornais locais, analisando tanto a literatura como a arte modernista, em 1943 publica um artigo sobre Mario de Andrade no *Bulletin des Études Portugaises*, para o leitor estrangeiro portanto (A esse respeito, cf. Peixoto, op. cit., 2000, pp.81-2). Mas o modernismo brasileiro seria divulgado por Morse numa revista que, fundada em 1947 em Nova York, rapidamente adquiria proeminência na cena intelectual norte-americana. O que permite supor que Morse deve ter ganhado com isso alguns pontos na conta dos amigos paulistas.

186 A respeito da amizade entre Saia e Mario, cf. Paulo Roberto Masseran, “Diálogo atrevido entre a pedra e o tijolo, ou o popular e nacional na arquitetura brasileira, por Luiz Saia e Mario de Andrade”, Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp, 2011, pp.264-88. Tratava-se do curso de Etnografia e Folclore do Departamento de Cultura ministrado à convite de Mario pela antropóloga francesa Dinah Dreyfuss Levi-Strauss (1911-1999).

FIG.13 Modernismo: Mario de Andrade (1938) e *Macunaíma*, lançado em 1928

Andrade foi para Richard Morse o próprio “modernismo sintetizado, tanto seus valores como em grau menor algumas das suas deficiências”¹⁸⁷. Já em 1950 podia afirmar que

alguns de seus versos muitas vezes estavam entre os melhores do movimento. Seus contos e sua rapsódia *Macunaíma* abriram novos temas, uma nova linguagem brasileira para a ficção. [...] Ele foi capaz de criticar mas também indicou um caminho. Esse o seu valor para os mais criativos da nova geração que o seguiram: Drummond de Andrade, Portinari, o compositor Camargo Guarnieri [...], os romancistas do norte, os arquitetos, os historiadores e cientistas sociais.¹⁸⁸

Mas o mais importante, completava Morse, é que Mario soube que para se acreditar no Brasil, havia que se compreender suas tradições – pois só assim o artista teria um contexto de onde partir e aonde se ancorar. Nesse texto, o norte-americano sublinhou o papel do intelectual frente ao Departamento de Cultura – um ambicioso projeto de cultura num país onde “tudo esta[va] por fazer” – e por isso Mario de Andrade talvez “não fosse o líder do modernismo” apenas, mas tenha sido o *Modernismo*, “com sua iconoclastia e escondida nostalgia, o seu lirismo e sua consciência social. Modernista, também, com sua indecisão”. Morse testava o argumento que ele mobilizaria em seguida em seu livro. Consciente do risco do provincianismo, citava Machado de Assis como exemplo para afirmar que só mesmo se mantendo fielmente ligado à realidade e às particularidades da

187 Morse, op. cit., 1950, p. 149

188 Id., Ibid.

vida brasileira é que o artista alcançaria um valor duradouro que transcenderia o próprio trabalho¹⁸⁹. Aproveitando-se dessa formulação no livro, Morse destacaria entretanto o Mario de Andrade crítico, o Mario que caçoava do brasileiro que sabia perfeitamente o significado de “*singe*” mas era incapaz de supor que “*guariba*” fosse macaco, sem se valer de modo mais efetivo da prosa poética do *Macunaíma* (que ele iria analisar apenas na década de 1990)¹⁹⁰. Assim, mesmo reconhecendo que o nacionalismo era em geral restritivo, aprendia com Mario que o artista moderno estava a serviço de uma missão social, cuja emancipação havia de passar pelo local. O pêndulo entre localismo e cosmopolitismo – na imagem sintética de Antonio Candido – era aqui manejado para construir o lugar particular da arte brasileira moderna. Ainda que sem citá-los diretamente, o historiador congregava das apreciações dos amigos da revista *Clima*.

A partir da leitura de Leopoldo Waizbort em trabalho sobre a obra do crítico brasileiro, retomo aqui a sua sugestão para se prestar atenção ao subtítulo da obra-mestra de Candido, “momentos decisivos”, para voltar a Morse e insistir que também o norte-americano buscou, menos que recontar a história da cidade de São Paulo, notar *momentos decisivos* que mostravam uma cidade transformando-se em metrópole¹⁹¹. Romantismo e Modernismo são encarados, desse modo, como índices cruciais não apenas da literatura, mas de momentos em que *a cultura da cidade* – usando aqui o temo de Lewis Mumford caro à Morse – manifestou-se de maneira a revelar a “personalidade” da cidade, condensada nas próprias manifestações literárias. Waizbort afirma a respeito do livro de Candido:

Há uma *síntese* operante na *Formação*, mas não se pretende a completude; é possível um ponto de vista que, trabalhando *um conjunto de momentos, configura um todo*, – pois são *momentos decisivos* –, que contudo não tem a pretensão da completude.¹⁹²

Configurar um todo, sem a pretensão da completude parece ser a intenção da história da evolução urbana apresentada por Morse, na qual as distintas esferas da vida social se sobrepõem para dar ao leitor uma compreensão totalizante, sem entretanto encerrar a história a cidade num

189 Id.

190 Cf. Richard Morse, “Quatro poetas americanos: uma cama de gato”. In: *A Volta de Macunaíma: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria* (Trad. Paulo Henriques Britto). São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp 87-132. Nesse artigo Morse analisou os escritos de Mario em geral, ao lado de Oswald, T.S. Elliot e Williams Carlos Williams, buscando traçar paralelismos e afastamentos entre os modernismos brasileiro e norte-americano.

191 Cf. Waizbort, op. cit., 2007, p. 91.

192 Id., p. 92.

objeto fechado. Antonio Candido proporia em seu trabalho uma “outra história literária, *orientada por um problema*, a partir do qual se estrutura”¹⁹³. Desnecessário dizer que também Morse, “orientado por um problema”, qual seja, a passagem da comunidade à metrópole, vale-se dos momentos decisivos da cidade revelados por meio da sua literatura para constituir a história da cidade. Por isso a aproximação entre estes autores, Richard Morse, um jovem doutorando com pretensões literárias e, mais ainda, intelectuais (no sentido forte da palavra); e Antonio Candido, um também jovem professor em vias de migrar da sociologia para a crítica literária, e mais importante, afirmando a especificidade deste saber para conquistar seu lugar na Universidade¹⁹⁴ –, pode trazer alguns rendimentos para a análise da obra do primeiro. Waizbort destaca que Antonio Candido elegeu um determinado momento para começar a narrar a história da formação da literatura brasileira:

O ponto de partida não é início, mas apenas um ponto a partir do qual o historiador começa a desenrolar o novo narrativo de sua história, golpe de vista certo, ponto que revela a perspectiva adotada e que, se bem escolhido e moldado, deve servir de modo ótimo para a forma narrativa [...] que se almeja.¹⁹⁵

Morse, em sentido semelhante, desenrolou seu novo a partir da Independência, quando se notam (do seu ponto de vista) os primeiros influxos de mudança na pacata vila. Partindo dali, tratou de descortinar os “momentos decisivos” da evolução urbana da cidade, por meio de sugestões colhidas nos diversos campos da cultura, privilegiando a literatura, como estamos vendo, e sabendo aproveitar-se daquele momento em que um pensamento crítico advindo de uma certa tradição se afirmava em São Paulo. Para mim, foi sem dúvida nesse ambiente crítico que Morse pode formular sua história – de resto, lida e “aprovada” por estes mesmos intelectuais, como podemos ver na Introdução.

A despeito de estarmos aqui sublinhando as afinidades entre ambos, há que se dizer uma vez mais que o pensamento crítico paulista àqueles anos se formulava na Universidade de São Paulo a partir de uma ênfase materialista da história – se se nota que Candido buscava ressaltar um

193 Id., p. 96.

194 Esse o ponto da segunda parte do trabalho de Waizbort (op. cit., 2007). Entretanto, a afirmação de um saber específico, em Candido, não parece caminhar para a especialização estrita, corrente naquele momento na universidade paulista – antes, se vale justamente da sociologia como ponto de vista, inclusive para montar o seu sistema crítico, sem jamais abrir mão da perspectiva ensaísta.

195 Id., p. 167.

movimento dialético na própria formação da literatura¹⁹⁶ – o que não parece ser o caminho que se anuncia na obra de Morse. Sua compreensão da história da cidade tenderia menos a acentuar essa dialética e mais a ressaltar a construção de um *ethos* moderno (ainda que ligado à tradição) ao longo do século 19, e que chegava “formado” no século 20. Era para tanto que a literatura – e a cultura – lhe davam elementos. É certo que a cultura, a literatura, e mais precisamente o modernismo, não eram “utilizados” por Morse desinteressadamente. Ao contrário. Ao dar peso às manifestações literárias que colocavam São Paulo no mapa cultural do Brasil, Morse contribuía para a construção da própria identidade paulista que se configurava nestes anos, afirmando a proeminência da cidade, não apenas economicamente – o que era fácil de ser percebido pelo real desenvolvimento das forças produtivas já desde fins do século 19 e que acarretara transformações urbanas de porte –, mas culturalmente, ressaltando os momentos em que São Paulo de fato “importou” para a cultura “nacional”, ou para a constituição da mesma. Fazia isso tornando-se ele mesmo, Morse, parte de uma certa “tradição” historiográfica. O raciocínio é tortuoso, mas creio que ele pode ser melhor compreendido se tentarmos destrinchá-lo, ou melhor, se buscarmos pensar certas mediações entre as partes

Diferentemente de Candido, cujo materialismo interfere em sua identificação modernista, Morse parece ser um “modernista pleno”: o encontro com Mario e com o modernismo brasileiro parece mobilizar suas crenças e as fontes da sua formação, desde o vitalismo simmeliano e o essencialismo de Tannembaum, até a reivindicação vanguardista do “derrotado” do *new criticism*. São Paulo, mas o Brasil em geral, e em última instância a própria América Latina, seria o *deep South* de Morse, o mundo de complexidade social e de riqueza cultural que ele deveria revelar para o ensimesmado (e portanto, provinciano) público norte-americano. Por isso o entusiasmo sem fissuras ante o núcleo denso do *ethos* paulista que se revela, e em primeiro lugar a si mesmo, como um universo de original criatividade. E daí também a diferença sutil mas intransponível com a perspectiva de Antonio Candido – também fortemente marcada pelo modernismo – mas que em geral busca estabelecer uma distância crítico-analítica a respeito da trama social na qual a obra literária surge. Poderia se dizer que ambos pretendem entender a sociedade dentro dos próprios núcleos de elaboração estética da obra literária. Mas que, com a figura do *ethos* (no sentido vitalista de *forma social*), Morse desenha uma essência cultural da sociedade como um todo, na qual a obra de arte é ao mesmo tempo emancipação e vanguarda (e portanto, sua criatividade e originalidade reverberam como

196 O que depois foi lido por seus comentadores como a revelar a própria dialética da formação nacional, cf. Arantes, op. cit., 1992.

qualidades sobre o conjunto social). Enquanto isso, o materialismo de Candido parece levá-lo a uma visão mais crítica das divisões sociais presentes (a sua maneira) na obra. Porém, justamente por essa diferença de princípio, tanto ideológica como idiossincrática, é tão interessante comprovar a produtividade dessa amizade intelectual.

É desse modo portanto que sem estar necessariamente de par com um pensamento materialista, mas também radicar no presente seu olhar histórico – ou o que Candido chamou de “perspectiva atual” – que Morse buscou na sua obra os “momentos decisivos de uma estrutura histórica em processo”¹⁹⁷, fazendo da história um instrumento de intervenção nesse presente. Ao narrar a história da cidade, vendo-a inicialmente como uma cidade particular no universo latino-americano, Morse pôde concluir que haveria a possibilidade de São Paulo caminhar para uma metropolização no mínimo distinta da experiência metropolitana dos países centrais, e mais especificamente, da própria experiência norte-americana. Isso porque a perspectiva da metropolização paulista não dispensaria a experiência da “comunidade”, antes o contrário, buscava manter certas características dela. Portanto, do seu ponto de vista em São Paulo não previa jogar fora “a tradição” em nome de uma modernização massificadora, mas quem sabe construir uma nova tradição, da qual ele mesmo como intelectual toma parte. Voltemos às intenções de Antonio Candido, que publica seu “livro de crítica, mas escrito do ponto de vista histórico” lendo as obras literárias não autonomamente, antes integradas num “sistema articulado” que as faz influir sobre a elaboração de outras, “formando, no tempo, uma tradição”¹⁹⁸. Ora, nessa tradição o próprio crítico toma parte, pois a tarefa da crítica também faz parte do sistema literário. Sendo assim, sua crítica é também criação. A deriva permite ainda retomar a afirmação de Morse, citada no início do capítulo, sobre o ato de escrever a história. Tal ato deveria “ser visto como uma coisa semelhante à criação, e, em certo sentido, como uma obra de arte”¹⁹⁹. Como diz o próprio Antonio Candido apresentando justamente Morse ao leitor brasileiro em outra oportunidade:

197 Waizbort, op. cit., 2007, p. 134.

198 Antonio Candido, *Formação...* citado por Waizbort, op. cit., 2007, p.138. Tomemos ainda a explicação de Roberto Schwarz sobre a ideia de tradição para Candido: “Antonio Candido tem um conceito materialista e não tradicionalista de tradição. Esta vale e pesa, mas por razões que não se esgotam no âmbito dela mesma ou de seus defensores. Ela comporta usos diversos, conservadores ou transformadores [...]”. Cf. Schwarz, op. cit., 1999, pp. 17-23, p. 20. Ao concordarmos com essa leitura podemos também pensá-la para o caso de Morse, que quer de certa forma recuperar, ou traçar, o caminho de uma tradição entrevisto na evolução da comunidade para a metrópole – no sentido formativo.

199 Morse, op. cit., 1949, p.37.

escolher perspectivas privilegiadas para o historiador, como são os pontos de junção, ou seja, os momentos onde a realidade parece girar no eixo e o significado dos fatos é submetido a um movimento que pode desorientar quem observa, [...] pode também fornecer golpes certos de vista.²⁰⁰

E o golpe certo de Morse parece ter sido possível por estar enraizado no presente da própria metropolização da cidade (na qual a própria afirmação da universidade se insere). Parece-me, desse modo, que a contribuição de Morse à história da cidade está na síntese que propôs entre uma funda preocupação com as fontes (sejam relatos e memórias, sejam estudos científicos, seja a literatura, esta num lugar-chave, pois que escrita “sem a intenção de explicar”) e a “paixão do concreto”²⁰¹. A cidade real, a cidade que se desenvolvia naqueles fins dos anos 1940 e início dos anos 1950, esteve sempre presente como ponto de fuga nas suas formulações. Assim como estará presente a cidade do final dos anos 1960 na edição de 1970, para justamente deixá-la de ver como “exceção”. Retomo o ponto no terceiro capítulo. Por ora, basta dizer que foi desse modo que o Modernismo foi visto por Morse como chave para compreender a metropolização: na forma literária e em seu desenvolvimento na cidade na década de 1920.

Recuperando a atividade literária na capital paulista desde o início do século 20, a apreciação de Morse sobre aquele movimento literário não o descolava da própria vida urbana. Com isso, o autor podia retomar as atividades do grupo de Monteiro Lobato – ainda que aqueles literatos não fossem “modernistas em sentido pleno” (*DCaM*, p. 271) – para entender porque o modernismo não foi uma “erupção repentina de fevereiro de 1922” (*DCaM*, p. 272). Mas como o modernismo falava da cidade de São Paulo? O que aquela literatura tinha a falar da metrópole em formação? Como sabemos, seu o ponto não era discutir os temas da literatura, mas a partir dela compreender a vida na cidade. Por isso partia da atividade literária que se desenrola naquela São Paulo ainda provinciana e dava destaque ao papel de Monteiro Lobato como editor, por movimentar o campo editorial e mostrar que o público leitor aumentara e se diversificara, o que já dava conta de uma cidade mais modernizada. Apoiando-se nas fontes que haviam até então, e no testemunho de muitos contemporâneos, Morse traçaria a compreensão do Modernismo informado pela visão dos próprios artistas modernos. Partindo do depoimento de Mario de Andrade, recuperava a visão fundacional ali exposta, do importante apoio de uma aristocracia local esclarecida, frente ao com-

200 Antonio Candido, “Apresentação”. In: Morse, op. cit., 1988.

201 Uso aqui a expressão de Antonio Candido sobre sua geração, citada em Cardoso, op. cit., 1979.

pleto desprezo dos novos ricos imigrantes. Mas informado pela compreensão de Antonio Candido, via o Modernismo como a reconciliação entre a arte e a sociedade, um momento – assim como havia sido no Romantismo – em que o artista se viu como parte de uma comunidade (*DCaM*, p. 275), manifestando uma “extrema autoconsciência e dedicação a uma missão”, (*DCaM*, p.277). De novo, eram os textos literários, mas também crônicas e cartas, como a que Mario enviara a Menotti del Picchia (1892-1988) para reconhecer a vitória do movimento após a Semana de Arte no Municipal, que o ajudavam a compreender a cidade²⁰².

No movimento de mão-dupla que o historiador fez ao longo de todo o livro, entre cidade e literatura, ou cidade e cultura, seu interesse parece estar em ver como uma podia alimentar a compreensão da outra. Ora se vale da literatura para ver a cidade, ora faz juízo sobre a literatura produzida a partir do que vê na cidade. Para explicitar essa relação durante a década de 1920, Morse a certa altura citaria o crítico Tristão de Athayde [pseudônimo de Alceu Amoroso Lima (1893-1983)], que defendia que o Modernismo florescera na capital paulista porque esta era a cidade brasileira mais identificada com o século 20, onde os artistas estavam “mais completamente dominados pelos componentes da vida moderna” (*DCaM*, p.279). Mas sempre seguindo o Mario de 1942, uma vez mais podia ligar os valores modernos à própria tradição. São Paulo, como a cidade menos dada aos exotismos, seria a mais propícia a encarar a verdadeira essência da nação, que se manifestava na arte moderna. Por isso que ao recuperar a sua história podia-se entender que era pelo fato de ter sido fundada no interior e voltada para o sertão que “a mentalidade paulistana [...] era menos pré-condicionada, mais *au courant*, mais livre para o ecletismo e para o ato de síntese”, nas palavras do próprio Mario de Andrade. Sendo a cidade “menos pitoresca” do Brasil foi “aquela que com mais insistência perscrut[ou] as expressões nativistas da cultura brasileira, buscando mediar entre estas e as universais” (apud *DCaM*, p.280). Morse transitou entre estes primeiros juízos de síntese, buscando dar sentido para a história da cidade na apresentação das suas transformações materiais. Recuperava por exemplo as atividades que se desenvolveram na cidade com o intuito de ampliar o acesso a arte moderna, ressaltando, como dissemos, a atuação do mesmo Mario no Departamento de Cultura na década de 1930. Sua total identificação com este escritor – e com os próprios procedimentos modernistas – se revela uma vez mais neste trecho:

202 “Conseguimos, enfim, o que desejávamos. Realmente, amigo, outro meio não havíamos de conseguir a celebridade. [...] Só havia um recurso: fabricar o Carnaval da Arte Moderna e deixar que os araras falasse. Caíram como araras.” Mario de Andrade em carta citada por Morse (*DCaM*, p. 277)

Mario foi a própria personificação do modernismo, tal como Álvares de Azevedo fora do romantismo. As tergiversações e as formas inconstantes do movimento nunca o deixaram à parte. Do modernismo Mario trazia em si o narcisismo perquiridor, às vezes mórbido, e o iconoclasmo desabusado: o preciosismo intelectual e a gíria e a familiaridade da rua, o lirismo modulado e o barbarismo áspero; a nostalgia e o anti-tradicionalismo. Era introspectivamente lírico e socialmente *engagé*. [...] Mario era sensível às culturas da Europa, das Américas, das diversas regiões do Brasil e da interação entre elas.

O espírito de Mario era pois o espírito urbano por excelência, afinado pelos credos e imperativos do mundo exterior. Com esse afinamento e desligado de um *ethos* folclórico e nativista, um tal espírito pode livremente explorar, penetrar e interpretar com grande discernimento as coisas do Brasil. (DCaM, p. 282)

“Explorar, penetrar e interpretar com grande discernimento as coisas” de São Paulo era o que o próprio Morse gostaria de fazer. E Mario não teria corrido o risco de se perder dentre tantas injunções porque “tinha um centro para o qual sempre se voltava: a cidade de São Paulo.” (DCaM, p. 282). Morse buscou o mesmo. A identificação completa entre artista e cidade vista por Morse – Mario como “a sua mais completa tradução” – foi tanta, que o livro é dedicado ao poeta, falecido em 1945. Mario e sua arte encarnavam o espírito de São Paulo, seu *ethos*, a vida contemporânea, aquela que o próprio Morse vivia em fins dos anos 1940 durante suas pesquisas na capital:

Para o artista modernista, assim como para o romântico de há um século, São Paulo proporciona uma experiência de vida que é rica, incisiva e *sui generis*. Entretanto, a cidade não é um “encravamento” cheio de colorido nativista. Seu espírito, seus traços mais importantes, seu *genius loci* têm que ser procurados; não são manifestos e avassalantes, como no Rio ou em Salvador. O que é manifesto em São Paulo – movimento, pressa, luzes, trânsito, arranha-céus, fábricas, dinheiro – é universal, sem voz ou contorno explícito. A individualidade íntima da cidade deve ser buscada com sensibilidade e paciência. (DCaM, p. 283)

O autor completava a “identidade” moderna de São Paulo, que havia sido forjada pelos próprios modernistas em suas crônicas e poesias, e que agora começava a ser vista sob o crivo do pensamento universitário, por meio de seu trabalho crítico. A cidade grande, da pressa, do arranha-céu, sem charme nem interesse que se revelassem de imediato, mas que poderia ser amada pelos que a conheciam, pelos que se deixavam encantar e aceitavam conhecê-la, dava-se a ver nos bairros étnicos da “Cosmópolis” descrita por Guilherme de Almeida; nas cantigas e trocinhas do Bom Retiro ou na religiosidade mística popular apresentadas por Florestan Fernandes; na língua misturada dos italianos paulistas dos contos de Alcântara Machado ou no samba dos engraxates feito nas ruas²⁰³. Essa a matéria privilegiada do autor.

203 Obras citadas por Morse: Guilherme de Almeida, “Cosmópolis”, nove reportagens publicadas no jornal *O Estado*

FIG.14 Mistura fina: “metrópole e comunidade”, para Morse a cidade se modernizava mas não deixava para trás as tradições

Nesse sentido, torna-se ser mais compreensível a mudança de título entre as duas edições brasileiras. Em 1954 Morse optara por um título e subtítulo que rapidamente se identifica como sendo a história da cidade: *De comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo*, de par, como vimos, com uma história urbana que era feita nos Estados Unidos desde a década de 1930 e que em algum sentido ele pôde tomar como mote. Porém, a obra é muito devedora dos diálogos estabelecidos no Brasil, o que nos anos seguintes pôde se consolidar em outros termos, mais institucionais, na medida em que o autor também se inseria na academia norte-americana e ocupava um posto de docente numa das mais importantes universidades daquele país. É desse lugar, como professor em Yale, que se nota Morse recuperar suas relações com os intelectuais brasileiros, convidados a participarem de atividades, cursos ou congressos em universidades americanas, como ocorreu com Sergio Buarque, Celso Furtado, Antonio Candido, Florestan Fernandes, entre outros, que por este ou aquele motivo estiveram em Yale a convite de Morse em breves visitas ou longas temporadas²⁰⁴.

de S. Paulo em 1929 sobre os bairros de São Paulo; os artigos de Florestan sobre o folclore paulista, “Aspectos mágicos do folclore paulistano”(1944) e “As ‘trocinhas’ do Bom Retiro” (1947); crônicas de Alcântara Machado em *Cavaquinho & Saxofone, 1926-1935* (1940); artigo de Tulio de Lemos sobre “O canto dos engraxates paulistanos” (1941). Ou seja, a própria produção modernista mesclada a dos jovens intelectuais paulistas da USP.

204 Series III, Box 7, RMM Papers, M&AL, YU. Antonio Candido relatou haver dois momentos de amizade com Morse, um primeiro na sua vinda a São Paulo, em que os dois jovens se conhecem e estabelecem uma breve relação com base numa afinidade imediata, e um segundo, ambos professores respeitados em seus campos de conhecimento, quando Morse o convida para uma temporada em Yale como professor visitante, a qual ele recusa – não sem uma breve passada pela universidade. Cf. entrevista de Antonio Candido à autora, 16/03/2010.

Assim, quando em 1970 o livro foi reeditado como *Formação histórica de São Paulo: de comunidade a metrópole*, o novo título indicava de modo mais claro sua relação, e a de seu trabalho, com aqueles intelectuais brasileiros comprometidos com a ideia da formação da nação, que a essa altura também ocupavam postos-chaves na Academia e haviam se tornado os principais nomes da cena intelectual paulista. Intelectuais formados na esteira do Modernismo, com o qual Morse se identificava (eventualmente mais que os próprios paulistas, como vimos), por ser ele mesmo um “espírito modernista”, por assim dizer, buscando achar o lugar daquela metrópole da periferia do capitalismo, mas propondo ver nessa excentricidade uma vantagem. Paulo Arantes explorou “o sentido da formação” na experiência intelectual brasileira, descrevendo-a como ela em muitas oportunidades se deu

na forma de grandes esquemas interpretativos em que se registram tendências reais na sociedade, tendências às voltas, não obstante, com uma espécie de atrofia congênita que teima em abortá-las, [deste modo] apanhava-se naquele *corpus* de ensaios sobretudo o propósito coletivo de dotar o meio gelatinoso de uma ossatura moderna que lhe sustentasse a evolução²⁰⁵.

Ao alterar-se o título para *Formação*, reconhece-se no trabalho mais um desses esquemas de interpretação que pudesse “sustentar a evolução”, no caso da sociedade paulista, em seu sentido “normativo e descritivo”, entretanto, *sem correr* na “direção do ideal europeu de civilização”²⁰⁶. Buscando portanto um ideal de civilização próprio, no sentido que os artistas modernistas pensavam. *Macunaíma* foi no fundo esse ideal – sem nenhum espaço para romantismos (no sentido vulgar da palavra) –, ao mostrar o “nenhum caráter” que o fazia “herói de nossa gente”. A *formação*, que do meu ponto de vista estava implícita no livro de Morse – mesmo que na edição de 1954 pudesse não estar claro para o próprio autor – mostrava como o mesmo dera conta de apresentar o desenvolvimento da cidade que vinha se configurando “ao longo de um *processo cumulativo* de articulação com a sociedade e adensamento artístico”²⁰⁷ (aqui diríamos, cultural), compartilhando dessa tradição que soube dar uma “forma metódica ao conteúdo básico da experiência intelectual brasileira”²⁰⁸. Dando uma forma metódica, no seu caso, à própria experiência urbana paulista. Não se trata aqui de dizer que Morse “antecipa” o esquema de Candido obviamente, mas de propor que ao conviver com a formulação do mesmo, tenha se deixado “contaminar” por algumas daquelas

205 Arantes, op. cit., 1997, p. 12.

206 Id., p. 20.

207 Id., p. 21.

208 Id., Ibid.

ideias, que alimentariam a sua reflexão. Mas talvez se deva insistir que Morse se identificava, mais que tudo, com o próprio espírito modernista²⁰⁹. O crítico uruguaio Ángel Rama, ao falar do modernismo paulista encarnado em Mario de Andrade, lembrava que a pesquisa empreendida pelo poeta para alimentar a sua criação não tinha se realizado apenas

nas zonas rurais de alto grau de conservantismo folclórico, nem [...] apelar[a] para este tipo de nacionalismo conservador e congelado na lição do passado, que transforma as velhas formas artísticas em puros estereótipos de museu.²¹⁰

Não, continuava o crítico, o interessante deste autor é que

sua descoberta dar-se-á também sobre a realidade urbana de São Paulo, seus costumes, suas ricas invenções musicais, as manifestações trazidas pelos grupos rurais que se incorporaram à sociedade urbana e rapidamente empreenderam a reelaboração das criações nacionais.²¹¹

Rama defende nesta breve apresentação da literatura de Mario que os modernistas – e os contos eram sua matéria ali – davam “testemunho da vida íntima e saborosa da cidade” porque tematizavam a vida dos imigrantes italianos, os “negrinhos do serviço doméstico”, o encontro dos “amores sublimes” da baixa classe média, “que tomam posse das jovens, das maravilhosas jovens belas e cândidas que povoam as ruazinhas mal pintadas da cidade”, e que com “sua graça, sua vida inexplicável, seu ir e vir pelo bairro” provocam o deslumbramento dos jovens poetas e narradores²¹². É nesse sentido que podemos ver um Morse “modernista”, também “deslumbrado” com a capital paulista. Para o crítico uruguaio, a tematização modernista foi a interpretação mais precisa da ascensão das classes médias e baixas, “mesmo quando pensavam estar trabalhando para a camada aristocrática da cidade”²¹³. Ao também falar da vida na cidade – compreendendo, como ele diz a

209 Para uma apreciação mais detida sobre as relações entre Morse e o modernismo brasileiro, cf. Beatriz Domingues, “Próspero devorando Caliban: Richard Morse e o modernismo brasileiro”, Domingues e Blasenheim, op. cit., 2010, pp.77-97.

210 Ángel Rama, “Mario de Andrade”. In: *Os primeiros contos de dez mestres da narrativa latino-americana*. São Paulo: Paz e Terra, 1978, p. 24.

211 Id. Ibid. Malcon Bradbury, em “As cidades do modernismo” e Raymond Williams, em *O campo e a cidade*, notam que o modernismo só pode existir nas cidades porque é ali que os grupos de imigrantes chegam. Rama para pensar a América Latina em *A cidade letrada*, incorporava os migrantes, mantendo a mesma relação.

212 Rama, op. cit., 1978.

213 Id., Ibid..

uma certa altura, o “temperamento” da metrópole – Morse fazia coro àqueles modernistas.

Ainda um último ponto vale a pena ser pensado. Termos como “temperamento”, “*ethos*”, “mentalidade”, e eventualmente “alma” da cidade, como estamos vendo, perpassam o trabalho de ponta a ponta²¹⁴. Ao mesmo tempo que eles remetem a uma concepção da cidade cunhada no início do século, via Simmel, Spengler, e depois Mumford, e que nos anos 1950 e mais ainda nos 1970 parecem às vezes fora de lugar – talvez porque decorressem de uma orientação “essencialista”, dificilmente comprovável, como afirma Elias Palti²¹⁵, e dificilmente compatível com os debates urbanos mais técnicos daquelas décadas de desenvolvimento do campo de estudos urbanos na América Latina, como veremos no terceiro capítulo –, são eles que paradoxalmente parecem dar um sentido de atualidade ao livro hoje, por remeter de algum modo a uma história urbana que busca na cultura uma chave de acesso. Essa aparente contradição parece importante de ser aqui notado. Para reforçar o ponto, recorro a uma citação de outro historiador das cidades, que não casualmente se inspirava nos mesmos pressupostos teóricos de Morse (e cujo pensamento também vem ganhando novo interesse):

Não se pode conceber nem Shakespeare, nem Cervantes, nem Goethe isolados, nem se poderia supor que tudo o que eles trasladaram a sua criação poética, filosófica, arquitetônica ou plástica saiu exclusivamente de uma consciência individual. *Essa consciência foi a expressão de uma sociedade.*²¹⁶

Ora, continuava o crítico, era essa sociedade, coletiva e histórica, que havia tido um “processo de criação, desenvolvimento e de expressão que estava por trás de tudo o que era criação individual”²¹⁷. Se a criação individual é também uma chave de compreensão do passado, funcionando como um acesso quase sem mediações para um pensamento e uma vida, assim Morse a tomaria em seu livro, vendo a cidade, e as cidades na América Latina em geral, como a “o instrumento

214 Para uma apreciação geral desses termos, cf. Sandra Pesavento, *História & História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, pp. 46-50.

215 “Em última instância, as explicações culturalistas pressupõem a ideia de “totalidade cultural”, de um substrato orgânico de tradições e valores. Todo questionamento à existência de dito fundo orgânico as converte em necessariamente instáveis e precárias. Sem dúvida, a afirmação da existência de tais entidades, de algo semelhante a um *ethos* [*hispano* – no caso analisado], não pode passar nunca de um mero postulado indemonstrável”. Palti, op. cit., 2007, p. 19.

216 José Luis Romero, *La ciudad occidental: culturas urbanas en Europa y América*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009, p. 48, grifo meu

217 Id., Ibid.

fundamental para a difusão da cultura ocidental que se elaborou originariamente na Europa”²¹⁸ e buscando no fundo compreender as novas formas que esta cultura pôde tomar no novo mundo onde aquela sociedade em sua origem europeia buscou se estabelecer. Mais ainda, em que termos teriam se dado esses estabelecimento, na lida diária com elementos nativos que formariam e modificariam, para usar o termo, o *ethos* daquele grupo.

Nos anos que separam as edições brasileiras, enquanto permaneceu em Yale na cadeira de História da América Latina, Morse buscou ensinar a história daquele continente por meio da história da sua urbanização, já que essa história desde a conquista se dera a partir da fundação de cidades. Como notou José Luís Romero, durante o “ciclo das fundações”, os europeus tomaram posse do território americano pela fundação de cidades, dando início a um processo de urbanização que mesmo incipiente (quando comparado com o desenvolvimento futuro), teve a função de garantir a eles a primazia sobre o território²¹⁹. Tratava-se, nas palavras do historiador argentino, de uma “posse intelectual”: a cidade existira primeiro como instituição e só depois seria fundada de fato. Antes existe no mundo legal, jurídico, e só depois no mundo real, convertendo em realidade o Novo Mundo²²⁰. Para Romero entretanto a realidade que se criava ali, longe de ter sido uma “nova Europa”, seria apenas “fronteira e periferia da velha Europa”²²¹. Mas para Morse São Paulo parecia, ou podia, escapar a esse destino – e se tornar, por causa de sua história, um modelo de metrópole latino-americana, ou de uma metropolização alternativa – fazendo a própria América Latina também escapar. Esse o ponto da parte final do seu livro: entender a cidade como a cidade modernista era também entendê-la como uma metrópole que tinha algo a dizer para o resto do mundo contemporâneo, na sua peculiaridade de cidade constituída sob um *ethos* ibérico e católico, mas transformada em metrópole industrial da América Latina. São Paulo parecia ter levado à cabo com êxito o feito original, porque criou uma cultura própria. Essa ideia perpassava todo o trabalho do historiador, na medida em que ao recuperar sua história, de comunidade a metrópole, ele foi tentando perceber, ressaltar, retratar os pontos de contato entre estes dois polos, mostrando

218 Id., p. 56.

219 José Luís Romero, “O ciclo das fundações”. In: *América Latina. As cidades e as ideias*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004, pp. 78-101.

220 “O primeiro impulso fundador é fruto de um processo externo, que se origina no desejo dos conquistadores. Por esse motivo a fundação foi um ato político [...] que significava o propósito – apoiado na força – de ocupar a terra e afirmar o direito dos conquistadores”, Id., p. 79.

221 Id., Ibid.

como aquela cidade poderia ser metrópole sem deixar para trás as vantagens da comunidade. E é também a forma em que se podem compreender melhor as importantes mudanças que Morse introduz na edição de 1970, recolocando São Paulo num debate latino-americano que havia surgido entre as duas edições, propiciado em boa medida pela atuação do próprio autor. Esse o tema do capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3 **DA COMUNIDADE À METRÓPOLE**
UM DEBATE NA AMÉRICA LATINA

É a diferença entre as culturas que torna um encontro fecundo.
Claude Lévi-Strauss, *De perto e de longe*, 1988

QUANDO RICHARD MORSE CHEGOU EM SÃO PAULO em 1947, a modernização em curso parecia não deixar mais espaço para as velhas formas de vida que até então haviam presidido as relações sociais no país. Mecanização do campo, migração campo-cidade, industrialização intensa, tudo contribuía para que as grandes cidades, e São Paulo em especial, materializassem essas transformações no espaço urbano. A capital paulista expandia seus limites, espraiando a mancha urbana até as bordas dos municípios vizinhos. Seu centro se adensava, intensificando-se um processo de verticalização iniciado timidamente nos anos 1920 que se efetivava com a substituição da edificação antiga (às vezes nem tanto) por novos edifícios em altura¹. Comércio, serviços e moradia misturavam-se em edifícios de múltiplos usos. Novas formas de viver, mais afeitas ao mundo metropolitano que se descortinava e extrapolava os limites centrais, eram incorporadas pelos seus habitantes. Algumas ruas dos bairros adjacentes, recentemente consolidados, tornavam-se sub-centros, dando conta da escala das transformações².

1 Processo iniciado em fins do século 19 e início do 20, é verdade, quando a edificação colonial dos espaços centrais fora substituída por novos edifícios ecléticos materializando a face moderna da República recém instaurada, e fazendo de São Paulo a “capital do café”, símbolo do poder agroexportador que a sustentava.

2 Sobre o processo de verticalização, cf. entre outros, Nádia Somek, *A cidade vertical e o urbanismo modernizador (1920-1939)*. São Paulo: Nobel, 1997. Para uma visão da verticalização do centro a partir de um escritório de arquitetura e as transformações das formas de vida na cidade, cf. Joana Mello de Carvalho e Silva, “O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)”. Tese (Doutorado), FAUUSP, 2010. Sobre o impacto da transformação de usos e costumes na nova vida urbana do Brasil moderno, cf. João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novaes, “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna”. In: Lília Schwarcz (org.), *História da vida privada no Brasil*, V. 4, São Paulo, Cia. das Letras, 1998, pp. 559-658.

As mudanças chamavam a atenção do meio especializado e os rumos urbanísticos da metrópole eram discutidos numa variada disputa de interesses e perspectivas, cujo arco ia da defesa do crescimento ilimitado, ainda que ordenado por um plano – como foi o caso de Prestes Maia (1896-1965) na década de 1930 –, passando pela discussão da limitação do crescimento, incentivando-se a poli-nucleação e o planejamento da cidade sob uma perspectiva regional – posição defendida por Anhaia Mello (1891-1974) –, até a compreensão da cidade sob um ponto de vista que buscava incorporar às questões urbanísticas as sociais – exemplificada na ação de um dos fundadores do Movimento Economia e Humanismo, o Padre Louis-Joseph Lebreton (1897-1966), e posteriormente de seus seguidores na Sagramac (Sociedade para Análise Gráfica e Mecnográfica Aplicadas aos Complexos Sociais) a partir de 1956³.

Mas além dessas preocupações, digamos, mais intervencionistas, próprias do urbanismo e do planejamento urbano, também do ponto de vista de um pensamento social sobre as cidades, dentro das ciências humanas, nota-se que havia um amplo e detido movimento. Jovens pesquisadores formados sob a autoridade de professores norte-americanos e europeus esquadriavam a sociedade que se transformava com o avanço da urbanização e da industrialização por meio de aprofundadas pesquisas de campo. Chamados de “estudos de comunidade”, essas investigações estavam na ordem do dia, sendo incorporadas pela Escola Livre de Sociologia e Política, dirigida a partir de 1939 pelo antropólogo norte-americano Donald Pierson (1900-1995), e introduzidas no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo pelo sociólogo alemão Emílio Willems (1905-1997). Mobilizavam categorias que partiam das teorizações propostas pelos norte-americanos da Escola de Chicago, tomando as cidades como entidades orgânicas e as analisando a partir da sua ecologia, recuperando desse modo a suas dinâmicas de crescimento e desenvolvimento (ou não, da possível estagnação, e mesmo morte)⁴. Tais estudos, entretanto, detiveram-se inicialmente sobre pequenas comunidades que circundavam as cidades maiores, investigando cada aspecto da sua estrutura social, flagradas no momento mesmo de sua desagregação, ou ao menos de sua trans-

3 Há trabalhos específicos para cada um desses aspectos, mas para uma compreensão geral dos caminhos e descaminhos dessa “disputa” de interesses e perspectivas de intervenção, remeto ao texto de Sarah Feldman “São Paulo nos anos de 1940, as mudanças na cidade e as referências para o debate e para as práticas urbanas”. In: *Planejamento e zoneamento. São Paulo, 1947-1972*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2005, pp.15-37, que condensa tais experiências destacando os pontos fundamentais de cada uma delas. Para uma visão histórica das discussões na capital paulista, cf. Candido Malta Campos, *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*, São Paulo: Senac, 2000.

4 Vimos como os “biógrafos das cidades”, partindo de conceitos semelhantes, buscavam narrar estes processos para entender a cidade na história e com isto, o próprio desenvolvimento nacional.

formação – pelo avanço da urbanização – depois de uma longa história de equilíbrio e estabilidade. Cruz das Almas, estudada por Pierson (1951); Cunha, por Willems (1947); uma comunidade caiçara em Búzios, estudada por Gioconda Mussolini (1913-1969) e Willems (1952); Guaratinguetá, por Lucilla Hermann (1948); ou mesmo as comunidades amazônicas, analisadas por Charles Wagley (1947), foram alguns dos casos pesquisados⁵. Morse relata posteriormente que foi curioso para ele perceber que São Paulo, “o mais dramático fenômeno que ele vira na América Latina” ainda não fosse vista como um “tópico de estudos que valesse a pena”⁶, embora se possa lembrar que Donald Pierson propusera investigações também sobre a metrópole já na década de 1940⁷. Nos anos seguintes, vê-se pelos artigos publicados na coletânea *Comunidade e Sociedade no Brasil* organizada por Florestan Fernandes no final dos anos 1960 que o interesse nesse outro lado do par comunidade-sociedade se estabeleceu plenamente. Naqueles textos já se discute de modo sistemático a “sociedade de classes” brasileira e os “problemas nacionais” a partir das perspectivas sociológica e/ou antropológica. Como Florestan afirma no Prefácio, buscava-se com essas pesquisas separar e compreender os “aspectos dinâmicos” e os “aspectos estruturais” do desenvolvimento social para iluminar questões nas metrópoles brasileiras – a essa altura, um problema mais que definido⁸.

Mas se por aqui essas análises haviam partido, e até mesmo se concentraram, nas pequenas comunidades que circundavam as cidades maiores, as teorias que embasavam tais pesquisas haviam surgido da investigação sobre aspectos de uma grande cidade – Chicago – transformada pe-

5 Cf. José Guilherme Magnani, “O Campo da Antropologia”, Maria Lucia Perrone Passos (org.), *Cadernos de História de São Paulo*, Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade, MP USP, São Paulo, n. 1, 1992, pp.45-56.

6 Cf. Paul Goodwin, Hugh Hamill & Bruce Stave, “A Conversation with Richard M. Morse”, *Journal of Urban History*, v. 2, n. 3, May, 1976, pp. 331-56, p. 335.

7 Tais estudos, entretanto, pareciam mais visar a “treinar” os alunos nas técnicas de investigação que propriamente “esquadrinhar” a cidade. Entre eles, destacam-se dois trabalhos coletivos coordenados pelo norte-americano, cujos resultados aparecem nos artigos “Habitações de São Paulo: Estudo Comparativo” (1942) e “Hábitos Alimentares em São Paulo”, (1944). Não é demais lembrar que Pierson foi aluno de Park em Chicago.

8 Cf. Florestan Fernandes (org.), *Comunidade e Sociedade no Brasil: Leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1968. A obra fazia parte do esforço de Florestan de munir os professores e alunos de Ciências Sociais de textos clássicos, iniciado com o volume *Homem e Sociedade* (organizado por Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni em 1961) e seguido por outros quatro volumes, *Comunidade*; *Sociedade*; *Comunidade e Sociedade* e *Comunidade e Sociedade no Brasil*. Alguns títulos dos textos que são publicados neste último dão conta de mostrar o amplo espectro que a coletânea pretendeu cobrir. “O caipira e sua cultura”, de Antonio Candido e “As raízes de Cruz das Almas” de Donald Pierson; mas também “A metropolização da cidade de São Paulo” de Jorge Willheim ou “O futuro de São Paulo” de Paul Singer; e ainda “Situação e comportamento social do proletariado” ou “Obstáculos políticos ao crescimento econômico” de Celso Furtado.

los sociólogos norte-americanos em seu principal laboratório social, logrando construir a partir dali um pensamento social que em muito extrapolou seus limites geográficos. Morse participou desse debate, valendo-se do próprio vocabulário formulado por Chicago para dar título ao seu trabalho que, vimos, chamou-se *De comunidade à metrópole* em todas as edições. De saída, estava dada a “filiação” à discussão que aqueles anos tomava a frente quando o assunto era “cidade”. A frase é o título das edições de 1954 e 1958, e passa à subtítulo na reedição em português, mostrando como o autor reconhecia o tema como importante ainda em 1970. De fato, num país que enfrentava então uma forte migração campo-cidade, o tema realmente vinha à calhar. Pode-se lembrar que a própria tese em Sociologia de Antonio Candido – para pensarmos num interlocutor próximo ao nosso autor – foi sobre a desagregação do mundo rural na região de Bofete, no interior de São Paulo. Defendida em 1954, *Os parceiros do Rio Bonito* só seria publicado em livro em 1964, mas suas pesquisas vinham sendo feitas pelo sociólogo durante os anos finais da década de 1940, e certamente também este diálogo se travou entre ambos⁹.

Antonio Candido discutia o avanço da economia capitalista e a consequente desagregação de um mundo caipira que invadido pelas novas relações de trabalho e pela transformação forçada dos modos de vida via romper o tênue equilíbrio que o mantivera imutável por séculos. Tal ruptura dava-se não em nome de uma efetiva “modernização”, mas ocorria sem oferecer outra perspectiva, levando os antigos “parceiros” a uma situação de anomia. Luís Jackson já se deteve na importância de se pensar crítica literária e sociologia juntas na produção intelectual de Antonio Candido, mostrando como a relação entre ambos os campos trouxe rendimentos para os dois lados, alimentando-os mutuamente e conjugando preocupações comuns que se vinculariam “a problemas típicos de uma tradição específica do pensamento brasileiro”¹⁰. *Os Parceiros*, nesta análise, seria não apenas um estudo de comunidade, “mas uma interpretação mas ampla da nossa formação social”¹¹. Segundo Jackson, Antonio Candido formulara o conceito de “cultura rústica” a partir da “cultura

9 Antonio Candido, *Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. A tese é a base do artigo incluído na coletânea de Florestan acima citada. Candido relata que certa vez convidou Morse para uma dessas viagens ao interior e que Morse então conheceu um advogado da região que mais tarde o ajudaria a resolver um problema de visto de permanência, levando o norte-americano a louvar o “jeitinho brasileiro” como uma dessas características que valiam a pena não serem perdidas. Cf. Antonio Candido, Entrevista à autora, 16/03/2010.

10 Luís Jackson, *A tradição esquecida: Os Parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002, p. 14.

11 Id., Ibid.

de *folk*” de Robert Redfield (1897-1958), mas vendo no próprio mundo rural paulista a instabilidade constante e constitutiva de sua formação, “reconhecid[a] na mobilidade espacial e na provisoriedade que caracterizavam a vida do aventureiro que desbravou, para depois se fixar em base instável pelo interior de São Paulo”¹². E naquele momento a própria precariedade constitutiva que encontrara equilíbrio em uma determinada forma de vida começava a se “romper”, com o avanço do mundo urbano. Vemos aqui o sociólogo paulista preocupado com as mesmas questões que marcariam a perspectiva de Morse sobre o processo de modernização, ainda que (como a maioria dos colegas em São Paulo) olhando para o outro lado do par conceitual *folk*-urbano. Se um estava preocupado com a formação da *metrópole*, o outro flagrava a desagregação da *comunidade* (de comunidades que cercavam a metrópole). Morse, entretanto, imaginou ter visto e buscou mostrar como a metrópole paulista, em algum sentido, repunha o sentimento de comunidade, ou o transformava – como vou tentar mostrar aqui – justamente por ela própria estar inserida numa certa tradição.

Antes de me deter nos sentidos que Morse confere à *comunidade* e à *metrópole*, para demonstrar como eles vão sendo forjados ao longo do próprio trabalho, e de certo modo ressignificados a cada nova edição do livro – que é o objetivo principal deste capítulo –, convém entender como as teorias que vinham sendo trabalhadas por tais estudos foram elaboradas. Se foi em Chicago que elas se estruturaram em relação ao mundo urbano (para em seguida estender o olhar para o mundo rural, ou pelo menos para o mundo menos urbanizado que ainda havia no continente americano), não foi apenas naquela metrópole, mas *a partir dela*, das suas próprias características físicas, econômicas e culturais, que tais teorias puderam ser inicialmente formuladas. Os cientistas sociais de Chicago construíram um pensamento sobre as cidades que forjou a trama teórica imprescindível à época que Morse fez suas pesquisas. Ao longo dos vinte anos que separam as edições em português da sua obra sobre São Paulo, o diálogo com essas teorias foi um dos principais eixos das suas preocupações, bem como um dos parâmetros que nos permite estudar como esses eixos foram mudando na própria obra. Na Introdução escrita para a edição de 1954, Morse afirmava:

Importa indicar, todavia, logo a princípio, que os antropólogos e os sociólogos – em outras palavras, os “cientistas sociais” (embora eu sempre desconfie um pouco dessa expressão) – estão se interessando cada vez mais pela penetração do mundo da indústria e urbano nas sociedades agrárias da América Latina, sociedades estas tradicionais e muitas vezes semi-feudais. (*DCaM*, p.13)

12 Id., pp. 84 e ss.

O interesse que ele verificava havia se iniciado pela observação da outra ponta desse processo, a própria metrópole norte-americana invadida pelo “mundo rural”. Representado pela massa de imigrantes que nela aportou e que começava a fazer parte da nova sociedade moderna industrial, a vinda de um enorme contingente populacional para as cidades norte-americanas gerara consequências importantes, demandando ordenamentos e novas formas de compreensão. Esse processo teve nos Estados Unidos um lugar privilegiado para a análise de seus desdobramentos: a Universidade de Chicago. Mais precisamente, o seu Departamento de Sociologia.

1. UMA TEORIA, ALGUNS *INSIGHTS* E MUITA PESQUISA

O pensamento da chamada Escola de Chicago, como se sabe, teve larga influência nas pesquisas acadêmicas voltadas para as questões urbanas desde a virada do século 20 até pelo menos o fim dos anos 1950, extrapolando os limites do seu país de origem para alcançar desdobramentos e seguidores ao redor de todo o mundo¹³. Essas teorias alcançaram seu auge nos Estados Unidos entre o fim da Primeira Guerra e o final da Grande Depressão, por volta de 1935 – momento de grande crescimento e também de mudanças em muitos sentidos na própria sociedade norte-americana –, obtendo maior projeção e impacto fora de suas fronteiras no período seguinte, o imediato segundo pós-Guerra. O surto imigratório que caracterizou a sociedade norte-americana, forjando sua identidade como “o país das oportunidades”, havia se iniciado ainda no século 19 e chegara ao ápice na primeira década do século 20, período em que os Estados Unidos viveram a intensificação da passagem de vastos contingentes populacionais oriundos de comunidades rurais ou de pequenas cidades da Europa – compreendidas como mais homogêneas – para novas, imensas e heterogêneas metrópoles industriais que pareciam surgir do nada demandando explicação. Mais que isso, ordenamentos e controles. Notava-se a progressiva incorporação de pequenos povoados no novo mundo urbano a partir do avanço dessas metrópoles sobre seu entorno, fazendo com que algumas cidades experimentassem um crescimento explosivo¹⁴. Nenhum, entretanto, foi tão pronunciado como

13 Sobre a Escola de Chicago muito já se escreveu. Sigo aqui Martin Bulmer, *The Chicago School of Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1984 e Mario Eufásio, *A estrutura urbana e ecologia humana: a Escola Sociológica de Chicago (1915-1940)*. São Paulo: Ed. 34, 1999, estudos que fornecem perspectivas gerais.

14 Cf. Constance Green, *American Cities in the growth of the Nation*. New York: Harper & Row Publishers, 1965 e Charles Glaab e Theodor Brow, “The Emergence of Metropolis”. In: *A History of Urban America*, New York: MacMillan Co., 1967, pp.269-307, onde se afirma que “o crescimento das metrópoles constituem o tema central da história urbana

o de Chicago, que se tornara uma “metrópole instantânea” ao incorporar as cidades menores da região e assistir ao surgimento de imensos subúrbios ao longo das linhas ferroviárias e em seguida das estradas, fazendo dela, em poucos anos, a segunda maior cidade dos Estados Unidos, abaixo apenas de Nova York¹⁵.

Fruto desse dinamismo urbano, a Universidade de Chicago seria fundada em fins do século 19 sob os princípios da pesquisa mais avançada da época, pautando suas ações por uma forte dose de experimentação. Ali foi criado em 1882 o primeiro departamento de Sociologia dos Estados Unidos, onde um pequeno grupo de pesquisadores e professores proporia uma forma nova de compreensão do urbano, posteriormente denominada Escola Sociológica de Chicago¹⁶. Ao fazerem da cidade em que viviam seu laboratório de estudos, esses cientistas sociais valiam-se de métodos etnográficos para analisar as relações sociais, e por meio de exaustivas pesquisas qualitativas e de um rigoroso trabalho com os dados levantados, tinham a pretensão de compreender por ângulos variados o fenômeno urbano que lhes saltava aos olhos, definindo a partir daí uma agenda de pesquisa para as cidades¹⁷.

Dentre os muitos pesquisadores que passaram por Chicago interessa destacar os nomes de Albion Small (1858-1926), fundador do departamento e responsável pela ligação entre a sociologia alemã e a americana; o de William Thomas (1863-1947), que ao estudar a imigração polonesa para os Estados Unidos, foi de certo modo considerado o primeiro de certo modo a manifestar um interesse sobre o mundo urbano¹⁸; e sobretudo o de Robert Park, sucessor de Thomas

americana do século 20”. Os autores mostram como há um enorme aumento no número de áreas metropolitanas e no total de população que vive nelas: de 1900 a 1950, a população do país cresce de 76 milhões para 150,7 milhões, enquanto a população que vive nestas áreas passa de 24,1 para 84,3 milhões. Os números falam por si.

15 Como afirma Constance Green, “nenhuma cidade no mundo teve um crescimento mais extraordinário que o de Chicago no século 19. Em cem anos, de 1830 a 1930 a cidade passou de um assentamento de pouco mais de 50 pessoas para uma cidade de cerca de 3,3 milhões de habitantes. Nos cinquenta anos compreendidos entre 1840 e 1890 a rapidez de seu desenvolvimento ultrapassou o de qualquer outra cidade do mundo. Em 1920, apenas Londres, Nova York e Berlim lhe excediam em tamanho e em importância comercial” (Green, op. cit., 1965, p.100).

16 Martin Bulmer destaca o florescimento de diversas escolas dentro da universidade, como a de filosofia de John Dewey, a de economia de John Friedman e ainda a de arquitetura, de Louis Sullivan e Frank Lloyd Wright, dedicando um capítulo de seu livro a entender a própria cidade como uma chave de compreensão do surgimento da escola sociológica. Intrinsecamente ligadas a própria metrópole, as pesquisas debruçavam-se sobre a mescla étnica e racial, os problemas sociais, e a relação entre a forma urbana e as suas comunidades. Bulmer, op. cit., 1984, p. 2 e “The City and its University”, pp. 12 e ss.

17 Cf. Ulf Hannerz, *Exploración de la ciudad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

18 Segundo Bulmer, o primeiro trabalho importante que apontaria a necessidade de se compreender a cidade foram

e figura central da escola, que tendo chegado à sociologia por um tortuoso caminho, interessou-se pelos temas urbanos propondo uma perspectiva de análise que ficaria conhecida como a teoria da “ecologia humana” – talvez a contribuição mais importante daquele grupo¹⁹. No início do século 20 uma nova geração chega à cena, alunos da própria instituição que começavam a levar adiante as investigações iniciais, como Ernest Burgess (1886-1966) e Louis Wirth (1897-1952), cujos trabalhos desde então tiveram uma extensa fortuna crítica dentro dos estudos urbanos, e que posteriormente também alimentaram direta e indiretamente a reflexão de Morse. Buscando determinar “padrões de regularidade na aparente confusão” urbana, esses estudos em sua maioria “estavam preocupados com programas abrangentes de mudança social e planejamento social” das cidades norte-americanas²⁰. Outros entretanto expandiram as fronteiras geográficas, como fez Robert Redfield, que veremos de modo mais detalhado adiante, em busca de compreender a urbanização e seus efeitos também nos países periféricos²¹. Tais trabalhos, tributários da própria discussão da modernização, olharam de modo detido para o espaço urbano, construindo novos parâmetros de entendimento de um processo que parecia sem volta. Para compreender a ligação dessas teorias e desses trabalhos com a pesquisa que Morse faz sobre a evolução urbana da cidade de São Paulo,

os 5 volumes publicados por Willian Thomas e Florian Znaniecki, *The Polish Peasant in Europe and America: monograph of an immigrant group* (1918), reunindo um grande número de entrevistas e histórias de vida de pessoas que viviam na Polônia e que haviam emigrado para os Estados Unidos (Bulmer, op. cit., 1984, p.45). Morriz Janowitz mostra que este trabalho pretendia levar aos cortiços de North Side um desenvolvimento comunitário, sendo responsável por gerar noções como “participação do cidadão”, “auto-ajuda” [self-help] e “cultura da pobreza”, posteriormente transformadas em conceitos-chave na “guerra contra a pobreza”. Morriz Janowitz, “Introduction”. In: Park, Burgess & Mac Kenzie, *The city*. Chicago: University of Chicago Press, 1967 (reedição dos textos clássicos da Escola de Chicago).

19 Com uma formação em filosofia, Park inicialmente trabalhou como jornalista e em seguida como ativista, assistente de um educador negro – o que mostra a similar formação heterodoxa de Tannenbaum ou Mumford (que veremos em seguida) como característica de uma parte importante dessa primeira geração de acadêmicos norte-americanos. De volta à universidade, Park propõe uma analogia entre a organização da vida vegetal e a da vida humana em sociedade, criando a teoria da Ecologia Humana. Tal teoria se fundamentava em conceitos retirados da ciência natural: 1) simbiose; 2) invasão, dominação e sucessão, e toma a vida coletiva como um processo adaptativo que consistiria na interação entre meio-ambiente, população e organização. Interessando-se por cada aspecto da vida urbana, seus estudos passaram por relações raciais, bairros étnicos, o papel da imprensa na opinião pública, entre outros, cobrindo uma vasta gama de aspectos da vida urbana. Park teria introduzido o termo ecologia na sociologia a partir do botânico Eugen Warming, mas também outros pesquisadores desenvolveriam versões da ecologia humana ainda antes da Primeira Guerra, cf. Billie Davis, “Marginality in a Pluralistic Society”, *PsiChi Journal*, v. 2, n. 1, Fall, 1997, pp. 28-31. (http://www.psichi.org/pubs/articles/article_145.aspx. Acesso 12/03/2012).

20 Janowitz, op. cit., 1967, p.viii.

21 Para uma breve avaliação crítica dessa ampliação geográfica, cf. Leo Schnore, “Sobre a estrutura espacial das cidades nas duas Américas”. In: Leo Schnore & Phillip Hauser, *Estudos de urbanização*. São Paulo: Pioneira, 1965, pp. 319-71.

vejamos inicialmente como os termos “comunidade” e “sociedade” surgiram no pensamento social e foram retrabalhados por aqueles pesquisadores norte-americanos.

O conceito de “comunidade”, como afirma Robert Nisbet, foi “o mais fundamental e de mais largo alcance dentre as ideias-elementos que compõem a sociologia”, tendo sido a “re-descoberta da comunidade” o fato mais notável na evolução do pensamento sociológico no século 19, cujos efeitos ultrapassaram a área de teoria social, chegando à filosofia, à história, à teologia e a outras disciplinas. Ao assumir a posição dominante que a noção de “contrato” tivera na Idade da Razão, tornou-se “o mais importante divisor de águas entre o pensamento social do século 19 e o da era precedente”²². O termo abrangeria

todas as formas de relacionamento caracterizadas por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral, coerção social e continuidade no tempo. [...] A comunidade [seria assim] a fusão do sentimento e do pensamento, da tradição e da ligação intencional, da participação e da volição²³.

O conceito ganhava densidade ao ser definido em função de seu par “sociedade”, entendidos ambos na oposição de valores. Condensando um debate que alimentava o próprio surgimento da sociologia como ciência, Ferdinand Tönnies (1855-1936) foi o responsável por formalizar essa oposição a partir de seu livro *Gemeinschaft und Gesellschaft* [Comunidade e Sociedade], publicado em 1887²⁴. Tönnies enfatizaria a construção de categorias de análise, buscando eliminar quaisquer possibilidades de discussão dos termos no plano histórico, servindo a sua formulação como base

22 Robert Nisbet, “Comunidade”. In: Marialice Foracchi e José de Souza Martins (orgs.), *Sociologia e Sociedade. Leituras de Introdução à Sociologia*. São Paulo: Editora LTC, 1977, pp.203-233, p. 255 (O texto é um capítulo do livro *The Sociological Tradition*, de 1973).

23 Id., pp. 255-6.

24 Adorno e Horkheimer, para definir o termo “sociedade”, retomam o fato da antítese de sociedade e comunidade ter sido “definida na sociologia alemã graças sobretudo a obra fundamental” de Tönnies, lembrando que nela “a determinante econômica da comunidade é a ‘posse e o gozo dos bens comuns’, enquanto que a da sociedade é o mercado, a troca e o dinheiro”. Cf. Max Horkheimer e Theodor Adorno, “Sociedade”. In: Foracchi e Martins, op. cit., 1977, p. 269. Sobre Tönnies e seu livro, cf. Olavo Miranda, *Vida e obra de Ferdinand Tönnies*. São Paulo: FFLCH USP, 1995a e *Para ler Ferdinand Tönnies*, São Paulo: Edusp, 1995b. Wolf Lepenies nota o surgimento de três matrizes sociológicas, a alemã, com Weber, Tönnies e Simmel, a francesa, com Comte e Durkheim, e ainda a inglesa, construindo na verdade as bases da antropologia (o que indicaria a necessidade do Império Britânico de compreender menos que sua própria sociedade, os vastos territórios “selvagens” ou não ocidentais que faziam parte de suas possessões no mundo. Essa origem imperialista, no entanto, tem seus contestadores). Cf. Wolf Lepenies, *As três culturas* (trad. Maria Elisa Cescato), São Paulo: Edusp, 1996.

às posteriores apropriações²⁵. O autor definiu comunidade como sendo “de sangue, de lugar e de espírito”, abrigando relações de “parentesco, vizinhança e amizade” e cujo funcionamento se dava apoiado em três leis: a) parentes e cônjuges, vizinhos e amigos se gostam reciprocamente; b) entre os que se gostam há consenso; c) os que se gostam se entendem, convivem e permanecem juntos, ordenando suas vidas em comum²⁶. Os padrões da sociabilidade comunitária foram apresentados por ele como elementos de um desenvolvimento cadenciado, cada qual surgindo como desdobramento natural do anterior, sendo visíveis em três núcleos espaciais: a “casa”, a “aldeia ou vila” e a “cidade”. Ainda que houvesse preponderância da sociabilidade da família na casa, da vizinhança na aldeia, e da afinidade na cidade, para Tönnies os padrões se mesclavam na cidade, fazendo dela o *locus* onde todos os elementos das formações sócio-espaciais precedentes podiam estar presentes²⁷. À medida em que a vida urbana se desenvolvia e se tornava preponderante em relação à vida no campo, multiplicando e especializando as funções e estimulando as relações mercantis, os círculos de parentesco e vizinhança perderiam força. Em termos espaciais, o processo pode ser entendido como a submissão do campo ou da pequena cidade pela dinâmica da vida metropolitana, traduzindo-se, em termos de sociabilidade, como enfraquecimento das relações mediadas por consanguinidade, costumes e tradição por outras, mediadas por razão, cálculo e interesse²⁸. Em *Palavras-chave*, Raymond Williams, ao recuperar o sentido moderno da palavra “comunidade”, afirmou que

o contraste, expresso de modo crescente no século 19, entre as relações mais diretas, mais totais e portanto mais significativas de *comunidade* e as relações mais formais, mais abstratas e mais instrumentais de *Estado* ou *sociedade* em seu sentido moderno foi formalizado de maneira decisiva por Tönnies (1887) como um contraste entre *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*; [tanto que] esses termos ainda hoje são usados em outras línguas na forma original.²⁹

25 Vale notar que a primeira edição de *Comunidade e Sociedade* sai em 1887 com o subtítulo *Tratado do comunismo e do socialismo como formas culturais empíricas* e não conhece maior repercussão. É a edição de 1912 (cujo subtítulo é alterado para *Tratado de sociologia pura*), publicada com “mudanças significativas”, que é apropriada daí em diante. Cf. “Notas biográficas” em Miranda, op. cit., 1995b, pp.25-40.

26 Ferdinand Tönnies, *Communauté et Société. Catégories Fondamentales de la Sociologie Pure*. (Trad. e introd. Jacques Leif), Paris: Presse Universitaire de France, 1944, pp.14-6.

27 Reconhecendo na “irmandade profissional” a mais alta expressão da ideia de comunidade na cidade. Cf. Tönnies, op. cit., 1944, pp.19-20.

28 Por exemplo, o surgimento de uma nova classe de comerciantes, que diferentemente do chefe de família que olhava para dentro da comunidade, passava cada vez mais a se voltar para fora, buscando transpor territórios e ganhar mercados. Id., Ibid.

29 Williams recuperou nesse livro a etimologia dos termos para a língua inglesa e os usos através do tempo, mostrando que “community” está presente na língua inglesa desde o século 14, advindo do latim *communis* e se fixando

Esse contraste, ou oposição, seria evidente ainda em outros autores que compõem a tradição sociológica, em trabalhos que dialogam entre si, de Auguste Comte (1798-1857) a Max Weber (1864-1920), de Georg Simmel (1858-1918) ou Werner Sombart (1863-1941) a Émile Durkheim (1858-1917), em suas tentativas de compreensão da sociedade capitalista moderna e de conceituação de seus fenômenos³⁰. A oposição seria também a base do pensamento de Chicago, ao tratar dos efeitos da urbanização, bem como das formulações de Lewis Mumford (1895-1990) em seu esforço de compreensão das cidades na história.

Considerado um dos textos fundadores da temática urbana da Escola de Chicago, “The City”, publicado por Robert Park em 1915, tomava a referida oposição como eixo da argumentação, construindo o primeiro roteiro de pesquisas para a compreensão das metrópoles³¹. Defendendo a utilização dos métodos antropológicos como forma de compreensão do homem metropolitano, Park forjou esse itinerário de pesquisa a partir do que ocorria em Chicago, cidade que recebera significativos contingentes de distintos grupos étnicos e que vivia a efervescência e os problemas decorrentes deste processo, enfrentando greves, violência, encortiçamentos, delinquência, epidemias, em meio a outras dificuldades que uma grande metrópole industrial de crescimento rápido poderia viver. Uma das melhores descrições da Chicago do início do século é a feita por Vladimir Maiakovski a partir de sua breve estada na cidade em 1925. O relato vale ser lido na íntegra, cito porém apenas uma trecho que dá ideia sobre os efeitos da indústria da carne (o principal ramo industrial de Chicago) na cidade. Segundo Maiakovski, apenas uma dessas empresas sediadas ali – e seriam muitas: Wilson, Star, Swift, Hammond, Armour –, esta última, era a responsável por pelo menos 10% da carne consumida mundialmente. O poeta russo, que visitara os frigoríficos como parte de sua intenção de conhecer os trabalhadores e os sindicatos na América, contava suas impressões da cidade:

em inglês numa gama de sentidos. A partir do século 19, nota que “comunidade” passa a ser visto como algo mais imediato e próximo que “sociedade”. Raymond Williams, *Palavras-chave. Um vocabulário de cultura e sociedade* (Trad. Sandra Guardini). São Paulo: Boitempo, 2007.

30 Nisbet, op. cit., p.256. Nisbet frisa que apenas Marx não compartilharia de tal oposição, divergindo das “implicações valorativas que esse contraste implica”. Nesse artigo, o autor percorre as diversas formas com que o conceito de comunidade foi utilizado nos variados campos do conhecimento.

31 Cf. Robert Park, “The city: suggestions for the investigation of human behavior in the human environment”, *The American Journal of Sociology*, v. 20, n. 5, mar, 1915, pp.577-612, republicado em Ernest Burgess, Robert Park & Roderick McKenzie (Eds.), *The City*. Chicago: University of Chicago Press, 1925. Foi traduzido para o português como “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” (Trad. Sergio Magalhães Santeiro). In: Otávio Guilherme Velho (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pp.26-67.

FIG.1 Chicago: a Universidade fundada no século 19 e os matadouros da indústria da carne, principal atividade econômica

Os matadouros não passam sem deixar vestígios. Depois de trabalhar um tempo neles, ou você vai virar vegetariano ou vai matar pessoas tranquilamente, quando estiver farto de se divertir no cinema. Não é à toa que Chicago é palco de assassinatos sensacionais, de bandidos legendários. Não é a toa que nesse ambiente, de cada quatro crianças, uma morre antes de completar quatro anos.³²

Robert Park buscava compreender essa cultura urbana metropolitana, que ali se desenrolava com uma materialidade e uma violência ímpares e, a se acreditar no poeta russo, com consequências que davam o que pensar. Entre arranha-céus e trens suspensos, cercado de guetos e cortiços, trabalhando numa universidade jovem construída sobre um bairro surgido da desmontagem da Feira Mundial de Columbia de 1893, o ex-jornalista partia das considerações de Georg Simmel (1858-1918) (com quem chegou a estudar em Berlim) sobre a vida na metrópole, e da ligação proposta pelo filósofo alemão entre economia monetária e vida urbana – explicitada na conferência “*Die Großstadt und das Geistesleben*” proferida em 1903³³ – para pensar parâmetros de entendimento novos para a metrópole. Tomando a cidade como o “*habitat* natural do homem moderno civilizado”³⁴, Park se valeu dos conceitos trabalhados por Simmel – que desde o título,

32 Vladimir Maiakovski, *Minha descoberta da América* (Trad. Graziela Schneider). São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.103.

33 Conferência proferida por Simmel na Exposição das Cidades em Dresden em 1902, tratava-se, segundo Waizbort, de “um rearranjo de ideias já há tempos divulgadas pelo autor, pelo menos desde o final da década de 1880, e que ele já tivera, àquela altura, oportunidade de apresentar em um de seus livros mais importantes, a *Filosofia do dinheiro*, publicado em 1900”. Leopoldo Waizbort, Comentário à tradução em Georg Simmel, “As grandes cidades e a vida do espírito”, *Mana*, São Paulo, v.2, n. 11, 2005, p.91. Traduzida para o inglês como “The Metropolis and Mental Life” (1950). No Brasil a primeira tradução (de Sergio Marques dos Reis) seguia o título em inglês: “A metrópole e a vida mental”. In: Velho, op. cit., 1973, pp. 11-25.

34 Park, op. cit., 1973, p. 26.

FIG.2 Chicago: bairro negro (1941) e vista do Loop entre arranha-céus no centro da cidade (cartão-postal, déc. de 1920)

articulava nesse “texto fundacional o exterior e o interior, a cidade e o espírito, o individual e o supra-individual”³⁵ – para compreender Chicago para além da sua materialidade. Via a cidade como “um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição”³⁶. Desse modo, a cidade deveria ser analisada não apenas como um artefato, mas também pelo *ethos* de seus habitantes, *ethos* que se formava numa tradição de usos e costumes. Mas, na falta dessa tradição – em uma cidade jovem como Chicago –, *o que fazer?* Esta a pergunta que o animava a buscar definir princípios que organizassem a vida metropolitana, tentando definir padrões do comportamento humano na metrópole.

Park parecia encarar as persistências dos grupos primários em sociedades já urbanizadas sob uma perspectiva negativa, trabalhando a partir do conceito da “desorganização”. A ideia central da teoria da desorganização era a de que o ambiente da cidade, dramaticamente diferente do das comunidades agrárias de onde provinham a maioria dos imigrantes, atuava para tornar as “estruturas”, as “relações” e as “normas” da terra natal irrelevantes na nova situação de vida. Nessa passagem – da comunidade à sociedade – ou o imigrante reestruturava radicalmente as relações anteriores para ajustá-las ao novo ambiente, ou as abandonava totalmente para construir novas. Este processo de “aculturação”, em ambos os caminhos, era em geral rápido mas na maioria das vezes traumático.

Muitas das pesquisas feitas em Chicago dali em diante exploraram os efeitos dessa transição em seus vários aspectos, levantando discussões em torno da disputa “acomodação cultu-

35 Waizbort, op. cit., 2005, p.91.

36 Park, op. cit., 1973, p. 26.

ral” *versus* “assimilação de populações imigrantes específicas”³⁷. Na metrópole – ensinara Simmel – as relações sociais tendiam a desintegração, levando à atomização dos indivíduos. Ao apagar costumes e impor novas relações e formas de convivência baseadas apenas no intercâmbio racional, a vida na metrópole acelerava os tempos e modificava valores, cujo resultado era no geral a desestruturação do indivíduo, e consequentemente, da vida social³⁸. A metrópole, por toda a liberdade que a nova forma de vida supunha (por garantir ao indivíduo autonomia completa nas suas decisões, sobretudo devido ao anonimato), precisava por isso mesmo inventar novas formas de controle que anteriormente seriam dadas pela família, pelo clã ou pela tribo.

Partindo das considerações de Park e buscando aprofundá-las, Louis Wirth publicou em 1938 o artigo “*Urbanism as Way of Life*”³⁹. Ali esse “sociólogo urbano por excelência” formulou uma espécie de “teoria sociológica e sociopsicológica do urbanismo”, nas palavras de Otávio Velho, que teria longo alcance⁴⁰. Segundo Wirth, para “fins sociológicos” a cidade se definia como “um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos”⁴¹. Com essa premissa, o sociólogo afirmava que “o urbanismo como modo de vida” poderia ser abordado empiricamente sob três perspectivas inter-relacionadas: 1) como *estrutura física*, consistindo uma população, uma tecnologia e uma ordem ecológica; 2) como um *sistema de organização social*, envolvendo uma estrutura social característica, uma série de instituições sociais e um modelo típico de relações sociais; 3) como um *conjunto de atitudes de ideias* e uma *constelação de personalidades*, dedicadas a formas típicas do comportamento coletivo e sujeitas a mecanismos característicos de controle social⁴². A importância do texto é evidente, anunciando temas de pesquisa que a partir daí fariam parte do pensamento urbanístico, ao propor olhar a cidade em seus próprios termos e não a partir de características ou conceitos externos. O esquema serviu para que Wirth formulasse uma nova agenda de pesquisas que, dito de modo resumido, partia da constatação de que nas cidades grandes haveria mais desagregação por conta da sua “estrutura física” maior, o que por sua vez impunha um “sistema de organização social” onde os contatos primários eram substituídos pelos secundários, gerando enfraquecimento dos laços

37 Louis Wirth, “O urbanismo como modo de vida” (Trad. Marina Correa Treuherz). In: Velho, op. cit., 1973, pp.90-113.

38 Para Simmel, uma das respostas a esse “aceleramento” era o embotamento da alma, levando ao surgimento do caráter *blasé* do homem da metrópole. Cf. Simmel, op. cit., 2005.

39 Louis Wirth, “Urbanism as Way of Life”, *The American Journal of Sociology*, v.44, n. 1, jul 1938, pp. 1-24. Em português: “O urbanismo como modo de vida”, op. cit., 1973.

40 Velho, op. cit., 1973, p. 8.

41 Wirth, op. cit., 1973, p. 96.

42 Id., pp. 90-113.

de parentesco, declínio do significado social da família, desaparecimento da vizinhança e corrosão da base tradicional da solidariedade social. Isso demandava como contrapeso o surgimento de instituições para proverem o controle social antes garantido pelos laços primários. Além disso, se na cidade não havia mais “castas”, o *status* se acirrava como marcador dos lugares sociais. Portanto, do ponto de vista da “personalidade urbana e do comportamento coletivo”, notava-se maior delinquência e maior número de crimes, bem como uma maior manipulação das informações pelos meios de comunicação no meio urbano⁴³. Numa palavra, a metrópole desintegrava.

Para aqueles pesquisadores, a principal pergunta era porque em uma cidade tão nova como Chicago as áreas de decadência já eram tão proeminentes⁴⁴. Buscavam nas suas pesquisas as respostas para o crime, a falta de moradia, o declínio do valor da propriedade em algumas áreas, etc. Através da noção de “mundos sociais”, preocuparam-se em estudar temas relacionados a cada grupo específico que fazia parte da cidade, donde surgiram os estudos de grupos. Estes estudos de grupos, ou de *comunidades*, podiam compreender de regiões urbanas a setores profissionais ou até mesmo unidades familiares, e a extensão do conceito era feita pelo método de “imersão”, que possibilitava ao pesquisador encontrar significados no vocabulário, normas, valores, atividades, interesses e “esquemas de vida” de cada grupo ou comunidade estudada. Assim eles foram apropriados e difundidos no Brasil, sobretudo focalizando pequenos núcleos urbanos, as “comunidades”, como vimos. A coesão dessas comunidades – entendidas como “mundo social” – podia ser mantida de duas maneiras distintas: ou de modo internamente encorajado (pelos seus valores, como no caso dos bairros étnicos), ou externamente forçado (pela sociedade em geral, como no gueto). As barreiras para sair de um mundo social, especialmente de uma comunidade étnica, eram de especial interesse para a Escola, que pretendia, ao definir os custos do rompimento delas para cada grupo, compreender as diferentes formas e graus de assimilação de cada etnia na sociedade norte-americana.

Mas se esses estudos pareciam perceber as comunidades de maneira muito homogênea, essa forma de compreensão se sofisticaria, levando as pesquisas a se valerem de um olhar microscópico para entender uma questão básica dos pressupostos sobre a vida urbana, já presentes em Simmel: o fato dos indivíduos na metrópole pertencerem a grupos distintos ao mesmo tempo, complexificando as relações sociais, e conseqüentemente, as próprias pesquisas. Dessa forma, Park também identificou certos grupos imigrantes que mantinham suas características e costumes em

43 Id., Ibid.

44 Sigo aqui Bulmer, op. cit., 1984.

“comunidades fechadas” na metrópole de modo diverso. Os bairros étnicos, em alguns de seus trabalhos, foram tomados não em chave negativa, mas eventualmente como “exemplo” para conter os efeitos negativos da metropolização. Talvez fosse nas relações entre os habitantes de um mesmo grupo vivendo em um mesmo bairro que o sentido de pertencimento pudesse ser reavivado, garantindo um controle que parecia perdido na vastidão das relações metropolitanas. Numa cidade como Chicago, essa perspectiva não poderia ser menosprezada.

Park trabalhava sobre uma cidade que sofria não apenas dos efeitos da intensa imigração europeia desde fins do século 19, mas também da migração contínua dos negros do sul e de sua concentração em determinados bairros, logo transformados em guetos, buscando lidar com a assimilação desses grupos⁴⁵. Como ressalta Adrián Gorelik, é possível notar no trabalho de Park uma positividade das comunidades migrantes e imigrantes em Chicago convivendo com aquela leitura negativa mais comum, percebendo-se o surgimento de uma contrapartida interna à ideia da negação das sociedades tradicionais para se chegar à modernização. Ao desenvolver uma teoria da assimilação sobre os imigrantes nos Estados Unidos, Park defendia um possível “equilíbrio reformista” a partir do papel da comunidade na sociedade⁴⁶. Numa reedição dos textos clássicos da Escola, o organizador da coletânea afirmava:

Estes homens escreveram de magia e de mentalidade, pois eles procuravam descrever o mito e a intelectualidade. Eles eram *sociólogos que perceberam que a tradição, os costumes e as aspirações românticas de moradores da cidade convertiam fatores ecológicos, econômicos e industriais em organização social*. Na sua busca de objetividade e generalidade, não acharam necessário negar uma preocupação com os valores que impulsionam o ser humano.⁴⁷

45 Para uma breve visão dos bairros étnicos e do “*Black belt*” de Chicago – e suas consequências para a vida na cidade, cf. Glaab & Brown, op. cit., p. 286 e ss. Nos anos 1940, Chicago suplantaria o Harlem, tornando-se a principal cidade negra dos EUA, fato que lhe daria o título de “*the Capital of Black America*”. Robert Park, segundo Billie Davis, “provavelmente contribuiu com mais ideias para as análises das relações raciais e dos contatos culturais do que qualquer outro cientista social moderno”, postulando transferências das observações em sociedades primitivas para a sociedade moderna, como por exemplo ao defender que a proporção de “lealdade” dos grupos está diretamente ligada aos “medos e ódios” de outros grupos, contribuindo para pensar a ideia de personalidade marginal. Para isso, usou os arredores de Chicago para pesquisas empíricas, explorando principalmente 3 campos: comportamento humano, ecologia humana e relações raciais (Davis, op. cit., 1997).

46 Como mostra Gorelik, em um artigo de 1925 Park passa a defender o papel moral dos imigrantes na cidade como um “modelo” para a sociedade urbana norte-americana em sua tentativa de construir um “novo espírito comunitário”, insistindo no papel dos grupos tradicionais para a construção de uma sociedade moderna. Adrián Gorelik, “La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico”, *Revista del Museo de Antropología*, Universidad Nacional de Córdoba, n. 1, 2008, out., 2008. As ideias expostas aqui seguem largamente esta interpretação.

47 Janowitz, op. cit., 1967, p. ix.

FIG.3 Bairros negros do *Black Belt* de Chicago: linha de metrô aéreo e rua comercial, 1941 (fotos de Russel Lee)

O comentário interessa não apenas por ser particularmente exemplar do *modus pensandi* daquele grupo. Interessa sobretudo por sublinhar a importância de um tema que básico para aqueles profissionais (por motivos que pretendemos ter apresentado), toma lugar na constituição de um pensamento sobre a cidade levado adiante por Richard Morse, e, especialmente, uma ideia de cultura urbana como um todo do qual é possível extrair uma “personalidade da cidade” (o “*ethos*” de Morse), ideia que seria fortemente questionada pela sociologia urbana dos anos 1970. Nosso norte-americano mobilizaria compreensão semelhante traduzindo-a para o seu campo de interesses, São Paulo, ao pensar a metrópole paulista como um lugar possível para a comunidade – ou comunidades – continuar a existir.

Entretanto, se Robert Park influenciou os estudos de ecologia e sociologia urbanas dali em diante, deve-se lembrar que os textos mais proeminentes de Chicago a partir da Segunda Guerra foram aqueles que destacaram as novas características da metrópole prevendo como impossível a sobrevivência da “comunidade” nela⁴⁸. Nesses estudos, a metrópole seria quase sempre pensada na chave da desintegração ou da desorganização, como foi o caso tanto dos trabalhos de Louis Wirth como os de Robert Redfield, ambos radicais na leitura “negativa” da urbanização. Essas leituras tiveram desdobramentos importantes e ao que parece só mais recentemente a crítica vem notando como os trabalhos de Park foram pioneiros em forjar a ideia de que a sociedade moderna só poderia seguir adiante se “se apoiasse em aspectos sensíveis da sociedade tradicional, não em sua negação completa”⁴⁹. Esse o ponto que nos importa mais de perto, na medida em que se percebe em Morse a busca da compreensão da metrópole paulista também como parte de uma tradição. Ainda que ele reconhecesse em Redfield seu principal interlocutor, parece ser em Park que se pode notar alguns *insights* depois levados à frente por Morse. Vamos ver como essa postura se radicalizou na reedição do seu livro em 1970 quando, apoiado em todo um debate já desenvolvido a partir das teorias de Chicago – que nos anos 1950 e 1960 foram foco de polêmicas e de teorias alternativas –, o historiador não deixa espaço para dúvidas ao inserir a história e a urbanização da cidade num largo processo de expansão do mundo ibérico. Mas não adiantemos demais o passo.

A cidade, do ponto de vista daqueles sociólogos de Chicago, era o principal lugar para se explorar as interações sociais, já que a verdadeira “natureza humana” seria melhor observada dentro deste complexo artifício social que era o mundo urbano. A noção de “homem em seu

48 Cf. Gorelik, op. cit., 2008.

49 Id., Ibid.

habitat natural” havia introduzido a metáfora biológica e consequentemente o modelo ecológico nas discussões das relações sociais urbanas, como resultado da observação dos paralelos entre os sistemas natural e social. Buscava-se entender porque o desenvolvimento e os usos variavam na cidade, na cultura e na população, compreendendo-os de uma forma integrada ou como parte de um sistema, esse organismo chamado cidade. A conhecida teoria dos círculos concêntricos de Ernst Burgess, por exemplo, foi uma das teses desenvolvidas em Chicago⁵⁰ que em São Paulo serviu de base aos pioneiros estudos de Lucilla Hermann na ELSP sobre uma das radiais do Plano de Avenidas, a avenida São João. Morse valeu-se desse estudo para mostrar que se ali se “comprovava” a teoria de Burgess, ao ser “aplicado” a outra avenida, o esquema “não necessariamente” funcionava. Com isso, assinalava de modo específico o que ele buscou mostrar com seu trabalho como um todo: a dificuldade em se aplicar “teorias” de modo muito direto em contextos distintos. Morse reconhecia a expansão concêntrica da cidade, mas afirmava que

as outras radiais principais da cidade, entretanto, não correspondem a este esquema, e mesmo a avenida São João, depois que foi feito este estudo, afastou-se apreciavelmente de seu esperado padrão de desenvolvimento. (*DCaM*, pp. 285-6)⁵¹.

O sucesso daqueles trabalhos e de certo modo a ampliação do próprio departamento aliado ao momento propício de incentivo aos estudos latino-americanistas nos Estados Unidos nos anos 1940 em diante fez com que a Escola, que até então se dedicava a criar teorias e práticas sobre as cidades tomando preferencialmente Chicago como tema e laboratório, num segundo momento se voltasse para a América Latina, extrapolando seu alcance e penetração para outros países do continente. Tentava-se compreendê-los e, do seu ponto de vista, auxiliá-los em sua marcha inexorável para a urbanização. Mas mais que isso, era uma espécie de “desafio intelectual” que se colocava diante daqueles pensadores, que passavam a aproveitar as possibilidades de um território próximo espacialmente mas ainda em uma “fase anterior” de desenvolvimento. Ou seja, olhavam para um lugar que estava num momento inicial da passagem da sociedade tradicional para a moderna, supondo que essa passagem podia se dar de modo menos traumático ao se construir elementos de

50 Publicada no volume onde também saiu o texto “The city” de Park, a tese defendia que as cidades se desenvolveriam por cinco zonas ou círculos concêntricos (Burgess, Park & McKenzie, op. cit., 1925). Para uma breve apreciação dessa teoria, cf. Schnore, op. cit., 1976, pp. 321-3.

51 O trabalho de citado era Lucilla Hermann, “Estudo do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial – a estrada do café” (1935).

intervenção indicados em suas pesquisas. Tais esforços se inseriam dentro das perspectivas abertas com a Política de Boa Vizinhança, aproveitando-se dos financiamentos e dos programas voltados para a América Latina criados àqueles anos. Desse modo, com bem notou Gorelik,

a América Latina [aparecia] como uma região privilegiada para a mudança, campo de provas na medida da hipótese modernizadora porque, diferente de outras regiões do Terceiro Mundo, se tratava de um continente incorporado *ab initio* à modernidade ocidental, e porque nessa incorporação originária a cidade, possivelmente pela primeira vez na história humana nessa escala, cumpre o papel de ponta de lança em um território hostil⁵².

Um dos principais nomes dessa nova geração de estudos foi Robert Redfield, antropólogo norte-americano que estudou comunidades rurais e semi-rurais no México, fazendo da Península de Yucatán seu principal laboratório de pesquisa⁵³. Redfield, que se casara com a filha de Robert Park e foi por este incentivado a largar a advocacia e seguir a carreira universitária como cientista social, escolheu o México, e inicialmente a pequena cidade de Tepoztlán, próxima à capital, para desenvolver um primeiro estudo trabalhando com os conceitos de desorganização cultural, secularização e individualização⁵⁴. Em seguida, selecionando quatro “agrupamentos” mexicanos em distintos estágios de urbanização na Península de Yucatán – da pequena comunidade tribal maia de Quintana Roo até Mérida, a “metrópole” da península –, levou adiante uma extensa e metódica pesquisa visando a entender o processo de urbanização e seus efeitos naqueles quatro lugares. Para Redfield, cada um dos agrupamentos representava um ponto distinto na inexorável marcha do desenvolvimento urbano ocidental. Deste modo, o que se dera no tempo ali se flagrava no espaço e, a partir destes estudos – o antropólogo permaneceu dois anos na região trabalhando com Margareth Redfield e Sol Tax –, ele elaborou a teoria do “*folk-urban continuum*”. Suas conclusões foram sistematizadas em 1947 no artigo “*The folk society*” publicado no *American Journal of Sociology*, onde se explicitava sua posição teórica⁵⁵. Redfield também trabalhava a partir da clássica polaridade

52 Adrian Gorelik, “A produção da ‘cidade latino-americana’”, *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 17, n. 1, 2005, pp.111-33, p. 117.

53 Entre seus trabalhos estão *Tepoztlán, a Mexican village: A study in folk life* (1930) e *Folk Cultures of the Yucatan* (1941). Para uma breve análise da “teoria” de Redfield e seus desdobramentos no Brasil, cf. Jackson, op. cit., 2002, especialmente o capítulo 3. Para uma perspectiva latino-americana, cf. Gorelik, op. cit., 2008.

54 Cf. Robert Redfield, *Tepoztlán, a Mexican village: A study in folk life*. Chicago: University of Chicago Press, 1930.

55 Id., “The Folk Society”, *American Journal of Sociology*, n. 52, jan., 1947, pp.293-308. Parece ter sido a partir desse artigo, de grande repercussão, que um uso generalizado e pouco crítico do conceito começou a ocorrer, cf. Gorelik, op. cit., 2008.

FIG.4 Livro *Folk Cultures of Yucatan*, de Robert Redfield, editado pela The University of Chicago Press em 1941 e traduzido pela Martins em 1946 como *Civilização e Cultura de Folk*

comunidade-sociedade, preconizando como a partir do contato prolongado com a civilização urbana, as transformações de uma “sociedade rústica ou primitiva” ocorriam sempre no sentido do “*folk*” para o “urbano”, ou do tradicional para o moderno, por meio da assimilação da primeira pela segunda, esta última entendida nos termos formulados por Louis Wirth em 1938.

A pesquisa de Redfield sem dúvida foi a principal matriz dos estudos de comunidade no Brasil, sobretudo após a Segunda Guerra. Num país que parecia estar em condições de completar o processo de formação de seu setor industrial e de iniciar transformações capazes de o levar a um desenvolvimento auto-sustentado, a ideia de incorporação das comunidades tradicionais pela sociedade moderna era particularmente atraente. Não à toa o livro *The Folk Culture of Yucatan*, lançado em 1941, que divulgava detalhadamente a pesquisa feita no México, foi traduzido para o português cinco anos depois pela Editora Martins, facilitando sua leitura nos cursos de Ciências Sociais que então se estabeleciam tanto na USP como na ELSP⁵⁶. O trabalho parecia fornecer a chave de entendimento da metropolização brasileira (e latino-americana), que vivia naqueles anos a passagem de grandes contingentes populacionais do campo para as cidades. Quando Antonio Candido apresentava no início do seu livro como ele passara da análise do Cururu (dança típica do interior de São Paulo) para a análise das condições de vida daqueles que dançavam o Cururu – que viria afinal a ser a sua tese –, os termos empregados – rusticidade, coletividade, normas religiosas,

56 Robert Redfield, *The Folk Culture of Yucatan*. Chicago: The University of Chicago Press, 1941, traduzido para português como *Civilização e cultura de folk: estudo de variações culturais em Yucatán* (Trad. Asdrúbal Mendes Gonçalves). São Paulo: Martins, 1946.

individualismo, secularização – pareciam sair diretamente das páginas de Redfield⁵⁷. Pois também Morse, um norte-americano com pretensões acadêmicas, estudando a evolução urbana de uma cidade latino-americana, se inscreveu no debate. O historiador não se furtou a mostrar como dialogava com aqueles estudos – justamente em um momento em que as ciências sociais se arvoravam as mais aptas a compreender o mundo social (e urbano) –, e de fato o fez, indicando a importância deles para a definição de seu tema e reconhecendo a centralidade, também no seu caso, das teorias de Redfield para o estudo histórico sobre São Paulo⁵⁸:

Existe atualmente uma quantidade de estudos de caso sobre comunidades rurais em transição bem como uma série de análises das classes médias urbanas que surgem. A mais ambiciosa de todas essas contribuições é a investigação feita por Robert Redfield em quatro comunidades de Iucatã, no México. (*DCaM*, p. 13)

Já na sequência, entretanto, Morse apresentava os inconvenientes do “método Redfield” (se é que se pode chamá-lo assim) para um historiador, ressaltando a “rigidez” aliada às tais concepções e lembrando ainda que seu trabalho trataria “das origens e do crescimento de uma *cidade*”, distinta dos pequenos povoados rurais estudados pelo antropólogo. Desta forma, completava,

nem a cidade de São Paulo de ontem nem a de hoje coincide com qualquer das quatro comunidades de Redfield [...] pois o deslocamento de São Paulo na direção da ‘heterogeneidade’ e da ‘desorganização cultural’ *refletiu-se numa configuração de tradições*, tendências e acontecimentos inteiramente diversa. (*DCaM*, p. 14, grifo meu)

Reconhecendo o diálogo necessário com seus pares da academia norte-americana – Redfield em particular – em 1954 Morse fazia a ressalva de que seu trabalho não podia ser compreendido propriamente como um “estudo de comunidade” na medida em que a cidade de São Paulo era distinta das pequenas vilas estudadas pelos cientistas sociais e que a sua evolução urbana estava ancorada numa “tradição” – pode-se acrescentar, distinta de uma metrópole como Chicago. Ainda

57 Diz ele: “A pesquisa foi mostrando que as modalidades observadas e diversos lugares eram verdadeiros estratos superpostos, em grau variável de mistura, mas podendo ser reduzidos a certos padrões. Estes correspondiam a *momentos diferentes da sociedade caipira no tempo*. As modalidades antigas se caracterizavam pela *estrutura mais simples*, a *rusticidade* dos recursos estéticos, o *cunho coletivo* da invenção, a *obediência a certas normas religiosas*. As atuais manifestavam *individualismo* e *secularização* crescentes [...]. Candido, op. cit., 1964, p. 9, grifos meus.

58 As “teorias” de Redfield devem ser lidas como parte de um “paradigma” de compreensão do urbano nomeado pelos críticos das décadas posteriores de “paradigma Simmel-Wirth-Redfield”, daí a necessidade de entendê-los como um *corpus* de pensamento se formulava naqueles anos, como aponta Gorelik (op. cit., 2008).

que sua intenção fosse fazer um histórico do desenvolvimento urbano da pequena vila que em pouco mais de cem anos se transformara numa das maiores cidades latino-americanas, Morse não fez “esforço sistemático para confirmar ou refutar hipóteses sociológicas” (DCaM, p.14), buscando “apenas” retomar a evolução urbana daquela comunidade colonial de *ethos* ibérico e católico que se transformara numa metrópole industrial nos anos 1950 do século 20, colocando no centro da sua interpretação os modos em que isso *não* significou o afastamento daquele *ethos* original. Seu trabalho iria mostrar que foi a despeito, ou, justamente pela manutenção dele que São Paulo se tornava metrópole. Dito isto, valeria pensar: que tipo de metrópole?

O trabalho se valeu do título *de comunidade à metrópole*, buscando compreender nessa passagem a urbanização da cidade, apresentando suas características, a história que embasava a constituição da comunidade e as possibilidades que se abriam para o futuro da metrópole. Morse se aproveitava do debate incorporando esta ou aquela conclusão para montar sua tese, mas o fazia de forma distinta, reconhecendo na metrópole a própria comunidade. Se, como vimos, essa preocupação se reconhece em alguma medida em Park, ao analisar uma metrópole central, quando se voltavam para a América Latina e para a análise dos surtos de urbanização que faziam as capitais periféricas crescerem enormemente, esses pesquisadores, Redfield em particular, acabavam por destacar apenas o lado negativo deste processo, por impor uma vida urbana a setores inteiros que tragados pelo fluxo da modernização não dariam conta – mental e efetivamente – de se adaptarem à nova situação. Impunha-se a esses grupos a desestruturação de seus antigos valores sem que se conseguisse oferecer-lhes novos, o que Candido mostrara nos *Parceiros*. Pouco pesquisadores cuidavam de destacar efeitos positivos da chamada modernização. Ao olharem para a América Latina, no geral era a visão negativa que predominava na análise dos efeitos. Entretanto, essa perspectiva começava a ser revista, ou matizada, a partir de novos estudos sobre o continente que continuaram a aparecer, sobretudo quando passaram a olhar mais detidamente para o polo urbano.

Richard Morse buscava em outro antropólogo norte-americano, Oscar Lewis (1914-1970) – num trabalho que de certo modo revia a posição de Redfield – algo que pudesse se aproximar mais das suas próprias conclusões, ou do que ele parecia flagrar em sua pesquisa sobre São Paulo, ao ver essa metrópole não apenas como um mundo heterogêneo e impessoal mas também como o lugar onde novas comunidades podiam surgir. No início de seu livro o historiador afirmava que mostraria como a visão de Oscar Lewis podia ser mais próxima a sua (DCaM, p. 13). Convém aqui entender a nova “teoria” que animou a formulação de Morse.

O artigo que definiu os caminhos das preocupações de Lewis foi publicado em 1952 com o título “*Urbanization without Breakdown*”⁵⁹ e consolidava os resultados de uma pesquisa que reuniu pela primeira vez na América Latina a pergunta sobre “as causas da migração no ponto de origem e as razões de atração no ponto de chegada, formula[ndo] hipóteses sobre o impacto psico-social da mudança”⁶⁰. Antropólogo formado em Columbia, portanto em outra “escola”, Lewis discutiu os resultados dos estudos de Redfield voltando à Tepoztlán. Revisitando lugares já estudados, desenvolveu novos trabalhos e teorias que se contrapunham àquelas conclusões, invertendo o pensamento ali exposto ao afirmar que diferentemente do que pensava Redfield, os grupos que se trasladavam para as grandes cidades, longe de perderem seus vínculos e tradições, justamente os reforçavam, como forma de garantir sua sobrevivência num meio adverso. Vivendo em cortiços [*vecindades*], entendidos como comunidades relativamente isoladas dentro da cidade grande, segundo Lewis, os vínculos e mesmo as tradições daquela população eram repostos, numa espécie de defesa para garantir sua sobrevivência frente à nova e desfavorável situação.

O antropólogo, portanto, revisitou os primeiros temas de Chicago para criar uma teoria nova para os países da América Latina em vias de modernização, elaborando o conceito de “cultura da pobreza”, de larga apropriação naqueles países dali em diante. Lewis sublinhava o etnocentrismo de teses que se baseavam em conceitos de Simmel, Tönnies, Durkheim (1858-1917) e outros, por serem pensados a partir da experiência de comunidades camponesas endogâmicas da Europa, e buscava formular categorias de análise mais pertinentes à situação analisada. Desse modo, desconfiou especialmente das categorias *folk*, rural e urbano de Redfield, por elas não terem surgido *da* pesquisa de campo no México, criticando não apenas as conclusões do pesquisador, mas todo o “caminho” teórico-conceitual do “paradigma” Simmel-Wirth-Redfield, por destacarem apenas a face desagregadora da metrópole e menosprezarem o que *efetivamente* ocorria nas cidades. Ao deslocar o foco para as condições de partida, observando-as do ponto de vista histórico, econômico, social e cultural, Lewis pôde mostrar que não haveria um processo de urbanização universal ou único, pois ele sempre dependeria desses pré-fatores⁶¹. O trabalho que o antropólogo desenvolveu em seguida, ao acompanhar cinco famílias de origem rural que haviam migrado para a Cidade do México, fizeram-no comprovar suas primeiras conclusões⁶². Numa espécie de “etnografia urbana”

59 Oscar Lewis, “Urbanization without Breakdown: a Case Study”, *The Scientific Monthly*, v. 75, n. 1, 1952, pp. 31-41.

60 Cf. Gorelik, op. cit., 2008.

61 Id., Ibid.

62 Cf. Oscar Lewis, *Five Families. Mexican Case Study in the Culture of Poverty* (1959). New York: Basic Books, 1975.

ele demonstrou que, ao contrário do que se acreditava, havia naqueles migrantes muito menos anonimato e isolamento dos indivíduos, “características postuladas por Wirth, como pertinentes ao urbanismo como forma de vida”, já que “amizades durante toda a vida e relações de todos os dias, face-a-face, com as mesmas pessoas, eram comuns e muito parecidas à situação da aldeia”, visíveis nos novos bairros pobres que surgiam⁶³. Deste modo, o cortiço, para Lewis, atuava como um

amortecedor de choques, em relação aos migrantes rurais na cidade, devido a similitude entre a sua cultura e a das comunidades rurais. Ambas compartilhavam muitos dos traços que antes eu designara como “cultura da pobreza”⁶⁴.

Ao observar a América Latina da década de 1950, Lewis questionava a universalidade dos modelos e com isso criava uma perspectiva particular para entender uma situação também particular. Não se tratava de colocar em dúvida a necessidade de integração dos migrantes no mundo moderno, mas de buscar elementos que pudessem favorecer esta integração de modo mais ajustado, levando-se em conta os aspectos tradicionais daquela população – justamente em seu potencial “comunitário” –, ao invés de simplesmente negá-los. A forma de apropriação desse conceito foi múltipla e não vem ao caso recuperá-la aqui⁶⁵. Apenas vale apontar a oportunidade de uma teoria que buscava valorizar o diferente, o tradicional, o rural, num mundo que cada vez mais mostrava a violência de um capitalismo predador e de uma modernização implacável, com efeitos que em breve se revelariam desastrosos, sobretudo nos países periféricos arrastados para uma modernização com pouco lastro na industrialização. Sua intenção foi particularizar as análises a partir dos termos locais, e não transferir modelos testados nos países centrais, e quase que seus resultados. Aqui também não parece ser difícil encontrar o eixo por onde Morse pôde perceber ali uma perspectiva de análise pertinente para pensar a urbanização de São Paulo. Para alguém que buscava ressaltar a diferença e a especificidade da cultura paulista, o caminho de Lewis parecia de fato mais atraente⁶⁶. Forjada no

63 Oscar Lewis, “Tipos ideais urbanos e de ‘folk’”. In: Hauser & Schnore, op. cit., pp. 461-472.

64 Id., Ibid.

65 Para uma compreensão das apropriações do conceito na América Latina, cf. Gorelik, op. cit., 2008. Sobre a apropriação da “cultura da pobreza” pelos intelectuais paulistas, cf. Pedro Arantes, “Em busca do urbano: marxistas e a cidade de São Paulo nos anos de 1970”, *Novos Estudos* Cebrap, São Paulo, n.83, mar., 2009, pp. 103-27. O conceito teve uma apropriação distinta ao longo das décadas porque Lewis extrapolaria posteriormente seus resultados “latino-americanos” para outras áreas do Terceiro Mundo (Índia, por exemplo). Aqui, estamos olhando para a gênese do conceito em sua formulação latino-americana.

66 Morse cita na sua Introdução o trabalho de Oscar Lewis *Life in a Mexican Village: Tepoztlán Restudied* (1951), dizendo

embate com aquele próprio espaço urbano e suas condicionantes, a partir da pesquisa histórica mas também da experiência, a tese de Morse seria a de que São Paulo soube manter a comunidade na metrópole porque formada sob um *ethos* ibérico e católico, não se rendendo totalmente aos impulsos capitalistas fundados na ética protestante. A necessidade de rompimento da herança ibérica para alcançar a modernidade – quase um *topos* do pensamento social brasileiro, no geral compreendido em chave negativa – seria mobilizada por Morse com o sinal trocado⁶⁷. De certo modo, o historiador defendeu que se observassem as características da origem como supunha Lewis – ou seja, o mundo ibérico – para uma melhor integração da metrópole no mundo moderno. Morse escrevia sobre uma cidade em plena metropolização, no olho do furacão, e ali flagrou a constituição de uma identidade metropolitana que ele tentou compreender na definição de um *ethos* que se configurava desde o momento colonial. Ainda que tal *ethos* houvesse se transformado ao longo dos séculos, no sentido de uma maior secularização e maior individualização – características fundamentais da modernização, ou da passagem da comunidade à sociedade –, seria mesmo possível que essa metrópole não tivesse seguido totalmente os padrões dos países centrais já que ela se formara a partir dessa tradição ibero-católica? Para Morse, *essa* a possibilidade de um caminho distinto de desenvolvimento.

Alimentando-se diretamente da oposição comunidade-sociedade debatida e teorizada por diversos intelectuais há tempos, Morse construía sua história urbana através dessas contraposições desde o título de seu trabalho. Entretanto, o que talvez seja digno de nota, é como Morse sintetizava questões de sua época – o embate da metropolização e a busca das formas que pudessem humanizá-la nos países centrais, tema chave do segundo pós-Guerra – num lugar onde ainda do seu ponto de vista se podia fazer diferente. Um caminho, vale dizer, que foi traçado inicialmente pela aproximação literária (ou cultural, se quisermos), tomada como chave de compreensão do próprio *ethos* daquela sociedade. O norte-americano mobilizava o conceito de *comunidade de espírito*, buscando os vínculos da vida mental, e por isso a ênfase na literatura e nos escritores, valorizando seu próprio grupo intelectual nesta operação. Se na sociedade, ou na metrópole, os indivíduos, conscientes de seus

que à frente mostraria as críticas sobre as suposições e o “método de Redfield”, entre elas a de Lewis.

67 Citemos apenas *Raízes do Brasil*, onde se aponta a necessidade de se romper com a “herança rural”, leia-se ibérica, para alcançar a modernização. Ainda que valha a pena sublinhar como o próprio Sergio Buarque passa a matizar essa ideia em seus estudos posteriores feitos em São Paulo, a partir da sua viagem aos EUA, como vimos no capítulo 1, e dos quais Richard Morse foi contemporâneo. A esse respeito, cf. Robert Wegner, *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sergio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. Obviamente Gilberto Freyre é o nome que surge para se contrapor a isso, por sublinhar a importância da “herança ibérica” (e mestiça) na formação nacional.

FIG.5 Comunidade intelectual em São Paulo: modernistas na década de 1920 e grupo Clima nos anos 1940

interesses, agiam apenas segundo as regras do “contrato”, deixando para trás suas relações pessoais, de confiança, de amizade, etc.; seriam os artistas – vistos como essa comunidade de espírito – os verdadeiros paladinos da contemporaneidade, portadores de um sentido de comunidade inerente que se traduzia em suas obras. O que ele imaginou ter encontrado em São Paulo no final dos anos 1940, na roda de amigos da USP. Morse formaliza esse pensamento numa entrevista posterior:

Dentro da minha intenção de análise de comunidades, sempre me impressionou muito em São Paulo o espírito de solidariedade grupal das corporações e círculos... Falando com artistas, intelectuais, escritores, jornalistas, este sentido de comunidade aparecia com frequência. Sempre me chamou atenção o fato de ter acesso a sociólogos, literatos, pintores: todo mundo se conhecia e eu podia ter contato com muitos deles [...]. Imagine o que significava isso para um americano habituado ao formalismo e à distância entre a classe pensante norte-americana... Em Nova York isso não acontecia nunca⁶⁸.

68 Mehy, op. cit., 1990, p.153. Carl Schorke aponta característica semelhante para Viena em seu estudo sobre a cultura urbana da cidade, afirmando que em Londres, Paris ou Berlim isso não acontecia. Naquelas cidades “os intelectuais nos vários ramos da alta cultura, acadêmicos ou estetas, jornalistas ou literatos, políticos ou intelectuais, praticamente não se conheciam entre si”, enquanto em Viena, “o salão e o café conservavam sua vitalidade como instituições onde vários tipos de intelectuais compartilhavam ideias e valores, e se misturavam a uma elite de profissionais liberais e homens de negócios, orgulhosos de sua cultura geral e artística” (Cf. Carl Schorke, *Viena fim-de-século: política e cultura* (Trad. Denise Bottmann). São Paulo/Campinas: Companhia das Letras/Ed. Unicamp, 1990, p.22.) Chama atenção o fato da preocupação dos dois historiadores (contemporâneos, há que se lembrar) em buscar na identificação dessa comunidade intelectual, e para além dela, na cultura, a chave para os processos sociais de transformação da sociedade. O que podia ser tomado como índice do “provincianismo” paulista, como dissemos, era valorizado por Morse como uma “experiência intelectual enriquecedora” que ajudaria a conduzir uma forma distinta de desenvolvimento da metrópole.

Nesse sentido, a referência para esse pensamento talvez tenha vindo não somente dos debates sociológico e antropológico que se davam com tanto empenho naqueles anos, mas também de Lewis Mumford, um intelectual que lutava para restaurar padrões comunitários nas grandes cidades norte-americanas, escrevendo a partir de Nova York. A forma que Mumford encarava a história das cidades e a cultura urbana metropolitana é outro dos componentes da compreensão de Morse para São Paulo, revelando-se assim mais uma afinidade eletiva do autor que merece ser explorada.

2. A CRÍTICA URBANA NA HISTÓRIA DA CIDADE

Em mais de uma vez Richard Morse afirmou de modo explícito sua dívida com o trabalho de Lewis Mumford:

Eu não conhecia muito a história urbana, e minha maior influência foi realmente o livro de Mumford sobre a cultura das cidades, que é um livro de muita sensibilidade escrito por um planejador que acreditava no potencial dos seres humanos de fazer cidades. Ele começou com as cidades pré-históricas e clássicas, Atenas, Roma etc., até nossos dias, e tinha uma avaliação de que a cidade grega era boa, a romana era péssima, a medieval era boa, e a cidade industrial fora obviamente uma tragédia. Mumford pertencia àquele grupo que queria refazer a ideia de comunidade, um pouco na linha dos ideais urbanos que temos agora, e por isso em meu estudo, ao invés de seguir uma orientação mais marxista, ou mesmo economicista, na perspectiva de Henri Pirènne, optei por uma orientação mais culturalista, sem dar muita atenção à dialética da história⁶⁹.

Trata-se aqui de uma lembrança muito posterior ao trabalho, e Morse inclusive chega a confundir os livros de Mumford ao voltar-se para a história das cidades na Antiguidade, o que só aparece em outro livro daquele autor, *The City in History: Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects* [*A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*] publicado em 1961. Mas isso não é o mais importante. O que pode ser proveitoso é pensar em que, ou de que modo, o trabalho

69 Bomeny, op. cit., 1989. Na edição de 1970, afirmara que quando de sua pesquisa na década de 1940, suas “inclinações eram mais humanísticas e literárias do que científicas” e que as “noções que possuía acerca das sociedades urbanas derivavam provavelmente de Lewis Mumford e Robert Redfield” (*FbSP*, p.19). Em outro depoimento, afirmou que seus “pressupostos teóricos estavam respaldados em Lewis Mumford”, que dizia que a “história urbana só faz sentido para a ‘civilização da cidade’” – e que isso o ajudava para estudar São Paulo, reconhecendo a gênese do *ethos* paulista despontado desde a origem da cidade, mas estabelecido na época da Independência. Cf. Mehy, op. cit., 1990, p.151. Para uma apreciação das diferenças de perspectivas entre Pirènne e Mumford, cf. Ronald Raminelli, “História urbana”. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e método*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, pp.185-202.

de Mumford alimentou a biografia de São Paulo de Morse. Esse intelectual quase autodidata, que falava sobre cidades já desde os anos 1920, sem dúvida exerceu grande influência nos estudos urbanos e de planejamento durante todo o século 20 – o que justifica o elevado número de reedições de seus livros e a quantidade de artigos publicados em revistas e jornais especializados em arquitetura, planejamento urbano, urbanismo e áreas afins –, sendo referência constante nos estudos de história urbana nos Estados Unidos mesmo sem ter ocupado qualquer posto na universidade. Mumford, que tentara na década de 1920 fazer o recém implantado curso de jornalismo na Universidade de Columbia, frequentaria a *New York University*, o *City College* e a *New School for Social Research*, sem entretanto chegar a se formar em nenhuma. Porém, muito rapidamente adquiriu proeminência como crítico e jornalista, publicando ensaios e artigos em revistas e jornais de ampla circulação – como *The Freeman*, *The New Republic*, *The American Mercury* e ainda no *The Journal of the American Institute of Architects* – o que não deixa dúvida sobre a importância de seu trabalho para o próprio meio especializado. Em 1931, tornou-se crítico de arquitetura da respeitada revista *New Yorker*, permanecendo a frente da coluna “*Sky Line*” até os anos 1960⁷⁰.

Intelectual engajado, escreveu textos que pretendiam uma intervenção real no mundo, recusando-se a ceder aos impulsos de especialização que se tornaram mais fortes sobretudo a partir da Segunda Guerra. Mumford se autodescrevia como um “generalista” e viu na atividade jornalística o lugar para exercer sua capacidade analítica, dando vazão a sua veia polemist. Seus primeiros escritos conhecidos seriam justamente sobre o desenvolvimento metropolitano de Nova York, os novos arranha-céus e o planejamento urbano necessário para organizar a vida dessa grande cidade. Visto como “um dos mais notáveis intelectuais norte-americanos do século 20”, sobretudo pelo seu pioneirismo em questões ligadas ao “estudo da tecnologia como história cultural”, Lewis Mumford é reconhecido pelos seus escritos sobre a arquitetura norte-americana, mas também por suas contribuições para a *Regional Planning Association of America*⁷¹, sendo um entusiasta das possibilidades que as novas tecnologias poderiam trazer para a vida nas cidades.

Entretanto, para Mumford, Nova York vivia sob ameaça. Antecipando críticas que se acentuariam nas décadas seguintes, o intelectual discutiu no calor da hora a validade de grandes conjuntos habitacionais que eram feitos a partir das políticas de remoção de cortiços,

70 Donald L. Miller, *Lewis Mumford: A Life*. New York: Weidenfeld & Nicolson, 1989.

71 Cf. Thomas Bender, Book Reviews: *Lewis Mumford: Public Intellectual*. Edited by Thomas P. Hughes and Agatha C. Hughes. New York: Oxford University Press, 1990, *Technology and Culture*, v. 33, n. 2, abr., 1992, pp. 388-389.

FIG.6 Lewis Mumford X Robert Moses: crônica na “Sky Line” da revista *New Yorker*, e o plano de “expressways” para cruzar Manhattan fazendo da ilha o nó de um extenso sistema viário e rodoviário

a crescente verticalização dos bairros de escritórios e a real necessidade de vias expressas que no lugar de facilitar a vida dos moradores, impediam a sua permanência ao cortar a cidade separando bairros consolidados e comunidades orgânicas, e pior, empurrando a população para subúrbios cada vez mais genéricos, destruindo a verdadeira vida urbana. Mumford gastou tinta para defender um ideal mais humano para essa metrópole que ele percebia em vias de desintegração. Sua crítica tinha endereço certo: Robert Moses (1888-1981) e seu ímpeto reformador. O controverso planejador urbano – responsável por dar a Nova York a cara que ela tem até hoje ao construir pontes e túneis que fariam da ilha um nó do sistema viário e que se tornaram ícones da metrópole – buscava naqueles anos promover a ligação sobre rodas com qualquer região do Estado por meio de rodovias e vias expressas⁷². Sob as diretrizes de Moses, entretanto, Nova York estaria se transformando num “artigo de consumo”, moeda de troca nos negócios urbanos que não teriam como finalidade o bem estar daquela sociedade, mas sim fazer rodar a economia em intervenções urbanas que até podiam “dar excelentes fotos aéreas” – com suas “vias em forma de espaguete” ou “rotatórias em forma de folhas de trevo” – mas que efetiva-

72 Robert Moses seria também responsável pela criação de mais de 650 espaços de recreação em Nova York, num monumental sistema de parques e *playgrounds* distribuídos por toda a região. Uma frase atribuída a ele dá o sentido da sua atuação e da sua personalidade: “Quem tem poder, constrói. Quem não tem, critica”. Após a Segunda Guerra, Moses acumulou os cargos de diretor do *Department of Parks*, do *State Park System* e da *Triborough Authority*, sendo ainda membro da *City Planning Commission* e coordenador do *Comitee of Slum Clearance* (Cf. Paul Goldberger, “Obituary: Robert Moses, master builder, is dead at 92”, *The New York Times*, 30/06/1981. <http://www.nytimes.com/learning/general/onthisday/bday/1218.html>. Acesso 06/08/2012).

mente apenas destruiriam as cidades (e as vidas) por onde passavam⁷³. Um trecho mais longo ajuda a entender o teor dessas críticas:

Já agora, as dez da manhã, um pedestre razoavelmente saudável pode atravessar a cidade mais rapidamente que o mais hábil motorista de taxi. [...] Os especialistas do tráfego aceitam de mão beijada que a finalidade de um bom planejamento de tráfego é dar o máximo de acesso e o máximo de facilidades para o movimento de veículos com rodas. Mas a finalidade de um bom planejamento de cidades é conseguir um equilíbrio saudável entre as milhares de atividades de uma comunidade; não supõe que o transporte privado tem uma reivindicação prioritária a todos os recursos da comunidade, ou que é perfeitamente certo tornar a cidade cada vez menos habitável, desde que sejam construídas estradas suficientes para permitir que as pessoas escapem de carro uma vez por semana – somente para arrastar-se de volta cansados e derrotados, cada domingo à noite. O transporte – eu fico corado em pronunciar um truísmo agora ignorado tão frequentemente – é um meio, não um fim.⁷⁴

Chamando Robert Moses de o “czar de Nova York, o Haussmann americano” e combatendo “inovações urbanas próprias da América na época em que elas estavam em plena moda”⁷⁵, Mumford envolveu-se abertamente no debate sobre os caminhos da metrópole, defendendo o planejamento urbano regional como forma de controle da metropolização⁷⁶. Assim como seu “mestre” Patrick Geddes⁷⁷, e diferentemente de outra conhecida crítica das metrópoles que aparece na cena norte-americana alguns anos depois (já na ressaca do desenvolvimento violento da década de

73 Lewis Mumford, “Nova York é artigo de consumo?” (1955), *Arquitetura, construção e urbanismo*, Lisboa: Editora Fundo de Cultura, 1956, p. 167-73.

74 Id., pp.172-3

75 Cf. Raminelli, op. cit, 1997, p.192.

76 Participara do plano de Nova York na década de 1920, tendo sido um dos fundadores da *Regional Planning Association* e seria posteriormente reconhecido na Inglaterra como um dos inspiradores ao *New Towns movement* no pós-Guerra.

77 Mumford chamaria assim Geddes, e daria a seu único filho esse nome. Segundo Almandoz, *Cities in evolution* (1915) e “Indore Report”, em *Town Planning Towards City Development* (1918) são as obras desse autor que Mumford consideraria as mais importantes. O biólogo e planejador urbano escocês teria sido responsável por apresentá-lo à obra e o pensamento de vários “humanistas vitorianos”, tais como Ebenezer Howard, William Morris e John Ruskin, intelectuais que também combateram “a devastação” provocada pela industrialização do século 19, de certo modo inspirando os pensamentos expressos no *Cultura das Cidades*. Cf. Arturo Almandoz, “De Fustel de Coulanges a Lewis Mumford: enquadre historiográfico de antecedentes de história urbana”, *Urbana*, Caracas, v.8, n.32, jan., 2003, pp.57-73. (http://www2.scielo.org/ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S079805232003000100004&lng=en&nrm=iso). Acesso 02/23/2010. Miller destaca como a “visão holística” de Geddes sobre as comunidades humanas estaria na base tanto do *Cultura das Cidades* como no *A cidade na História* (p. 73). Sobre a relação entre Geddes e Mumford, cf. Miller, op. cit., 1989, especialmente os capítulos “A Jovian Father” e “A Man in the Making”, pp.46-74.

1950, plena crise do movimento moderno), a jornalista Jane Jacobs (1916-2006)⁷⁸, Mumford defenderia ações de planejamento como necessárias para manter a vitalidade das cidades, discordando das diretrizes e das ações de Moses em Nova York – que ele tomava como predadoras – sobretudo posteriormente à Segunda Guerra.

Se Mumford não pode ser visto como um teórico, sua importância como crítico e historiador das cidades é inegável, e seus livros têm um lugar garantido na estante dos estudos urbanos. O livro *The Culture of the Cities* – que é o que interessa mais de perto aqui –, certamente é um desses trabalhos⁷⁹. Partindo dos estímulos de Geddes – que, não se deve esquecer, foi biólogo e cujo pensamento também contribuiu para a formulação de uma “ecologia humana” – e escrito em meados dos anos 1930, reunia “material coligido desde 1915”⁸⁰. Na Introdução, o autor explicitava seu método de pesquisa, fundamentado em “observações diretas, levadas à efeito em muitas regiões diferentes, tendo como ponto de partida um estudo detido de [sua] própria cidade e região – Nova York e seus arredores”. Mumford falava a partir de Nova York, a partir da *sua* experiência urbana na metrópole, e era a partir disso que ele pretendia descrever a “cultura das cidades” no mundo ocidental⁸¹. Mas não apenas, pois o livro buscava mostrar também caminhos para as cidades contemporâneas. De fato, os dois percursos são facilmente reconhecíveis em *Cultura das Cidades*, como dois grandes movimentos: uma primeira parte dedicada à descrição histórica das cidades, desde a Idade Média até a metrópole moderna, e uma segunda em que o autor apontava possíveis soluções e propostas de estruturação das cidades no futuro⁸².

78 Autora do imediatamente famoso *Death and Life of Great American cities*. (1961), traduzido como *Morte e vida das grandes cidades*. (trad. Carlos Rosa), São Paulo: Martins Fontes, 2000. Para uma visão da oposição de Jacobs a Moses, cf. Marshall Bermann, “Na floresta de símbolos: algumas notas sobre o modernismo em Nova York”. In: *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 271-330.

79 Lançado em 1938, editado em Nova York por Harcourt, Brace and Company, Inc. O autor afirmaria que o livro complementava os estudos publicados em 1934 sob o título *Technics and Civilization*.

80 Cf. Lewis Mumford, *A cultura das cidades*, s/p. Todas as citações são retiradas da edição brasileira *A cultura das cidades* (trad. de Neil R. da Silva), Belo Horizonte: Itatiaia, 1961. Seu primeiro livro, *The Story of Utopias*, é de 1922.

81 Miller trata da importância da experiência nova-iorquina para o desenvolvimento do pensamento de Mumford, mostrando como foi Nova York a sua “verdadeira escola”. Cf. Miller, op. cit., 1989, p.60.

82 Os quatro primeiros capítulos: “Proteção e a cidade medieval”, “A corte, a parada, a capital”, “A insensível cidade industrial” e “Apogeu e decadência da megalópoles” traçam em linhas gerais esse caminho histórico das cidades desde o século 10 até a metrópole contemporânea. Já os três capítulos finais: “A estrutura regional da civilização”, “A política do desenvolvimento regional” e “A base social da nova ordem urbana” – como os próprios títulos já mostram – tratam de propor eixos de intervenção e caminhos de planejamento para as cidades dali para frente. Cf. Mumford, op. cit., 1961.

FIG.7 Nova York, 1949 (fotografias de Andreas Feininger)

A Academia nunca foi o lugar de Mumford, mas isso não implicou em se furtar a esboçar alguma “teorização”. Vale a pena esclarecer o ponto para o argumento que se segue – que pretende ler o livro de Richard Morse não apenas como um livro de história *stricto sensu*, mas também como um livro que buscou traçar rumos para um desenvolvimento futuro, livre das amarras de um desenvolvimento pautado pela incorporação de padrões exógenos. Mumford afirmava em 1938 que “a natureza da cidade não deve[ria] ser procurada apenas na sua base econômica [pois] a cidade é, antes de mais nada, um resultado social”⁸³, e já na Introdução apresentava sua definição para cidade: “o que caracteriza a cidade é a sua complexidade social de propósitos”. Sendo então “o ponto de máxima concentração do vigor e da cultura de uma comunidade [...] *é a forma e o símbolo de um conjunto integrado de relações sociais*: é a sede do templo, do mercado, da corte de justiça, da academia de ensino”⁸⁴. Partido de um conjunto amplo de referências, que ia de Simmel a Spengler ou de Kropotkin (1842-1921) à William Morris (1834-1896), ele via a cidade, como Simmel a viu, como “um fato cultural, um caldeirão de impressões, de sentimentos, de desejos e de frustrações”⁸⁵, reconhecendo-a como um “objeto urbano” que precisava ser analisado em seus próprios termos, tanto do ponto de vista da sua cultura material quanto das relações simbólicas. A cidade, desse modo, não era apenas o resultado das transformações econômicas, mas seria tomada também como o lugar das representações da civilização, sendo a própria forma urbana a principal delas.

O livro, que pretendia traçar a “evolução” das cidades na história, sem qualquer perspectiva de aprimoramento ou de progresso – antes o contrário –, as reconhecia como o principal produto da terra, “a representação dessa vida estável que começa na agricultura permanente: uma vida que se vive com o auxílio dos abrigos permanentes, vinhedos e obras de irrigação, e de edificações permanentes para a armazenagem”⁸⁶. Ao afirmar isso, o autor definia também o lugar da arquitetura para a compreensão destas cidades. Edifícios eram para Mumford – como Spengler ensinara – as marcas mais visíveis do tempo, os testemunhos materiais de intenções e realizações, e essas duas dimensões seriam mobilizadas ao longo de todo o livro. Não parece difícil reconhecer a matriz do olhar de Morse para a arquitetura em São Paulo. Se as cidades eram “um produto do tempo”, esse “tempo se torna[ria] visível” na própria arquitetura, já que

83 Id., p. 16.

84 Ib., pp.13-22, grifo meu.

85 Raminelli, op. cit., 1997, p. 195.

86 Mumford, op. cit., 1961, p.13.

os edifícios, os monumentos, as vias públicas, mais claramente que o testemunho escrito, mais sujeitos ao olhar de muitos homens do que os artefatos dispersos do campo, deixam uma impressão nas mentes até mesmo dos ignorantes ou dos indiferentes⁸⁷.

O autor apresentava em seu livro a “evolução urbana” ocidental, na qual a “integração mecânica” e a “decadência social” caminharam lado a lado, levando a uma “cristalização do caos”. Da cidade medieval, passava pela cidade barroca e em seguida pela cidade industrial, para chegar na megalópole contemporânea. Buscava mostrar a desordem que se manifestara de modo pleno na cidade industrial e cujos frutos e descaminhos podiam ser sentidos nas metrópoles norte-americanas daquelas décadas. Dessa forma, o longo ciclo urbano da modernidade se iniciara na cidade medieval – do início da idade Média – quando eram visíveis as boas características da vida comunitária. A partir da decadência dessa cidade – na verdade, da própria sociedade, que coincidiu com o início do capitalismo em sua versão comercial⁸⁸ –, o crítico apontava para a progressiva desintegração de um espírito comunitário que presidira a vida, culminando nos resultados físicos e sociais contemporâneos:

Paisagens arruinadas, distritos urbanos desordenados, focos de doenças, trechos de desertos, milhas e milhas de cortiços padronizados, enxameando nas áreas que circundam as grandes cidades e se confundindo com seus subúrbios inúteis. Em resumo: malogro geral e a derrota do espírito civilizado⁸⁹.

Não é difícil entender porque Lewis Mumford viu na cidade medieval – período comumente associado a um momento de obscurantismo, à uma “idade das trevas” – o seu ideal de comunidade equilibrada. Sua intenção – a mesma de Pirènne, note-se – era flagrar no mundo medieval o grau zero do mundo e da cidade modernos. Naquelas pequenas vilas surgidas em toda a Europa de forma mais ou menos espontânea, antes que qualquer ideal reformador impusesse grandes eixos e visuais monumentais, o traçado obedecia as características do sítio, a cidade se valia das possibilidades regionais, e um número razoável de habitantes conseguia sobreviver do seu próprio trabalho. Daquelas cidades havia surgido a vida moderna⁹⁰. Para resumir aqui a história de séculos em quatro

87 Id., p.14.

88 Para o autor, os novos interesses do capitalismo promovem uma nova concepção de espaço, e a mentalidade barroca cria assim uma nova cidade ordenada, rígida, coetânea ao fortalecimento dos Estados nacionais, à consolidação das fronteiras políticas e ao fortalecimento de uma economia monetarizada.

89 Id., p.18.

90 Id., pp.23-83. O primeiro capítulo de seu livro, dedicado à cidade medieval, se iniciava com a seção “Despindo o mito medieval”, buscando desfazer a crença de que o período medieval (do século 10 ao 16) tivesse sido um período de “igno-

FIG.8 Vida comunitária: ruas e casas do Harlem, em Nova York, sob a ameaça de Moses (fotos de Aaron Siskind, 1937-1942)

frases, o caminho passava pela formação das guildas, o nascimento clássico do capitalismo, para chegar no exército industrial de reserva que sustentou a revolução industrial e possibilitou o surgimento das suas metrópoles. Como Mumford não estava interessado na história em si mesma, e sim preocupado em ver no passado o que podia ser aproveitado no presente – ou dito de outra forma, o que experiências humanas pregressas podiam ensinar –, ele buscava na história as formas de vida que pudessem apoiar a vida nas cidades contemporâneas. Sua longa história das cidades, forçando um pouco a mão, foi portanto uma espécie de *de comunidade à metrópole do mundo ocidental*, com vistas a preparar o desenvolvimento urbano dali para frente.

O propósito do livro de 1938, como pretendi deixar claro nessa breve retomada de seus argumentos, era então menos uma história das cidades *per se* e mais uma história como possibilidade de compreensão do presente e plataforma para pensar rumos para o futuro. Para ele, “a tarefa de traçar uma cidade implica[ria] a tarefa maior de reconstruir uma nova civilização”⁹¹. Como planejador que também foi, Mumford se viu na posição de traçar estes rumos a partir da compreensão e da identificação dos pontos positivos do passado que pudessem auxiliar numa proposição futura, e dos pontos negativos que pudessem ser descartados ou evitados dali em diante. Assim como Mumford, que para escrever seu *Cultura das Cidades* se valera do seu conhecimento e de sua

rância, corrupção, brutalidade e superstição” ao notar que essa apreciação era apenas produto dos “romances góticos” do século 18, responsáveis por cristalizaram tais imagens. Vale destacar aqui que esse o tema de um pensamento que surge com o romantismo no século 19, de revalorização “medieval”, que está na base do pensamento dos tais “humanistas vitorianos” (como Morris e Ruskin), e que seria a base do pensamento urbanístico de um Camillo Sitte. A esse respeito, cf. entre outros, Benedetto Gravagnuolo, *História del urbanismo en Europa (1750-1960)*. Madri: Akal, 1998.

91 Id., p.19.

experiência em Nova York, Morse também deixou claro que sua experiência urbana em São Paulo lhe dava um lugar de onde falar. Destacava sem pudor sua identificação com a cidade, mostrando como suas hipóteses haviam sido construídas a partir dela. O historiador buscou na identificação mais direta, aprendida com Frank Tannenbaum e confirmada pelas suas referências, os próprios termos das suas análises. E de fato se nota que Morse levou isso adiante nas relações que estabeleceu com os intelectuais paulistas. Morse os tomava não apenas como “fonte” para seus trabalhos (que é o modo mais habitual que os latino-americanistas se vinculavam com seus objetos de estudo), mas apropriando-se organicamente daquele pensamento, desenvolvia sua reflexão na forma de um proveitoso diálogo, numa troca horizontal com o que se fazia e se discutia em São Paulo, valendo-se de ideias e perspectivas daqueles intelectuais para abrir os caminhos do seu pensamento⁹².

Foi nesse sentido que Morse viu São Paulo apresentar possibilidades de modernização que poderiam ensinar ao resto do mundo a construção de uma sociedade diferente. Os “objetivos reformistas de Chicago de compreender as leis da mudança social para favorecer a melhor integração do tradicional no moderno”⁹³ seriam transformados em seu trabalho pela vontade de se manter no moderno o que de peculiar e próprio havia no tradicional (não tomando-o apenas como uma dimensão do arcaico), sob o risco de se perderem as referências e os pertencimentos que garantiam a liga da comunidade e que seriam responsáveis por não deixar a sociedade cair na anomia. Vale retomar as palavras de Morse anos depois, quando buscou explicar suas intenções:

procurei pensar as cidades a partir dos momentos em que se poderia perceber a experiência da comunidade. Busquei aqueles momentos ricos de promessas, muito mais do que os determinantes históricos. [...] No entanto, minha ideia não era fazer uma história linear das cidades, passando de um tipo ideal para outro, e sim indicar na metrópole atual *o potencial de restauração da noção de comunidade*, de uma maneira muito mais complexa e pluralista. O caminho que escolhi para tratar da história da cidade de São Paulo foi portanto *identificar alguns momentos culturais importantes e tentar perceber a mentalidade das pessoas*⁹⁴.

Parece ter sido pela compreensão da potência de cada um desses *momentos* que o historiador quis mostrar as possibilidades de se enfrentar o cotidiano da vida metropolitana. Vejamos então como essa tese foi elaborada no livro, nas diversas edições, já que o debate sobre estes temas

92 Nesse caso, o diálogo que estabeleceu com Luiz Saia é paradigmático. Já sensibilizado por Mumford, pode colher em São Paulo impressões e ideias que fez render para seus próprios argumentos.

93 Cf. Gorelik, op.cit., 2008.

94 Bomeny, op.cit., 1989, grifo meu.

foi mudando ao longo do tempo entre elas, e mais que isso, a própria experiência de Morse em relação a esse debate. Richard Morse reelaborou o lugar de São Paulo na América no arco temporal que cobre as duas edições brasileiras, de 1954 a 1970, ou antes até, se considerado seu primeiro estudo em 1947, propondo uma volta de 180 graus no *sentido* da cidade. Partindo da cidade “exceção ao padrão latino-americano” ao se debruçar sobre os anos coloniais em seu mestrado, chegou na “metrópole latino-americana” em 1970. Como ele fez isso, e a partir de quais conclusões ele pode rever sua leitura, é o que nos importa aqui.

3. A COMUNIDADE SE TORNA METRÓPOLE

Vimos que a primeira parte da obra tratava dos anos coloniais e dos primeiros estímulos anunciadores de tempos e humores novos. Numa cidade ainda quase aldeia, ao descrever os processos comerciais, Morse relatava a interpenetração campo-cidade, não apenas no nível econômico, mas também no social, para mostrar como estas duas categorias pouco se diferenciavam: da manhã à noite a rua fervilhava com pregões de vendedores, passagem das mulas, burburinho do comércio, batuques e modinhas de viola improvisadas.

[...] em tal cidade, ou comunidade rural, as relações eram primárias e pessoais. As leis, as instituições, até os nomes das ruas – Beco da Cachaça, Beco do Sapo, Rua do Jogo da Bola, Beco dos Cornos – só se tornavam efetivos se expressos em termos localmente reconhecidos. Serviços executados pelos milhares de agentes especializados da metrópole autoconsciente, eram realizados na pequena cidade rural comunalmente, quase que por instinto. (*DCaM*, p. 26)

Os exemplos se somavam. Incêndios debelados pelos habitantes: homens e mulheres livres e escravos, estrangeiros e nativos, autoridades e cidadãos, que ao ouvirem os sinos, acorriam ao local com baldes d’água. Ou a saudação nas ruas: mesmo quando estranhos, homens tiravam o chapéu em respeito recíproco (*DCaM*, pp. 26-7). E outras tantas situações que serviam para descrever a cidade nos anos anteriores à Independência de modo a apontar a permanência de padrões de sociabilidade coloniais dos séculos anteriores ainda em pleno século 19. São Paulo, devido ao seu razoável isolamento físico, teria preservado hábitos e costumes antigos, e se orgulhava disso. Morse valia-se de um dos tópicos da historiografia tradicional paulista, o “isolamento”, para entender a manutenção dos valores comunitários. A citação de um trechinho da autobiografia de um paulista falava por si sobre a essa “manutenção”:

As antigas famílias paulistas de puro sangue, mesmo não sendo opulentas (e poucas se contavam relativamente opulentas) eram profundamente imbuídas d'um alto sentimento de própria estima, que lhes dava certo cunho aristocrático, pela severidade e recato dos costumes; pelo escrúpulo na escolha das alianças matrimoniais, quanto ao puritanismo da raça; pela honrabilidade do caráter; pela probidade nos negócios; tudo isso acrisolado por um absoluto predomínio das crenças religiosas (DCaM, p.32).⁹⁵

Ele a citava não sem uma dose de crítica, mas no fundo parecia concordar senão “quanto ao puritanismo da raça”, ao menos à “honorabilidade do caráter”. Com a Independência, entretanto, surgiria em pouco tempo a “cidade-mente”. A mobilização desse conceito – de novo, a partir de categorias simmelianas – era feita para introduzir as primeiras percepções de mudança. Novos ares soprariam por ali, e três, como já sabemos, foram os fatores apontados pelo norte-americano como catalisadores. Também eles podem ser lidos nos termos da passagem da comunidade à sociedade da sociologia clássica. Com o surgimento da imprensa, a circulação de informações tenderia a ser feita de modo menos “afetivo”. A “opinião pública” começava a ter importância, deixando gradativamente o hábito e o costume para trás. E além disso, a integração a um sistema administrativo nacional mostrava que a instância de decisão não era mais a da própria comunidade, a “aldeia”, mas do “Estado”, nesse caso, um estado nacionalmente constituído – ordem objetiva e racional que começa a se estabelecer.

A vinda dos jovens estudantes bem como a de uma série de novos profissionais que passavam a viver na cidade – já que uma nova demanda por seus serviços se constitui – mostrava como as relações sociais iriam se complexificar, e com isso a unidade *orgânica* que caracterizava aquela vila até então começaria a ser substituída por uma unidade *mecânica*⁹⁶. Para Morse, a Academia fora “o mais poderoso agente de cosmopolitização”, na medida em que “atraía alunos de todo o país e de fora”. Ao mesmo tempo, a imprensa, por sua vez, também “fazia parte do processo de extroversão da cidade”, auxiliando com a circulação das informações. O tema da ampliação da circulação literária – fundamental quando se discute a metropolização das cidades⁹⁷ – era mobilizado pelo historiador para apontar como “era através da imprensa que uma teia de interesses distantes e

95 Trecho da *Autobiografia* de Francisco de Assis Vieira Bueno (1899) citado por Morse.

96 Para usar os termos de Tönnies e Durkheim.

97 Beatriz Sarlo, Flora Süssekind, Maria Alice Rezende de Carvalho, Ángel Rama, Antonio Candido, Raymond Williams e Malcolm Bradbury são alguns dos autores que trataram da questão em vários de seus estudos, com objetivos distintos. Vale lembrar que não à toa os sociólogos de Chicago mediam a circulação literária (contando a imprensa nisso) para graduar a influência metropolitana (Glaab & Brown, op. cit., 1967, p. 275).

FIG.9 Três vistas da “avenida São João”: aquarela de Debret em 1827, foto de Militão em 1867 e de J.B. Duarte em 1943

impessoais se projetava sobre a tela circunscrita e imediata, vista e sentida, da rotina e do costume” (*DCaM*, p.57). O surgimento da imprensa, como ensinaram os sociólogos de Chicago (também via Simmel), era destacado por Morse como fator fundamental para o rompimento dos padrões comunitários, impondo novos ritmos e instâncias de avaliação, sendo vista ao mesmo tempo como

efeito e causa da nova tensão entre o conhecimento imediato e a ideia distante. Os pregoeiros da cidade que liam seus editais ao rufar dos tambores já não eram veículo para as complexidades da época que se inaugurava – que iam buscar tanto suas resoluções como novos enredos nas forças da “opinião pública”. (*DCaM*, p.57)

Mas para mostrar que havia idas e vindas nessa extroversão – ou, não se deixando levar por conclusões quase mecânicas da passagem da comunidade à sociedade – Morse mostrava que os primeiros jornais tiveram que enfrentar hábitos arraigados para, por exemplo, receber anúncios. Essa espécie de pêndulo que o historiador opera em seu texto lhe garante a confiança do leitor, que menos que convencido por assertivas e padrões fixos que categorias sociológicas parecem impor, vai sendo conduzido pelo seu raciocínio numa narrativa que busca ordenar pontos, dados, temas e questões. Deste modo, fica-se sabendo que a cidade até então possuía por volta de vinte casas comerciais todas pertencentes a portugueses (que eram essencialmente os únicos pontos de reunião mundana) cujos donos eram conhecidos pelos seus apelidos populares: “Bom Fumo”, “Boas Noites”, “Domingos Cai-Cai”:

As mercadorias, eram de todos conhecidas e os fregueses, persistentes nos seus hábitos [...] Em tais condições, um anúncio persuasivo poderia desfazer por suspeita o vínculo amistoso entre o negociante e o freguês. (*DCaM*, p.57)

Ou seja, ainda que certos estímulos pudessem ser notados naqueles anos pré-Independência, Morse não os tomava como unívocos, expondo em que medida eles produziam “uma alteração imediata no pulsar do organismo”, em que medida “foram neutralizados”, e a que ponto “se infiltraram em tecidos ocultos, retendo suas forças metabólicas até que se libertassem de modo mais visível (*DCaM*, p. 58). Tudo para dar conta da imensa gama de possibilidades abertas nas formas de desenvolvimento da cidade, buscando apartar-se de uma história única e definitiva e trilhada de modo linear.

Ao momento subsequente (1830-1845), que Richard Morse chamou de “período de indecisão”, explorava-se o “mal-estar colonial”. Vale a pena assinalar que Morse buscava com essas denominações borrar a ideia de “transição” que havia em Redfield, pela característica evolucionista implícita nela –, sem entretanto alcançá-la totalmente, na medida em que a própria cronologia acabava por repor a ideia. A época também não chegava a ser tão desconfortável como a descrita pelos primeiros sociólogos do século 20 ao analisarem as cidades na passagem para a vida socie-

tária, apresentando-se como um período de indecisão sobretudo pelas promessas futuras. É nesse momento que o maior controle por parte do Estado nacional se fez sentir na cidade, “solapando a iniciativa e o conhecimento próprio da comunidade municipal” (*DCaM*, p. 60), retomando aqui os efeitos do terceiro agente catalizador. Morse apontou como as lutas políticas entre grupos e instâncias de poderes,

paixões desencadeadas sob a forma de afirmação política, numa comunidade há tanto tempo isolada [...] só poderiam representar [nesse início] uma barreira entre o povo e qualquer conhecimento das necessidades e da natureza da comunidade. (*DCaM*, p. 61)

O historiador mostrava como a nova configuração política do Estado centralizado demoraria para compreender e dominar as questões internas àquela comunidade. Como era nesse momento ainda pouco definido que São Paulo começava a receber em maior número estrangeiros que buscavam se estabelecer na cidade, notava-se que “os paulistanos demonstravam sua usual desconfiança para com os que chegavam de fora”. Além dos que aportavam de forma avulsa e se estabeleciam por conta própria, oferecendo serviços, surgiram as primeiras iniciativas de imigração subvencionada, sem entretanto obter sucesso imediato. O exemplo era o caso da colônia alemã em Santo Amaro, que devido ao solo pouco fértil e ao isolamento do bairro fez daqueles europeus “alemães acabocladados [...] assimilados à língua, religião e padrão de comportamento indolente do caboclo rural paulista”. Em seguida, ele completava que “a única sobrevivência reconhecível da colônia é um punhado de sobrenomes alemães deformados.” (*DCaM*, p.71). Mostrava assim como a “comunidade” teimava em continuar ditando os padrões, antes incorporando os de fora aos seus sistemas e costumes que aceitando qualquer transformação ou modernização.

Outros exemplos eram dados para confirmar tal dinâmica, ou, se pensarmos na forma narrativa, para fazer o leitor se convencer do seu argumento. Um deles era que em 1829 a Câmara Municipal tentou projetar um cemitério distante das residências, e se notava em 1835 o registro de um deputado provincial que solicitava o fim da “prática supersticiosa e ofensiva” de sepultamento nas igrejas, com a criação de cemitérios públicos onde “os corpos pudessem ser enterrados a 7 palmos de profundidade e 1 palmo e meio de separação” – mas a comissão encarregada de estudar a viabilidade comunicou “não haver meios praticáveis de burlar o costume”. E assim, diz o norte-americano na sua prosa literária, “persistiu o costume”:

Cada cadáver era trazido para a sua igreja. Levantavam-se as tábuas do assoalho. Cavava-se uma sepultura, e o recém-chegado, geralmente desprovido de esquife, aí ficava a misturar-se

aos ossos de seus antepassados e à terra úmida. Revolvida a terra e recolocadas as tábuas, as damas piedosas retornavam às suas longas horas de orações, diretamente em cima. Insensíveis aos tempos, elas comungavam, no velho ritual e no ar fétido que respiravam, com aqueles que já se tinham ido. (DCaM, pp. 73-4)

Morse escrevia pouco mais de cem anos depois, e narrava um ritual que parecia imemorial mas que ocorria em pleno século 19, o que dava conta do quão pouco tempo a cidade começara a se transformar. Costumes pediam os significados reais: “as ações tornavam-se rudes, destituídas de sentido comunal”. Mascarados, por exemplo, que apareciam nas ruas nas festas cívicas e religiosas, na década de 1830 se tornavam meros “disfarces para a violência criminosa” (DCaM, p. 76). Outro ponto que o auxiliava a mostrar as mudanças, no sentido de deixar a comunidade para trás, foi o político. A Revolução de 1842 deixaria ver que as figuras de importância na capital, como vimos,

já não eram os caciques regionais vivendo em orgulhoso isolamento em suas fazendas, mas os bacharéis, quer estadistas, quer políticos, que convergiam do interior e do Rio, com novas técnicas de domínio, fixando residência na cidade, assenhorando-se de sua imprensa e de suas tribunas, fazendo entrosarem-se aos da nação os interesses e destinos da cidade. (DCaM, p.79)

Mas o autor buscava mostrar que isso não ocorria sem embates, e os liberais paulistas alimentavam a crença de serem perseguidos pelo poder Imperial, achando que os cargos políticos locais estavam sendo preenchidos por “estranhos nomeados”. Segundo Morse, mais uma vez, era a desconfiança “oriunda do isolamento colonial” da cidade, que iria redundar em um “complexo de perseguição” com desdobramentos até depois de São Paulo se tornar o estado mais forte economicamente da nação (DCaM, p.79 e ss). A passagem da ordem *familiar*, da *aldeia*, para a *metrópole*, para a ordem do *Estado* e da *nação*, nos termos sociológicos, não se fazia suavemente. A “São Paulo do meio-século”, como a chamou Morse, foi a cidade que começava a absorver a ordem impessoal e abstrata desafiando a ordem doméstica e familiar da comunidade. E a tese de seu estudo era a de que “este triunfo do abstrato só é um triunfo em sentido amplo se a ‘ordem doméstica e familiar’ não for negada, mas sim enriquecida e realizada tanto em termos domésticos quanto gerais” (DCaM, p.113).

Vê-se o diálogo com a teoria, mas mais ainda, prepara-se o leitor para compreender as posições elaboradas mais para frente, no sentido da *manutenção da comunidade na sociedade*. Se é verda-

FIG.10 Três vistas do Largo de São Bento: foto de Militão em 1827, de Gaensly em 1890 e de J.B. Duarte em 1938

de que Tönnies pressentiu “o apelo que a *sociedade* lançaria um dia à *comunidade*”⁹⁸, como já disse um comentador, Morse, leitor de Lewis Mumford, aqui parece fazer o mesmo, tratando de sublinhar as manifestações comunitárias, ou o *ethos histórico* da cidade – como ele se refere, para que esse *ethos* pudesse ser mantido na metrópole a despeito das transformações e mudanças. Tal formulação, ainda que não pedisse à sociedade que retrocedesse, ia no sentido de demandar que ela própria percebesse “em si uma confiança mais certa no reagrupamento e no renascimento dos elementos afetivos com os quais os homens, como seres sensíveis, jamais cessaram de aspirar”⁹⁹. O historiador comungou dessa apreciação, ao buscar em seu trabalho reafirmar – sobretudo no capítulo final – a necessidade de se compreender isso para se seguir um caminho próprio de desenvolvimento.

Nos anos do romantismo, a importância da cultura cafeeira para a transformação da cidade – objeto de inúmeros estudos – se daria em vários níveis. Um primeiro fator, ligado diretamente, por assim dizer, a essa cultura, foi o fato de que a classe responsável pelo seu desenvolvimento ter se constituído, desde o início (ao menos na região noroeste do Estado) como uma classe eminentemente urbana, e não mais agrária como *costumavam ser* os fazendeiros em geral. Os “novos barões do café” estavam “menos presos ao costume e mais livres para planificar sua exploração com objetivo puramente capitalístico”. Tal peculiaridade – destacada por autores que discutiram o lugar distinto de São Paulo na formação brasileira, como apontei no primeiro capítulo – teria forjado o aparecimento de uma cultura também urbana, para atender as novas necessidades dessa nova classe. A mentalidade urbana que eles exibiam, com o advento das ferrovias (a partir de 1867)

98 Leif, “Introdução”. In: Tönnies, op. cit., 1944, p.vii.

99 Id. Ibid.

pôde ser plenamente satisfeita, na medida em que não se tornava mais necessário permanecer nas fazendas. Mas além disso, a própria mão-de-obra livre empregada nessa cultura rapidamente geraria um contingente de potenciais consumidores, sem contar os muitos imigrantes que permaneciam na cidade empregados nas novas atividades que surgiam dia após dia. “O surto do café foi em parte um produto da cidade” (*DCaM*, p.117).

Morse, de certo modo embebido pelas conclusões de Chicago, viu aquela cidade anteriormente “pequena em tamanho, modesta nas suas necessidades econômicas” e que vivia em “equilíbrio simbiótico” com a região circunvizinha se transformar. As consequências rapidamente se fariam sentir: aumento dos preços dos gêneros alimentícios, sentimento de perdas de referências, reações de xenofobia, etc. (*DCaM*, pp.117-124). Era o prenúncio de um mundo diferente quando a vila se transformaria em metrópole, e que poderia provocar todas as consequências já estudadas pelos sociólogos. Restava saber se estas consequências tinham naquela cidade o mesmo sentido.

Antes, no entanto, quando surgiu a “cidade-organismo”, vista pelo historiador como um “período de expectativa” após o influxo da mudança dos anos do romantismo, notava-se “uma fase de passividade” iniciar na cidade. O seu aspecto exterior não tinha piorado, mas também não mudara para melhor e a transformação portanto não era constante nem progressiva.

Ainda que “vestígios coloniais – arraigados e inquestionáveis em 1820 e cultivados como românticos em 1850 – eram, na década de 1860, inaceitáveis como arcaicos”; ainda que um novo jornalismo – “vivo, sarcástico e empenhado publicamente com questões atuais e práticas” – começasse a surgir e o juiz para tudo e todos passasse a ser definitivamente a “opinião pública” (“cada vez mais se apelava para o ‘povo’ como o árbitro supremo”); mesmo assim, o sistema patriarcal mostrava a sua força, e os novos agrupamentos políticos pareciam ser “mero disfarce” para antigas rivalidades entre famílias (DCaM, pp.130 e ss.)¹⁰⁰. Note-se uma vez mais o vocabulário escolhido cuidadosamente pelo autor: “expectativa”, “passividade”, “vestígios”, ao lado dos anteriormente citados “indecisão” ou “mal-estar”. Todas figuras que falam de evolução e de transição, e que nos mostram como Morse, consciente desse evolucionismo sociológico, tem dificuldade de escapar dele, já que o próprio vocabulário parece revelar não haver outro marco possível, como mostra definitivamente o próprio título do livro, *de comunidade à metrópole*. Deve-se atentar, entretanto, para como o norte-americano conseguia mostrar nas entrelinhas as diferenças com o desenvolvimento das cidades centrais, porque é isso que mais adiante lhe permite tirar as conclusões que tira.

Como mais e mais grupos de interesses iam surgindo na cidade, apareciam novas organizações para auxiliar seus membros no que fosse necessário. Mútuas e sociedades beneficentes se organizavam por categorias de trabalhadores ou etnias (italianos, sírios, portugueses, alemães, etc.), para prover a subsistência dos membros necessitados, reabilitar os inválidos e sepultar os que morressem na indigência. Os estrangeiros que começavam a chegar em quantidade, então se

100 De fato, ao estudarmos a história política e econômica de São Paulo, ainda que haja frações de classe, com interesses particulares, organizadas em partidos opostos (como o PRP e o PD, por exemplo) notamos que elas pouco ultrapassam o âmbito das principais famílias, que são detentoras dos meios de produção (fazendas, indústrias), sócias do sistema bancário, dominam as instâncias de poder (municipal, estadual e nacional), a imprensa (sendo donas dos grandes jornais e principais revistas), e ainda patrocinam como mecenas as manifestações culturais. A família Prado é o exemplo clássico: os salões de Veridiana Prado e anos depois de seu neto Paulo Prado, a *Revista do Brasil*, as fazendas de café mais importantes, a casa exportadora Prado & Chaves, o Banco de São Paulo, a Estrada de Ferro Paulista, a Vidraria Santa Marina, Antonio Prado conselheiro do Império, primeiro prefeito republicano e fundador do PD, Antonio Prado Junior prefeito da capital a República, Fabio Prado prefeito de São Paulo quando da criação da USP, enfim, todas as formas de poder pareciam estar ocupadas pelos Prado. E assim com os Souza Queiróz, com os Álvares Penteado, com os Pacheco e Chaves, e outras poucas famílias. Apenas após a Revolução de 1930 a situação parecia começar a mudar. Mas a reação de 1932 mostra como esses paulistas ainda estavam vivos e atentos. Sobre a constituição e atuação da família Prado. Darrel Levi, *A família Prado*, São Paulo: Cultura 70, 1977 (edição da tese orientada por Richard Morse). Para uma visão das idiossincrasias da elite paulistana, em especial a família de Martinho Prado, cf. Ina von Binzer, *Os meus romanos: alegrias e tristezas de um preceptora no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

faziam mais visíveis na cidade, ainda que fossem alvo de algumas atitudes por parte dos nativos que podiam ser resumidas como de “defesa”: ironia, zombarias, mas também auto-censura e algumas vezes, xenofobia. Contra estas atitudes esses agrupamentos teriam um papel importante, criando *comunidades* dentro da nova *sociedade* (DCaM, pp.141-5). Como se tratava de entender um processo, essa transformação teria que ser flagrada em ponto pequeno.

O período entre 1870-1890 é apresentado em seu livro como o tempo em que a cidade começava “rapidamente a assumir aspectos de metrópole florescente, poliglota, comercial, e mesmo industrial”, processo que se delineia efetivamente a partir da virada do século. Mas de que metrópole fala Morse? Sabe-se que o conceito de metrópole, na formulação simmeliana, está diretamente vinculado aos processos de generalização da economia capitalista na cidade e informa a própria ideia de cultura urbana que demonstrara Wirth: individualismo, desorganização, heterogeneidade, etc. Entretanto há um outro sentido de metrópole, mais convencional digamos, de “grande cidade”, que também estava em jogo nas formulações de Morse sobre São Paulo, a cidade que crescia e se expandia de modo violento. Em fins dos anos 1940 o tema estava na ordem do dia, a partir do debate sobre a reconstrução de cidades europeias no segundo pós-Guerra¹⁰¹, e como vimos com Mumford, também nos Estados Unidos, onde as metrópoles eram alvo de discussões acaloradas. Ao observarmos Nova York – *a metrópole* do século 20, como Paris o fora para o século 19¹⁰² – podemos ver que o embate entre visões e interesses tomava formas agudas que extrapolavam de longe o campo teórico e influíam de modo definitivo a vida das pessoas. Mais que isso, gerando novas formas e modelos de atuação que inspirariam soluções e forneceria modelos para muitas cidades no mundo todo. Como se sabe, a Grande Nova York fora criada em 1898, incorporando a sua área urbana os subúrbios de Brooklyn, Queens, Bronx e Long e State Island, tornando-se a principal metrópole norte-americana, do ponto de vista econômico mas sobretudo simbólico. Assim, um “ideal” de metrópole moderna no Novo Mundo se configurou desde o final do século 19: uma cidade que tinha uma vasta região de influência, que se desenvolvia a partir da industrialização, que funcionava como polo de atração para uma imensa comunidade de estrangeiros e também de “nativos” vindo de outras áreas do país em busca

101 Sobre as *New Towns*, cf. Gravagnuolo, op. cit., 1998, em especial o capítulo 2.

102 Para uma discussão dos sentidos da metrópole, cf. Thomas Bender, *The unfinished city: New York and the metropolitan idea*, New York: The New Press, 2001, entre outros e Walter Benjamin, “Paris, capital do século XIX (Exposé de 1939)” (Trad. Cleonice Mourão). In: Willi Bolle (org.), *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: Ed UFMG /IOESP, 2009, pp. 53-67.

das oportunidades ali concentradas, gerado uma cultura urbana própria¹⁰³. De certo modo Morse destacou características semelhantes, adaptadas a escala e a história de São Paulo, para também reconhecê-la metrópole não nos anos 1940, mas já em fins do século 19¹⁰⁴. Todas as condições para o desenvolvimento que ele verificava empiricamente, a partir da sua presença na cidade no final da década de 1940, apareciam naquele momento em germe:

O espírito capitalista, embora naturalmente não se tratasse de um capitalismo plenamente desenvolvido, difundia-se em São Paulo e aí efetuava, como em outros lugares, grandes transformações [...]. Ainda mais que nas sociedades industriais do hemisfério norte, onde predominava o *laissez-faire*, o desenvolvimento econômico de São Paulo coube mais ou menos fortuitamente à iniciativa individual. (DCaM, p.164)

Morse ressaltava desse momento a importância das iniciativas individuais, que reconhecemos também como caracteristicamente norte-americana, o incensado *self-made man* que garantiu ao capitalismo na América o sentido de país das oportunidades, descrevendo a atuação de alguns estrangeiros – como um Matarazzo – batendo na tecla dos homens que se fizeram sozinhos, comprando a ideia de uma certa trajetória heroica que se ligava ao espírito desbravador do paulista desde os tempos coloniais (DCaM, pp.164-9)¹⁰⁵. O norte-americano mostrava ao mesmo tempo como “com as estradas de ferro e o braço trabalhador assegurado, tornava-se mais claro o caráter explorativo e urbano-capitalista do surto do café” (DCaM, p.181). Portanto, ainda que fosse patente que a riqueza gerada não necessariamente levava à construção de uma sociedade melhor, “explica[ndo]-se assim a pobreza da nossa população rural e a prosperidade das cidades, habitação e centro daquelas” (DCaM, p.182), o historiador parecia defender que

o europeu de classe inferior que fosse empreendedor, descobria que a sociedade paulistana oferecia então considerável capilaridade econômica e mesmo social. Uma via comum para progredir era o comércio de mascate. (DCaM, p.188)¹⁰⁶

103 Para uma visão do desenvolvimento de Nova York, cf. além de Bender, op. cit., 2001; François Weil, *A History of New York*. New York: Columbia University Press, 2000.

104 Por isso inclusive ele pode terminar a tese com a Proclamação da República e mesmo assim demonstrar suas hipóteses.

105 Em alguns momentos nota-se Morse bastante coincidente com uma historiografia paulista que tende para o ufanismo, como se percebe nessa passagem. Antonio Candido já discorreu sobre a elasticidade do mito “bandeirante” na incorporação dos estrangeiros empresários, como vimos no capítulo 1, e aqui insisto na “pregnância” do conceito.

106 Percepção semelhante teria a jovem preceptora da família Prado, cf. Binzer, op. cit., 1994.

Surgia uma cidade cosmopolita, nem que fosse apenas pela quantidade e multiplicidade étnica dos estrangeiros. Eles estavam em tudo e vinham de toda parte: os gêneros alimentícios eram vendidos por portugueses (secos & molhados), os tecidos, por franceses e italianos, e em seguida por sírios e libaneses; eram italianos os principais vendedores de sapatos, funilaria e ferragens. Os padeiros, confeitores e curtidores, franceses e alemães. As metalúrgicas pertenciam sobretudo a ingleses e americanos (*DCaM*, pp.188-9). Aos negros ex-escravos, como na América, coube os serviços mais baixos na escala social. Habitavam em geral “casebres miseráveis, trabalhando mediante salários ínfimos” e os opositores da recente emancipação argumentavam que eles aumentavam o número de alcoólatras, criminosos e vagabundos. Mas, mostrava o norte-americano, alguns defensores do liberalismo já aquela altura contestavam que “raros, muito raros, são os mendigos pretos que se encontram nessa cidade [...] [os mendigos] são todos estrangeiros”. Morse verificava como a esses miseráveis “se negavam as fortunas da cidade, [e] sua sina era a desolação e o anonimato”, já em muito diferente à “afeição terna e galhofeira que a pequena cidade colonial dedicava outrora a seus ‘tipos populares’ excêntricos ou ébrios” (*DCaM*, pp.190-1). Richard Morse trabalhou com fontes documentais, relatórios provinciais e de governo, atas da Câmara, planos de governo, etc., mas muito se valeu de jornais e almanaques como forma de flagrar naquele cotidiano outros discursos que davam conta da diversidade visível na cidade. A forma como o autor fez isso, antecipando temas e materiais de uma história menos oficial, é o que também garante o interesse de sua obra hoje. Vejamos algum anúncio reproduzido no livro:

MACINTOSH’S WATER PROOF

Clocks.

Ponchos.

Overcoats.

Leggings.

Ridding boots.

Saddle bags.

Valises.

Swimming belts, etc.

For sale at Henry Fox’s Rua do Rosário no. 3 (*DCaM*, p. 136)

A propaganda do inglês Henry Fox parece até mesmo anunciar a prosa modernista da década de 1920. E juntamente a Carlos Grosse – “cabeleireiro de Paris” que fazia “penteados posições de todos os feitios” –, a Ernesto Heinke – “mechanico de Berlim” que garantia “perfeição, prontidão e preços muito razoáveis” para fabricar “ferramentas finas para relojoeiros, mecânicos,

escultores, marmoristas, etc., etc.”–, ao Hotel das Quatro Nações – “dirigido por Mr. e Mme Guillement” e que oferecia um “RESTAURANT À MODA DE PARIS” –, ou ao “English Books for Sale” ou a “livraria do francês Garroux”, e até mesmo os serviços religiosos e cultos privados que eram ali divulgados para fiéis estrangeiros –, tudo concorre para mostrar ao leitor que havia um “núcleo sempre crescente de estrangeiros da classe média” na cidade que trariam mudanças (*DCaM*, p.70; p.136; p.138; p.140; p.186). Com isso vamos nos dando conta da diversidade linguística e cultural que passava a fazer parte daquele cotidiano. Os exemplos são variados e o sentido é duplo, quase contraditório: mostrar a progressiva perda das referências comunitárias com a passagem para uma sociedade metropolitana, mas também mostrar como novas comunidades iam se formando. Se essa passagem acabava provocando desajustamentos funcionais – que antes seriam remetidos à “modorra colonial” –, e agora eram o “fruto do fascínio hipnótico exercido pela cidade” (*DCaM*, p.142) que aumentara dez vezes em um par de décadas num círculo vicioso de crescimento desordenadamente rápido e de idiossincrasias que levavam a novas situações conflitantes, também apresentavam-se caminhos para que essas situações alcançassem um novo equilíbrio. Por isso Morse apontava a necessidade de se buscar na própria metrópole o senso de comunidade, a única forma possível de geri-la, ou de equilibrá-la nos termos de Park, ou ainda nos termos de Mumford, da metrópole não se transformar em Necrópolis¹⁰⁷:

os novos cancros da cidade, só podiam ser extirpados pela visão larga e a vontade férrea de seus administradores, e por um renascimento, entre seus cidadãos, do senso das responsabilidades comuns. (*DCaM*, p.193)

Ao longo do texto a ordem urbana abstrata que começava a surgir dentro de uma ordem agrária era constantemente contraposta. No campo da habitação o historiador afirmava que “a disparidade entre o palacete e o cortiço [...] deu lugar a um mal-estar que a coexistência do sobrado e da choça de pau-a-pique não tinham comportado” (*DCaM*, p.211). Visão idílica da comunidade colonial? Talvez. Mas mais importante que sublinhar essa possível visão romântica do passado é perceber que Morse propunha a necessidade da criação de novos padrões de sociabilidade por parte daquela sociedade que num certo sentido parecia se libertar da “tradição”. Por ora notava-se apenas

107 Que era a forma da metrópole contemporânea visa pelo crítico, a partir da experiência nova-iorquina, sobretudo. Mumford via o caminho da cidade passando da aldeia medieval à metrópole do período industrial. Mas depois – se não se detivesse a urbanização – à Tiranópolis e finalmente à Necrópolis. Cf. Mumford, op. cit., [1938] 1961.

os “efeitos anticomuniais dessa libertação da tradição”, sentidos ainda como “perda” (*DCaM*, p.214). Recuperando as rixas entre negros e italianos, entre estudantes de Direito e caixeiros portugueses, reação aos ingleses, etc., indicava o aumento de animosidades. Para ele, não se tratava simplesmente da “iniquidade da cidade moderna, mas da falta de um esquema de referências intrínseco, de uma perspectiva urbana singular e integrada a que se referisse para censura ou aprovação os padrões de comportamento, morais ou imorais”. (*DCaM*, pp.211-15). Nas suas palavras:

Testemunhamos em suma a transição de uma sociedade regional com certas consonâncias universais [a comunidade] para uma sociedade cosmopolita de consonâncias inteiramente provincianas [a metrópole]” (*DCaM*, pp. 214)¹⁰⁸

Restava portanto retomar a comunidade na metrópole, para que ela readquirisse suas “consonâncias universais”. Foi o que ele fez em seguida, ao tratar da cidade no período subsequente. Na parte final do livro, onde “a metrópole moderna” é diretamente nomeada, nota-se mais efetivamente o modo como Morse mesclou a pesquisa com fontes primárias e secundárias às suas próprias observações e desejos na cidade e às informações colhidas com os amigos. Sua preocupação parece ter sido a de descrever a nova mentalidade que surgia, mas ao mesmo tempo, de compreender as especificidades dela em relação às metrópoles centrais: “é necessário que a cidade-mente e a cidade-alma se destruam?” (*DCaM*, p.252). Esse questionamento se dava justamente no momento de metropolização intensa não apenas na capital paulista, mas na América Latina em geral, estudada e teorizada por cientistas sociais que notavam como aquele fenômeno recente, mal planejado e de grandes proporções ocasionava problemas e disfunções que pareciam impedir o estabelecimento de um novo equilíbrio rural-urbano.

Ainda que se pudesse saudar a crescente mobilidade entre as classes, Morse também mostrava como ela poderia ser preocupante se não fosse no sentido da ascensão, mas o contrário: “o aristocrata torna-se *declassé* e o trabalhador de gravata e colarinho, proletarizado”. O autor não verificava na nova sociedade o nascimento da *polidez* nas relações, insistindo que ela teria que ser formulada. Como Tönnies afirmara em seu clássico *Gemeinschaft und Gesellschaft*, todas as relações “societárias” repousam sobre valores materiais, deste modo, toda a sociabilidade tem que se valer da *polidez*:

108 E remetia numa nota a Allen Tate, “The new provincialism” (*On the limits of Poetry*, 1948) – seu antigo professor em Princeton – para um “maior esclarecimento da distinção entre ‘regionalismo’ e ‘provincialismo’ implícita nessa frase”, mostrando como o campo literário lhe fornecia as chaves de compreensão do urbano também pela crítica.

FIG.11 Americanização dos modos-de-vida: arranha-céus, carros, eletrodomésticos e novos hábitos alimentares começam a fazer parte do cotidiano da metrópole

todos trocam palavras e serviços e parecem estar sempre à disposição uns dos outros e estimar a todos como seus semelhantes mas, na realidade, cada um pensa somente em si mesmo e trabalha para triunfar seus pontos de vista e obter vantagens¹⁰⁹.

O historiador afirmava que em São Paulo muitos dos “novos grã-finos” eram desprovidos de quaisquer raízes culturais, o que fazia que um “complexo norte-americano de martinis, *night clubs*, Cadillacs e *week-ends* esportivos substituísse as afetações francesas do passado recente” e se tornasse um dilema de difícil resolução (DCaM, pp.235) – difundido o pensamento, e os preconceitos, das elites “quatrocentonas” contra uma nova classe enriquecida que parecia começar a dominar a cena na cidade, sem deixar de apontar, entretanto, seu papel decisivo para a formação da São Paulo industrial¹¹⁰.

109 Tönnies, op. cit., 1944, p.52.

110 As comemorações do IV Centenário são propícias para se flagrar isso, como vimos no capítulo 1. Morse citava ainda (no original) um depoimento do francês Louis Mouralis em visita à São Paulo nos anos 1930 (*Un séjour aux Etats Unis du Brésil*, 1934) para mostrar que não se tratava de um fenômeno recente: “*Les raffinements d’une politesse empruntée aux vieilles sociétés européennes et prodigues avec ostentation font l’effet d’inconscientes caricatures, et ne cachent nullement les sentiments d’une crudité primitive. On a vite l’impression que tout est faux dans cette salle, sauf les bijoux*”. (DCaM, p.235). Morse mesmo havia esboçado juízo semelhante pensando a geração dos anos 1920 (em contraposição à geração anterior, esta sim, “refinada” e “autêntica”): “Tão segura é a formação de homens como os Prado, Rui e Nabuco, que é difícil admitir que tenham se formado em anos de romantismo e liberalismo, e reconhecer que as instituições brasileiras já estavam formando

Mas como vimos, Morse não pretendia seguir o duro esquematismo de Redfield, que lia os agrupamentos humanos a partir de conceitos definidos *a priori*, para também encaixar a evolução urbana de São Paulo nas categorias de *folk*, rural ou urbano, “termos demasiado amplos e vagos para serem usados em outro sentido além do sentido neutro” (DCaM, p.217). Para o historiador, “assim como não é inevitavelmente com êxito que a comunidade agrária cumpre os termos de sua existência, não é inevitavelmente necessário que a metrópole falhe no seu destino” (DCaM, p.216-8). Ele retomava neste ponto ambos os antropólogos citados no início de seu trabalho, Robert Redfield e Oscar Lewis, mostrando como a cidade, se observada entre 1820 e 1890, até podia “confirmar amplamente” as generalizações de Redfield, mas, ao ser examinada no início do século 20, a situação era tão mais complexa que a cidade já não se encaixava nas definições sociológicas existentes. Destacava então a mescla entre ambas as ordens, a comunitária e a societária, que parecia conviver na cidade naqueles anos. Se

na moderna cidade de São Paulo, é certo, o clima de vida ainda está impregnado – talvez mais do que nunca antes – de secularismo e de oportunismo amorais, de relações humanas transitórias, parciais, individualizadas; da necessidade neurótica de poder, prestígio e posse; em suma, do *ethos* da “anomia” de Émile Durkheim. (DCaM, p. 217)

O que ele “via” em São Paulo parecia induzi-lo a uma conclusão distinta, já que haveria também

indícios significativos de que novas maneiras de compreensão, planejamento e integração estão sendo apreendidas. Isto se reflete às vezes na visão atingida pelo poeta, pelo compositor ou pelo pintor. Às vezes se concretiza nos projetos ou nas realizações do arquiteto ou do planejador urbano. Outras vezes se afirma de modo amplo e anônimo na atitude ou na orientação de certo grupo, burocracia ou empreendimento. (DCaM, p. 217)

Ora, seu olhar menos “científico” ou “pré-formatado” o permitia, e mesmo o levava – ao observar a cidade não apenas pelas realizações materiais mas também pela cultura e pela vida urbana – a destacar algo distinto (e mais otimista, deve-se dizer) que a sociologia clássica parecia

homens para enfrentar com segurança e eficácia as novas complexidades de uma época urbana./ O gradual desaparecimento desses líderes com a passagem dos anos, e depois de 1902, com as crises do café, foram de molde a deixar a aristocracia rural-urbana reduzida, por volta de 1920, a farrapos de prestígio social. Um outro quadro de líderes, muitas vezes de origem estrangeira, surgiria – *sem tradições, oportunista, formado pela cidade*. A industrialização da cidade, iniciada uma década ou duas antes do fim do Império, fez da cidade o berço ideal para tal elite, e impeliu São Paulo para um papel de importância política e econômica decisiva dentro da nação. (DCaM, p.185, grifo meu).

entrever¹¹¹. Morse sabia que a realidade podia de certo modo ser ajustada a qualquer teoria, e que as situações de “secularismo, desorganização, neurose, podem encontrar-se em qualquer sociedade, se os exemplos forem escolhidos ampla e livremente” (*DCaM*, p. 217). Desse modo,

se uma cultura “integrada” é aquela em que os ideais, valores e suposições aceitos estão em harmonia com a experiência aceita e com as possibilidades imediatas de realização desses ideais, porque então deve ser a sociedade de *folk* necessariamente mais integrada do que a urbana? (*DCaM*, p. 217)

Com isso, o autor reafirmava que seu objetivo não havia sido tratar da desintegração da vida paulistana, tanto assim que o histórico apresentado da metrópole moderna (“embora breve e um tanto impressionista”) pretendia mostrar, ao contrário, as maneiras de integração que surgiam ou que existiam em potencial na cidade (*DCaM*, p. 218). Morse identificou estas formas de integração elencando os momentos de crise – por exemplo, a crise do café em 1929 – para sugerir que neles é que se poderia mais facilmente perceber como a busca da objetividade que deixava para trás os valores afetivos e as relações dos homens entre si se mostrava ilusória como o caminho para a sociedade moderna. Chegava a apontar, como Tönnies apontara em seus escritos, as potencialidades que as formas de cooperação entre trabalhadores poderiam ter na metrópole¹¹². Para exemplificar, o historiador recuperou as ações dos anarquistas que visavam “incutir nos operários o senso de solidariedade”, ainda que notando que o “puritanismo” de suas ações os tivessem levado a deixar de lado a “ideia da ‘nova sociedade’ que inevitavelmente surgiria”, dando mais valor aos bens materiais (teatros e colônias de férias) que às necessidades de diminuição da jornada de trabalho e de elevação dos salários. Com isso, “o ideal anarquista de associação espontânea [...] não foi adequadamente traduzido [...] para a realidade da metrópole moderna”, sendo, ao final, desperdiçado (*DCaM*, pp.224-6). Também a Igreja – outra forma “comunitária” – parecia buscar enfrentar os tempos modernos, por exemplo com a fundação de uma associação de vanguarda que foi a Ação Social, atuando como auxílio aos trabalhadores urbanos. Mesmo os empresários, ao criarem instituições como Sesc e Sesi, mostravam-se atentos à necessidade de reconstrução dos ideais comunitários para o melhor fun-

111 Ou talvez pudéssemos dizer, seu olhar “mais treinado”, pensando aqui em sua formação com Tannenbaum.

112 Tönnies se aproximara do movimento operário alemão, desde o apoio a greve de trabalhadoras em Hamburgo em 1896, defendendo a co-gestão da indústria pelos sindicatos e a disseminação do movimento cooperativo na produção. “A comunidade [para Tönnies, nesse momento] pertencia ao futuro, não ao passado” (Cf. Miranda, op. cit., 1995b, p.34). Mas ele não escaparia de ser lido como um romântico, como mostram seus comentadores, e Morse também assim pode ser lido, quando dá exemplos sobre a potência comunitária da metrópole nos anos 1950.

cionamento das suas indústrias e seus negócios. Com tudo isso, “a contínua interação das ordens patriarcal e industrial confer[ia]m [...] à configuração dos determinantes e expectativas sociais em São Paulo um caráter complexo e incerto” (*DCaM*, pp.230-2).

3.1. DA EXCEÇÃO AO PADRÃO

Para Morse – na primeira edição de seu livro – São Paulo na década de 1950 era uma espécie de exceção na América Latina, apresentando os problemas típicos de uma sociedade industrial, ou em vias de industrialização. Entretanto, como não se transformara ainda numa “selva de asfalto”, seria possível a cidade tomar um rumo distinto dos países centrais. O autor destacava as peculiaridades locais, como por exemplo no caso dos cortiços, onde a falta de ordem e higiene poderia ser atribuída à pobreza, mas era também, certamente, um “fenômeno mental” que incluía “uma irresistível compulsão a viver, seja em que condições forem, perto da excitação, do movimento e das luzes do centro urbano e suas principais artérias”, dificultando o surgimento de casas em melhores condições nos subúrbios (*DCaM*, p.238). Se isso não fosse levado em conta ao se pensar as novas habitações, o problema não seria tão facilmente resolvido. Demandava a reeducação da população e uma verdadeira transformação de formas de vida arraigadas. O historiador destacava os ensinamentos que estariam contidos na própria organização social daquela forma de habitação – a considerável “solidariedade social” que se verificava nos cortiços, a despeito das brigas e intrigas, mostrava que os que lá nasceram e viveram foram capazes de desenvolver “a sociabilidade e os hábitos de auxílio mútuo e experiência compartilhada” que se espera dos que vivem em comunidade. O cortiço deste modo retinha, “conquanto forma degenerada, certos aspectos de ‘vizinhança’ pré-industrial e suas relações face-a-face” e era esse aspecto que precisava ser preservado na metrópole industrial (*DCaM*, pp.236-9).

A perspectiva de Oscar Lewis acerca das *vecindades* mexicanas era diretamente mobilizada para iluminar a compreensão do sentido das habitações populares paulistas¹¹³. Morse defenderia ali que as atitudes mentais e as formas de estrutura social não podiam ser impostas de fora para dentro. Portanto, não seria por meio de legislação que a “ética capitalista” seria introduzida e incorporada por aqui (*DCaM*, pp.239-41). Havia que se pensar soluções geradas por dentro dos problemas, a partir de cada cultura, e não se poderia impô-las como melhor “em absoluto”. O que

113 Explorei mais detidamente esse episódio como forma de compreensão do pensamento de Morse no artigo “Richard Morse entre duas cidades: Nova York e São Paulo”, apresentado no XII Congresso da BRASA na Universidade de Urbana-Champaign, Illinois, out., 2012.

FIG.12 Habitação precária em São Paulo: cortiço na rua Oscar Freire, 1938

ele supunha é que chegado o momento, a partir digamos da própria “evolução interna” daquela sociedade, a ética capitalista surgiria, impondo-se de modo original, sem necessariamente seguir o modelo europeu e norte-americano. A questão era antes de transformação da mentalidade que de imposição da ordem. Encarando o problema da produção industrial, exemplificava melhor a forma que entendia o ponto. Partia da citação de um sociólogo holandês que ao estudar a emancipação industrial do Brasil em 1934 afirmara que

o homem do povo aqui [no Brasil] troca de *métier* com uma facilidade surpreendente, motorista hoje, ele lhe fala amanhã de representar um ‘açougue’..., para abrir em seguida um ‘café’ ou uma loja de ‘secos e molhados’ que ele deixará ainda mais uma vez já que ela não lhe satisfaz mais, para aceitar trabalho como mão-de-obra ou simplesmente ‘operário’ em uma indústria, na construção ou nas obras públicas. (apud *DCaM*, p. 247)

Tratava-se de um problema – dito em uma palavra – cultural. Arraigado. Que só seria transformado pela transformação das referências culturais. No entanto, a questão para o historiador era saber o quanto se *queria* e o quanto se *deveria* transformar. Para Morse, não se podia proceder a um julgamento de valores pura e simplesmente para condenar aquela população. O historiador ligava as diferenças em relação às sociedades dos países centrais expostas pelo autor à conservação de “certas atitudes de natureza católico-agrária”, e via que esse “*ethos* residual esta[va] em desacordo com muitos modos de organização importados de fora”¹¹⁴. Em seguida, lembrava como se estava vivendo

114 Não é difícil supor o teor das críticas que viriam aos desdobramentos dessa perspectiva esboçada por Morse e

naquelas mesmas sociedades a busca dos ideais comunitários, do “*ethos* da comunidade face-a-face”¹¹⁵. Desse modo, na medida em que a comunidade paulista ainda possuía – mesmo que “de forma casual e desarticulada” – as qualidades humanas que desapareceram desses lugares e que agora eram “tão diligentemente procuradas”, era o caso de se perguntar ou de se sugerir que

o ‘êxito’ e a ‘eficiência’ da indústria paulistana do futuro [fossem] determinados *não por índices abstratos* de produção mas pela medida em que essa indústria desse lugar a *uma configuração fiel às tradições regionais e socioculturais* [...] [fazendo de São Paulo] *um exemplo para o mundo*” (DCaM, pp.249-51, grifos meus)¹¹⁶.

Afinal, essa cidade já o era em relação à convivência das diversas etnias, como ele aprendera no episódio do jogo de futebol pretos *versus* brancos narrado por Alcântara Machado. De fato, vindo de um país que desestruturava as comunidades negras estabelecidas nos centros urbanos, encarando-as como entrave ao desenvolvimento e ao progresso das cidades, Morse teria que se mostrar atento aos problemas raciais que levavam os intelectuais a produzirem reflexões¹¹⁷. Num artigo

expressa de maneira mais desenvolvida em seus trabalhos posteriores, principalmente em *O Espelho de Próspero*. A esse respeito, cf. Simon Schwartzman, “O Espelho de Morse”, *Novos Estudos* Cebrap, São Paulo, n. 22, out., 1988, pp 185-192 e *Novos Estudos* Cebrap, São Paulo, n.25, out., 1989, pp. 191-203.

115 Discussão fundamental do segundo pós-Guerra, como se sabe, e que no campo da arquitetura e urbanismo tem desdobramentos muito significativos, notadamente de crítica ao movimento moderno até então hegemônico. A esse respeito, entre outros, cf. Willian Curtis, *Arquitetura Moderna desde 1900* (Trad. Alexandre Salvaterra). Porto Alegre: Bookman, 2008, pp.53-72.

116 Não há como não lembrar, a partir dessa fala, do discurso mais ou menos contemporâneo de outros estrangeiros que insistiam que as particularidades e peculiaridades do Brasil eram o caminho para o seu próprio desenvolvimento, entre eles Lina Bo Bardi (1914-1992) em suas intenções com o *design* popular nacional. O texto “Um balanço dezesseis anos depois” retoma o caminho possível não trilhado (cf. Lina Bardi, *Tempos de grossura: o design no impasse*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994, pp.11-15). Roger Bastide, num sentido semelhante, informado pela visão de Gilberto Freyre sobre o desenvolvimento do *ethos* local, em diálogo também com Mario de Andrade, foi levado a ver a originalidade brasileira dada “pela mistura de civilizações, pela mestiçagem racial, cultural e estética”, perguntando-se anos depois se “cada nação pode encontrar um caminho próprio para atingir a modernidade em vez de usar o único ‘modelo ocidental’ como medida”. Cf. Fernanda Peixoto, *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 67; p. 198.

117 Lembre-se que partir do *Housing Act* assinado pelo presidente Truman em 1949, com o objetivo de “substituir bairros caóticos por comunidades planejadas” na versão oficial e na verdade abrindo frentes de trabalho e grandes negócios na construção civil e no mercado de terras urbanas (uma vez que tais áreas eram entregues à iniciativa privada gerando a movimentação de milhões de dólares em obras que incluíam demolições, infraestrutura e novas edificações), inúmeras áreas foram demolidas para dar lugar a novos edifícios em altura, estritamente residenciais e isolados no lote, desfazendo a relação de vizinhança e proximidade criada pelas velhas *brownstones* de 4 ou 6 andares construídas nos limites da rua e cujo térreo abrigava o pequeno comércio local, sendo muitas vezes habitadas pela mesma família por gerações.

FIG.13 Negros em Nova York: quadras inteiras demolidas para dar lugar a novos e “salubres” bairros de moradia social

publicado em 1953, “*The Negro in São Paulo, Brazil*”, o norte-americano reconhecia como os estudos sobre o tema até então, feitos por diversos *scholars*, como Arthur Ramos (1903-1949), Gilberto Freyre (1900-1987) ou Donald Pierson, haviam dado ao país a fama de uma mestiçagem de sucesso e de relativa falta de preconceito (ou de “animosidade racial”)¹¹⁸. Morse não pretendia negar aquelas constatações, mas sim introduzir uma variante nesse “processo pacífico de assimilação racial”, a partir de São Paulo em suas últimas décadas. Obviamente, dizia ele, a análise teria que ser feita a partir dos elementos históricos. Recuperava as condições em que o braço escravo passara a ser livre, sem deixar de notar que, no mais das vezes, isso ocorrera submetendo-os aos serviços mais baixos na escala social, reconhecendo de imediato a dificuldade da inserção do negro na sociedade moderna brasileira. Pontuava também o lugar de São Paulo num movimento abolicionista que florescera na Academia de Direito, parecendo oscilar entre a necessidade de se reconhecer em São Paulo os mesmos problemas que havia em todo o país – entendidos de certo modo como mais “econômicos” que “culturais” – e

A comunidade negra residente nestas habitações coletivas passava a ser vista como um entrave ao desenvolvimento da cidade, sendo tratada como um “bando de encortçados” que precisavam ser higienizados para que ali surgisse “um bairro decente”. Num pronunciamento feito no início do programa de renovação urbana, Willian O’Dwyer, prefeito de NYC entre 1946-1950, resumia: “*the slums mean disease and crime, the new projects mean health and happiness*”, dando a senha para o início das desapropriações. A esse respeito, entre outros, cf. J. Epstein (Prod., ed., writ), “The Tragedy of Urban Renewal: The destruction and survival of a New York City Neighborhood”, s/d, 6,30’. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=mWGwsA1V2r4>. Acesso: 05/08/2012.

118 Cf. Richard Morse, “*The Negro in Sao Paulo, Brazil*”, *The Journal of Negro History*, Association for the Study of African-American Life and History, Inc., v. 38, n. 3, jul., 1953, pp. 290-306.

FIG.14 Negros em São Paulo: conviência amena, no olhar de Morse (déc. 1920 e 1950)

a vontade de ver em São Paulo algo novo, que mostrasse uma saída peculiar para a convivência racial.

O interesse pela questão racial parecia refletir o momento de discussões. Como se sabe, a Unesco então financiava pesquisas a respeito das relações raciais no Brasil, a partir da hipótese de que o país vivia uma situação singular na qual os contatos entre brancos e negros tenderiam para a harmonização (visão consagrada sobretudo pelos trabalhos de Gilberto Freyre). Foram feitas pesquisas em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e em São Paulo, esta última a cargo de Roger Bastide e Florestan Fernandes, resultando o livro *Relações Raciais entre Brancos e Negros em São Paulo*, publicado em 1955¹¹⁹. Pouco antes, em 1952, Lévi-Strauss (1908-2009) – a essa altura nomeado secretário-geral do Conselho Internacional de Ciências Sociais da Unesco – publicara *Raça e História*, um ensaio escrito como parte dessas ações de combate ao racismo¹²⁰. Tendo em vista o giro que a discussão sobre

119 Cf. Roger Bastide e Florestan Fernandes, *Relações Raciais entre Brancos e Negros em São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1955. Anos depois o trabalho seria republicado de maneira modificada com o título *Brancos e Negros em São Paulo* na Coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional. Foi recentemente reeditado, cf. Florestan Fernandes e Roger Bastide, *Brancos e negros em São Paulo*. São Paulo: Global, 2006. A pesquisa em São Paulo contou ainda com textos de outros pesquisadores, entre eles o texto de Oracy Nogueira: “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil”. In: *Anais do 31º Congresso Internacional dos Americanistas*, São Paulo, v.1, ago., 1954, pp. 409-434. (Publicado na *Revista Anhembi* em abril de 1955 e republicado em *Tanto Preto, Quanto Branco: Estudo de Relações Raciais*. São Paulo: T.A. Queiroz., 1985, p.67-93).

120 Sobre os sentidos e leituras desse texto, cf. Marcio Goldman, “Lévi-Strauss e os sentidos da História”, *Revista de antropologia*, São Paulo, v.42, n.1-2, 1999. Os exemplos se sucedem, podemos ainda lembrar do prefácio de Lucien Fèbvre à tradução francesa de *Casa Grande & Senzala* em 1952, vendo a mistura de raças no Brasil “apresenta[r] aspectos de consolo para a humanidade e consequências para o futuro”. Citado por Peixoto, op. cit., 2000, p.152.

raça e racismo sofria no mundo todo nesse momento – num pós-Segunda Guerra ainda atravessado por racismos dos mais diversos tipos, a partir do que ocorrera na Europa –, o texto de Morse reflete sua intenção de se fazer presente nos debates. Mas a partir de um olhar peculiar. Morse não desprezava os estudos que um Florestan Fernandes e um Roger Bastide faziam sobre a situação do negro em São Paulo, mas era o Florestan que analisava o *Macunaíma* de Mario de Andrade que ele citaria mais longamente, por levar o leitor às suas próprias conclusões. Vale reproduzir o trecho da crítica de Florestan que Morse mobiliza para mostrar como isso se dava:

Apesar de um índio, originalmente um negro e depois branco, Macunaíma é o mais mulato dos heróis brasileiros... [Ele] vive em um *ethos* onde o espaço e o tempo são reversíveis e imponderáveis... *Qual* – esta é a questão indireta de Mario – *é o padrão cultural de nossa civilização?* Macunaíma não tem caráter, no sentido mesmo de que ele pratica todo tipo de imoralidade com suas lindas namoradas. Mas isso não é o resultado dele incorporar todos os atributos diferentes de seu povo?... [Em *Macunaíma*] pode-se estudar a contribuição folclórica do branco, do negro, do índio, a função desestabilizadora e criativa dos mestiços e imigrantes; lendas, contos, provérbios, tagarelice, canções de ninar, escatologia, práticas mágicas (magia branca e magia negra), em suma, todo o folclore brasileiro em uma magistral seção transversal. É um mosaico, uma síntese viva e uma biografia humanizada do folclore de nossa terra¹²¹.

Ora, qual seria o padrão cultural da civilização brasileira? Mario mostrara que havia um espaço ambíguo na formação nacional, no caráter nacional, que Macunaíma herói sem nenhum caráter encarnava, e isso levava Morse a concluir:

Não é ausência de inimizades raciais em sentido absoluto [o que chama a atenção], mas sim o fato de que São Paulo se presta ao desempenho [dessa assimilação] de modo amplo, [dando-lhe] uma forma de visão que distingue esta cidade como um exemplo no desafio da consorciação racial.¹²²

Entretanto, se isso podia ser afirmado nos anos 1950, de que modo Richard Morse en-

121 Florestan Fernandes, “Mario de Andrade e o folclore brasileiro”, artigo publicado na *Revista do Arquivo Municipal* em 1946 citado por Morse, op. cit., 1953, p.305. Morse traduzia para o inglês: *Although an Indian, originally a Negro and later white, Macunaíma is the most mulatto of Brazilian heroes... [He] lives in an ethos where space and time are reversible and imponderable ... Where - this is Mario's indirect question - is the cultural standard of our civilization? Macunaíma has no character, even in the sense that he practises every kind of immorality with his pretty girlfriends. But is that not a result of his incorporating all the disparate attributes of his people?... [In Macunaíma] one may study the folkloric contribution of the white, the Negro, the Indian; the modifying and creative function of the mestizos and immigrants; legends, tales, proverbs, prattle, lullabies, eschatology, magical practices (white and black magic) -in short, all Brazilian folklore in a masterful cross-section. It is a mosaic, a living synthesis and a humanized biography of the folklore of our land.*

122 *It is not lack of racial enmities in an absolute sense, but rather the fact that Sao Paulo lends itself to the performance of so broad an act of vision which distinguishes this city as a challenging example of racial consociation.* (Morse, op. cit. 1953, p. 306).

carou uma cidade que em 1970 não deixava mais dúvidas sobre para qual caminho a modernização a havia levado? Em 1970 não se podia apenas continuar destacando os efeitos positivos da urbanização, ou esperando que etapas se cumprissem. Morse então encarou de vez a possibilidade de se pensar uma modernização alternativa a partir da origem ibérica e católica que definia aquela sociedade. Na reedição de seu livro para a Coleção Corpo e Alma do Brasil, o norte-americano tomaria São Paulo como uma metrópole latino-americana, parte de um largo episódio da modernidade no Novo Mundo. Com isso, generalizava a importância do reconhecimento da herança ibérica e do lugar da cultura ibero-americana no mundo ocidental como forma de pensar essa *outra* modernidade, inserindo de modo definitivo seu livro naquele amplo espectro do ensaísmo nacional que sempre “girou em torno da questão crucial da passagem da colônia à nação”¹²³. Por isso a mudança de título de seu livro não pode ser vista como algo episódico, sem maior importância, mas sim índice de uma operação mais complexa que Morse faz sobre um esquema interpretativo de longo alcance. O que nos anos 1950 aparece anunciado, mas muitas vezes de forma ambígua, em 1970 se amplia e se confirma, também na mudança do título.

Vimos que Morse reescreve a Introdução e acrescenta um capítulo inicial e um final a essa edição¹²⁴. Nestes novos textos, escritos quase duas décadas depois – duas décadas de importantes transformações das cidades e de agudização dos problemas urbanos, sobretudo na periferia do sistema –, o intelectual retoma o passado colonial e insere a história da capital paulista na tradição ibérica, descolando-a assim da leitura da São Paulo *yankee*, ou, talvez, reforçando a necessidade de entendê-la como parte daquela tradição para verdadeiramente compreendê-la como metrópole industrial – porém, na sua especificidade latino-americana. Dito de outro modo, ao enfatizar a necessidade de se pensar a cidade a partir dos seus próprios termos e da sua própria cultura urbana, enquanto uma *metrópole latino-americana*, Morse reafirmava a importância do *ethos* ibérico e católico como forma de resistir a um desenvolvimento capitalista que parecia já ter um lugar muito definido para os países periféricos. Ao incluir a história da cidade numa perspectiva ampliada da história da colonização ibérica por um lado, e na história da evolução urbana latino-americana, por outro – ambas parte da modernização ocidental – Morse recompõe o foco de sua tese em 1970, apresentando, nessa nova edição, a história da cidade de São Paulo e a sua cultura urbana como paradigmática de uma certa modernização.

123 Cf. Otilia Arantes, “Esquema de Lucio Costa”. In: Paulo e Otilia Arantes, *Sentido da Formação. Três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pp.113-33.

124 Cf. *FbSP*, 1970, Introdução (pp.7-24); Capítulo 1 Antecedentes (pp. 27-55) e Capítulo 22 Ecologia, Sociedade e Cultura: reconsideração de alguns temas (1968) (pp.379-417).

4. UMA METRÓPOLE LATINO-AMERICANA

Se pretendemos compreender o significado dessa transformação é necessário dar atenção às mudanças de perspectivas que ocorrem entre as duas edições brasileiras, entre 1954 e 1970, a partir do exame do que se passava tanto no campo dos estudos urbanos quanto na própria trajetória do autor. Até aqui seguimos de perto como sua obra se estruturou a partir da clássica oposição comunidade-sociedade, chamando a atenção para uma certa ambiguidade visível na forma como Morse apresenta São Paulo para seu leitor em cada um dos trabalhos. Em seu mestrado, em 1947, ele se aproximou de uma historiografia que via São Paulo como uma exceção na América Ibérica¹²⁵. Em 1954, essa perspectiva, ainda que pareça continuar informando seu olhar para a cidade, aparece de forma matizada, pois São Paulo é vista como uma exceção ao padrão latino-americano ao mesmo tempo em que é anunciada como outra via de modernização, ao menos potencialmente. Isso se verificava, segundo Morse, pela manutenção do *ethos* ibero-católico no próprio processo de metropolização em curso àqueles anos. Em 1958, o historiador diz que seu trabalho quer explicar o que ele chama de “paradoxo” – metrópole industrial de *ethos* ibérico – ao público norte-americano, reconhecendo haver ali algo distinto do que se esperava de uma metrópole industrial. Já em 1970, a operação parece ser outra, muito mais radical, que dá conta do lugar do autor no campo, e reflete as mudanças no debate sobre as cidades latino-americanas.

Entre as duas edições em português, Richard Morse se estabeleceu como um historiador das cidades latino-americanas. Como professor assistente na Universidade de Columbia, depois de concluir sua tese em 1952, Morse a editou em português incorporando um novo capítulo sobre a “metrópole”. As ideias contidas nesse novo texto ele esboçara numa série de artigos publicados em periódicos brasileiros e norte-americanos durante aqueles anos, nos quais o autor pôde precisar as hipóteses da própria tese. De fato, vimos como os artigos que Morse então escreveu eram na sua maioria relacionados com a pesquisa em São Paulo, entre algumas resenhas de livros brasileiros traduzidos nos Estados Unidos e mesmo de livros brasileiros de autores que lhe interessavam¹²⁶. Assim, é como autor de uma tese sobre São Paulo que Morse participa em 1950 do I Congresso Luso-Brasileiro, organizado em Washington pelo historiador Lewis Hanke

125 Embora parecesse notar a gênese de um *ethos* híbrido naquele momento inicial da colônia, como vimos.

126 Conforme vimos no capítulo 1 e que estão listados na Bibliografia. A exceção foram os textos “*Toward a Theory of Spanish American Government*” (1954); a “Introdução” e alguns capítulos para o volume *Contemporary Civilization in the West* (1954); “*Language as a Key to Latin American Historiography*”, (1955), e o ensaio “*La ciudad artificial*” (1957), que abordaremos em seguida.

(1905-1993)¹²⁷, e no qual compareceram Pedro Calmon (1902-1985) e Charles Boxer (1904-2000) entre outros. Num momento em que, se havia algum interesse pela história das cidades coloniais da América Ibérica, não se poderia dizer o mesmo sobre outros períodos, não parece ser demais afirmar que Morse contribuía com seu trabalho para trazer à pauta de debates a cidade latino-americana do século 19.

Nos anos seguintes, antes de se estabelecer na Universidade de Yale, o historiador foi professor visitante em diversas instituições. Entre 1956 e 57 esteve na Universidade de Porto Rico, associando-se no ano seguinte ao *Institute of Caribbean Studies*, período em que publicou uma série de textos sobre o Caribe¹²⁸. Em 1960, passaria um semestre em Harvard, e, de 1961 para 62, na New York University, em Long Island. Mas é ao tornar-se professor associado do Departamento de História da Universidade de Yale, dirigindo a cadeira de História da América Latina, que ele passa a falar de um lugar privilegiado. É dali que desenvolve sua particular perspectiva para o entendimento das cidades no continente – justamente durante o *boom* dos estudos de área –, indo na contramão da especialização prevista neles. Concentrado no estudo das cidades latino-americanas, Morse passaria a publicar artigos e ensaios que se pretendiam balanços e estados da questão, resenhas e revisões sobre a urbanização latino-americana e sua historiografia. Com isso, afastava-se de um possível “brasilianismo”, ou seja, de qualquer sombra de “especialização” que a tese sobre São Paulo pudesse lhe fazer. No entanto, sem dúvida foi a partir da sua edição em inglês, quando aparecem várias resenhas sobre o livro, como vimos – ou seja, a partir de um reconhecimento daquela obra –, que o autor se credenciou como um pensador dentro dos estudos históricos urbanos.

Na atividade docente desenvolvida àqueles anos em Yale, nota-se que foram sobre a história das cidades a maioria de seus cursos, a saber, *Study of the City*; *Introduction to the Study of the City*; *Latin American Urban History*; *Urban History of Colonial Latin American*; *Urban History and Colonial*

127 Na década de 1960 é Hanke que o convida a editar o livro sobre os bandeirantes (Richard Morse (Ed.), *The Bandeirantes: The Historical Role of the Brazilian Pathfinders*. New York: Knopf, 1965), cf. Mehy, op. cit., 1990, p.160.

128 Tratavam-se de alguns relatórios e artigos, alguns sobre a questão educacional caribenha. A listagem completa está na Bibliografia. Uma aclaração é aqui necessária: optei por apresentar uma listagem exaustiva dos textos de Morse até 1970. Depois dessa data, listo apenas textos que falam mais diretamente à questão urbana. Para um levantamento bibliográfico completo (até 1995), cf. *Luso-Brazilian Review*, Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, v. 32, n. 2, Winter, 1995. Beatriz Domingues está preparando uma listagem que inclui o que foi publicado posteriormente e o que se escreveu sobre Morse.

*Latin American Studies; Studies in Latin American Urban History*¹²⁹. Morse chegou a oferecer também disciplinas sobre a História da América Latina, a História do Brasil e até sobre o Modernismo brasileiro, mas em menos oportunidades que os cursos dedicados aos estudos urbanos, o que também concorre para mostrar seu efetivo e produtivo interesse pelas cidades. Ao examinarmos a bibliografia empregada nos cursos, vemos uma vez mais a sua tendência a não especialização e a vontade de traçar panoramas e visões de longo alcance sobre a temática estudada, agora no trabalho em sala de aula, contribuindo para a formação de novos pesquisadores¹³⁰. Examinemos aqui um par de cursos para explicitar melhor o ponto. Na disciplina “Estudo da Cidade (Introdução ao estudo das cidades)”, vê-se pela ementa que Morse pretendia “examinar determinados aspectos e problemas da vida urbana contemporânea”:

O curso começa por perguntar se a vida urbana tem quaisquer características universais, eles se concentra em sociedades urbanas em três diferentes culturas. A seção seguinte se ocupa da migração urbana, de pobreza, mobilidade social e escolaridade, colocando a experiência dos EUA no contexto comparativo com o Terceiro Mundo. A seção final aborda a cidade física e as estratégias para a sua reconstrução¹³¹.

Organizado em 3 partes, organizava-se como: “I. O *ethos* da vida urbana”; “II. Cidades e cultura nacional: 3 estudos de caso” (onde ele examinava a América, o Japão e a América Latina) e

129 Series III, Box 7 - Folders 11-16, RMM Papers, M&AL, YU.

130 Já em Stanford, Morse iria orientar a tese de Jeffrey Needell sobre a *belle époque* carioca, para ficarmos em apenas em um nome. Publicada como *A Tropical Belle Époque: Elite Culture and Society in Turn-of-the-Century Rio de Janeiro*. New York: Cambridge University Press, 1987, e editada no Brasil como *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.)

131 *Study of the City (Introduction to the study of the city)* [1967-1970]: *The course begins by asking whether urban life has any universal characteristics, then focuses on urban societies in three different cultures. The next section takes up city ward migration, poverty, social mobility and schooling, placing the US experience in comparative context with the third World. The final section addresses the physical city and the strategies for reconstruction.* I. *The Ethos of Urban Life*: 1. *Introduction*; 2. *Do Urban Societies have Common Traits?*; II. *Cities and National Cultures: Three Case Studies*: 3. *Urban Life in America*; 4. *Urban Life in Japan*; 5. *Urban Life in Latin America*; III. *“Making it” in Cities*: 6. *Cityward Migrations*; 7. *The Culture of Poverty in the Third World*; 8. *The Culture of Poverty at Home*; 9. *Social Mobility in Urban Society*; 10. *Schooling*; IV. *Paths Toward Reconstruction*: 11. *Cities in Space*; 12. *Planning*; 13. *Renewal*; 14. *Urban Economics*. Nessa disciplina vários foram seus convidados, como se percebe por sua correspondência. Por ela também ficamos sabendo que o curso contava com 25 a 30 alunos “curiosos e brilhantes”, e que enquanto “alguns estavam ativamente envolvidos em vários tipos de programas e temas urbanos, [...] outros eram realmente neófitos”. Richard Lee Alexander Garvin, Chris Tunnard (professores em Yale), e Jorge Hardoy seriam convidados para discussões informais com os alunos, apresentando seus temas de estudos ao longo das aulas (Cf. Series III, Box 7 - Folder 12, RMM Papers, M&AL, YU). Cito o episódio para ilustrar a inserção de Morse no debate.

“III. “‘Tornando-se’ cidade”. A bibliografia indicada era uma mescla de clássicos da história urbana norte-americana – Glaab, Green, etc. –, a nova história urbana, como Thernstorn e Sennet, mas também Jane Jacobs –, junto à bibliografia latino-americanista – Redfield e Lewis, e ainda John Friedman (1926-) ¹³² ou outros que estavam naqueles anos trabalhando em experiências urbanas no continente.

Em “História Urbana Latino-Americana” vê-se o semestre organizado por tópicos tão variados quanto: “Campo e cidade na literatura argentina”, “História Urbana em perspectiva mundial”, “Urbanização em países em desenvolvimento”, “Um estudo de caso latino-americano” – justamente a partir de seu livro sobre São Paulo –, “O Contínuo *Folk*-Urbano e suas críticas”, “Estudos de caso em organização social urbana” e “Tendências da urbanização na América Latina” ¹³³. Ou ainda o curso de “História Urbana da América Latina Colonial” – cuja bibliografia incluía clássicos como Pirènne e Weber, e também Charles Boxer, ao lado de historiadores urbanos norte-americanos contemporâneos, como Richard Wade (1921-2008) (autor de *The Urban Frontier: the Rise of Western Cities*, 1959) ou Eric Lampard (1922-?) (autor de *American Historians and the Study of Urbanization*, 1961), e a autores latino-americanos, como Hardoy ou Jorge Basadre (1903-1980) (autor de *La multitud, la ciudad y el campo en la historia del Peru*, 1929) ¹³⁴. Não parece ser difícil perceber por esses exemplos como foi seu trabalho sobre São Paulo que lhe permitiu construir esse olhar ampliado para o urbano, fornecendo temas e problemas que, se valiam para São Paulo, valiam para pensar as cidades em geral.

Mas enquanto preparava a nova edição de seu livro em português, Morse não apenas

132 Quem, a essa altura, era Diretor do *Programa de Asessoria de Desarrollo Urbano y Regional* da Fundação Ford no Chile, e trocava uma série de cartas com Morse sobre o encontro da *Latin American Studies Association* e seu *paper* “The role of the cities”. Morse coordenaria uma sessão (“*Culture of Latin American Cities*”) na LASA de 1968, da qual Friedman faria parte com o texto “*Bureaucratic and Innovative Models for Urban Development*” sobre a experiência chilena. A sessão contaria ainda com Anthony Leeds (que fizera pesquisa no Rio) e Emir Rodriguez Monegal e seria relatada por William Mangin (Cf. Series III, Box 6 - Folder 15, RMM Papers, M&AL, YU).

133 *Latin American Urban History* [1967-1970]: 1. *City and Country in Argentine Literature*, 2. *Urban History in World Perspective*, 3. *Urbanization in Development Countries*, 4. *A Latin American Case Study* – justamente a partir de seu livro sobre São Paulo –; 5. *The Folk-Urban Continuum and its Critics*, 6. *Case Studies in Urban Social Organization* e 7. *Urbanization Trends in Latin America* (Cf. Series III, Box 7 - Folder 14, RMM Papers, M&AL, YU).

134 *Urban History of Colonial Latin America* [1966-1970]: 1. *Town Founding in the Caribbean*; 2. *The Urban Structure of New Spain*; 3. *Urban Development in Spanish South America*; 4. *Town Life in Brazil*; 5. *The Towns of the Roman Empire: Latin American Analogies*; 6. *The Towns of Medieval Europe*; 7. *Latin American Contrasts*; 8. *Spanish Cities*; 9. *Spanish Urban Form and Transit to the Indies*; 10. *The Urban Development of Anglo-America: Comparison-Contrast*. O curso continha uma bibliografia extensa e eclética que incluía ainda Lewis Mumford, Fernando Azevedo, Georg Simmel, entre outros. (Cf. Series III, Box 7 - Folder 16, RMM Papers, M&AL, YU).

ofereceu tais cursos, como exerceu cargos e funções fundamentais para a sedimentação do campo dos estudos latino-americanos na América. Foi *Chairman* do *Latin American Studies* da Universidade de Yale, membro do Conselho editorial da *American Association of University Press* e do *American Foreign Interchange Program*, dos comitês de organização do *Foreign Area Fellowship Program* e do *Latin American Teaching Fellowships*, bem como do *Fellowship for Graduate Study Abroad* do *International Office* de Yale, participando ainda da criação da *Latin American Studies Association*¹³⁵. Ao mesmo tempo, participou ativamente dos congressos, seminários, encontros e programas que tinham a história urbana como tema e, se não foi uma figura central no debate norte-americano sobre cidades – de saída por não estudar as cidades norte-americanas –, seu lugar parece ter sido na cena latino-americana, que a essa altura ganhava proeminência também como campo de trabalho para os planejadores e técnicos norte-americanos¹³⁶. Certamente parte de sua importância nesse campo se deveu ao fato dele atuar nos Estados Unidos, ocupando postos que lhe possibilitavam manejar as disputas dentro do mesmo¹³⁷.

Como membro da *The Association of American University Presses* Morse definia, ao lado de outros pesquisadores do *Latin American Translation Program*, quem e o que era traduzido para o inglês, o que não é pouco¹³⁸. Sua tendência seria preferencialmente pelo ensaísmo e pela literatura da América Latina, menos que para os trabalhos científicos dos *scholars* que estudavam aspectos determinados do “problema” latino-americano. Entre as traduções aprovadas para o período entre 1960 e 1965, por exemplo, vemos que constavam, em meio aos livros de ciências sociais, economia e história que costumam compor o catálogo das editoras universitárias, uma série de romances e en-

135 Cf. Series III, Box 6/Folder 13; B5/F1; B5/F6; B6/F18; B6/F18; B6/F28, RMM Papers, M&AL, YU.

136 Cf. Goodwin, Hamill e Stave, op. cit., 1976 e Gorelik, op. cit., 2005, pp.111-33.

137 Como atestam diversos documentos e cartas da Series II a IV da RMM Papers, M&AL, YU, bem como os artigos sobre história urbana que totalizam mais de duas dezenas, além de resenhas e prefácios de obras deste campo (a listagem completa se encontra na Bibliografia). Também sua participação nos encontros de História Urbana, entre os quais a *Conference on the City in History* ocorrida em agosto de 1961 no *Joint Center For Urban Studies and the Harvard University Summer School* e a *Yale Conference on the Nineteenth-Century Industrial City*, em novembro de 1968. Não custa relembrar que Morse seria entrevistado longamente por Bruce Stave, o organizador do livro *The Making of Urban History: Historiography Through Oral History*, autor interessado em compreender a formação do campo da história urbana nos EUA (Cf. Goodwin, Hamill e Stave, op. cit., 1976).

138 O Ofício de 21/10/1965 mostra que o comitê passava a ser composto por August Frugé, diretor da *University of California Press* (como *Chairman*), no lugar de William Sloane, da *Rutgers University Press*; Dana Pratt (*Secretary*); Richard Morse; Harvey Johnson, da Divisão de Línguas Estrangeiras da *Houston University*; Albert Hirshmann, do Depto. de Economia de *Harvard* e Kalman Silvert, do Depto. de Ciências Políticas do *Dartmouth College* (que substituíam em 1965 Angel Palerm e Stanley Stein). (Serie II, B.5, F.5, RMM Papers, R&ML, YU).

saíam, entre eles *Esau e Jacó* (1904) e *O alienista* (1882), de Machado de Assis (1839-1908); *Radiografía de la pampa* (1933), de Martínez-Estrada (1895-1964); ou ainda títulos de José Martí (1853-1895), Juan Rulfo (1917-1986), Graciliano Ramos (1892-1953), Jorge Luis Borges (1899-1986), Leopoldo Zea (1912-2004), Octavio Paz (1914-1998), Bioy Casares (1914-1999) e Raquel de Queiróz (1910-2003), para citar alguns dos escritores latino-americanos então indicados¹³⁹. Ensaaios e ficção pareciam ao intelectual serem mais sedutores para aproximar os leitores da América do Norte à do Sul, fornecendo visões mais completas da própria cultura latino-americana – como poderia dizer Tannenbaum aos seus alunos –, ainda pouco conhecida naquele país a despeito dos incentivos da Política da Boa Vizinhança. Mesmo reconhecendo que uma editora universitária não devesse se concentrar em literatura e poesia, vê-se que Morse defendia que o programa ao menos facilitasse a ligação entre as editoras comerciais americanas e o mundo literário latino-americano, indicando títulos, sugerindo nomes, colocando em contato editores e autores, eventualmente pagando traduções de poemas para serem publicados em revistas como *Hudson*, *Partisan* ou *Kenyon*. A listagem, é certo, continha numerosos títulos científicos, mas vemos por meio dela – e de outros documentos e cartas – o intenso debate entre o que privilegiar e qual o sentido dessas traduções. Morse notava a importância da escolha dos títulos para as gerações futuras, que teriam acesso à cultura latino-americana a partir dali, destacando o cuidado em se definir o que merecia ser traduzido – afirmando que o programa era um sucesso, inclusive financeiramente¹⁴⁰.

Note-se ainda que a atividade acadêmica de Morse nesse período se estendeu à construção de fóruns de debates e redes de pesquisa latino-americanos. Junto ao argentino Jorge Enrique Hardoy, do *Centro de Estudios Urbanos y Regionales* do Instituto Torcuato di Tella, e ao norte-americano Richard Schaedell (1920-2005), do Departamento de Antropologia da Universidade do Texas, o historiador foi um dos principais incentivadores dos congressos bianuais sobre as cidades realizados durante os Congressos Internacionais de Americanistas, começando em 1966 em Mar del Plata, seguindo em 1968 em Stuttgart e em Lima em 1970¹⁴¹. Para o Congresso de 1968,

139 Cf. “The Association of American University Presses, Inc., Latin American Translation Program, Projects Approved, Oct. 7, 1960 – Feb. 26, 1965”, da qual constam 18 editoras e 77 projetos, dos quais até março de 1965 tinham sido publicados 30. (Serie II, Box 5, Folder 2-4, RMM Papers, R&ML, YU).

140 Cf. Cópia da carta de Richard Morse para William Sloane, da Rutgers University Press, 02/03/1965. (Serie II, B.5, F.5, RMM Papers, R&ML, YU).

141 Haveria ainda os de Roma em 1972, Cidade do México em 1974 e Paris em 1976, cf. Richard Schaedel, J. E. Hardoy e Nora Scott Kinzer, *Urbanization in the Americas from its Beginnings to the Present*. La Haya, Paris: Mouton Publishres, 1978.

FIG.15 Docência e pesquisa em Yale: programa do curso "Introdução ao Estudo das Cidades", oferecido na década de 1960 (5 páginas); bilhete de Celso Furtado para Morse, 7/1/1970 e cópia da carta de Morse, 13/2/1970 a Furtado, a respeito da vinda do brasileiro, e carta de Richard Sennet para Morse em 6/8/1968, a respeito do Congresso sobre as cidades industriais do século 19

FACULTE DE DROIT
ET DES SCIENCES ÉCONOMIQUES
DE PARIS

13 de janeiro de 1970

Professor Richard M. Morse
Yale University

Prezado amigo,

Agradeço a sua carta de 5 de dezembro com o convite para que prolongue a minha viagem até New Haven. Meu plano é chegar a New York no domingo 22 de fevereiro e regressar a Paris no outro domingo, 1 de março. Como a conferência termina no dia 23, quarta-feira, era meu propósito ir a New Haven no dia 25 para ver os amigos. Mas gostaria de regressar a New York no dia 26 pela manhã, afin de ter tempo para compras e circular um pouco. Não me comprometo a fazer nenhuma conferência, mas participarei com prazer de uma reunião para trocar ideias sobre a situação latino-americana e as pesquisas que estamos fazendo cada um por seu lado.

Aproveite a oportunidade para desejar-lhe, aos seus, um muito feliz 1970. Esperando vê-lo em breve, abraço-o muito cordialmente.

W. F.
Celso Furtado

February 13, 1970

Professor Celso Furtado
11 Rue du Rouergue
94 Chevilly Larue
Seine, France

My dear friend Celso Furtado:

Thank you so much for your letter of January 13 in which you express an interest in coming to Yale the evening of February 25 for a meeting with your friends here. I now learn that the organizers of the Conference are trying to arrange an informal evening session in New York that same evening so that conference participants will have a chance to meet with various scholars. I don't know whether your schedule will permit you to stay in New York for this occasion and postpone your visit to Yale till the 26th, but there is no need to let me know now. We can talk it over when we meet in New York and then I will telephone Yale to make the arrangements that seem most suitable.

It may interest you to know that Candido Mendes de Almeida will be at Yale from February 25 to 27. Perhaps you will be interested in getting together with him.

So, let's improvise our plans when the time comes. Meanwhile, um abraço do seu amigo,

Richard M. Morse

RMM:ic

cc: Miss Doris Howe

COPY
Manuscripts and Archives, Yale University Library

- 5 -
12. April 21, 23 Planning
ASSIGNED: ELWIDGE (Vol. II): pp. 579-615, 725-46, 838-74, 934-1001, plus 3 more articles that interest you.
SUGGESTED: J. Friedmann and W. Alonso, eds., Regional Development and Planning (Cambridge, 1964); M. S. Briggs, Town and Country Planning (London, 1948); F. Gibberd, Town Design (5th ed.: NY, 1967); C. Giedion, Space, Time, and Architecture (5th ed.: Cambridge, 1967); C. Tunnard, The City of Man (NY, 1953); W. Meyerzon, Utopias Traditions and the Planning of Cities (ref. ed.: Vintage paper); C. S. Stein, Toward New Towns for America (MIT paper); M. F. Perkins, City Planning in Soviet Russia (Chicago, 1953); G. C. Bester and H. R. Jones, City Planning: A Basic Bibliography of Sources and Trends (Sacramento, 1962).
13. April 28, 30 Renewal
ASSIGNED: BELLUSH AND HAUSKNECHT: pp. 1-16, 25-35, 120-54, 463-504, plus 3 more articles that interest you.
SUGGESTED: J. C. Wilson, ed., Urban Renewal: The Record and the Controversy (MIT paper); P. H. Rossi and R. A. Dentler, The Politics of Urban Renewal (NY, 1961); S. Greer, Urban Renewal and American Cities (Indianapolis, 1965). The political process of urban renewal in New Haven is described in R. A. Dahl, Who Governs? Democracy and Power in an American City (Yale paper).
14. May 5, 7 Urban Economics
ASSIGNED: JACOBS
SUGGESTED: W. R. Thompson, A Preface to Urban Economics (Baltimore, 1965) and his review article "Toward an Urban Economics" in SCHENBER, pp. 133-59. B. Rosolitz, "The Role of Cities in the Economic Growth of Underdeveloped Countries," in Breese, pp. 232-45; H. S. Perlloff and L. Wingo, Jr., eds., Issues in Urban Economics (Johns Hopkins paper), a comprehensive reader; R. W. Pfouts, ed., The Techniques of Urban Economic Analysis (West Trenton, N.J., 1966); B. Chinitz, ed., City and Suburb: The Economics of Metropolitan Growth (Englewood Cliffs, N. J., 1964); J. Margolis, ed., The Public Economy of Urban Communities (Washington, 1965); J. F. Kain, ed., Race and Poverty, the Economics of Discrimination (Spectrum paper); F. D. Sturdivant, The Ghetto Marketplace (Free Press paper).

COPY
Manuscripts and Archives, Yale University Library

YALE UNIVERSITY

OFFICE OF THE PROVOST
JOHN L. FLEISHMAN
Associate Provost for
Urban Studies and Programs

1966 YALE EDITION
405 FOLGER STREET
NEW HAVEN, CONNECTICUT 06520
AREA CODE 203-787-1131 EXT. 2962
August 6, 1968

DEAR Mr. Morse:

A conference on the social structure of 19th Century cities is now being planned for the WEEKEND AFTER Thanksgiving--the Fall Semester (November 20 - December 1), at Yale University, and we are writing to ask if you would be interested in participating.

The number of historians and sociologists interested in 19th Century cities, and interested as well in the relations between the two disciplines, has grown considerably in the last few years, yet there has been no common forum for discussion, argument or exchange among workers in this field. We are holding the conference in hope of providing this kind of meeting ground. The conference will be small, 20-30 people, and informal enough so that people will have a chance to explore problems as well as results in the various research projects. We would like conference papers to be submitted at least a month in advance so that they can be duplicated and distributed to everyone in advance; this will mean the conference can focus on discussion of issues of mutual interest. Some sort of publication of the conference papers, through the Yale University Press, is planned.

Could you let us know as soon as possible (1) would you want to participate? (2) precisely what sort of paper, if any, would you like to deliver? Since nearly everyone invited to this conference is currently engaged in research in this area, it is important that we get a sense of who will do what, and who can come only as an interested spectator. (Either way is fine, since the purpose of the conference is discussion, but we do need to organize the discussion groups, and get a sense of what the collection of formal papers in the published book will look like.) All travel expenses, etc., will, of course, be paid by Yale.

Please write to Richard Sennett, Department of Sociology, Yale University, whether and in what capacity you could attend; we would like to hear from you at the latest by September 10th. We hope to see you in the Fall.

Yours,

Richard Sennett

Richard Sennett, Department of
Sociology, Yale University

COPY
Manuscripts and Archives, Yale University Library

Stephen Thernstrom, Department of
History, Brandeis University, and
Joint Center for Urban Studies

por exemplo – cujo simpósio “*The Process of Urbanization in America since the Origins to the Presente Time*” era coordenado por Hardoy, Schaedel e Erwin Palm (1910-1988) (um latino-americanista em Heidelberg) – Morse dirigiria a sessão “*Nineteenth Century Urbanization*”, enfatizando a discussão dos “padrões social, ecológico e econômico” das cidades¹⁴². Morse convidara para essa discussão a historiadora paulista Maria Sylvia de Carvalho Franco¹⁴³, David Denslow (pós-graduando em Economia em Yale), Ezequiel Gallo (historiador argentino então docente no St. Antony’s College em Oxford), Aníbal Quijano (1928-) (pela Cepal) e o historiador chileno Mario Góngora (1915-1985), para debaterem diferentes aspectos da “cidade latino-americana do século 19”, em meio às discussões sobre a urbanização desde as cidades pré-colombianas¹⁴⁴. Vê-se também sua participação no mesmo ano no congresso organizado por Richard Sennett (1943-) e Stephan Thernstrom (1934-), cuja publicação resultante é considerada um marco na renovação dos estudos históricos urbanos, como mencionado no primeiro capítulo¹⁴⁵. Nas décadas seguintes, Morse editou inúmeras obras para a compreensão da história das cidades na América Latina, contribuindo de modo definitivo para a consolidação dos estudos urbanos no continente. Entre essas obras se destacam *La investigación urbana latinoamericana: tendencias y planteos* (1971)¹⁴⁶; *The Urban Development of Latin America 1750-1920* (1971); *Las ciudades latinoamericanas* (1973); *Ensayos histórico-sociales sobre la urbanización en America Latina* (1978), com Hardoy e Schaedel; e, no final da década de 1980, *Nuevas perspectivas en los estudios sobre historia urbana de Latinoamerica* (1989), co-organizado com Hardoy¹⁴⁷.

142 Cf. Cópia da carta de Richard Morse para Ezequiel Gallo, do St. Antonys College, Oxford, 26/06/1968, na qual apresenta os objetivos da sua mesa. (Serie II, B.6, F.30, RMM Papers, R&ML, YU).

143 Que dois anos depois assinava a orelha da reedição da obra de Morse em São Paulo para a coleção de Fernando Henrique, como vimos.

144 Sessão 3 do 38º Congresso de Americanistas em Stuttgart. Cf. “Tentative Program, Aug. 11-18, 1968”, entre outros documentos. (Serie II, B.6, F.30, RMM Papers, R&ML, YU). No acervo de Morse há toda a troca de correspondência entre os convidados para a mesa coordenada por ele, e todos os preparativos até a realização do Congresso. Há ainda o folder do Programa final.

145 Cf. carta de Richard Sennet para Richard Morse, 6/8/1968, anunciando o interesse em se pensar um seminário sobre “a estrutura social das cidades do século 19”, planejado para o período entre 20/11 e 1/12 daquele ano, notando que crescera “consideravelmente” nos últimos anos o “número de historiadores e sociólogos interessados” no tema, não havendo ainda fóruns para tal debate. Previa um seminário pequeno e informal, com 20 a 30 participantes, no qual todos pudessem ler o trabalho de todos, extraindo ideias e perspectivas para seu próprio trabalho. Cf. Serie II, B.6, F.17, RMM Papers, R&ML, YU.

146 Que examinaremos aqui na versão inicial, publicada como artigos em periódicos.

147 Ver as referências completas na Bibliografia.

Mas o que isso nos informa sobre o livro e seu olhar para São Paulo? Como essa intensa atividade ajuda a revelar as novas perspectivas que se anunciam na reedição da obra em 1970, sobretudo nos novos textos a ela acrescentados? Talvez possamos afirmar que por meio dessa atuação Morse revisava um debate que ele mesmo ajudara a criar – mais que isso, um tema – “a cidade latino-americana” – que figurou como um dos mais profícuos tópicos de pesquisa naquele período¹⁴⁸. O norte-americano se valeu de São Paulo para entrar nesse debate e, a partir dessa sua primeira pesquisa monográfica iniciada ainda nos anos 1940, passou a pensar a América Latina a partir de um estudo de caso específico analisado em profundidade. Desse modo, transformou aquele interesse difuso pela cultura latino-americana que se iniciara ainda na sua graduação em um produtivo campo de trabalho, não apenas para si mas para uma nova leva de pesquisadores, arquitetos, urbanistas, historiadores e cientistas sociais que se preocupavam com aquelas cidades. Desde então, ao publicá-lo pela primeira vez em 1954, Morse passaria a olhar para “as cidades” e não mais para uma ou outra cidade especificamente, buscando compreender por meio da urbanização e da história a própria cultura latino-americana, ou a “civilização” latino-americana, num caminho que o levaria talvez a escrever *O espelho de próspero*, já na década de 1980. Essa tendência se revela nos títulos dos artigos que Morse publicou nesse período: “*Latin American Cities: Aspects of Function and Structure*” (1962); “*Cultural Differences and Inter-American Relations*” (1964); “*The Strange Career of ‘Latin-American Studies’*” (1964); “*Crosscurrents in New World History*” (1964); “*Negro-White Relations in Latin America*” (1964); “*Recent Research on Latin American Urbanization: A Selective Survey with Commentary*” (1965); para citar aqui alguns¹⁴⁹. Desse modo, foi o debate urbano latino-americano – ao qual ele aderiu, e mais ainda, ajudou a formular, justamente a partir da sua pesquisa sobre São Paulo – que lhe permitiu tornar-se não apenas um historiador das cidades, mas um historiador cultural. Tornar-se um verdadeiro intelectual, como ele via seus colegas latino-americanos, menos “especialistas” que os *scholars* norte-americanos, preocupados com a “explicação” de seus países (o que no Brasil, no mais das vezes, traduziu-se num pensamento em torno da “formação” da nação).

Como aponta Adrián Gorelik, a partir de seu estudo pioneiro sobre São Paulo Morse se tornava portanto “um comentarista crítico incansável, organizador de fontes e de estados da questão, construtor do novo campo [urbano] em todas as frentes”, passando a defender a necessi-

148 Para uma revisão da “cidade latino-americana” como categoria dos estudos urbanos e sociais, cf. Gorelik, op. cit., 2005. Sigo de perto suas considerações nesse artigo para o desenvolvimento destes argumentos.

149 A listagem completa se encontra na Bibliografia.

dade de se criar marcos conceituais próprios e não apenas que se definissem problemas e temas¹⁵⁰. Sua hipótese de fundo – que o historiador esboça inicialmente em 1956 e que parece ser retomada e rearticulada a cada novo texto – é o que o informa também em sua nova apresentação à edição de 1970, por isso vale explorá-la brevemente aqui. Partia da constatação de que a cidade latino-americana é “artificial”, tese formulada como comentário a uma mesa sobre a América Latina – “Expansão urbana na América Latina durante o século 19” – numa reunião da *American Historical Association*, e publicada como “La ciudad artificial” em 1957¹⁵¹. Morse defenderia nesse ensaio a necessidade de uma história cultural urbana do sub-continente para dar conta de compreendê-lo em seus próprios termos, ou seja, em suas especificidades, e não como um desvio da “civilização ocidental”. Partia da ideia de uma “artificialidade” constitutiva, verificada no fato de que essa cidade se formara no vasto e desconhecido território americano à imagem e semelhança de uma distante burocracia metropolitana, funcionando como posto avançado para o assalto as riquezas do interior do continente. Com isso, Morse apresentava o que ele chamou de paradoxo: na América, a cidade domina e modela o campo com seus pontos de vista, mas o papel de exploração territorial reintroduz nela traços rurais e pré-metropolitanos. Do seu ponto de vista, era isso que impedia que se a estudasse apenas através de trabalhos científicos, demandando a incorporação de outras vozes, notadamente a dos literatos e dos artistas – mais aptos a “traduzi-la” por meio de suas obras –, justamente a perspectiva que ele tomara para estudar São Paulo. O historiador apelava às fontes literárias porque elas lhe revelavam uma “verdade cultural que permite recortar a experiência da cidade latino-americana como algo original e diferente dos modelos europeus”¹⁵². Ao se apoiar em conclusões que as teorias sociológicas ou economicistas tiravam da urbanização latino-americana, Morse as invertia para fazer ver o que de positivo havia ali, valendo-se para tanto de uma análise interna das obras literárias que tomava o próprio romancista latino-americano como produto e produtor da cidade, para além dos “temas” das suas obras. E, como produtor e produto da cidade, esse literato expressava os seus conflitos – como vimos ele fazer com Álvares de Azevedo ou Mario de Andrade – tornando-se porta de acesso à cidade¹⁵³.

150 Cf. Adrián Gorelik, “La ‘ciudad latinoamericana’ como idea”, Gorelik e Myers, “Richard Morse, las ciudades y las ideas”, *Punto de Vista*, Buenos Aires, n. 73, ago., 2002, pp. 41-8.

151 Cf. Richard Morse, “La ciudad artificial”, *Estudios Americanos*, Sevilla, v. XII, n. 67-68, abr.-mai., 1957.

152 Gorelik, op. cit., 2002, p. 43. A esse respeito, cf. também Maria Alice Rezende de Carvalho, “A produção de uma cidade: o Rio de Janeiro por seus autores”. In: *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro, 7Letras, 1994, pp.15-63, pp. 23-4.

153 Id., Ibid. Gorelik se pergunta porque então Morse não escreveu uma história cultural da América Latina e lança

Convém relembrar que essas formulações nasciam justamente durante a constituição de um campo de preocupações sobre a cidade latino-americana que não se resumia a um debate historiográfico apenas, mas que tinha a ver com a construção de novas categorias de análise. Arturo Almandoz é outro autor que nos ajuda a compreender como tal campo se constituiu, em meio a organização de instituições, editoras e órgãos de planejamento, em muitos casos sob os auspícios dos norte-americanos:

a revisão histórica da cidade latino-americana, categoria que foi construída e delimitada entre os anos 1950 e 1960, pode ser vista então como parte da agenda desenvolvimentista desdobrada pela Cepal e pela Unesco na região. Em consonância com uma disciplina que mudava sua defesa epistemológica do urbanismo para o planejamento, essa agenda foi escorada, em termos institucionais, pela constituição da *Sociedad Interamericana de Planificación* (Siap) e pelo *Consejo Latinoamericano de Desarrollo Urbano y Regional*. Patrocinadas ao mesmo tempo pelas fundações Ford e Rockefeller, Siap e Clacso publicaram várias [...] compilações que plasmaram, como *corpus* bibliográfico, a agenda histórica da cidade latino-americana requerida pelo desenvolvimentismo que se havia inaugurado com o segundo pós-guerra¹⁵⁴.

Se essa agenda servia ao desenvolvimentismo – pensamento dominante na América Latina até o meio dos anos 1960 – vamos ver como Morse discutiu com as teses em pauta nela nos seus textos escritos para a edição de 1970, sobretudo a nova Introdução e o capítulo inicial. No texto que apresentava a edição – do qual já tratamos em parte no primeiro capítulo –, partindo de considerações feitas para o livro de 1958, Morse propunha que a história das cidades na América ibérica fosse examinada em dois grandes momentos. Um primeiro, ligado ao ciclo das fundações, a sua história colonial. Nesse período as cidades – invertendo o que defendera Henri Pirènne para a formação das cidades na Europa –, teriam funcionado como “forças centrípetas” de povoamento do território. Para o historiador belga, como se sabe, as cidades foram fator de atração para a população do campo, polos de desenvolvimento de uma nova mentalidade urbana, onde então pôde

hipóteses para responder a isso. Pode-se dizer que o texto escrito para a História da América Latina da *Enciclopédia Cambridge* (que Morse leva mais de vinte anos para fazer), “*The multiverse of Latin America Identity*”, é de certo modo sua tentativa de chegar a essa história. Cf. Richard Morse, “O multiverso da identidade latino-americana – c. 1920 - c. 1970”. In: Leslie Bethell (org.), *A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade*, História da América Latina, v. VIII, São Paulo: Edusp, 2011, pp. 19-160. Sobre a história desse texto, Leslie Bethell, “Richard Morse e a Cambridge History of Latin America”. In: Beatriz Domingues e Peter Blasenheim, *Código Morse: ensaios em homenagem a Richard Morse*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010, pp. 47-68.

154 Arturo Almandoz, “Mudanças políticas e institucionais para o planejamento latino-americano do segundo pós-guerra” (Trad. José Hupaya Espinoza). In: Marco Aurélio Filgueira Gomes (org.), *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo*. Salvador: Ed UFBA, 2005, pp.231-59, p. 253.

nascer o capitalismo. Mas Morse defendia que na América Ibérica o movimento havia sido distinto. Sem discutir a vaidade dessa hipótese para a cidade europeia, ele a invertia ao pensar a cidade latino-americana – partindo de uma distinção entre a cidade medieval europeia “clássica” e as cidades da reconquista da Península Ibérica – mostrando então que a cidade na América Ibérica provinha dessa última experiência.

O historiador defendeu que as regiões americanas haviam sido povoadas a partir de cada um dos núcleos urbanos fundados, que funcionavam como postos avançados de onde partia a população para ocupar o vasto continente. Com isso, o interior se veria organizado sob uma ordem agrária que, ao permanecer dominante durante séculos, marcaria a visão de mundo daquela população. Desse modo, o capitalismo se instituiu naquele território num primeiro momento sobre essa base agrária. Mas havia um segundo tempo, iniciado a partir da urbanização do século 19, desde os primeiros fluxos imigratórios em fins daquele século, no qual as cidades teriam se organizado por meio de uma “força centrífuga”, ou seja, passavam a atrair contingentes populacionais. No século 20, em especial entre as décadas de 1940 e 1970, esse processo se acentuou enormemente, caracterizando a forma da urbanização latino-americana vinculada à intensa migração interna. Entretanto, a migração não se dava apoiada num processo de industrialização (como verificado nas cidades europeias cem anos antes), antes por um imperativo urbano que tinha a ver com a imposição de uma nova mentalidade, o que gerava consequências importantes no espaço urbano. Esse o modo que Morse compreendeu os quatro séculos de ocupação da América, numa tentativa de síntese de uma larga e variada história. Na nova Introdução, o historiador afirmou sobre o segundo momento:

A segunda fase da história da América Latina é centrípeta, como se viu de maneira aguda a partir do decênio de 1940, com as migrações em massa das zonas rurais e a proliferação de favelas, *barriadas* e *villas miséria*. Mas o crescimento rápido de muitas cidades importantes da América Latina tem sido contínuo desde o fim do século 19, quer elas tenha ou não sido imãs para os imigrantes do além-mar como foi o caso de São Paulo ou Buenos Aires. (*FbSP*, p.14).

O autor buscava construir um território comum, mas como seu caso era São Paulo, ele retomava a história urbana que se iniciara com mais força no Brasil a partir da transferência da Corte – “aproxima[ndo-se] do ponto de vista de Gilberto Freyre” (ele mesmo quem diz) – para afirmar que teria havido no século 19 o “deslocamento de poder da casa grande do agri-

cultor para o sobrado da burguesia urbana” (*FbSP*, p.16)¹⁵⁵. Era por reavaliar a história social e econômica da América Latina que Morse construía o raciocínio que o fez reconhecer na migração campo-cidade – localizada desde fins do século 19 como fazendo inchar as capitais e independentemente do fluxo imigratório – a imposição de um padrão de vida baseado nos grupos primários, porque apoiado na transferência da população rural às cidades. Isso o levava a concluir que “qualquer tentativa de reconstrução da cidade latino-americana que se base[asse] nas associações secundárias, em detrimento dos grupos primários, pare[cesse] fadada a pouco êxito” (*FbSP*, p.19). Ou seja, se não se levasse em conta essa história agrária pregressa, não se chegaria a uma sociedade urbana moderna no continente, invertendo completamente a perspectiva de Redfield (e dos pensadores de Chicago em geral) ao defender a manutenção dos “valores primários” na própria modernização.

Essa formulação parece ter sido possível não apenas porque Morse adquirira mais consciência do processo de urbanização de São Paulo, confirmando intuições por meio de outros estudos que iam sendo feitos nestes mais de quinze anos entre as edições brasileiras, mas sobretudo pelo caminho inverso. Explico. Aquele seu primeiro trabalho, embora concentrado sobre a evolução urbana da capital paulista, abria-lhe os olhos e o coração para a urbanização latino-americana, permitindo a Morse buscar na história de toda a região um padrão de urbanização para um imenso continente em vias de transformação no meio do século 20. Isso porque o historiador não via São Paulo como “um fenômeno isolado como uma pedra numa praia arenosa”, mas em relação a uma região¹⁵⁶. E essa região, em última instância, era a América Latina. Com isso, o intelectual tomou parte no debate científico e profissional de longo alcance que expusemos nas páginas anteriores, a partir de uma posição bastante particular que veria no substrato cultural do continente a forma possível de compreensão das suas cidades, logo, das suas sociedades. Embora afirmasse em seu livro de 1954 não querer “afirmar ou refutar hipóteses sociológicas” – ao menos com aquele seu trabalho sobre São Paulo – foi isso que ele acabou por fazer em 1970, polemizando com os próprios planejadores latino-americanos com os quais havia contribuído para criar um campo de estudos urbanos nos últimos quinze ou vinte anos.

155 Concordando uma vez mais com o argumento de Freyre em *Sobrados & Mucambos* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1936).

156 Richard Morse, “O pesquisador social e o historiador moderno”, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 113, 1949, pp.36-52, p. 40.

Já aquele seu primeiro esforço de entendimento da “cidade latino-americana” feito em 1957, em larga medida só havia sido possível pelas suas observações pioneiras sobre São Paulo da década de 1950. Mas é nas avaliações feitas nos anos 1960 que Morse presta contas do caminho que trilhou, ao revisar o próprio campo, discutindo com “todas” as teorias que haviam aparecido desde os anos 1940. Parece difícil, portanto, alcançar a compreensão dos acréscimos da edição de 1970 sem examinar mais de perto algo dessa produção. Em “*Recent Research on Latin American Urbanization: A Selective Survey with Commentary*”, escrito para a *Conference on International and Comparative Urban Studies in American Higher Education*, que teve lugar na *Rutgers University* em New Jersey, Morse apresentou um extenso e detalhado balanço da área dos estudos urbanos latino-americanos¹⁵⁷. Reconhecendo que isso talvez fosse tarefa para “um time de especialistas”, o historiador propunha fornecer no ensaio um panorama sobre alguns aspectos da urbanização latino-americana, “intercalados com comentários e um pouco de opinião”¹⁵⁸, dividindo o artigo em oito partes¹⁵⁹. Iniciava pelos “Antecedentes” – justamente a fórmula que ele encontrara para introduzir a história de São Paulo em 1958 –, dedicados à história colonial. Falar de antecedentes lhe permitia flagrar na formação colonial certos imperativos de uma sociedade ibérica e católica que iniciava um processo de urbanização no Novo Mundo. Morse apresentaria os tipos de cidades existentes na Península ibérica¹⁶⁰, listando os cinco aspectos que apareceriam em seguida em seu livro em 1970 como um solo comum da urbanização colonial (como vimos no capítulo 1) e, mais importante, concluía que:

[...] se a lógica de uma ordem mais antiga sobreviveu como princípio organizador nesse período de expansão demográfica e econômica, e de mais amplo contato com o mundo, bem se

157 Richard Morse, “Recent Research on Latin American Urbanization: A Selective Survey with Commentary”, *Latin American Research Review*, v. 1, n. 1, Autumn, 1965, pp. 35-74 Trad. em espanhol: *Investigación Reciente sobre Urbanización Latinoamericana: Examen Selectivo Comentarios*. Austin, Texas (1968). O texto era resultado da pesquisa que ele desenvolvera em Yale contando com diversos auxílios: uma *Guggenheim Fellowship*, financiamento do *Social Science Research Council* e ainda uma *Senior Faculty Fellowship* da Universidade de Yale. Cf. Serie III, Yale University, 1964-1977, RMM Papers, M&AL, YU.

158 Morse, op. cit., 1965, p. 35.

159 Id., “Antecedentes”; “Crescimento urbano recente e o papel da migração”; “Expansão do setor de serviços”; “A cidade primaz”; “Assentamentos ‘marginais’”; “Grupos ‘marginais’ e o coração da cidade”; “Bases sociais para o planejamento urbano”; “O horizonte regional”.

160 Id., p.37. E para o caso de Portugal, notava que as cidades fundadas na América obedeceram ao padrão agro-comercial das cidades marítimas portuguesas. Em seguida, retomava a clássica distinção entre os padrões físicos das cidades espanholas e portuguesas na América, comparando a *plaza mayor* aos seus equivalentes possíveis portugueses, o *rossio* e o *largo*, para, a despeito de reconhecer certas diferenças, destacar justamente os traços comuns.

pode esperar que sobreviva ainda hoje em dia. Isso nos levaria para ver a cidade moderna da América Latina menos como uma sociedade urbana “em mudança” (ou seja, revolução, auto-transcendência, obliteração do passado) que uma sociedade com os apetrechos e os clamores da civilização ocidental industrial se estão acomodando a uma ordem de vida ibero-católica, crioula, patrimonial¹⁶¹.

Deste modo, indicava haver dois caminhos possíveis para se compreender a cidade latino-americana. Um, como de repetição das etapas das cidades europeias – num certo sentido, a visão daqueles que viam os países da América Latina como subdesenvolvidos –, perspectiva corrente na década de 1950 e que começava a ser posta em xeque nos anos 1960¹⁶². E outro, que buscava ver na urbanização latino-americana um processo próprio, que demandaria esforços de entendimento também próprios. Mas, insisto, sem vê-lo como “desvio” à norma¹⁶³. Morse parecia querer valorar os dois processos – o europeu e norte-americano e o latino-americano – como duas linhas que tivessem partido de uma origem mais ou menos comum, da idade moderna europeia, que tendo seguido por dois caminhos paralelos (e não excludentes), chegaram a resultados distintos. Sem desconhecer o lugar “periférico” da América Latina, parecia buscar dar outro *status* a essa “periferia”. Em suas palavras:

161 Id., p. 41. [...] *if the logic of an older order survived as an organizing principle in this period of demographic and economic expansion and wider contact with the world, we might well expect it to survive even today. This would lead us to view the modern Latin American city less as an urban society “in change” (i.e., revolution, self-transcendence, obliteration of the past) than as a society in which the accouterments and rallying cries of Western industrial civilization are being mediated to an Ibero-Catholic, creole, patrimonial order of life.* O raciocínio era confrontado com um estudo recente da Cepal no qual se afirmava que a “estrutura tradicional” da América Latina, longe de ter sido rígida e impenetrável, teve a porosidade suficiente para modernizar boa parte de seus elementos sem alcançar entretanto uma duradoura, rápida e radical modernização”. Tratava-se do texto “*El desarrollo de América Latina en la post-guerra*” (1963). E em nota, Morse remetia ao seu ensaio “*The Heritage of Latin America*”, que ele publicara no livro organizado por Louis Hartz, *The Founding of New Societies* (Nova York, 1964, pp. 123-77).

162 Tratava-se dos desenvolvimentistas que pautavam as discussões da modernização latino-americana naqueles anos, notadamente a Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), que previa um desenvolvimento baseado na substituição de importações, e mesmo a OEA (Organização dos Estados Americanos), ambas entidades patrocinadas pelas Nações Unidas a partir de 1948; e as críticas que começam a aparecer e que seriam posteriormente organizadas sob o nome de “Teoria da Dependência”, levadas adiante por intelectuais latino-americanos. Para uma visão geral do tema, cf. Ricardo Bielshowsky, *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo econômico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

163 A “Teoria da Dependência” num certo sentido foi uma resposta a essa mesma inquietação, mostrando que o desenvolvimento “dependente associado” era um entrave estrutural que colocava limitações ao projeto nacional-desenvolvimentista que se propunha autônomo e soberano. Só que aqueles intelectuais viam a urbanização “central” e “periférica” dentro do mesmo processo de modernização, partes desiguais e combinadas. Cf. Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, *Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica* (1967), Rio de Janeiro: Zahar, 1970. Uma análise sintética dos termos da dependência está em Arantes, op. cit., 1992.

Pode-se considerar o êxodo rural da América Latina e o crescimento urbano do século 20 como parte de um movimento que começou na Europa durante o século 19 e que já atingiu proporções globais. Ou, pode-se colocar o fenômeno em perspectiva histórico-cultural. O “centrifugalismo” urbano dos tempos coloniais tornou-se centrípeto. A cidade latino-americana agora colhe o que um dia semeou. Os padrões de assentamento rural que há muito tempo haviam sido criados, agora colocam seu selo no processo pelo qual milhões estão se movendo e se reagrupando em todas as partes do território.¹⁶⁴

Ao propor uma perspectiva histórico-cultural para compreender a urbanização da América Latina, Morse explicitava seu desejo de encontrar naquele território um *ethos* comunitário a presidir uma forma de desenvolvimento que poderia ser exemplo para o mundo ocidental. O autor parecia ter “encontrado” esse “padrão latino-americano” a partir de seu estudo sobre São Paulo, ainda que a cidade não fosse em muitos sentidos “típica” – ele mesmo reconhecia – dentro da urbanização latino-americana¹⁶⁵. Por isso ele destacava neste balanço certas características paulistas que deveriam ser levadas em conta para entender o papel da cidade na contemporaneidade: a) ativo incremento do papel político para a cidade (até maior que o da capital do país); b) cidade como centro comercial e intelectual em contato com os países estrangeiros desde a remoção das restrições mercantilistas coloniais; c) atração de uma aristocracia rural para residências urbanas e a sua participação dela nas atividades comerciais e financeiras desenvolvidas ali; d) desenvolvimento de mecanismos de crédito urbano ocasionando a submissão do domínio rural às atividades comerciais; e) construção de uma infra-estrutura ferroviária tendo a cidade como nó desse sistema; f) o papel de um pensamento urbano, liberal e racional sobre a agricultura, especializando-a e mecanizando-a, transformando o trabalhador rural em um proletariado rural e, por último; g) o papel dos empreendedores estrangeiros e sua eventual absorção pelas elites locais. Já na edição de 1954 essas características apareciam “diluídas” em seu texto¹⁶⁶. Aqui, entretanto, tratava-se de conscientemen-

164 Id., Ibid. *One may regard Latin America's rural exodus and urban growth of the 20th century as part of a movement which began in 19th century Europe and has now reached global proportions. Or one may place the phenomenon in historic-cultural perspective. The urban centrifugalism of colonial times has become centripetal. The Latin American city now reaps as it once sowed. The rural settlement patterns which it long ago created now give their stamp to the process by which millions are drifting and regrouping across the land.*

165 *In my study of São Paulo, a city which is not in every way typical, some of the points brought out are [...].* Id., Ibid., grifo meu.

166 Como exemplo, citemos apenas o trecho em que ele afirma em seu livro a respeito da característica “c” (atração de uma aristocracia rural para residências urbanas e a sua participação dela nas atividades comerciais e financeiras desenvolvidas ali). Falando desse momento, Morse afirmava em 1954: “Não se deve crer entretanto que estivesse surgindo uma estrita dicotomia entre uma burguesia da cidade e um patriciado rural, tal como aconteceu nos tempos coloniais entre os negociantes portugueses e os barões de açúcar no norte. Pois com as estradas de ferro, os fazendeiros de café, acostumados a morar nas suas propriedades ou nas cidades pequenas nas redondezas, podiam agora gozar

te listá-las de modo a buscar um certo padrão de urbanização. Morse defendia que só a partir do reconhecimento das características locais e da compreensão de sua influência ou relação com a sua região, a metrópole latino-americana poderia verdadeiramente se desenvolver:

A emancipação política submeteu a América Latina às novas influências “coloniais”: artísticas, intelectuais e outras. As estratégias atuais de “desenvolvimento” não podem se fixar nem formar uma imagem enquanto ainda são rotineiros exercícios de solução de problemas. Também precisam ser equipadas de um estilo, segurança e coesão que só um regionalismo desafiador (que é distinto do provincianismo) de uma grande metrópole lhes pode dar¹⁶⁷.

A partir disso, deslocava o foco da análise da colônia para a década de 1950, apresentando os dados da urbanização e os comparando com a década seguinte, para indicar como aqueles índices haviam aumentado na ordem de 55% no subcontinente, enquanto o crescimento da população rural havia sido de apenas 12% (isso, segundo ele, dava uma média anual de 4,5% de crescimento urbano, contra 1,4% de crescimento rural). Não havia dúvida de que a América Latina se tornava urbana no meio do século 20 devido à migração campo-cidade, e as implicações desse fato eram fundamentais de serem debatidas por quem estava interessado em entender as cidades. Como o fluxo de pessoas em direção às grandes cidades não era compatível com as novas oportunidades de emprego urbano estável, especialmente o industrial, e como não haveria habitação social para absorver essa população, nem por iniciativa estatal nem por iniciativa privada, forçando esse contingente a construir sua própria casa; a cidade resultante era deficiente no regime de organização impessoal, associação voluntária e serviços administrativos, temas requeridos como fundamentais a formação do *ethos* ocidental urbano. Desse modo, enquanto milhares se esforçavam para ter acesso à seguridade social e às oportunidades urbanas, eles na verdade eram jogados num sistema de clientelismo, em suas improvisadas comunidades auto-

de uma vida mais confortável e mais animada na capital, continuando em estreito contato com suas fazendas. Como moradores da cidade possuidores de riqueza, prestígio social e instrução de nível superior, muitos deles ingressaram em atividades econômicas urbanas – como diretores de estradas de ferro, pioneiros da indústria, banqueiros, etc. – ou em profissões com que estavam familiarizados desde os tempos de estudante, tais como as lides forenses, a política ou o jornalismo.” (DCaM, pp. 183-4).

167 Morse, op. cit., 1965, p.42. [*Political emancipation subject Latin America to new “colonial” influences, artistic and intellectual as well as others. Present “development” strategies cannot take hold or cast an image as long as they are routine exercises in problem solving. They need also to be informed by the style, assurance and coherence that only the defiant regionalism (as distinct from provincialism) of a great metropolis can give them.*]. Como vimos, na edição de 1954 Morse alertara para a diferença entre “provincianismo” e “regionalismo”.

-organizadas, tendo sua “fidelidade” cortejada por um novo tipo de líder político populista: o “populismo [seria] o substituto dessa organização, preenchendo o vazio entre a vida urbana e ‘uma tradição de dependência rural’”¹⁶⁸.

Diferentemente do que ocorrera cem anos antes na Europa, essa urbanização – acelerada e concentrada – se daria no subcontinente não pela atração de contingentes populacionais pelos empregos industriais, mas baseada na expansão do setor de serviços, sem correspondência à uma base produtiva equivalente¹⁶⁹. Olhando para a América Latina, Morse podia finalmente reconhecer a despeito da inegável industrialização paulista que o êxodo rural não contribuíra para minimizar a pobreza e o desemprego na metrópole. Podia ainda afirmar que “os índices de urbanização [*também*] em São Paulo não eram [apenas] em função do grau de industrialização”¹⁷⁰. A frágil industrialização não teria precedido, mas antes seguido a urbanização, e a substituição de importações não era o equivalente à revolução industrial dos países centrais. Era difícil não perceber isso em 1965. Dez anos depois, intelectuais paulistas lançavam o importante estudo *São Paulo 1975. Crescimento e Pobreza*, que retomava essa discussão em ponto pequeno – reconhecendo os problemas daquela urbanização¹⁷¹. Ambos, Morse e os paulistas, discutiam com as teorias desenvolvimentistas que a essa altura já haviam provado sua falência. Aqueles, entretanto, de par com a teoria da dependência, “denunciavam” a lógica do sistema, ou, como eles a denominaram uma vez, a “lógica da desordem”¹⁷². Morse, ao contrário, queria ver potencialidades nele.

Onde todos pareciam ver fragilidade, Morse de fato previu potência. Para ele, era da reintrodução de padrões rurais no urbano que se podia esperar alguma reação, notando a “diferença” da

168 Id., p.43. [*Populism is the surrogate for such organization, bridging the gap between city life and a “tradition of a rural dependence”*], citando Andrew Pearse.

169 O “setor de serviços” englobava os serviços subalternos e informais, e tinha como características principais a instabilidade, a irregularidade e a precariedade.

170 Morse, op. cit., 1965, p. 46. O autor se apoiava especialmente nas conclusões de Waldemiro Bazzanella, “Industrialização e urbanização no Brasil” (1963).

171 Livro editado pela Arquidiocese de São Paulo, a partir de pesquisa desenvolvida por intelectuais ligados ao Cebap (entre eles, Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer e Lúcio Kowarick) que vinham trabalhando com a questão urbana, ou ao menos com os efeitos da “urbanização acelerada”, e no qual justamente se buscava discutir (ou antes revelar) que os aspectos aparentemente irracionais do crescimento paulista visíveis naquele início da década de 1970 eram na verdade a contra-face da modernização periférica. Cf. *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*. Rio de Janeiro, São Paulo: Vozes, 1975

172 “A lógica da desordem” é o título do ensaio de abertura do livro, mais tarde republicado por Lúcio Kowarick em *A espoliação urbana*, São Paulo: Paz e Terra, 1980, pp. 29-68.

modernização das cidades na América Latina. Se vários tipos de marginalidade eram visíveis naquelas cidades: geográfica (localização periférica), funcional (falta de serviços urbanos), sociológica, econômica e psicológica (nem todos aplicáveis sempre), o norte-americano mostrava como “não deixava inclusive de haver um lado irônico em falar ‘marginal’, frente ao alto potencial de acomodação à vida urbana que tais comunidades marginais exibem”¹⁷³. Ora, aqui se compreende melhor como os trabalhos iniciais de Oscar Lewis lhe pareceram mais interessantes, ou melhor, mais afinados que o de Redfield, para pensar a América Latina, ao alertarem para que não se desprezasse a cultura rural na cidade. Ao se debruçar sobre o papel dos grupos migrantes na cidade, também Morse pudera dizer que:

hoje as experiências de migração, de exposição à cidade, de mistura regional, geralmente impede a formação de vínculos urbanos nos enclaves “*folk*”. No entanto, novas polaridades sociais e discontinuidades indicam que a cidade está se tornando “ruralizada” em determinados aspectos. A obra de Lewis, Mangin e Butterworth nos adverte para não desprezar a *origem regional da cultura como uma força potencial de ligação para as comunidades fortuitas* da cidade¹⁷⁴.

Por isso, o autor mostrava que havia duas formas de compreender os “bairros marginais” – ou a “periferia” – que com seu avanço “sobre a cidade” em poucos anos se tornaria o conceito mais utilizado na compreensão da urbanização latino-americana. Que se tratavam de “cortiços, áreas arruinadas, cinturões de miséria, incubadores de doenças, crime, locais de desorganização social e de desordem da personalidade”. Ou, vistos como “enclaves semi-rurais”, que esses “bairros” na verdade

tornavam possível *novas possibilidades para a reconstrução urbana social* com base nas unidades de vizinhança, nos laços regionais e de parentesco, nas associações de ajuda mútua e nas pequenas unidades de atividade política.¹⁷⁵

173 Id., p. 49.

174 Id., p. 50, grifo meu. [...] *today the experiences of migration, of exposure to the city, of regional mingling, generally preclude tie formation of urban “folk” enclaves. Yet new social polarities and discontinuities indicate that the city is becoming “ruralized” in certain ways. The work of Lewis, Mangin and Butterworth warns us not to dismiss regional origin and culture as a potential binding force for fortuitous communities of the city.* Além de Lewis, Morse se referia a William Mangin, “*The role of regional associations in the adaptation of rural population in Peru*” (1959) e Douglas Buterworth, “*A study of the urbanization process among mixtec migrants from Tlatongo in Mexico City*” (1962). À contrapelo do pensamento funcional-desenvolvimentista que via a pobreza urbana e a marginalidade como males a serem erradicados, Mangin indicava que “no problema estava a solução”, o que foi um modo de inverter a questão que teve muito impacto em Morse, e não apenas nele, no pensamento urbano em geral dos anos 1970.

175 Id., p. 51, grifo meu. *Two opposed hypotheses about the barrios marginales are: 1) that them are slums, blighted areas, belts of misery, incubators for disease, crime, social disorganization and personality disorder; and 2) that as semirural enclaves they make available*

FIG.16 Moradia precária na América Latina nos anos 1940: *convetillo* em Buenos Aires e em Santiago

Quando em seu livro, já na primeira edição de 1954, Morse destacara a experiência dos cortiços a partir da experiência paulista, ele intuía essa segunda hipótese, insistindo para a importância das relações sociais ali estabelecidas, como vimos, que portavam sentimentos comunitários então buscados nos países centrais. É evidente portanto que longe de combater esse romantismo inicial, Morse apoiou-se nele para continuar aprofundando uma aproximação original àquele continente, que mais tarde daria a tônica das próprias intervenções¹⁷⁶. Quando questionado em 1976 sobre esse seu olhar “particular” para São Paulo (e para a América Latina), ele reconhecia que talvez tivesse sido muito “otimista”, mas reafirmava a necessidade de se levar em conta tais experiências para pensar alternativas para a modernização¹⁷⁷.

new possibilities for urban social reconstruction on the basis of neighborhood communities regional and kinship ties, mutual-aid associations, and small-group political activity.

176 Se pensarmos no Brasil, as experiências auto-gestionárias de habitação social a partir da redemocratização na década de 1980 são um caminho desse pensamento. Para São Paulo, cf. entre outros, Raquel Rolnik, Lucio Kowarick e Nadia Somek (eds.), *São Paulo: crise e mudança*. São Paulo: PMSP/Brasiliense, 1989.

177 Na entrevista dada em 1976, instado pelos entrevistadores se ele não caía numa armadilha (que romantizava a América Latina) ao falar de São Paulo, Morse reconhece que talvez tenha sido “muito otimista naquele momento, num certo espírito mumfordiano. Mas que ali havia um ambiente intelectual intenso e que parecia que algo ainda poderia ser feito...”. Lembrava que ele falara de uma cidade de 2 milhões de habitantes, e que agora ela tinha 9, mas insistia que havia alguma potência naquela situação, retomando a experiência do cortiço, que não poderia ser desprezada pelo planejador urbano justamente pela “solidariedade interna”: “essa forma de habitação no centro da cidade oferecia possibilidades de integração social e interação humana, a despeito das condições precárias e de pobreza, que não deveriam ser descartadas. Essas pessoas não deveriam ser transplantadas para conjuntos periféricos sem infraestrutura de transporte, como magistralmente Oscar Lewis desenvolveu no “Cultura da pobreza” em 1952... Hoje é lugar comum buscar esses focos de interação e eles nos serviram para olhar de outra forma nossas próprias cidades...”. Cf. Hamill,

... *ranchos* em Bogotá, Colômbia e *barriadas* em Cidade do México (fotografias de Francis Violich)

O ponto chave era a questão habitacional, questão que nos anos 1950 e 1960 fora o foco das políticas estatais na América Latina e sobre a qual parecia ser necessário fazer um balanço crítico. Ainda que ao olhar para a América Latina em 1970, Morse reconhecesse que as “ocupações informais” eram particulares em cada país, sendo difícil generalizar (já que para cada cidade haveria uma constelação de fatores que faria do problema da habitação social uma questão única), ao menos duas perguntas deveriam ser feitas no momento que se quisesse pensar em intervenções¹⁷⁸. A primeira delas: “quando que a assistência técnica e social é mais eficiente e eficaz do que as soluções arquitetônicas que impliquem realocação maciça de famílias?”. A segunda, “quando a realocação é aconselhável, como as lições das comunidades espontâneas podem ser disponibilizados para o planejamento físico e social?”¹⁷⁹. Ambas, como se nota, insistindo na observação dos ensinamen-

Goodwin, Stave, op. cit., 1976, pp. 337-8.

178 Morse definiu três formas de habitação “irregular”: o *conventillo* (também chamados de *vecindad*, cortiço, *callejon*), localizado em antigas áreas centrais, com acesso aos serviços públicos (se as estruturas construídas para serem cortiços desapareciam, eles eram ainda encontrados em antigas residências unifamiliares transformadas em residências multi-familiares em quase todas as cidades grandes na América Latina). Um segundo tipo que era a *callampa*, núcleos urbanos segregados, ocupações ilegais de terra, que se valiam de material usado e entulhos para suas construções, geralmente um único cômodo sem banheiro, numa localização periférica que sempre estava sujeita a mudança devido ao crescimento da cidade (correspondia à favela, *villa miseria*, *rancho*, *barriadas*, *jacales*). E o terceiro, o assentamento suburbano, semi-segregado do núcleo urbano, às vezes com títulos da terra adquiridos a partir da iniciativa dos assentados, ou pela intervenção governamental, oferecendo construções heterogêneas: autoconstruídas, construídas por empreiteiras ou pelo Estado, geralmente em áreas periféricas, variando os acessos aos serviços públicos. Id., p. 51.

179 Id., pp. 52-3. 1: *When is technical and social assistance more efficient and effective than architectural solutions that entail massive reallocation of families?* 2: *When reallocation is advisable how can lessons from existing, spontaneous communities be made available for physical and social planning?*

tos e das práticas próprias das “comunidades” – termo que foi mudando de sentido, sendo nesse deslizamento cada vez mais identificado com bairros ou agrupamentos populares e ilegais dentro das cidades, como sabemos –, e que também entrava na agenda das intervenções dali em diante.

Ao se aproximar portanto da população que formava os “grupos marginais”, Morse estava preocupado em mostrar como eles participavam da vida urbana de maneira particular: muitos não eram proletários, portanto não se introduziam na sociedade. A tarefa que lhes cabia parecia ser a de “*poblar*”. O autor identificou naquele momento de transição a constituição de um caráter híbrido rural-urbano, que em breve se tornaria uma identidade fixa, dicotomizando a cidade e causando mutações nos padrões correntes da ação política, já que a periferia sempre crescia muito mais que o centro¹⁸⁰. Defendia então “estudos heurísticos”, já que “debaixo de um fermento quase universal de mudança, a sociedade latino-americana urbana ou rural parece manter sua estrutura corporativa e sua lógica patrimonial”¹⁸¹, afirmando que se deveria *lidar* com essa “herança”, não desprezá-la, muito menos apagá-la. O motivo? Era justamente dela que se poderia esperar um caminho diferente para a modernidade.

Com esse texto, o historiador participava do debate sobre o planejamento urbano das cidades latino-americanas, buscando construir, a partir das observações históricas, novas bases sociais de ação e novos parâmetros de entendimento para o fenômeno. Para Morse, era necessário levar em conta o crescimento da população, mas também o “populismo”, com todas as suas conotações. O ensaio caminhava para uma série de considerações que fogem aqui da discussão mais específica do seu livro sobre São Paulo, na medida em que entram no campo do planejamento latino-americano (ainda que anunciem questões que cada vez mais farão parte da urbanização da capital paulista). Mas o interesse maior está em entender o próprio autor dentro desse espectro de debates para compreender a mudança de perspectiva que se operou nas duas edições brasileiras de seu livro. Essa mudança tem a ver, em última instância, com o fato de Morse defender a necessidade de um “horizonte regional” para se pensar as cidades na América Latina. Sua ênfase foi em direção ao ajustamento interno da cidade, reconhecendo que a modernização tinha a ver com os

180 Para Gorelik, os artigos mostrariam “o caminho” da comunidade à metrópole, ou seja, *quando a comunidade chegou na metrópole*, pois valorizam os ocupantes das casas e das terras, “que seriam capazes de perpetuar ‘vigorosamente’ em cada ocupação a tradição municipal espanhola com sua estrutura social adaptável, [seu] sistema intrincado de aculturação e [seu] processo regulado de apropriação e desenvolvimento econômico” (Gorelik, op. cit., 2002, p.46).

181 Id. p.58. *Beneath a well-nigh universal ferment of change, Latin American society, urban or rural, seems to retain its corporative structure and patrimonial logic.*

movimentos centrípetos de população. Apoiado na tese de Luiz Saia sobre as fases de São Paulo, lembrava que o arquiteto sugerira um sistema industrial numa escala regional, a partir das ordens social, cultural e política daquela região, e que o sistema até então existente havia erodido o mundo rural com suas indústrias espalhadas. De novo, havia que se pensar sempre em termos locais e regionais, como também Mumford indicara.

A cidade, deste modo, colhia os frutos do que fora plantado anteriormente. E São Paulo, que em 1954 fora vista por ele como exceção ao padrão latino-americano – ainda que ao longo do texto essa afirmação se matizasse –, em 1970, por conta dessa maior amplitude de perspectiva, passaria a ser vista como *a cidade* latino-americana. Isso em alguma medida se anunciara em 1954, quando vimos por exemplo suas citações para mostrar a dificuldade de se instalar um padrão de produção ou um regime de trabalho “estritamente capitalista”. Mas ali os pressupostos desse “desajuste” não pareciam estar suficientemente claros para o autor. Se é fato que se pode notar em diversos momentos da história brasileira exemplos da “pouca adaptação” ao trabalho formal pelas classes populares, não custa dizer que do ponto de vista dos de cima, das “classes patronais”, sempre se operou num duplo registro, ora a lógica capitalista, ora a lógica patrimonial, conforme fosse mais conveniente¹⁸². Assim, a “pouca” adaptação deve ser vista com essa ressalva – e concorre para se pensar na afirmação do autor sobre a manutenção do *ethos* ibérico e católico na metrópole. É evidente, de qualquer modo, que para ambas as operações – considerar São Paulo excepcional ou representante do padrão latino-americano – Morse teve que sublinhar certos aspectos da cidade e minimizar outros (opostos, em cada oportunidade).

Foi assim que, valendo-se das observações feitas sobre as cidades na América Latina nos ensaios publicados durante as décadas que separam as duas edições, Morse afirmou no livro de 1970 que, “sob vários aspectos, São Paulo é a cidade que ilustra de maneira mais dramática o que se chamou de estágio ‘centrípeto’ do desenvolvimento urbano da América Latina” (*FhSP*, p.19). Se compreendo bem, não era mais uma discussão de que caminhos urbanísticos tomar que estava em jogo – como parecia ser nas suas apreciações finais em 1954, ao conclamar os arquitetos que tomassem à frente nas decisões sobre a cidade –, mas uma discussão sobre que rumos de desenvolvi-

182 O trabalho de Ana Lanna sobre a cidade de Santos é nesse sentido exemplar. Nota-se, sobretudo no capítulo 2, a presença de uma elite que transitava entre a ordem e a desordem, conforme mais lhe conviesse: ora moderna e afinada com a Europa, ora aferrada aos princípios coloniais que lhes garantia privilégios. Cf. Ana Lucia Duarte Lanna, *Uma cidade na transição: Santos, 1870-1913*. São Paulo: Hucitec, 1996. Paulo Arantes retoma a “lógica do favor” em *O sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, pp. 72-4.

FIG.17 Moradia precária em São Paulo: cortiço na região da avenida Nove de Julho em 1938 (foto de B. J. Duarte)

mento, ou que formas de desenvolvimento se queria, demandando uma discussão maior dos rumos de desenvolvimento nacional – e mesmo continental. Tratava-se de como lidar com a metrópole a partir daquele momento, de par com outros estudos sociais latino-americanos que discutiam os caminhos da dependência e as condições da sua transformação¹⁸³. Junto às pesquisas de ciências sociais e urbanas, Morse protagonizava com seus estudos históricos a construção de um debate sobre a cidade latino-americana, contribuindo para legitimar o próprio campo dos estudos urbanos latino-americanos, como estamos vendo.

Em 1971, o autor apresentaria uma espécie de “continuação” daquele balanço de 1965, onde pôde desenvolver certos pontos e buscar algumas conclusões. É interessante olharmos brevemente também para esse novo trabalho na medida em que ele recupera conclusões elaboradas em seu olhar para a capital paulista e nos encaminha para as nossas próprias conclusões. Publicado em duas partes como sequência do artigo de 1965 na *Latin American Research Review*, o ensaio “*Trends and Issues in Latin American Research*”¹⁸⁴ alertava de saída que o volume de material que aparecera sobre o tema nos últimos cinco anos impedia o aprofundamento desejado. Morse buscou

183 Cf., entre outros, Cardoso e Falletto, op. cit., 1970 e Stanley e Barbara Stein, *A herança colonial da América Latina: ensaios de dependência econômica* (Trad. José Fernando Dias). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

184 Richard Morse, “Trends and Issues in Latin American Urban Research, 1965-1970 (Part I)”, *Latin American Research Review*, v. 6, n. 1, Spring, 1971, pp. 3-52 e “Trends and Issues in Latin American Urban Research, 1965-1970 (Part II)”, *Latin American Research Review*, v. 6, n. 2, Summer, 1971, pp. 19-75. Esse ensaio e o anterior seriam ambos publicados em espanhol sob o título *La investigación urbana latinoamericana: tendencias y planteos* (Trad. Elizabeth Balan e Jorge Ramoni). Buenos Aires: Siap, 1971.

FIG.18 Moradia precária em São Paulo: favelas na periferia da cidade em 1969 (foto de Boris Kossoy)

ali esclarecer certos antecedentes coloniais, desta vez concentrado na América espanhola, que o auxiliariam na compreensão do fenômeno contemporâneo da urbanização. Afirmava não aspirar “tipologizar”, mas sim identificar estratégias de análise pertinentes para a diversa experiência urbana latino-americana, verificando contrastes e paralelismos entre o Velho e o Novo Mundo¹⁸⁵. Para ele, o exame do desenvolvimento urbano latino-americano deveria enfrentar a história urbana da Europa ocidental não apenas porque a fundação e o crescimento das cidades na América Latina recapitulava certos fragmentos daquela experiência, também porque aquela experiência gerara uma teoria urbana clássica.¹⁸⁶ O autor se referia sobretudo à Henri Pirènne. Apesar do aparecimento de inúmeros trabalhos sobre as cidades, foi com esse autor que Morse retomou a discussão, porque do seu ponto de vista o historiador havia construído uma “ideia-força” que pautaria todas as discussões posteriores.

Aqui também se pode notar uma vez mais como seu estudo sobre São Paulo foi fundamental para que ele compreendesse melhor esse campo de preocupações. São Paulo não precisava necessariamente ser tomada como modelo, mas foi a forma pela qual o historiador olhou para essa cidade e definiu a sua evolução urbana ao longo dos séculos que lhe indicou o caminho de compreensão das cidades latino-americanas, possibilitando seu olhar para o continente. A partir daquele trabalho monográfico ele pôde buscar décadas depois tentar entender se haveria ou não padrões

185 Morse, op. cit., 1971, p.4. *Here we will pursue the urban contrasts and parallels between Old and New Worlds, aspiring not to typologize so much as to identify strategies of analysis pertinent to the diverse urban experience of Latin America.*

186 Id., p. 3.

na migração campo-cidade e portanto, se havia padrões no desenvolvimento urbano do continente¹⁸⁷. Morse buscava nesse novo ensaio aprofundar a compreensão de uma das características das grandes cidades latino-americanas – o agigantamento do setor terciário – que por si só mostrava como o processo de industrialização não conseguia absorver os fluxos populacionais e, logo, que o padrão de desenvolvimento dessas cidades não era o mesmo das cidades dos países centrais. Essa a característica que definiria a urbanização latino-americana: o crescimento do setor de serviços “informais”. Note-se aqui uma vez mais seu real interesse pelo pensamento latino-americano contemporâneo para o tema, e ao mesmo tempo, como ele revia as teorias sociológicas existentes à luz da situação latino-americana.

Não é demais lembrar que dois anos depois sairia à público um livro organizado por Manuel Castells (1942-), *Imperialismo y urbanización en América Latina*¹⁸⁸, que rapidamente se transformou no principal marco dos estudos urbanos marxistas no continente, e no qual seus colaboradores buscavam explicações alternativas para explicar o crescimento das cidades latino-americanas – àquela altura, claramente identificadas às características de “inchaço” urbano¹⁸⁹. Pode-se perceber como conceitos que Morse identificara em seu balanço marcavam presença em tais estudos, como

187 Na “Part I”, Morse listava na bibliografia outros textos seus que tematizavam a urbanização latino-americana: “*Some Characteristics of Latin American Urban History*” (1962); “*Latin American Cities: Aspects of Function and Structure. Comparative Studies in Society and History*” (1962); “*The Sociology of San Juan: an Exegesis of Urban Mythology*”, (1965); “*Recent Research on Latin American Urbanization: a Selective Survey with Commentary*”, (1965); “*Cities and Society in Nineteenth Century Latin America: the Illustrative Case of Brazil*”, (1969); “*The Lima of Joaquin Capelo: a Latin-American Archetype*” (1969); “*Planning, History, Politics: Reflections on John Friedman’s The Role of Cities in National Development.*” (1970); “*Sao Paulo: Case Study of a Latin American Metropolis*” (1970).

188 Manuel Castells (org.). *Imperialismo y urbanización en América Latina*. Barcelona: Gustavo Gili, 1973. O autor havia lançado um ano antes o livro *Question urbaine* (Paris: Maspero, 1972), no qual buscou conceituar os “problemas urbanos” dentro de um marco teórico marxista-estruturalista, e aqui reunia intelectuais latino-americanos para discutirem a urbanização da América Latina.

189 Tratava-se de um ciclo de debates sobre a urbanização de cidades que vinha desde os trabalhos pioneiros do sociólogo argentino Gino Germani (1911-1979) sobre Buenos Aires, que minimizava a atração urbana e não pressupunha uma necessária co-relação entre migração e pobreza no campo e tendência à migração. Como afirma Almandoz, “em vez de ter ‘puxado’ (*pulled*) em direção das cidades contingentes populacionais que pudessem de fato ser absorvidos pela indústria e setores produtivos, a maior parte da migração do campo para a cidade latino-americana havia sido ‘empurrada’ (*pushed*) por um setor primário preterido por reformas agrárias demoradas ou inexistentes, bem como por políticas de ênfase urbana levadas adiante por estados corporativos”, Almandoz, op. cit., 2005, p. 234. Hobsbawn, contudo, ao tratar das imigrações europeias, de certo modo já apontara para um segundo momento em que esta deixara de ter relação imediata com as condições de pobreza do local de origem para torna-se uma “possibilidade”. Decorrente da mudança de mentalidade, da inclusão desta mudança como possibilidade de vida. Cf. Eric Hobsbawn, “Homens a caminho”. In: *A Era do Capital*, São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp.271-289.

por exemplo o de “marginalidade”. Central nas análises de Castells e Aníbal Quijano, esse conceito se relacionava a não correspondência da urbanização à base produtiva, indicando que a industrialização “dependente” não conseguia absorver a massa de migrantes e revelando o descompasso entre a urbanização e a proletarianização. O efeito, a produção de grupos “marginais” que sem trabalho fixo na cidade teriam que se valer de expedientes e subterfúgios para a sua manutenção, ou seja, transformavam-se em trabalhadores informais, “inchando” o setor de serviços. Mas como esse grupo não era residual numericamente, ele se transformava num novo polo da estrutura urbana capitalista, ocupando os espaços também “marginais” da estrutura urbana: favelas, *barriadas*, *callampas* e que tais, de onde emergiam práticas organizativas – de associações de bairros a movimentos urbanos de luta por terra e moradia – que passariam em seguida a serem valorizadas por uma certa esquerda desses países, justamente pela potencial “autonomia” da “cultura burguesa dominante”. Ora, mas os autores também tinham consciência de que esse fenômeno revelava a não capacidade daqueles países de integrar a sua população dentro de um “projeto de país” que expandisse o assalariamento e incorporasse o conjunto da população no desenvolvimento capitalista, como se esperara durante o período desenvolvimentista. Isso mostra como era um momento delicado para a crítica urbana, que se movia no fio da navalha entre a aposta da urbanização como modernização e incorporação e o desejo de ver naqueles grupos marginais uma força revolucionária que pudesse romper o sistema capitalista burguês¹⁹⁰.

Morse, no entanto, que sempre criticou nesses estudos uma certa cegueira economicista, similar àquela dos estudos desenvolvimentistas que eles estavam buscando rebater, pretendeu introduzir outro elemento para a compreensão do urbano, para ele fundamental, inserindo-se uma vez mais de forma polêmica no debate. No auge desses estudos marxistas, o norte-americano indicaria – como se pode imaginar a essa altura – a literatura como a chave de entendimento da sociedade, recuperando a dimensão cultural que a teoria da dependência alijara das análises. Se em seu livro sobre São Paulo ele pode formular e por em prática essa forma de compreender a cidade, também nas apreciações mais gerais sobre o continente o historiador revisitava os literatos e os

190 Críticas e desdobramentos da marginalidade como forma de explicação do fenômeno urbano latino-americano foram muitas. No próprio livro de Castells, Fernando Henrique Cardoso e Paul Singer discutem o tema, com conclusões que são visíveis nas intenções do volume *Crescimento e Pobreza*, já citado. Outra autora que tematiza a questão é a pesquisadora norte-americana Janice Perlman, em *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977), a partir de uma pesquisa no início dos anos 1960 na favela da Catacumba, no Rio, e sua posterior remoção para Cidade de Deus e Vila Kennedy, extrema zona oeste, em 1968.

ensaístas para entender a forma de funcionamento daquele continente, ou, da sua cultura. *Memórias de um sargento de milícias* (1854), o livro de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861), é o exemplo citado ali em relação ao Brasil. Como se sabe, em 1970 Antonio Candido havia se debruçado sobre essa obra para escrever o importante ensaio *Dialética da malandragem*, no qual o historiador norte-americano veria “reconstruí[da] a lógica de toda uma sociedade”, no caso, a brasileira. Para ele então “pod[ia] não ser extravagante sugerir que nos voltemos de um tempo de categorias sociológicas a fontes literárias. [...] O hábil olho literário pode fazer ainda mais”¹⁹¹. Dialogando com este e outros intelectuais brasileiros, particularmente aquele grupo paulista, uspiano, marxista, ligado à teoria da dependência e também aos organismos latino-americanos de desenvolvimento, Morse concordava que a dependência ia além de uma “satelização econômica”. No entanto, apoiando-se nessa leitura crítica que apontava o subdesenvolvimento não como “um estágio do desenvolvimento, mas uma consequência e uma forma particular dele, nomeado capitalismo dependente, que condiciona a forma e a lógica das estruturas internas da nação”¹⁹², ele sublinharia a importância das especificidades culturais para as análises, visíveis por meio da literatura, mantendo um olho no presente e outro no passado. Como disse certa vez Roberto Schwarz:

A parte cosmopolita da nossa cultura é grande, mas não é tudo, e a parte derivada do passado colonial, essa então é imensa. Nem uma nem outra, tomadas em separado, dizem a hora que estamos, mas as duas juntas, e vistas uma através da outra, compõem o nosso problema¹⁹³.

Esse o “problema” que pareceu mover Richard Morse – de início intuitivamente e após o encontro com os paulistas, de maneira empenhada – e que passou a lhe servir de perspectiva para abranger a história do continente latino-americano. Se havia especificidades em sua história

191 [it might not be extravagant to suggest that we turn for a while from sociological categories to literary sources. [...] The skilled literary eye can do even more. It can reconstruct the logic of a whole society [...]. Morse, op. cit., 1971b, p.28. O ensaio de Candido foi publicado pela primeira vez como “Dialética da Malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, São Paulo, n. 8, 1970, pp.67-89.

192 *Dependency implies more than economic sattelization [...] and underdevelopment is not a stage preliminary to capitalism but a consequence and particular form of it – named, dependent capitalism – which conditions the whole form and logic of a nation’s internal structures.* Morse, op. cit., 1971b, p.508. Por se tratar de um texto de balanço, ele descrevia os caminhos interpretativos que haviam. Neste caso, apoiava-se diretamente no trabalho do economista mineiro Theotônio dos Santos, “*La crise de la theorie du development et les relations de dependance en Amérique Latine*”, 1969.

193 Entrevista de Roberto Schwarz à Augusto Massi na *Folha de S. Paulo* (1987) citada por Flora Süssekind, “Ou não: notas sobre a crítica de Davi Arrigucci e Roberto Schwarz”. In: *Papéis colados*, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002, pp. 36-55, p.50.

comum, tanto do ciclo das fundações como da urbanização pós-Segunda Guerra, a América Latina até podia ser compreendida dentro de uma perspectiva dependentista, mas era a partir de sua origem ibérica e católica que se poderia e deveria inverter a lógica do sistema, mostrando as potencialidades locais nessa inversão e descartando, como consequência, a própria ideia de dependência. A essa altura, ficava clara a intenção de Morse de querer promover a América Latina “enquanto alternativa à civilização ocidental”, legitimando a cultura latino-americana¹⁹⁴. Do meu ponto de vista foi portanto depois da “experiência paulista” que Morse pôde desenvolver a ideia de civilização latino-americana, ainda que – deve-se notar – a partir dos anos 1970 apoiando-se cada vez mais na visão de um Gilberto Freyre. Ou seja, também de modo polêmico frente aos próprios interlocutores paulistas, identificando a “América Latina como lugar de assimilação cultural, e espaço que ambientava a civilização ibero-americana”. Onde um “processo continuado de valores originais e adaptados, com personalidade própria”, poderia se dar¹⁹⁵.

Contudo, o autor não iria reescrever seu livro para a segunda edição brasileira, por isso apenas acrescentou uma larga Introdução e ampliou o capítulo Antecedentes, onde explicitava seu ponto a partir das conclusões que chegara nesses trabalhos mais gerais sobre a América Latina – porque o trabalho de São Paulo o permitira, insisto. E, no capítulo final escrito especialmente para essa edição, “Ecologia, Sociedade, Cultura: reconsideração de alguns temas (1968)”, buscou apresentar de modo sucinto um panorama sobre as questões urbanas nas quase duas décadas que separavam as edições (a partir do balanço aqui citado). Antes, entretanto, fez a ressalva de que a obra se tratava de um trabalho de juventude e que as noções que tinha “acerca das sociedades urbanas derivavam provavelmente de Lewis Mumford e Robert Redfield” (*FbSP*, p.19). Mas, continuava ele, era necessário lembrar que as grandes cidades da América Latina àquele tempo, quando fez sua pesquisa em fins dos anos 1940, ainda não constituíam um objeto de estudo para os cientistas sociais, e em relação a São Paulo em especial havia pouca coisa na qual se apoiar¹⁹⁶. Menos ainda do ponto de vista conceitual. Por isso, o autor torcia para “que o entusiasmo cultural do jovem historiador compens[asse] em parte a sua candura conceitual”, sem contudo deixar de ressaltar que já àquela altura seu livro tivesse apontado – ainda que de “modo assistemático ou impressionista” – as principais causas do tal “crescimento centrípeto” de uma grande cidade latino-americana (*FbSP*,

194 Cf. Goodwin, Hamill e Stave, op. cit., 1976, p.340.

195 Id. Ibid. Mariane Ambrosio vem pesquisando a ligação de Morse e Freyre em seu mestrado na UFJF, sob orientação de Beatriz Domingues, e explora as coincidências de perspectivas entre os autores.

196 Ele citava Lucila Hermmann, Caio Prado e Florestan Fernandes como trabalhos pioneiros.

p.20). Morse mostrava assim que a juventude do autor coincidia com a juventude do próprio campo, reconhecendo sem modéstia a sua própria importância para a construção do mesmo.

O autor forneceria já na Introdução um “resumo” dos principais pontos que ele verificara desde os anos 1950, embora não os tivesse então sistematizado desta forma. Vale a pena anotar, porque de certo modo vê-se que eram os tais “padrões latino-americanos”, adaptados a São Paulo: a) papel político completado a função administrativa da cidade colonial; b) atração da aristocracia rural que passa a ocupar as funções de mando na cidade (políticas, empresariais e administrativas); c) sentido urbano liberal e “racional” que transforma o trabalhador servil num proletariado rural; d) mecanismos urbanos de crédito que atuam sobre o rural; e) rede de transportes (estradas de ferro e rodovias) a partir da cidade; f) atração de imigrantes e assimilação diferenciada de nacionais e estrangeiros; g) cosmopolitismo urbano que aguça os artistas para a definição de uma identidade cultural da região e do país; h) cidade como geradora de forças e padrões urbanos por sobre o vasto território do interior, apropriando-se de zonas suburbanas – dito aqui de maneira resumida. (*FbSP*, pp.20-1).

Ao reafirmar os principais pontos que estavam subjacentes a sua história, Morse fazia questão de também ressaltar a forma peculiar pela qual se aproximou da mesma: “as configurações psicológicas e institucionais que resultam da interação entre as forças de industrialização e modernização com o *ethos* do mundo ibero-católico” (*FbSP*, p.21), assunto que do seu ponto de vista teria ganhado proeminência nos últimos anos, lembrando que surgiam “estudos especializados sobre motivação, atitude empresarial, elites, sistemas educacionais, classe social e mobilidade, participação política, assimilação do imigrante, cortiços e favelas, relações sociais e assim por diante” (*FbSP*, p.22). Muitos deles, deve-se dizer, levados adiante pela nova geração de brasilianistas que então atuava no país. Pode-se lembrar de Warren Dean (1932-1994), Janice Perlman, Joseph Love, Elizabeth e Anthony Leeds (1925-1989), entre outros, preocupados com a modernização (e consequentemente com a urbanização) brasileira. E obviamente pelos estudos desenvolvidos na Universidade de São Paulo, que passava a contar com um sistema de pós-graduação já estabelecido¹⁹⁷. O que Morse mostrava como

197 No campo da arquitetura e urbanismo em São Paulo, lembremos da institucionalização das pesquisas de pós-graduação em 1972 (e do Departamento de História em 1962), onde se destaca o nome de Nestor Goulart Reis Filho nos estudos históricos da urbanização, com sua tese pioneira em 1964. Cf. a respeito, Nestor Goulart Reis Filho, “O campo da arquitetura e do urbanismo”, Maria Lucia Perrone Passos (org.), *Cadernos de História de São Paulo*, Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade, MPUSP, São Paulo, n. 1, 1992, pp. 37-44; Juarez Brandão Lopez, “As Ciências Sociais, a cidade e o arquiteto”, *Revista Pós. O estudo da História na formação do arquiteto*. FAU USP, São

uma mudança de condicionantes, era na verdade uma mudança de perspectivas.

Para o norte-americano, não haveria consenso naquele tipo de estudo, ou seja, não havia uma opinião “mais aceita” sobre as consequências da industrialização da América Latina, exemplificando o ponto com o antagonismo entre um pesquisador de psicologia social que defendia a integração de “novos valores” por meio da industrialização, como dínamos que irradiariam transformações de cunho mais geral, e os estudos de organismos como a Cepal, que via as sociedades tradicionais da América Latina capazes de “assimilar em alguns dos seus setores elementos extremamente racionais, sem com isso perder sua fisionomia”, ou seja, sem que uma mudança estrutural de fato ocorresse (*FbSP*, p.22). O historiador defendia que aquela visão, digamos, mais “interna” da sociedade, compreendida pelo *ethos* e pelas instituições urbanas, precisava ser complementada “por uma percepção das vinculações externas de qualquer grande cidade, tanto regionais como nacionais” (necessário à compreensão de qualquer metrópole). Lembrava então que seu livro apontara, já em 1954, para uma perspectiva regional – ao referir-se constantemente à zona suburbana e à hintelândia paulista – e que desde então propusera delinear certas “facetas políticas, econômicas e culturais do papel desempenhado pela cidade no cenário nacional”. Porém, cobrava-se ir mais longe agora, já que estudos mais recentes davam conta de mostrar como os estudos urbanos até então haviam sido muito dicotômicos, e que “a urbanização deveria ser encarada como parte integrante do processo de desenvolvimento nacional”. (*FbSP*, p.22).

Morse criticava abertamente os cientistas sociais interessados nos estudos urbanos que viam as cidades apenas como “resultado de forças externas”, como “objetos passivos da história”, porque sua perspectiva era outra. Para o norte-americano a cidade precisava ser encarada como artefato, campo de forças e campo de significados. Era a análise das três dimensões que daria a riqueza necessária para uma compreensão satisfatória do espaço urbano. Se os cientistas sociais

Paulo, número especial, 1994, pp.26-31; Carlos Guilherme Mota, “Da cidade ibero-americana: temas, problemas, historiografia”, *Revista da Pós*, FAU USP, São Paulo, n. 18, dez., 2005, pp.134-58; Maria Irene Szmrecsányi, “Arquitetura sempre relacionada ao urbanismo: este é o segredo do método”, *Desígnio*, São Paulo, n.11/12, mar., 2011, pp.97-112; Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, “Dossiê Caminhos da história da urbanização no Brasil-colônia”, *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.20, n.1, jan.-jun., 2012, pp. 11-40. No campo da História, Raquel Glezer fala da institucionalização dos estudos históricos urbanos ainda na década de 1960 sob a liderança de Emília Viotti da Costa, cortada pelo Golpe Militar de 1964 e a cassação da referida professora (que então iria para Yale para justamente trabalhar no lugar de Richard Morse, que se licenciava por um período). Cf. Raquel Glezer, *Chão de Terra e outros ensaios sobre São Paulo*, São Paulo: Alameda, 2001 e Emília Viotti da Costa, “Entrevista”, José Geraldo Vinci Moraes e José Marcio Rego, *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2002, pp. 65-94.

estavam preparados para ver os “*problemas* resultantes da urbanização rápida: favelas, desemprego, inquietação política e social, delinquência, concentração excessiva nas cidades grandes, problemas de abastecimento, etc.”, eles pareciam descuidar das relações entre a cidade e o desenvolvimento da nação, o que, se bem compreendido, poderia revelar como “ela é um agente decisivo na transformação das sociedades em Estados nacionais modernos e industrializados” (*FbSP*, pp.22-3). Defendia assim o papel fundamental da cidade no caminho da modernização.

Nesse texto introdutório o autor também buscou esclarecer os sentidos em que usava os termos *comunidade* e *metrópole* em sua obra, já que eram as duas “categorias” que vertebravam seu trabalho. Se na edição de 1954 estes sentidos estavam subjacentes à análise, em 1970 Morse faz questão de precisar os termos, ainda que fosse para mantê-los imprecisos. Ou melhor, para não transformá-los em conceitos rígidos e sim mostrar suas ambiguidades, ou as amplas possibilidades conotativas. As citações são grandes, mas parecem necessárias:

Comunidade é usada para sugerir algumas características gerais da vida em São Paulo pela altura de 1820: seu tamanho limitado; seu relativo isolamento e provincianismo; a modesta economia de subsistência de seus arredores, refletindo-se na configuração urbana e na vida dos habitantes; a importância das relações pessoais; a unidade devida aos ritos e festejos de uma mesma fé. Embora estes traços contribuam para um “espírito comunitário” predominante e modos cooperativos de comportamento, não se deve concluir que os processos da vida estivessem entretecidos para formar um padrão supremo, correspondente a uma idealizada *folk-society* ou *Gemeinschaft*. Contra a formação de uma comunidade em sentido idílico, militavam as atitudes econômicas predatórias, as relações instáveis entre o homem e a hinterlândia em grande parte inexplorada, os contatos múltiplos com o mundo exterior. Em verdade, uma porção do que se poderia chamar “espírito comunitário” na São Paulo de 1820 revelava, mais do que um cooperativismo vigoroso, apatia, misoneísmo e intervenção, ligados ao horizonte modesto das possibilidades econômicas. (*FbSP*, pp. 23-4)

Era portanto um uso mais “livre” do termo sociológico que era empregado por ele, que ora pendia para a categoria sociológica, ora para o senso comum. O mesmo em relação à *metrópole* – que por vezes se confunde com o termo “sociedade”, e que em outras podia significar apenas a ideia mais genérica da “grande cidade”:

Quanto ao termo *metrópole*, o contexto deixará por vezes transparecerem as conotações pejorativas de crescimento excessivo, caos e megalópoles. Mas na maioria das vezes ele não é usado em sentido normativo, mas descritivo de uma ordem urbana que extravasou os limites da cidade para reordenar as instituições de uma ampla zona rural. Com o advento da *metrópole*, os estabelecimentos adjacentes tornaram-se satélites funcionalmente especializados, enquanto a hinterlândia mais remota se tornava tributária econômica. A palavra *metrópole* evoca um sentido de perturbação institucional, porque a interdependência econômica que uma *metrópole*

estabelece com uma determinada região não é necessariamente acompanhada pela visão social, o planejamento regional e a reorganização política. (*F&SP*, p.24)

Não é estranho portanto que a perspectiva “latino-americanista” movesse o agora professor de história da América Latina em Yale, dirigindo cursos que privilegiavam a história das cidades, fosse sobre o período colonial, fosse sobre o período de modernização industrial. Nota-se que Morse constrói também na atividade docente um pensamento sobre a América Latina, colocando, através de um olhar para a história, o presente em perspectiva e dando maior inteligibilidade a esse presente. Foi o que ele fez ao recorrer aos antecedentes coloniais da metrópole latino-americana. Talvez o interesse maior da história urbana que Morse tenha se proposto a contar esteja no fato dele ter uma hipótese sobre o que era aquela cidade e como se poderia conhecê-la, como notou Adrián Gorelik, ao afirmar:

Existe um modo aceito de pensar a América Latina dentro dos estudos urbanos, que responde a uma longa tradição, a tradição comparatista, de raiz sociológica, que para estabelecer comparações se apoia em variáveis fortes (desenvolvimento econômico, urbanização, nas últimas décadas, índices de globalidade), e necessita para tanto sustentar-se em teorias igualmente fortes (da modernização, da dependência, da globalização). O momento dourado dessa tradição foi, como se sabe, o ciclo dos estudos do “processo de urbanização” que focalizavam uma análise sobre a modernização em termos econômicos e demográficos, e que converteram a “cidade latino-americana” em uma figura da teoria social entre as décadas de 1950 e 1970, com forte domínio da tensão operativa que exercia o império da planificação.¹⁹⁸

Richard Morse atuou justamente dentro deste “ciclo de pensamento”, lidando com tais teorias a partir das mesmas variáveis, porém, indicando outra perspectiva de acesso à cidade: a cultura. Como o ponto de fuga do seu livro (e da sua obra em geral) sempre foi o presente, em cada edição esse presente atuou como o foco de luz que ajudava a organizar as hipóteses, e por isso se notam as mudanças que procurei mostrar e discutir. Morse saiu de uma vertente do pensamento social do século 19 desenvolvida por Simmel, responsável por fundar um pensamento sobre cidade que tem a ver com a própria modernidade, e creio que por isso pôde se identificar de maneira explícita com a vanguarda modernista paulista. Mas seu trabalho teve que se haver com questões que pautaram as discussões num período subsequente, *grosso modo* entre 1930 e 1970, encarando, como os pensadores de Chicago, a cidade como modernização, o próprio motor da transformação

198 Cf. Adrian Gorelik, “Para una historia cultural de la ‘ciudad latinoamericana’”, Congreso Latinoamericano de Estudios Urbanos, 24 /08/11, p. 2., mimeog.

social. O que se pode afirmar, depois desse longo percurso, é que Morse não viu a metrópole nem como tragédia nem como progresso inexorável, acreditando no planejamento urbano como forma de organização da cidade – um tema daquele momento –, mas valendo-se de conceitos vistos então como ultrapassados, como o *ethos*, para garantir um completo entendimento da cultura urbana moderna. Com isso, pretendeu recuperar num substrato cultural menos “ocidental” a força do desenvolvimento de uma *outra* modernidade.

FIG.19 A São Paulo de Morse: comunidade metrópole

COMENTÁRIOS FINAIS

É mais importante ter ideias do que conhecer a verdade; é por isso que as grandes obras [...], mesmo quando refutadas, se mantêm significativas e clássicas [...].

A verdade não é o mais elevado dos valores do conhecimento”.

Paul Veyne, *O inventário das diferenças*, 1976

ENTRE AS DUAS EDIÇÕES EM PORTUGUÊS DE SEU LIVRO sobre São Paulo, vimos como Richard Morse tornou-se um historiador da cidade cada vez mais interessado nas cidades latino-americanas. Ao elaborar sua tese de doutorado, Morse havia pensado um esquema explicativo do desenvolvimento de São Paulo entre dois polos literários, Romantismo e Modernismo, e foi seguindo esse esquema que ele levou à frente a tese *de comunidade à metrópole*, editando o livro sobre a evolução urbana da cidade. Essa, a questão que me atraía desde o início. Como o historiador chegara nessa fórmula? Porque a literatura era a chave e qual seu real rendimento para pensar a história da cidade? Busquei percorrer a trajetória desse autor e seguir de perto seus escritos, para precisar a relação entre cidade, literatura e história que define sua obra. Mirando no que eu via, um livro potente para estudar São Paulo – em que aquela relação podia ser examinada de perto –, acertei num problema maior que eu não via, ou que talvez pouco me desse conta. Se o livro de Morse buscava compreender o lugar de São Paulo na história nacional por meio dos seus autores, ao situar essa mesma história dentro de um debate de maior alcance que se iniciava com a colonização do Novo Mundo (ou antes, no próprio movimento dos descobrimentos) para chegar à cidade contemporânea em plena explosão da urbanização, em sua reedição de 1970 Morse passava a falar da formação de uma cultura urbana latino-americana, preocupando-se com o lugar das cidades latino-americanas no contexto de modernização intensa daquelas décadas. Não se tratava de comparatismo, não se tratava de sociologia urbana, mas de pensar um “mundo cultural” naquele espaço geográfico como chave de entendimento do processo de urbanização.

Ao longo dos capítulos, recuperei certos ambientes onde as ideias foram geradas, per-

correndo interlocuções, parcerias e redes de relações, reelaborando diálogos, efetivos e imaginados, certa entretanto de que a obra de Morse não é a simples soma das ideias dos autores que marcaram a sua formação. Mas foi por meio dessas interlocuções que tentei examinar “o cruzamento das ideias, os sistemas de relações pessoais e intelectuais que presidem a arquitetura da obra”, como ensina Fernanda Peixoto, buscando a partir delas os elementos para a sua compreensão¹. Durante a pesquisa, sobretudo nos acervos em Columbia e Yale, ficou patente que essa obra se inseria num certo debate sobre as cidades nas ciências humanas, que tinha como foco a urbanização da América Latina – visível pelo número de programas e de bolsas concedidas, pelos títulos publicados, pelos temas enfrentados nos congressos e seminários –, sendo ao mesmo tempo parte e resultado desse debate. Ainda que tenha havido aqui uma pretensão exaustiva no exame de seus escritos ao longo desse arco temporal, ao se buscar recuperar toda a produção de Morse no período entre as décadas de 1940 e 1970, devo dizer que fiz escolhas no sentido de perseguir as questões que me intrigavam de início. Foram elas que me guiaram do início ao fim, levando ao resultado que se lê. A intenção que permaneceu ao longo de todo o trabalho foi a de me valer da própria obra, recuperando seus sentidos internos e externos, para estabelecer uma interpretação que pudesse responder àquelas questões iniciais, mas também a outras que foram surgindo durante o desenvolvimento do trabalho, justamente a partir da imersão no próprio texto².

Se Morse compreendia a evolução urbana pautada entre dois polos literários, Romantismo e Modernismo, ele também defendeu que um *ethos* paulista tinha se formado já na Colônia. Esse caminho, do meu ponto de vista, só pôde ser trilhado com segurança porque Richard Morse fez sua primeira pesquisa de fôlego em São Paulo em um momento em que se formulava ali um pensamento autônomo, sobretudo dentro da universidade, e com o qual ele estabeleceu diálogos cruciais. Foram essas interlocuções que lhe forneceram os meios para pensar o lugar distinto da cidade, e em seguida, da própria cultura latino-americana. Como se sabe, os intelectuais que levavam à frente esse pensamento também se voltavam para a Colônia para compreender o presente, preocupados que estavam em explicar o Brasil. Desse modo, formalizando questões que apareceram na sua graduação nos Estados Unidos, ainda que de forma difusa, ambígua, ou mesmo romântica, sobre o lugar da América Latina na cultura ocidental, foi na capital paulista – a partir

1 Cf. Fernanda Peixoto, *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp, 2000, p.17.

2 Certamente há lacunas e temas que se não tiveram aqui o tratamento adequado, merecem ser explorados em futuros trabalhos.

do estudo de uma realidade concreta no final da década de 1940 – que Morse pôde perceber ou realmente entender a potência de uma *outra* modernidade. Ideia que se tornou um norte para seus trabalhos posteriores, conduzindo sua trajetória e a própria reedição da obra em 1970.

A partir daquele momento Morse esforçou-se para definir um programa de ação, espécie de plataforma de estudos, que disseminou através de resenhas e balanços nos quais apontava para a defesa da particularidade latino-americana, ao mesmo tempo em que não deixava de manifestar suas preferências teóricas – ou seu método de encarar a teoria, sempre colado à vida social. Se as perguntas que o levaram a produzir uma interpretação da cidade já haviam sido feitas por outros autores que se preocuparam com o lugar de São Paulo na urbanização brasileira, discutindo por que a concentração urbano-industrial se dera ali e quais as características históricas e geográficas que permitiram isso, a sua pesquisa *em e sobre* São Paulo – e em seguida, a sua atuação profissional como latino-americanista na universidade norte-americana – foi o que também lhe permitiu repensar o século 19, o século da urbanização, dentro de uma perspectiva de duração maior, como um desdobramento àquelas questões iniciais³. Nesse processo de releitura de temas e de interpretação do mundo social, São Paulo foi, para Richard Morse, a possibilidade real de se apartar de um pensamento clássico (ou etnocêntrico) que via a cidade na América como a repetir um padrão de urbanização europeu.

Renovadas as forças [na América Latina], poderosas ideias e esperanças provocam seu despertar, obrigando a tomar consciência de si mesma e assumir um destino que rejeitava. A América Latina assume seu papel, ou seja, se nega a permanecer num estado semicolonial, submetida à exploração estrangeira e à retórica vazia: quer ser independente, autêntica, justa, enfim, fazer parte de um mundo novo e melhor. [...] Reconhecemos no artista – o romancista, o poeta, o pintor – um dom sutil para registrar em seu trabalho concreto de criador a orientação mais profunda do fenômeno civilizador. Interrogar honestamente suas obras, observar os encadeamentos das diferentes contribuições nos lugares mais remotos desta terra americana única, permitirá – acreditamos – registrar este ardente desejo de transformação e saber qual é sua tônica e sentido. É uma tarefa complicada, que reclamara tempo e esforço, porém é a tarefa mais importante à qual devemos responder atualmente [...]⁴.

3 Na longa entrevista que Morse dá em 1976, ele afirmaria que o século 19 pode ser compreendido como uma nota de rodapé da Idade Média. Aparte a provocação da colocação, vemos que esse pensamento o levaria a buscar aprofundar a história medieval para entender a América, cujo resultado, em certa medida, é *O Espelho de Próspero*. (Cf. Paul Goodwin, Hugh Hamill e Bruce Stave, “A Conversation with Richard M. Morse”, *Journal of Urban History*, v. 2, n.3, mai, 1976, pp. 331-56, p. 340).

4 Ángel Rama, “Nossa América”. In: Pablo Rocca (org.), *Literatura, Cultura e sociedade na América Latina* (Trad. Rômulo Monte Alto). Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. UFMG/ Humanitas, 2008, pp. 62-4.

Esse trecho do pensamento de Ángel Rama (1923-1986) – que poderia ter sido escrito por Morse (mas também por José Martí (1853-1895))⁵ – parece expressar com exatidão o sentido da atuação do norte-americano no arco de tempo compreendido pelas duas edições brasileiras de seu livro. Morse inserira São Paulo, poderíamos dizer, nessa paisagem cultural mais ampla que é a América Latina, dedicando-se de corpo e alma a essa tarefa e contribuindo para o florescimento de um ciclo de pensamento latino-americano que teve lugar entre as décadas de 1940 e 1970. Foi nesse sentido que o historiador discutiu de perto com a perspectiva desenvolvimentista que supunha que a cidade “começava” a partir da revolução industrial do século 19, e também com a teoria da dependência, que voltava a desdenhar as peculiaridades culturais, buscando ver na cidade latino-americana não apenas um “problema”, mas também uma “solução” alternativa para a modernidade ocidental, propondo um olhar renovado para a sua urbanização.

Morse entendeu a *formação* da metrópole compreendendo São Paulo a partir de *momentos decisivos* em que se flagrava a formação de um *ethos* urbano – desde as primeiras manifestações da São Paulo colonial para chegar na rotinização da vida moderna⁶. Se o autor se propunha a compreender a formação, a chave dessa compreensão, me parece, estava na seleção daqueles momentos decisivos, não pensados como eventos, mas como processos, que se revelavam por meio sobretudo da literatura. A literatura, por suas características intrínsecas, revelava em sua própria forma o sentido de tais processos, na medida em que os autores eram encarados como produtos e produtores da cidade⁷. O recurso às “outras vozes”, aos literatos e aos ensaístas – aos artistas, poderíamos dizer – foi o que levou Morse a definir e compreender o *ethos* daquela cidade. E apenas a partir desse *ethos* – ibérico e católico na sua origem – é que se poderia realmente entender a cidade, moderna e industrial na contemporaneidade. A obra de Morse sobre São Paulo, nesse sentido, está ligada àquele conjunto de textos que pensam o país pelo paradigma da formação. Mas, ao ampliar o olhar para a América Latina, nota-se que ela se descola do recorte nacional, passando a compreender essa mesma história a partir do ciclo das fundações das cidades ibéricas na América. Foi isso que deu ao historiador perspectivas para pensar a urbanização latino-americana em algum sentido como um processo comum, levando-o a encarar finalmente a *formação da América Latina*.

5 Ainda que não possamos esquecer que Rama escrevia “colado” às esperanças da Revolução cubana, imaginando um caminho socialista possível para o sub-continente.

6 Cf. Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1959, 2v.

7 É a própria cidade, adiante, como uma “arena cultural”, como destaca Maria Alice Rezende de Carvalho, “A produção de uma cidade: o Rio de Janeiro por seus autores”. In: *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro, 7Letras, 1994, pp.15-63, p. 23.

Desse modo, creio poder afirmar que se o estudo sobre São Paulo abriu para Morse – e abre para o campo dos estudos históricos urbanos – uma perspectiva de história cultural que aponta para se pensar as cidades em suas múltiplas dimensões, ele também mostra que é necessário entendê-las, as cidades, a partir da suas próprias culturas. Dito de outro modo, mostra que se deve constituir um pensamento autônomo sobre as cidades, encarando o mundo urbano em seus próprios termos, mas que a própria cidade deve ser tomada como parte da cultura – solicitando para seus real entendimento três dimensões de aproximação: a cidade como artefato, como campo de forças e como discurso⁸. Pode-se talvez dizer que a sua obra estabelece uma “inflexão segura entre a vontade de mudança sobre o presente, e a utilidade da própria disciplina como instrumento de transformação efetiva da realidade”⁹, e que por esse motivo, Morse passava a atuar no campo dos estudos urbanos buscando mostrar a potência do continente latino-americano para o entendimento da urbanização em curso. Valendo-se dos estudos contemporâneos sobre a sua urbanização mas também da sua literatura, indo na contramão do isolamento disciplinar, e da crescente “tecnificação” do campo dos estudos urbanos (guiados, nesse caso, pelo pensamento planificador daqueles anos). Vale dizer ainda que ao lidar com conceitos como “mentalidade”, “*ethos*”, etc., mesmo que sem precisá-los, o historiador se colocava como aquele que “mediatiza, que realiza uma seleção dos dados disponíveis, que tece relações entre eles, que os dispõe em uma sequência dada e dá inteligibilidade ao texto”¹⁰. Como completa Sandra Pesavento,

tais atividades envolvem a montagem de uma intriga, a urdidura de um enredo, a decifração de um enigma. O narrador é aquele que se vale da retórica, que escolhe as palavras e constrói os argumentos, que escolhe a linguagem e o tratamento dado ao texto, que fornece uma explicação e busca convencer¹¹.

Mesmo que Morse não tomasse o *ethos* paulista como imutável, por justamente buscar

8 Para uma vez mais usarmos os termos de Ulpiano Bezerra de Menezes.

9 Rocca, op. cit., 2008, p. 17.

10 Sandra Pesavento, *História & História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 50. Se seguimos a explicação para o termo “mentalidade”, pode se notar o ar de família que ele parece ter com o termo “*ethos*”, tão caro a Morse: Pesavento nos lembra que “mentalidade” foi um termo colocado em circulação por Lucien Fèbvre (1878-1956), mas que nunca chegou a ser um conceito preciso. “Definido de forma vaga, se posicionava como uma maneira de pensar para além dos limites da classe social e do conceito de estrutura mental que lhe corresponderia, a ideologia. Fixado na longa duração a mentalidade se ligava a permanência e a uma comunidade de sentido, partilhada por todos a atravessar o social de ponta a ponta”.

11 Id., Ibid.

entender a sua transformação ao longo dos séculos, esse *ethos*, ou substrato cultural, não deixava de ser tomado, ao longo do trabalho, como uma espécie de “permanência mental” que “expressava a mudança ou a realização histórica dos imaginários”, ou ainda, que dava a ver “persistências estruturais do espírito ao mesmo tempo que [revelava] uma reelaboração permanente ao longo da história”¹². Mas como ele foi compreendido a partir da cidade, do artefato urbano, pôde então ser encarado a partir dos conflitos que o reelaboravam, e se dava a ver nos discursos ali engendrados.

Vemos assim que nesse caminho entre as diversas edições, o autor acabou por inverter a leitura do lugar de São Paulo sem propriamente alterar o conteúdo do livro. Ao rever a sua introdução e a sua conclusão, após ter ampliado seu campo de preocupação para a urbanização da América Latina, Morse pôde notar que aquela cidade – que a princípio lhe parecia uma exceção – falava de uma formação cultural maior. Que seu *ethos*, ibérico e católico, mas também moderno e industrial, falava de um continente. Portanto, que a observação desse fenômeno poderia garantir o entendimento do próprio continente. Nesse sentido, sua obra aparece como “peça exemplar do cruzamento de lealdades simultâneas”¹³: à América Latina como um espaço de eleição precoce, à hora em que se vive; à literatura como chave de compreensão do mundo social; à cidade como motor da modernidade. Foi isso que exigiu de Morse um estudo urbano que não se isolasse no seu próprio campo disciplinar (e em seguida em seu espaço geográfico), mas que fosse resultado da inter-relação entre todos aqueles interesses, tomados em conjunto. Talvez daí sua potência – e permanência.

Adrián Gorelik já apontara que Morse questionava a “a orientação majoritária dos estudos urbanos preocupados com a transição da cidade pré-industrial à industrial” que via as cidades latino-americanas repetindo o ciclo de desenvolvimento das cidades européias cem anos depois¹⁴. Ao estabelecer as constantes desse desenvolvimento latino-americano, desde sua história colonial à metropolização contemporânea, Morse buscou pontuar o papel que a cultura desempenhava nesse processo. Gorelik indica então a necessidade de lermos a obra de Morse como “parte do giro cultural que se deu a partir das reações ao modernismo funcionalista do entre-guerras, explicitado em trabalhos tão distintos como os de Lewis Mumford, os situacionistas franceses, Jane Jacobs ou

12 Id., p. 46.

13 Rocca, op. cit., 2008, p.18.

14 Adrián Gorelik, “La ‘ciudad latinoamericana’ como idea”, Gorelik e Myers, “Richard Morse, las ciudades y las ideas”, *Punto de Vista*, Buenos Aires, n. 73, ago., 2002; pp. 41-8.

Kevin Lynch”¹⁵. Como tentei mostrar aqui, parece ter sido o contato com os intelectuais paulistas que lhe forneceu os *insights* necessários para incluir a sua história nessa perspectiva. Mas esse contato pôde se dar, e frutificar, como também pretendi apontar, justamente porque Morse herdara dos intelectuais que o formaram – em Princeton, de seus professores hispânicos e dos *new critics*; em Nova York, de Tannembaum e seu seminário, mas também da crítica urbana de Mumford – uma perspectiva culturalista por vezes heterodoxa, mas que em suas elaborações mais diligentes lhe havia mostrado as equivalências entre a produção literária e a estrutura social, revelando-lhe muito precocemente a potência dessa ligação. Foi acompanhado desses autores e pensadores, desses intelectuais no sentido forte do termo, que Morse refletiu sobre a passagem da história de uma cidade (de uma história nacional, num certo sentido) à história latino-americana, analisando em profundidade sua evolução urbana inserida na cultura ibero-americana. Mas foi também de par com um debate urbano contemporâneo, que queria entender e normatizar a crescente urbanização do continente, notadamente as reflexões de Chicago, que ele pôde repensar teorias e discutir uma nova forma de se valer delas para pensar a América Latina¹⁶.

Parece claro que foi o livro sobre São Paulo que permitiu ao autor uma inserção privilegiada no campos dos estudos históricos urbanos, na medida em que ali ele desenvolveu um olhar para as cidades, mostrando que a compreensão da metrópole se dava a partir das diversas esferas que a compunham, estendendo em seguida essa perspectiva para o continente. Justamente por se colocar contra a crescente especialização, o historiador ampliou o olhar para a América Latina, recusando-se a ser identificado como um brasilianista. Morse não foi um teórico, nem era um cientista social *stricto sensu*. Era, como vimos, um historiador formado numa geração “intermediária” (pensada aqui num sentido estritamente cronológico¹⁷) entre a construção do pensamento científico moderno nas ciências humanas e um certo romantismo que viu o mundo rural e as regiões da América Latina intocadas pelo progresso como portadoras de um *ethos* comunitário que se perdia

15 Id., Ibid.

16 Alguns trabalhos que nos ajudaram a estar atentos quanto aos riscos da análise biográfica como “explicação da obra”, entre eles, Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica”. In: Janaína Amado; Marieta de Moraes Ferreira. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp.183-91, Sabine Loriga, “A biografia como problema” In: Jacques Revel. *Jogos de escalas: experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, pp 225-50 e Jean Starobinski, *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo* (trad. Maria Lucia Machado). São Paulo: Cia de Bolso, 2011. Quero crer que consegui escapar do determinismo e da explicação fácil, matizando a peculiar trajetória de Morse, inserindo-a na sua geração, por meio do foco na análise de sua obra sobre São Paulo.

17 Não numa perspectiva de evolução, insisto.

com a modernização. Identificou-se de imediato com um ensaísmo latino-americano de largo alcance como a forma mais produtiva e adequada para entender aqueles países, e discutiu com as ciências sociais que pretendiam abarcá-los sob um olhar científico, preciso e normativo. Para Morse, a história cultural era a perspectiva adequada para a compreensão da América Latina, e as ciências sociais, nesse caso, insuficientes¹⁸. Richard Morse, entretanto, não deve ser visto como um passadista (já que, como Mumford, acreditava na modernização e nos efeitos positivos da metropolização), mas como alguém que não parecia concordar que os caminhos dos países centrais deviam ser seguidos pelo mundo todo. E que, como consequência, a evolução urbana e a própria modernização eram uma questão de etapas a serem superadas até atingir-se um ponto ótimo.

Contudo, isso não implicou num afastamento do pensamento clássico. Ao contrário, foi a partir dele que Morse refletiu, e com ele dialogou de modo produtivo. Mais uma vez, as palavras de Ángel Rama parecem trazer à tona o sentido de seu pensamento: “Mais que uma simples recusa de suas contribuições [do pensamento ocidental canônico], nosso problema operacional radica em como desenvolver métodos de abordagem para nossa matéria literária” – no caso de Morse, para sua matéria cultural, da qual a cidade é o foco privilegiado – “utilizando as proposições estrangeiras¹⁹ com uma lúcida consciência do seu alcance”. Essa forma de utilizar os autores clássicos implicaria em vê-los “como instrumentos que devem corroborar somente na medida em que nos levem a uma compreensão mais ampla e verdadeira” da cultura latino-americana²⁰. E Rama mostrava que isso ficava

evidente quando tais instrumentos permit[issem] revisar as tradições já consolidadas, descobrindo em seu interior discursos que não revelam na sua integridade o processo cultural. Eles cumprem uma função libertadora e nos levam a redescobertas teóricas sobre nós mesmos [sobre os próprios latino-americanos].²¹

Tratava-se assim de pensar aspectos daquele espaço cultural – a América Latina – não

18 Lepenies mostra o debate desde a primeira metade do século 19, quando literatura e sociologia “disputam a primazia de fornecer a orientação-chave da civilização moderna, o direito de ser a doutrina da vida apropriada à sociedade industrial”. Morse, em plena metade do século 20, não tem dúvida que a literatura ainda tem muito a dizer. (Cf. Wolf Lepenies, *As três culturas* (trad. Maria Elisa Cescato), São Paulo: Edusp, 1996, p.11).

19 Aqui diríamos, “estrangeiras” àquele espaço, não ao seu crítico.

20 Ángel Rama, “Sistema literário e sistema social na América Hispânica”. In: Rocca, op. cit., 2008, pp. 113-30, pp. 114-5.

21 Id., Ibid.

num sentido eminentemente comparativo, mas na sua integridade cultural. Se, como já se disse, a obra de Morse sobre cidades cairia “numa zona de sombra a partir da década de 1980 – [curiosamente] num momento em que a perspectiva cultural reaparece nos estudos urbanos – por se identificar com o tema [...] considerado *demodé*, da ‘cidade latino-americana’”, vimos aqui que seu livro sobre São Paulo, no entanto, continuou a ser lido por aqueles que estudam São Paulo. Pouco identificado no Brasil com esse marco do pensamento latino-americano, Morse fez e ainda faz parte da bibliografia básica sobre o estudo da cidade. Mas quase nunca foi tomado como matriz de pensamento. Por isso, para terminar, recuperemos a partir das sugestões de Leopoldo Waizbort sobre a obra de Antonio Candido, o sentido de se estudar a obra de Morse, para dizer que aqui também não se tratou de

rastrear intenções mais ou menos ocultas de autores, e sim de *compreender textos que, sabemos há muito, possuem vida própria*. Com o resultado adicional de mostrar que a atualidade da obra não se restringe ao seu momento de publicação, mas continua oferecendo material para reflexão, meio século transcorrido – parte decerto daquela estética da recepção *avant la lettre*, tecida pela ideia de sistema literário. Essa atualidade da obra em múltiplas temporalidades indica a acuidade do foco e a perspicácia crítica voltada àquele ângulo antigo, o que poderia certamente ser caracterizado, para usar uma expressão do próprio Antonio Candido, como um “sentimento de oportunidade histórica”²².

Tal argumento pode resumir o sentido da exploração do trabalho de Morse sobre São Paulo que busquei levar adiante, autor que também perseguiu em seu livro um sentimento de oportunidade histórica em cada uma daquelas edições, esboçando num certo sentido uma perspectiva de história cultural urbana *avant la lettre*, se quisermos. Deste modo, aqui também não se tratou de traçar “as intenções ocultas” do historiador, mas de tentar mostrar como a *sua* história da cidade pode oferecer “material para reflexão, meio século transcorrido”, na medida mesmo em que a compreendemos melhor, em seus pressupostos, em suas interlocuções e na sua forma. Busca-se portanto contribuir para tirá-la da zona de sombra, incluindo-a na boa tradição do pensamento crítico.

22 Leopoldo Waizbort, *A passagem dos três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: CosacNaify, 2007, pp. 146-7.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

1.1.TEXTOS DE RICHARD MORSE

1945

“The Narrowest Street” (one-act play), *Theatre Arts*, Sept., pp.523-31.

1946

“Ride in Mexico” (short story), *Esquire*, Dec., 1946 .

1947

“São Paulo – the early years”. Master of Arts in the Faculty of Political Science. Columbia University, New York, Jun., 1947.

1948

“The Literary Life in Brazil: A Letter From Sao Paulo”, *New York Times Book Review* , May, 16, 1948 (repblicado em português em *O Jornal*, Rio de Janeiro, 13/06/1948).

1949

“O pesquisador social e o historiador moderno”, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 113, 1949, pp.36-52.
Resenha: Reviewed work: Ingleses no Brasil: Aspectos da Influência Britânica sobre a Vida, a Paisagem e a Cultura do Brasil. by Gilberto Freyre, *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 29, n. 4, Nov., 1949, pp. 609-611.

1950

São Paulo: raízes oitocentistas da metrópole. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1950.

“São Paulo, raízes oitocentistas da metrópole”, *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, n. 14, 1950, pp. 453-87.

“Brazilian Modernism”, *The Hudson Review*, The Hudson Review Inc., v. 3, n. 3, Autumn, 1950, pp. 447-452.

“The Modern Scholar and the Americas”, *Political Science Quarterly*, The Academy of Political Science, v. 65, n. 4, Dec., 1950, pp. 522-537.

1951

“Sao Paulo in the 19th Century: Economic Roots of the Metropolis”, *Inter-American Economic Affairs*, v. 5, n. 3, 1951, pp.3-29.

“A cidade de São Paulo no período de 1855-1870 (I)”, *Revista Sociologia*, Escola de Sociologia e Política, São Paulo, v. 13, n. 3, 1951, pp. 230-51.

“A cidade de São Paulo no período 1855-1870 (II): uma nova retórica e a estrada de ferro”, Separata, *Sociologia*, Escola de Sociologia e Política, São Paulo, v.3, n. 4, São Paulo, 1951.

1952

“São Paulo City under the empire (1822-1889)”. Submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Faculty of Political Sciences. Columbia University, New York, 1952.

“A cidade de São Paulo no período 1870-1890 (I)”, *Revista Sociologia*, Escola de Sociologia e Política, São Paulo, v. 14, n.1, 1952, pp.14-42.

“A cidade de São Paulo no período 1870-1890 (II)”, *Revista Sociologia*, Escola de Sociologia e Política, São Paulo, v. 14, n.2, 1952, pp.146-65.

1953

“The Negro in Sao Paulo, Brazil”, *The Journal of Negro History*, Association for the Study of African-American Life and History, Inc., v. 38, n. 3, Jul., 1953, pp. 290-306 (republicado em BIERK, H.A., *Latin American Civilization*, 1967).

1954

De comunidade a metrópole. Biografia de São Paulo (trad. Maria Aparecida Madeira Keberg). São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - Serviço de Comemorações Culturais, 1954.

“Sao Paulo in the 20th Century: Social and Economic Aspects”, *Inter-American Economic Affairs*, v. 8, n. 1, 1954, pp. 3-60.

“Sao Paulo since Independence: A Cultural Interpretation”, *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 34, n. 4, Nov., 1954, pp. 419-444 (republicado em *Panorama*, v. 3, n.12, pp.5-29; HANKE, L., *Readings in Latin American History*, 1966); GRAHAM, R., *A Century of Brazilian History since 1865*, 1969).

“Toward a Theory of Spanish American Government”, *Journal of the History of Ideas*, v. 15, n. 1, Jan., 1954, pp. 71-93 (republicado em H. Hamill, *Dictatorship in Spanish America*, 1965, 2nd ed., 1992; BIERK, H. A., *Latin American Civilization*, 1967; CLINE, H. F., *Latin American History*, 1967; WIARDA, H. J., *Politics and Social Change in Latin America*, 1974, 2nd ed., 1982).

“Introduction” and “Chapters”. In: *Contemporary Civilization in the West*. 2V. New York: Columbia Univ. Press. (Ed. chairman), 1954.

“A vida norte-americana”, *O Estado de S. Paulo*, 17/10/1954 e 31/10/1954.

1955

“Language as a Key to Latin American Historiography”, *The Americas*, v 11, n. 4, Apr., 1955, pp. 517-538.

Resenha: Reviewed work(s): Subsídios para a história da civilização paulista. by Aureliano Leite, *The Hispanic American Historical Review*, v. 35, n. 2, May, 1955, pp. 283-284.

Resenha: Reviewed work(s): Aparência do Rio de Janeiro. Notícia histórica e descritiva da cidade. by Gastao Cruls, *The Hispanic American Historical Review*, v. 35, n. 2, May, 1955, pp. 274-275.

(Coeditor) *Man in Contemporary Society*. 2 V. New York: Columbia University Press, 1955.

1956

Resenha: Reviewed work(s): Races del Brasil. by Sergio Buarque de Holanda; Ernestina de Champourcin, *The Hispanic American Historical Review*, v. 36, n. 3, Aug., 1956, pp. 385-385.

Resenha: Reviewed work(s): Capistrano de Abreu. Ensaio Biobibliográfico. by Helio Vianna, *The Hispanic American Historical Review*, v. 36, n. 2, May, 1956, pp. 282-283.

Reviewed work(s): Abrindo um cofre. Cartas de Dom Pedro II Condessa de Barral. by Alcindo Sodré, *The Hispanic American Historical Review*, v. 36, n. 3, Aug., 1956, pp. 398-399.

1957

“La ciudad artificial”, *Estudios Americanos*, Sevilla, v. 12, n. 67-68, abr-may, 1957.

Resenha: Reviewed work(s): The Negro in Brazilian Literature by Raymond S. Sayers, *The Americas*, v. 13, n. 3, Jan., 1957, pp. 319-320.

Resenha: Reviewed work(s): Contribuição à história das idéias no Brasil (O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional). by João Cruz Costa, *The Hispanic American Historical Review*, v. 37, n. 4, Nov., 1957, pp. 495-497.

“La Formación del estado moderno”, In: *Introducción a las ciencias sociales: antología de lecturas*. Rio Piedras, Universidad de Puerto Rico, 1957.

1958

From community to metropolis: a biography of São Paulo, Gainesville: Florida University Press, 1958.

Resenha: Reviewed work(s): Teoria da historia do Brasil (Introducao metodologica). by Jose Honorio Rodrigues, *The Hispanic American Historical Review*, v. 38, n. 3, Aug., 1958, pp. 404-406.

Resenha: Reviewed work(s): Esbozo de una historia de las ideas en el Brasil. by João Cruz Costa; Jorge López Páez, O Positivismo na república. Notas sobre a história do positivismo no Brasil. by João Cruz Costa, *The Hispanic American Historical Review*, v. 38, n. 2, May, 1958, pp. 289-290.

“The Higher Learning in Puerto Rico”, *Journal of General Education*, v. 11, n. 2, 1958, pp. 83-96.

1959

“The French Caribbean”, Institute of Caribbean Studies, mimeog., 1959, 26p.

“Report in the Netherlands Caribbean”, Institute of Caribbean Studies, mimeog., 1959, 27p.

1960

Resenha: Reviewed work(s): Ensaio paulista, *The Hispanic American Historical Review*, v. 40, n. 1, Feb., 1960, pp. 119-120

(Editor), *Caribbean, Revista de Ciencias Sociales*. Puerto Rico, v.4, n.1., 1960.

“Technical and Industrial Education in the Caribbean”. In: A.C. Wilgus (Ed.), *The Caribbean: Contemporary Education*. Gainesville: University of Florida Press, 1960, pp. 162-75.

“The Deceptive Transformation of Puerto Rico”, Institute of Caribbean Studies, mimeog., 1960, 25 p. (Republicado em espanhol: “La transformación ilusoria de Puerto Rico”, *Revista de Ciencias Sociales*, v. 4, n. 2, pp.357-75).

“Education in Colombia”, Ford Foundation report, 1960, mimeog., 46 p.

1961

Resenha: Reviewed work(s): Resistências a mudança. Fatores que impedem ou dificultam o desenvolvimento, *The Hispanic American Historical Review*, v. 41, n. 3, Aug., 1961, pp. 450-451.

1962

“Latin American Cities: Aspects of Function and Structure”, *Comparative Studies in Society and History*, v. 4, n. 4, Jul., 1962, pp. 473-493.

“Some Characteristics of Latin American Urban History”, *The American Historical Review*, v. 67, n. 2, Jan., 1962, pp. 317-338 (Republicado em CLINE, H. F., *Latin American History*, 1967).

“Some Themes of Brazilian History”, *South Atlantic Quarterly*, v. 61, n.2, 1962, pp. 159-82.

1963

Resenha: Reviewed work(s): Social Change in Latin America Today, Its Implications for United States Policy by Richard N. Adams; John P. Gillin; Allan R. Holmberg; Oscar Lewis; Richard W. Patch; Charles Wagley, *Economic Development and Cultural Change*, v. 11, n. 2, Part 1, Jan., 1963, pp. 190-195.

Resenha: Reviewed work(s): *Urbanization in Latin America*. by Philip M. Hauser, *The Hispanic American Historical Review*, v. 43, n. 2, May, 1963, pp. 308-310.

“Cultural Differences and Inter-American Relations”, *Yale Political*, v. 2, n. 3, 1963 (Republicado em *Marcha*, Montevideo, 9 Oct., 1964.

1964

"The Strange Career of 'Latin-American Studies'", *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 356, The Non-Western World in Higher Education, Nov., 1964, pp. 106-112.

Resenha: Reviewed work(s): Child of the Dark: *The Diary of Carolina Maria de Jesus* by Carolina Maria de Jesus; David St. Clair, *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 353, City Bosses and Political Machines, May, 1964, pp. 176-176.

"The Heritage of Latin America". In: HARTZ, Louis et al., *The Founding of New Societies*. New York: Harcourt, Brace & World, 1964. (Capítulo republicado em LISS, S. and P., *Man, State, and Society in Latin American History*, 1972); TULCHIN, J., *Problems in Latin American History*, 1973; WIARDA, H., *Politics and Social Change in Latin America*, 1974; 2nd ed. 1982. Em espanhol: *Plural*, Mexico, v. 4, n. 10, 1975)

"Crosscurrents in New World History". In: MAIER, J. & WEATHERHEAD, R. (Eds.), *Politics of Change in Latin America*. New York: Praeger, 1964, pp. 45-65.

"Negro-White Relations in Latin America". In: *Reports and Speeches of the Ninth Yale Conference on the Teaching of the Social Studies*. New Haven: Yale University, 1964.

1965

(Intro. and ed.), *The Bandeirantes. The Historical Role of the Brazilian Pathfinders*. New York: Knopf, 1965.

"Recent Research on Latin American Urbanization: A Selective Survey with Commentary", *Latin American Research Review*, v. 1, n. 1, Autumn, 1965, pp. 35-74. (Pepublicado em espanhol: *Investigación Reciente sobre Urbanización Latinoamericana: Examen Selectivo Comentarios*. Austin, Texas, 1968).

"Zur politischen und sozialen Geschichte der lateinamerikanischen Staaten", *Aus Politik und Zeitgeschichte*, Beilage zur Wochenzeitung Das Parlament, n. 23, Jun., 1965.

"The Sociology of San Juan: An Exegesis of Urban Mythology", *Caribbean Studies*, v. 5, n. 2, 1965, pp.45-55.

"The Two Americas, Musings of a Gringo", *Encounter*, v. 25, n. 3, 1965, pp.80-85.

Co-ed. with Stanley Stein, *Modern Small industry for developing countries*, New York: Mc Graw Hill, Inc, 1965.

1966

Resenha: Reviewed work(s): Viscount Mauá and the Empire of Brazil. A Biography of Irineu Evangelista de Sousa (1813-1889) by Anyda Marchant, *The Americas*, v. 23, n. 2, Oct., 1966, pp. 217-218.

"Introducción". In: GARCIA-ZAMOR, Jean-Claude, *La Administración pública en Haiti*. Guatemala: Landivar, 1966, pp. 11-14.

"The Latin American Boom", *The Times Literary Supplement*, July 28, 1966.

1967

Resenha: Reviewed work(s): Interesse Nacional e Política Externa by Jose Honorio Rodrigues, *The American Historical Review*, v. 72, n. 4, Jul., 1967, pp. 1525-1526.

Resenha: Reviewed work(s): Housing in Latin America. by Albert G. H. Dietz; Marcia N. Koth; Julio A. Silva, *The Hispanic American Historical Review*, v. 47, n. 1, Feb., 1967, pp. 79-80.

Resenha: Reviewed work(s): New Perspectives of Brazil by Eric N. Baklanoff, *The Modern Language Journal*, v. 51, n. 2, Feb., 1967, pp. 125-126.

"The Caribbean: Geopolitics and Geohistory". In: LEWIS, S. & MATHEWS, T. (Eds.), *Caribbean Integration: Papers on Social, Political, and Economic Integration*. Rio Piedras: Institute of Caribbean Studies, 1967, pp. 155-173 (Republicado em *Revista de História*, São Paulo, n. 102, 1975, pp.731-50).

"The Challenge for Foreign Area Studies", Bulletin of the National Association of Secondary-School Principals, v.50, n.315, 1967, pp. 18-33 (Republicado em *The Educational Record, a Princeton University Quarterly*; The Congressional Record).

"Urban Society in Contemporary Latin America", *Ventures*, Yale University, v. 7, n. 2, 1967, pp. 39-48.

1968

Resenha: Reviewed work(s): 1931: Os Tenentes no Poder by Hélio Silva, 1932: A Guerra Paulista by Hélio

Silva, *The American Historical Review*, v. 73, n. 3, Feb., 1968, pp. 949-950.

1969

"The Lima of Joaquin Capelo: A Latin American Archetype", *Journal of Contemporary History, Urbanism*, v. 4, n. 3, Jul., 1969, pp. 95-110 (Apresentado em Verhandlungen des XXXVII Internationalen Amerikanistenkongresses.V. IV. Stuttgart-Munchen).

"Cities and Society in 19th Century Latin America". In: HARDOY, J. E. & SCHAEDEL, R. (Eds.), *The Urbanization Process in America from its Origins to the Present Day*. Buenos Aires: Instituto Torcuato Di Tella, 1969, pp. 303-22. (Apresentado em XXXVII Congreso Internacional de Americanistas, Actas y Memorias. V. I. Buenos Aires, 1968).

"Admission to United States of Latin American Immigrants", In: *New Directions for the 1970's: Toward a Strategy of Inter-American Development* (Hearings before Subcommittee on Inter-American Affairs, House of Representatives, 91st Congress). Washington, D.C, 1969, pp. 291-94, 301-3, 308-10).

1970

Formação histórica de São Paulo, de comunidade a metrópole (trad. complementares Antonio Candido) Coleção Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: Difel, 1970.

"The Care and Grooming of Latin American Historians (or: Stop the Computers I Want to Get Off)". In: ROSS, S.R. (ed.), *Latin America in Transition: Problems of Training and Research*. Albany, State University of New York Press, 1970, pp. 27-40.

"Mito urbano e realidade". In: ANDRADE, Jorge, *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo: Perspectiva, 1970, pp. 645-47.

1971

Ed. with Michael Conniff and John Wibel, *The Urban Development of Latin America 1750-1920*, Stanford: Stanford University Center for Latin American Studies, 1971, 129p.

"Trends and Issues in Latin American Urban Research, 1965-1970 (Part I)", *Latin American Research Review*, v. 6, n. 1, Spring, 1971, pp. 3-52.

"Trends and Issues in Latin American Urban Research, 1965-1970 (Part II)", *Latin American Research Review*, v. 6, n. 2, Summer, 1971, pp. 19-75.

"San Pablo: mas allá de la metrópolis, 1955-1970", *Revista de la sociedad interamericana de planificación/ Journal of interamerican planning society*, v.5, n. 17, mai-jun, 1971, pp.40-65.

"Planning, History, Politics". In: MILLER, J. & GAKENHEIMER, R. (Eds.), *Latin American Urban Policies and the Social Sciences*. Beverly Hills: Sage Pubs., 1971, pp. 189-200 (REPUBLICADO em: *Ciências Econômicas e Sociais*, Osasco, v. 5, n.1-2, 1970.

"Sao Paulo: Case Study of a Latin American Metropolis", *Latin American Urban Research*, v. 1, 1970, pp. 151-86. (Republicado em espanhol em *Revista de la Sociedad Interamericana de Planificación*, v. 5, n. 17, 1970, pp.40-65).

"Primacía, regionalización, dependencia: enfoques sobre las ciudades latinoamericanas en el desarrollo nacional", *Desarrollo Económico*, v. 11, n. 41, Apr.-Jun., 1971, pp. 55-85.

Co-autor com Stanley Stein, *Industrialização e desenvolvimento: a pequena indústria moderna para países em desenvolvimento* (trad. Auriphebo Berrance Simões). São Paulo: Atlas, 1971.

1973

Editor, *Las ciudades latinoamericanas*. 2 V, Mexico: Secretaria de Educacion Publica, 1973 (V.1: Antecedentes (autor); 215 p.; V.2: Desarrollo historico, 245 p.)

Editor e autor da introdução, CAPELO, Joaquin, *Lima em 1900, Estudio critico y Antologia*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1973, 200 p.

1974

"Trends and Patterns of Latin American Urbanization, 1750-1920", *Comparative Studies in Society and History*, v. 16, n. 4, Sep., 1974, pp. 416-447

“Brazil’s Urban Development, Colony and Empire”, *Journal of Urban History*, v.1, n. 1, pp.39-72 (Republicado em RUSSEL-WOOD, A. J. R. (Ed.), *From Colony to Nation, Essays on the Independence of Brazil*. Baltimore: Johns Hopkins, 1974, pp. 155-81).

“Exported Growth and Urban Change in Latin America”, *SECOLAS Annals*, n. 5, 1974, pp. 56-65.

1975

“The Development of Urban Systems in the Americas in the Nineteenth Century”, *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, v. 17, n. 1, Feb., 1975, pp. 4-26 (Republicado em espanhol em HARDOY, J. E. e SCHAEDEL, R. P. (Eds.), *Las Ciudades de America Latina y sus areas de influencia a traves de la historia*, 1975, pp. 263-90).

1976

“The City-Idea in Argentina: ‘A Study in Evanescence’”, *Journal of Urban History*, v. 2, n. 3, May, 1976, p.307 (Republicado em *Revista de História*, São Paulo, n.104, 1975, pp. 783-802).

1978

“Latin American Intellectuals and the City, 1860-1940”, *Journal of Latin American Studies*, v. 10, n. 2, Nov., 1978, pp. 219-238. (Versão reduzida publicada em Actes du XLII Congres International des Americanistes; publicação em espanhol em J HARDOY, J. E.; MORSE, R., SCHAEDEL, R. P. (Eds.), *Ensayos sobre la urbanización en America Latina*, 1978, pp. 91-112).

Coeditor, *Ensayos histórico-sociales sobre la urbanización en America Latina*. Buenos Aires: SIAP, 1978.

“Manchester Economics and Paulista Sociology”, WIRTH, J. D. & JONES, R. L. (Eds.), *Manchester and Sao Paulo: Problems of Rapid Urban Growth*. Stanford: Stanford University Press, 1978, pp. 7-34 (Publicado em *Stanford Journal of International Studies*, n. 18, pp.7-34 e em *Dados*, n.18, 1978, pp. 33-56).

1980

“Urban Development in Latin America”, *Comparative Urban Research*, v. 8, n. 1, 1980, pp. 5-13.

“The Urban Worlds of Latin and Anglo America”, *Urban History Review* (Special number), 1980, pp.1-6 (Republicado em espanhol em *Revista Interamericana de Planificacion*, v. 14, n. 55-56, 1980, pp.9-21).

“A cultura brasileira não depende de nenhuma outra”, *Jornal do Brasil*, 9/15/1980.

1981

“La cultura politica iberoamericana, de Sarmiento a Mariategui”, *Vuelta*, n. 58, 1981, pp.4-18. (Republicado em BAGÉ, S. et al, *De História e historiadores, homenaje a Jose Luis Romero*. Mexico: Siglo XXI, 1982, pp. 225-57; *Oiga*, Lima, Peru, Feb. 22, 1982, 1981, pp. 56-61).

1982

El espejo de Prospero, un estudio dialectico del Nuevo Mundo. Mexico: Siglo XXI, 1982.

“In Memoriam: James R. Scobie, (1929-1981)”, *Latin American Research Review*, v. 17, n. 1, 1982, pp. 278-81.

“Prefácio”. In: LANGUERRE, Michel, *Urban Life in the Caribbean*. Cambridge: Schenkman, 1982, pp.xi-xx.

1983

“Sergio Buarque de Holanda (1902-82)”, *The Hispanic American Historical Review*, v. 63, n. 1, Feb., 1983, pp. 147-150.

1984

“The Urban Development of Colonial Spanish America”. In: *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, II: 66-104, 814-824 9Republicado em espanhol em *Historia de America Latina*, Barcelona, Ed. Critica, 1990, III: pp.15-48.

“Peripheral’ Cities as Cultural Arenas (Russia, Austria, Latin America)”, *Journal of Urban History* v. 10, n. 4, pp.423-52 (Republicado na Série Estudos, IUPERJ, Rio de Janeiro, n. 17, 1983, em espanhol em MORSE, R. e HARDOY, J. E., *Cultura urbana latinoamericana*. Buenos Aires, CLACSO, 1985, pp. 39-62 e em *Bifurcaciones*, n. 3, 2005).

1985

- Co-editor com Jorge Enrique Hardoy, *Cultura urbana latinoamericana*. Buenos Aires: CLACSO, 1985
- “Triangulating Two Cubists: William Carlos Williams and Oswald de Andrade”, *Língua e literatura*, São Paulo, v.11, n.14, pp.29-38 (Republicado em *Latin American Literary Review*, v.14, n.27, 1986, pp. 75-83)
- 1988**
- O Espelho de Próspero, cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- “Latin America: 1500-1914” e “Latin America: World War I to the Present Day”. In: HALL, John W. (Ed.), *History of the World*. 3 V. New York: Gallery Books, 1988.
- “O tempo na história do novo mundo”, *O Estado de São Paulo*, Suplemento de Cultura, 13/08/1988, pp.4-6.
- 1989**
- “Las ciudades como personas. Los intelectuales latinoamericanos y las ciudades”. In: MORSE, Richard & HARDOY, Jorge (orgs). *Nuevas perspectivas en los estudios sobre historia urbana latinoamericana*. Buenos Aires, IIED-GEL, 1989, pp.75-76.
- New World Soundings, Culture and Ideology in the Americas*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 1989.
- “The Poet-Oracle of Spanish America”, *Wilson Quarterly*, Summer, 1989, pp.90-92 (Republicado em espanhol como “La historia como vocación”, *Secuencia, Revista de Historia y Ciencias Sociales*, Mexico, nueva epoca, n. 19, 1991, pp. 141-57).
- 1990**
- “Quatro poetas americanos: uma cama de gato”, In: *A Volta de McLuhanáima: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria* (Trad. Paulo Henriques Britto), São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp 87-132.
- 1992**
- Co-editor com Jorge Enrique Hardoy, *Rethinking Latin American Cities*. Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press/ Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.
- “Cities as People”. In: MORSE, Richard and HARDOY, José Enrique (eds.). *Rethinking Latin American Cities*. Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press/ Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992, pp. 3-19. (Republicado em espanhol em MORSE, Richard and HARDOY, José Enrique (eds.), *Nuevas perspectivas sobre historia urbana latinoamericana*. Buenos Aires: IIED, 1989, pp.59-76.
- 1995**
- “As cidades ‘periféricas’ como arenas culturais, Rússia, Áustria e América Latina”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p.205-225.
- “Balancing Myth and Evidence: Freyre and Sérgio Buarque”, *Luso-Brazilian Review*, Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, v. 32, n. 2, Winter, 1995, pp. 47-57.
- 2005**
- “O multiverso da Identidade latino-americana, c. 1920 – c. 1970”. In: Leslie Bethell (Org), *A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade* (V. VIII), História da América Latina, São Paulo: Edusp, 2011, pp. 19-160.

1.2. TEXTOS SOBRE RICHARD MORSE

- BIBLIOTECA do IV Centenário, *O Estado de S. Paulo*, 07/10/1952, p.11, Cf. <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19521007-23744-nac-0011-999-11-not/busca/BIBLIOTECA+IV+CENTEN%C3%81RIO+Centen%C3%A1rio>. Acesso 30/05/2012.
- BIBLIOTECA do IV Centenário, *O Estado de S. Paulo*, 12/05/1953, p.11, Cf. <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19530512-23925-nac-0011-999-11-not/busca/IV+Centen%C3%A1rio+Biblioteca>. Acesso 30/05/2012.
- BILLMAN, Calvin, Review: Reviewed work(s): From Community to Metropolis: A Bibliography of São Paulo by Richard M. Morse, *The Americas*, Academy of American Franciscan History, v. 15, n. 3, jan.,

- 1959, pp. 318-320.
- BOMENY, Helena, “Uma Entrevista com Richard Morse”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, v. 2, n. 3, 1989, p. 77-93.
- _____, “Duas Poéticas sobre Brasil”, *Luso-Brazilian Review*, Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, v. 32, n. 2, Winter, 1995, pp. 23-34.
- _____, “Semper Dr. Morse – em celebração”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, n. 27, 2001, pp.3-8.
- BORGES, Dain, COHEN, Thomas (Eds.), *Luso-Brazilian Review*, Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, v. 32, n. 2, Winter, 1995.
- BORGES, Dain, “A Field Guide to Richard Morse’s Brazil”, *Luso-Brazilian Review*, Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, v. 32, n. 2, Winter, 1995 pp. 3-14
- _____, “Obituary Robert Moses (1888-1981)”, *Inter-American Notes, The Americas*, v.58, n.1, jul., 2001, pp.141-3.
- _____, “O naturalismo e a cidade do século 20”. In: DOMINGUES, Beatriz e BLASENHEIM, Peter (Orgs.) *Código Morse: ensaios em homenagem a Richard Morse*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010, pp. 99-118.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Resenha “De comunidade a metrópole”. Richard M. Morse, De Comunidade a metrópole, a biografia de São Paulo, 1954, *Revista Anhembi*, São Paulo, v. 26, n. 76, 1957, pp.351-3.
- CANDIDO, Antonio, “Young Mr. Morse”. In: *Um americano intranquilo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992, pp. 7-12.
- _____, “Literatura, Espelho da América?”, *Luso-Brazilian Review*, Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, v. 32, n. 2, Winter, 1995, pp. 15-22.
- _____, “Apresentação”. In: MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero, cultura e ideias nas Americas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, pp.9-12.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de, “Morse e o mar”. In: *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro, Sette Letras. 1994, pp.105-22.
- CASTRO, Ana, “Dois autores em busca de um passado: Richard Morse e Sergio Buarque na construção da especificidade paulista”. In: LANNA, Ana et al. (Orgs.), *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, pp.661-83.
- _____, “Richard Morse entre duas cidades: Nova York e São Paulo”, apresentado no XII Congresso da BRASA na Universidade de Urbana-Champaign, Illinois, out., 2012.
- CASTRO, Nil de. Reviewd work: O Código Morse. Ensaios sobre Richard Morse. By Beatriz Domingues and Peter Blasenheim. In: *Hispanic American Historical Review*, n. 92, May, 2011, pp. 344-5.
- DOMINGUES, Beatriz e BLASENHEIM, Peter. *O Código Morse. Ensaios sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- FERNANDES, Florestan, *Resenha Bibliográfica: De comunidade à metrópole*, Suplemento Literário, *O Estado de S. Paulo*, 20/10/1956, p.1. (<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19561020-24991-nac-0010-lit-2-not>). Acesso em 30/05/2012.
- _____, “O Historiador Enquanto Jovem”, *Luso-Brazilian Review*, Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, v. 32, n. 2, Winter, 1995 pp. 89-92.
- GALE, Thomas M., Reviewed work(s): From Community to Metropolis, a Biography of So Paulo. by Richard M. Morse, *The Economic History Review*, New Series, v. 11, n. 3, 1959, p. 558.
- GOLDBERGER, Paul, “Obituary: Robert Moses, master builder, is dead at 92”, *The New York Times*, 30/06/1981 Disponível em <http://www.nytimes.com /learning/general/onthisday/bday/1218.html>. Acesso 06/08/2012.
- GOODWIN, Paul, HAMILL, Hugh, STAVE, Bruce, “A Conversation with Richard M. Morse”, *Journal of Urban History*, v. 2, n.3, May, 1976, pp. 331-56.

- GORELIK, Adrian, “La ‘ciudad latinoamericana’ como idea”. In: GORELIK, Adrian e MYERS, Jorge, “Richard Morse, las ciudades y las ideas”, *Punto de Vista*, Buenos Aires, n. 73, ago., 2002.
- GORELIK, Adrian, “Richard Morse y la ‘ciudad latinoamericana’: apogeo y decadencia de un ciclo”, I Coloquio Venezolano de Historiografía Urbana, Caracas, 10 febrero 2004, mimeog.
- KRAUZE, Enrique, “Claves de Morse”, *Luso-Brazilian Review*, Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, v. 32, n. 2, Winter, 1995, pp. 93-96.
- KUJAWSKI, Gustavo de Mello, “A ironia como método de análise”, *O Estado de S. Paulo*, 14/05/1988, p. 10.
- MEHY, J. C. Sebe Bom, *A Colônia brasilianista*. Depoimento Richard Morse. São Paulo, Nova Stella, 1990 pp. 137-61.
- MEHY, José Carlos Sebe Bom. “Brasilianistas: os bandidos e mocinhos”. Folhetim, *Folha de S. Paulo*, 10 ago 1982, pp.9-10.
- MOMBEIG, Pierre, Reviewed work(s): From Community to Metropolis, a Biography of So Paulo. by Richard M. Morse, *The Hispanic American Historical Review*, v. 40, n. 1, fev., 1960, pp. 120-122.
- MONTEIRO, Pedro Meira, “A paixão latino-americana: Richard Morse”. In: SCHWARCZ, Lília e BOTELHO, André (Orgs.), *Um enigma chamado Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2009a, pp.352-63.
- _____, “As Raízes do Brasil no Espelho de Próspero”, *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo, n.83, mar., 2009b, pp.159-82.
- MOTA, Carlos Guilherme, “O americano intranquilo”. In: *Um americano intranquilo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992, pp. 13-20.
- _____, “O americano intranquilo”, *O Estado de S. Paulo*, 25/04/2001.
- NEEDEL, Jeffrey, “Obituary Robert Moses (1888-1981)”, *Hispanic American Historical Review*, n.81, pp.3-4, ago-nov., 2001.
- ROMERO, Simon, “Richard McGee Morse, 78, Latin America Expert”, *The New York Times*, 28/04/2001, <http://www.nytimes.com/2001/04/28/world/richard-mcgee-morse-78-latin-america-expert.html>;
- SCHWARTZMAN, Simon, “O Espelho de Morse”, *Novos Estudos* Cebrap, São Paulo, n. 22, out., 1988, pp 185-192 .
- _____, “O gato de Cortázar”, *Novos Estudos* Cebrap, São Paulo, n.25, out., 1989, pp. 191-203.
- SKIDMORE, Thomas, Review: Reviewed work(s): From Community to Metropolis: A Biography of Sao Paulo, Brazil. by Richard M. Morse, *The Hispanic American Historical Review*, v. 56, n. 2, mai., 1976, pp. 336-337
- TATE, W. A., Review: Reviewed work(s): From Community to Metropolis: A Biography of Sao Paulo, Brazil. by Richard M. Morse, *International Affairs*, Royal Institute of International Affairs, v. 35, n. 1, jan., 1959, pp. 134-135 .
- TRILLO, Mauricio Tenório, “Profissão: Latin Americanist. Richard Morse e a historiografia norte-americana da América Latina” (Trad. Moacir Werneck de Castro), *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, v. 2, n. 3, 1989, p.102-32.
- UM AMERICANO intranquilo: homenagem a Richard Morse*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992.

2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, Kátia, “Sangue intemorato e as nobilíssimas tradições: a contribuição de um símbolo paulista: o bandeirante”, Tese (Doutorado), Departamento de História, FFLCH USP, 1986.
- AB’SABER, Aziz, “Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo”, *Revista do IEA*, São Paulo, v.8, n. 22, São Paulo, set.-dez., 1994, pp. 221-32.
- ABREU, Capistrano de, *Capítulos de História colonial*, Domínio público, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, s/d.

- (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000062.pdf>). Acesso 22/09/2010.
Edição fac-símile Rio de Janeiro: M. Orozco, 1907. In: *Brasiliana USP*: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00157600#page/5/mode/1up>. Acesso 15/08/2011.
- ALMANDOZ, Arturo, “Notas sobre historia cultural urbana. Una perspectiva latinoamericana”, *Perspectivas urbanas/Urban Perspectives*, ETSAV, Barcelona, n.1, 2002, pp. 29-39.
- _____, “De Fustel de Coulanges a Lewis Mumford: encuadre historiográfico de antecedentes de historia urbana”, *Urbana*, Caracas, v.8, n.32, jan., 2003, pp.57-73. (http://www2.scielo.org/ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S079805232003000100004&lng=en&nrm=iso). Acesso 02/23/2010.
- _____, “Mudanças políticas e institucionais para o planejamento latino-americano do segundo pós-guerra” (Trad. José Hupaya Espinoza). In: GOMES, Marco Aurélio Filgueira (Org.), *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo*. Salvador: Ed UFBA, 2005, pp.231-59.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de, “Os estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos: a produção brasilianista no pós-Segunda Guerra”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, n. 27, 2001, pp. 31-61 (biblioteca-digital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2138/1277). Acesso 23/08/2011.
- _____, “Tendências e perspectivas dos estudos brasileiros nos Estados Unidos.” In: BARBOSA, Rubens; EAKIN, Marshall, ALMEIDA, Paulo (Orgs.), *O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp.31-56.
- AMERICANO, Jorge. *São Paulo nesse tempo: 1915-1935*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- ANDRADE, Mario de, *Paulicéia Desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922, Ed. fac-símile.
- _____, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* [1928]. São Paulo: Itatiaia, 1986.
- _____, “O Movimento Modernista”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1942, pp. 241-50.
- _____, *Padre Jesuino do Monte Carmelo*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional, n. 14, 1945.
- ARANTES, Paulo, “Ideologia francesa, opinião brasileira”. In: *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo, n.30, 1991, pp. 140-69.
- _____, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____, e ARANTES, Otilia, *Sentido da Formação. Três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ARANTES, Pedro, “Em busca do urbano: marxistas e a cidade de São Paulo nos anos de 1970”, *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo, n.83, mar., 2009, pp. 103-27.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquém de, *Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre na década de 1930*. São Paulo: Ed.34, 1994.
- ARRUDA, José Jobson de, *São Paulo nos séculos XVI-XVII*. Coleção História Geral do Estado de São Paulo (5V). São Paulo, IOESP, 2011.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento, *Metrópole e Cultura. São Paulo no meio século XX*. Bauru: Edusc, 2001.
- _____, “Empreendedores culturais imigrantes em São Paulo” in *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 1, jun. 2005, pp.135-58.
- ASPLUND, E. G., “Our architectural conception of space”, *Arq: Architectural Research Quarterly*, Cambridge, v.5, n. 2, Jun., 2001, pp. 151-160, p. 151. ([http://193.146.160.29/gtb/sod/usu/\\$UBUG/repositorio/10311131_Asplund.pdf](http://193.146.160.29/gtb/sod/usu/$UBUG/repositorio/10311131_Asplund.pdf)). Acesso 20/09/2012.
- AZEVEDO, Francisca e MONTEIRO, John (Org.), *Raízes da América Latina*. São Paulo: Edusp, 1996.
- BARDI, Lina Bo, *Tempos de grossura: o design no impasse*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.
- BARONE, Ana Claudia, “A oposição aos pavilhões do parque Ibirapuera (1950-1954)”, *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, São Paulo, v.17, n. 2, jul.-dez., 2009, pp. 295-316.
- BARROS, Maria Paes de. *No tempo de Dantes*. [1946]. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

- BARZUN, Jacques, *Romanticism and the Modern Ego*. Boston: Little Brown & Co, 1943.
- BECKER, Howard, “Conferência: A Escola de Chicago”. In: *Mana*, São Paulo, v.2, n.2, 1996, pp.177-88.
- BENEVOLO, Leonardo. *A cidade e o arquiteto: método e história em arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BENDER, Thomas, Book Reviews: *Lewis Mumford: Public Intellectual*. Edited by Thomas P. Hughes and Agatha C. Hughes. New York: Oxford University Press, 1990, *Technology and Culture*, v. 33, n. 2, abr., 1992, pp. 388-389.
- _____, “Intellectual and Cultural History”. In: FONER, Eric (ed.). *The New American History*. Philadelphia: Temple University Press, 1997, pp.181-202.
- _____, *The Unfinished City: New York and the metropolitan idea*. New York: The New Press, 2001.
- BENJAMIN, Walter. “Paris, capital do século XIX (Exposé de 1939)”. In: BOLLE, Willi (Org.), *Passagens*. BH/SP: Ed UFMG e IOESP, 2009, pp. 53-67.
- BERMANN, Marshall. “Na floresta de símbolos: algumas notas sobre o modernismo em Nova York”, *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 271-330.
- BETHELL, Leslie, “Richard Morse e a Cambridge History of Latin America”. In: DOMINGUES, Beatriz e BLASENHEIM, Peter (Orgs.) *Código Morse: ensaios em homenagem a Richard Morse*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010, pp. 47-68.
- BIELSHOWSKY, Ricardo, *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo econômico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- BLACK, Jan Knippers, *United States penetration of Brazil*. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 1977.
- BLAJ, Ilana, “Sergio Buarque de Holanda: historiador da cultura material”. In: CANDIDO, Antonio (Org.), *Sergio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998, pp.29-48.
- _____, *A trama das tensões: o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1721)*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BOEHRER, George, *Da monarquia à república (História do Partido Republicano do Brasil), 1870-1889* (Trad. Berenice Xavier), Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1954.
- BOMENY, Helena, “Atraso e doença: duas faces do individualismo moderno”. In: *Estudos Históricos*. Brasil-Estados Unidos. Rio de Janeiro, n. 27, 2001, p.241-8.
- BORREGO, Maria Aparecida, *A teia mercantil: negócios e poderem em São Paulo colonial 1711-1765*. São Paulo: Alameda, 2010.
- BOTELHO, André, “Passado e futuro das interpretações do país”, *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 22, n. 1, jun., 2010, pp.47-66.
- BOURDIEU, Pierre, “Algumas propriedades dos campos”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 89-94.
- _____, “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- BRADBURY, Malcon e MCFARLANE, James (Orgs.), *Modernismo: Guia geral (1890-1930)* (Trad. Denise Bottmann). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BRITO, Mario da Silva. *História do Modernismo Brasileiro. Antecedentes da Semana de Arte Moderna* (1958), São Paulo: Saraiva, 1974.
- BREFE, Ana Claudia Fonseca, “A cidade inventada: a pauliceia construída nos relatos dos memorialistas (1870-1920)”. Dissertação (Mestrado), IFCH, Unicamp, 1993.
- _____, *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional (1917-1945)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- BROCA, Brito, *A vida literária no Brasil em 1900*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, 1950.
- BROOKMAN, Cristhopher, *American Culture and Society since the 1930's*, Londres/Nova York: MacMiliam, 1984.
- BROOKS, Cleanth “The New Criticism”, *The Sewanee Review*, v. 87, n. 4, Fall, 1979, pp. 592-607.

- BRUNO, Ernani da Silva, *História e tradições da cidade de São Paulo*. (Coleção Documentos Brasileiros). Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, 3v.
- _____. (Org.), *São Paulo. Terra e Povo*. Porto Alegre: Globo, 1967.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira, “Dossiê Caminhos da história da urbanização no Brasil-colônia”, *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.20, n.1, jan.-jun., 2012, pp. 11-40.
- BULMER, Martin, *The Chicago School of Sociology*, Chicago: University of Chicago Press, 1984
- CALVINO, Ítalo, *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- CANDIDO, Antonio, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1959, 2v.
- _____, *Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- _____, “O significado de *Raízes do Brasil*” [1967]. In: HOLANDA, *Raízes do Brasil*, São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- _____, “Dialética da Malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, São Paulo, n. 8, 1970, pp.67-89 (Republicado em *O Discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, pp. 19-53.)
- _____, *A Educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____, “Lucidez de Cruz Costa”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp.165-70.
- _____, *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- _____, *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- _____, *Iniciação à Literatura Brasileira* [1997]. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- _____, “Clima”. In: *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007, pp.141-56.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, J. Aderaldo. *Das origens ao Romantismo: presença da literatura brasileira. História e antologia* [1964]. Rio de Janeiro: Difel, 1980
- _____, *Modernismo: presença da literatura brasileira. História e antologia* [1964]. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- CAMPOS, Candido Malta, *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2002.
- CAMPOS, C. M.; GAMA, Lucia H. e SACCHETTA, V. (orgs). *São Paulo Metrópole em trânsito. Percursos urbanos e culturais* São Paulo: Editora Senac, 2004.
- CANNABRAVA, Alice. “O desenvolvimento da cultura de algodão na Província de São Paulo, 1861-1875”, Tese (Doutorado), Instituto de Economia da USP, 1951.
- CANO, Wilson, *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: Difel, 1977.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo, *Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica* [1967], Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- CARDOSO, Fernando Henrique, “A fome e a crença (sobre os Parceiros do Rio Bonito)”. In: *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, pp. 89-100.
- _____, “Livros que inventaram o Brasil”, *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 37, 1993, pp.21-35.
- CARDOSO, Irene, *A universidade da comunhão paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Cortez, 1982.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de, *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro, 7Letras, 1994.
- CASTELLS, Manuel (Org.). *Imperialismo y urbanización en América Latina*. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.
- CASTRO, Ana, *A São Paulo de Menotti Del Picchia: cidade, arquitetura e arte nas crônicas de um modernista*. São Paulo: Alameda, 2008.
- CASTRO, Ana e MELLO, Joana, “Entre nacionalismos e cosmopolitismos: imagens da metrópole moderna paulistana nas primeiras décadas do século 20”. In: *Anais do VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo* (CD-Rom), Niterói, UFF, 2004.

- _____, “Cultura urbana sob novas perspectivas – entrevista com Adrián Gorelik”, *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo, n. 84, 2009, pp.235-49.
- CAVALCANTI, Lauro, *Moderno e brasileiro. A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, pp.145-69.
- CENDRARS, Blaise, “Adoro esta cidade”. In: CALIL, Carlos Augusto e THIERIOT, T. (Orgs.), *Etc..., Etc...* (*Um livro 100% brasileiro*). Antologia de textos de Blaise Cendrars, São Paulo: Perspectiva/Secretaria de Estado da Cultura, 1976.
- CEVASCO, Maria Elisa, *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand, 1990.
- _____. (Org.), *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- CHOAY, Françoise, *O urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia*. (Trad. Dafne Rodrigues). São paulo: Perspectivas, 1977.
- CORRÊA, Mariza. “A Antropologia no Brasil (1960-1980)”. In: MICELI, S. (Org.). *História das ciências sociais no Brasil 2*. São Paulo: Sumaré/Idesp/Fapesp, 1995.
- COSTA, Emilia Viotti, “Urbanização no Brasil no século XIX”. In: *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998, pp.233-70.
- _____. Entrevista. In: MORAES, José Geraldo Vinci e REGO, José Marcio, *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2002, pp. 65-94.
- COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CURTIS, Willian, *Arquitetura Moderna desde 1900* (Trad. Alexandre Salvaterra). Porto Alegre: Bookman, 2008.
- DAVIS, Billie, “Marginality in a Pluralistic Society”, *PsiChi Journal*. v. 2, n. 1, Fall, 1997, pp. 28-31. ([http:// www.psichi.org/pubs/articles/article_145.aspx](http://www.psichi.org/pubs/articles/article_145.aspx). Acesso 12/03/2012).
- DAWSEY, Cyrus, “Estudos geográficos do Brasil nos Estados Unidos e no Canadá: tendências e perspectivas, 1945-2000”. In: BARBOSA, Rubens; EAKIN, Marshall e ALMEIDA, Paulo (Orgs.), *O Brasil dos brasilianstas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 343-382.
- DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. (1971). São Paulo: Difel/ Edusp, 1991
- DE LUCCA, Tania Regina, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Ed Unesp, 1988.
- DENIS, Pierre, *Le Brèsil au XIXeme siècle* [1909]. Paris: Armand Colin, 1928.
- “DEPOIMENTOS Cidade e história”, *Espaço & Debates*, São Paulo, n. 34, 1991, pp.7-22.
- DI BIAGI, Paolo (Org.). *I Classici dell’urbanistica moderna*. Roma: Donzelli, 2002.
- DOMINGUES, Beatriz, “Próspero devorando Caliban: Richard Morse e o modernismo brasileiro”. In: DOMINGUES, Beatriz e BLASENHEIM, Peter (Orgs.) *Código Morse: ensaios em homenagem a Richard Morse*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010, pp.77-97.
- DONGUI, Tulio Halperín, *História da América Latina* (Trad. Carlos Nelson Coutinho). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- DOZER, Donald M., *Are you good neighbors? Three decades of Inter-American relations 1930-1960*. Gainesville: University of Florida Press, 1959.
- DUARTE, B. J., *Caçador de imagens*. São Paulo: CosacNaify, 2007.
- EAGLETON, Terry, *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- EAKIN, Marshall, “Ciência política e sociologia”. In: BARBOSA, Rubens; EAKIN, Marshall e ALMEIDA, Paulo (Orgs.), *O Brasil dos brasilianstas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 293-318.
- ELLIS JR, Alfredo, *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano* [1924]. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

- _____, *Raça de gigantes. A Civilização no Planalto Paulista*, São Paulo: Editora Hélios Limitada, 1926.
- ELLIS, Myriam, “As bandeiras na expansão geográfica do Brasil”. In: HOLANDA, Sergio Buarque de (Org.), *História geral da civilização brasileira*. Tomo I, A época colonial. V. 1, Do descobrimento à expansão territorial. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1976, pp.273-81.
- EPSTEIN, J. (Prod., ed., writ), “The Tragedy of Urban Renewal: The destruction and survival of a New York City Neighborhood”, s/d, 6,30’. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=mWGwsA1V2r4>. Acesso: 05/08/2012.
- EUFRASIO, Mario, *A estrutura urbana e ecologia humana: a Escola Sociológica de Chicago (1915-1940)*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- EWBANK, Thomas. *A Vida no Brasil ou Diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, 2v.
- EXPOSIÇÃO da História de São Paulo no quadro da História do Brasil – Guia para o Visitante. São Paulo: Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954.
- FANTASIA Brasileira. O Balé do IV Centenário. *Antropopofagia nas Artes Cênicas. São Paulo 1953-1955*. Catálogo da Exposição. Sesc Belenzinho, Sesc, XXIV Bienal de São Paulo, São Paulo, 1998.
- FEININGER, Andreas, *Nova York, anos 40*. Catálogo da exposição. São Paulo: Museu Lasar Segall, 2011.
- FERNANDES, Florestan e BASTIDE, Roger, *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo* [1955]. São Paulo: Globo, 2006.
- FERNANDES, Florestan (Org.), *Comunidade e Sociedade no Brasil: leitura básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1968.
- _____, *Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Cia Editora Nacional e Edusp, 1973.
- FELDMAN, Sarah, “A configuração especial da metrópole”. In: CAMPOS, C. M.; GAMA, Lucia H. e SACCHETTA, V. (orgs). *São Paulo Metrópole em trânsito. Percursos urbanos e culturais* São Paulo: Ed. Senac, 2004, pp.124-9.
- _____, *Planejamento e zoneamento. São Paulo, 1947-1972*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2005.
- FERREIRA, Antonio, DE LUCA, Tânia e IOKOI, Zilda. *Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.
- FERREIRA, Antonio Carlos, *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- FISCHER, Robert (ed.). *The Metropolis in Modern Life*, Columbia University (Bicentennial Conference Series). Garden City, New York: Doubleday & Co. Inc, 1955
- FITZGERALD, Scott, *Este lado do paraíso* [1920]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- FLORENCE, Hercules, *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829* (Trad. Visconde de Taunay). São Paulo: Edições Melhoramentos, s/data.
- FRAMPTON, Kenneth, *Nueva York, capital del siglo XX*. Madrid: Abada, 2006.
- FREITAS, Affonso de, *Tradições e reminiscências paulistanas*, São Paulo: Edição da Revista do Brasil. Monteiro Lobato & Cia. Editora, 1921
- _____, *Dicionário histórico, topográfico, etnográfico ilustrado do município de São Paulo*, São Paulo: Graphica Paulista, 1930.
- FREYRE, Gilberto, *Casa-grande & senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal* [1933]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933, 2 v.
- _____, *Sobrados & Mucambos. Decadência do patriarcado rural no Brasil* [1936]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, 2 v.
- _____, *Americanidade e Latinidade da América Latina e outros textos afins*. São Paulo/ Brasília: IOESP e Ed. UnB, 2003.

- FRÚGOLI, Heitor. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”. *Revista de Antropologia*, v. 48, n.1, 2005, pp. 133-165.
- GAENSLY, Gaensly, *Guilherme Gaensly*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- GLAAB, Charles, “O historiador e a cidade norte-americana: estudo bibliográfico”. In: HAUSER, Phillip & SCHNORE, Leo, *Estudos de urbanização*. São Paulo: Pioneira, 1965, pp. 49-74.
- GLAAB, Charles & BROWN, Theodor, “The Emergence of Metropolis”, *A History of Urban America*, New York: MacMillan Co., 1967, pp.269-307.
- GLEZER, Raquel, “O campo da história”, PASSOS, Maria Lucia Perrone (Org.), *Cadernos de História de São Paulo*, “Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade”, n. 1, MP USP, São Paulo, 1992, pp. 9-14.
- _____, *Chão de Terra e outros ensaios sobre São Paulo*. São Paulo: Alameda, 2001.
- GOLDFEDER, André e WAIZBORT, Leopoldo, “Sobre os ‘tipos’ em *Raízes do Brasil*”, *Revista do IEB*, USP, São Paulo, n. 49, mar.-set., 2009, pp. 13-35
- GOLDMAN, Marcio, “Lévi-Strauss e os sentidos da História”, *Revista de antropologia*, São Paulo, v. 42 , n.1-2, 1999, pp.223-38.
- GOMES, Ângela de Castro, “Oliveira Vianna: um *statemaker* na alameda São Boaventura”. In: SCHWARCZ, Lília e BOTELHO, André (Orgs.), *Um enigma chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp.144-59.
- GOODWIN, Phillip, *Brazil Builds: architecture new and old (1652-1942)*, Catálogo da Exposição (fotografias de Kidder Smith), Nova York, MoMA, 1943.
- GORELIK, Adrian. “O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização”. In: MIRANDA, Wander Melo Miranda (Org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____, “Historia de la ciudad e historia intelectual”, *Prismas, Revista de historia intelectual*, UTT, Buenos Aires, n.3, 1999, pp. 209-23.
- _____, “Ciudad”, ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Términos críticos de sociología de la cultura*, Buenos Aires: Paidós, 2002.
- _____, *Das vanguardas à Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. (Trad. Maria Antonieta Pereira). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- _____, “A produção da ‘cidade latino-americana’”, *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 17, n. 1, 2005, pp.111-33.
- _____, “Cultura urbana latinoamericana: un canon y sus destiempos” *Brujula*, University of California-Davis, v.5, mar., 2007.
- _____, “La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico”, *Revista del Museo de Antropología*, Universidad Nacional de Córdoba, n. 1, 2008, out., 2008
- _____, “José Luis Romero: el historiador y la ciudad”. In: ROMERO, José Luis, *La ciudad occidental: culturas urbanas en Europa y América*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009, pp.15-43
- _____, “Para una historia cultural de la ‘ciudad latinoamericana’”, Congreso Latinoamericano de Estudios Urbanos, 24/08/11, p. 2., mimeog.
- GRAVAGNUOLO, Benedetto, *História del urbanismo en Europa (1750-1960)*, Madri: Akal, 1998
- GREEN, Constance, *American Cities in the growth of the Nation*. New York: Harper & Row Publishers, 1965.
- GUAZZELLI, Eloar, “Canini e o anti-herói brasileiro: do Zé Candango ao Zé – realmente – Carioca”, Dissertação (Mestrado), ECA USP, 2009.
- GUTIERREZ, Ramón, “Jorge Enrique Hardoy: soporte a la historia urbana de la América Latina”, *Eure*, Santiago, v. 21, n. 62, abr., 1995, pp. 9-15.
- HAGER, Alice R. *Brazil: giant to the south*, Nova York: The MacMillan Company, 1945.
- HAINES, Gerald, *The Americanization of Brazil. A Study of US Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954*. Washington: S. R. Books, 1984.

- HALE, Charles, "Frank Tannenbaum and the Mexican Revolution", *The Hispanic American Historical Review*, v. 75, n. 2, mai., 1995, pp. 215-46.
- HALL, Michael. "Imigrantes na cidade de São Paulo". In: Porta Paula (org). *História da Cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.
- HANDLIN, Oscar & BURCHARD, John (Eds.), *The historian and the city*. Harvard: MIT/Harvard University Press, 1963.
- HANNERZ, Ulf, *Exploración de la ciudad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- HARTNESS, Ann, "Brasileira nos Estados Unidos: fontes de referência e documentação". In: BARBOSA, Rubens; EAKIN, Marshall, ALMEIDA, Paulo (Orgs.), *O Brasil dos brasileiros: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 383-418.
- HERRMANN, Lucila, "Estudo do desenvolvimento de S. Paulo através da análise de uma radial: a Estrada do Café" (1935), *Revista do Arquivo Municipal*, XCIX, nov-dez, 1944
- HOBSBAWN, Eric, "Homens a caminho". In: *A Era do Capital*, São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp.271-289.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Raízes do Brasil* (1936). São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- _____, "Considerações sobre o americanismo" [1940]. In: *Cobra de Vidro*, São Paulo: Perspectiva, 1978, pp.23-8.
- _____, "Panlusismo" [1941]. In: *Cobra de Vidro*, São Paulo: Perspectiva, 1978, pp.73-83.
- _____, "Prefácio do tradutor". In: DAVATZ, Thomas, *Memórias de um colon*. São Paulo: Martins, 1941, pp.5-35.
- _____, "Negros e Brancos" [1941]. In: *Cobra de Vidro*, São Paulo: Perspectiva, 1978, pp.12-3.
- _____, *Monções* [1945]. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- _____, *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- _____, "Prefácio". In: PETRONE, Maria Tereza Schorer, *O barão de Iguape*. Rio de Janeiro: Cia Nacional: 1976.
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor, "Sociedade". In: Foracchi, Marialice e MARTINS, José de Souza (Orgs.), *Sociologia e Sociedade. Leituras de Introdução à Sociologia*. São Paulo: Editora LTC, 1977.
- HUNNICUTT, Benjamim. *Brazil looks forward*, Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1945.
- IRIGOYEN, Adriana, *Wright e Artigas, duas viagens*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- ISTO é São Paulo* [1954]. São Paulo: Melhoramentos, 1963.
- JACOBS, Jane, *Morte e vida das grandes cidades*. (Trad. Carlos Rosa), São Paulo: Martins Fontes, 2000
- JACKSON, Kenneth, *Crabgrass Frontier. The Suburbanization of the US*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1985.
- JACKSON, Luiz Carlos, *A tradição esquecida. Os Parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. UFMG/Fapesp, 2002
- _____, "A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965)", *Tempo social. Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, v.16, n.1, 2004, pp. 263-83.
- JANOWITZ, Morris, "Introduction". In: PARK, Robert; BURGESS, Ernst & MAC KENZIE, Roderick, *The city*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.
- JUNIUS (pseudônimo de Firmo de Albuquerque Diniz), *Notas de viagem* [1882]. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- KIDDER, Daniel P., *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil. Rio de Janeiro e Província de São Paulo*. [1845] (Trad. Moacir N. Vasconcelos, notícia biográfica por Rubens Borba de Moraes). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.
- KIDDER, Daniel P. e FLETCHER, J. C., *O Brasil e os brasileiros. Esboço Histórico e Descritivo* [1857] (Trad. de Elias Dolianti), Companhia Editora Nacional, 1941.
- KIPLING, Rudyard. *Brazilian Sketches*, Garden City: Doubleday, Doran & Company Inc, 1940, Reproduzido

- em http://www.kipling.Org.uk/rg_braz_intro.htm. Acesso: 23/03/2010.
- KOWARICK, Lúcio, “A lógica da desordem”. In: *A espoliação urbana*, São Paulo: Paz e Terra, 1980, pp. 29-68.
- KRISTAL, Arthur, “Age of Reason”, *The New Yorker*, 22 out., 2007 (edição online http://www.newyorker.com/reporting/2007/10/22/071022fa_fact_krystal). Acesso 03/10/2012).
- LAGO, Pedro Correia do, *Iconografia Paulistana do Século XIX*. São Paulo: Metalivos, 1998.
- LANNA, Ana Lucia Duarte, *Uma cidade na transição: Santos, 1870-1913*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LANNA, Ana et al. (Orgs.) *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011.
- LEATHERBARROW, David, “Espaço dentro e fora da arquitetura” in *ArgTextos*, PROPAP/UFRGS, Porto Alegre, n. 12, 2008, pp. 6-31, p. 16. (http://www.ufrgs.br/propap/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_12/01_DL_espa%C3%A7o_300409.pdf). Acesso 19/10/2012.
- LEBRET, L. J., *Manifesto por uma civilização solidária* (Trad. Frei Benevenuto de Santa Cruz). São Paulo: Duas Cidades, 1961.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre, *História: Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos*. São Paulo: Francisco Alves, 1976.
- LEME, Maria Cristina da Silva, “A presença norte-americana e a transformação de São Paulo no pós-guerra”. In: LANNA, Ana et al. (Orgs.), op. cit., 2010, pp. 183-207.
- LEPENIES, Wolf, *As três culturas* (Trad. Maria Clara Cescato). São Paulo: Edusp, 1996.
- LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- LEVI, Darrel, *A família Prado*, São Paulo: Cultura 70, 1977
- LEVINE, Robert, “Pesquisas: fontes e materiais de arquivos, instituições relevantes, abordagens”. In: BARBOSA, Rubens; EAKIN, Marshall e ALMEIDA, Paulo (Orgs.), *O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 57-80.
- LEWIS, Oscar, *Life in a Mexican village: Tepoztlán restudied*, Illinois: Urbana, 1951.
- _____, “Urbanization without Breakdown: a Case Study”, *The Scientific Monthly*, v. 75, n. 1, 1952, pp. 31-41.
- _____, *Five Families. Mexican Case Study in the Culture of Poverty* [1959]. New York: Basic Books, 1975.
- _____, *Antropologia de la pobreza: cinco familias*. México, Fondo de Cultura Económica, 1961.
- _____, “Tipos ideais urbanos e de ‘folk’”. In: SCHNORE, Leo & HAUSER, Phillip, *Estudos de urbanização*. São Paulo: Pioneira, 1965, pp. 461-472.
- LIERNUR, Jorge Francisco. “The south american way: el ‘milagro’ brasileño, los Estados Unidos y la Segunda Guerra Mundial (1939-1943)”, *Block*, UTT, Buenos Aires, n. 4, 1999, pp. 23-41.
- _____, “Vanguardistas verus expertos – reconstrucción europea, expansión norteamericana y emergencia del “Tercer Mundo”: para una relectura del debate arquitectónico en la segunda posguerra (una mirada desde América Latina)”, *Block*, UTT, Buenos Aires, n. 6, mar., 2004, pp. 18-37.
- LIRA, José, *Warchavchik: fraturas da vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- LOBATO, Monteiro, “Urupês” [*O Estado de S. Paulo*, 23/12/1914]. In: *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1962, p. 277-92.
- LOFEGO, Silvio Luiz, *Memória de uma metrópole: São Paulo na obra de Ernani da Silva Brun*. São Paulo: Annablume, 2001.
- _____. *IV Centenário da Cidade de São Paulo: entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004.
- LOPEZ, Juarez Brandão, “As Ciências Sociais, a cidade e o arquiteto”, *Revista Pós*. O estudo da História na formação do arquiteto. FAU USP, São Paulo, número especial, 1994, pp.26-31.
- LOPEZ, Robert S., “The city in technological innovation and economic development”. In: HANDLIN, Oscar & BURCHARD, John (eds.), *The Historian and the City*, Cambridge: MIT Press e Harvard University Press, 1963, pp. 27-43
- LOPEZ, Tele Ancona, *Mário de Andrade: Ramais e Caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- LORENZOTTI, Elizabeth, *Suplemento Literário – Que Faltava ele Faz!*, São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

- LORIGA, Sabine, “A biografia como problema.” In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, pp 225-50.
- LOVE, Joseph, *São Paulo na federação brasileira, 1889-1937: a locomotiva*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MACHADO, José de Alcântara, *Vida e morte do bandeirante*. [1929]. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1967
- MACHADO, Alcântara, *Brás Bixiga e Barra Funda: notícias de São Paulo* [1927]. São Paulo: IOESP, ed. fac-símile, 1983).
- MACHADO Lourival Gomes, *Retrato da Arte Moderna no Brasil*, São Paulo: Departamento de Cultura, 1947.
- _____, “A renovação da arquitetura brasileira”. In: XAVIER, Alberto (Org.) *Depoimento de uma geração: Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo, CosacNaify, 2003, pp. 75-8.
- MAGNANI, José Guilherme, “O Campo da Antropologia”, Maria Lucia Perrone Passos (Org.), *Cadernos de História de São Paulo*, Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade, MP USP, São Paulo, n. 1, 1992, pp.45-56.
- MCKELVEY, Blake, “Urban History Today”, *The American Historical Review*, v. 57, n. 4, jul., 1952, pp. 919-929.
- MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da, *Memória para a História da Capitania de São Vicente, Hoje chamada de São Paulo*, [1797]. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.
- MAIAKOVSKI, Vladimir, *Minha descoberta da América* [1925] (trad. Graziela Schneider). São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MAIER, Joseph & WEATHERHEAD, Richard W., *Frank Tannenbaum. A biographical essay*. New York: University Seminars, Columbia University, 1974.
- MARCONDES, J. V. Freitas e PIMENTEL, Osmar, *São Paulo: espírito, povo, instituições*. São Paulo: Pioneira, 1968.
- MARINS, Paulo Garcez, *Através da rótula: sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- _____, “O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista”, *Anais do Museu Paulista*, História e Cultura Material, São Paulo, v. 6, n. 7, 2003, pp. 9-36.
- _____, “Glete e Nothmann em berço de ouro”. In: LANNA, Ana et al. (Orgs.) *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, pp.209-243.
- MARTINS, Carlos, “Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil, a obra de Lucio Costa, 1924/1952”. Dissertação (Mestrado), Departamento de História, FFLCH USP, 1987.
- MARTINS, Egydio, *São Paulo antigo 1554-1910*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911/12, 2v.
- MASSERAN, Paulo Roberto, “Diálogo atrevido entre a pedra e o tijolo, ou o popular e nacional na arquitetura brasileira, por Luiz Saia e Mario de Andrade”, Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2011.
- MAWE, John, *Viagem ao Interior do Brasil principalmente ao districto do Ouro e Diamantes* [1812] (Trad. de Salena Benevides Viana), Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.
- MEDRANO, Ricardo, “Notas sobre a América do Sul na historiografia urbana brasileira”. In: GOMES, Marcos Filgueira (Org.), *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1990*. Salvador: Edufba, 2009, pp. 261-94
- MEHY, José Carlos Sebe Bom. *Introdução ao nacionalismo acadêmico: os brasilianistas*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____, *A Colônia brasilianista (História Oral de Vida Acadêmica)*. São Paulo: Nova Stella, 1990.
- MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando, “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna”. In: SCHWARCZ, Lília (Org.), *História da vida privada no Brasil*, V. 4, São Paulo, Cia. das Letras, 1998, pp. 559-658.
- MELLO E SOUZA, Gilda de, *O tupi e o alauide: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- MELLO E SOUZA, Laura de, “Sergio Buarque de Holanda entre a história e a sociologia”. In: NASCIMENTO, Milton Meira do (Org.), *Jornal de Resenhas – Seis anos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, v.1, pp.26-8, 2001, p.26.

- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de, “A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano”. In: MORI, Vitor Hugo et al. (Orgs.). *Patrimônio: Atualizando o Debate*. São Paulo: 9ª SR/ IPHAN, 2006.
- _____, “Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana”, *Revista USP*, São Paulo, n. 30, jun-ago, 1996, pp. 145-55.
- MESQUITA, Alfredo “No tempo da Jaraguá”. In: *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, pp. 39-61.
- MEYER, Regina, ‘Metrópole e Urbanismo: São Paulo anos 50’. Tese (Doutorado). FAU USP, 1991.
- MICELI, Sergio, “A Fundação Ford e os cientistas sociais no Brasil, 1962-1992”. In: *História das Ciências Sociais no Brasil*, São Paulo: Sumaré, 1995, v.2, pp. 341-97.
- _____, *A desilusão americana. Relações acadêmicas entre Brasil e Estados Unidos*. São Paulo: Sumaré, 1990.
- _____, “Mario de Andrade: a invenção do moderno intelectual brasileiro”. In: SCHWARCZ, Lília e BOTELHO, André (Orgs.), *Um enigma chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp.160-73.
- MILLER, Donald L., *Lewis Mumford: A Life*. New York: Weidenfeld & Nicolson, 1989.
- MILLIET, Sergio. *Roteiro do café e outros ensaios* [1938]. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1942.
- MINAR, David & GREER, Scott. *The concept of community. Readings with interpretation*. Chicago: Aldene Publishing Co., 1968.
- MIRANDA, Olavo, *Vida e obra de Ferdinand Tönnies*. São Paulo: FFLCH USP, 1995a.
- _____, *Para ler Ferdinand Tönnies*, São Paulo: Edusp, 1995b.
- MONBEIG, Pierre, *Pionniers et planteurs de São Paulo*. Paris: Librairie Armand Colin, 1952.
- _____, *La Croissance de la Ville de São Paulo*, Grenoble: Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953.
- MONTEIRO, John. *Negros da terra, Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- MOOG, Vianna. *Bandeirantes e pioneiros: paralelos entre duas culturas*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- MOTA, Carlos Guilherme, “Da cidade ibero-americana: temas, problemas, historiografia”, *Revista da Pós*, FAU USP, São Paulo, n. 18, dez., 2005, pp.134-58.
- MOURA, Gerson, *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Contexto, 1990.
- MOURA, Paulo Cursino de, *São Paulo de outrora (evocações da metrópole)* [1932]. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1980.
- MUMFORD, Lewis, *A cultura das cidades* [1938] (Trad. de Neil R. da Silva). Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.
- _____, *Arquitetura, construção e urbanismo* (Trad. Carlos Kronauer). Lisboa, Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1956.
- NEEDELL, Jeffrey, *Belle Epoque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NICODEMO, Thiago, “Alegoria Moderna: consciência histórica e figuração do passado na crítica literária de SBH”, Tese (Doutorado), Departamento de História, FFLCH USP, 2010.
- NISBET, Robert, “Comunidade”. In: FORACCHI, Marialice e MARTINS, José de Souza (Orgs.), *Sociologia e Sociedade. Leituras de Introdução à Sociologia*. São Paulo: Editora LTC, 1977, pp.203-233.
- NOGUEIRA, Oracy, “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil”. In: *Tanto Preto, Quanto Branco: Estudo de Relações Raciais*. São Paulo: T.A. Queiroz., 1985, p.67-93.
- NOVAIS, Fernando e SILVA, Rogério Forastieri da, “Introdução: para a historiografia da Nova História”. In: *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, pp. 6-72.
- NOVAIS, Fernando, “Capistrano de Abreu na historiografia brasileira”. In: *Aproximações. Estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, pp.313-6.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi, *Americanos: Representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

- PALLARES-BURKE, Maria Lucia, *Gilberto Freyre, um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Unesp, 2005.
- PALTI, Elías, *Acerca de los lenguajes políticos en el siglo XIX latinoamericano: sus nudos conceptuales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- PARK, Robert, "The City", *American Journal of Sociology*, v. 20, n. 5, 1915, pp. 557-612; republicado em PARK, Robert; BURGESS, Ernest & MCKENZIE, Roderick (Eds.), *The City*, Chicago: University of Chicago Press, 1925.
- _____, "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano" (Trad. Sergio Magalhães Santeiro). In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pp.26-67.
- PASSOS, Maria Lucia Perrone (Org.), *Cadernos de História de São Paulo*, Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade, n. 1, MP USP, São Paulo, 1992.
- PAULA, Eurípedes Simões de, *Contribuição monográfica para o estudo da segunda fundação de São Paulo*, 1936.
- PEIXOTO, Fernanda Arêas, "O Nativo e o Narrativo". *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 33, jul. 1992, pp. 187-98.
- _____, "Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras". In: MICELI, Sergio (Org.), *História da Ciências Sociais no Brasil*, São Paulo: Sumaré, 2001, v.1, pp.477-531.
- _____, *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp, 2000.
- _____, "Roger Bastide, intérprete do Brasil: africanismos, sincretismo e modernização". In: ABDALA JR., Benjamin e CARA, Salete (Orgs.), *Moderno de nascer: figuras críticas no Brasil*, São Paulo: Boitempo, 2006, pp.193-212.
- _____, "As cidades nas narrativas sobre o Brasil". In: FRÚGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana e PEIXOTO, Fernanda (Orgs.), *As cidades e seus agentes: práticas e representações*, São Paulo, Belo Horizonte: Edusp, Ed. PucMinas, 2006, pp.117-97.
- PETRONE, Pasquale, "São Paulo no século XX". In: AZEVEDO, Aroldo (Org.). *A cidade de São Paulo*. Volume II: A evolução urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.
- PINTO, Alfredo Moreira, *A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.
- PIRENNE, Henri, *As cidades da Idade Média: ensaio de História Econômica e Social*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1964.
- PERLMAN, Janice, *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy, "Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano", *Estudos Históricos*, FGV, Rio de Janeiro, n. 16, 1995, pp. 279-90.
- _____, (Org.), *Leituras cruzadas: diálogos da história com a Literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2000.
- _____, *História & História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- _____, "Cartografias do tempo: palimpsestos na escrita da história". In: *Um historiador nas fronteiras: O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, pp. 17-80.
- PONTES, Heloisa, "Brasil com Z. A produção estrangeira sobre o país entre 1930 e 1988". In: MICELI, Sergio (Org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*, São Paulo: Sumaré, 1995, v.2, pp. 441-78.
- _____, *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____, *Intérpretes da metrópole: história social e relação de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968*. São Paulo: Edusp, 2011.
- PORTA, Paula (Org.) *História da Cidade de São Paulo*. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 2004, 3V.
- PRADO, Decio de Almeida Prado, "O Clima de uma época". In: AGUIAR, Flavio (Org.), *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas, 1999, pp. 25-43.
- PRADO, Paulo. *Paulística: história de São Paulo*. São Paulo: Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.
- _____, *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira* [1928] (Org. Carlos Augusto Calil). São Paulo: Cia.

- das Letras, 2004.
- PRADO JR., Caio, “O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo” [1936], *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, DPH, n. 202, 2004 (Antologia).
- PRADO JR., Caio. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de, “Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário”, *Revista da USP*, São Paulo, n. 3, 1992, pp. 78-87.
- RAFFARD, Henri. *Alguns dias na Paulicéia* [1892]. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1977.
- RAMA, Ángel, “Mario de Andrade”. In: *Os primeiros contos de dez mestres da narrativa latino-americana*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- _____, *A cidade das letras* (Trad. Emir Sader). São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____, “La modernización literaria latinoamericana (1870-1910)”. In: *La critica de la cultura en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985.
- _____, “Nossa América” e “Sistema literário e sistema social na América Hispânica”. In: ROCCA, Pablo (Org.), *Literatura, Cultura e sociedade na América Latina* (Trad. Rômulo Monte Alto). Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. UFMG/ Humanitas, 2008, pp. 62-4 e pp. 114-5.
- RAMASSOTE, Rodrigo Martins, “Antonio Candido em Assis e depois”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, São Paulo, n. 50, mar., 2010, pp. 103-28.
- REDFIELD, Robert, *Tepoztlán, a Mexican village: A study in folk life*. Chicago: University of Chicago Press, 1930.
- _____, *The Folk Culture of Yucatan*. Chicago: The University of Chicago Press, 1941.
- _____, *Civilização e cultura de folk: estudo de variações culturais em Yucatán* (Trad. Asdrúbal Mendes Gonçalves). São Paulo: Martins, 1946.
- _____, “The Folk Society”, *American Journal of Sociology*, n. 52, Jan., 1947, pp.293-308.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição do estudo da evolução urbana no Brasil (1500-1720)*. São Paulo: Pioneira, 1968.
- _____, “Sobre a história da urbanização: história urbana (Depoimentos Cidade e história)”, *Espaço & Debates*, São Paulo, n.34, 1991, pp. 15-8.
- _____, “O campo da arquitetura e do urbanismo”. In: PASSOS, Maria Lucia Perrone (Org.), *Cadernos de História de São Paulo*, Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade, São Paulo, MPUSP, n. 1, 1992, pp. 37-44.
- _____, *São Paulo: vila, cidade, metrópole*. São Paulo: Bank Boston, 2004.
- RICHARDS, I. A., *Princípios da crítica literária*, Porto Alegre: Globo, 1967.
- RIGOTTI, Ana Maria, “Brazil deceives”, *Block*, UTT, Buenos Aires, n. 4, 1999, pp. 78-86.
- ROCHA, João Cezar de Castro, “Raízes do Brasil: biografia de um livro-problema”, MARRAS, Stelio (Org.), *A atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: IEB/ Edusp, 2012, pp. 19-39.
- ROCK, David, *Latin America in the forties. War and Post War Transitions*. Berkeley: University of California Press, 1994.
- ROLNIK, Raquel; KOWARICK, Lucio e SOMEK, Nadia (eds.), *São Paulo: crise e mudança*. São Paulo: PMSP, Brasiliense, 1989.
- ROMERO, José Luís, *América Latina: as cidades e as ideias* [1976] (Trad. Bella Josef). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- _____, *La ciudad occidental: culturas urbanas en Europa y América*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.
- ROUQUÉ, Alain, *América Latina. Introducción al Extremo Occidente* (Trad. Rosa Cusminsky de Cendero). Buenos Aires: Siglo XXI, 1989, pp. 17-37.
- RUBINO, Silvana, “Lucio Costa e o patrimônio artístico nacional”, *Revista USP*, São Paulo, n.53, mar.-mai., 2002, p. 6-17, p. 14., grifo meu (<http://www.usp.br/revistausp/53/01-silvana.pdf>. Acesso 22 /09/2012).
- SAIA, Luís, “Notas para a teorização de São Paulo”, *Acrópole*, São Paulo, v. 25, n. 295-6, jun., 1963, pp. 209-11.

- _____, *Morada paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de, *Viagem à Província de São Paulo, Província Cisplatina e Missões do Paraguai* [1851]. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.
- “SÃO PAULO, the faster growing city in the world” [1943], Washington DC: Office of Coordinator of Inter-American Affairs, 1944. <http://br.youtube.com/watch?v=InWifgIkQ0>. Acesso 05/05/2009.
- SÃO PAULO antigo. São Paulo moderno. *Álbum Comparativo*. São Paulo: Melhoramentos, 1953.
- SÃO PAULO 1975: *crecimento e pobreza*. Rio de Janeiro/São Paulo: Vozes, 1975.
- SÃO PAULO 450 anos. Cadernos de Fotografia Brasileira. Rio de Janeiro: IMS, 2004.
- SARLO, Beatriz, *Uma modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, Buenos Aires: Siglo XXI, 1988.
- _____, “Modernidade e mescal cultural” (Trad. Ana Castro), *Risco: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo*, Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC USP, v. 4, n. 2, 2006, pp. 82-97.
- SCHAEDEL, Richard; HARDOY, J. E. e KINZER, Nora Scott, *Urbanization in the Americas from its Beginnings to the Present*. La Haya, Paris: Mouton Publishres, 1978.
- SCHNORE, Leo, “Sobre a estrutura espacial das cidades nas duas Américas”. In: SCHNORE, Leo & HAUSER, Phillip, *Estudos de urbanização*. São Paulo: Pioneira, 1965, pp. 319-71.
- SCHLESINGER, Arthur, *The Rise of the City 1878-1898*. New York: MacMillan, 1933.
- _____, “The City in American History”, *The Mississippi Valley Historical Review*, v. 27, n. 1, jun., 1940, pp. 43-66.
- SCHORSKE, Carl, *Viena fim-de-século: política e cultura* (Trad. Denise Bottmann). São Paulo/Campinas: Companhia das Letras/Ed. Unicamp, 1990.
- _____, *Pensando com a história* (Trad. Pedro Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SCHWARCZ, Lília, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARZ, Roberto, “Sobre a ‘Formação da literatura brasileira’” e “Os sete fôlegos de um livro”. In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 46-59, pp. 17-23 e pp. 47-8.
- _____, “Complexo, moderno, nacional e negativo”. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 115-26.
- SCHWATZ, Jorge, *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Edusp, Iluminuras 1995.
- SEVCENKO, Nicolau, *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHIRTS, Matthew, *O jeitinbo americano*. São Paulo: Realejo, 2010.
- SILVA, Isabela Oliveira Pereira da, “Donald Pierson em São Paulo: entre o Depto. de Cultura e a ELSP”. In: LANNA, Ana et al. (Orgs.) *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, pp. 611-44.
- SIMMEL, Georg, “A metrópole e a vida mental” (Trad. Sergio Marques dos Reis). In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) *O fenômeno urban*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pp. 11-25.
- _____, “As grandes cidades e a vida do espírito” [1903] (Trad. Leopoldo Waizbort), *Mana*, São Paulo, n. 11, 2005, pp. 577-91.
- SILVA, Joana Mello de Carvalho e, “O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)”. Tese (Doutorado), FAUUSP, 2010.
- SILVA, Luís Octávio da, “História urbana: uma revisão da literatura em inglês”, *Eure*, Santiago, v. 28, n. 83, mai., 2002, pp. 31-44.
- SILVA, Orlando Sampaio Silva, “O antropólogo Herbert Baldus”, *Revista de Antropologia* [online]. v.43, n.2, 2000, pp. 23-79. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000200004#4n. Acesso 04/06/2012).
- SMITH, T. Lynn e MERCHANT, Alexander (Eds.), *Brazil. Portrait of a Half Continent*. New York: The Dryden

- Press, 1951.
- SPENGLER, Oswald. *The decline of West*. New York: Alfred Knopf, 1932.
- SOMEK, Nadia, *A cidade vertical e o urbanismo modernizador (1920-1939)*. São Paulo: Nobel, 1997
- SOUZA, Jessé, “A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro”. In: SOUZA, Jessé (Org.) *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Ed. UnB, 1999, pp. 17-54.
- STAROBINSKI, Jean, “É possível definir o ensaio?”, *Remate de males*, Unicamp, Campinas, n. 31, jan.-dez., 2011, pp.13-24.
- _____, *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo* (Trad. Maria Lucia Machado). São Paulo: Cia. de Bolso, 2011.
- STANGE, Maren Stange, *Bronzeville, Black Chicago in pictures 1941-1943*. New York: The New Press, 2003.
- STAVE, Bruce, *The Making of Urban History: Historiography Through Oral History*. Beverly Hills: Sage Publications, 1977.
- STIEBER, Nancy, “Microhistory of the Modern City: Urban Space, Its Use and Representation”, *Journal of the Society of Architectural Historians*, Special Issue, Chicago, Society of Architectural Historians, v. 58, n. 3, set., 1999, pp.382-91
- SITWELL, Sacheverell, “Brazilian style”, *Architectural Review*, Especial Edition, mar., 1944. (<http://www.architectural-review.com/archive/1944-march-brazilian-style-by-sachereverell-sitwell-special-edition/8607496.article>. Acesso 14/11/2012).
- SPIX, J. B. von e MARTIUS, C. F., *Viagem Pelo Brasil (1817-1820)* [1824] (Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer). São Paulo: Edições Melhoramentos, s/data.
- STEIN, Stanley. *Vassouras: um município brasileiro do café. 1850-1900* [1952] (Trad. Vera Wrobel). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- STEIN, Stanley e Barbara, *A herança colonial da América Latina: ensaios de dependência econômica* (Trad. José Fernando Dias). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977
- SUAREZ, Rosana, “Nota sobre o conceito de *Bildung* (formação cultural)” in *Kriterion, revista de filosofia*, Belo Horizonte, v.46, n.112, dez., 2005. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200005#nt1. Acesso 05/09/2011.
- SÜSSEKIND, Flora, *As Revistas de Ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____, “Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna” e “Ou não: notas sobre a crítica de Davi Arrigucci e Roberto Schwarz”. In: *Papéis colados*, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002, pp.15-35 e pp. 36-55.
- SZMRECSÁNYI, Maria Irene, “Arquitetura sempre relacionada ao urbanismo: este é o segredo do método”, Entrevista com Nestor Goulart Reis Filho, *Desígnio*, São Paulo, n.11/12, mar., 2011, pp.97-112.
- TANNENBAUM, Frank, “A Note on Latin American Politics”, *Political Science Quarterly*, v. 58, n. 3, Sept., 1943, pp. 415-421.
- _____, “The University Seminar Movement at Columbia University”, *Political Science Quarterly*, v. 68, n. 2, Jun., 1953, pp. 161-180
- _____, “Origin, Growth, and Theory of University Seminars Movement”, *Praeger*, New York, Nov., 1965.
- TATE, Allen, *On the limits of poetry. Selected Essays, 1928-1948*, New York: The Swallow Press, 1948.
- TAUNAY, Affonso de Eschagnole (Org.), *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- _____, *História geral das bandeiras paulistas*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1924-1950, 11V.
- _____, *História seiscentista da vila de São Paulo*. São Paulo: Tipografia Ideal, 1926-1929, 4 V.
- THERSTROM, Stephan & SENNETT, Richard (Eds.), *Nineteenth-Century Cities: Essays in the new Urban History*. New Haven/London: Yale Universty Press, 1969.
- TRILLO, Maurício Tenório, “The Cosmopolitan Mexican Summer, 1920-1949”, *Latin American Research Review*, v. 32, n. 3, pp. 224-242 <http://lasa2.univ.pitt.edu/LARR/prot/search/retrieve/?Vol=32&Num>

=3&Start=224. Acesso 18/10/2011.

- TOLEDO, Benedito Lima de, *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- TÖNNIES, Ferdinand, *Communauté et Société. Catégories Fondamentales de la Sociologie Pure*. (Trad. e introd. Jacques Leif), Paris: Presse Universitaire de France, 1944.
- TOPALOV, Christian, “Os saberes sobre a cidade: tempos de crise?”, *Espaço & Debates*, São Paulo, n. 34, 1991, pp.28-38.
- TORRÃO FILHO, Amílcar, em *Paradigma do caos ou cidade da conversão? São Paulo na administração de Morgado de Mateus*. São Paulo: Annablume, 2010.
- TOTA, Antonio Pedro, *Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- TSCHUDI, J. J. von, *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.
- VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urban*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- VELOSO, Caetano, “Caricature and conqueror, pride and shame” (Trad. Robert Myers), *The New York Times*, 20/10/1991.
- VERISSIMO, Erico, *Gato preto em campo de neve*. Porto Alegre: Globo, 1941.
- VIOLICH, Francis, *Cities of Latin America: Housing and Planning to the South*, New York: Reinhold Publishing Co., 1944.
- VON BINZER, Ina, *Os meus romanos: alegrias e tristezas de um preceptora no Brasil*. (Trad. Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- WAIZBORT, Leopoldo, *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Ed 34, 2000.
- _____, *A passagem dos três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- WEBER, Max, *The City*. Illinois: Glencoe, 1938.
- _____, “A cidade” (Trad. Antonio Carlos Peixoto). In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urban*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pp.68-89.
- WEGNER, Robert, *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- WEIL, François, *A History of New York*. New York: Columbia University Press, 2000.
- WELLES, Orson, “It’s all true”, 1942 (trechos), <http://www.youtube.com/watch?v=IevOgR1ftSc>. Acesso 29/06/2012.
- WILLIAMS, Raymond, *Palavras-chave. Um vocabulário de cultura e sociedade* [1976] (Trad. Sanda Guardini). São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____, *O campo e a cidade: na história e na literatura* [1973] (Trad. Paulo Henriques Britto). São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
- WIRTH, Louis, “Urbanism as Way of Life”, *The American Journal of Sociology*, v.44, n. 1, jul 1938, pp.1-24.
- _____, “O urbanismo como modo de vida” (Trad. Marina Correa Treuherz). In: VELHO, Otavio (Org.) *O fenômeno urban*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pp.90-113.
- WRIGHT, Gwendolyn, “Europeans, Americans, and the Meanings of Space”, *Journal of the Society of Architectural Historians*, v. 64, n. 4, dez., 2005, pp.436-440.
- WOOD, Bryce. *The Making of the Good Neighbor Policy*, Nova York: Columbia University Press, 1961.
- WOJTOWICZ, Robert, “Book Reviews: Lewis Mumford: *A Life*”, *The Journal of the Society of Architectural Historians*, v. 49, n. 3, Sep., 1990, pp. 351-352 (<http://www.jstor.org/stable/990535>).
- YOUNG, Eric Van, “Woodrow Wilson Borah”, *Mexican Studies/Estudios Mexicanos*, v. 16, n. 2, Summer, 2000, pp. 227-237.
- ZALUAR, Augusto Emilio, *Peregrinações pela província de S. Paulo 1860, 1881*. Rio, s/d.
- ZWEIG, Stephan, *Brasil país do futuro* (Trad. Odilon Gallotti). Rio de Janeiro: Guanabara, 1941.

3. CRÉDITO DAS IMAGENS

3.1. INTRODUÇÃO

FIG.1 Reprodução (capas); Cartaz do IV Centenário (Geraldo de Barros e Alexandre Wollner, 1954), *Catálogo Fantasia Brasileira*, p. 127/ **FIG.2** Reprodução (livro)/ **FIG.3** Reprodução (jornal *O Estado de S. Paulo*, 07/11/1952, p.11) <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19521107-23771-nac-0010-999-10not/busca/Ri%C3%A7hard+Morse>. Acesso 30/05/2012; (jornal *O Estado de S. Paulo* 12/05/1953, p.11) <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19530512-23925-nac-0011-999-11-not/busca/IV+Centen%C3%A1rio+Biblioteca>. Acesso 30/05/2012/ **FIG.4** Reprodução (tese doutorado, rosto e índice), *Rare Books & Manuscript Library*, Columbia University, New York/ **FIG.5** Reprodução (capa e índice)/ **FIG.6** Reprodução (jornal *O Estado de S. Paulo*, 20/10/1956, p.1) <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19561020-24991-nac-0010-lit-2-not>. Acesso em 30/05/2012; Reprodução (revista)/ **FIG.7** Reprodução (livros)/ **FIG.8** Reprodução (livro)/ **FIG.9** Reprodução (livros).

3.2. CAPÍTULO 1

FIG.1 Reprodução (capas e rosto)/ **FIG.2** *São Paulo: Três cidades em um século*, p. 137, e Amaral, *Artes plásticas na semana de 22* (1998), p.130/ **FIG.3** Reprodução (capa e índice), *Rare Books & Manuscript Library*, Columbia University, New York/ **FIG.4** St. Paul von Karmeliter Kloster aus Gezeichnet (aquarela, Thomas Ender, 1817), *Iconografia paulistana*, p. 30/ **FIG.5** Planta da Cidade de S. Paulo [Situada em 23°, 33', 30" de Latitude Sul; e em 331°, 24', 30" de Longitude pelo Meridiano da Ilha do Ferro: Var. da Agulha 7, 15', N&]. <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1810.htm>. Acesso em 13/01/2013 e Planta Geral Da Capital De São Paulo.

Organisada sob a direcção do Dr Gomes Cardim – 1897 – Escala de 1:20.000. <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1897.htm>. Acesso em 13/01/2013/ **FIG.6** Reprodução/ **FIG.7** Largo e Convento de São Francisco (Fotografia, Militão Augusto de Azevedo, c. 1862), *São Paulo, 450 anos*, p.70/ **FIG.8** Anúncios no jornal *A Província de S. Paulo*, c. 1875, Schwarcz, *Retrato em Branco e negro*, 2001, p. 262-3/**FIG.9** Largo da Sé e Rua do Imperador (Fotografia, Militão Augusto de Azevedo, c. 1862), *São Paulo, 450 anos*, p. 69/ **FIG.10** Rua Barão de Itapetininga (cartão-postal), *Guilherme Gaensly*, p.103; anúncio, Naclério Homem, *O palacete paulistano* (1996), p.78./ **FIG. 11** Vila operária (Fotografia, Edgard Egidio de Souza, 1913), *São Paulo, 450 anos*, p.100; anúncio jornal *Correio Paulistano*, 1923 (*A São Paulo de Menotti del Picchia*, s/p)/ **FIG.12**. Demolição da Igreja da Sé (Fotografia de Afonso de Freitas, 1912), Lemos, *O álbum de Afonso*, 2001, p. 31; Casa Rui Nogueira (1926), Mello, *Ricardo Severo*, (2007), s/p.; Teatro Municipal, (cartão-postal), Reprodução/**FIG.13** Residência Veridiana Prado, *Guilherme Gaensly*, p.102 e Cortiço no Bexiga, Reis Filho, *São Paulo e outras cidades* (1994), p.92./**FIG.14** Vias Radiais, Plano de Avenidas (Prestes Maia, 1930), *Os Rumos da Cidade*, p. 269; Programa de Melhoramentos públicos para a cidade de São Paulo (*Program of Public Improvements*, Robert Moses diretor de Estudos, New York, 1950), *São Paulo, os estrangeiros e a construção da cidade*, p.197.

3.3. CAPÍTULO 2

FIG.1 Fotografia da Praça da Sé (Hidegard Rosenthal, anos 1950), *São Paulo, 450 anos*, p. 183/**FIG.2** Reprodução (anúncios)/ **FIG.3** Reprodução (miolo), *Architectural Review*, Especial Edition, mar., 1944. <http://www.architectural-review.com/archive/1944-march-brazilian-style-by-sachereverell-sitwell-special-edition/8607496.article>. Acesso 14/11/2012/ **FIG.4** *O imperialismo sedutor*, s/p.; *O imperialismo sedutor*, s/p.; reprodução (capa)/ **FIG.5** Reprodução (capas, guarda)/ **FIG.6** “Looking through a Brook Memorial Arch”, Princeton University, Reprodução (cartão-postal)/ **FIG.7** Box19, Frank Tannenbaum Papers, 1915-1969, RB& ML, CU/ **FIG.8** Box19, Frank Tannenbaum Papers, 1915-1969, RB& ML, CU./ **FIG.9** Reprodução (rosto edição de 1938); Reprodução/ **FIG.10** Panorama de 180 graus (Militão Augusto de Azevedo, 1887), *São Paulo, 450 anos*, p. 41; Barbuy, *A cidade-exposição* (2006), pp. 105 e 177; Reprodução (página do jornal *Germania*, 15/06/1914) *Guilherme Gaensly*, p. 35; *Guilherme Gaensly*, p.53./ **FIG.11** Reprodução (cartão-postal)/ **FIG.12** Fotografia da Avenida Liberdade (Claude Levi-Strauss, 1937), *São Paulo, 450 anos*, p. 176/ **FIG.13** Mario de Andrade na casa da Rua Lopes Chaves, *A imagem de Mario* (1984), p.52; Reprodução (capa edição de 1928).

3.4. CAPÍTULO 3

FIG.1 Women's Dormitory West, University of Chicago (cartão-postal), Reprodução; Fotografia Armour (reprodução)/ **FIG. 2** Fotografia (Russel Lee, abril de 1941), *Black Chicago in pictures*, p.27; Byrd's Eye View within

the Loop, Chicago (cartão-postal), Reprodução/ **FIG.3** Fotografias (Russel Lee, abril de 1941), *Black Chicago in pictures*, p.224 e p. 198./ **FIG.4** Reprodução (rostro)/ **FIG.5** Modernistas de S. Paulo (entre eles, Mario de Andrade, Rubens Borba de Moraes, Yan de Almeida Prado, Tácito e Guilherme de Almeida, na porta da casa deste último), *A imagem de Mario*, p. 143; Decio de Almeida Prado, Paulo Emilio Salles Gomes, Gustavo Nonemberg, Lourival Gomes Machado, Portinari e Antonio Candido, Praça da República, São Paulo, 1945, *Destinos Mistos*, s/p/ **FIG.6** *New Yorker*, coluna Sky Line, Reprodução (capa e miolo); *Cross Manhattan Arterials and Related Improvements*, Reprodução (cartaz, s/d)/ **FIG.7** Lower Broadway, c. 1940 e 23rd Street, 1941 (fotografias, Andreas Feininger), *Andreas Feininger, Nova York Anos 40* (2011), p.48 e p.85/ **FIG.8** Pleasures and Terrors, 1937-1940 (Fotografias Aaron Siskind, 1937-1940), http://www.geh.org/ne/mismi3/siskind-neg_sld00001.html. Acesso em 05/08/2012 / **FIG.9** Pont de Santa Iphigenie, St. Paul, (Aquarela, Jean Baptiste Debret, 1827), *Iconografia paulistana*, p. 84-5; Ladeira e rua São João com hotel Italia-Brazil (Fotografia, Militão Augusto de Azevedo, 1887), *São Paulo 450 anos*, p.71; Avenida São João (Fotografia, B. J. Duarte, 27/9/1943), *Caçador de imagens*, p. 115./ **FIG.10** Largo e rua de São Bento (Fotografia, Militão Augusto de Azevedo, 1887), *São Paulo 450 anos*, p. 71; Rua de São Bento (Fotografia, Guilherme Gaensly, 1910), *Gilherme Gaensly*, p. 141; Rua São Bento (Fotografia, B. J. Duarte, 14/4/1938), *Caçador de imagens*, p.97./ **FIG.11** Av. São João; Arranha-céus vistos do Parque D. Pedro (autoria desconhecida, c. 1950), *Fantasia brasileira*, p. 130 e p.141/ **FIG.12** Cortiço na rua Oscar Freire (Fotografia J. Duarte, 22/2/1938), *Caçador de imagens*, p.74./ **FIG.13** Cartaz US Housing Authority, 1940 (Reprodução); Pleasures and Terrors, 1937-1940 (Fotografias Aaron Siskind, 1937-1940), http://www.geh.org/ne/mismi3/siskind-neg_sld00001.html. Acesso em 05/08/2012 / **FIG. 14** Jornaleiro (década de 1920); Cafezinho no centro (Fotografia, Alice Brill, década de 1950); *São Paulo 450 anos*, p.208./ **FIG.15** Reprodução, Serie II. Organizations, 1959-1972 e Serie III. Yale University, 1964-1977, RMM Papers, M&AL, YU/ **FIG.16** *Convetillo* em La Boca, Buenos Aires; *conventillo* em Santiago, Chile; *Barrio Leticia*, em Cerro San Cristobal, Lima, Peru; *Ranchos* em Bogotá, Colômbia; *Barriadas* em Cidade do México (Fotografias de Francis Violich), *Cities of Latin America*, pp.77-81./ **FIG.17** Cortiço na rua Oscar Freire, (Fotografia, J. Duarte, 22/2/1938), *Caçador de imagens*, p.74/ **FIG.18** Aspectos da periferia III (Fotografia, Boris Kossoy, 1969), *São Paulo 450 anos*, p.251/ **FIG.19** Futebol na Estação Brás, (Fotografia, Ed Viggiani, 1997), *São Paulo 450 anos*, p.287.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Ana Lanna, pela amizade, leitura, incentivo, confiança. Ao meu co-orientador, Adrián Gorelik, pela leitura, amizade, longas conversas, paciência. Ana e Adrián queridos, sem vocês essa tese não teria encontrado um fim. Mas minha gratidão extrapola os limites do trabalho, vocês sabem.

À Fapesp, pela bolsa que permitiu a dedicação à pesquisa e as viagens aos EUA.

Ao professor Antonio Candido, o privilégio da conversa.

À Fernanda Peixoto e ao Paulo Garcez, pela leitura interessada e a contribuição fundamental na banca de qualificação. À Fernanda, um agradecimento especial pelas conversas, leituras, e pelo carinho, sempre.

Às professoras Beatriz Piccolotto Bueno e Fernanda Fernandes, pelas discussões em suas disciplinas, lançando questões que pude desenvolver no caminho da escrita; o mesmo nas disciplinas de Fernanda Peixoto e Jorge Grespan, em que fui de diletante.

Ao grupo do projeto temático dos “estrangeiros”, aos professores e alunos, pelas discussões e incentivo, em especial à Isabela Oliveira, pelas conversas sobre os temas comuns.

Ao Alejandro de Castro e à Clara Irazábal, diretora do *Latin Lab* em Columbia, pelo convite à discussão com os alunos; ao Ale, também por todo apoio nas “aplicações” e no cotidiano da cidade grande. À Pamela Graham, diretora da *Latin American & Iberian Studies Librarian* em Columbia, pela diligência em indicar caminhos. A Cezar Rodriguez, curador da *Latin American Collection* em Yale, pela atenção e gentileza.

Ao professor Dain Borges, em Chicago, pelas conversas e toda a simpatia (e a indicação da excelente livraria).

A Richard e a Marise Morse, pela receptividade com que me responderam.

A Carlos Guilherme Mota, Matthew Shirts, Pedro Meira Monteiro e Arcádio e Alma Diaz-Quñones, pelas conversas, incentivo e disponibilidade.

Ao professor Fernando Novais, pelas indicações e sobretudo por suas aulas, que me ensinaram a dar aula.

À Silvana Rubino, e em seu nome, aos colegas de mesa da Anparq que virou um grupo de trabalho.

Ao José Lira, pelo convite ao curso que me fez formalizar o que ia só de sentimento.

À Ana Barone, que deixou testar hipóteses desta tese com seus alunos.

À Beatriz Domingues, em Juiz de Fora, pelo apoio, amizade e incentivo (e à Maria Bitarello). Aos seus alunos, em especial Daniel Eveling e Mariane Ambrósio, por toda a gentileza com que me receberam. Ao Nil de Castro, do Instituto Rio Branco, a leitura animadora.

Aos colegas da Escola da Cidade, em especial os professores de História, pela convivência amena. Aos alunos da EC – o projeto de pesquisa saiu daquelas aulas – pela oportunidade de discutir textos que só pude realmente entender ao lê-los ali. Em especial ao Thiago Mendes e à Mayara Brilha, o apoio na produção. Julianne Bellot, Mina Warchavchik e Pedro Lopes aliviaram o cotidiano, e sou grata também a eles. À Irene Levin, as traduções e correções.

Ao Joca Yamamoto, por me salvar na reta final com as aulas de Indesign.

Aos amigos da Oficina, por de vez em quando me trazerem para a vida real, por me apoiarem para fazer a prova do doutorado (que me levou, ao final, a deixá-los).

Aos colegas e amigos que em momentos diferentes leram, palpitararam, ajudaram, com indicações bibliográficas, material novo (e velho que eu não achava), correções de rota, discussões, apoio afetivo, psicológico e tudo mais. Alejandro de Castro, Amália Giacomini, Amália dos Santos, Ana Stella Cruz, Andrea Zanin, André Granado, Caio Santo Amore, Claudio Diaféria, Elísio Yamada, Fernanda Pitta (companheira de prazos e aflições), Fernanda Peixoto, Fernando Atique, João Sodré, José Lira, Joana Barros, Jorge Grespan, Leandro Saraiva, Luciana Veit, Malu Freitas, Marcos Reis, Marianna Bogoshian, Mari Pereira, Paula Santoro, Renata Motta (ponta-firme nas urgências das traduções), Rita Sampaio, Rosa Artigas, Tânia Calliari, Thyago Nicodemo; e um agradecimento especial à Cris Cecchia, Flavia Brito, Nilce Aravecchia e Renato Cymbalista, leitores pacientes, além de parceiros de trabalho. À Laura Sokolowicz, que também leu e ajudou muito no andar da carruagem, por tudo. À Joana Mello, amiga de todas as horas, pelo incentivo, leitura, parceria no trabalho, e por todo o carinho sempre. À Raquel Imanishi, por ter me chamado na biblioteca para assistir a uma aula do Antonio Candido.

Ao José e à Yvonne, aos meninos, pela vida louca mas familiar.